O SEGREDO DE SIÃOLYNN PICKNETT
E CLIVE PRINCE
Autores de O Segredo dos Templários
O SEGREDO DE SIÃO
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICATítulo original: The Sion Revelation
Tradução de Maria Doroteia Heitor Tradução portuguesa © de P. E. A., 2006

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em Fevereiro de 2006 por Time Warner Books
l.a edição, Maio de 2006
Capa: estúdios P. E. A.

Editor: Tito Lyon de Castro
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.
Apartado 8
2726-901 MEM MARTINS
PORTUGAL
E-mail: secretariado@europa-america.pt
Execução técnica: Gráfica Europam, Lda., Mira-Sintra — Mem Martins
Edição n.°: 132149/8804
Depósito legal n ° 240566/06
Para CRAIG OAKLEY
«Amor e Honra»
Consulte o nosso site na Internet: www.europa-america-ptÍNDICE

AGRADECIMENTOS
Muitos amigos e colegas contribuíram para a gestação, redacção [e produção deste livro. Gostaríamos de agradecer especialmente a estas ’pessoas:
Craig Oahley — que compartilhou das nossas experiências desde o princípio, e por ser um amigo dedicado nos bons e maus momentos.
Jeffrey Simmons — por ser nosso agente e nosso amigo.
O nosso amigo e colega já falecido, Stephan Prior — por nos ter encorajado, apoiado e incitado a escrever este livro. E Francesca Prior, pela sua amável hospitalidade e amizade.
Na Time Warner: Joanne Dickinson, Sheena-Margot Lavelle, Andy Hme, Linda Silverman e Jenny Fry.
Pelo auxílio na investigação e informação: Geoffrey Basil-Smith; Robert Brydon; Andrew Collins; Simon Cox; Nigel Foster; «Giovanni»; Jerry Jardine; Hannah R. Johnson; Joy e John Millar e a toda a Sociedade Saunière; Dr. Steven Mizrach; Guy Patton; Graham Phillips; Keith Prince; Rat Scabies; Mick Staley; Caroline Wise.
Por várias formas de apoio, encorajamento e auxílio: Vida Adamoli; David Bell; Debbie Benstead; Bali Beskin; Geraldine Beskin; Ashley Brown; Jayne Burns; Yvan Cartwright; Karine Esparseil; Carina Fearnley; Stewart Ferris e Katia Milani; Charles e Annette Fowkes; Susan Hailstones; Sarah Litvinoff; Jane Lyle; Vera e Michael Moroney; Lily e david Prince; Lou Tate; Sheila e Eric Taylor; Lucy Smith; Joe Webster, David trotter e a equipa da desaparecida Edge (especialmente a nossa sociedade angélica particular — Leda Kalleske, Jess Roper e Daisy Lythe) por nos ajudar a recuparar o equilíbrio mental!
E aos funcionários de British Library; British National Newspaper Library; British Library of Political and Economic Science; St. John’s Wood Library; Institut Français (Londres]; Bibliothèque Nationale, Paris; ao serviço de informações da Embaixada Francesa no Reino Unido.

INTRODUÇÃO
Quando apresentámos a nossa descoberta do simbolismo secreto nas pinturas de Leonardo da Vinci no nosso livro de 1997, O segredo dos Templários (The Templar Revelation: Secret Guardians of the Identity ofChrist)* com o nome, não imaginávamos que estávamos a prestar uma importante contribuição para um extraordinário fenómeno do século XXI. Não só o nosso livro inspirou directamente Dan Brown a compor o seu sucesso de vendas, O Código Da Vinci (2003), em torno do conceito da predilecção de Leonardo pelas heresias ocultas e códigos perigosos, como ficámos espantados ao compreender que ao fazê-lo também tínhamos assistido ao nascimento de uma nova e apaixonada vaga de interesse pela verdade acerca das origens do Cristianismo.
Uma parte central da ficção de Dan Brown é a ideia de que existe uma antiquíssima sociedade francesa, o Priorado de Sião, cuja missão é proteger a descendência sagrada de Jesus e de Maria Madalena — cujas implicações são verdadeiramente chocantes para os que permanecem fiéis às doutrinas tradicionais da Igreja. A inevitável reacção negativa a todos os temas suscitados pelo livro de Dan Brown assegurou que o Priorado de Sião fosse severamente atacado, considerado definitivamente como uma evidente fraude.
Contudo, sentíamo-nos cada vez mais descontentes com qualquer dos extremos — completa aceitação de tudo o que é alegado pelo Priorado, ou em seu nome, ou a rejeição total. Embora haja provas de que o Priorado é uma criação moderna, e não uma antiga e venerável sociedade secreta como se supõe ser, ele é mais do que uma simples

fraude. Como a nossa continuada investigação descobriu, o Priorado é realmente importante, mas por razões muito diferentes.
Isto proporcionou-nos a oportunidade ideal para apresentar a nossa continuada investigação do Priorado de Sião. E, inesperadamente, verificámos que este trabalho converge com outras, completamente independentes, linhas de investigação, especificamente as que conduziram ao nosso livro de 1999, The Stargate Conspiracy, que tratava de um movimento político-ocultista, pouco conhecido, mas extremamente influente, conhecido como sinarquia. Quando o aprofundámos mais, encontrámo-nos, inesperadamente, de regresso à corrente ocultista que também implica o Priorado de Sião. Mesmo a investigação para o nosso livro sobre a «história secreta» da Segunda Guerra Mundial, Fríendly f ire: The Secret WarBetween theAllies (em co-autoria com o falecido Stephan Prior e Robert Brydon, 2004) tornou-se surpreendentemente relevante, porque certas lutas de poder na França da época da guerra apresentam um cenário que ajuda a explicar o Segredo de Sião.
A segunda razão que nos levou a escrever este livro tem um âmbito muito mais vasto, e mais importante para nós: os que defendem as ideias religiosas tradicionais contra o livro de Dan Brown alegam que, se pudessem provar que o Priorado de Sião é uma fraude, então as questões mais profundas — como a realidade dos evangelhos «proibidos», a relação entre Jesus e Maria Madalena e o encobrimento destas evidências inconvenientes sobre a religião cristã que a Igreja pratica há séculos — poderiam também ser condenadas e rejeitadas. Isto é um completo disparate.
Seja o que for que possa ser dito sobre o livro de Dan Brown, ele trouxe algumas questões fundamentais sobre espiritualidade e religião até uma audiência internacional, vasta e secular, e deu origem a debates de grande alcance. Foi mesmo observado que ele fez reviver, a nível básico, o mesmo acalorado debate que assolou os anos de formação da religião cristã. A principal divergência verificou-se entre as duas concepções fundamentalmente diferentes da fé: a concepção gnóstica, na qual o indivíduo cria a sua própria relação com Deus e é, por conseguinte, responsável pela sua própria salvação, e a facção liderada pelos padres que se transformou na Igreja — na qual só a Igreja detém as chaves do Reino. É uma batalha que a Igreja considerava ganha há muito tempo, mas, agora, as linhas de fissura estão a reabrir-se, porque o terreno está preparado para um novo e participado debate ou para uma luta — e tudo devido à imprevisível influência de um romance emocionante que se pode comprar num aeroporto!
Obviamente, por alguma razão e de alguma forma misteriosa, Dan Brown fez uso do estado de espírito dominante nesta época, mas este
fenómeno pode existir apenas porque as pessoas têm uma profunda necessidade interior de aprofundar certezas religiosas tradicionais. Mas Brown não é, de modo algum, a única manifestação popular desta necessidade. Harry Potter, o jovem feiticeiro de J.K. Rowling, cintila com audácia gnóstica, e — como muitos comentadores referem — a série cinematográfica The Matrix inspira-se directamente em conceitos gnósticos, apresentando-os como ficção científica, com elementos dos mitos do Priorado de Sião a ocuparem também um lugar de relevo. Embora a cidade sagrada de Sion/Zion, em The Matrix, não seja exclusiva da tradição do Priorado, é difícil encontrar outra fonte para o personagem chamado «o Merovíngio».
A verdadeira história do Priorado é bastante diferente da versão de Brown, mas ela é muito significativa, perturbadora e mesmo alarmante. E arrasta-nos para um mundo misterioso e intrigante onde muitos outros factos inquietantes, tanto religiosos como políticos, têm que ser enfrentados.
LYNN PICKNETT CLIVE PRINCE

Londres
17 de Setembro de 2005

PARTE UM ILUSÃO

CAPÍTULO l

MENTIRAS VERDADEIRAS

FACTO: O livro mais rapidamente vendido de sempre em todo o mundo é o romance de Dan Brown, de 2003, O Código Da Vincí.

FACTO: Uma moderna demanda do Graal, o romance de Brown baseia-se nos segredos que rodeiam a sociedade secreta sediada em França, o Priorado de Sião (Prieuré de Sion), alegadamente devotado a proteger a linhagem sagrada de Jesus e Maria Madalena.

No entanto, no caso do «Priorado» (como tomaremos a liberdade de chamar a essa intrigante organização, para abreviar), embora os factos sejam difíceis de encontrar, mesmo esses poucos factos levam-nos a um mundo consideravelmente mais estranho do que a ficção do Sr. Brown...

O Priorado de Sião1 ocupa um lugar importante em O Código Da Vinci como a ordem secreta cujos segredos espantosos estão ameaçados por inimigos poderosos, e os quais os heróicos Robert Langdon e Sophie Neveu têm que impedir que caiam nas mãos erradas. Apesar do aplauso, espanto e completo horror — dependendo do ponto de vista de cada pessoa — com que estes segredos foram recebidos em todo o mundo, basicamente, o romance de Brown apenas faz ressurgir um antiga polémica. De facto, tudo no misterioso Priorado de Sião — até a sua própria existência — tem sido acaloradamente debatido no mundo de língua inglesa desde o princípio dos anos 80, e na sua pátria, França, pelo menos uma década antes dessa data.

No romance, o Priorado é apresentada sob a forma pela qual ele se tornou mais conhecido (pelo menos em Inglaterra e nos Estados Unidos), como uma sociedade secreta, velha de séculos, que existe para preservar e proteger certos factos potencialmente explosivos, e que exerceu uma influência secreta na história da Europa durante séculos, e continua a exercê-la actualmente. Os leitores e investigadores, que ainda não estão familiarizados com o tema, sentem-se positivamente extasiados com a descrição que Brown faz do Priorado, como «uma moderna sociedade do culto da deusa, guardiões do Graal e protectores de antigos documentos».2 Que relação poderão ter deusas pagãs com o Santo Graal, a quinta-essência do Cristianismo? Que possíveis documentos poderiam existir para provar essa ligação? A atracção é irresistível.

O grande segredo que o Priorado supostamente jurou proteger é a existência de uma linhagem — uma família que descendia nada menos do que do próprio Jesus Cristo e da sua esposa, Maria Madalena. Evidentemente, a própria existência desta família — se isso pudesse ser provado — abalaria os alicerces do Cristianismo. Para os crentes, Jesus era Deus encarnado, celibatário durante toda a sua vida, que não tinha nem necessidade nem desejo de uma relação íntima (e certamente não com uma mulher que, supostamente, tinha sido uma prostituta). Devido ao seu potencial explosivo, o segredo fora escondido de olhares indiscretos pelo Priorado de Sião, porque a Igreja estaria disposta a tudo para eliminar esta ameaça à sua base de poder e ao seu antiquíssimo domínio sobre o seu rebanho.

No livro de Brown, o Priorado tem três deveres principais e inter-relacionados: proteger a linhagem sagrada de Jesus, salvaguardar o túmulo de Maria Madalena e preservar documentos que provassem a verdadeira história de Jesus e da sua descendência (e, presumivelmente, das suas crenças fundamentais, as quais são mais pagãs do que cristãs ou judaicas).

Brown vai mais longe e torna o Priorado num repositório de outra parte integrante do conhecimento proibido: a importância e o poder do sagrado feminino como estando personificado num antigo e pagão culto da deusa, associado ao conceito de sexualidade sagrada — de carácter semelhante aos actuais ritos tântricos orientais. Como O Código Da Vinci inclui ritos sexuais nas cerimónias do Priorado, o leitor sente-se confuso: como poderia Jesus Cristo, personificação da divina castidade, ser associado ao sexo, não só como um acto pessoal de paixão e de comprometimento emocional, mas também como um sacramento religioso, igual em santidade ao baptismo e à Missa?

Todas estas ideias provocadoras e, para muitas pessoas, completamente estranhas, contribuíram para elevar uma brochura ao estatuto de história reveladora, quase de teologia — particularmente nos Estados Unidos. Espantosamente, a leitura de uma história policial tornou-se agora numa experiência religiosa pessoal, a espécie de epifania que se supõe receber apenas das mãos da Igreja ou do clero.

As localizações-chave do romance — o Museu do Louvre e a igreja de Saint-Sulpice em Paris, e a Capela Rosslyn na Escócia — foram inundadas com turistas, principalmente vindos da América: na verdade, o Louvre verificou um aumento de 50 por cento do número de visitantes, enquanto os exasperados funcionários de Saint-Sulpice afixaram uma nota na entrada da igreja declarando que absolutamente nenhuns segredos se podem encontrar no interior da igreja.

O número de fóruns na Internet dedicados à discussão das polémicas centrais de O Código da Vinci aumentou rapidamente — a Universidade de Yale criou mesmo um curso online sobre o tema. O livro de Brown deu origem a toda uma indústria de «guias não autorizados», como O Código Da Vinci Descodificado, de Simon Cox*, e Secrets of the Code (Segredos do Código), de Dan Burstein, que tentam explorar, amplificar ou desacreditar os conceitos subjacentes. No momento em que escrevemos, no Verão de 2005, pelo menos uma dúzia desses guias já foi publicada.

Tudo isto é inédito em relação a qualquer novo livro, e apanhou o mundo editorial completamente de surpresa. Mesmo o próprio Brown parece admirado com o fenómeno único a que ele deu origem.

E vejamos a reacção espantosa da própria Igreja: em Março de 2005, o Cardeal Tarcísio Bertone, Arcebispo de Génova — na altura, um dos principais candidatos a próximo Papa — anunciou que se comprometera a representar a oposição da Igreja ao livro de Brown, dirigindo uma campanha para refutar as suas «fábulas».

Por detrás da sensação

com ou sem intenção, Dan Brown conseguiu apresentar a toda uma nova audiência várias questões importantes que, embora familiares aos investigadores da especialidade, raramente são discutidas a um nível mais popular. Estas questões incluem: as origens do dogma cristão, particularmente o grau em que eles foram criados pela Igreja com fins políticos, mais do que espirituais; como interpretações alternativas igualmente válidas, mas «heréticas», do Cristianismo foram impiedosamente suprimidas, e como evidências que desafiam o dogma estabelecido foram ocultadas pela Igreja; visões alternativas da natureza de Jesus — em particular, a de que ele era um homem mortal, que casou e teve filhos; a supressão do sagrado Feminino — universalmente aceite antes do advento das religiões patriarcais do Judaísmo e Cristianismo; e a natureza sacramental do sexo.

Embora Brown usasse estas ideias como antecedentes, introduzindo-as habilmente no ritmo rápido da sua narrativa, elas prenderam a atenção — e a imaginação — de milhões de leitores em todo o mundo. Entusiasmados e surpreendidos por estas revelações, também eles fazem agora uma investigação: descobrir pessoalmente até que ponto estes conceitos são realmente verdadeiros. Subitamente, o mundo está cheio de perspicazes detectives que investigam a história, e que já não irão tolerar conspirações

eclesiásticas, ocultações ou mesmo a antiga arrogância, presunção e condescendência clericais. E tudo o que O Código da Vinci possa inspirar, certamente que nunca pode ser uma ideia má.
Brown colheu as suas ideias em várias fontes, mas uma das suas inspirações foi O Sangue de Cristo e o Santo Graal (The Holy Blood and the Holy Grait) — um controverso best-seller internacional por direito próprio, tendo continuado a ser editado durante quase um quarto de século — escrito por Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln em 1982. A outra importante fonte de Brown foi o nosso livro O Segredo dos Templários, publicado em 1997 no Reino Unido*. Estes títulos, juntamente com outras fontes,3 aparecem nas estantes de livros de Sir Leigh Tebing, o vilão de O Código da Vinci — o seu nome é tão estranho porque resulta dos nomes de dois dos autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, como um anagrama.
O elemento identificativo comum entre O Sangue de Cristo e o Santo Graal e O Segredo dos Templários é o grande génio da Renascença italiana, Leonardo da Vinci (1452-1519) — a propósito, ele deve ser conhecido como «Leonardo» e não «Da Vinci» (embora o uso comum tornasse agora inevitável que até nós sucumbamos de vez em quando). Alegadamente, ele foi o grão-mestre do Priorado de Sião durante os últimos nove anos da sua vida, uma afirmação largamente aceite por Baigent, Leigh e Lincoln.
Brown retirou de O Sangue de Cristo e o Santo Graal o conceito central da existência e sobrevivência da descendência de Jesus e Maria Madalena, e da sua protecção pelo Priorado (levando Baigent e Leigh a iniciar uma acção legal contra os editores de O Código Da Vinci, que decorre na altura em que escrevemos).* Brown misturou o conceito de descendência com ideias e descobertas retiradas do nosso livro, O Segredo dos Templários. Em particular, ele retirou a ideia-chave de informação secreta específica «codificada» no simbolismo das pinturas de Leonardo, como A Ultima Ceia e A Virgem dos Rochedos, do nosso primeiro capítulo, «O Código Secreto de Leonardo da Vinci».
A importância da sexualidade sagrada e da reverência pelo Feminino, além dos antecedentes essencialmente pagãos da doutrina de Jesus, são também questões centrais do nosso livro. Elas estão ausentes de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, mas, de facto, não se coadunam com alguns dos seus temas centrais, baseados, como são, na ideia de que a autoridade de Jesus provinha do seu estatuto como legítimo Rei de Israel, e que ele foi, essencialmente, uma figura política que nunca teve a intenção de fundar uma nova religião.
Por fim, o livro de Brown revela que o segredo físico guardado pelo Priorado de Sião — literalmente, o seu Santo Graal — é o verdadeiro corpo de Maria Madalena. Embora reflectíssemos sobre essa possibilidade em O Segredo dos Templários, na ausência de uma prova sólida é impossível desenvolver mais a ideia.
«Facto?»
No entanto, embora o sucesso do livro de Brown tivesse indiscutivelmente apresentado muitas ideias provocadoras e excitantes ao olhar surpreendido dos leitores de todo o mundo, muitos dos que passaram décadas a investigar estes temas interligados ficam um pouco surpreendidos pelas ideias erradas que ele perpetua, especialmente no que diz respeito ao Priorado de Sião (embora, para sermos justos, não devamos esquecer que se trata de uma obra de ficção).
O retrato que Brown faz da finalidade e da história do Priorado de Sião, embora não dos seus rituais, é um retrato familiar aos leitores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal e da sua sequela de 1986, The Messianic Legacy (que explora algumas das implicações religiosas e das modernas actividades do Priorado com maior detalhe). Mas,

espantosamente, o facto é que a maior parte do material sobre a história do Priorado, no qual estes livros se baseiam, não é objectivo — afinal, provém do próprio Priorado.

A principal fonte de informação sobre o Priorado de Sião é uma série de documentos que foram depositados na Biblioteca Nacional de França, a Bibliothèque Nationale, em Paris, nos anos 60 do século vinte, que se tornaram colectivamente conhecidos como os Dossiers Secretos. Construindo a história peça por peça, eles têm uma origem clara no Priorado (embora ele sempre mantivesse uma distância discreta dos Dossiers, acabando por se dissociar completamente deles — como veremos). Segundo os Dossiers Secretos, o Priorado de Sião foi fundado quase há mil anos, no tempo das Cruzadas, desfrutando de uma existência ininterrupta desde então, e sendo presidido por alguns dos maiores nomes da história.

Baigent, Leigh e Lincoln — através da sua própria investigação das afirmações feitas nos Dossiers Secretos — aceitaram largamente esta história, e embora O Código Da Vinci seja ficção, Dan Brown reforçou esta ideia ao fazer esta ousada afirmação frontal, numa página do prefácio intitulada «Facto»:

O Priorado de Sião — uma sociedade secreta europeia fundada em 1099 — é uma verdadeira organização. Em 1975, a Bibliothèque Nationale de Paris descobriu os seus pergaminhos conhecidos como os Dossiers Secretos, identificando numerosos membros do Priorado de Sião, incluindo Sir Isaac Newton, Sandro Boticelli, Victor Hugo e Leonardo da Vinci.

No entanto, mesmo este curto parágrafo contém alguns erros flagrantes. De «facto», longe de serem velhos pergaminhos românticos, muitos dos Dossiers Secretos são realmente dactilografados! A Bibliothèque Nationale não os «descobriu»: os documentos foram lá depositados pelos seus criadores, para virem a ser encontrados por investigadores — e. mesmo então, estes foram mais ou menos orientados para eles. E isso aconteceu nos anos 60, não em 1975.

Esta colecção de documentos é realmente notável, ainda que apenas pelo facto de ter inspirado dois dos livros mais lidos e mais controversos dos anos recentes, O Sangue de Cristo e o Santo Graal e O Código Da Vinci. E, no entanto, pelo menos superficialmente, há bons argumentos a favor de que os Dossiers Secretos sejam uma elaborada invenção — por outras palavras, que o Priorado de Sião seja uma fraude engenhosa. Mas, como veremos, nada é certo quanto a esta complicada organização, que ainda tem o poder de surpreender ou mesmo de chocar...

O código da casa de campo

Estes dois livros tiveram um sucesso tão surpreendente que a longa existência histórica do Priorado de Sião é um facto inquestionável. Esta extraordinária certeza fez eco, recentemente, na sua associação com uma misteriosa mensagem «codificada» encontrada em Inglaterra, na casa de campo de Shugborough Hall, em Stafordshire.

No verão de 2004, foi organizado um concurso pelo Bletchley Park, agora um museu e um monumento ao trabalho brilhante e vital realizado ali pelos geniais criptógrafos da Segunda Guerra Mundial. O concurso destinava-se a decifrar o mistério do «Monumento dos Pastores» de Shugborough Hall, a mansão ancestral dos Condes de Lichfield, que foi propriedade, até à sua morte em Novembro de 2005, do fotógrafo internacionalmente famoso Lorde Patrick Lichfield, primo da Rainha.

O Monumento dos Pastores, que data de meados do século dezoito, há muito tempo que é um foco de especulação devido à sua enigmática inscrição. Encomendado pelo então proprietário da casa de campo, George Anson, um conhecido marinheiro que atingiu o posto de Lord Admirai (os Ansons compraram o extinto título Lichfield no século dezanove), apresenta um baixo-relevo do famoso quadro produzido cerca de 1640 pelo pintor francês Nicolas Poussin, Os Pastores da Arcádia, embora a versão de

Shugborough seja uma imagem invertida. A pintura contém também um curioso mote latino, gravado no túmulo, que é a sua característica principal: Et in Arcádia ego — «E eu na Arcádia», uma afirmação geralmente considerada como advertência da inevitabilidade da morte. Sob o baixo-relevo de Shugborough estão as letras O.U.O.S.V.A.V.V., entre as letras D e M que se encontram abaixo.4

O Monumento de Shugborough já fora associado ao mistério do Priorado de Sião porque apresenta a pintura de Poussin e o mote Et in Arcádia ego. Talvez George Anson estivesse envolvido com o Priorado de Sião, e o Monumento dos Pastores, de alguma maneira, estivesse relacionado com a sociedade secreta — ou é isso o que reza a especulação.

Organizado pelos descodificadores da Segunda Guerra Mundial, Oliver e Sheila Lawn, o concurso de Bletchley Park — organizado de forma divertida embora apresentada pelos meios de comunicação como uma muito mais séria «demanda do Santo Graal» — recebeu cerca de cinquenta respostas, apresentando soluções que iam do absurdo ao verdadeiramente difícil de aceitar. (De facto, a hipótese-chave de que a peculiar inscrição é um código — mais exactamente, uma cifra — não é, de modo algum, certa: poderiam ser as letras iniciais de uma frase que transmitisse alguma coisa só conhecida da família Anson.) Contudo, a solução favorita dos Lawns — que atraiu o interesse da maior parte dos meios de comunicação quando foi anunciada em Novembro de 2004 — foi uma solução que evocava o Priorado de Sião.

Infelizmente, no entanto, esta solução foi apresentada por um perito em criptografia que exigiu manter o anonimato, nem deu autorização para que o seu método de decifração fosse tornado público. Mas do pouco que se soube, parece que o método era baseado num sistema de substituição de letras, transformando o resultado num anagrama — sempre subjectivo e, portanto, questionável. Nestas circunstâncias, é impossível verificar o trabalho ou as credenciais do descodificador (embora os Lawn ficassem suficientemente impressionados pelas últimas). O resultado foi a aparente injunção «Jesus H Contestar», que o anónimo criptógrafo interpretou como «Jesus como Cristo desafiar» — por outras palavras, «contestar a ideia de que Jesus é Cristo» — com o «H» engenhosamente transformado em «Cristo» por referência aos Gregos.5 (Para nós, uma interpretação mais óbvia seria a simples ordem para «contestar Jesus Cristo», mas o descodificador sentia-se obviamente incomodado com esta mensagem completamente anticristã. No entanto, é impossível prosseguir esta linha sem verificar o misterioso processo de decifração para assegurar, em primeiro lugar, que ele funciona.)

De forma significativa, esta mensagem peculiar foi explicada por associação com o Priorado de Sião — nas palavras do website do Bletchley Park: «Por volta do século dezoito, emergia uma ordem secreta conhecida como o Priorado de Sião. As ideias da ordem eram consideradas heréticas, especialmente pela Igreja de Inglaterra, porque a ordem considerava que Jesus tinha sido um profeta terreno.» O descodificador anónimo associou esta ideia a uma placa de pedra legada por Jacob, uma figura do Antigo Testamento, a qual se tornou o «talismã» do Priorado, e que Anson levou para a Nova Escócia por uma questão de segurança. Talvez seja significativo que a Nova Escócia fosse denominada «Arcádia» pelos seus primeiros colonizadores franceses.

A existência do Priorado de Sião no século dezoito e as suas convicções profundas de que Jesus não era divino são consideradas como verdadeiras, embora não haja, de facto, nenhuma prova independente da existência do Priorado nessa altura. Além disso, a ideia de que as suas doutrinas incluem um repúdio da divindade de Jesus é algo que resulta de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, e não do próprio Priorado — embora, como veremos, o Priorado esteja pronto a ser associado a indivíduos cujas ideias sobre Cristo sejam não-ortodoxas, para dizer o mínimo.

Talvez que o aspecto mais significativo da descodificação da inscrição de Shugborough seja o facto de ela se basear num conceito do Priorado que está em concordância com a relativamente nova linha «oficial» do Priorado sobre as suas origens. Agora, o Priorado alega que se formou no século dezoito, e não na época das Cruzadas, tendo repudiado a versão da sua história que formou a base de O Sangue de Cristo e o Santo Graal.

Um acalorado debate

A opinião dividiu-se em dois campos: os que aceitam a história e a finalidade do Priorado de Sião tal como elas são contadas nos Dossiers Secretos (e desenvolvidas em O Sangue de Cristo e o Santo Graal}, e os que consideram todo o caso como uma charada. Para o último campo, o Priorado não tem substância real além de um pequeno grupo de indivíduos suspeitos que, meticulosamente, perpetraram a fraude, e é certo que ele não tinha qualquer existência antes da era moderna.

Contudo, embora os cépticos tenham o peso da evidência do seu lado, na nossa opinião, é um erro grave rejeitar o Priorado apenas por essa razão — pelo menos até que certas perguntas importantes tenham sido respondidas. A primeira e a mais óbvia é simplesmente saber por que razão os perpetradores investiram tanto esforço na sua fraude. Mas não duvidem, se é uma fraude, o Priorado de Sião é uma fraude tão complexa como qualquer outra na história, e mesmo que só por essa razão é digna de novo escrutínio. De facto, foi este paradoxo central que nos inspirou a continuar a nossa investigação do Priorado depois de O Segredo dos Templários,

Evidentemente, mesmo que duas ou três pessoas se associem e decidam intitular-se o Priorado de Sião para seu próprio entretenimento, então ele «existe». Na verdade, talvez sendo vítima do seu próprio sucesso, a organização deu origem, desta maneira, a muitas imitações — «Priorados de Sião» que são incontestavelmente os produtos de um ou dois indivíduos que não têm nada de melhor a fazer. Como o secretário-geral (oficial) do Priorado, Gino Sandri, disse em 2003: «A asserção de que o Priorado de Sião não existe diverte-me francamente, porque, que saibamos, podemos contar onze, no mínimo, em todo o mundo.»6

A verdadeira questão é saber se o Priorado é importante. Possuirá realmente segredos antigos que, se revelados, mudariam fundamentalmente a nossa ideia de Cristianismo e mesmo o nosso conceito básico do seu fundador? E o Priorado terá realmente alguma influência real no mundo actual, como ele reivindica?

Há outras perguntas menos importantes, como o número dos seus membros. (Não que uma sociedade tenha que ser particularmente numerosa para exercer influência considerável — mesmo um pequeno grupo de pessoas pode ser muito poderoso, desde que esteja no lugar certo, no momento certo.) Contudo, a nossa longa investigação levou-nos a acreditar que o Priorado de Sião deve ser levado a sério — apesar de toda a controvérsia e dúvidas. A nossa própria experiência faz-nos ir ainda mais longe: agora, podemos compreender que seria um erro grave subestimar o poder e a influência muito reais do Priorado. Mas porquê? Quais são os argumentos a favor de um Priorado de Sião real e activo?

A versão popular

Concentremo-nos, primeiro, no campo «pró-Priorado»: a mais conhecida versão da história e da finalidade do Priorado é apresentada em O Sangue de Cristo e o Santo Graal, que pode ser resumida assim:

Jesus e Maria Madalena eram marido e mulher, e tinham filhos. Depois da crucificação, Maria e os filhos fugiram para França, onde os seus descendentes se fixaram. Finalmente, casaram com membros de uma dinastia de reis Francos, os agora lendários Merovíngios, que estabeleceram o seu reino em partes do que é hoje a França, a Alemanha, a Bélgica e a Holanda, entre os séculos quinto e oitavo. No entanto, eles

foram traídos e depostos por uma nova dinastia, os Carolíngios — com o apoio da Igreja de Roma, que conhecia o segredo das origens dos Merovíngios e temia o que poderia acontecer às suas doutrinas cuidadosamente elaboradas se a existência de descendentes de Jesus, com tudo o que isso implicava, se tomasse conhecida. O acontecimento-chave nesta usurpação foi o assassínio em 679 do Rei Dagoberto II — embora ele não fosse o último rei merovíngio, como frequentemente se supõe.
No entanto, segundo as fontes do Priorado, o filho infante de Dagoberto, Sigeberto, que a história supõe ter morrido pouco depois do pai, sobreviveu à queda dos Merovíngios. Foi escondido na região do Languedoque, no sul de França — especificamente no que é hoje a lendária aldeia de Rennes-le-Château, perto do sopé dos Pirenéus. Ele e os seus descendentes foram protegidos por aqueles que conheciam o segredo das origens da família, um grupo que, finalmente, se formalizou como a Ordem de Sião, uma organização secreta formada no fim do século onze, para promover os interesses da descendência. A Ordem de Sião foi fundada em Jerusalém por um dos chefes da Primeira Cruzada, Godefroy de Bouillon (Godofredo de Bulhão) — alegadamente, um dos descendentes de Dagoberto.
A versão popular, como é largamente narrada em O Código Da Vinci, continua: a Ordem de Sião, por sua vez, apoiou a criação dos míticos Cavaleiros Templários, a ordem de «guerreiros-monges» que dominou a Terra Santa e a Europa durante quase duzentos anos depois da sua fundação em (ou cerca de) 1118. No entanto, em 1118, houve algum género de cisma entre as duas ordens e elas seguiram caminho distintos.
O Priorado de Sião — como, finalmente, se veio a chamar — resistiu à queda dos Templários em 1307, sobrevivendo ao longo dos séculos até à actualidade, presidido por uma sucessão de grão-mestres que incluía alguns dos nomes mais ilustres da história europeia (associados a outras personalidades bastante mais obscuras), como os britânicos Sir Isaac Newton, Robert Fludd e Robert Boyle, e os italianos Boticelli e Leonardo da Vinci. Em tempos mais recentes, algumas personalidades bastante inesperadas do mundo da literatura e das artes presidiram, supostamente, ao Priorado: Victor Hugo, Claude Debussy e Jean Cocteau. Estes grão-mestres dos séculos dezanove e vinte eram todos franceses. O Priorado de Sião reivindica ter sido a força que inspirou muitos dos mais importantes movimentos do esoterismo europeu, como os rosacrucianos e, em épocas mais remotas, ter sido a força impulsionadora de figuras como Joana d'Are e Nostradamus. E mesmo hoje, ele prossegue o seu objectivo de repor a «descendência sagrada» dos Merovíngios no poder em França — na verdade, na Europa.
Esta é a reconstituição segundo os autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal. Os Dossiers Secretos reconhecem que o objectivo do Priorado é proteger a descendência de Dagoberto II, mas isto é devido, dizem eles, ao facto de ela representar a legítima família real de França. O supremo objectivo do Priorado é repor os Merovíngios no trono de França (o que não deixa de ser ambicioso). A acrescida importância da dinastia merovíngia — que se considera descendente dos filhos de Jesus — não se encontra nos Dossiers Secretos, mas foi a hipótese original de Baigent, Leigh e Lincoln. (No entanto, os Dossiers Secretos afirmam que os Merovíngios eram descendentes da Casa de David.)
Muitos adeptos entusiastas dos livros de Baigent, Leigh e Lincoln (incluindo Dan Brown) parecem não saber que o Priorado não só nunca reivindicou descender de Jesus, como também reprovou explicitamente essa hipótese, como veremos.
Os argumentos a favor da fraude
Os argumentos a favor de o Priorado ser uma pura e simples fraude são claros. Primeiro, longe de ter uma genealogia que remonte quase há mil anos, não há nenhuma prova

documental de que ele tivesse existido antes de 1956! E nunca nenhum historiador ou investigador perito em sociedades secretas ou ocultistas ouviu falar do Priorado de Sião antes de ele se tornar tema de discussão na década de setenta do século vinte. Embora esta ausência de provas sólidas não prove necessariamente que ele não existia no passado — afinal, a sociedade secreta mais bem-sucedida deve permanecer totalmente desconhecida de estranhos — certamente que ele teria deixado algum vestígio da sua continuada presença.

Em sua defesa, o Priorado alega ter operado através de «organizações de fachada» — outras sociedades e grupos, tal como a secreta cabala católica do século dezassete, a Companhia do Santo Sacramento (Compagnie du Saint-Sacrement) — que são conhecidas da história. Mas não há corroboração independente desta alegação: simplesmente temos que acreditar na palavra do Priorado.

Segundo, há erros inegáveis no cenário histórico esboçado nos Dossiers Secretos que revelam que muitas das suas principais alegações são falsas. Embora os examinemos mais tarde, diremos, em poucas palavras, que todos os seus erros fatais estão relacionados com o que se supõe ser a verdadeira razão da existência do Priorado — a sobrevivência da dinastia merovíngia. Logo no princípio da nossa investigação, concluímos que havia alguma coisa decididamente suspeita em todo o caso dos Merovíngios. Em parte, isso deveu-se aos problemas com o material histórico dos Dossiers, mas também devido a alguns evidentes
problemas lógicos com o cenário da «descendência»: é simplesmente impossível provar, para além da dúvida razoável, que qualquer pessoa actualmente viva seja descendente directa de Dagoberto II — e mesmo do próprio Jesusl — e, em muitos casos, a simples matemática mostra que haveria milhões de membros da «descendência sagrada» em todo o mundo, uma diluição exponencial tanto do sangue como da sacralidade que a tornaria consideravelmente menos do que especial.

Depois, há perguntas sérias quanto à pessoa mais associada ao Priorado — certamente, o seu rosto público — na sua encarnação actual: o enigmático Pierre Plantard (também conhecido, de forma algo pomposa, como Pierre Plantard de Saint-Clair, entre outros supostos nomes que ele adoptou durante a sua longa carreira).

Plantard é referido como um dos membros do Priorado na sua apresentação oficial em 1956, e continuou a ser o seu rosto público desde os anos 60 até ao fim dos anos 80. Na altura da publicação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, para o qual deu informações, ele era o grão-mestre do Priorado. Indo mais longe, os Dossiers Secretos sugeriam — e Plantard, mais tarde, afirmou explicitamente — que ele era, de facto, o representante e a personificação moderna da linhagem, o descendente directo de Dagoberto II. Evidentemente, as implicações destinavam-se a ser impressionantes, para não dizer sensacionais. Se os Merovíngios fossem realmente a legítima família real francesa, então Plantard era o verdadeiro, embora não coroado, Rei de França. E se a hipótese central de O Sangue de Cristo e o Santo Graal estivesse correcta, então Plantard era também o descendente directo de Jesus... Como o próprio Priorado, Plantard inspira opiniões extremas e paixões igualmente extremas. Para alguns, ele era um notável iniciado que possuía alguns dos maiores segredos de sempre, o homem que, literalmente, personificava a verdade, há muito tempo oculta, sobre o Cristianismo. Para outros, no entanto, ele será apenas um vulgar — e indigno — vigarista.7

Por um lado, Baigent, Leigh e Lincoln ficaram claramente impressionados, descrevendo o seu primeiro encontro com ele, em 1979: «M. Plantard mostrou ser um homem digno e cortês, de porte discretamente aristocrático, de aparência simples, com uns modos graciosos, voláteis mas afáveis. Mostrou uma enorme erudição e uma impressionante agilidade de pensamento — com um dom para a réplica irónica, espirituosa, malévola,

mas, de modo algum, ofensiva... Apesar dos seus modos modestos e tímidos, ele exercia uma impressionante autoridade sobre os seus companheiros».8 E o escritor francês Gérard de Sede — que desempenhará um papel importante nesta história — disse a respeito de Plantard: «[ele é] alto, magro, come pouco, não bebe nem fuma e quando é nosso convidado nunca se serve do primeiro prato [claramente, um factor revelador para um francês]. Há nele, simultaneamente, o erudito, o poeta e um sarcasmo levemente diabólico.»9

Por outro lado, os detractores de Plantard acusaram-no de tudo, incluindo ser um simpatizante Nazi e um pedófilo. Um comentador recente escreve: «Muitas vezes, é difícil encontrar a linha divisória entre o que é conhecido e o que é uma boa história.»10

Plantard, que morreu em 2000 com a idade de oitenta anos, era, na melhor das hipóteses, uma figura misteriosa, e na pior das hipóteses, uma personalidade obviamente dúbia. Reservado, elusivo, mas encantador, corresponde perfeitamente ao perfil de um vigarista — ou, devemos dizê-lo, de um agente dos serviços secretos: as habilidades necessárias a ambos não são dissimilares. Ele estava certamente implicado nalgumas aventuras suspeitas, incluindo duvidosas transacções financeiras. Mas o mais condenatório de todo o caso é o alegado facto de que, cerca de sete anos antes da sua morte, Plantard admitiu, sob juramento, que inventara toda a história.11

O principal céptico e acusador do Priorado, em geral, e de Plantard, em particular, é o investigador britânico Paul Smith, que lhes seguia o rasto há mais de uma década.12. Ao longo dos anos, Smith fez um trabalho excelente e persistente descobrindo e apresentando documentos originais relacionados com o Priorado e Plantard. (O seu particular triunfo foi a obtenção, junto da Prefeitura da Polícia de Paris, de um ficheiro sobre o último.) Sem dúvida que, dado o torn estridente que ele habitualmente adopta quando denuncia Plantard, Smith é um fanático anti-Priorado/ /Plantard. Mas o que é mais importante, o seu argumento de que todo o caso Priorado era um plano desonesto de Plantard não consegue responder a certas perguntas cruciais, como veremos.

Assim, a ausência de qualquer prova documental independente a favor da existência do Priorado antes dos anos 50, considerada juntamente com os problemas relativos às suas pretensões históricas, pode parecer dar vantagem aos cépticos, mas acerca do Priorado nunca nada é claro.

Cada vez mais suspeito

Para muitas pessoas, a prova de que o Priorado mentiu — sempre, sobre todos os assuntos — significa automaticamente que ele pode ser rejeitado de imediato. Mas esta atitude ignora alguns dos aspectos mais importantes do enigma.

O Priorado de Sião não foi a única invenção de Pierre Plantard, nem ele era o seu único membro. Mesmo que tudo fosse uma fraude, ele tinha co-conspiradores. Nunca agiu sozinho: quando o Priorado fez a sua primeira aparição em registos oficiais, em 1956, havia, no mínimo, três outras pessoas implicadas. O mais famoso colaborador de Plantard, desde o princípio dos anos 60 até à sua morte em 1985, foi Philippe, marquês de Chérisey. E o Priorado sobreviveu a Plantard: continua a operar sob as ordens do seu secretário-geral, Gino Sandri, que conheceu Plantard no princípio dos anos 70 e se envolveu com o Priorado desde 1977. Qualquer teoria que tente reduzir o Priorado a uma fraude de Plantard terá também de explicar o envolvimento destas pessoas — e de muitas outras.

Plantard e os seus companheiros mantiveram o embuste durante l mais de trinta anos, com esforço considerável. Mas ninguém, nem mesmo Paul Smith, foi capaz de apresentar um motivo satisfatório para um plano tão persistente e prolongado. O motivo mais óbvio — dinheiro — pode ser rejeitado. Não só não há nenhuma prova de que Plantard lucrasse alguma coisa, excepto quantias modestas, com o caso, como há

também ocasiões em que ele podia ter tirado proveito dele, mas, notoriamente, não fez nenhuma tentativa para obter lucros. Se ele fosse apenas um vigarista, por que não esqueceu o Priorado e não se dedicou a alguma coisa muito mais lucrativa?

De facto, teria sido demasiado fácil transformar o Priorado de Sião numa máquina de fazer dinheiro. O mundo das ordens de cavalaria aristocráticas (o que o Priorado alega ser, embora uma ordem secreta) está cheio de fraudes e embustes. Há numerosas organizações, quer novas invenções, quer alegados «renascimentos» de ordens históricas extintas, sem qualquer base legítima. Estas «auto-intituladas ordens» foram criadas por indivíduos com uma folie degrandeur, para quem esta era a única maneira de adquirir prestígio, ou como meio de extorquir dinheiro a incautos — e existem muitos — que pagarão generosamente para serem admitidos nessas ordens, para ostentar títulos e dignidades grandiosas, e usar trajes e insígnias (tudo pago, evidentemente). Desde que uma ordem tenha a qualidade certa para atrair membros (ou melhor, subscritores) ela pode significar lucros relativamente fáceis: nalguns países, como a Itália e (com certas qualificações) a França, que já não reconhecem prerrogativas reais ou aristocráticas, cobrar dinheiro às pessoas pela admissão numa ordem que alegue uma genealogia espúria nem é ilegal.

Mas o Priorado pode oferecer muito mais do que isso. Ele é consideravelmente mais do que uma ordem neocavaleiresca, com hierarquias e graus com designações fantásticas; ele tem a vantagem acrescida de iniciar os seus membros numa ordem que, como milhões de pessoas em todo o mundo agora acreditam, lhes revelará — eventualmente — alguns dos maiores segredos de sempre. Para muitos, essa possibilidade parece irresistível, e é o motivo mais óbvio para a criação de uma fraude tão elaborada (afinal, não seria a primeira vez que uma coisas destas acontecia). Mas nunca houve a mais leve sugestão de que alguém tivesse sido explorado desta maneira, ou que o Priorado solicitasse um quota aos seus membros — e há muitos críticos prontos a atacar se tal alegação chegasse a ser insinuada. Poucas «auto-intituladas ordens» estiveram numa posição tão perfeita para explorar pessoas crédulas e fantasiosas como esteve o Priorado depois do sucesso de O Sangue de Cristo e o Santo Graal — mas Plantard não só nunca o fez, como se afastou quando a sociedade começou a despertar um interesse crescente.

Mesmo dois cépticos escritores britânicos, Bill Putman e John Edwin, embora rejeitando as pretensões de Plantard e de Chérisey, declararam-se perplexos com a razão de tudo isto: «O grau de esforço que os dois investiram na criação dos enigmas, das genealogias e das fraudes históricas é imenso... [mas] o lucro financeiro não parece ter sido o seu motivo...»13 Outros sugeriram que se tratava de algum género de uma elaborada partida pregada a alguém; nesse caso, ainda estamos à espera do final.

Divina comédia

Talvez nunca haja um final. Uma sugestão crescentemente popular nos anos recentes é que todo o caso do Priorado de Sião era não só uma complicada partida, mas também uma brincadeira como arte de representação surrealista, onde não há «final», literalmente, a arte pela arte (uma espécie de paralelo do conceito dos círculos gravados nos campos agrícolas).

Um investigador americano, o antropólogo Dr. Steven Mizrach, identificou mesmo a tradição surrealista francesa que floresceu nos anos 60, conhecida como Oulipo, na qual as «mistificações» implicavam códigos e criptogramas complexos, simbolismo oculto em pinturas e na literatura, e engenhosos jogos de palavras eram imaginados como pura arte e, depois, lançados a um público incauto para ver como ele reagia. (Uma das características fundamentais da experiência era nunca revelar que se tratava essencialmente de uma brincadeira.) Segundo Mizrach, Jean-Pierre Deloux, o jornalista associado de Plantard nos anos 70 e 80, pertencia a um ramo chamado Oupolipo, que

usava a fórmula das histórias policiais nos seus estratagemas artísticos.14 Apesar de ser uma das explicações mais satisfatórias de todo o caso — visto que explica a incapacidade, de outro modo inexplicável, dos «mistificadores» para explorar a sua invenção — como todas as teorias, esta não consegue explicar tudo, especialmente as actividades políticas de Pierre Plantard nos anos 40 e 50, nas quais ele enredou o Priorado de Sião e os seus precursores. Mas embora o surrealismo não fosse, de modo algum, o estilo de Plantard, era muito típico do seu «parceiro no crime» nos anos 60, Philippe de Chérisey, actor e escritor que colaborava com um dos grandes humoristas surrealistas de França, o «Goon Francês» Francis Blanche.

Contudo, as duas explicações aparentemente opostas (de um objectivo sério a uma fraude surrealista) não são realmente mutuamente exclusivas. Se, como vamos cada vez mais acreditando, o Priorado fosse uma fachada e os Dossiers Secretos uma manobra de desinformação — iremos desenvolver isto mais à frente — então quem melhor do que um «oupolipista» para o fazer? E embora a imagem popular dos ocultistas seja de fanáticos de semblante granítico e de excêntricos sem sentido de humor envolvidos em rituais hercúleos, de facto o humor tem tido sempre um lugar de honra nas suas actividades extraordinárias.

A grande historiadora do esoterismo renascentista, Dame Francês Yates, no seu estudo das origens do primitivo rosacrucianismo do século dezassete (The Rosicrucian Enlightment, 1972), discute o sentido de humor dos rosacrucianos. Johann Valentin Andreae, considerado por muitos como o melhor candidato a autor dos famosos Manifestos Rosacrucianos, descreve os seus escritos místicos como um ludibrium

uma espécie de brincadeira teatral. Mas Yates identifica um subjacente desígnio sério: «Pode não ser, no caso dele, sempre um termo desdenhoso. De facto, se examinarmos as passagens das obras de Andreae sobre os irmãos RC [Rosacruzes], verificamos que, embora uma forma frequente de os denegrir é designá-los de meros actores, comediantes, pessoas frívolas e tolas, no entanto, outras vezes, faz grandes elogios a actores, peças teatrais, e arte dramática em geral, como social e moralmente valiosas.»15 Yates também comenta: «É o grande interesse de Andreae no drama que ajuda a explicar o ludibrium de Christian Rosenkreutz e da sua Irmandade como, não uma fraude, mas uma representação dramática de um movimento profundamente religioso e intelectual.»16 E o Dr. Christopher Mclntosh concorda, escrevendo: «Os rosacrucianos personificavam a [sua] visão de uma mitologia brilhantemente criada com um forte elemento de jocosidade.» 17

O conceito desta «divina comédia», tratando questões muito sérias com uma aparente jovialidade, encontra-se noutros aspectos do ocultismo. Em 1616, o famoso esoterista Michael Maier intitulou um importante tratado Ludus Serius — «Jogo Sério» — e a sua ideia continua a expressar-se hoje na forma de «magia do caos».

E, evidentemente, da Vinci, que Yates acredita ter prefigurado qualidades distintamente rosacrucianas, personificadas na crença dos ocultistas na importância da «divina comédia» — nas suas pinturas, e nas suas várias mistificações, brincadeiras e ilusões que tanto fascinaram os que o conheceram. Mas poucos poderiam duvidar de que, sob a jovialidade e ligeireza de estilo, Leonardo não fosse absolutamente, mesmo terrivelmente, sério.

A criação de Sião

A explicação favorita da maior parte dos defensores da teoria da «fraude pura e simples» é que Plantard era um mitomaníaco que acreditava realmente nas suas próprias fantasias relativamente a ser o legítimo Rei de França. (Presumivelmente, a razão para esta explicação é a completa ausência de qualquer prova de que Plantard ganhasse algum dinheiro com a sua promoção do Priorado.) Por outras palavras, Plantard era

basicamente alucinado, quer acreditando realmente nos seus direitos reais, quer com uma compreensão tão ténue da realidade que acreditava que poderia persuadir a França a entregar-lhe a sua coroa.
Contudo, é impossível negar que os Dossiers Secretos, como Putman e Wood reconhecem, foram compostos com grande esforço, e, frisamos, com considerável arte histórica — e psicológica. Ao examinar as pretensões históricas do Priorado, continuamente chegávamos ao ponto de considerar todo o caso como uma fraude — geralmente, quando surgia outra falsidade óbvia — depois, alguma obscura peça de informação emergia, estabelecendo uma ligação que nos fazia reflectir.
Um alto grau de esforço foi investido na criação da história narrada nos Dossiers Secretos, composta de verdades, meias verdades e mentiras, entrelaçadas para compor um todo sedutor. Podemos provar que alguns elementos da história estão incorrectos — quer devido a um erro genuíno ou porque foram distorcidos, «elaborados» ou mesmo inventados. Mas apesar do que dizem os detractores do Priorado, nem tudo nele é invenção ou distorção.
O conjunto foi composto tematicamente, mais do que logicamente, e é a forma como os temas-chave emergem e reaparecem durante a investigação que mais impressiona. Para citar um exemplo (outros se seguirão): A lista dos supostos grão-mestres nos Dossiers Secretos contém o nome do célebre René d'Anjou — «bom Rei René» — um dos grandes patronos do Renascimento. A sua presença na lista dos grão-mestres acrescentou mais uma figura histórica importante que poderia impressionar os leitores com a importância e a seriedade do Priorado. Contudo, Baigent, Leigh e Lincoln descobriram que René estava particularmente fascinado com o tema da Arcádia, e como nós próprios verificámos, ele tinha também um interesse apaixonado pelas lendas da vida de Maria Madalena no sul de França, por exemplo, ordenando escavações nos lugares-chave numa tentativa de encontrar o seu túmulo.18
No entanto, os Dossiers referem como sucessor de René a sua menos conhecida filha, lolanda de Bar. Esta casou com um dos cavaleiros de René, Ferri, o senhor do importante centro de peregrinação de Sion-Vaudémont na Lorena, onde ela passou grande parte do resto da sua vida. A montanha, com o nome impressionante de Sion-Vaudémont, fora considerada sagrada desde os tempos pré-cristãos, originalmente em honra da deusa Rosemerta, mas no tempo de lolanda de Bar foi dedicada a Nossa Senhora de Sião, um culto centrado numa estátua votiva, à qual os duques de Lorena prestavam homenagem desde, no mínimo, o princípio da Idade Média. Existia também a Abadia de Notre-Dame de Sion, à qual estava ligada a ordem de cavalaria chamada Cavaleiros ou Irmandade de Sião, fundada pelo avô de Ferri em Dezembro de 1396.19 (Segundo Baigent, Leigh e Lincoln, estes cavaleiros estavam associados à Abadia de Nossa Senhora do Monte Sião em Jerusalém, que o Priorado de Sião reivindica como seu lugar de origem cerca de duzentos anos antes, mas não pudemos verificar esta pretensão.)
Será esta a elusiva prova da existência do Priorado de Sião como uma organização tangível e histórica? Evidentemente, compreende-se perfeitamente que uma ordem de cavalaria estivesse associada a esta importante abadia (ordem similares eram populares nessa época), e que ela usasse o nome do lugar onde foi fundada. Nesta base, não há nada de particularmente surpreendente na existência dos Cavaleiros de Sião no século catorze, e nenhuma prova específica que os associe ao actual Priorado de Sião ou a qualquer das organizações que ela reivindica como antepassados.
Mas o que é significativo é que esta associação não está explícita nos Dossiers Secretos: o nome de lolanda de Bar aparece simplesmente na lista dos grão-mestres, incitando os investigadores a aprofundar a informação sobre ela, e deste modo, a descobrir uma

ordem de cavalaria de Sião. Ou a associação é genuína, ou esta pista foi planeada com uma arte consumada, mais ou menos para forçar os investigadores a encontrarem a ligação por si próprios, tornando, por esta razão, tudo mais convincente. (A terceira possibilidade, pura coincidência, pode funcionar para uma ligação particular, mas há tantos exemplos que podemos rejeitá-la como uma explicação.)

O rasto de associações continua... A importância de Sion-Vaudémont como centro de peregrinação diminuiu em consequência da Revolução Francesa, mas, a partir de 1830, três irmãos — todos padres católicos, Léopold, François e Quirin Baillard — dedicaram a sua vida a recuperá-lo como centro sagrado, juntamente com o seu «monte associado», o Mont Sainte-Odile na Alsácia, a cerca de 100 quilómetros de distância20. Realizaram essa tarefa com grande habilidade e sucesso, angariando fundos vindos de lugares tão distantes como os Estados Unidos, para restabelecer o mosteiro em Sion-Vaudémont. Curiosamente, os três irmãos tornaram-se então discípulos do controverso místico Eugène Vintras (1807-75), que fundou uma seita chamada Igreja do Carmelo, na qual era dada aos homens e as mulheres uma categoria igual, e que incorporava práticas sexuais nos seus rituais. Como era de esperar, ele — e os irmãos Baillard — foram severamente condenados e excomungados pelo Papa (embora Léoplod se retractasse no seu leito de morte e se reconciliasse com a Igreja). Assim, Sion-Vaudémont, em tempos comparativamente recentes, tornou-se um centro de heresia e de ritos sexuais.21

No princípio do século vinte, esta curiosa história foi usada como base para um livro escrito pelo grande romancista francês Maurice Barres (que, embora não particularmente famoso em Inglaterra, foi um dos mais influentes escritores de França), La Coline inspirée (A Colina Inspirada, 1913). O romance inicia-se com a expulsão de uma irmandade religiosa, os Oblatas de Sião, da montanha. E curiosamente, a história de Barres apresenta muitas semelhanças surpreendentes com o verdadeiro mistério de Rennes-le-Château, com o qual o Priorado afirma ter estado intimamente associado. Barres estava também profundamente implicado no renascimento do ocultismo que se difundiu rapidamente nos salões de Paris no fim do século dezanove.

Quando esta série de associações acontece uma vez, evidentemente que ela é interessante — mesmo sugestiva — mas não o suficiente para servir de base a uma conclusão. Mas quando ela acontece repetidamente — seguindo vias de investigação que parecem completamente distintas, mas acabam nos mesmos indivíduos, nos mesmos lugares-chave, e tratando os mesmos temas religiosos, esotéricos ou artísticos — ela torna-se rapidamente impressionante. Estas séries de associações tornam-se completamente vertiginosas passado algum tempo, e, naturalmente, fazem com que os investigadores acreditem que algo genuíno se encontra por trás de tudo aquilo — que o Priorado participou realmente em todos aqueles acontecimentos ao longo dos séculos, e agora, de forma provocante, apresentam essas associações para que os investigadores prossigam o seu trabalho. Foi isto o que aconteceu no caso de Baigent, Leigh e Lincoln — embora eles rejeitassem certas afirmações feitas pelos Dossiers Secretos e por Pierre Plantard. Mas, evidentemente, existe sempre a possibilidade de que os Dossiers Secretos fossem deliberadamente planeados para criar exactamente essa impressão, associando ocorrências, de outro modo desconexas, que têm, por acaso, alguma coisa (como o nome de Sião) em comum, e que reforçam um ou outro dos temas principais dos Dossiers. Mesmo assim, se esta explicação estiver correcta, então uma enorme quantidade de investigação, conhecimento e perícia foi usada, contrariando a acusação de que foi tudo apenas um plano para ganhar dinheiro. (Muitos dos detractores de Plantard afirmam não só que ele foi o principal autor da fraude, mas também que ele era

de inteligência abaixo da média: considerando a quantidade de trabalho que está por trás do Priorado de Sião, é evidente que as acusações não podem ser ambas verdadeiras.)
Este é também um exemplo da arte psicológica que foi usada na Criação da história narrada nos Dossiers Secretos. Os criadores usaram °utros estratagemas semelhantes, especialmente na incorporação de temas e símbolos que possuem uma poderosa carga emocional: por °utras palavras, arquétipos. Como escrevem Baigent, Leigh e Lincoln erft The Messianic Legacy:
Até ao ponto a que nós, nas nossas investigações, viemos a conhecer o Prieuré, encontrámos uma organização que, com pleno conhecimento do que está a fazer — e, na verdade, como uma questão de estratégia calculada — activa, manipula e explora arquétipos. Não só tira partido de arquétipos familiares e tradicionais — tesouro escondido, o rei perdido, o carácter sagrado de uma descendência, um segredo sinistro transmitido ao longo dos séculos. Também, e deliberadamente, usa-se a si próprio como arquétipo. Tenta orquestrar e regulamentar a percepção que os estranhos têm de si próprio como o arquétipo de uma cabala — se não, na verdade, a cabala-arquétipo. Assim, embora a natureza e o alcance do seu poder social, político e económico possam manter-se cuidadosamente secretos, a sua influência psicológica pode ser discernível e substancial. Pode transmitir a impressão de ser o que ele deseja que as pessoas pensem que ele é, porque ele compreende a dinâmica por meio da qual essas impressões são transmitidas... estamos a lidar com uma organização de subtileza psicológica e sofisticação extraordinárias.22
O Priorado usa estratagemas e é provocador. Ilude os investigadores, e quando decide que chega o momento certo, facilmente os mantém ocupados sem fazerem nenhum progresso, sem dúvida menosprezando a sua capacidade colectiva. Ninguém pode permitir-se acreditar em tudo o que o Priorado diz, mas — como a experiência nos ensinou pessoalmente, como veremos — também seria um erro não acreditar. Temos que tratar com cautela absolutamente tudo o que o Priorado diz.
Temos também de tratar com cautela muitas declarações públicas sobre esta peculiar sociedade secreta. As opiniões sobre o Priorado tendem a dividir-se em alternativas puramente certas ou erradas, negativas/positivas; ou tudo o que ele afirma é verdade, ou tudo é uma grande quantidade de mentiras bastante óbvias. Mas, evidentemente, a vida real não é assim.
A experiência noutros campos mostra que, apenas porque um grupo ou organização mentiu, exagerou ou deturpou a informação, ela não deve ser automaticamente rejeitada como insignificante. (Afinal, o governo Blair ainda preside ao destino do Reino Unido.) Para citar um exemplo óbvio, uma grande parte do trabalho dos serviços secretos e das agências de segurança, como a CIA, envolve a composição e disseminação de informação errada — mentiras oficiais, por outras palavras — mas ninguém afirmaria que, se essas mentiras fossem denunciadas, a CIA pudesse e devesse ser ignorada como uma organização sem relevância, ou que o resto das suas actividades fosse sempre e para sempre considerado insignificante. De facto, quanto mais ela se encarrega de mentir, maior é o número de pessoas que acredita que ela deve ser tomada a sério.
Dizer não-verdades não é necessariamente considerado ser sempre uma coisa má: depende da razão por que elas são ditas (e, na verdade, do lado em que nos encontramos). Operações de desinformação — fraudes oficiais — desempenharam um papel importante na vitória da Segunda Guerra Mundial, dispersando recursos inimigos, desviando a atenção de operações genuínas. Ao lidar com o Priorado de Sião, e com as afirmações que ele disseminou quer através dos Dossiers Secretos, quer através de outros meios, devem ser adoptados exactamente os mesmos métodos que os usados na análise das actividades das agências de serviços secretos. Os dois têm muito em comum.

Um ponto mais crucial que todos os outros é frequentemente ignorado quando analisamos o Priorado de Sião: nenhuma sociedade secreta — antiga ou moderna, quer uma grande organização global ou apenas alguns conspiradores em França, e quer as suas intenções sejam sérias ou fraudulentas — revelaria alguma coisa sobre si mesma em público, a não ser que houvesse vantagem em o fazer. Portanto, o teste de tudo o que o Priorado decida revelar — talvez ainda mais importante do que saber se isso é factualmente verdadeiro — é saber por que razão foi revelado. A quem se dirigia — à generalidade do público ou a um grupo específico? E por que deseja o Priorado que essa audiência visada acredite que essas revelações são verdadeiras? Até que estas perguntas tenham tido resposta, a solução do mistério continua tão elusiva como
o próprio Graal.

Tendo em mente todas estas considerações, encontrámo-nos na terra de ninguém entre as duas posições extremas. Por um lado, há os que, sem critério, aceitam todas as alegações do Priorado, construindo todas as teorias e hipóteses sobre as suas declarações, por muito contraditórias ou ridículas que sejam; por outro lado, há os que, automaticamente, rejeitam tudo, sem excepção, o que o Priorado diz apenas porque ele parece gostar de ser contraditório e ridículo em certas ocasiões. Contudo, a questão crucial é que ambos os lados ignoram qualquer prova que não se enquadre na sua solução preferida; o ditado sobre o bebé e a água do banho é frequentemente verdadeiro quando se aplica ao Priorado! Mas, para nós, nenhum dos campos apresenta uma solução satisfatória do enigma.

Há razões puramente lógicas pelas quais tomamos o Priorado mais a sério do que muitos outros [mas, sublinhamos, muito menos literalmente do que muitos outros]. Contudo, temos uma outra razão, mais prática, para esta atitude.

Nalguns aspectos, falamos por experiência pessoal do Priorado. Indivíduos associados a ele forneceram-nos informação arcana e inverosímil que, contra todas as probabilidades, provou ser realmente correcta. Na verdade, não é exagero dizer que, embora indirectamente, devemos dez anos de carreira de co-autores ao Priorado de Sião — uma questão nada insignificante nas nossas vidas! Do nosso contacto pessoal com a organização, sabemos que vale a pena toma-lo a sério. Face a tudo o que ele possa ou não possa ser, acreditem em nós, seria um grave erro considerar o Priorado como uma completa fraude.

O contacto com o Priorado

Tudo começou em 1990, no decurso da nossa investigação do Sudário de Turim, quando fomos contactados por um indivíduo que usou sempre e apenas o pseudónimo de «Giovanni» [João, em italiano). Recebemos várias cartas deste homem-mistério — inicialmente guardadas no nosso ficheiro de «excêntricos», mas depressa atentamente lidas porque começamos a ficar genuinamente intrigados — culminando num único encontro com ele em Londres, em Março de 1991,23

Foi um encontro excitante, embora algo tenso — para não dizer intenso. Provavelmente com perto de cinquenta anos, era muito parecido com o actor britânico torn Conti [o Grego, proprietário do café no filme Shirley Valentine), com uma farta cabeleira grisalha e roupas de boa marca, levemente amarrotadas. Falava fluentemente inglês, mas com um acentuado sotaque italiano, e tinha uma maneira de nos observar atentamente, sem ser demasiado óbvia, como um detective particular ou um agente dos serviços secretos. Os seus olhos risonhos pestanejavam constantemente, por mais sérias que fossem as suas palavras. Ocasionalmente, fazia um gesto dramático e expansivo com mãos elegantes, desprovidas de anéis, mas os seus maneirismos físicos eram surpreendentemente contidos — estranho, poder-se-ia pensar, para um italiano. Talvez ele tivesse sido habilmente treinado para disciplinar a sua linguagem corporal.

Giovanni afirmou ser um membro italiano do Priorado de Sião, embora, evidentemente, não tivéssemos possibilidade de examinar ou confirmar essa alegação. O que pudemos verificar independentemente
foi que ele estava familiarizado com o «mundo secreto» esotérico da Europa. Identificou certos indivíduos, em Inglaterra e no estrangeiro, os quais, disse ele, ou eram membros do Priorado ou membros de sociedades esotéricas associadas. E nalguns [mas não em todos) casos ficámos intrigados ao descobrir que podíamos confirmar esse facto. Assim, confirmámos as «credenciais» da sociedade secreta de Giovanni — pelo menos, nesse aspecto.
Em particular, Giovanni referiu duas figuras importantes do mundo editorial britânico, ambas já nossas conhecidas. Presumivelmente, ele escolhera-os por essa mesma razão: afinal, seria mais fácil para nós corroborar a sua informação sobre eles. Num dos casos, pudemos confirmar que a pessoa referida tinha — surpreendentemente — interesse em questões esotéricas que incluía um envolvimento activo em grupos secretos. No outro caso, descobrimos uma indicação mais forte de qualidade de membro do próprio Priorado, e também ficámos impressionados com as suas ligações com o mundo internacional da alta finança. [O Priorado alega estar fortemente envolvido com a actividade bancária global, mas, evidentemente, qualquer faux sociedade medianamente decente faria essa afirmação.)
Infelizmente, nunca descobrimos a verdadeira identidade de Giovanni. Embora, em certa altura, pensássemos que a tínhamos descoberto, provou-se que era uma pista falsa — provavelmente, uma brincadeira deliberada. Mas ele afirmou representar uma facção cismática no seio do Priorado, determinada a deixar transpirar informação para a praça pública. [E muito pouco lisonjeiramente, parecia que nós não tínhamos sido a sua primeira, nem mesmo a segunda escolha: aparentemente, ele tentara transmitir a sua informação a outros investigadores do Sudário de Turim antes de nós.) Na altura, considerámos isso como uma brincadeira deliberadamente usada para aumentar o sentido do dramático: na verdade, virtualmente tudo relacionado com o nosso contacto com Giovanni era muito teatral, sem dúvida para nos envolver — e, evidentemente, para continuar vivo nas nossas memórias. Mas ficámos esPantados e interessados ao descobrir, através de informação que ernergiu muitos anos depois, que ele talvez estivesse a dizer a verdade. O motivo ostensivo de Giovanni para nos contactar era, como já rererimos, a nossa investigação do Sudário de Turim, a respeito do qual e|e afirmava ter informação secreta como homem do Priorado. Segundo e/ o Sudário era realmente uma fraude [como a datação pelo teste ° carbono em 1988 tinha demonstrado de forma famosa). Mas ele lrmava saber quem era o falsário: o próprio Leonardo da Vinci, que o Priorado alegava ser um dos seus grão-mestres. Afirmou também que sabia como Leonardo tinha criado a ainda mistificadora imagem do Sudário, através de um processo do que ele chamava «impressão alquímica» — por outras palavras, uma forma primitiva de fotografia. Mas talvez que o mais desconcertante de tudo fosse a afirmação de Giovanni, segundo a qual Leonardo usara o seu próprio rosto para o do homem do Sudário, a mesma imagem considerada pelos milhões de devotos, ao longo dos séculos, como sendo a própria imagem de Jesus Cristo.
Giovanni apresentou-nos estas três dramáticas peças de informação como pistas para um trabalho de investigação histórica, linhas de investigação que podíamos e devíamos provar ou refutar através dos nossos próprios esforços. (Mais tarde, compreendemos que este é o método tradicional de aprendizagem dos adeptos da magia, embora ele também tenha muito em comum com o treino dos agentes dos serviços secretos.] Como os acontecimentos mostraram, este não era um trabalho para preguiçosos — nem, como viemos a descobrir, para os piedosos e os escrupulosos.

com grande surpresa nossa, pudemos até apresentar provas de algumas das mais aparentemente ridículas afirmações de Giovanni. Apresentámos os resultados do nosso trabalho de investigação no nosso primeiro livro, Turin Shroud — In Whose Imagel, em 1994 (revisto e actualizado em 2000, com o subtítulo How Leonard da Vinci Fooled History).

Contudo, não fomos os primeiros a propor que Leonardo fosse o autor da fraude do Sudário: outros já tinham reconhecido que ele correspondia perfeitamente ao perfil de um falsário. Tinha que ser alguém capaz de imaginar um método de criar a imagem que ainda recusa revelar os seus segredos (a datação pelo teste do carbono revelou-nos que o Sudário era uma falsificação, mas não revelou nada quanto à forma como a imagem foi impressa). Contudo, com grande surpresa nossa, iríamos descobrir um grande número de provas circunstanciais que o fazem corresponder perfeitamente ao quadro: estar no lugar certo no momento certo, tendo relações misteriosas com a família de Sabóia, que era proprietária do Sudário, etc.

Quanto à forma como a imagem foi criada, pudemos usar um processo
fotográfico muito básico — empregando uma câmara escura (precursora da moderna máquina fotográfica, com a qual sabemos que Leonardo fez experiências) e substâncias sensíveis à luz e fáceis de obter—para produzir o nosso próprio «Sudário», que apresentou todas as características supostamente milagrosas da relíquia alegadamente sagrada. Quase precisamente na mesma altura, o professor sul-africano Nicholas Allen fez exactamente a mesma coisa (de facto, usando um processo ainda mais simples que o nosso, mas usando também uma câmara escura).

Por fim, só os irredutíveis e desesperados crentes de que o Sudário é genuinamente o de Jesus — conhecidos como os «sudaristas — são incapazes de ver a semelhança entre o homem do Sudário e Leonardo. Um das mais divertidas confirmações surgiu em 2001, durante a filmagem de um documentário televisivo sobre as nossas teorias para o National Geographic Channel (vencedor do prémio Leonardo: The Man Behind the Shroud?24) Para contrabalançar, os realizadores do programa entrevistaram vários crentes, incluindo o artista italiano Luigi Mattei, que faz soberbas esculturas em tamanho natural, baseadas na imagem do Sudário. Embora sendo um crente fervoroso na sua autenticidade, enquanto demonstrava as suas técnicas artísticas em frente da câmara, a propósito de nada, o artista fez a afirmação de que sempre ficara impressionado com a semelhança entre o homem do Sudário e Leonardo. Evidentemente, a semelhança entre os dois reforça o primeiro argumento: que Leonardo foi o génio responsável.

Ao longo da investigação, descobrimos também que certas famílias que estavam implicadas na «grande fraude do Santo Sudário» provaram ser a mesma dinastia que tem um papel importante em O Sangue de Cristo e o Santo Graal como estando ligadas ao Priorado de Sião...

Tudo isto era muito estranho. Embora tivéssemos estabelecido a conexão da Vinci antes de Giovanni entrar em cena — de facto, foi por essa razão que ele nos contactou — outra informação secreta que ele nos deu, também provou estar correcta. Isso sugeria que o Priorado (supondo que Giovanni era realmente um dos seus membros) tinha acesso a «informação secreta» sobre Leonardo. Mesmo então, estávamos perfeitamente conscientes dos pontos de interrogação que pairavam sobre as pretensões históricas do Priorado, mas isso parecia confirmar que eles possuíam algum conhecimento secreto ou perdido, alguns segredos genuínos sobre indivíduos heréticos do passado.

Estávamos também conscientes da opinião de que o Priorado incluía apenas um pequeno grupo de membros que mantinham a situação apenas para seu próprio

entretenimento ou como parte de um plano fraudulento concertado e mais vasto: mas, nesse caso, onde se enquadrava Giovanni? Talvez ele pertencesse realmente a uma outra sociedade ou grupo esotérico, e apenas fingira ser um emissário do Priorado. Mas porquê? Como beneficiaria ele desse subterfúgio?
Contudo, a segunda via de investigação suscitada pela intervenção misteriosa de Giovanni iria mostrar-se ainda mais extraordinária.
Discípulos do «outro Cristo»
No nosso único encontro de referência, Giovanni limitara-se sobretudo ao tema do Sudário de Turim. Embora tivesse feito algumas declarações incompreensíveis sobre o Priorado do presente e passado, ele evitou sempre responder às nossas perguntas directas sobre a questão (como, na verdade, deveria fazer qualquer membro digno de uma sociedade secreta]. Mas no comentário final, ele referiu outro tema, então uma incongruência muito peculiar, sob a forma de uma pergunta: «Por que são os nossos grão-mestres conhecidos sempre por João?... Esta não é uma questão insignificante, mas é a chave».
Iríamos descobrir que essa breve pergunta continha uma insinuação importante sobre um segredo que ultrapassa indiscutivelmente a hipótese de Dan Brown no seu potencial para perturbar — mesmo para chocar. Uma década depois, podemos afirmar categoricamente que a nossa investigação revelou que Giovanni possuía informação que abriu a porta para um segredo verdadeiramente cataclísmico, um segredo que certamente — e, na verdade, sensacionalmente — representa um desafio sem igual para a Igreja oficial. Na verdade, para a própria base da religião cristã...
Segundo os Dossiers Secretos, os grão-mestres do Priorado de Sião adoptam o nome «oficial» de Jean («João em Francês — Jeanne/Joan/ /Joana se o grão-mestre é uma mulher — quase da mesma forma como cada um dos sucessivos Papas adopta um novo nome quando é eleito. Leonardo, por exemplo, aparece nas suas listas como «Jean IX» — João Nono. Mas não aparecia nenhuma explicação para esta aparente exaltação do nome de João. Nenhum dos anteriores investigadores tentou descobrir mais alguma coisa sobre este tema aliciante.
O nosso trabalho sobre Leonardo e o Sudário inspirará-nos, naturalmente, a querer saber mais sobre o que o motivara a criar esta suprema fraude (e uma das mais bem-sucedidas da história). Era evidente que a resposta se encontrava nas suas convicções religiosas e espirituais, que
são reconhecidas como tendo sido heréticas. (Muitas pessoas supõem que, como «primeiro cientista», Leonardo deveria ter sido um não-crente, um ateu mais do que um herético, mas, de facto, nada pode tar mais longe da verdade.)
Rapidamente se tornou claro — por razões que explicámos no primeiro capítulo de O Segredo dos Templários — que Leonardo estava virtualmente obcecado com São João Baptista. Metade das suas obras de arte sacra existentes incluem aquela bastante intimidante figura do Novo Testamento — e iríamos descobrir que muitas das restantes pinturas e esboços incluem referências simbólicas a João, mesmo quando ele não está fisicamente presente na composição. Por outras palavras, sempre que possível, Leonardo incluiu João Baptista nas suas pinturas, mesmo que, por vezes, fazê-lo significasse empregar alguma liberdade artística na interpretação do tema que ele estava encarregado de pintar: ele acrescentava simplesmente uma referência a João através do uso inteligente de simbolismo velado. Claramente, João Baptista era extraordinariamente importante para Leonardo por alguma razão secreta, mas muito especial.
O símbolo-chave do que depressa se tornou aparente como a sua subtil subversão é o que chamamos o «gesto de João» — o dedo indicador direito apontando para o céu —

observado mais obviamente na última pintura que Leonardo produziu, São João Baptista. Mas, crucialmente, o gesto também é feito por figuras noutras pinturas, como um meio de dar a João uma presença física em obras nas quais Leonardo não podia justificar de outro modo a sua inclusão.
O outro aspecto surpreendente, e decididamente herético (para dizer o mínimo) da obsessão joanista de Leonardo era que ele, claramente, considerava João Baptista não como meramente importante no contexto da vida e missão de Jesus. Discutindo a Virgem dos Rochedos de Leonardo, que representa o menino Jesus e João Baptista, Use Hecht, do Art Institute de Chicago, comenta: «João passa de um espectador a uma pessoa igual a Cristo, uma inovação que atingiu os limites máximos do conteúdo espiritual do tema e só poderia ter sido conseguido por um artista como Leonardo que tinha apenas laços frouxos com o dogma
da Igreja».25
A ideia de considerar João, o suposto mensageiro de Jesus, como alguém igual a Cristo é bastante espantosa. Mas mais de uma década de investigação levou-nos a acreditar que Hecht tinha realmente minimizado o caso. Para Leonardo, não havia nenhuma igualdade nele:
aquele artista astuciosamente ousado e profundamente herético acreditava realmente que João era superior a Cristo.
Tudo isto nos ofereceu uma pista importante relativamente a qual João o Priorado de Sião se referia. E, também, esta aparente crença na superioridade de João em relação a Jesus foi outra pista importante. Segundo os Dossiers Secretos, o primeiro grão-mestre do Priorado de Sião, um nobre normando chamado Jean de Gisors, adoptou o título de Jean II. Mas, por sua vez, isso representava um outro enigma. Porquê começar com João // — e, em todo o caso, quem era João I? O historiador francês Jean Markale resume a estranha explicação do Priorado, segundo o qual Jean de Gisors adoptou este título porque » o título de João I estava tradicionalmente reservado para Cristo,»26 Mas por que razão deveria Cristo ser honrado por ser chamado João?
Lentamente, um novo e provocador quadro começou a emergir, embora fosse necessária uma investigação consideravelmente maior antes que os fragmentos giratórios do caleidoscópio acabassem por se fixar e formar uma imagem compreensível. O centro exacto é o movimento herético conhecido como joanismo, o qual venera realmente João Baptista acima de Jesus, considerando-o mesmo como o «verdadeiro Messias» ou o «verdadeiro Cristo». (A palavra grega Christos, simplesmente uma tradução do Hebraico «Messiah» — ou «o Ungido» — transmitia um significado muito diferente daquele que lhe foi imposto mais tarde pela tradição cristã. Era suposto que o detentor deste divino mandato fosse e se comportasse de formas que eram também radicalmente diferentes da moderna crença cristã.)
Como não tardámos a descobrir, a verdadeira relação entre João Baptista e Jesus Cristo também exige incluir um ousado e empenhado esforço de vontade depois de séculos de ofuscação, encobrimentos e conspiração. Longe de ser uma voz solitária que clamava no deserto, João tinha os seus próprios discípulos: na verdade, a prova é que Jesus começou como um deles. Indiscutivelmente, alguns — talvez a maioria — dos discípulos de João consideravam-no como o Cristo, e nem todos transferiram o seu apoio para Jesus depois da execução de João por Herodes Antipas. Nem há qualquer dúvida de que o movimento de João Baptista continuou a ser rival do de Jesus mesmo depois da Crucificação. De facto, seitas heréticas que veneravam João Baptista são registadas no Médio Oriente, como os dositeístas (segundo o nome de um dos seus líderes, Dositeus], durante mais de cinco séculos depois da fundação do cristianismo.

Tudo isto pode ser encontrado no próprio Novo Testamento ou nas crónicas da Igreja primitiva.
í Embora possa ser desagradável para muitos cristãos, o facto é que [João e Jesus eram rivais, como o eram os seus respectivos discípulos. Este facto contribui muito para responder à pergunta que o investi;ador da verdade fará mais cedo ou mais tarde: por que é Santo Estevão, : não João Baptista, o primeiro mártir do cristianismo? Na verdade, aluns momentos de reflexão revelarão que João não é realmente consierado como sendo verdadeiramente um santo cristão... I Há mais: os discípulos de João — os joanistas — não se extinguiram E no Médio Oriente. De facto, eles sobrevivem até hoje, como a única religião gnóstica existente no mundo, uma seita e um povo conhecidos como mandeístas, que chamam nazarenos aos seus sacerdotes. Até recentemente, o seu refúgio principal eram as terras pantanosas do sul do Iraque e do Irão, o cenário de muita perseguição movida por Saddam Hussein. Embora depois da primeira guerra do Golfo em 1991, muitos se dispersassem por outros lugares à volta do mundo — Florida, Austrália, Holanda e mesmo Londres — a comunidade principal ainda vive no Iraque, centrada na cidade de Nasiriyah (um nome claramente derivado de nazareno).27 Agora, alvo das perseguições dos fundamentalistas islâmicos, os mandeístas também podem esperar pouco auxílio do Ocidente, porque eles também não são cristãos. Veneram João Baptista como o seu grande profeta — e não só rejeitam Cristo como o desprezam absoluta e veementemente como o usurpador do movimento e da legítima liderança de João.28
Os eruditos, de modo geral, estão de acordo em que os mandeístas são os genuínos descendentes dos discípulos imediatos de João Baptista, forçados a deslocarem-se para oriente e para sul por perseguições, primeiro dos cristãos, depois, dos muçulmanos. Embora naturalmente muito mudados depois de quase dois milénios de vida nómada no deserto, eles ainda guardam uma forte memória das suas origens.
Os mandeístas talvez tenham sido conhecidos na Europa apenas desde o século dezoito, mas eles são registados em escritos árabes — incluindo o Alcorão — nos anos intermédios, tornando claro que eles eram a «Igreja de João» que desapareceu dos registos do Ocidente no final do século sexto. De facto, um autor árabe do fim do século oitavo afirma especificamente que os mandeístas descendem dos mesmos dositeístas que são registados como venerando João Baptista ainda no século sexto. E, evidentemente, os mandeístas estavam muito mais disPersos, com comunidades em toda a Terra Santa e no Médio Oriente, ^té, no mínimo, à época das Cruzadas, depois das quais uma vaga de Perseguições muçulmanas os forçou a dirigirem-se para sul.
As provas são esmagadoras: não há dúvida de que o «movimento de João» — os que consideravam João Baptista como o legítimo Messias — sobreviveu no Médio Oriente. A hipótese é que o movimento foi erradicado no Ocidente ou, mais exactamente, no mundo mediterrâneo sob controlo da Igreja primitiva. (Comunidades de adeptos de João estão realmente registados nos Actos dos Apóstolos.) Mas, nesse caso, como poderia Leonardo — e outros, como verificámos — ter tido conhecimento destas crenças na segunda metade do século quinze, quando o mundo árabe estava largamente fechado aos europeus?
Intrigantemente, o joanismo ou reentrou na Europa durante as Cruzadas, quando as comunicações com o Médio Oriente foram reabertas, ou então sobreviveu, profundamente oculto, como uma heresia secreta que usou as Cruzadas como uma oportunidade de ir em busca das suas origens. Concluímos que o mandeísmo — ou joanismo — era o grande segredo de certos grupos como os Cavaleiros Templários.
Mas existem pistas mais aliciantes: certas tradições esotéricas europeias que existiram desde, no mínimo, a viragem do século dezanove, asseguram que os Templários

desenvolveram as suas doutrinas secretas a partir da descoberta de uma seita designada pelos «joanistas do Oriente» ou a «Igreja de João do Oriente». Embora sem provas que as apoiem, evidentemente, as meras tradições não são capazes depravar nada, quando acrescentadas às provas que descobrimos sobre a hipótese de os cavaleiros Cruzados — incluindo os Templários — terem conhecido os mandeístas e absorvido algumas das suas crenças, elas são extraordinariamente intrigantes. E, de forma significativa, o Priorado de Sião não se envergonha de estar associado a estas mesmas tradições. O especialista francês Jean-Pierre Bayard, no seu Cuide to Secret Societi.es and Sects (2004) descreve especificamente o Priorado como uma «Ordem joanista».29

Evidentemente, se o «segredo» do Priorado é que ele é joanista, então é claro que ele é uma organização muito diferente da sociedade secreta descrita em O Sangue de Cristo e o Santo Graal, o qual afirma que ele existe para proteger os descendentes de Jesus Cristo — o grande rival de João!

Foi um momento muito excitante quando compreendemos o verdadeiro significado da nossa questão com o Priorado. O comentário, aparentemente estranho, de Giovanni sobre o facto de os grão-mestres serem sempre chamados João provara ser a chave de alguma coisa de

tão grande importância que, sem a ideia súbita de hipérbole, pode realmente dizer-se que desafia a própria base da religião cristã.

O cisma

Se o Priorado é uma fraude moderna do pós-guerra, como e porque Giovanni nos indicou uma pista que provou ser tão óbvia? Não poderia ser mera coincidência. Evidentemente, Giovanni estivera bastante seguro de que, uma vez indicada a pista, nós descobriríamos provas sólidas para corroborar as suas afirmações. E como não éramos investigadores muito conhecidos naquela época, a sua fé em nós não poderia ter sido baseada nos nossos sucessos do passado. Os factos tinham que falar por si próprios, e quando os encontrámos, eles falaram de forma muito fácil de compreender. A implicação era que, como membro do Priorado, Giovanni já sabia que essas ideias eram verdadeiras. Por conseguinte, o Priorado teve acesso a «informação secreta», historicamente genuína. E, por conseguinte, ele não poderia ser uma fraude moderna — ou poderia?

Não considerando as dúvidas quanto à verdadeira identidade de Giovanni ou à organização que ele poderá ter representado, a pergunta óbvia era: «Por que nos escolheu ele para revelar informação tão sensível e mesmo sensacional?» Teria que ser para próprio benefício do Priorado, não para o nosso. Talvez estivéssemos a ser usados como o canal através do qual a suprema fraude de Leonardo seria finalmente avaliada por aquilo que ela era, e como um meio de encorajar as pessoas a reflectir sobre a heresia joanista — e as suas extraordinárias implicações. Talvez. Mas haveria alguma coisa em todo este caso que beneficiasse o Priorado de forma mais imediata?

Uma razão óbvia era que estas revelações prestariam alguma corroboração independente a favor da existência histórica do Priorado. De modo geral, a reconstrução histórica, baseada nos Dossiers Secretos e apresentada em O Sangue de Cristo e o Santo Graal e em The Messianic Legacy, passara sem grande contestação; a controvérsia centrara-se sobretudo nos elementos religiosos, particularmente na putativa relação entre Jesus e Maria Madalena. No entanto, depois de 1990, começaram vir à superfície as dúvidas sobre a veracidade das pretensões históricas dos Dossiers Secretos. Se o Priorado pudesse provar possuir, ou ter acesso alguma informação secreta — alguma coisa que ninguém no exterior nunca tivesse sabido — acerca de um dos indivíduos que o Priorado reivindica como grão-mestres, talvez isso ajudasse a restabelecer alguma credibilidade.

Pelo menos, era assim que pensávamos nessa altura. Contudo, era impossível sabermos então que havia uma razão muito mais específica para Giovanni nos ter contactado durante os anos 1990-1. O Priorado estava em grande agitação.

Giovanni disse-nos que fazia parte de uma facção cismática — um grupo «dissidente» — no seio da organização. Especificamente, ele disse que acreditava que a actual liderança estava a desviar a organização da sua raison d'être e crenças originais. Queixou-se da interferência da «política» — presumivelmente, lutas internas. De facto, ele disse que, por razões políticas, a liderança estava a tentar «rescrever a sua história.» Aparentemente, era um momento de verdadeiro perigo; durante todo o tempo do seu contacto connosco, ele acentuou que estava a correr sérios riscos pessoais ao fornecer-nos esta informação.

Como seria de esperar, recebemos esta informação com muita cautela — apenas como uma excitação extra para nos encorajar, e uma explicação conveniente para a sua abordagem clandestina. (Como veremos, o Priorado tinha usado realmente falsos cismas como cobertura para as suas mudanças de orientação.) Contudo, embora não estivéssemos conscientes disso durante cerca de dez anos, nesse ponto, pelo menos, ele estava a dizer a verdade. Houvera realmente um grande cisma.

Em 1989, Pierre Plantard (regressando como grão-mestre do Priorado, tendo-se demitido cinco anos antes) alterara completamente o plano secreto. Em carta aos membros e nas páginas do boletim interno do Priorado, Vaincre (Vencer), ele retractou-se da versão da história da Ordem descrita nos Dossiers Secretos. (De facto, Plantard sempre evitara cuidadosamente sancionar directamente os Dossiers, e, embora poucas pessoas ficassem convencidas, ele manteve apenas a «negabilidade plausível» suficiente para não ser punido por esta retractação abrupta.) Substituiu-a por uma história muito menos interessante, mas, seja como for, depois de ter admitido que o original era uma mentira, quem acreditaria em qualquer coisa que ele dissesse?

Agora, Plantard alegava que o Priorado de Sião datava não do século onze, mas do século dezoito; não tinha qualquer ligação com a com a fundação ou a história subsequente dos Cavaleiros Templários; a lista dos grão-mestres, que aparecia nos Dossiers era «falsa» — embora ainda mantivesse que ela estava correcta a partir de 1766. Mas o mais significativo de tudo, Plantard não só se dissociou da teoria da «linhagem sagrada», avançada em O Sangue de Cristo e o Santo Graal, como também a ridicularizou, positivamente.30 (Mais tarde, com maior detalhe, examinaremos as razões que estavam por trás desta abrupta e bizarra mudança de opinião.)

O facto de que Plantard tinha alterado a versão «oficial» das origens t da história do Priorado em 1989, não foi largamente conhecido até ao fim da década de 90, quando as suas cartas e boletins começaram a circular entre os investigadores. Mesmo agora, surpreendentemente poucos entusiastas de O Sangue de Cristo e o Santo Graal parecem ter conhecimento dessa alteração. Mas, naturalmente, há várias implicações de grande alcance.

Primeiro, se tantos acreditam que todo o caso era uma fraude planeada por Plantard, porquê abandoná-la quando ela começava a dar bons resultados? Afinal, milhões de leitores em todo o mundo tinham aceitado todas as alegações dos dois livros de Baigent, Leigh e Lincoln — o desdém dos historiadores e dos genealogistas não influenciaram os seus entusiastas mais devotados. Embora esse fosse o momento exacto para explorar a história e tirar dela a maior vantagem possível, Plantard não só recuou como também se dissociou dela, tanto ele próprio como a sociedade à qual ele alegava presidir.

Paul Smith sugeriu que a mudança de imagem de 1989 fazia parte de um regresso intentado por Plantard, mas isso faz nenhum sentido.31 Plantard nunca se tinha realmente afastado, e embora ele já tivesse vendido a sua fraude a uma enorme

audiência mundial, agora ele estava, aparentemente, a inventar uma nova história contraditória que denunciava efectivamente a primeira versão como uma mentira!
Seja como for, a nova versão restringia-se, no princípio, a uma pequena audiência, suscitando outra pergunta intricada. Se o Priorado não tinha nenhum membro (além dos conspiradores, companheiros de Plantard) a quem se dirigiam aquelas cartas e os seus boletins que eram postos em circulação?
Por fim, este espantoso volte-face fornece uma explicação convinCente para o súbito aparecimento de Giovanni nas nossas vidas. Plantard unha fomentado uma nova estratégia, substituindo a «história invenada» — incluindo a lista do grão-mestres — que fora cuidadosamente °nstruída e mantida durante uns vinte anos, substituindo-a por algo ^uito diferente. Se os membros individuais não concordassem com a , udança de estratégia, talvez tentassem enfraquecê-la tornando púCa informação que sustentava a «história inventada» original, estilando um novo ímpeto. A maneira mais óbvia de o fazer era parecer «revelar» mais alguns dos segredos supostamente antigos do Priorado a investigadores independentes, cuidadosamente escolhidos, da mesma forma que Plantard recorrera a Baigent, Leigh e Lincoln. (O padrão e basicamente o mesmo: os autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal já prosseguiam a sua investigação quando Plantard entrou em cena e lhes deu, dependendo do ponto de vista de cada um, informação ou desinformação que lhes indicava uma direcção particular.) O nosso próprio «informador» do Priorado parecia mostrar que a organização possuía realmente informação sobre um dos seus históricos grão-mestres — que aparecia na lista que Plantard agora renegava.
Mas, novamente, havia uma pergunta óbvia: como poderia uma organização fictícia, sem nenhum membro, sofrer um cisma?
Uma mudança de percepção
Depois de O Segredo dos Templários, mudámos — ou melhor, clarificámos — a nossa opinião sobre o Priorado de Sião. A nossa experiência sugeria que o conjunto dos seus membros ultrapassava os limites de Pierre Plantard e o seu círculo imediato: havia não só o próprio Giovanni como também os dois britânicos que ele tinha mencionado, cuja qualidade de membros pudemos corroborar — ou, no mínimo, como membros de alguma sociedade esotérica semelhante. Mas o facto de sermos capazes de indicar um pequeno número de membros não provava que o Priorado fosse verdadeiramente uma antiga sociedade secreta, ou pudesse responder a perguntas reais sobre algumas das suas pretensões históricas.
Em O Segredo dos Templários mantivemos uma posição neutral entre o Priorado como uma criação moderna e como uma organização mais antiga, da qual algumas pretensões históricas foram confirmadas Especulámos que talvez tivesse existido uma sociedade histórica e secreta — não necessariamente auto-intitulada Priorado de Sião — e que o moderno Priorado tinha acesso a alguns dos seus arquivos. O cenário apresentava uma resposta simples e inteligente, mas, infelizmente, não nos era possível saber se era correcta ou não.
No entanto, quanto mais investigávamos, mais começávamos a favorecer outra conclusão, uma que explicava melhor as aparentes contradições. Ocorreu-nos que o Priorado de Sião, como tal, é uma invenção moderna, mas que foi criado como uma «fachada» para outras sociedades que são conhecidas entre as sociedades secretas político-ocultistas da Europa. Resumimos esta ideia na edição revista de The Turin Shroud — In Whose Image?,32 e, desde então, elaborámos sobre ela várias opiniões.
Essencialmente, mudámos a nossa opinião porque sabíamos, pelo nosso estudo das origens de várias ideias esotéricas e tradições cruzadas nos Dossiers Secretos (os detalhes serão apresentados mais tarde), que o Priorado estava ligado a outras

sociedades secretas já conhecidas dos investigadores — e isso remonta, se não às Cruzadas, pelo menos há 250-300 anos. Este cenário foi reforçado quando descobrimos associações específicas entre estas sociedades e indivíduos ligados a Plantard e ao Priorado.
As provas podiam apontar para uma de duas direcções: ou o Priorado estava por trás dessas outras sociedades (isto é, eram fachadas para o Priorado), ou estas sociedades apoiavam o Priorado. No meado dos anos 90, quando escrevíamos O Segredo dos Templários, estávamos inclinados para a primeira opção, mas a investigação posterior fez-nos acreditar que a última hipótese estava correcta. De forma significativa, outros investigadores, independentemente e por razões muito diferentes, foram arrastados para conclusões semelhantes. Explicaremos como e porque chegámos a esta conclusão, à medida que a história se for desenvolvendo.
Tesouro internacional
Grande parte da história e das tradições do Priorado — como as de muitas sociedades semelhantes — dão lugar de relevo aos Cavaleiros Templários; portanto devemos ser cuidadosos, desde o princípio, em separar os factos (tal como são) da enorme quantidade de ficção extremamente elaborada.
Hoje, muitas pessoas conhecem os vários mistérios — verdadeiros ou imaginados — que rodeiam os Templários, principalmente através de duradoira atracção exercida na cultura popular. Por exemplo, eles têm um papel importante no filme de 2004, National Treasure, no qual eles são descritos como os guardiões de um grande tesouro e os progenitores da Maçonaria, mas esses são apenas dois dos segredos a que eles foram associados...
Há genuínos mistérios e incertezas quanto à Ordem do Templo, o que não é surpreendente dado o mistério com que ela cuidadosamente se rodeou ao longo de dois séculos de existência. Na verdade, o mistério envolve virtualmente tudo acerca dos Cavaleiros Templários, desde as suas origens até ao seu dramático desaparecimento.
A Ordem foi fundada nos anos seguintes à Primeira Cruzada, que conquistou Jerusalém e grandes partes da Terra Santa, embora haja uma considerável incerteza quanto às exactas circunstâncias em que a Ordem começou. A criação dos Templários é geralmente datada de 1118, mas as evidências sugerem que foi realmente um ano depois que nove cavaleiros franceses, comandados por Hugues de Payens, o primeiro grão-mestre dos Templários, fizeram um voto de proteger as rotas de peregrinação na Terra Santa — uma função largamente considerada, por razões puramente práticas, como uma história inventada.
A fundação formal dos Templários ocorreu uma década depois, em 1128, quando — sob o patrocínio do inacreditavelmente poderoso Bernardo de Claraval, o chefe da Ordem de Cister e o verdadeiro poder por trás do trono papal — a Ordem recebeu a sua própria Regra, baseada na Ordem de Cister, que foi depois aprovada pelo Papa Inocêncio in. Foi então que receberam as suas insígnias e uniforme distintivo — a túnica branca, à qual foi depois acrescentada a cruzpatesca vermelha — e adoptaram o seu nome formal, os Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão (Ordo Pauperum Commilitonum Ckristii Templique Salomonici), ou simplesmente Templários, para abreviar. (O título resulta do facto de que a Hughes e aos seus companheiros foram cedidas instalações na mesquita de al-Aqsa em Jerusalém, então considerada — incorrectamente — como tendo sido o lugar do Templo de Salomão.)
Muito literalmente, os Templários eram monges guerreiros, fazendo os usuais votos monásticos de pobreza, castidade e obediência, e de viver a vida religiosa em todas as outras formas — excepto quando tinham uma dispensa especial para combater e derramar sangue. E foi no aspecto militar da sua vocação que eles depressa se

distinguiram, tornando-se mesmo nas absolutamente aterradoras forças especiais da sua época.
A Ordem tornou-se também incrivelmente rica, porque reis e nobres de toda a Europa queriam fazer-lhe concessões de terras e de propriedades. E o seu papel e actividades ultrapassaram o aspecto puramente militar: como os peregrinos e os nobres ricos lhes confiavam dinheiro por uma questão de segurança, os Templários desenvolveram grande parte do que se tornou no sistema bancário internacional. Guerreiros, eclesiásticos influentes, protótipo de banqueiros e diplomatas, eles gozavam de uma importância na Europa e na Terra Santa dos séculos doze e treze que é impossível sobrestimar; a Ordem era a mais poderosa instituição depois da própria Igreja, e aparentemente intocável. Mas o orgulho, do qual os Templários possuíam uma superabundância, depressa iria precipitar uma grande queda...
Em consequência de uma conspiração maquinada pelo Rei de França Filipe IV («o Belo»), a completa ruína dos Templários chegou súbita, brutal e catastroficamente. Os representantes locais em todo o seu reino receberam ordens seladas para atacar, subitamente e sem aviso, todas as propriedades templárias no dia 13 de Outubro de 1307, prendendo todos os cavaleiros. Filipe alegou que tinha descoberto que os Templários, a Ordem que existia unicamente para proteger e lutar pela Cristandade, era, na realidade, um antro de heresia e de culto demoníaco. Os Cavaleiros foram acusados de actos blasfemos, negando Cristo, cuspindo e pisando a cruz nas suas reuniões do capítulo, assim como de homossexualidade institucionalizada. Dizia-se que eles veneravam um ídolo chamado Bafomé, sob a forma de uma cabeça decepada. Eventualmente, após um demorado julgamento, a Ordem foi dissolvida pelo Papa Clemente V em 1312 e, dois anos depois, o último grão-mestre, Jacques de Molay, além de outros líderes, depois de ter definhado na prisão durante sete anos, foi lentamente queimado na fogueira até à morte, na lie de Ia Cite, perto da Catedral de Notre-Dame, no centro de Paris.
Embora há muito tempo se acredite que as acusações contra eles foram forjadas, e que Filipe queria apenas apoderar-se das suas riquezas, as mais recentes investigações históricas indicam que — fosse qual fosse a verdade das acusações contra os Templários — o próprio Filipe acreditava realmente nelas. Mas ainda que a ambição do dinheiro fosse o seu motivo, ele foi notavelmente mal sucedido. Quando o papa dissolveu a Ordem, ele ordenou que as suas propriedades e bens fossem entregues aos seus rivais, os Cavaleiros Hospitalários (propriamente, a Ordem do Hospital de São João de Jerusalém, hoje a Ordem de Malta). E o grande tesouro dos Templários em Paris, conhecido como o Templo, foi encontrado quase vazio quando os homens do Rei forçaram a entrada, alimentando teorias — como foi apresentado em National Treasure — de que pelo menos alguns Templários sabiam dos ataques iminentes e, como por encanto, fizeram desaparecer o seu tesouro. Segundo a maior parte destas teorias, o tesouro não era apenas de grande valor material, mas incluía objectos sagrados — talvez a Arca da Aliança, ou mesmo o Santo Graal.
O mistério final diz respeito ao destino dos Templários depois da Ordem ter sido dissolvida. Ela continuou, secretamente, a prosseguir a sua agenda? Ou talvez os Templários mantivessem uma existência clandestina para se vingarem das duas instituições — a monarquia francesa e a Igreja de Roma — que tão brutalmente puseram fim aos seus dias de glória. Outra teoria agora famosa é que a Maçonaria emergiu da sociedade secreta fundada pelos Templários.
(Apesar da percepção popular de que todos os membros da ordem tivessem sido presos, torturados, massacrados, de facto, apenas um pequeno número de Templários foi executado ou morreu devido a tortura — cerca de 150, no total. A grande maioria —

mais de 90 por cento, equivalente a cerca de 14.000 pessoas, incluindo 1000 cavaleiros — ficou em liberdade. Na forma paradoxal da justiça eclesiástica medieval, apenas os que afirmaram a sua inocência foram julgados e condenados à morte ou ao aprisionamento, os que admitiram as acusações foram absolvidos dos seus pecados e libertados. Fora da França, a maior parte dos Templários nem chegou a ser interrogada, quanto mais torturada para obter confissões e — como ainda estavam sujeitos aos seus votos — foi-lhes permitido ingressar noutras ordens de cavalaria ou monásticas. Em Espanha e Portugal*, a Ordem, basicamente, mudou o seu nome e continuou como habitualmente.)

Na França actual, as novas sociedades secretas compreendem que não têm nenhuma possibilidade de serem levadas a sério a não ser que reivindiquem alguma ligação intrigante com os Templários medievais — geralmente, mais imaginada do que real.

Compreender o espírito francês

Essencial para uma compreensão da história do Priorado de Sião é o reconhecimento de que ele não é predominantemente ocidental, nem mesmo europeu, mas decididamente francês. Muitos investigadores britânicos e americanos afastam-se muito do objectivo ao tentar julgar factos e acontecimentos segundo os critérios dos seus próprios países e culturas. Anglo-saxões, tenham cuidado: se quiserem compreender o Priorado, têm que olhar através de olhos franceses — como depressa aprendemos.

Além disso, descobrimos que a história do Priorado de Sião está intimamente ligada a alguns dos mais importantes acontecimentos

* Em Portugal a Ordem passou, pela mão de D. Dmis, a ser chamada de Ordem de Cristo, vindo a ter uma grande influência nos Descobrimentos. (N. do E.)

[políticos e sociais da moderna história francesa — particularmente ao grande trauma da ocupação nazi durante a Segunda Guerra Mundial, desde 1940 até 1944.

A França, como alguns outros países da Europa, como a Itália, é mais propensa a conspirações do que a Inglaterra ou os Estados Unidos (embora ambos pareçam estar a alcançá-los rapidamente). Este espírito é devido à longa história de conspirações e cabalas secretas da França, consequências das suas múltiplas lutas históricas pelo poder, particularmente depois que a nação se polarizou entre republicanos e monárquicos a seguir à Revolução Francesa do fim do século dezoito e ao Império de Napoleão. As sociedades secretas são levadas muito mais a sério em França do que consideradas como meras fontes de entretenimento elegante, como elas tendem a ser no Reino Unido ou nos Estados Unidos. De facto, sociedades secretas de todo o género — religioso, político, criminal e ocultista — desempenharam um papel nada insignificante na sociedade francesa durante séculos.

Na Europa continental, também existe um mundo secreto e misterioso onde grupos de extrema-direita, crime organizado, agências de segurança e de serviços secretos, e sociedades «iniciáticas» se encontram e se fundem. Provavelmente, o exemplo mais famoso encontra-se na Itália: a loja maçónica P2 (Propaganda Due) — com a qual o Priorado de Sião esteve associado — é, provavelmente, o mais célebre devido ao seu envolvimento no colapso do banco do Vaticano, o Banco Ambrosiano, que levou ao assassínio do «Banqueiro de Deus», Roberto Calvi, em Junho de 1982, em Londres.

No seu auge, a P2 tinha um número de membros que ascendia a cerca de 1000, que incluía mais de quarenta membros do parlamento italiano, três ministros do governo, os chefes do Exército, Marinha e Força Aérea, e os chefes dos serviços secretos e da contra-espionagem, além de juizes, polícias e muitos homens de negócios e banqueiros. com um conjunto de membros tão majestoso, a loja P2 tornou-se uma espécie de governo-sombra, com o seu fundador e grão-mestre, Licio Gelli, (embora não eleito e desconhecido do grande público), Um dos homens mais poderosos da Itália — mesmo

da Europa. O grupo tinha ligações com grupos terroristas de extrema-direita, a Máfia e a CIA — que partilhava o objectivo da P2, o de eliminar os Qomunistas italianos — e pode ter sido o canal através do qual a CIA canalizava fundos para grupos anticomunistas. (Foi sugerido que a ^IA, de facto, criou a P2, mas as suas origens são demasiado obscuras Para, de alguma forma, podermos ter a certeza.)
56
Outro exemplo do funcionamento deste mundo duvidoso é uma organização chamada Serviço de Acção Cívica (Service d'Action Civique, ou SAC), que pode ter tido alguma ligação com o Priorado de Sião. O SAC emergiu do «service d'ordre» — um grupo interno, responsável pela disciplina e segurança partidárias — do Reagrupamento do Povo Francês (Rassemblement du Peuple Français) do general de Gaulle, nos anos imediatos do pós-guerra. O service d'ordre era formado por antigos membros da Resistência e do exército, da polícia e agentes dos serviços de informações, todos absolutamente dedicados ao general, e foi originariamente fundado para proteger candidatos gaullistas e garantir a segurança nos encontros e comícios do RPF.
Quando de Gaulle dissolveu o RPF no princípio de 1953, o seu service d'ordre também deixou de existir — oficialmente, pelo menos. Mas, na realidade, os seus membros formaram uma rede clandestina que provocava agitação e conspirava para repor de Gaulle no poder, incluindo tentativas para desestabilizar a Quarta República, o que conseguiram em 1958. Uma vez no poder, em Janeiro de 1960, de Gaulle estabeleceu formalmente o SAC, que depressa se tornou numa peculiar organização semi-oficial: efectivamente, uma agência de segurança estatal com amplos poderes e uma estreita ligação com outros serviços de segurança e da polícia, a qual, no entanto, devia o seu apoio apenas a um único partido e credo políticos.
Descrito como a «guarda pretoriana do movimento gaullista», 33 o SAC existia essencialmente para proteger de Gaulle e mante-lo no poder, o que significava manter uma apertada vigilância sobre os seus adversários políticos e, onde necessário, enfraquecê-los ou desacreditá-los, frequentemente usando truques desleais e campanhas de difamação. Mais importante, o aparecimento da Organização do Exército Secreto (Organisation d'Armée Secrète, ou OAS), terrorista e anti-de Gaulle — composta por oficiais do exército na reserva ou no activo que juraram vingar-se do general por este ter concedido a independência à Argélia em 1962 — ofereceu ao SAC um inimigo importante, que ameaçava de Gaulle e a segurança do estado, contra o qual se lançar. No auge, é suposto que o SAC contaria com uma força de 30.000 homens, e estava organizado aos níveis regional e local em toda a França.
Apesar do seu papel ser muito contestado, e do facto de que a sua existência era uma questão de registo público — publicou mesmo a sua própria revista, Service d'Actíon Civique — despertava muito pouca atenção, e muitos franceses não tinham conhecimento da sua exis-
í
tência. De Gaulle nunca o referiu nas suas memórias e poucos dos seus biógrafos ou outros políticos gaullistas importantes o mencionam.
Contudo, quando de Gaulle deixou o cargo em 1969, o SAC começou a perder o seu sentido de finalidade. Embora continuando a proteger outros políticos gaullistas e o ideal do próprio gaullismo, começou a andar ao sabor das circunstâncias — perigosamente. Muitos políticos, particularmente o ministro do Interior Raymond Marcellin, desconfiavam desta organização imprevisível, procurando qualquer oportunidade para lhe limitar o poder ou mesmo extingui-la. Perdeu membros e financiamentos. Mas verifica-se sempre uma situação volátil quando uma organização

bem estruturada e semiclandestina perde a sua raison d'être] inevitavelmente, ela encontrará outras saídas para preencher o vazio.
Em certas áreas, como Marselha, o SAC já tinha ligações com grupos de crime organizado. Mas a relação entre eles começou a tornar-se menos clara, com alguns membros do SAC a tirar o maior partido das oportunidades proporcionadas pela sua cobertura para se entregarem a lucrativas actividades criminosas, como o tráfico de droga e de armas. Mas, para o olhar anglo-saxónico, eles formavam uma série de associações muito mais estranhas.
Em 1970, o Sac estabeleceu uma operação ainda mais clandestina, para ser usada para tarefas que requeriam maior secretismo e negação plausível, no caso de alguma coisa correr mal. Fizeram isso sob o título aparentemente inócuo de Estudos Técnicos e Comerciais (ÊtudesTecniques et Commercials, ou ETEC), sob o controlo de Charly Lascorz. De facto, o ETEC trabalhava em estreita colaboração com os departamentos de informações da polícia e com o Ministério do Interior, e com o equivalente francês do MI5, a Direcção de Segurança Interna [Direction de Ia Surveillance duTerritoire, ou DST).Com o objectivo principal de se infiltrar nas organizações políticas, Lascorz iniciou uma dessas operações contra o que parecia ser um alvo improvável. Das múltiplas organizações actuais que se proclamam herdeiras dos Cavaleiros Templários medievais — quer literalmente, quer como perpetuadores dos seus ideais originais — a maior e a mais influente, com Grandes Priorados em muitos países, é a Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém (SMOTJ). O ETEC conseguiu infiltrar-se no Priorado francês da SMOTJ manipulando a eleição do seu candidato, o general Antoine Zdrojewski, antigo chefe da resistência polaca em França, como novo grão-pnor. Mas era Lascorz quem dava os ordens.34
Havia várias razões para se infiltrarem nos Templários. Como a SMOTJ
59
tinha tendência para atrair os escalões mais altos da sociedade — os patrões — por sua vez, ela podia ser usada para se infiltrarem na policia, no Exército, nos meios de comunicação social, etc. Na verdade, segundo François Audigier, autor de um extenso estudo do SAC, a SMOTJ já tinha ligações com vários serviços de informações.35 Mas era também uma fonte de financiamentos — era suposto que os novos recrutas da SMOTJ pagassem generosamente as suas honras e insígnias, dinheiro que financiava tanto as operações da ETEC como o estilo de vida de Lascorz. (A sua secretária e namorada era uma antiga Miss França.) Depois, como o relato de 1982 Às Ordens do SAC (Aux orares du SAC] da autoria do jornalista Serge Ferrand e do antigo agente da ETEC Gilbert Lecavalier, explica: «A "nobilitação" da ETEC pela Ordem dos Templários marcou o início de um caminho para uma frenética desordem geral que encontraria expressão numa inacreditável sucessão de fraudes.»36
Além de enriquecer, Lascorz defendia ideias de direita e não tinha escrúpulos em usar tanto o ETEC como a SMOTJ para promover a sua muito questionável ideologia. Em Abril de 1971, fundou a União para a Defesa das Liberdades e dos Direitos (Union pour Ia Défense dês Libertes et dês Droits), descrita por Audigier como «uma mistura explosiva de um partido embrionário de extrema-direita e Maçonaria Templária.»37 Esta, por sua vez, forjou ligações com outros grupos de extrema-direita em toda a Europa, particularmente na Alemanha — usando a rede já existente da SMOTJ, segundo Lecavalier.
No entanto, Lascorz foi vítima de si próprio: os adversários do SAC no governo aproveitaram imediatamente a oportunidade para lhe dar uma lição usando o ETEC como exemplo. Lascorz foi preso — fugiu, mas foi novamente preso em Espanha e

extraditado — e condenado a três anos de prisão por fraude (embora cumprisse menos de metade da pena).
A natureza muito complicada deste caso é confusa, mas é típica desse mundo misterioso. O SAC cria uma organização de fachada, a ETEC, que se infiltra e toma o controlo da SMOTJ, que é então usada para infiltrar outras organizações. Típica é também a mistura de várias agendas organizacionais e pessoais: a função oficial do SAC é proteger o Gaullismo; as ambições políticas de Lascorz; os objectivos dos grupos de extrema-direita, e os ideais templários da SMOTJ, além da óbvia criminalidade para financiar as outras agendas.
O SAC sofreu um declínio ainda mais acentuado — basicamente, tornando-se irrelevante para a política francesa, envolvendo-se ainda mais no crime e nas actividades da extrema-direita militante — depois
da chegada de Valéry Giscard d'Estaing à Presidência, em 1974. O caso tornou-se muito complicado quando, na noite de 17-18 de Julho de
1981, em consequência de uma luta interna, um antigo membro do SAC e inspector da polícia, Jacques Massié (também um suposto Templário da SMOTJ), foi morto a tiro, assim como a sua mulher, um filho de oito anos e três outras pessoas, na sua casa de Auriol, na Provença.
Õ resultante inquérito oficial ao SAC, que foi comunicado ao Parlamento em Maio de 1982, concluiu que a organização — ainda com cerca de 4600 membros — estava profundamente envolvida em actividades criminosas, citando 120 exemplos que variavam entre falsificação e tráfico de droga até à prostituição, e apresentando detalhes das suas ligações com onze homicídios ou tentativas de homicídio. Embora o Presidente Mitterrand ordenasse a sua dissolução em Julho de
1982, o SAC pode não ter acabado ali: vários analistas acreditam que ele continua a existir — ainda mais secretamente
O SAC e a P2 são apenas dois exemplos daquelas interligações muito suspeitas e complexas, que são muito semelhantes ao mundo em que o Priorado de Sião opera.
Aceitar o ocultismo
Em França, outra importante diferença cultural é que o «oculto» — o que preferimos chamar o esotérico — é encarado com muita reverência, e é ainda mais proeminente na vida quotidiana do que na monótona e cínica Inglaterra, como um olhar pela secção do ocultismo de qualquer livraria francesa poderá revelar. No Reino Unido, a secção de «Mente, Corpo e Espírito» dos grandes livreiros incluirá sobretudo títulos «desinfectados» da «New Age»: os compradores mais empenhados têm que patrocinar uma das excelentes lojas da especialidade, como a Atlantis ou a Watkin's Bookshops de Londres; em França, livros e revistas que tratam das mais abstrusas formas de esoterismo estão niais facilmente disponíveis — e são disputados por multidões de avidos ocultistas. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, os que buscam
0 estudo das disciplinas metafísicas, ou que talvez tenham interesse na alquimia ou na magia ritual, tendem a ser considerados quer como Pessoas excêntricas, quer como os que se movimentam num campo ^'stintamente misterioso, mas, para os Franceses, alquimistas e magos ttuais são geralmente mais aceitáveis — quase, nalguns círculos, °nsiderados como pessoas que se dedicam a um passatempo.
60
61
Há muito tempo que é assim. Nos salões parisienses do fim do século dezanove e princípio do século vinte, os mundos da arte e do ocultismo combinavam-se sem espaço intermédio. A presença nas lista dos grão-mestres do Priorado de Sião de famosos escritores e músicos franceses, como o romancista Victor Hugo e o compositor Claude

Debussy, ainda tende a surpreender os leitores britânicos. Imaginemos a sensação se fosse revelado que, digamos, Charles Dickens, Edward Elgar ou Gilbert e Sullivan tivessem presidido a uma sociedade secreta britânica algo suspeita! (Os acontecimentos inocentemente hilariantes do Pickwick Club e do Mikado pareceriam subitamente muito mais sinistros.) Mas, em França, essa associação quase não justifica um encolher de ombros gaulês. Os romancistas, poetas, artistas e compositores franceses do século dezanove e princípio do século vinte estavam impregnados de ideias esotéricas [já conhecemos Maurice Barres). Uma celebridade de importância directa para a história do Priorado de Sião é a internacionalmente famosa cantora de ópera Emma Calvé (1858-1942), que era também uma estrela do mundo esotérico parisiense, e entusiástica amante de vários dos seus proeminentes membros. (No entanto, talvez isso fosse apenas uma questão de imagem. As pessoas importantes nos círculos sociais britânicos e americanos, como a herdeira da companhia de navegação Emerald Cunard, que era uma amiga muito íntima do abominável mágico ritualista britânico Aleister Crowley, também passavam elegantemente do salão artístico para o templo mágico através de uma sucessão de camas amarrotadas.)

Embora um pouco menos abertamente reconhecido, em França, um interesse nas questões esotéricas estende-se mesmo ao mundo realista da política (mas, novamente, é sobretudo uma questão de imagem — muitos políticos britânicos e americanos notáveis também procuraram satisfazer os seus interesses não ortodoxos; por exemplo/ nos Estados Unidos, Henry A. Wallace, vice-presidente da administração Roosevelt, participou em investigações parapsicológicas, enquanto no Reino Unido, Arthur Balfour, primeiro-ministro no princípi° do século vinte, era um fervoroso entusiasta do Espiritismo).

Outra importante diferença de concepção centra-se — imagine-se -~ no movimento do Escutismo. Os investigadores de língua inglesa têm-se condescendentemente divertido com os comentários feitos em FranÇ3 sobre o Priorado de Sião de 1956 e os primeiros grupos de Plantard, n° quais os seus objectivos, e mesmo algumas das suas regras e regu lamentos, eram comparados aos das organizações juvenis, sendo o Escuteiros o equivalente inglês mais próximo.38 Infelizmente, neste Ia”

do Canal, os Escuteiros são frequentemente considerados como uma espécie de brincadeira, enquanto na América, o «Escuteiro» é o exemplo típico do inocente ingénuo, um impopular objecto de sofisticado desdém.

Contudo, em França, especialmente nos anos turbulentos de 1930,

40 e 50, os movimentos juvenis eram levados realmente muito a sério. Facções políticas de todos os extremos criaram os seus próprios grupos juvenis para doutrinar a geração seguinte com as suas próprias ideologias. Durante a ocupação nazi da França e o regime colaboracionista da área de Vichy, quando vários grupos políticos tentavam conquistar a posição mais vantajosa, a partir da qual tomar o controlo da França depois da Libertação, as organizações juvenis eram vitalmente importantes. E, como a Juventude Hitleriana, estas não eram grupos inconsequentes, obcecados com actividades extravagantes ou antiquadas. Estes rapazes eram treinados para exercerem um efeito real no mundo exterior, real e positivo.

(Significativamente, em 1912, a revista francesa católica Revue International dês Societés Secrètes — uma espécie de cão-de-guarda das sociedades secretas reais ou imaginadas — condenou o próprio movimento dos Escuteiros de Baden-Powell como profundamente suspeito e potencialmente subversivo.)39

E no cenário de uma mistura quase casual de ocultismo e política que podemos começar a nossa investigação do Priorado de Sião. Contudo, para descobrir os seus verdadeiros motivos e crenças, temos que voltar ao princípio — ou, pelo menos, à data mais antiga

em que as provas documentais verificáveis inequivocamente revelam que a sociedade existe. Inevitavelmente, haverá surpresas e não poucos sobressaltos...

CAPÍTULO 2

POR DETRÁS DO TRONO

Enquanto os cépticos fazem um esplêndido trabalho rejeitando o que querem ao mesmo tempo que tentam libertar-se do que não querem, tendo descoberto a aparentemente descarada capacidade do Priorado de Sião para omitir factos importantes, nós verificámos que o Priorado é ainda digno de estudo, tal como o seu chefe nominal, Pierre Plantard. No que ele e os seus associados se ocuparam durante a Segunda Guerra Mundial mostrar-se-á particularmente intrigante. Mas primeiro, examinemos o nascimento oficial do Priorado de Sião.

Em 7 de Maio de 1956, a subprefeitura de Saint-Julien-en-Genevois no département (região administrativa) de Haute-Savoie, na fronteira com a Suíça, não longe de Genebra, recebeu o pedido de registo1 de uma «associação» que se intitulava o Priorado de Sião, com o subtítulo de CIRCUIT. O requerimento estava assinado pelo seu Presidente, André Bonhomme, de 21 anos, correspondente de imprensa, que também declarou o seu pseudónimo de Stanis Bellas, e pelo seu secretário-geral, Pierre Plantard (que se intitulava «Chyren» — um nome retirado das profecias de Nostradamus), que indicou a sua profissão como jornalista. A sede desta, até então desconhecida, associação foi declarada ser uma casa chamada «Sous-Cassan» nos arredores da cidade vizinha de Annemasse — de facto, o próprio endereço de Plantard. Os formulários de registo incluíam dois outros membros: um vice-presidente, Jean Deleaval, um desenhador francês que vivia em Genebra, e um tesoureiro, Armand Defago, um técnico também da cidade de Plantard. O registo do Priorado de Sião foi formalmente anunciado no Joumal officiel do governo em 25 de Junho de 1956 — com a sua breve, e possivelmente não plausível, descrição dos objectivos da sociedade: «estudo e assistência mútua». Seria difícil parecer mais desinteressante.

«Uma tempestade num copo de água»

Dos quatro «membros-fundadores» do Priorado de Sião, além de Plantard, só o Presidente, André Bonhomme, foi identificado. Sempre reticente e evitando a publicidade, ele parece não ter mantido, depois de 1 956, mais nenhuma ligação com o caso até Agosto de 1 973, quando escreveu para a subprefeitura de Saint-Julien declarando que se demitira de presidente da «Associação do Priorado de Sião».3

Em 1996, Bonhomme declarou à BBC: «O Priorado de Sião já não existe. Nunca estivemos implicados em nenhuma actividade de natureza política. Tratava-se de quatro amigos que se reuniram para se divertirem. Intitulámo-nos o Priorado de Sião porque havia uma montanha com esse nome nas proximidades. Não vejo Pierre Plantard há mais de vinte anos e não sei o que ele anda a fazer, mas ele sempre teve uma grande imaginação. Não sei porque tentam as pessoas fazer uma tempestade num copo de água».4

Fazendo uma crítica completamente desfavorável a Plantard com aquele comentário sobre a «grande imaginação», a resposta agressiva de Bonhomme certamente que é um protesto exagerado. Seja como for, tudo depende da definição de «divertimento» de cada pessoa. Seria esta declaração, como tantas outras associadas com o Priorado, uma dupla simulação, desinformação cuidadosamente construída e destinada a manter afastados todos excepto os investigadores mais obstinados?

Como a lei francesa exige que uma cópia da constituição e regras seja depositada na subprefeitura, para estar disponível para inspecção pública, o Priorado de Sião enviou

uma cópia dos seus estatutos juntamente o seu registo. Como seria de esperar, eles constituem uma leitura interessante. Explicam que o subtítulo de CIRCUIT representa «Chevalerie d'Institution et Règle Catholique et d'Union Independente Iraditionaliste» (Cavalaria de Instituição e Regra Católica e de União Independente Tradicionalista). O boletim da sociedade seria chamado Qrcutí.5
O seu objectivo era: «A constituição de uma Ordem Católica, desuiada a restaurar numa forma moderna, ao mesmo tempo que maninha o seu carácter tradicionalista, a antiga cavalaria, a qual, através °s seus actos, promovia um ideal altamente moralizador e o elemento e constante aperfeiçoamento das regras da vida e da personalidade a.» Na busca deste ideal, o objectivo mais imediato da sociedade
a rundar «um Priorado», que serviria como centro de estudo, medi-
64
65
tacão, repouso e oração, na vizinha montanha de Sião. Esta é a primeira explicação do nome «Priorado de Sião» — e parece muito fácil de compreender, mas as aparências podem iludir. A sua localização escolhida, o Col du Mont de Sion, é um pico muito modesto de 785 metros de altura, a cerca de 30 km da casa de Plantard em Annemasse, e í 8 km de Saint-Julien.
Os estatutos declaram que a qualidade de associado está aberta a todos os católicos com mais de vinte e um anos (então, a maioridade em França) que partilhem os seus objectivos. Uma vez admitido no Priorado, o recém-chegado enfrentava nove graus, cada um com um riúmero máximo de membros três vezes superior ao grau imediato, dando o total de um potencial número de membros de 9841. (Embora os críticos considerem este número demasiado exagerado, os estatutos iiunca alegaram que a sociedade tivesse realmente todos aqueles itiembros. Era apenas um limite preestabelecido.) O grau mais elevado ^- o equivalente a grão-mestre — é Nautonnier, «navegador» ou «tiinoneiro». (Depois, os graus tornam-se notavelmente mais cavaleirescos: Senescal, Condestável, Comandante, Cavaleiro, Escudeiro, Valoroso, Cruzado e Noviço.) Como nas sociedades esotéricas mais liem regulamentadas, os graus do Priorado são extraordinariamente complexos, estando organizados em 729 Províncias, 27 Comendadorias e um género de conselho executivo chamado «Arche Kyria», formado pelos quatro graus superiores — ao todo, 40 membros.
No entanto porquê «Priorado» e porquê «Sião»? Sendo agora tão sugestivo para milhões de pessoas em todo o mundo, parece inacrecjitável que o Priorado de Sião tivesse outra criação que não fosse uma criação mágica — embora os factos, apesar de tipicamente complexos e mesmo contraditórios, sejam algo diferentes. Como vimos, o primeiro objectivo da sociedade era apenas criar um priorado de género monástico na Montanha de Sião. C'est tout.
A explicação transmutara-se em algo mais rico e estranho na altura etn que ele apareceu nos Dossiers Secretos, dez anos depois do registo, /gora, dizem-nos que o Priorado recebeu o nome da Abadia de Note-Dame de Sion, fundada em Jerusalém em seguida à Primeira Cruzada — muito mais histórico e romântico! Evidentemente, isto pode ser apenas uma típica criação do mito do Priorado, aproveitando cutro «Sião», mais sedutor, para corresponder aos seus objectivos. NO eitanto, descobrimos provas (que serão discutidas mais tarde) de que o, criadores do Priorado tinham a abadia de Jerusalém em mente logo <jesde o princípio.6 Nesse caso, ou o vizinho Col du Mont Sion era
apenas uma coincidência ou, menos provavelmente — a sociedade, deliberadamente, instalou-se naquela área porque havia uma montanha C0m um nome conveniente nas proximidades.

Há um intrigante paralelo literário: a criação de um refúgio monástico numa montanha chamada Sião parece ter sido inspirada pelo romance de Maurice Barres, La coline inspirée, o qual, por sua vez, foi inspirado nas actividades da vida real dos irmãos Baillard em Sion-Vaudémont, na Lorena (descrito no último capítulo). O jogo começara.
A própria palavra «Priorado» é uma estranha escolha de nome para uma sociedade, mais vulgarmente usada para descrever uma subdivisão de uma sociedade ou de uma ordem, muitas vezes geográfica. Hoje, várias organizações pretendem descender dos Cavaleiros Templários medievais, ou, no mínimo, continuar os seus ideais, sendo a mais importante a Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém. Como as ordens neotemplárias se organizam geralmente em «Priorados» e «Grão-Priorados» em várias localidades, o «Priorado de Sião» pode ser uma forte sugestão de uma filiação — real ou imaginada — nos misteriosos e aventureiros Templários de outrora.
Paul Smith sugere que a inspiração para organizar ordens de cavalaria em «priorados» teve origem no esoterista Paul LeCour, que é referido no material, tanto anterior como posterior, relacionado com o Priorado. Mas em ambos os casos um priorado é apenas uma parte da organização, não o todo.
O nome «Priorado de Sião» é ainda mais intrigante porque, em
1956, a sociedade preferiu a alternativa CIRCUIT — e, seja como for, a sua revista com o mesmo nome não inclui nada remotamente relacionado com priorados cavaleirescos. Insistir em se intitular o Priorado de JÍão parece bastante fora de propósito, certamente naquela fase da sua evolução.
as entrelinhas
Cerca de uma dúzia de números da publicação gratuita Circuit,
, tada por Plantard, foram produzidos durante 1956. Para os que
scam histórias que escondem actividades ilegais e conspirações de
ftipos antigos, o «Boletim de informação e defesa dos direitos e liber-
es das habitações de rendas moderadas» (Foyers HLM» — habi-
!°n-s à loyer modere, «habitação social» em Inglaterra, ou «habitação
uca» nos Estados Unidos) — será uma grande decepção. É espan-

tosamente vulgar, desinteressante e maçadora, simplesmente uma litania de erros das autoridades locais, reuniões de protesto dos arrendatários, e histórias horríveis sobre as condições de vida. Por vezes, é sublimemente banal, mesmo patético, consistindo em publicidade de lápis, listas de padeiros, médicos e farmácias abertas aos domingos, e testes para as crianças da urbanização estatal. Não há nenhuma alusão aos dias de glória dos Templários em Jerusalém. Por exemplo:
O escândalo provém das Cites d'Urgence [urbanizações temporárias do pós-guerra]; 168 famílias protestaram junto da Prefeitura de Mantes, em Seine-et-Oise, declarando que as casas construídas no ano passado e em Abril estavam [já] em risco de ruir.
Em Chelles-les-Coudreaux, as casas foram realmente arrancadas pelas raízes das árvores! A miséria das casas apenas aumenta a indignação geral que é sentida.
Depois é a vez de Drancy, La Courneuve, Pavillon-sous-Bois, St. Etienne, Annecy, casos lamentáveis que não podemos descrever por falta de espaço.7
(Além de Annecy, nenhum dos lugares está situado perto de Annemasse nem mesmo na Haute-Savoie — a maior parte deles são perto de Paris.)
Os testes parecem muito difíceis para crianças pequenas — suspeitosamente difíceis, poder-se-ia pensar. Por exemplo:

Qual é o nome do estadista francês, conselheiro do Parlamento de Paris, superintendente das Finanças, depois Chanceler de França, que nasceu em Puy-de-Dôme e proclamou 3 regulamentos célebres pelo seu sentimento entusiástico de Liberdade e Igualdade?8
Excepto um artigo solitário defendendo um novo sistema de astrologia com treze signos — mais tarde, uma espécie de preocupação de Plantard — não há nada de esotérico nas páginas de Circuit. Mas, então, de que se tratava?
O Priorado de Sião estava legalmente registado, em primeiro lugar, para produzir Circuit, mas os temas do jornal não apresentam qualquer relação com os seus objectivos registados. A publicação é notória, mesmo ridiculamente irrelevante e inconsequente. Se o Priorado de
Sião estava realmente muito preocupado com a luta pelos direitos dos arrendatários das habitações sociais, por que não declará-lo simplesHiente nos seus formulários de registo e esquecer todas as ideias pomposas sobre cavalaria católica?
O registo podia ter sido um meio de proporcionar uma «cobertura» legal para produzir Circuit, mas, então, para quê perder tempo? Afinal, uma publicação enfadonha sobre casas municipais não tem nenhuma necessidade de actividades secretas e misteriosas. Mesmo como fraude, ele não faz nenhum sentido — e, certamente, não se trata da «diversão» alegada por André Bonhomme. (A não ser que Annemasse seja um lugar realmente monótono!)
Circuit deveria ser mais alguma coisa do que parecia — e parece que era. Quando ponderávamos longamente os artigos diários sobre humidade crescente e venda de lápis por atacado, alguma coisa começou a confundir-nos, algo estranhamente familiar. Um padrão começava a emergir — por exemplo, a contínua escolha de localidades particulares, publicação de contactos de endereços e números de telefone, e alusões veladas a figuras políticas... De repente, compreendemos. Circuit estava escrito exactamente como as publicações da Resistência durante o tempo de guerra.
com todos os seus movimentos observados tanto pelos invasores nazis como pelos seus colaboradores, os combatentes pela liberdade dos franceses escondiam detalhes sobre contactos, instruções codificadas, etc, sob uma grande quantidade de material aparentemente inócuo — como acontecimentos cívicos do dia-a-dia. Circuit chega a declarar que faz parte de uma rede de grupos locais semelhantes que trabalham na defesa dos fayers HLM.
Mas com a atitude reticente de André Bonhomme e os mistério que rodeava a identidade dos dois outros membros da organização, a única ’mna de futura investigação é o próprio Pierre Plantard, e chegar a conhecê-lo não seria uma tarefa fácil.
Q Padrinho
Pierre Athanase Mane Plantard nasceu em Paris, a 18 de Março de •”-”, filho único de outro Pierre — que morreu quando Pierre júnior nha apenas dois anos — e de Amélie (cujo nome de solteira era ul°). Aumentando o mistério que rodeia tudo acerca dele, durante Ua longa vida, Plantard usou vários pseudónimos e variações do seu

nome, particularmente a partir de 1972, intitulando-se Pierre Plantard de Saint-Clair, afirmando que era o legítimo detentor do título de conde de Saint-Clair (derivado de Saint-Clair-sur-Epte, uma aldeia a cerca de 50 km a noroeste de Paris). Este título associava Plantard à aura radiosa da ilustre família anglo-normanda St Clair/Sinclair, detentora de um importante lugar nas tradições esotéricas britânicas, e particularmente escocesas: eles são afamadamente associados aos Cavaleiros Templários, às origens da Maçonaria, e à enigmática Capela Rosslyn, perto de Edimburgo. Mas seria realmente Plantard herdeiro deste título?

Plantard entregou a Baigent, Leigh e Lincoln uma cópia da sua certidão de nascimento, a qual certamente citava o seu pai como Pierre Plantard de Saint-Clair, conde de Saint-Clair e conde de Rhedae. (Segundo alguns, Rhedae era o antigo nome de Rennes-le-Château.) Contudo, quando os três autores, prudentemente, obtiveram uma cópia da certidão de nascimento de Plantard na Mairie competente, verificaram que o seu pai era simplesmente «Pierre Plantard» — um modesto criado de quarto.9
Quando Baigent, Leigh e Lincoln confrontaram Plantard com esta cópia em Paris, em 1984 — esperando surpreendê-lo — Plantard, sem se perturbar, explicou calmamente que o certificado tinha sido depositado nos ficheiros da Mairie durante a ocupação nazi para esconder dos alemães, que olhavam os aristocratas com particular suspeita, a verdadeira posição social do seu pai. De facto, esta era uma prática muito comum, embora as autoridades fossem incapazes de confirmar se ela se aplicava ao caso de Plantard.
Outra fonte de informação — um relatório da polícia datado de Fevereiro de 1941, pouco depois do vigésimo primeiro aniversário de Plantard — também identificava o seu pai como criado de quarto, e a sua mãe viúva como cozinheira em casas pertencentes à elite da sociedade.10 (Para complicar mais a situação, segundo Pierre Jarnac, um dos mais meticulosos investigadores do mistério do Priorado de Sião, o pá1 de Plantard era um negociante de vinhos — embora, evidentemente, ele pudesse simplesmente ter mudado de profissão.11)
Os cépticos não precisam de mais do que olhar para o relatório da polícia. Mas isso pode ser menos do que justo — afinal, se os Plantarás tinham ido ao ponto de falsificar os seus dados individuais para iludir a suspeita nazi, naturalmente que eles se manteriam fiéis à história quando fossem interrogados pela polícia. Mas, evidentemente, é murt° mais lógico que o filho de um criado de quarto afirmasse que o sd1
pai era realmente um conde, do que vice-versa. Além disso, é uma prática comum no mundo esotérico reivindicar um título imaginário __ geralmente, sem a menor justificação. Mais uma vez, no entanto, as coisas nunca são assim tão simples no que diz respeito a Plantard e
ao Priorado.
A certidão de nascimento que Plantard mostrou a Baigent, Leigh e Lincoln não era uma falsificação, como muitos supõem, mas era realmente uma certidão corrigida, emitida em 1972 quando o registo do seu nascimento foi alterado. Isto é confirmado pelo facto de que, no passaporte de Plantard, obtido usando a nova certidão de nascimento, ele era «Pierre Plantard de Saint-Clair, conde de Saint-Claire e conde de Rhedae». Se a certidão fosse uma falsificação, Plantard poderia ter-se visto em sérios embaraços, pelo menos quando a história surgisse na edição francesa de The Messianic Legacy. Além do registo de nascimento original de Plantard, o registo inclui uma correcção oficialmente certificada, datada de Agosto de 1 972. 12 Embora qualquer pessoa possa legalmente mudar o seu nome por acte unilateral — o equivalente à escritura notarial inglesa — curiosamente, as informações relativas ao seu pai também foram alteradas: o pai Pierre Plantard não era apenas detentor de dois títulos aristocráticos, mas era agora «arquitecto». Um processo de alteração tão completo ultrapassava o âmbito de um acte unilateral.
Claramente que Plantard, em 1972, apresentou alguma coisa que convenceu as autoridades competentes de que o registo original estava incorrecto e que tinha que ser alterado, particularmente quanto à condição do pai. Mas o que foi apresentado, continua desconhecido. Talvez o seu documento fosse uma falsificação; talvez ele adulasse os chefes; talvez subornasse alguém com um alto cargo. Mas a nossa única conclusão

legítima é um veredicto que não afirma a causa exacta: a situação não é certamente tão fácil de compreender como os cépticos Quereriam que nós pensássemos.
Mesmo o regresso à sua terra natal para alterar o registo também exigina um esforço desnecessário da parte de Plantard — ele adoptara Pseudónimos sem se dar a esse incómodo. Por alguma razão, em 1972, °i importante para ele estabelecer a nova forma do seu nome oficial-
.
Mas Plantard era realmente duas vezes conde? Talvez não. «conde e Rhedae» é particularmente suspeito. Por um lado, Rhedae era uma ntiga localidade visigótica na área do Languedoque, no sul de França, **e alguns acreditam que era o lugar da actual Rennes-le-Château, mas,

mesmo assim, o nome «Rhedae» continuou a não ser usado durante quase um milénio. Por outro lado, alguns investigadores prudentes como o historiador francês Jean Markale — de modo nenhum crédulo relativamente ao Priorado de Sião — aceitou prontamente as credenciais aristocráticas de Plantard.13
Talvez ele tivesse direito a elas, talvez não tivesse — de facto, ninguém sabe quantos títulos existiam antes da Revolução no fim do século dezoito, nem mesmos quais eram. Como a «Bíblia» britânica sobre matérias aristocráticas, Peerege, de Burke, refere: «[Não] há e nunca houve qualquer registo, em França, de regulamentação de títulos Experimentaram-se vários métodos para pôr alguma ordem nesta questão; nenhum deles teve sucesso. Em todo o caso, muitos detentores de respeitados e antigos títulos não podiam, agora, apresentar nenhum documento digno de confiança para provar as suas pretensões».14
Desde a Revolução, o governo francês mostrou-se relativamente indiferente ao uso ou apropriação de títulos aristocráticos (excepto para fins fraudulentos). Antes da Revolução, os títulos estavam associados à terra, não à pessoa — o estatuto de nobreza não era conferido nem retirado pela concessão ou perda de um título. Se a terra mudava de mãos, o título acompanhava-a. Plantard poderia alegar ser conde de dois lugares apenas se possuísse terrain titré em Saint-Clair-sur-Epte e Rhedae, o que seria particularmente difícil porque ninguém sabe ao certo onde era Rhedae! (é como reivindicar o título de conde de Camelot.) Mas, enquanto o terrain titré é necessário, segundo o Peerage de Burke, antes de ser reconhecido o direito a um título, para falar com franqueza, é algo improvável que, sob o governo da Quinta República de 1972, as autoridades pudessem mostrar-se menos interessadas.
Depois de tudo considerado, Plantard, provavelmente, inventou as suas credenciais aristocráticas — até porque o título Rhedae é muito inverosímil. Mas, mesmo assim, esta invenção precisa de ser posta em perspectiva. Embora os seus detractores argumentem que a sua insistência numa linhagem aristocrática mostra que ele devia ter sido um fantasista com ilusões de grandeza, e devia por isso ser imediata e completamente rejeitado, adoptar títulos aristocráticos para uma ascensão social, segundo a forma tradicional, é uma prática relativamente comum em França e não necessariamente um sinal de instabilidade mental ou de insignificância patética. Mesmo Valéry Giscard d'Estaing, antigo Presidente do país (1974-81) e, mais recentemente arquitecto da polémica constituição europeia, beneficiou muito oa mesma prática: o título «d'Estaing» foi adoptado pelo seu avô
promover a imagem da família.15 «Lê rói Giscard» (o «Rei Giscard»), como era chamado pelos seus adversários, também tinha pretensões monárquicas — algo de que

Plantard iria ser acusado — restabelecendo o protocolo real na presidência francesa, exigindo o mesmo estatuto de um monarca como chefe de estado.
Os críticos também argumentam que se Plantard mentiu sobre a sua condição aristocrática, então não podemos acreditar em nada do que ele diz — mas o inverso é, presumivelmente, que se ele fosse realmente o legítimo conde de Saint-Clair, tudo o que ele dissesse seria a pura verdade! E, no entanto, o mais próximo associado de Plantard nos anos 60 e 70, Phillipe de Chérisey — que é igualmente denegrido pelos mesmos críticos — era inquestionavelmente o legítimo detentor de título de marquês de Chérisey. Os cépticos não podem optar pelas duas possibilidades.
Um mentor misterioso
A entrada de Plantard no mundo das novas ordens de cavalaria — um cenário florescente em França, oculto não muito abaixo da superfície da sociedade elegante — aconteceu, segundo o seu próprio relato, devido a um encontro com Georges Monti, uma figura estranha, controversa e misteriosa, que rapidamente se tornou no seu mentor.
Plantard diz que era um estudante de catorze anos quando foi apresentado a Monti em
1934, pelo médico da sua família, Camille Savoire.16
Como é habitual, os cépticos menosprezaram este relato, mas sem rnuita razão. Plantard associou-se a Monti desde, pelo menos, 1942, e ernbora o homem mais velho fosse uma figura conhecida do mundo esotérico europeu nas primeiras décadas do século vinte, ele era relativamente desconhecido fora dos círculos da especialidade, particularmente no princípio dos anos 40. Para ter chegado a conhecer Monti, lantard teria que pertencer a esses círculos, mesmo que tivesse Aventado o seu verdadeiro relacionamento. Mas porquê inventar uma Pr°ximidade exactamente com Georges Monti — um homem com ma reputação distintamente suspeita?
Segundo o que outras pessoas dizem, Monti (1880-1936) era uma
§ura misteriosa do mundo do ocultismo: amoral e egoísta, usava os
vimentos secretos esotéricos para proveito próprio. Movimen-
uo-se premeditadamente naqueles círculos intensos, envoltos em
Pttais de incenso, ele insinuou-se junto do topo das sociedades

secretas, procurando descobrir os seus segredos e reforçando a influência pessoal. Usando um dos seus múltiplos pseudónimos, Israel Monti, conseguiu tomar o controlo da B’nai B’rith, o sistema de Maçonaria exclusivamente judaico, embora ele não só não fosse judeu como também, segundo dizem, fosse violentamente anti-semita.
Nascido em Toulouse — tradicionalmente um importante centro do ocultismo francês — Monti foi educado pelos Jesuítas (tendo sido abandonado pelos seus pais) mas insurgiu-se contra a sua severa disciplina, sendo atraído desde muito cedo pelos movimentos secretos esotéricos. Dali passou a frequentar os salões de Paris, onde a arte e o arcano se misturavam promiscuamente, tornando-se notado, no princípio do século vinte, como secretário do importante esoterista Joséphir Péladan. Também esteve intimamente associado a outro importanti ocultista, Dr. Gérard Encausse («Papus»), que o enviou numa missai secreta ao Egipto em 1908.17
Uma vez instalado no seu meio social preferido, Monti forçcn facilmente a sua ascensão por intermédio das irmandades esotéricas dt França, Itália e Alemanha — onde o seu envolvimento com a Orck Templi Orientis (OTO), uma sociedade neotemplária dedicada a rito sexuais, o pôs em contacto com o controverso ocultista britânici Aleister Crowley (1875-1947), que dominou a OTO nos anos 20 t
30 do século vinte. Monti foi mesmo descrito como o representanu francês de Crowley. A poetisa e esoterista parisiense Anne Osmont (l 872-1953) escreveu que Monti a

abordara para lhe pedir auxílio parj fundar um ramo francês da OTO nos anos 20.18 Também se envolvei em espionagem — sempre uma actividade surpreendentemente habitual para os ocultistas mais importantes — essencialmente para benefício próprio, tornando-se um agente duplo, trabalhando para o*- Franceses e para os Alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Monti morreu em circunstâncias suspeitas — provavelmente, foi envenenado — em Paris, em Outubro de 1936, alguns dias depois de o boletim JJ Grande Loja de França o ter denunciado como impostor e espião j<?" suíta. Em resumo, ele foi um ícone interessante para o jovem e in1' pressionável Plantard...
Tipicamente, Monti preferia manter-se na sombra, o seu nofl11 raramente vinha à superfície, mesmo nos anais do mundo ocultistfrancês. A associação entre Monti e o jovem Plantard, por conseguiu^ não só mostra que o último fazia parte do cenário esotérico dos aO°"
30, como — de forma irresistível — também o associa à «época áurej do ocultismo parisiense do século dezanove e princípio do século viftl

3 s anos de adolescência de Plantard coincidiram com uma era ticularmente turbulenta na moderna história francesa. Como na ior parte da Europa, em França, a era entre as duas guerras assistiu mde polarização política e agitação interna, afectando desfavoravelite os vencedores da Grande Guerra tanto como os vencidos. Todos .ram marcados pelas hostilidades: por exemplo, quase todas as úlias britânicas tinham perdido um filho, irmão, marido ou namo> nos lodaçais e nas dificuldades da França e da Bélgica. Algumas :ias perderam todos os seus rapazes. Quase toda uma geração foi Istruída ou mutilada. Era o inferno na terra, completamente inimaginável para nós, hoje, e deixou os sobreviventes loucos de dor e contos com o choque. Para eles, havia apenas um único lema que importava: nunca mais. Mas como alcançar a paz? Como recuperar a força e
o poder das suas nações?
De repente, a política tinha importância. Milhões de pessoas questionavam a velha ordem — enquanto os tradicionalistas e os conservadores a defendiam ainda mais intensamente — e uma grave tensão fermentava entre as duas novas ideologias violentamente opostas que emergiram das ruínas da guerra. A Revolução Russa de 1917 criou o primeiro estado comunista, não só dando impulso aos grupos revolucionários de esquerda em toda a Europa, mas também apresentando a União Soviética como uma base para apoiar, encorajar e financiar os seus companheiros de viagem... No outro extremo, o triunfo dos fascistas de Mussolini em Itália, em 1922 — uma reacção à ascensão do comunismo — criara um modelo e inspiração para grupos com as lesmas tendências em toda parte da Europa. Mas, então, em 1933, surgiu a meteórica ascensão dos tiranetes de Hitler na Alemanha, errtusiasmando todos os grupos de extrema-direita — incluindo os de frança. O cenário estava montado para o segundo grande apocalipse
do século vinte.
Como muitas outras nações do pós-Grande Guerra, a França estava Mergulhada na introspecção, fazendo perguntas difíceis sobre o seu Passado e o seu futuro. Alguns queriam criar um vigoroso mundo novo Baseado nos progressos científicos, industriais e políticos; outros c°nsideravam que todos os problemas da França eram a consequência ^ecta de ignorarem a sua história e as suas tradições. E como sempre,
Franceses estavam obcecados com o seu profundo e recorrente : teria sido justo pôr fim à sua monarquia? Poderiam alguma vez

libertar-se da culpa da ânsia de sangue que levara às mortes bárbaras do Rei Luís XVI e da sua rainha, Maria Antonieta, sob a lâmina fais. cante da guilhotina?
A situação era grave. Mas as coisas agravar-se-iam com a recessão global provocada pela bancarrota de Wall Street em 1929. Embora os Franceses a aguentassem melhor do que a maior parte dos Europeus não obstante sofreram um aumento abrupto do desemprego e a inquietação que acompanha a incerteza económica, especialmente numa era anterior aos benefícios sociais ou estatais. O povo estava pobre, exausto — e aterrorizado. A história da França mostrava que esta era uma combinação muito perigosa para um governo que estava parado e estagnado — não havia um único partido capaz de garantir apoio suficiente para tomar medidas decisivas. O governo mudava em poucos meses. com este caldeirão em ebulição, constituído por comunistas, socialistas, radicais e fascistas, este não era o melhor momento para ser um moderado.
Um movimento particularmente influente era a Acção Francesa (Action Française), um movimento de extrema-direita, nacionalista, monárquico e católico, fundado por Charles Maurras (1868-1952), juntamente com o seu jornal diário, também intitulado Action Française, em 1899. Mas entre as duas guerras, a Acção francesa influenciou muitas figuras conservadoras importantes — tanto o general de Gaulle como o Marechal Pétain — mas, eventualmente, desapareceu com o regime de Vichy, cuja Revolução Nacional tentou agir segundo os seus princípios, em 1944.
Maurras pode ter sido um católico ultratradicional, mas ele era também veementemente anti-semita, estabelecendo uma clara distinção entre as tradições da Igreja Católica e os seus antecedentes judaicos. Considerava que o verdadeiro repositório e guardião da fé cristã era a Igreja e o seu dogma, não a Bíblia, declarando: «Não you abandonar este cortejo sábio de Padres, Concílios, Papas e todos os grandes homens da elite moderna, para me limitar aos evangelhos de quatro judeus obs-
curos.»
19
John Laughland, no seu estudo da presidência de François Mitterrand, The Death ofPolitics (1994) declara que a relação entre a esquerda e a direita políticas em França é muito diferente da versão britânica, sobretudo porque, paradoxalmente, a direita absorveu tanto da «tradição revolucionária» como a esquerda, para produzir o que Laughland chama a «direita subversiva». Ele escreve: «Vichy iria provar a apoteose da mistura particularmente francesa de esquerda e direita. Poucos
.movimentos ostensivamente de direita podem ter adoptado ideias nacionalistas e socialistas tão claramente como o governo do Marechal pétain, exceptuando, talvez, os próprios Nazis».20 Laughland passa a identificar duas correntes políticas que emergiram da «direita subversiva»: uma politicamente organizada e activa, exemplificada pela Acção francesa, e a outra «um grupo de opinião mais nebuloso, inspirado pelas obras do nacionalista romântico Maurice Barres e do anti-semita Edouard Drumont...»21
Especialmente após a ascensão do Nazismo, quando a França tinha dois vizinhos fascistas, as suas ruas estavam cheias de manifestações, marchas e contra-marchas que frequentemente se transformavam em confrontos físicos entre os grupos políticos adversários. A violência politicamente motivada era comum.
Como habitualmente, eram os jovens que comandavam a acção directa nas marchas, nas manifestações e nas batalhas de rua que se seguiam. Grupos juvenis de todas as tendências políticas descobriram que eram muito considerados pelas pessoas com poder dentro das organizações. A Acção francesa orgulhava-se da sua organização juvenil, os Camelot du Rói («os Vendedores Ambulantes do Rei), e havia a Croix de Feu («Cruz de Fogo»), fundada e dirigida pelo coronel François de La Rocque, a qual, em Outubro de

1935 — quando ela concordou em renunciar à violência — tinha cerca de 2 milhões de membros, alguns surpreendentemente ilustres.
As tensões chegaram a um ponto crítico a 6 de Fevereiro de 1934, com a pior explosão de violência desde há setenta anos. Enquanto a Câmara dos Deputados estava reunida, uma manifestação da ala direita, na Place de Ia Concorde, foi crescendo até que, engrossada por ex-membros das forças armadas, contava com cerca de 40.000 manifestantes, que ameaçavam atacar a Câmara. Abrindo fogo, a polícia e °s guardas mataram dezasseis manifestantes (e três pessoas presentes) e reriu 650. A polícia sofreu uma baixa, com quase 1700 feridos.22 trnbora pudesse ter-se transformado facilmente num golpe de estado °u mesmo numa guerra civil em larga escala, «lê sixième févríer» entrou n° vocabulário da época — e obrigou o primeiro-ministro a demitir-se. Depois do trauma de Fevereiro de 1934, a situação acalmou, e, walrnente, um governo de coligação de centro-esquerda, a Frente Pular, foi estabelecido em Junho de 1936, presidido por Léon Blum. as esta nomeação apenas exacerbou a hostilidade da extrema-direita não só o governo de Blum dependia do Partido Comunista para reviver, como o próprio Blum era judeu e, como era largamente
76
77
suposto (talvez incorrectamente), um maçónico.23 A convicção, partilhada com os nazis, de que a Maçonaria é uma instituição controlada por judeus era típica da ideologia da ala direita na França dos anos 3Q — e o inevitável ambiente da carreira de Plantard.
com o governo da Frente Popular, o extremismo de direita tornou-se o campo de actuação de grupos terroristas clandestinos, como os temidos Cagoule («Capuz»), que levaram a cabo assassinatos políticos e campanhas bombistas em Paris. A capital estava a viver outro Terror.
Profundamente chocados, os Franceses compreenderam de repente que o seu país precisava de se tornar mais moderado, acalmando, ao mesmo tempo e de alguma maneira, a sua juventude volátil. O Movimento de 9 de Julho (Mouvement du 9 Juillet) de Jules Romain, teve um sucesso surpreendente ao persuadir os líderes das organizações adversárias a discutir as suas diferenças frente-a-frente, numa tentativa de encontrar uma forma de colaboração para o bem da França. Romain escreveu: «O objectivo mais vasto e mais remoto era dar à França uma nova constituição, resultante da antiga, idêntica a ela no seu espírito republicano e no seu absoluto respeito pelos direitos do homem, mas liberta de alguns defeitos, e mais bem adaptada às necessidades modernas, numa palavra, mais dinâmica — uma constituição que os jovens pudessem amar e defender com energia porque ela seria obra sua.»24 Outra organização juvenil determinada a persuadir os jovens a cooperar, em vez de se confrontarem com violência, foram os Estados Gerais da Juventude (États Généreaux de Ia Jeunesse), também fundada em seguida ao 6 de Fevereiro por uma certa Jeanne Canudo. Alguns anos depois, esta organização transformar-se-ia num movimento à escala europeia, os Estados Gerais da Juventude Europeia (États Généreaux de Ia Jeunesse Européenne). Como descobrimos, estas duas organizações provariam ser particularmente importantes para a nossa investigação do Priorado de Sião.
O sociável Pierre Plantard, com dezassete anos, participou neste florescente cenário em 1937, ao fundar uma organização chamada Renovação Nacional Francesa (Rénovation Nationale Française), juntamente com o seu boletim semanal gratuito, A Renovação Francesa (La Rénovation Française), com uma circulação de 10.000 exemplares (segundo os ficheiros oficiais). Fundou também o Grupo Católico da Juventude (Groupement Catholique de Ia Jeunesse), dirigindo várias associações religiosas juvenis

em Paris. Estes projectos associados adoptaram vários nomes (um estratagema típico de Plantard), como
a União Francesa (Union Française) e Juventude de França (Jeunesse
àe France).25
Segundo Pierre Jarnac, no meio de tudo isto, em 1939, Plantard foi para a universidade para estudar Arqueologia; ali, conheceu Phillipe de Chérisey (embora a sua colaboração só começasse realmente no princípio dos anos 60. Aproximadamente nesta altura, Plantard também trabalhou como sacristão na igreja de St. Louis d'Antin em Paris.26 Mas como Jean-Luc Chaumeil, que colaborou de perto com Plantard nos anos 70, observou, a chave para o compreender era a perda da sua fé depois de ter trabalhado na igreja, quando «se tornou ateu e sentiu pesar por isso»
27
Depois da queda
Contudo, se Plantard pensava que a sua carreira progrediria sem sobressaltos, ele — como milhões de outros — iria ser definitivamente influenciado pelo grande trauma francês da guerra com a Alemanha Nazi, em Setembro de 1939. Ainda não reconciliados com o horror da guerra de 1914-18, os Franceses enfrentavam outra monstruosa invasão do seu próprio solo. O ataque-relâmpago aos Países Baixos começou a 10 de Maio de 1940, tornando-se rapidamente num colapso humilhante para as forças Britânicas e Francesas. Repelido para as praias de Dunquerque, o Exército Britânico foi forçado a abandonar o continente, aguentando-se sem auxílio enquanto os Alemães avançavam precisamente para as praias do aliado da Inglaterra. Inevitavelmente, a França teve que se render, fazendo um acordo com o seu velho rival pelo predomínio na Europa continental. Na sua terceira guerra com a Alemanha em um século, a orgulhosa nação francesa teve que aceitar a ocupação de dois terços do seu país pelos Nazis. Subitamente, aldeias sonolentas e cidades festivas fizeram eco do ruído de tanques estrangeiros e do brutal batimento de milhares e milhares de pés marchando em passo de ganso.
Um dos heróis da Grande Guerra, o Marechal Henri Phillipe Pétain, comandante da vitória em Verdun, foi solicitado para assumir o governo do país, com sede na cidade termal de Vichy — originalmente, como uma medida temporária até ao regresso a Paris. Embora muitos observadores estrangeiros ficassem surpreendidos com a brandura das condições de Hitler (dadas as circunstâncias), o país foi dividido em Zona Ocupada e Governo de Vichy. A Terceira República, em funções

desde 1870, foi dissolvida... Em alternativa, o Marechal Pétain presidia ao Estado Francês — naquelas circunstâncias — por acaso, com um futuro de apenas quatro anos difíceis.
Em Londres, um general de brigada até então desconhecido, Charles de Gaulle, decidiu que o destino o escolhera para restaurar a honra gaulesa. Em 18 de Junho de 1940, ele fez o seu lendário comunicado emitido pela rádio, conhecido como «LAppel» — «o Apelo» — à «resistência francesa», dirigido aos não-combatentes civis no terreno, em França, para se deter o avanço da máquina de guerra nazi de todas as formas possíveis, sem excepção. Do estúdio da BBC em Londres, tão perto geograficamente, mas tão longe de tantas outras formas, da sua amada Paris, de Gaulle declarou-se chefe da França.
Para compreender os antecedentes de Plantard e do Priorado de Sião, é necessário ignorar a tentação de exagerar este período emotivo com a certeza clara da percepção tardia. Na altura, as pessoas não tinham possibilidade de saber o que estava a acontecer,

e qual o lado que iria ganhar a guerra. (Na verdade, até ao final de 1941, as pessoas mais objectivas teriam apostado nos Alemães.)
Hoje, existe uma visão da situação particularmente polarizada da situação em França durante a guerra, isto é, a França Livre e a Resistência = bom (com reservas sobre a Resistência Comunista); os Franceses de Vichy = mau. Mas a realidade era consideravelmente mais complexa: na verdade, a ideia de que não resistir activamente equivalia a colaboracionismo é um pouco um luxo do pós-guerra. Por exemplo, Jean Cocteau — uma celebridade não dissociada da história do Priorado de Sião, como veremos em breve — simplesmente ignorou a Ocupação, continuando a sua vida artística e social como habitualmente, e embora denunciado como colaboracionista depois da Libertação, foi ilibado por uma investigação oficial. No entanto, os críticos de tudo e de todos associados a esta história ainda o classificam de colaboracionista — enquanto, ao mesmo tempo, negam que ele chegasse a ter qualquer relação com o Priorado de Sião!
As ideias erradas — ou melhor, simplificações excessivas — abundam, mas a situação estava constantemente a mudar em resposta aos novos desenvolvimentos. Por exemplo, os fascistas franceses que estavam em concordância antes da guerra, estavam agora divididos, alguns acreditando que, a longo prazo, a Ocupação era uma coisa boa, porque permitiria que o fascismo francês triunfasse, e já não haveria necessidade do controlo alemão: os dois países seriam aliados numa Europ* fascista. Outros, independentemente do grau de favoritismo com
encaravam o Nazismo, sentiam-se insultados pelo facto de o seu país estar sob o domínio de estrangeiros, querendo a saída dos nazis o mais
depressa possível.
Apenas uma minoria de políticos, funcionários e oficiais das forças armadas aceitaram activamente ligações próximas com a Alemanha Nazi. (Naturalmente, eles tinham tendência para ascender ao topo em Vichy.) Muitos ficaram horrorizados com o que acontecera à França, tnas queiramos ou não, Vichy era o governo legalmente constituído, portanto, embora pudessem naturalmente ter apoiado os Aliados e de Gaulle, eles aceitaram relutantemente a sua autoridade.
O período em que o país foi governado autonomamente pelo regime de Vichy — subserviente aos Alemães apenas em questões relacionadas com a guerra mais vasta — no qual Pétain e o seu governo tomavam todas as decisões, durou desde Julho de 1940 até Novembro de 1942. Em resposta à conquista do Norte de África francês pelos Aliados, a Operação Archote, nesse mês, os Alemães — receando que a França se revoltasse conta eles — entraram na zona de Vichy e assumiram o controlo directo dela. Depois disso, embora Pétain continuasse no cargo e o seu governo se mantivesse nominalmente em funções, eram os Alemães quem, de facto, decidia sobre as nomeações do governo, etc. (Por outras palavras, Vichy pode ser chamado um «fantoche» alemão apenas depois de Novembro de 1942, não antes.)
Hoje, evidentemente, vemos de Gaulle como o herói que desafiou Hitler e arriscou tudo pela honra da sua nação, e Pétain como o vilão — o arqui-simpatizante do Nazismo, o fantoche de Hitler. Mas não foi claramente assim que a maior parte do povo francês via Pétain, nessa
altura.
Poucos franceses tinham ouvido falar de Charles de Gaulle — ele ’Ora nomeado para o seu primeiro cargo público, subsecretário de Estado para a Defesa Nacional, apenas dez dias antes da capitulação da França — e, evidentemente, não foram muitos os que tinham ouvido, P°r acaso, a BBC transmitir «LAppeb. Demorou algum tempo até que

* notícia da atitude desafiadora de Charles de Gaulle se tornasse conhecida em toda a França.
Como o escritor Jean Blum refere: «... nos anos 40, duas perso-
aliuades apelaram aos Franceses para os seguirem, um grande estadista
Un"i traidor. Em 1945, estes dois ilustres chefes tinham preservado o
enário, mas tinham trocado os seus papéis».28 Quando a França caiu,
Poder foi transferido para Pétain, tanto constitucional como legal-
ente, de Gaulle foi condenado à morte por um tribunal francês como
80
81
desertor e traidor por se ter rebelado contra o governo legítimo. Embora isso seja agora impensável, nessa altura, muitos cidadãos franceses consideram Pétain como o seu salvador nacional, o herói que impedira a sua total submissão e escravização, permitindo à França conservar algum resto de independência e de autodeterminação. Essa foi sempre a defesa de Pétain — lutara duramente com Hitler para manter a soberania da França — a qual; evidentemente, depois da guerra, foi tomada como uma tentativa para evitar assumir a responsabilidade. Mas, devemos sublinhar, foi desta maneira que muitos franceses — talvez a maioria — o consideraram nessa altura. Mesmo depois de os Alemães terem ocupado a área de Vichy em Novembro de 1942, esta maneira de ver o Marechal continuou a ser muito generalizada.
De facto, mesmo depois da guerra, muitos franceses defendiam que a sobrevivência da França exigira tanto de Gaulle como Pétain — uma imagem recorrente era a de que Pétain era o escudo da França e de Gaulle a sua espada — mas, politicamente, estas subtilezas eram impossíveis no ambiente pós-Libertação. Por uma questão de unidade, a Pétain tinha que ser atribuído o papel de vilão, julgado e condenado à prisão. (Ele foi condenado à morte, mas a pena foi comutada para prisão perpétua, como Napoleão, na íle d'Yeu, onze milhas ao largo da costa da Inglaterra, onde morreu em 1951.)
Legal e constitucionalmente, o governo de Pétain era o legítimo governo de França — tecnicamente, Vichy tinha autoridade sobre toda a França, mas, na prática, as suas leis e decretos eram submetidos à aprovação alemã na Zona Ocupada. De Gaulle possuía apenas um direito moral a ser líder do povo francês. Vichy foi reconhecido como legítimo pela administração Roosevelt nos Estados Unidos, que manteve relações diplomáticas formais com o governo de Pétain até aos desembarques da Operação Archote. Mesmo a FDR (que detestava de Gaulle e se recusava a reconhecê-lo como líder da França até ser forçado pelas circunstâncias a fazê-lo em Outubro de 1944] desejava que se pudesse fazer um acordo com Pétain, com o fim assegurar a continuidade do governo. Mesmo depois dos desembarques do Dia D, alguns responsáveis hierárquicos americanos ainda desejavam manter Pétain no poder.29
A legitimidade de Vichy foi mesmo reconhecida pelo governo de Churchill — foi Vichy que rompeu as relações diplomáticas com a Inglaterra, não o contrário, depois da Marinha Inglesa ter atacado a esquadra francesa em Mers-el-Kébir na Argélia, duas semanas depois da rendição francesa. E Churchill manteve comunicação clandestina
^rectamente com Pétain durante grande parte do período da guerra, azendo um acordo secreto para abrandar a pressão inglesa sobre a prança de Vichy se Pétain minimizasse a sua cooperação com Hitler.30 Outra ideia errada é a de que Pétain e o seu governo eram simples instrumentos dos Nazis, sem nenhuma autoridade própria. Embora isso fosse verdade depois de Novembro de 1942, antes dessa data, Pétain cumpria resolutamente a sua agenda a favor da França, satisfazendo os desejos de Hitler apenas quando fosse absolutamente necessário.

Crucialmente, Pétain e o seu governo tinham a opção de esperar tranquilamente o fim da guerra até que fosse óbvio o rumo que os acontecimentos tomariam. No entanto, Pétain tinha as suas próprias ideias firmes sobre que era necessário fazer para travar o declínio moral da França, aproveitando a oportunidade para declarar uma «Revolução Nacional» que ele acreditava que regeneraria a nação. Esta foi inteiramente uma iniciativa sua: não tinha nada a ver com os Nazis.
A visão de Pétain quanto ao espírito e destino da França e à forma como ela deveria ser restituída à grandeza era, de facto, muito semelhante à de Charles de Gaulle — ambos tinham sido muito influenciados pela Acção francesa de Maurras.31 Talvez esta unicidade de desígnio não seja muito surpreendente. Antes da guerra, de Gaulle e Pétain — aluno e professor na academia militar de Saint-Cyr — tinham estado muito próximos, de Gaulle, subsequentemente, escreveu livros sobre estratégia militar para o homem mais velho, que os publicaria como obra sua. Pétain era padrinho do filho do general de Gaulle, Phillipe (que recebeu o seu nome).32 Na verdade, se as suas situações geográficas tivessem sido inversas em Junho de 1944, eles poderiam facilmente ter trocado os papéis. A grande diferença entre os dois homens encontrava-se nos meios, mais do que nos objectivos: enquanto Pétain estava acima da democracia, de Gaulle, com perspicácia, compreendeu que nunca conseguiria realizar nada de valor sem arrastar o povo com ele.
A queda vergonhosamente rápida da França provocou uma crise de consciência e de confiança entre os Franceses. Além de ter que aceitar senhores brutais e estranhos em dois terços do seu país, cerca de 1,8 milhão de franceses definhavam em campos de prisioneiros de §uerra na Alemanha ou na Zona Ocupada. Sendo, até certo ponto, reréns para assegurar a cooperação da França, havia uma grande inquie^Ção quanto ao seu destino.
Muitos consideravam toda esta situação não apenas como a conseluência do declínio moral da França, mas como uma forma de punição P°r ele. A França sofria pelos seus pecados do passado — mas isso

também oferecia uma oportunidade de redenção, ou purificação (Alguns dos partidários do general de Gaulle compararam-no a um Cristo sacrificial, tomando os pecados da França sobre os seus ombros.) Estes franceses incluíam um jovem sargento François Mitterrand, que, depois da fuga (ou libertação, dependo da versão), escreveu um relato da sua transferência para a Alemanha (significativamente intitulado «Peregrinação à Turíngia» — peregrinação!) para um jornal de Vichy, no qual descreveu o sentimento de profundo choque e espanto que partilhou com os seus companheiros. Descreve que considerava a derrota como a consequência do prévio e longo declínio moral da França, e declara que: «Pensei que nós, os herdeiros de cento e cinquenta anos de erros, não éramos os responsáveis».33 Para Mitterrand, tudo se deteriorara desde a Revolução de 1789.
Estas circunstâncias muito específicas e o estado de espírito de surpreendido desespero, indelevelmente associados à urgência quase mística da redenção nacional, constituem os antecedentes da ascensão de Plantard à proeminência do Priorado.
O envolvimento
Quando a guerra eclodiu, Plantard tinha dezanove anos, vivia na Place Malesherbes no 17.° arrandissement de Paris com a sua mãe viúva. Ainda teria que ser chamado a cumprir o serviço militar. Em Dezembro de
1940, usando o pseudónimo de Varran de Véréstra, escreveu a Pétain, jurando o seu apoio contra a «terrível conspiração ”maçónica e judaica”» que ameaçava trazer «uma

terrível carnificina à França e ao mundo». Plantard acreditava que a própria guerra fora «criada pelos Judeus». Declarava que dirigia um grupo de cerca de cem jovens que estavam à disposição do Marechal. Segundo a polícia, a carta foi enviada por um intermediário que tinha contactos em Vichy, um certo M. de Brinon — assim, no mínimo, não era uma proposta casual de um louco.34

Plantard foi severamente criticado por expressar tais sentimentos — e, evidentemente, com razão. O seu ardente anti-semitismo é difícil de se harmonizar com a futura pretensão do Priorado de Sião a ter alguma associação não claramente definida com a Casa de David — para não referir o facto de Plantard ser alegadamente descendente do próprio Jesus!

No entanto, embora não pretendendo desculpá-lo, talvez um pouco mais de contexto ajude a clarificar o quadro. De facto, a existência de

jtria «conspiração» de judeus e maçónicos dificilmente teria constituído ^a noticia surpreendente para Pétain ou para os que o rodeavam. Tal como na Alemanha nazi, a ideia de que todos os males da França eram causados pelos Judeus era a pedra angular da ideologia de Pétain. Leis anti-semitas, relegando os judeus de França para uma cidadania de seminda-classe, já tinham sido aprovadas, e a suspeita sobre a Maçonaria culminaria na sua proibição oficial em Fevereiro de 1942. Se Pétain acreditava seriamente na «conspiração» ou usava estes dois suspeitos habituais de extrema-direita como bodes expiatórios e alvos convenientes, não é certo. No que diz respeito a Plantard, o uso destes termos teria sido um meio de procurar captar as boas graças do novo regime. Evidentemente, embora ele possa não ter sido verdadeiramente anti-semita, mesmo a postura oportunista e antijudaica era bastante má.

Mas, evidentemente, a sua carta despertou suspeitas. Como consequência imediata, o Ministro do Interior do governo de Vichy ordenou uma investigação policial de «Vérestra» e dos seus antecedentes. O relatório da polícia, em Fevereiro de 1944, ainda existe, reconhecendo que Plantard estivera implicado em várias organizações juvenis criadas por ele próprio, como a Renovação Francesa Nacional (com cerca de cem membros em 1937) e o Grupo da Juventude Católica, e que, em Outubro de 1940, ele requererá autorização para retomar a publicação da Renovação Francesa, anterior à guerra. A autorização fora recusada.35 A conclusão do inquérito é um prémio brilhante para aqueles que rejeitam toda a carreira de Plantard como o produto da sua mitomania. Em particular, descreve-o como «Úluminé et prétentieuz». «Illuminé» depende muito do seu contexto; literalmente, significa «iluminado»; quando aplicado a, digamos, um poeta, significa «inspirado»; de forma niais geral, significa «visionário»; quando usado pejorativamente — como e claramente usado pelo investigador policial — essencialmente, significa um excêntrico.

O veredicto completo diz: «Na verdade, Plantard, que se vangloria ^e estar em contacto com várias figuras da política, parece ser um da^ueles jovens illuminés e pretenciosos, chefes de grupos mais ou menos lctícios, desejando tornar-se importantes e que se aproveitam do Movimento actual em favor da juventude para tentarem ser tomados ertl c°nsideração pelo governo.» No mínimo, mostra que Plantard era arnbicioso.

O herói vitorioso

A aventura seguinte de Plantard era muito mais intrigante, e directamente relevante para a sua subsequente carreira no seio do Priorado de Sião. Tornou-se editor de Vaincre (Conquistar), o órgão da Ordem Alpha Galates (Ordre Alpha-Galates) da qual era grão-mestre. (o título Vaincre foi retomado para a «revista interna» do Priorado de Sião em 1989.)

As capas de Vaincre eram ornadas com uma insígnia declarando a finalidade da Ordem: «Para uma jovem cavalaria». A Alpha-Galates aspirava, alegadamente, a fazer ressurgir o ideal da cavalaria entre a juventude francesa, e Vaincre era o seu veículo para o fazer ressurgir. Como editor, Plantard adoptou o nome «Pierre de France», embora ele preferisse o mais impressionante «Pierre de France-Plantard» em edições posteriores.
Seis números de Vaincre foram produzidos entre Setembro de 1942 e Fevereiro de 1943, cujos exemplares existem na Bibliothèque Nationale. Embora tivesse apenas quatro páginas — o papel era escasso durante a guerra — era composto, impresso e ilustrado profissionalmente, em papel de boa qualidade, por Poirier Murat, na Rue du Rocher em Paris.36 Publicado no dia 21 de cada mês, tinha uma tiragem que subiu de 1400 para 4500 aquando do último número. Como o futuro Circuit, era distribuído gratuitamente, o que levanta a questão de saber quem o financiava. Não poderia ter sido Plantard: tanto quanto pudemos averiguar, ele era sustentado, na altura, pela sua mãe viúva.
Muitas das perguntas que pairam sobre a Alpha Galates são as mesmas que, mais tarde, foram suscitadas quanto ao Priorado de Sião: era tudo apenas uma ficção criada pelo jovem Plantard ou existia uma ordem autêntica, virtualmente de cavalaria, com muitos membros e, talvez, com verdadeira influência e poder?
«Alpha Galates» alude aos «Primeiros Gaiatas» ou Gauleses (os Gaiatas, a quem São Paulo dirigiu a sua epístola no Novo Testamento, descendiam de colonos celtas vindos da Gália) — com, talvez, u10 elemento de «Gaiatas da mais alta qualidade ou superiores». Julgando pelo conteúdo de Vaincre, o nome destinava-se a evocar o antigo passado mítico da França.
Os estatutos da Ordem, datados de 27 de Dezembro de 1937, são publicados em Vaincre. Embora não haja nenhum registo de ter sio° oficialmente registada nessa altura, a Renovação Nacional Francesa oe Plantard foi formada quase ao mesmo tempo, implicando uma ligaçã°
^jtre as duas organizações.37 (De facto, a Alpha Galates foi oficialmente reoistada em Setembro de 1944, depois da Libertação — pretendendo agora prestar auxílio aos jovens que tinham sido vítimas da Ocupação
Alemã.)
Os estatutos apresentam os objectivos da Alpha Galates em termos
tão nebulosos como os do futuro Priorado de Sião, mas, basicamente, pretendiam criar ideais de cavalaria e patrióticos através de apoio mútuo e actividades de grupo. Como o Priorado, a Ordem estava estruturada em procedimentos idênticos aos das ordens de cavalaria, consistindo em nove graus, desde «Irmão» até ao ultragrandioso «Sua Majestade Druídica». A Ordem estava dividida em duas secções, a Legião e a Falange, e organizada administrativamente em Arches e regiões — tudo exactamente igual à organização do Priorado. Mais uma vez, a sede da Ordem era a morada de Plantard: desta vez, na Rue Lebouteux em Paris, no 17.° arrondissement
No entanto, apesar da sua declarada neutralidade, há um regulamento perturbador: «A Ordem é rigorosamente vedada a Judeus e a qualquer membro que seja reconhecido como pertencente a uma ordem judaico-maçónica.» Claramente que isto é consistente com a declarada atitude intelectual antijudaica e antimaçónica de Plantard, como ele a expressou na sua carta a Pétain.
Reconstituída a partir de Vaincre, a história da Ordem Alpha Galates parece ser a seguinte: horrorizado pelos acontecimentos de lê sixième février de 1934, o notável professor de Direito Louis Lê Fur foi aconselhado pelo seu amigo conde de Moncharville a entrar em contacto com Georges Monti. Seis meses depois, ele foi iniciado na Ordem. (Muito mais tarde — em 1989 — foi declarado que Monti fundou a

Alpha Galates na data-chave de 6 de Fevereiro de 1934.) Claramente, a Aplicação era que Monti foi o fundador e o primeiro chefe da Ordem, guando da primeira publicação de Vaincre, o grão-mestre era o conde Qe Moncharville, presumivelmente tendo sucedido a Monti devido à sua morte em 1936 Contudo, segundo Lê Fur, em Setembro de 1942, e Moncharville abdicou em favor de Pierre Plantard.38 Muitos críticos duvidam que alguém com a imaturidade de Plantard então com vinte e dois anos — pudesse ter assumido a autoridade grão-mestre. Mas a importância de Vaincre era ser dirigido aos jovens, HUem melhor para ter ao leme do que um jovem entusiasta de 22 anos? IMuitos outros, nessa altura, promoviam esses ideais, especialmente rj <esc°las Uriage», fundadas pelo oficial de cavalaria católico Pierre n°yer Segonzac em 1940. Este movimento é o tema de The Knight-
86
87
-Monks ofVichy-France, [1997], de John Hellman, e os seus paralelos com a obra de Plantard são explorados por Guy Patton e Robin Mackness na sua obra de 2000, Web ofGod Hellman escreve: «A Revolução Nacional de Vichy contava com grande número de oficiais do exército católicos e místicos, residindo em imponentes castelos na província, que estavam determinados a reorientar a juventude francesa.»39)
O conde de Moncharville parece ter sido Maurice Moncharville, também professor de Direito, que fizera longas viagens ao Extremo-Oriente; nas décadas l O e 20 do século vinte, ocupou um papel de relevo na comunidade francesa de Sião [a moderna Tailândia), e, em 1912, foi o fundador e o primeiro presidente da Aliança Francesa naquele país. (Embora pareça nunca ter existido um conde de Moncharville, evidentemente que não há nada definitivo quanto aos títulos franceses.)
Vaincre publica artigos de vários membros da Alpha Galates, alguns usando nomes verdadeiros, outros usando pseudónimos. Além de «Pierre de France-Plantard», há Lê Fur, Moncharville, Robert Amadou, o Dr. Camille Savoire, Jacques Brosse e Gabriel Trarieux d'Egmont, o poeta com tendência para o esoterismo.
O hipercéptico Paul Smith faz uma declaração extraordinária: segundo ele, todos os artigos de Vaincre foram efectivamente escritos por Plantard, e que nenhum daqueles cujos nomes usou, quer como colaboradores, quer como membros da Alpha Galates, alguma vez ouviram falar dele, referindo especificamente Monti, o célebre aviador Jean Mermoz, Savoire, Lê Fur, Moncharville, Amadou e Brosse.40 Mas como Monti e Mermoz, por exemplo, morreram ambos em 1936, não sabemos como Smith pode estar tão seguro de que eles nunca conheceram Plantard.
A pretensão de que Plantard escreveu toda a revista é, como facilmente se demonstra, incorrecta. Robert Amadou, por exemplo, reconhece que conhecia Plantard e que foi iniciado na Ordem Alpha Galates em
1942 (aos dezoito anos), e que escreveu um artigo sobre cavalaria para a edição de Outubro de Vaincre.^ E, quanto aos vários artigos atribuídos a Louis Lê Fur, um dos maiores professores de Direito franceses, usar o seu nome seria particularmente temerário — especialmente porque a Ocupação não fizera nada para tornar menos eficaz o sistema legal francês.
Isto apresenta Plantard em companhias muito notáveis, na verdade: é claro que ele não é um louco solitário que inventou toda a história. No entanto, é muito improvável que, com a idade imatura de vinte e dois anos, ele tivesse o tipo de autoridade sobre figuras como Lê Fur,
a Moncharville que um grão-mestrado usualmente implicava.

Suspeitamos que era realmente o contrário: estes homens mais velhos e respeitáveis davam as ordens, mas precisavam de um jovem como o rosto do seu projecto dirigido à juventude. O ambicioso e impressionável Plantard era o seu representante.
Quem eram estes homens misteriosos da Alpha Galates? com que tipo de pessoas convivia Plantard? O eminente Louis Lê Fur (1870.1943) era da ala direita, mas não da extrema-direita, e apoiava Vichy: Pétain nomeou-o para a comissão do Instituto de Estudos Corporativos. Apesar disso, no seu livro de 1922, Races, Nationaties, States, Lê Fur atacou a alegada supremacia da raça ariana — escrevendo: «É uma teoria sem quaisquer factos científicos verificáveis: assenta em postulados que nem sempre estão em concordância, e podemos afirmar que constitui uma doutrina anticientífica e uma regressão para a humanidade.»42 Significativamente, Lê Fur era um notável defensor da unidade europeia, e, entre as duas guerras, partidário da reforma política da França, a qual ele desenvolveu num grupo chamado Énergie.
Plantard afirmava que conheceu Monti por intermédio de Camille Savoire (1868-1951), um médico notável, possuidor da grã-cruz da Légion d'honneur, um filósofo e um teórico político (descrito como um «propagandista da causa da paz»), assim como um maçónico influente. No entanto, ele iria transferir o seu apoio para um forma particular de Maçonaria — o Rito Escocês Rectificado — que é muito diferente da versão oficial. Em Março de 1935, formou um dos seus corpos dirigentes, o Grão-Priorado dos Gauleses — um nome interessante por duas razões — do qual foi grão-mestre até à sua morte.43
Outro famoso colaborador de Vaincre foi Robert Amadou (nascido
em 1924), especialista em esoterismo, Maçonaria e parapsicologia. Ele,
também, pertencia ao Rito Escocês Unificado, tendo sido secretamente
(.devido à situação de guerra) iniciado no sua loja Alexandrie d'Egypte
(«Alexandria do Egipto») em Paris, em Junho de 1943,44 Antes do
aparecimento de Vaincre, ele já aderira a outra sociedade importante, a
rdem Martinista, na qual foi iniciado em 1942 por outro célebre
Critor sobre temas esotéricos, Robert Ambelain. Amadou foi elevado
SUa ordem interna, altamente secreta, os Silencieux Inconnus («Des-
fthecidos Silenciosos», ou S.I.), em Setembro desse ano, sob o nome
'er O envolvimento de Amadou com estas prestigiosas ordens e,
rtlesrno tempo, com a Alpha Galates sugere que a última gozava de
estatuto igualmente elevado.
88
89
Amadou fora companheiro de escola do principal colaborador de Plantard, depois da guerra, Phillipe de Chérisey, que escreveu ao investigador britânico Geoffrey Basil-Smith em 1983: «O grande especialista da escola Martinista é Robert Amadou. Estudámos juntos; creio que não temos as melhores relações agora...»46 Podemos arriscar uma suposição de que foi de Chérisey quem apresentou Amadou a Plantard.
Outro jovem interveniente no mesmo cenário, Jacques Brosse (nascido em 1922), que também escreveu artigos sobre cavalaria para Vaincre, viria a ser um famoso escritor e filósofo, um expoente do Budismo Zen e outras formas de misticismo oriental, um notável ambientalista e um dos pioneiros das experiências com drogas psicoactivas para fins místicos. Era amigo de pessoas célebres como Cari Jung, Aldous Huxley e — curiosamente — Jean Cocteau (cujo nome é recorrente em relação com o Priorado de Sião).
Vaincre também refere um antigo membro da Alpha Galates, Jean Mermoz, o aviador mais famoso da França — comparado por muitos a Charles Lindbergh — que morreu

aos trinta e cinco anos. Embora a sua qualidade de membro da Alpha Galates seja impossível de verificar, Mermoz (que partilhava dos mesmos ideais de extrema-direita de Lindbergh) era um membro notável do Partido Social Francês (Parti Social Français) do Coronel de La Rocque, sucessor da Croix de Feu.47
Na primeira página do primeiro número de Vaincre há várias declarações de apoio ideológico — citações de vários indivíduos notáveis sobre o tema da cavalaria. Embora não reclamados como membros, é claro que eram considerados desejáveis como associados de Plantard e da Alpha Galates ou vice-versa. Um ou dois desses nomes têm ligações algo sinistras.
O notável jornalista Henry Coston escreve (a ênfase é sua): «Os discursos são muito bonitos, mas para que servem? Compreendem, o que é necessário na nossa Pátria é acção, uma acção cavaleiresca, isenta de intrigas políticas...» E o Marechal Franchet d'Esperey junta a sua voz: «Uma Ordem de Cavalaria, mas isso é a pedra basilar de uma nação, a França está perdida exactamente por ter substituído os seus Cavaleiros por Realistas.»
Antes da guerra, o Marechal Franchet d'Esperey (1856-1942), um dos mais eminentes soldados da França, estivera secretamente envolvido com a rede terrorista de extrema-direita, a Cagoule. Henri Coston (1910-2002) era também um membro da extrema-direita, mas que> embora fosse um efectivo colaboracionista, espantosamente, consegui11 reabilitar-se depois da guerra.
A edição de 1936 do Dictionnaire natíonal dês contemporains (Dicionário Nacional de Contemporâneos] descreve Coston como «um dos mais jovens jornalistas da actualidade e, certamente, o mais jovem director de um jornal». De facto, ele entrou para o mundo do jornalismo com a idade imatura de dezasseis anos, em 1927, já secretário da secção da Acção francesa de Villeneuve-sur-Lot. Depois de trabalhar para vários jornais, sobretudo para o Express du Midi, foi para Paris para ressuscitar o La Parole Libre, extinto desde 1924. Fundou também as Êditions Nationales, nas quais, segundo o Dictionnaire, «ele publicou, sob a sua assinatura, um trabalho sobre "Judaísmo e Maçonaria."»48 Fundou também o movimento Franciste que, nas palavras de Coston, era de «tendências nacionais e socialistas».49
Depois da libertação de Paris, Coston fugiu para a Alemanha, mas foi preso na Áustria em 1946. Tendo cumprido uma pena de prisão por colaboracionismo, regressou ao jornalismo, fundando a Clubinter Presse, e, em 1952, La Librairie Française. Em 1955, publicou o seu primeiro livro depois da guerra, o aparentemente profético Financeiros que Governam o Mundo (Financiers qui mènent lê monde), antes de lançar a revista Lectures françaises em 1957.
Coston era extraordinariamente prolífico, editor dos quatro volumes do Dictionary of French Politics (1967), no qual — nunca sendo um homem modesto — incluiu uma entrada para si próprio, escrevendo também manuais sobre jornalismo. Uma das suas maiores obsessões era a ideia — como foi afirmado pelo primeiro-ministro Edouard Daladier — de que a França era economicamente controlada por apenas 200 famílias. Antes da guerra, Coston sublinhava o alegado sionismo dessas famílias, mas no seu livro de 1960, «O Regresso das 200 famílias», a conexão judaica era conspícua pela sua ausência — em Parte porque ele não podia fingir que esta suposta elite judaica atravessara incólume a guerra de Hitler; de facto, perversamente, ele até censurou muitas das 200 famílias por terem apoiado o regime de Vichy tâo entusiasticamente.
No entanto, a sua produção antes e depois da guerra tornou mais
aras as suas ideias. Em 1937, escreveu The Jews against France, em
HUe Apressa o seu habitual ataque aos notórios Protocolos dos Sábios
siao — alegadamente, uma prova da conspiração judaica para domi-

° mundo, mas que foi, de tacto, uma fraude perpetrada em 1905
Policia secreta russa para fomentar o anti-semitismo — invec-
não particularmente a Maçonaria. Durante a Ocupação Nazi, Coston
\JQreveu Jeurish Finnace and the Trusts (l942) e, em 1944, editou e cola-
u ern muitos dos artigos de uma revista cara, violentamente anti-
90
91
-semita, com o título inequívoco, para não dizer infantil Odeio-Vos! [Je vous haisl), na qual ele defendia a ideia da autenticidade dos Protocolos de Sião. Também censurava os Judeus por terem apoiado os Estados Unidos contra Hitler, que ele descreveu como o defensor da raça ariana (nas palavras de um dos seus colaboradores, «Hitler, o libertador, o promotor da defesa dos Arianos»)50 Coston considerava a guerra como «a fase final da antiga luta que o Judaísmo conduziu contra os povos não-Judeus.»51 (Completamente surpreendente depois de todos os extermínios organizados pelos nazis — para não falar do Holocausto, então no seu pleno e horrível auge.) Cegamente, ele expressa as suas habituais atitudes cheias de ódio: os Judeus controlam o teatro, o cinema e a imprensa, são espiões, etc., etc... É escusado dizer que Coston defendia a velha teoria da conspiração, segundo a qual «a Maçonaria era de origem judaica.»52
No entanto, depois de todo aquele ódio racial, no seu Dictionary of French Politics (1967), sob a entrada «Judeus», Coston lamenta o povo judeu pelas «perseguições de que foi vítima ao longo dos séculos, na antiguidade, na Idade Média e no século vinte — até agora, a mais odiosa e assassina perseguição, no tempo de Hitler» — embora referindo ainda, cuidadosa e perversamente, sem apresentar nenhuma razão particular, a predominância dos Judeus em certos áreas-chave, como a imprensa e a publicidade.53
Já em 1944, Coston-escrevia orgulhosamente, com a sua usual tendência egotista: «Depois de um eclipse de alguns anos durante os quais o anti-semitismo se manteve pouco perceptível, o nome de Henri Coston, em 1927, provocou o novo despertar da campanha antijudaica com uma Libre parole nationale...» Orgulhava-se também de ter formado os Chiers de l'Ordre, «particularmente antimaçónicos», em 1929 e, num artigo intitulado «A Judaização de França» (Uenjuivemente de Ia France»), sobre a história do Judaísmo em França, Coston faz esta afirmação significativa:
Os Visigodos e os Borgonheses tomaram medidas a respeito deles [os Judeus], e o Concílio de Vannes, em 465, proibiu os padres de conviverem com os filhos de Israel. Os reis merovingios Clotário II e Dagoberto fl foram ainda mais severos: o primeiro retirou-lhes o direito de litigar contra um cristão, e o segundo oprimiu-os nos seus estados.54
Isto é particularmente inquietante: Dagoberto II, que viria a ser o grande herói tradicional e místico do Priorado de Sião, é venerado aqui
92
4evido ao seu anti-semitismo por alguém com quem Plantard estava jisposto a associar-se — alguém que aprovava activamente Vaincre e a própria Ordem Alpha Galates. Este não é exactamente o romantismo (je O Código Da Final
Contudo, demonstrando a natureza elusiva e paradoxal de Vaincre, este aparente ultraje é compensado pela inclusão de outro nome, o de Urn diplomata alemão que, de todos os referidos em Vaincre como membros da Alpha Galates, despertou mais atenção devido às potenciais implicações da sua qualidade de membro — Hans Adolf von Molkte. Descrito como um «mestre da nossa Ordem», ele parece, numa extraordinária declaração num artigo de Lê Fur, na edição de Janeiro de 1943 de Vaincre, dar o seu aval a Plantard:

Tenho o prazer de dizer, antes da minha partida para Espanha, que a nossa Ordem encontrou finalmente um chefe digno dela na pessoa de Pierre de France.
É, por conseguinte, com total confiança que parto para cumprir o meu dever, sei que, até ao meu último momento, a minha palavra de ordem consistirá no reconhecimento da Alpha e na fidelidade ao seu chefe.55
Por que deveria um eminente e bem relacionado diplomata alemão usar esta linguagem inequívoca ao apoiar um jovem inexperiente como Plantard? Naturalmente, os críticos sugeriram que a citação é uma fraude — que Lê Fur nunca escreveu o artigo. Mas atribuir descuidadamente estas citações a um alemão importante, via um professor de Direito, teria sido muito arriscado. Von Molkte morreria subitamente, menos de dois meses depois desta edição de Vaincre, mas ninguém Poderia prever isso — um aval tão fraudulento teria significado criar Problemas. E, como sempre, é preciso perguntar o que esperaria Plantard lucrar a favor da sua agenda ao explorar esse nome: como iriam °s ’eitores de Vaincre compreender o significado de tudo isso?
LHplomata de carreira, descendente de uma família importante, ans Adolf von Molkte foi embaixador alemão na Polónia desde 1931 e 1939 (já em funções antes de os Nazis chegarem ao poder). Depois,
01 nomeado embaixador em Espanha — a partida referida no artigo e Fur — contra a sua vontade, segundo o seu primo, conde Hel-
71 James von Molkte, que escreveu: «Quando ele levantou objecções, lrarn-lhe para optar entre Madrid e um campo de concentração.»56 rre”i de apendicite em Madrid, em Março de 1943.
entanto, a relação de Hans Adolf com Helmuth James von
93
No
Molkte associa-o à «resistência» anti-Hitler na Alemanha, particular mente ao Círculo de Kreisau (foi esta a designação dada pela Gestan0 — o grupo não tinha nenhum nome formal) constituído por Helrnuth James von Molkte e Peter Yorck von Wartenburg, na propriedade do primeiro em Kreisau, na Silésia.
O grupo de Kreisau não estava excessivamente interessado em destituir o regime nazi (embora estivesse em contacto com outros que grupos que tinham essa intenção, mais especialmente a célula de «resistência» centrada no Coronel Claus von Stauffenberg, que planeou o atentado bombista para assassinar Hitler), estando mais preocupado em fazer planos para a reorganização da Alemanha do pós-guerra. Yorck von Wartenburg acreditava que seria benéfico para a Alemanha sofrer uma pesada derrota, como uma espécie de purificação da psique alemã. Mas as suas ambições iam mais longe — não apenas para a reconstrução da Alemanha mas para a criação de uma nova Europa. Talvez significativamente, sabe-se que o Círculo de Kreisau teve um agente em Paris, embora a sua identidade nunca tivesse sido descoberta.57
Hans Adolf von Molkte era não só primo de Helmuth James, como também era casado com Davida, irmã de von Wartenburg, assim, certamente que tinha ligações com os líderes do Círculo de Kreisau. Mas ele teria feito parte dele? E se tivesse, Plantard e a Alpha Galates sabe-
riam/
Baigent, Leigh e Lincoln argumentam que o aparecimento de von Molkte em Vaincre mostra uma conexão entre a Alpha Galates e o movimento antinazi na Alemanha. Mas, apesar da sua ligação com o Círculo de Kreisau por laços familiares e matrimoniais, não há nenhuma prova sólida de que Hans Adolf partilhasse as suas convicções ou objectivos. No entanto, parece ser demasiada coincidência que a agenda a longo prazo do Círculo de Kreisau para a criação de uma Europa federal fosse partilhada pela Alpha

Galates — como veremos — sugerindo, no mínimo, uma forma de coordenação com o «lobby» alemão da «Europa unida.»
Previsivelmente, as ideias de Vaincre não poderiam deixar de ser polarizadas. Os que levam Plantard a sério, enfatizam a sua associação com pessoas como von Molkte, ao passo que os críticos de Plantaro tiram partido da sua ligação com pessoas semelhantes ao arqui-anu" -semita Coston. Talvez que um exame mais atento da revista lanc alguma luz sobre a questão...
Conhecimento secreto
Sempre uma publicação peculiar — pelo menos para o olhar jjiglo-saxónico — Vaincre era uma mistura densa e promíscua de ideias • esotéricas e agendas políticas. No aspecto quase-místico, o interesse principal era no passado remoto — antigas tradições de sabedoria popular, particularmente dos Celtas, e a realidade do continente perdido da Atlântida. A série de artigos de Moncharville referia que, quando o Cristianismo fez esquecer os Druidas, a «tradição da Atlântida» foi preservada pelos monges que a usaram para criar a Ordem Alpha Galates, a ordem associada à dos Cistercienses. Obviamente, este era um tema favorito: um certo Auguste Brisieux (possivelmente, um pseudónimo inspirado num poeta bretão do século dezanove) escreveu que os sobreviventes da Atlântida se estabeleceram na Bretanha. A obra do astrólogo e «atlantologista» Paul Lê Cour (1871-1954), cujo livro de 1937, A Era do Aquário (L'Ere du Verseau), influenciou muito o movimento da New Age, é frequentemente citado, embora não haja nenhuma sugestão de que o autor estivesse pessoalmente implicado na Alpha Galates. Devemos lembrar que essas ideias «alternativas» podem influenciar crucialmente o mundo real — afinal, ideias semelhantes estavam subjacentes na raiz da ideologia nazi, inspirando mesmo a meteórica ascensão do Partido ao poder na Alemanha.
No entanto, o aspecto mais controverso de Vaincre continua a ser sua estratégia. Mais tarde, Plantard alegou que ela era uma «revista da Resistência», mas os seus detractores sustentam que ela era pró-Vichy ~~ ou mesmo pró-nazi. (Embora existisse uma revista da Resistência Aamada Vaincre, isso foi provavelmente apenas uma coincidência: afinal, «Vencer» era um título óbvio para uma revista de tempo de guerra.)
Certamente, Plantard apresentou aos autores de O Sangue de Cristo
e ° Santo Graal uma declaração aparentemente feita por um tipógrafo
^ Vaincre, Poirier Murat, confirmando que a publicação era realmente
unia «revista da Resistência». 58 Talvez Murat devesse ser levado a sério
~~~ como Cavaleiro da Légion d'honneur e uma figura importante da
esistência Francesa. No mínimo, isto é, segundo Plantard, quando ele
Presentou o documento. Contudo, quando investigámos junto das
utoridades competentes, verificámos que não existia nenhum registo
, ^ue a Légion d'honneur alguma vez tivesse sido concedida a Urat. Assim, parece que Plantard estava simplesmente a mentir. Isto rnbém põe em dúvida a afirmação de que Murat fosse um herói da Slstência, afirmação que também assenta na palavra de Plantard.

A ênfase de Vaincre numa «nova cavalaria» que lutaria pela renovação da frança poderia ser considerada como uma exortação velada a uma revolta contra os ocupantes nazis, mas há outras interpretações De facto, como muitas outras organizações daquele tempo e lugar, Vaincre dava especial atenção a uma futura França que pudesse ser ditosamente independente, devido quer a uma vitória dos Aliados, quer a uma
~~~

reconciliação com uma Europa dominada pelos nazis. «Vaincre» —Vencer/Conquistar» — refere-se não aos nazis, mas à própria França. Em qualquer caso, era suposto que Pétain ainda estaria no poder quando a situação se tornasse mais clara.
Não só Vaincre era devotada a Pétain, como também declarava que a Alpha Galates era «dedicada unicamente» ao seu serviço e ao da França. No primeiro número, o editorial de Plantard expressava admiração pelo líder de Vichy como — significativamente — o primeiro homem, desde a queda da monarquia, capaz de unir o povo francês. Mas, evidentemente, ser pró-Pétain não equivale automaticamente a ser um colaboracionista — quer dizer, não até depois da guerra.
Embora sendo uma revista de direita, Vaincre era anticapitalista: no primeiro número, «Pierre de France» escreveu que a visão que a Alpha Galates tinha do país era baseada «na cooperação e harmonia do povo, unido num verdadeiro socialismo, eliminando para sempre as querelas criadas pelos ”interesses capitalistas”». E descreve o novo movimento para atingir esse fim (a ênfase é sua): Primeiro que tudo, deve ser unido, solidário; deve ser numeroso, isto é, formar uma Grande Ordem de cavalaria, porque se formos numerosos e disciplinados, seremos fortes, porque se formos fones seremos temidos e podemos vencer, quer dizer, impor às massas uma doutrina e um ideal». Mas, exactamente, o que defendia Plantard? Certamente, uma sociedade hierárquica — mas não seria também uma ditadura? Afinal, os nazis eram nacional-socialistas
Vaincre era extremamente ambiciosa. A sua «jovem cavalaria» teria contrapartidas em toda a Europa, o alicerce para uns «Estados Unidos do Ocidente»... Uma ilustração de Vaincre, muitas vezes reproduzida, mostra um cavaleiro montado, levando uma bandeira ostentando um símbolo que, mais tarde, se tornou o selo do Priorado de Sião, dingindo-se para um sol nascente que rodeia o signo de Aquário, a próxim3 Era Astrológica. A estrada começa com a data 1937 — quando, alegada’ mante, a Alpha Galates foi fundada — enquanto o sol tem a marca «l 946», presumivelmente, o ano em que estava previsto o culminar oe algum programa. (Um lado da estrada está assinalado «Bretanha” outro «Baviera», implicando que os Estados Unidos do Ocidente seria113 governados pela França e pela Alemanha.]
Como seria de esperar, a política de Vaincre era distintamente ambígua: por vezes, nem é claro se os autores aprovam ou desaprovam Os temas por eles escolhidos. Por exemplo, «Auguste Brisieux» escreve que os «Preparativos para a vinda de Hitler a França decorrem desde
1934, na sequência do revés de 6 de Fevereiro»... mas seria um revés para a Alpha Galates ou para os seus inimigos? E a chegada dos nazis a França era considerada uma coisa boa ou uma coisa má?
De facto, Vaincre não toma partido quanto aos nazis e à Ocupação, limitando os seus comentários ao mínimo — quando são referidos, é apenas em termos vagos ou ambíguos. Numa das poucas referências directas ao Fueher, na edição de Janeiro de 1943, Plantard escreveu: «Quero que a Alemanha de Hitler saiba que todos os obstáculos aos nossos projectos a enfraquecem, como a Resistência da Maçonaria arruina a força alemã.» No entanto, ele parece ter entendido isto como um aviso aos ocupantes alemães para não levantarem obstáculos à Ordem. (É verdade que os Alemães pareciam ter desconfiado de Vaincre e da Alpha Galates.)
Compreensivelmente, os laivos anti-semitas, fortes e por vezes repugnantes, suscitaram acusações de pro-nazismo. Contudo, como o exemplo da Polónia — o país mais violentamente anti-semita da Europa antes de ter sido virtualmente destruído pelos Alemães — mostra, era possível ser anti-semita e, ao mesmo tempo, ser também antinazi. Tragicamente, o sentimento anti-semita era corrente em toda a Europa, e

muitos que se opuseram à expansão alemã e ao resto da ideologia nazi estão de acordo, pelo menos sobre essa questão.
Plantard, mais tarde, defendeu-se dizendo que Vaincre tinha que
adoptar esse torn para evitar levantar as suspeitas alemãs, apressando-se
a referir que a revista colaboracionista Au pilori atacou Vaincre — e ele
Próprio — em Novembro de 1942.60 Mas isso não se compreende: se
rçvista colaboracionista tivesse optado por ignorar a edição comple-
amente, Vaincre teria emergido com muito menos ambiguidade e
Cer«ura potencial.
Mas um facto curioso sugere que outra coisa diferente se estava a
ar eternamente. Na edição de Janeiro de 1943 de Vaincre, um artigo
p ^ com o pseudónimo Brisieux escolheu o industrial judeu Achille
A lviiComo a^vo de crítica, como judeu e como maçónico. Gaston Marie
Jud F°uld (1890-1969) era membro de uma importante família
Fin a banqueiros e neto do eminente Achille Fould, ministro das
trai ,^as de Napoleão in. Mas quinze anos depois, Plantard e Fould
ariam lado a lado no Manifesto aos Franceses (Manifeste aux
96
97
Français), outro movimento da «renovação da França» formado em seguida ao regresso ao poder do general de Gaulle em 1958.61 O quç isto significa, não sabemos, embora sugira que, até certo ponto, a Alpha Galates prosseguia uma agenda que era mais importante que a política da Ocupação. Mas o que poderia ter convencido o banqueiro judeu a cooperar com Plantard, editor da aparentemente anti-semita Vaincre'? Que agenda secreta poderia ser suficientemente importante para atenuar um insulto tão pessoal e até racial?
Sobre o tema da Maçonaria, embora a Vaincre geralmente adoptasse uma posição hostil, também há ambiguidades. Umas vezes, a revista parece aprová-la — afinal, alguns dos seus colaboradores eram eles próprios maçónicos. Contudo, a Maçonaria francesa está longe de ser um movimento homogéneo e unificado, apresentando várias formas rivais, cada uma com os seus órgãos dirigentes. O ramo predominante — o que Vichy atacava — está sujeito à autoridade do Grande Oriente de França. Mas outros órgãos dirigem lojas com sistemas ou ritos diferentes, como a Grande Loja de França e a Grande Loja Nacional Francesa (Grande Loge Nationale Française, ou GLNF). A diferença principal entre elas é a sua atitude em relação a Deus: o Grande Oriente é, como convém à França republicana, neutra sobre a questão (a razão por que continua a não ser reconhecida pela Grande Loja Unida de Inglaterra, que insiste em que os Maçónicos acreditem num deus). Enquanto a GLNF é igualmente teísta, a Grande Loja de França dedica o seu trabalho unicamente ao Grande Arquitecto do Universo.62
Contudo, durante a Ocupação, havia outro grupo importante — embora pequeno — a Grande Loja do Rito Rectificado (Grande Loge du Rite Rectifié), que representava o Rito Rectificado Escocês (o qual, apesar do seu nome, tem pouca ligação com a Escócia). Embora se fundisse com a GLNF em 1958, ainda era autónoma em 1943 — e incluía os maçónicos da Alpha Galates: como vimos, Camille Savoire criou e presidiu ao seu Grande Priorado dos Gauleses. Isto resolve a aparente contradição da Vaincre: era possível atacar o Grande Oriente mesmo que se pertencesse ao Rito Unificado. A Alpha Galates e a Vaincre poderiam mesmo representar uma luta mortífera com a Mac0' naria francesa. — a guerra do Rito Rectificado Escocês contra o Gran"e Oriente.
Contudo, a natureza da relação entre a Maçonaria do Rito Escoce e a Alpha Galates é desesperantemente suspeita. A Ordem poderia t£ sido uma fachada ou um campo de

recrutamento para o Rito, ou tawe partilhassem apenas objectivos comuns. Mas como descobrimos,

98

conexão maçónica, de forma significativa, constitui a base não só da j\lpha Galates, mas também do próprio Priorado...

Admissão no Priorado

Na sua carta de demissão, em 1984, como grão-mestre do Priorado de Sião, Plantard referiu-se à sua admissão na Ordem, a l O de Julho de 1943, sob recomendação do abade François Ducaud-Bourget63 — mas esta afirmação não tem possibilidade de sucesso, porque não há nenhuma prova de que o Priorado existisse nessa altura. No entanto, o padre Ducaud-Bourget existiu, e ele é uma figura interessante.

Um ardente realista e eclesiástico tradicionalista, Ducaud-Bourget (1897-1984) fundou a União Universal dos Poetas e Escritores Católicos (Union Universelle de Poetes et Écrivains Catholiques), e a revista Matines. Era capelão conventual da Ordem Soberana e Militar de Malta — a ordem de cavalaria descendente dos Cavaleiros Hospitalários medievais, e que ainda goza de um estatuto especial junto do Vaticano — entre 1947 e 1961, e foi condecorado com a Medalha da Resistência pelo seu trabalho durante a guerra.64. Contudo, reflectindo a natureza paradoxal da época, ele era também um favorito de Pétain: de facto, Ducaud-Bourget era a escolha de Pétain como o próximo Arcebispo de Paris (a mais alta autoridade da Igreja Católica em França).65 (Mais tarde, Ducaud-Bourget foi um suposto grão-mestre do Priorado nos anos 60.) A morte de Maurice de Moncharville, em Fevereiro de 1943, parecia ter implicado o fim da Vaincre: abriria falência antes do fim do mês, revelando que talvez ele tivesse sido a sua maior influência e o seu financiador, embora pudesse ter havido algum elemento de medo depois de os Alemães terem tomado o controlo do governo de Vichy.

ertas actividades já não eram toleradas. Embora a Alpha Galates Pudesse ter feito os comentários correctos junto dos nazis sobre Pétain

ttíesrno sobre a Ocupação, para não falar dos Judeus e dos maçónicos,

a ainda era uma organização muito semelhante à cavalaria associada

013 forma de Maçonaria. Quando, de repente, a sorte se voltou

tra os Alemães na guerra mais vasta, e seu controlo sobre os territó-

sufS °CUPad°s se tornou mais rigoroso, associações dessa natureza eram

1ÍvrenteS para atrair susPeitaspa enos de um ano depois do fim da Vaincre, Plantard foi enviado

ve2; P^ão durante quatro meses, por razões desconhecidas. Mais uma história é desesperantemente tortuosa.

O próprio Plantard prestou a informação, segundo a qual ele passara algum tempo na prisão de Fresnes, perto de Paris, entre Outubro de

1943 e Fevereiro de 1944, alegadamente devido às suas actividades na Resistência. Também afirmou ter sido torturado pela Gestapo. Esta versão dos acontecimentos também aparece num artigo escrito pela sua primeira esposa Anne-Léa Hisler em 1960, e na (alegada) declaração de 1955 feita pelo seu tipógrafo Poirier Murat. Mais tarde, em 1989, Plantard ainda afirmaria — de uma forma algo perversa — que tinha sido preso por ter ajudado Judeus a obter documentos falsos, e que a sua libertação acontecera através da intervenção do conde Helmuth James von Molkte. Isto é muito improvável: von Molkte fora preso pela Gestapo no mês anterior, e permaneceu na prisão até à sua execução, um ano depois.66

Os detractores de Plantard afirmam que ele foi preso por uma razão completamente diferente, talvez por alguma irregularidade relacionada com a Vaincre ou por dirigir uma sociedade não registada.67 Contudo, o facto de se terem passado oito meses entre o

último número da Vaincre e a sua prisão é um argumento contra uma possível ligação com a publicação. Além disso, os relatórios da polícia em 1945 (depois da Libertação) e 1954 referem que, segundo os seus ficheiros, Plantard não tinha um registo criminal, indicando que não foram as autoridades francesas que foram responsáveis pela sua prisão (o que teria sido o caso se ele estivesse a dirigir uma sociedade não registada). Ninguém conhece a razão exacta da sua condenação.
O relatório de 1945, referindo os seus vários pedidos para registar a Alpha Galates e outras organizações, refere: Estes vários pedidos, e talvez a sua atitude para com as autoridades da ocupação, valeram-lhe uma detenção de 4 meses na prisão de Fresnes.»68
Isto é o mais próximo que temos de uma explicação oficial para a prisão e detenção de Plantard; embora frustrantemente parca em detalhes, ela não indica que ele foi considerando como um problema real ou potencial pelas autoridades alemãs. A sua condenação parece ter sido uma espécie de choque abrupto e violento para restringir a liberdade de um jovem pretensioso e sedento de poder.
Pelo menos, isto é a favor de Plantard: foram os Alemães em Pa”5 que pretenderam a sua prisão, improvável para um colaborador °u simpatizante conhecido. (A mãe de Plantard também dissera aos iO’ vestigadores, em 1945, que fora a Gestapo, não a polícia francesa, 9ue prendera o seu filho.) Mas embora o facto de ter sido preso pelos nazi5 estivesse muito longe de tornar alguém num verdadeiro um herói &
Resistência, reinventar um passado relativamente ao tempo de guerra não era invulgar (como vimos, no caso de Henri Coston). De facto, pessoas muito mais importantes — até o futuro Presidente Mitterrand — criaram para si próprios passados imaginados, muito mais fabulosos, quando os factos eram consideravelmente menos heróicos.
Plantard do pós-guerra
Pouco se pode reconstituir das actividades de Plantard nos anos que mediaram entre a Libertação e o registo do Priorado de Sião. Em Dezembro de 1945, casou com Anne-Léa Hisler, embora mistério e fuga totalmente desnecessários rodeassem o seu casamento, como tudo o mais na sua vida. Plantard afirmou que se divorciaram em 1956, mas, com efeito, eles ainda viviam juntos em meados dos anos 60 — e parece que continuaram marido e mulher até à morte de Anne-Léa em 1971.
Segundo o retrato biográfico do seu marido, escrito em 1960, Anne-Léa refere que foram viver para a Suíça, perto do Lago Léman, em
1947.69 Segundo os arquivos oficiais, em 1951, Plantard tinha regressado a França, tendo-se fixado em Annemasse, onde Pierre Jarnac afirma que trabalhou com ele como desenhador, embora Plantard declarasse no formulário de registo do Priorado de Sião que era jornalista, talvez porque isso lhe parecesse mais impressionante.70
O que sabemos é que Plantard esteve implicado nalgumas transacções financeiras duvidosas pelas quais foi condenado a seis meses de prisão. Mas o resto está envolto em mistério, porque os investigadores deparam com a barreira das leis da privacidade francesas, que se contam entre as mais rigorosas do mundo. Dar informações relativamente ao registo criminal de alguém a uma terceira pessoa (além da polícia e de outras agências governamentais), é estritamente proibido.
Isto é o que sabemos: nos anos 80, Plantard envolveu-se em certas controvérsias muito acaloradas, incluindo ameaças de acção legal, Durante as quais uma circular anónima referente à sua alegada criminalidade, enviada aos investigadores franceses e britânicos, incluía esta alegação:
Há alguma necessidade de recordar que, em 1952, Pierre Plantard fez transferências ilícitas de barras de oiro da França para a Suíça (para a Union dês Banques Suisses) no

valor de CEM MILHÕES [de francos] e que ele compareceu perante o tribunal criminal acusado de fraude...71
100
101
Quando Baigent, Leigh e Lincoln confrontaram Plantard com esta acusação, ele admitiu ter organizado as transferências de oiro, mas disse que transferi-lo não fora contra a lei, nessa altura (embora, mais tarde se tornasse ilegal). Disse que o oiro se destinava a financiar uma rede de grupos que planeavam o regresso do general de Gaulle ao poder Evidentemente, Annemasse, estando situada na fronteira com a Suíça, teria proporcionado uma base ideal para tais actividades.72
O autor anónimo implicara que a transferência de oiro estava directamente associada à acusação de Plantard por fraude, mas embora este não seja o caso, ele foi acusado de alguma forma de irregularidade financeira em 1953. Sabemos isto pela leitura de uma carta que se encontra no ficheiro do Priorado de Sião na subprefeitura de Saint-Julien, escrita pelo o presidente do município de Annemasse, datada de 8 de Junho de 1956, a qual refere que, em Dezembro de 1953, Plantard foi condenado a seis meses de prisão por obus de confiance — abuso de confiança. Essencialmente, isso significa desfalque, desvio de fundos ou abuso da posição de depositário (ou similar) dos bens de outra pessoa. Mas quem foi a parte lesada, e o que fez Plantard exactamente, permanece frustrantemente obscuro, tal como é obscura qualquer potencial ligação com a transferência das barras de oiro. Tudo isto, no entanto, revela que Plantard tinha uma reputação duvidosa no que diz respeito a dinheiro.
A circular anónima de 1983 faz outra alegação respeitante à moralidade de Plantard:
Depois, em 1957, não divorciado da sua primeira mulher, tinha uma namorada de 18 anos (sendo, na altura, a maioridade aos 21) e que [sic] os pais apresentaram uma queixa contra ele...
Por mais estranho que possa parecer hoje, naquela época os pais eram legalmente responsáveis pelos filhos até aos vinte e um anos, uma maioridade bastante tardia. Também nessa altura, o clima moral ern França — provavelmente como reacção às convulsões sociais da guerra — era quase puritano: a homossexualidade e todas as formas de promiscuidade eram decididamente reprovadas. E aparentemente, eis que Plantard, com trinta e sete anos, casado, tinha um caso amoroso com uma rapariga de dezoito anos — cujos pais apresentaram uma queixa oficial contra ele. Pode parecer mau, mas seguramente que nunca se aproximou de uma característica investigação policial por détournement ães mineurs, literalmente, «corrupção de menores», de que os inimigos
je Plantard o acusavam. Pior, alguns descreveram a ofensa como Corrupção infantil» — com a inevitável implicação de que Plantard (jjolestou uma criança — sem dar os detalhes precisos (ou citar provas (je outra acusação semelhante).73
Mas a denúncia de 1983 fez outra alegação. Talvez de forma significativa, outros críticos fizeram estas alegações enquanto Plantard estava vivo.
Este caso [da rapariga de dezoito anos], como os outros, foi /. abafado, porque Pierre Plantard era, no principio de 1958, o agente secreto do general de Gaulle, assumindo o secretariado das Comissões de Segurança Pública...
O sinal «.’.» simboliza a Maçonaria, sugerindo que os apoiantes maçónicos do general de Gaulle abafaram o caso — e que, pelo menos durante esse período, Plantard tinha amigos em altos cargos.
Mas Plantard seria realmente um «agente secreto» do general de Gaulle ou do movimento gaullista? Certamente, parece ter sido: ele afirmava que a transferência do oiro para a Suíça se destinava à rede pró-de Gaulle, e há provas sólidas de que não só

Plantard era um agente secreto, como também desempenhou um papel-chave num dos mais importantes acontecimentos da história da França no pós-guerra: o regresso triunfante do general de Gaulle ao poder e a criação da Quinta República.
Ressuscitado
Em Agosto de 1945, um triunfante Charles de Gaulle marchou dramaticamente à frente das suas tropas e entrou numa Paris estaticamente libertada, logrando brilhantemente o plano de Roosevelt para que a França fosse dirigida por um governo militar Aliado. Tendo ultrapassado o Presidente americano, de Gaulle fez-se proclamar e reconhecer como o Presidente do governo provisório de França (isto é, o governo de gestão até que a situação se tornasse mais clara).
A visão que de Gaulle tinha da França ultrapassava muito a derrota dos nazis: ele, também, acreditava verdadeiramente que a sua amada nação estava doente até à alma. Opunha-se firmemente a um regresso ao sistema de governo anterior à guerra; na sua opinião, durante a Terceira República, os partidos políticos gozavam de demasiado poder,

o que resultava em frequentes mudanças de governo e na dificuldade de governar. Queria rescrever a constituição para dar mais poder ao Chefe de Estado — isto é, o Presidente, anteriormente um chefe nominal, até certo ponto. Para o monárquico convicto de Gaulle, terem-se libertado do Rei fora um erro quase sacrílego — um pecado e um crime. Ele teria restaurado a monarquia, mas como fazê-lo teria provocado uma manifestação de protesto próxima da guerra civil, ele procurou encontrar a segunda melhor solução: uma presidência com os poderes de um monarca — efectivamente, um rei eleito.74
Contudo, como de Gaulle depressa compreendeu que a sua França ideal nunca se iria materializar, demitiu-se a 20 de Janeiro de 1946. Em 13 de Outubro, um referendo aprovou a nova constituição da Quarta República, mas não de forma convincente, porque apenas um terço do povo votou a favor (9,2 milhões a favor, 8,1 contra, 8,4 abstiveram-se). Mas de Gaulle tinha razão; o governo era caótico: entre
1946 e o seu regresso ao poder em 1958, houve nada menos que 24 governos e 17 primeiros-ministros.
Em Abril de 194 7, de Gaulle lançou o seu próprio partido político, o Reagrupamento do Povo Francês (RPF), apropriando-se do símbolo da França Livre, a Cruz de Lorena. No entanto, depois de um resultado desastroso nas eleições de 1951, ele dissolveu o RPF, retirando-se da vida pública para a sua casa de Colombey-les-Deux-Églises no Haute-Marne, na orla da Floresta de Clairvaux, apenas a cerca de 60 quilómetros de distância de Domrémy, terra natal de outro lendário salvador da França, Joana d'Arc. Ostensivamente, ele escrevia as suas memórias — não tanto para se manter ocupado, mas como Churchill, -para assegurar que a sua versão dos acontecimentos fosse preservada para a posteridade. Mas, na realidade, estava à espera do apelo, que ele tinha a certeza de que chegaria, para que ele reatasse o seu destino único. Como ele admitiu:
Durante os seis anos seguintes, entre 1952 e 1958, dediquei-me a escrever as minhas Memórias de Guerra, sem intervir nos assuntos públicos, mas nunca, nem por um momento, duvidando de que a enfermidade do sistema conduziria, mais cedo ou mais tarde, a uma grave crise nacional.75
Para todas as outras pessoas, o regresso do general de Gaulle parecia improvável. No final de 1955, menos de l por cento da população disse que esperava que ele se tornasse Presidente; em Julho de 1956, esse

número era de 9 por cento, e mesmo quando ano de 1958 começou, Os seus admiradores ainda representavam uns magros 13 por cento. O grande herói, subitamente, já não era uma pessoa famosa.76
Por outro lado, de Gaulle gozava de grande apoio nas forças armadas, e esses admiradores incitavam-no continuamente a dar um passo decisivo. O Marechal Alphonse Juin, um dos mais importantes comandantes de França, escreveu-lhe em Maio de 1956, dizendo que chegara o momento de ele fazer um «apelo solene» à nação, como tinha feito em 1940. A firme, mas amável, recusa do general de Gaulle é significativa: «De momento, acredito que, para mim, o silêncio é a atitude mais impressionante... se eu falar um dia, será para agir. Quando estiver seguro, estaremos juntos mais uma vez»77
A estratégia do general de Gaulle, de esperar pelo momento certo, aguardando a grande crise que faria a França pedir-lhe que regressasse, finalmente, teve sucesso.
Para muitos Franceses, o declínio do seu país era humilhantemente exemplificado pela perda do seu império. Antes da guerra, a França possuía extensas colónias e protectorados no Norte de África (Argélia, Marrocos e Tunísia), na África Central e na Indochina (modernos Vietname, Camboja e Laos). Embora os países da Indochina francesa alcançassem a independência em 1954, muito pior foi a campanha pela independência que se seguiu na Argélia.
A França dominara a relativamente próxima Argélia durante tanto tempo, e tantos dos seus nacionais se tinham fixado lá, que ela era virtualmente considerada como uma parte da própria França. Mas, depois, aconteceu o impensável: foi necessário transferir um número crescente de tropas para a Argélia para tentar reprimir o crescente clamor que exigia a independência. Finalmente, quando o governo parecia estar prestes a ceder, os chefes civis e militares tomaram o poder, criando uma Comissão de Segurança Pública. (Embora «Comissão de Salut Publique» seja geralmente traduzido como «Comissão de Segurança Pública», fazendo-o parecer mais um grupo de pressão para a prevenção de acidentes, salut publique, para os Franceses, tem a conotação muito mais nobre de «salvação nacional»). Esta foi uma forma muito francesa de golpe de estado, baseada nas lições aprendidas com a Revolução. As comissões autonomeadas tomaram o controlo das cidades, ostensivamente para manter a lei e a ordem durante uma crise, mas, na realidade, para tomar o poder.
Formada em Argel, a Comissão tomou o controlo da capital argelina em 13 de Maio de 1958 — essencialmente, uma tomada de poder pelos oficiais do exército gaullistas em oposição ao governo de Paris. Sem

causar admiração, o primeiro-ministro Félix Gaillard demitiu-se. \ja
depois, a rebelião ameaçava alastrar à própria França («França Metro
politana», para a distinguir das suas possessões do Norte de Áfricai
Como o exército se revoltou contra o governo, a guerra civil e uma
ditadura militar pareciam estar eminentes. Era necessária uma figura
que se tivesse mantido distanciada da situação e que pudesse reconciliar
as facções em oposição. De Gaulle, mais uma vez, considerou-se como
nas suas palavras, «o instrumento escolhido»78 para salvar a França, desta
vez, de si própria.
O exército argelino informou-o de que, a não ser que ele tomasse o controlo da situação, haveria incursões militares na própria França Metropolitana: na verdade, os serviços secretos revelaram que a invasão estava planeada para a noite de 27-28 de Maio, com 400 pára-quedistas prontos a tomar o controlo de Paris. Em 24 de Maio, tropas da Argélia desembarcaram na Córsega, onde Comissões de Segurança Pública tomaram o

poder em Ajaccio, Calvi e Corte. Urna rede de comissões, colaborando com os comandantes do exército locais, apareceram também nas maiores cidades de França.
O historiador britânico Michael Kettle comentou o papel do general de Gaulle: «A situação estava tão má como em 1940. Mas para salvar a França, desta vez, ele teria que ser Pétain assim como de Gaulle. Ele sabia que era formalmente solicitado como quase uma trindade: como rei, subconscientemente por quase todos; como ditador, por muitos elementos do exército e da direita; e como primeiro-ministro democraticamente eleito, por um número crescente de Franceses em todo o país.»79
Enquanto toda a nação aguardava ansiosamente, de Gaulle regressou a Paris para conversações com os políticos. Depois de ter sido eleito primeiro-ministro pela Assembleia Nacional em l de Junho, formou um governo, do qual só dois ministros — Michel Debré (Justiça) e André Malraux (informação) — eram conhecidos gaullistas. No dia seguinte — depois de uma ameaça, cuidadosamente encenada, de se demitir e mergulhar novamente a nação no caos — foram-lhe concedidos plenos poderes para reformar a constituição. O principal arquitecto da nova constituição foi Debré, o primeiro primeiro-ministro do novo Presidente de Gaulle.
De Gaulle, finalmente, realizava o seu sonho de reformular a constituição, estabelecendo a Quinta República. O referendo de Setembro de 1958 foi decisivo: 80 por cento eram a favor (num total de 85 por cento de eleitores). Dois meses depois, a 21 de Dezembro de 1958, de Gaulle foi eleito o primeiro Presidente da Quinta Re-

oública. (De facto, esta foi a primeira vez que ele foi candidato a um cargo público.)
Embora de Gaulle afirmasse que o Presidente seria o árbitro entre os vários departamentos governamentais, na realidade, só ele controlava a política nacional. John Laughland refere que «os poderes gozados pelo Presidente francês não eram igualados pelos de nenhum outro político no mundo ocidental.»80
De Gaulle regressara ao poder, ao seu destino, com um mandato para reformar a França como ele sempre desejara, devido à oportuna insurreição na Argélia — pelo menos, é isso que dizem os livros de história. A verdade era muito mais complexa. Os apoiantes do general de Gaulle, especialmente no exército, estavam prontos para aproveitar qualquer crise — ou, talvez, até a tivessem preparado...
Não há dúvida de que havia intrigas de bastidores — uma conspiração — para fazer regressar de Gaulle ao poder. O que nunca foi determinado é se ele tinha conhecimento disso, ou se ele foi a força impulsionadora dessa conspiração. Sempre declarou que não tinha conhecimento de nada. Mas, afinal, ele não poderia dizer outra coisa. Segundo afirmou:
A crise que eclodiu na Argélia em 13 de Maio... não me surpreendeu nada. No entanto, não desempenhei nenhum papel quer na agitação local, quer no movimento militar, quer nos planos políticos que a provocaram, e não tinha nenhuma relação com quaisquer elementos no local ou com qualquer ministro em Paris.81
Reconheceu que o governador-geral da Argélia, Jacques Soustelle, era um dos seus mais próximos associados durante a guerra e no RPF, e que vários outros antigos associados tinham promovido a ideia, na Argélia, de que ele deveria ser chamado a tomar o poder. Mas ele insistiu «fizeram-no sem a minha aprovação e sem mesmo me terem consultado.»82
Mas certamente que é inacreditável que o astuto de Gaulle pudesse ter-se mantido no desconhecimento de conspirações orquestradas por estas figuras públicas. Ou ele adoptou uma atitude nelsoniana de «não vejo nenhum barco» ou foi mantido inteiramente informado, mas, inteligentemente, manteve o nível necessário de

«possibilidade de negação plausível». De outro modo, poderia dizer-se que de Gaulle tinha conspirado com o exército para tomar o controlo da França — impensável!

Como vimos no Capítulo l, o RPF tinha um service d'ordre interno que se iria tornar no SAC. Embora oficialmente não existente entre
1953 e 1958, é difícil acreditar que ele se contentasse em aguardar o desenrolar dos acontecimentos — especialmente quando os partidários do general de Gaulle preparavam activamente o seu regresso triunfal. Meny e Serge Bromberger, no seu livro de 1959, Os 13 Conluios de
13 de Maio (Lês 13 comphts du 13 mai), identificam o pequeno grupo de apoiantes do general de Gaulle que planearam os acontecimentos. O grupo incluía Jacques Soustelle, o qual, segundo dizem, adoptou a táctica do Cavalo de Tróia, regressando à Argélia, e Michel Debré.83
Sendo isto a França, a situação complica-se, porque, apesar dos desmentidos oficiais da existência de qualquer conspiração, havia, de facto, duas conspirações (além de várias subconspirações) que envolviam o Exército e as Comissões de Segurança Pública, sendo que as duas entraram em acção no dia 13 de Maio de 1958. A outra conspiração importante foi orquestrada por uma facção anti-de Gaulle, e que planeava preparar uma tomada de poder pelo Exército. As duas conspirações tinham os mesmos objectivos e empregavam os mesmos métodos — sendo que a única diferença era que uma queria de Gaulle e a outra, decididamente, não o queria.
A outra conspiração foi planeada e dirigida pelo ultraconspirador Dr. Henri Martin, que fora um dos fundadores da Cagoule, antes da guerra. Ele, com vários generais e outro grande conspirador, o belga Pierre Joly, formaram um grupo com o nome inverosímil de Grand O, a que os Brombergers chamaram «a nova Cagoule.»84 Fomentando uma crise, o Grand O levou a cabo uma campanha de atentados à bomba na Argélia, em 1957. O centro da conspiração era Saint-Étienne (uma das localidades destacadas em Circuit), com a sede em casa de um antigo membro da Resistência, Thérère Obertaud (com o nome de código «Gladys» no tempo da guerra), onde uma incursão da polícia, na noite de 16-17 de Maio de 1958, encontrou um depósito secreto de metralhadoras e outras armas. Nos dias seguintes, esconderijos semelhantes foram encontrados no Loire e em Puy-de-Dôme.85
Como complicação final, a rede de Comissões de Segurança Pública estabelecidas em França era efectivamente partilhada entre os dois grupos de conspiradores porque elas envolviam facções tanto pró como anti-de Gaulle. E como se tornou evidente que o apoio popular estava com o general, o Grand O, finalmente, decidiu juntar-se ao partido gaullista.86 Por conseguinte, o principal problema da conspiração para

regresso do general de Gaulle é que se torna excepcionalmente difícil, jepois dos acontecimentos, saber quem estava motivado e pelo quê.
O misterioso Capitão Way
Em 1964, Anne-Léa escreveu que as Comissões de Segurança Pública operavam sob o comando do Marechal Alphonse Juin e que a comissão executiva consistia em Michel Debré, André Malraux — e Pierre Plantard, «conhecido como Capitão Way». Ela faz citações das cartas do general a Plantard, ordenando a dissolução das Comissões.87 Se for verdade, isto faz-nos reconhecer Plantard como um protagonista realmente muito importante. (Infelizmente, nunca ninguém pôde determinar a autenticidade destas cartas, porque os originais nunca foram vistos.) Embora fosse tentador rejeitar este episódio como um típico embuste plantardiano, o facto é que há boas provas para acreditar nele. Em 18 de Maio de 1958, as agências noticiosas estrangeiras, como a americana United

Press, receberam um comunicado anunciando que uma Comissão de Segurança Pública estava a operar na área de Paris.[88] Obviamente, isto era uma notícia sensacional. A 6 de Junho — cinco dias depois de o general de Gaulle ter sido escolhido como primeiro-ministro — foi publicado um artigo no jornal diário nacional Lê Monde, com o título: «Quantas Comissões de Segurança Pública há em França?» O jornal citava Léon Delbecque, um dos homens que formara as comissões originais de Argel, que dizia que aquela comissão continuaria, e que a Comissão Nacional seria brevemente formada, referindo — se às «trezentas e vinte Comissões da Metrópole» (isto é, 320 comissões estavam prontas a tomar o poder em toda a França). Algumas Comissões já tinham sido oficialmente reconhecidas emToulouse, Tarbes, Lyons e no Rhône. Num ambiente carregado de excitação e entusiasmo, fora emitido um comunicado da Comissão Central, em nome do Capitão Way, declarando:

A Comissão de Segurança Pública deve expressar os desejos do povo, e é em nome da liberdade, unidade e solidariedade que todos os Franceses devem participar na obra de reconstrução do nosso pais; todos os voluntários que desde há quinze dias têm respondido aos nossos apelos, devem apresentar-se hoje e apoiar o general de Gaulle. Patriotas, aos vossos postos, e confiem no homem que já salvou a França — o general de Gaulle.[89]

Três dias depois, o Lê Monde afirmava que existiam agora Comissões de Segurança Pública no centro e à volta de Paris, e em catorze outros départements. E o jornal tinha agora mais informações quanto ao misterioso Capitão Way, o secretário da Comissão Nacional, que lhes escrevera com o seu verdadeiro nome — Plantard. (Ele escolheu o pseudónimo a partir do seu número de telefone, que podia ser discado marcando as letras «WAY» e «PAIX».) A carta declara:

A comissão central foi criada a 17 de Maio, e o seu objectivo era a propaganda e o estabelecimento de uma ligação entre todas as Comissões de Segurança Pública em França.

Considerando que a França é uma terra de liberdade, que cada um tem o direito absoluto às suas convicções, a nossa acção está à margem de toda a política, é exclusivamente a nível patriótico, para dar o máximo da nossa força à renovação da França.

Assim, declarámos numa carta de 29 de Maio ao Senhor general de Gaulle que «obedecemos estritamente às directrizes que recebemos das autoridades.»[90]

O artigo também apresentava um relatório sobre um novo comunicado da Comissão Nacional assinado pelo seu Presidente, J.-E. Gavignet, um antigo líder da Resistência que fora deportado para Dachau: «Entre
16 e 18 de Maio, a nossa Comissão fundou Comissões de Segurança Pública provisórias em seis arrondissements de Paris, em 22 comunas de Seine, Seine-et-Oise e Seine-et-Marne, e em 14 departamentos metropolitanos.» O Lê Monde também descrevia Plantard como um responsável financeiro por uma determinada actividade em Paris, enquanto ele próprio se descrevia, falsamente, como um «antigo deportado», presumivelmente para partilhar da admiração suscitada por Gavignet devido ao trauma que ele sofrera no tempo da guerra. Finalmente, sete semanas depois, o Lê Monde anunciava que a Comissão Central encerrara, reproduzindo um comunicado de Way:

Foi dissolvida a Comissão Central de Segurança Pública para a região de Paris, o que leva as Comissões de Segurança Pública de Paris e de outras localidades, em consequência, a libertar os activistas que responderam ao apelo de 17 de Maio.

Os membros da Comissão Central decidiram formar federações do movimento do Manifesto aos Franceses [Lê Manifeste aux Français], 139,

rue Lafayette, Paris (10° arrondissementé) o reagrupamento nacional cujo programa assegura a defesa do país e da liberdade. Pelo Departamento da Comissão Capitão Way91
O jornal comenta:
[D]o «Movimento do Manifesto aos Franceses», que sucede à comissão... M. Pierre Plantard é secretário da propaganda e, entre os seus membros, encontramos os nomes de M.M. Achille Fould, industrial; Paritsch, jornalista; Maurice Du Pare... e o Dr. Paul Baron.
Assim, pelo menos, Plantard tinha colegas. Não era certamente ele que fazia tudo sozinho. (Mas, curiosamente, Achille Fould fora escolhido como alvo de críticas, tanto por ser judeu como por ser maçónico, na edição de Janeiro de 1943 de Vaíncre. A sua associação com Plantard, em 1958, parecer ser demasiada coincidência, sugerindo que a publicação do tempo da guerra — mesmo a sua denúncia — tinham feito parte de algum complicado projecto a longo prazo.]
Por outras palavras, menos de dois anos depois da apresentação pública do Priorado de Sião e de Circuit, Plantard desempenhou realmente um papel-chave nos acontecimentos que trouxeram de novo de Gaulle ao poder. Contudo, parece que ele era apenas um organizador e distribuidor de comunicados, não uma pessoas influente com poder de tomar decisões.
Evidentemente, ficamos confusos. É certo que, como Plantard era pró-Pétain durante o período de Vichy, ele seria a última pessoa a trabalhar tão entusiasticamente pela causa do general de Gaulle... Contudo, não era de modo algum tão incongruente como poderia parecer transferir o apoio dado ao Marechal no tempo de guerra para o líder da França Livre. Como já observámos, de Gaulle e Pétain alimentavam visões semelhantes do futuro da França — eram inimigos, não devido a princípios divergentes, mas devido às suas situações individuais depois da queda da França. Há a complicação adicional de que Plantard poderia ter feito parte da conspiração Grand O, de Henri Martin, que começou como uma conspiração contra de Gaulle mas acabou por se juntar a ele.
As alegações de Plantard e Hisler são correctas. O único ponto controverso é que eles referem Michel Debré e André Malraux como líderes, e afirmam que as Comissões eram controladas pelo influente veterano de exército, Marechal Alphonse Juin. De facto, os três eram

os mais próximos apoiantes do general de Gaulle — este regista que no fim de Maio, nas negociações para o crítico voto parlamentar, «o Marechal Juin, pela sua parte, veio ter comigo e assegurou-me que o Exército me apoiava unanimemente.»92 (Juin parece ter estado envolvido em conspirações de bastidores, especialmente porque ele não tinha nenhum cargo oficial nas forças armadas nessa altura.93]
Oficialmente, o trio não teve nenhuma ligação com os acontecimentos que originaram o regresso do general de Gaulle ao poder, antes do golpe argelino e, depois dele, apenas de uma maneira clara. Todavia, tinham sido estabelecidas Comissões em toda a França, prontas para serem mobilizadas logo que a crise eclodisse — e alguns gaullistas poderosos e influentes deveriam tê-las controlado. Mas ele nunca poderia ser identificado — oficialmente, de Gaulle fora simplesmente arrastado pelos acontecimentos. O movimento que exigia o seu regresso tinha que ser visto como totalmente espontâneo. Quem realmente dirigia as Comissões teria que ter trabalhado através de representantes, intermediários e mecanismos de segurança dos serviços secretos. Talvez sem surpresa, Malraux, nas suas memórias, refere que ficou

surpreendido com o desenvolvimento da situação, escrevendo que, quando lhe perguntaram como pensava que de Gaulle regressaria ao poder:
«Através de uma conspiração do exército da Indochina,» respondi. «Julgam que estão a usá-lo, mas irão sofrer as consequências.» Não foi o exército da Indochina, e quando a minha profecia quase se cumpriu, eu estava em Veneza, absolutamente certo de que nada iria acontecer.94
Naturalmente, Malraux regressou apressadamente a Paris, e dois dias depois foi chamado por de Gaulle, que, embora ainda não estivesse no poder, lhe ofereceu o cargo de ministro da Informação. Sempre um homem de acção, Malraux queria alguma coisa mais desafiadora, como gerir a difícil situação argelina. Mas isso foi-lhe recusado.
Supondo que o seu testemunho seja exacto, se Malraux estava fora do país, não esperando o golpe de Argel, dificilmente poderia ter orquestrado a conspiração mais vasta para fazer regressar de Gaulle ao poder. No entanto, a sua nomeação como ministro da Informação — isto é, da propaganda — que durou os poucos meses em que de Gaulle estabelecia a sua posição, teria oferecido uma cobertura e oportunidade convenientes para conseguir o apoio popular. Afinal, essa era a principal actividade das comissões.
É interessante que, quando o relato de Anne-Léa foi entregue na Bibliothèque Nationale, Juin, Malraux e Debré estavam não só vivos

como também em posições de autoridade, mas nenhuma acção foi intentada contra ela, nem contra Plantard.

1956 e tudo o mais

Além do envolvimento de Plantard com as Comissões de Segurança Pública, outras pistas associam-no a de Gaulle: as transferências dos lingotes de oiro em 1952 coincidem com a dissolução do RPF e o estabelecimento da rede clandestina para preparar o caminho do regresso do general. É mesmo possível sugerir que Plantard, de alguma maneira, trabalhava para — ou com — a organização que veio a tornar-se no SAC, ou a rede do Grand O. Assim, o registo do Priorado de Sião e da sua revista Circuit em 1956 — dois anos antes do regresso do general de Gaulle — também faria parte deste plano, a longo prazo, para o destino da França, talvez mesmo para toda a Europa?
Alguma confusão rodeia não só o conteúdo de Circuit mas também a suposta raison d'être do Priorado de Sião (segundo o seu registo em
1956). Como vimos, a revista Circuit apresenta uma semelhança notável com a publicação típica da Resistência: mantendo, ocultamente, contacto entre os partidários dispersos e transmitindo-lhes mensagens codificadas, enquanto a sua rede de grupos clandestinos operava sob a cobertura de associações de habitação social. De facto, algumas localidades mencionadas nas notícias sobre as urbanizações sociais eram os lugares em que as Comissões de Segurança Pública estariam a operar dois anos depois.
Em 1980, um artigo de uma revista belga sobre o Priorado de Sião citava um alegado membro (Lord Blackford) como tendo dito que o Priorado de 1956 era apenas um grupo divergente do «verdadeiro» e muito mais antigo Priorado, e que tinha sido dissolvido depois dos acontecimentos de 1958 em França.95 Tudo isto forma um padrão notavelmente consistente.
Gino Sandri apresenta a actual «linha» oficial quanto ao registo do Priorado em 1956 assim: «A associação criada em Annemasse correspondeu à sua época, naquele lugar, a um objectivo preciso. Era, se preferirmos, uma espécie de círculo exterior. Uma função semelhante foi atribuída à Ordem Alpha Galates criada em 1934, em Paris».96 Assim, o

Priorado de Annemasse e a Alpha Galates eram organizações de fachada, se acreditarmos em Gino Sandri.

Um ano depois do dramático regresso do general de Gaulle, Plantard voltou a produzir a Circuit — ou antes, ele produziu outra publi-

cação com o mesmo nome. Excepto isso, as duas Circuits não têm virtualmente nada em comum. Esta versão não estabelece nenhuma conexão com o Priorado de Sião/CIRCUIT, proclamando-se a «publicação de estudos sociais, culturais e filosóficos» da Federação das Forças Francesas (Fédération dês Forces Françaises) — uma organização completamente fictícia. Significativamente, não houve nenhuma tentativa de registar a Federação, como a lei exige. A razão para registar o Priorado de Sião, em 1956, parece ter sido para legitimar a publicação da bizarra Circuit original; mas em 1959, Plantard parece ter sentido que era seguro dispensar esse pormenor, produzindo uma revista que se declarava eminentemente como o «periódico cultural» da Federação. com de Gaulle agora no poder, ele considerar-se-ia imune à acção oficial hostil, no que diz respeito, pelo menos, a este caso?

A nova Circuit teve nove edições mensais, no mínimo, sendo a primeira datada de l de Julho de 1959, com uma circulação de cerca de 1500 exemplares — ou assim foi alegado. Era produzida a partir da morada de Plantard, na Avenue Pierre Jouhay em Aulnay-sous-Bois (que Anne-Léa citou como a sede das Comissões de Segurança Pública), um subúrbio no nordeste de Paris. No princípio, a Circuit era composta e reproduzida a baixo preço — mas depressa passou a ser produzida profissionalmente, exactamente como a Vaincre.

Obviamente, a nova publicação era realmente uma continuação da revista do tempo da guerra: havia frequentes referências a anteriores números da Vaincre, quase como se ela nunca deixasse de existir. O torn global é patriótico, apelando à unidade francesa, com exortações ao renascimento do espírito da Resistência. A Circuit Número Dois também esboçava planos generalizados para a reorganização dos governos central e local da França. E, como na Vaincre, o ideal de uma Europa unida é realçado; desta vez, é uma união dos Estados Unidos da Euro-África — incluindo as colónias europeias existentes, principalmente o Norte de África Francês. A Circuit de 1959-60 partilha com a Vaincre um esoterismo evidente, com artigos sobre simbolismo e astrologia (propondo novamente um décimo terceiro signo, Ofiúco, entre Escorpião e Sagitário).

Tanto Anne-Léa Hisler como o seu marido escreviam para a revista ressuscitada — Plantard usava o seu próprio nome e o de «Chyren». Mas de que se ocupava a nova Circuit e a quem era dirigida? Baigent, Leigh e Lincoln sugerem que ela se poderia destinar a manter o contacto entre as células das agora dissolvidas Comissões de Segurança Pública.97 Isto faz sentido se, como acreditamos, a Circuit de 1956 trans-

rnitisse mensagens codificadas entre as células locais que iriam emergir quando chegasse o momento certo. Agora que tinham atingido o seu objectivo, as Comissões tinham sido dissolvidas, mas a lógica — e o senso comum — ditam que a máquina tem que ser mantida em estado de prontidão, para o caso de vir a ser novamente necessária. Evidentemente, quanto mais seguro se tomava de Gaulle no poder, menos provável seria que ela fosse chamada a agir.

Fazer o ponto da situação

Considerando o que sabemos da carreira de Plantard anterior a 1956 — e o seu envolvimento nos dramáticos acontecimentos de 1958 — se nos pedissem para avaliar a raison d’être do Priorado de Sião em, digamos, 1960, teríamos que concluir que ele era uma organização ao serviço dos que planeavam o regresso do general de Gaulle ao

poder. Estes estariam provavelmente associados quer com a «guarda pretoriana» do general, a SAC, quer com o Grand O.
Quanto ao papel de Plantard — primeiro na Alpha Galates, depois nas Comissões da Segurança Pública — ele era essencialmente o representante, o rosto público. Plantard parece ter possuído um talento para criar e organizar grupos, embora tivesse menos talento para os manter. E, embora emitisse comunicados e escrevesse editoriais, as ideias que eles expressavam parecem ter tido origem noutros que preferiam manter-se em segundo plano. Embora o seu nome e a sua fotografia aparecessem na primeira página de Vaincre como editor e grão-mestre da Alpha Galates, na realidade, Plantard parece ter sido mais uma figura nominal, com indivíduos mais poderosos e influentes a apoiá-lo. Este padrão repetiu-se nas Comissões de Segurança Pública. Também examinámos o relatório da polícia de 1941 que declarava que Plantard era perito em criar sociedades «mais ou menos fictícias». Se, como estávamos crescentemente convictos, o Priorado de Sião foi estabelecido como algum forma de organização de fachada, então que melhores qualificações eram necessárias ao seu representante?
Nesta altura, é significativo o que não foi mencionado. Não há nenhuma referência a Merovíngios, Cavaleiros Templários ou tesouro desaparecido. Nenhuma pretensão a uma linhagem milenar — nem à existência de uma descendência sagrada. Nada do convincente futuro mito que iria tornar-se muito conhecido devido a The Ho/y Blood and the Holy Grail e a O Código Da Vinci. Embora alguns artigos sobre
115
esoterismo aparecessem nas últimos Circuits, entre Junho de 1956 e Julho de 1959, o centro de interesse era estritamente político e social. Mas se o Priorado de Sião foi registado como cobertura para a Circuit, sendo que ela própria parece ser uma organização para uma rede clandestina, a pergunta importante é: a sociedade foi criada para esse fim, ou já existia?. As provas, tal como existiam em 1960, parecem sugerir a primeira resposta — mas há também os chamados estatutos Cocteau...
«Surpreende-me I»
Em 1980, foi alegado que os estatutos depositados na subprefeitura de Saint-Julien em 1956 eram efectivamente meros documentos fictícios destinados ao registo, enquanto os verdadeiros estatutos não se destinavam a consumo público. O escritor e jornalista Jean-Luc Chaumeil, que dedicou muito tempo e esforço a investigar o Priorado de Sião na década de 70, apresentou uma cópia do que ele afirmava serem os verdadeiros estatutos. Estes acrescentavam uma nova dimensão à controvérsia, porque apresentavam a assinatura do suposto grão-mestre em 1956: o famoso poeta, dramaturgo, artista e cineasta, Jean Cocteau.98
No mínimo, a história é consistente: o Circuitas 3 de Junho de 1956 refere-se a uma futura reunião para discutir os estatutos, e a versão Cocteau está datada de dois dias depois. (Os estatutos originais estão datados de um mês antes.) Os documentos do Priorado referentes ao ano de 1981 também referem que sua última convenção se realizou em 5 de Junho de 1956.
O nome de Cocteau foi associado ao Priorado, pela primeira vez, em 1967, talvez suspeitosamente, quatro anos após a sua morte. — mas, evidentemente, o chefe de uma sociedade verdadeiramente secreta não anunciaria esse facto durante a sua vida. O nome de Cocteau aparece como o mais recente grão-mestre na lista de um dos Dossiers Secretos depositados na Bibliothèque Nationale. O seu nome sucede a dois outros nomes do mundo das artes e da literatura: Victor Hugo — cujos romances incluem Os Miseráveis*— alegadamente, grão-mestre desde
1844 até 1885, e o compositor Claude Debussy, desde 1885 até 1918. Diz-se que Cocteau assumiu o controlo do Priorado em 1918, quando

* Publicado por Publicações Europa-América. (N. do E.]

tinha vinte e nove anos, e que foi seu grão-mestre durante o resto da
sua vida.

Mas a assinatura de Cocteau será genuína? Infelizmente, este é outro beco sem saída. A assinatura parece autêntica, mas forjar assinaturas não é particularmente difícil, especialmente quando os espécimes são fáceis de obter, como no caso de alguém tão famoso como Cocteau. Por um lado, Baigent, Leigh e Lincoln consideraram a assinatura verdadeira, usando-a para fazer certas deduções sobre o Priorado — mas se a assinatura for falsa, então, evidentemente que todas essas deduções não são válidas. Por outro lado, se supusermos (na ausência de provas de que o documento não existia antes do final da década de 70) que é uma falsificação, e que essa suposição está errada, então quaisquer conclusões que extrapolarmos dela serão igualmente erradas. É tudo
muito frustrante.

Autênticos ou não, os estatutos deram a sua contribuição para a controvérsia. Declaram a fundação do «Sionis Prioratus» ou Priorado de Sião, embora afirmando que ele segue o «uso e costumes» da original, mas extinta, Ordem estabelecida por Godofredo de Bulhão em 1099. O número de membros não deve exceder 121 (embora não refira se eles eram ou são nesse número), um total muito mais razoável que os quase 10.000 dos outros estatutos. Ê também referido que são 243 os «irmãos livres» conhecidos como «Bravos» (preux) ou os «Filhos de São Vicente», sem direito a voto — uma ordem distinta, mas filiada, supostamente formada em 1681.

A qualidade de membro está aberta a adultos que aceitem os objectivos e constituição da sociedade, independentemente de género, raça, política ou religião — isto é, não é exclusivamente católica, uma contradição fundamental entre as duas séries de estatutos. No entanto, a qualidade de membro é também hereditária: a cada membro é permitido legar o seu grau e títulos — os quais, bizarramente, incluem o grão-mestrado — ao seu filho ou filha.

Há cinco graus, com títulos semelhantes (mas não idênticos) aos de 1956: Timoneiro, Cruzado, Comandante, Cavaleiro e Escudeiro. Aqui, os três graus superiores constituem o conselho executivo da «Arche-Rosa-Cruz» (em vez de «Kyria»).

Plantard explicou a existência de dois grupos de estatutos — flagrantemente contraditórios — datando da mesma época como sendo a consequência de um cisma. Em 1979, ele escreveu ao investigador Jean Robin: «O Priorado de Sião criado em Annemasse, em 1956, por André Bonhomme, não existe desde 1962; foi apenas uma cisão de membros

de outro Priorado de Sião, a qual se produziu devido à intransigência de Jean Cocteau».
” Outra informação disseminada pelo Priorado acrescenta mais detalhes a esta explicação: Cocteau queria fazer certas alterações aos estatutos que hostilizavam alguns dos membros.100 A explicação parece resultar, mas não consegue ser inteiramente convincente.101

Contudo, há alguma prova de que Cocteau estivesse realmente envolvido com o Priorado, ou, no mínimo, com membros conhecidos? E, se ele nunca esteve realmente implicado, por que o escolheram, exactamente a ele, os embusteiros? O brilhante e dissoluto Cocteau dificilmente seria uma opção óbvia para dar credibilidade às pretensões históricas e esotéricas da sociedade.

Jean Cocteau (l 889-1963) era uma das estrelas da cultura francesa do século vinte. Nascido numa família solidamente burguesa, entrou para o meio social dos salões de Paris na segunda década do século vinte, convivendo — e colaborando — com

celebridades como Serge Diaghilev, Pablo Picasso e Erik Satie, colaborando com os dois últimos no Ballet Parade em
1917. Também conheceu e visitou Maurice Barres, escrevendo uma memória da única visita que lhe fez (quando discutiam os irmãos Baillard) durante a Grande Guerra.102Tanto na vida como na arte, o sempre criativo Cocteau certamente fez o possível por cumprir a ordem dada por Diaghilev durante seu primeiro encontro em 1913: «Surpreende-me!»103
A carreira de Cocteau evoluiu da poesia — descreveu a poesia como «religião sem esperança» — passando pela dramaturgia até à realização de filmes misteriosos, sardónicos e mitológicos destinados a pequenas audiências. Basicamente, um artista e um desenhador, Cocteau viveu uma vida pessoal excessiva que era a completa antítese da sua educação burguesa: não só era homossexual como também, durante uma grande parte da sua vida, foi um consumidor habitual de drogas. Era um entusiasta do inexplicado ou do completamente incompreensível. O seu biógrafo Patrick Mauriès escreve: «Nos seus últimos anos, ficara fascinado com os ovnis (chamando-lhes «discos») e afirmava que era o primeiro «poeta parapsicológico».104 Escreveu o prefácio para um dos primeiros, e clássicos, estudos franceses dos ovnis, Verdades sobre os Discos Voadores (Lueurs sur lês soucoupes volantes) de Aimé Michel (1954). Estava também vivamente interessado nas controversas teorias «catastrofistas» de Immanuel Velikovsky, considerando Mundos em Colisão (Worlds in Collision) «indispensável».105
Contudo, talvez a sua maior preocupação na última década da sua vida fosse a natureza paradoxal do tempo. Considerava as experiências

fi
relatadas em Uma Aventura (An Adventure), escrito pelos académicas inglesas Charlotte Moberly e Eleanor Jourdain — que referiam ter experimentado uma «deslocação no tempo» nos jardins do palácio de Versalhes que as fez recuar ao século dezoito — como «a experiência mais importante do nosso tempo.»106
Foi a sua paixão pelos caprichos e significado do tempo (que percorrem o seu inesquecível e peculiar último filme, O Testamento de Orfeu — Lê Testamente d'Orphée, 1960) que constituiu a base do interesse de Cocteau na parapsicologia e no paranormal (psi). No seu diário de 1954 escreveu:
Os fenómenos psi pertencem a um mundo, um plano, onde as ideias de determinismo, de causa e efeito, já não são válidas.(Jung). Os fenómenos paranormais são transcendentes em relação ao tempo e ao espaço.107
Embora nós, pessoalmente, não tenhamos nenhum problema com a realidade do paranormal, infelizmente não há nada que associe a investigação psi de Cocteau com o Priorado, como organização. De facto, estamos perplexos com questões consideravelmente mais básicas do que essa. Há alguma prova que associe Jean Cocteau com o Priorado de Sião, particularmente com as supostas perturbações e reorganizações do verão de 1956? Afinal, se elas fossem assim tão dramáticas como somos levados a crer, elas deviam ter sido muito absorventes do tempo do seu
grão-mestre.
Tanto quanto pudemos determinar, Cocteau passou a maior desse ano crítico na sua casa em Saint-Jean-Cap-Ferrat, perto de Nice, trabalhando em dois frescos, para a capela de São Pedro na vizinha aldeia piscatória de Villefranche-sur-Mer e, bastante incongruentemente, para a Repartição do Registo Civil em Menton, um pouco mais distante, no outro lado de Monte Cario.

Embora os três volumes do seu diário publicados desde 1983 — com o título de O Passado Definido (Lê Passe defini) — nos levem apenas até 1954, Cocteau fez saber que sempre os destinara à publicação.108 Por conseguinte, é evidente que eles não incluiriam nenhuma das informações mais chocantes que ele queria ocultar do público. Quer fossem potencialmente classificadas de «chocantes» ou não, não há nenhuma referência ao Priorado de Sião, ou aos seus associados, como Plantard — mas também, se Cocteau fazia devidamente o seu trabalho como chefe de uma sociedade secreta, não poderíamos esperar que ele
119
confiasse essas referências ao papel. Contudo, foi interessante descobrir — como explicaremos mais tarde — que Cocteau se refere, de facto, a pessoas e temas que iriam assumir um enorme significado à medida que a nossa investigação avançava.
Ele conheceu Debussy, o seu alegado antecessor como grão-mestre — eram ambos frequentadores dos grandes salões de Paris — mas, afinal, um mistificador teria escolhido figuras públicas cujos caminhos era sabido que se tinham cruzado. Destas figuras dos primeiros anos de Plantard, a ligação mais directa de Cocteau era com Robert Amadou, membro da Alpha Galates e colaborador da Vaincre. Cocteau correspondia-se com Amadou — ambos escreveram prefácios para a edição francesa (1959) do livro, agora um clássico, sobre a intemporalidade, de Moberley e Jourdain.109
Na época de Vaincre, Cocteau continuava com a sua actividade artística como habitualmente, na Paris ocupada. Mauriès comenta: «Não podemos dizer que Cocteau se distinguisse, quer pelos seus actos, quer pela sensatez dos seu julgamento, durante os anos da guerra.»110 Isto era (e é) estigmatizá-lo como colaboracionista aos olhos de algumas pessoas, mas ele foi também suficientemente imprudente para escrever uma saudação ao artista fascista Anno Becker em 1942. Embora ilibado de colaboracionismo activo, Cocteau foi sempre um pária (talvez paradoxalmente] para a extrema-direita até ao fim da sua vida.
Contudo, embora não seja possível encontrar nenhuma prova directa para associar Cocteau ao Priorado ou à Alpha Galates, ele era uma personalidade tão complexa que a ideia do seu envolvimento ou mesmo do seu grão-mestrado nunca pode ser rejeitada de imediato. Por exemplo, em Jean Cocteau e o seu Mundo (Jean Cocteau and His World) (l 987), Arthur King Peters descreve os seus agora famosos murais para a Igreja de Notre-Dame de France, pintados em 1960: «No zona de Soho, Londres, os murais de Cocteau para a Igreja de Notre-Dame de France incluem certos elementos de iconografia curiosos, como o sol negro irradiando raios negros, que são frequentemente associados ao Priorado de Sião, uma sociedade religiosa secreta da qual Cocteau, supostamente, foi grão-mestre.111 Peters, pelo menos, resiste à tentação de rejeitar a ideia, presumivelmente porque não é sensato menosprezar nada acerca deste artista multifacetado e personalidade paradoxal. Sem dúvida, o simbolismo do mural é muito significativo, como veremos em breve — embora Peters não apresente nenhuma explicação para ele.
Uma pessoa que se prestou a dar-nos alguns esclarecimentos sobre esta questão foi o artista, actor e cantor Alain Feral, que, quando jovem
120
colaborou com Cocteau. Membro do grupo dos anos 60, Lês Enfants Terribles, o nome da peça que tornou Cocteau famoso, Feral foi descrito como o protegido do homem mais velho. Em 1984, fixou-se na aldeia de Rennes-le-Château, onde montou o seu estúdio de artista. Mas Feral tornou claro que Cocteau era o seu mentor, filosófica ou espiritualmente — talvez mesmo esotericamente — mais do que artisticamente. Apesar

disso, Feral foi muito específico afirmando que Cocteau não fora grão-mestre do Priorado de Sião — de facto, devido à sua própria investigação, ele condenou toda a lista de Nautonniers como uma invenção. Mas longe de considerar todo o caso como uma fraude vulgar, usando o nome do grande homem em vão, Feral assegurou que havia boas e específicas razões para que o nome de Cocteau aparecesse naquela lista, tal como havia para todos os outros nomes. Sim, era uma invenção, mas não era nem casual nem sem significado. De facto, fora meticulosamente construída.
Isto era muito intrigante. Cocteau estava implicado em algo esotérico — mas não o Priorado de Sião (pelo menos, na sua forma pública). Além disso, ficámos interessados pela ideia de que o Priorado que nós conhecíamos era uma espécie de cobertura ou organização de fachada para outra coisa qualquer — ou para pôr alguma distância entre os investigadores e a verdadeira organização, ou para desviar a sua atenção das suas verdadeiras actividades. E, embora não haja nenhuma prova directa que associe Cocteau com Plantard ou com o Priorado, um estudo da obra do artista revela preocupações e temas muito semelhantes. Já nos referimos ao estranho mural de Cocteau na «Igreja Francesa», no centro de Londres — Notre-Dame de France em Leicester Place, perto de Leicester Square — que é detalhadamente descrito no nosso livro anterior.112 Há significativas ressonâncias entre este mural e outras obras artísticas associadas à história do Priorado. Por exemplo, o desenho é claramente baseado na geometria do pentagrama, tal como é o caso de Os Pastores da Arcádia de Poussin, que é recorrente no mistério.
Ficámos entusiasmados por descobrir que o simbolismo de Cocteau expresso no mural da Igreja Francesa é semelhante ao da Última Ceia de Leonardo, uma similaridade que foi inesperada e espantosa, especialmente porque os dois artistas aparecem nas listas de grão-mestres do Priorado, com um intervalo de quinhentos anos.
Como explicámos no Capítulo l, foi a obsessão de Leonardo com João Baptista — como está expresso no simbolismo das suas pinturas, Particularmente o «gesto de João» — que nos levou a descobrir toda a
727
heresia joamsta Foi, por conseguinte, extraordinário ler a última passagem de um curto ensaio com que Cocteau contribuiu para um livro sobre Leonardo em 1959 Cocteau refere-se a um poema anterior, Homage to Leonardo, repetindo as suas duas ultimas estâncias e explicando ”Elas exprimem melhor do que este curto ensaio o que Leonardo inspira em mim e o amor fraternal que sinto por ele » O verso final refere-se claramente ao São João Baptista de Leonardo e ao «gesto de João», descrevendo, como o seu dedo indica, habilmente o caminho para um reino misterioso onde da Vinci e triunfante ”113
De facto, deram a Cocteau o nome de João Baptista — como e costume em França, ele celebrava o dia 24 de Junho, o dia da festividade do santo, como uma espécie de «segundo aniversario»114 — talvez inspirando um fascínio com João Baptista que levou a um pleno joamsmo
Cocteau estava também preocupado com a relação entre mito e historia — um tema recorrente dos membros do Priorado — escrevendo
Na minha opinião, prefiro o mitologo ao historiador A mitologia grega, se a aprofundarmos, tem mais interesse que as distorções e simplificações da historia, porque ela permanece mume a realidade, enquanto a historia e uma liga de realidades e mentiras A realidade da historia toma-se uma mentira A irrealidade da fabula torna-se a verdade 115
Palavras que quase poderiam ser o projecto para o Pnorado de Sião
A criação de mitos

O tema da precedência do mito sobre os factos históricos surge novamente na alegada relação de outro conhecido indivíduo com o Pnorado de Sião André Malraux era um dos vanos nomes ilustres que, como Cocteau, foram reclamados como homens do Pnorado, no pnncipio da década de 80, depois das suas mortes116 Apesar disso, talvez a suposta conexão Malraux possa lançar alguma luz sobre os turbulentos anos 50 — quando ele e o Marechal Alphonse Jum eram figuras alegadamente importantes Como a mulher de Plantard refenu que, juntamente com Michel Debre, eles eram responsáveis pelas Comissões de Segurança Publica — embora o Pnorado nunca reclamasse Debre como membro — a fase seguinte do nosso esforço para compreender a histona de Sião e examinar as vidas e as carreiras destes dois homens

O Marechal Alphonse Jum (1888-1967), nascido na Argélia, era um soldado profissional que passou grande parte da sua carreira no Norte de África, ascendendo ao posto de general em 1938 Quando eclodiu a guerra de Hitler, um ano depois, ele comandava uma divisão de infantana motorizada em França e foi feito pnsionerro em Junho de 1940, mas foi libertado pela intercessão do general Maxime Weygand (o Comandante Supremo das forças britânicas e francesas ate a rendição da França), regressando para comandar as tropas em Marrocos Sucedendo a Weygand como comandante-em-chefe das Forças no Norte de África durante o regime de Vichy, aproveitou a sua posição para dar apoio clandestino aos desembarques, comandados por Americanos, da Operação Archote na Argélia e em Marrocos durante a campanha tumsma, antes de comandar a Força Expedicionária Francesa na Itália, vivendo o inferno de Monte Cassino Como chefe dos Serviços de Defesa do general de Gaulle, estava a seu lado no Dia D e na libertação de Paris

A carreira brilhante de Jum não tinha, de modo algum, terminado com o fim da guerra Depois de quatro anos como Representante Geral do Governo em Marrocos, foi nomeado comandante-em-chefe das Forças Terrestres da NATO no Comando do Teatro de Guerra Europeu, assumindo o controlo de todas as tropas britânicas, holandesas, belgas, francesas — e mesmo americanas — na Alemanha

Em 1953, foi-lhe concedida a maior honra que a França pode oferecer aos seus heróis militares, o posto de Marechal de França Esta honra tem tanto prestigio que, uma vez conferida, nunca pode ser retirada — mesmo Petam continuou a ser um Marechal Mas Jum não aprovava a maneira como a França do pos-guerra estava a ser governada, nem o crescente materialismo da sociedade ocidental11T Cansado das batalhas que fora forçado a travar com políticos sobre a defesa europeia, afastou-se, a seu pedido, em l de Outubro de 1956

Durante os anos que de Gaulle passou no seu retiro de Colombey, muitos oficiais do Exercito consideravam Jum como um substituto suficientemente convincente, incitando-o a explorar a sua situação para fazer cair o governo e tomar o poder Contudo, o leal gaulhsta Jum recusou em qualquer caso, ele sabia que de Gaulle estava pronto a retomar o seu lugar no centro das atenções118

Claramente, Jum tinha bons pnncipios, era dedicado e não era irreflectido, mas isso significa que ele era também um homem do Pnorado7

«Não
um escritor — um acontecimento»

E quanto à outra figura importante referida por Madame Plantard como um impulsionador das Comissões de Segurança Pública? André Malraux (l 901 -l 976), cuja obra mais conhecida é A Condição Humana (La condition humaine, 1933), era um intrigante misto de artista e homem de acção, um romancista e aventureiro, a quem de

Gaulle nomeou ministro dos Assuntos Culturais, um cargo que ocupou durante dez anos, desde 1959. Sempre possuiu uma aura indefinível: como escreve William Righter em The Rhetorícal Hero (1964): «Malraux entrou no conhecimento dos Europeus não como um escritor mas como um acontecimento, como uma figura simbólica que, de algum modo, aliava as qualidades mágicas de juventude e heroísmo a um sentido de ilimitada promessa.» Righter acrescenta: «Desde o inicio que ele foi mitificado»119. Sempre com algo de um Indiana Jones, Malraux sobrevoou o deserto da Arábia em 1934, numa tentativa para localizar o palácio lendário da Rainha de Sabá.
Malraux despertou primeiro a atenção pública em consequência de uma aventura no Camboja (então Indochina Francesa) em 1922, quando tinha vinte e um anos. Depois de explorar os templos Khmer com a sua primeira mulher, Clara (em solteira, Goldschmidt) e um amigo, Louis Chevasson, Malraux foi preso juntamente com o último, acusados de roubo de baixos-relevos, que tencionavam vender na América. Malraux foi condenado a dois anos de prisão, e Chevasson a dezoito meses. De volta a Paris, quando Clara alertou a classe intelectual francesa — incluindo celebridades como André Gide e André Breton — a imprensa, entusiasticamente, encarregou-se da sua defesa. O clamor resultante foi demasiado forte para a administração francesa no Camboja: os aventureiros tiveram as suas penas comutadas.
Um comunista e antifascista empenhado, Malraux combateu ao lado dos Republicanos durante a Guerra Civil espanhola de 1936-1939. No entanto, rompeu com a URSS quando os Russos assinaram o Pacto Nazi-Soviético em Agosto de 1939 — abrindo caminho para a guerra na Europa. Agora, Malraux era um ardente antiestalinista.
Como Cocteau, tinha um atitude flexível quanto à relação entre verdade factual e mito — que ele estendeu à sua história pessoal, tornando muito difícil conhecer o verdadeiro homem. O seu biógrafo, Robert James Hewitt, comenta ironicamente os escritos autobiográficos de Malraux — significativamente intitulados Anti-Memórias (Antimemoirs, 1967) — referindo que eles «não são... completamente

factuais,»120 enquanto um capítulo do estudo de François Gerber, publicado em 1996, sobre a relação de Malraux com o general de Gaulle, se intitula «Malraux mitomaníaco». E talvez devêssemos lembrar a opinião de William Righter: «Evidentemente, grande parte da lenda de Malraux é apenas duvidosamente verdadeira.»121
Este grande número de incertezas — crescentemente familiares depois de Plantard e Cocteau — aplica-se especialmente às experiências de Malraux durante a guerra. No entanto, embora Malraux tivesse relatado tantas mentiras e exageros sobre o seu passado como Plantard, um é considerado como um importante estadista e o outro como um vigarista. Talvez isso dependa do sucesso das mentiras.
Sendo um aviador experiente, Malraux alistou-se quando rebentou a Segunda Guerra Mundial, mas, com a habitual perversidade das autoridades, ele foi enviado para uma unidade de carros blindados. Foi ferido e capturado em Junho de 1940, embora uns meses mais tarde, com o auxílio do seu meio-irmão Roland, tivesse fugido de um campo de prisioneiros de guerra em Sens (não de forma demasiado dramática: ele tinha sido autorizado a trabalhar numa quinta). Juntamente com os poetas Jean Grosjean e Jean Beuret, fugiu para a zona de Vichy, onde se encontrou com Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e o jornalista Emmanuel d'Astier de Ia Vigerie. Uma vez entre intelectuais tão compreensivos, Malraux dedicou-se a escrever romances.
Há algo de misterioso no envolvimento de Malraux com a Resistência e os serviços de informação britânicos. Os seus dois meios-irmãos, Roland e Claude Malraux, trabalhavam para a agora famosa organização britânica de operações clandestinas e de

sabotagens, a Special Operations Executive (SOE). Embora isso pusesse André Malraux em contacto regular com agentes britânicos (ou nacionais franceses que trabalhavam para os Britânicos) desde o verão de 1942, ele parece não ter participado activamente na Resistência. Parece ter-se contentado em escrever e viver tranquilamente com a sua companheira Josette Clotis e filho de ambos. (Ele tinha-se separado de Clara, de quem se divorciou mais tarde.) A historiadora política Janine Mossuz escreve em André Malraux and Gaullism (1970): O ano de 1943 continua a ser muito misterioso para os que estão interessados no passado de André Malraux. E só retomam verdadeiramente o seu rasto em 1944.»122
Estranhamente, embora segundo os documentos oficiais, ele não tivesse feito nada pela Resistência ou pelo SOE até Março de 1944, apesar de tudo foi-lhe permitido comunicar e mesmo encontrar-se com agentes britânicos e franceses. Normalmente, isto teria sido estrita-

mente proibido por óbvias razões de segurança. Apesar de, tecnicamente, ser um prisioneiro fugido de um campo de prisioneiros de guerra, em Maio e Setembro de 1943, ele pôde viajar para Paris, onde teve encontros com membros da Resistência e mesmo com o agente do SOE Harry Peulevé.123 Várias pessoas que conheceram Malraux nessa altura, acreditavam que ele deveria ter um papel ultra-secreto. Um agente francês do SOE, Serge Ravanel, recorda uma conversa que teve com ele em Novembro de 1943, que sugeria fortemente que ele estava em contacto directo com os Britânicos, e da qual Ravanel deduziu que ele trabalhava realmente para uma outra organização britânica de serviços secretos, como o M16 (grande rival do SOE, ele geria as suas próprias redes europeias.]124
Foi só em Março de 1944, depois da prisão dos seus meios-irmãos — atraindo sobre ele atenções indesejadas — que Malraux começou a trabalhar activamente para a Resistência. Claude morreu sob tortura, e poucas semanas depois, Roland, assim como Harry Peulevé, caíram nas mãos dos serviços secretos alemães. Dias depois, outro amigo résistant, Raymond Marechal — um companheiro de luta dos seus tempos da Guerra Civil espanhola — foi morto numa emboscada.
Notavelmente, a carreira de Malraux na Resistência começou no topo, como «Coronel Berger» — recebendo o nome de um dos personagens do seu livro As Nogueiras deAltenburg (Lês noyers de VAltenburg,
1943], ao qual, por sua vez, foi dado nome de solteira de sua mãe. Talvez por coincidência, Altenburg está situado na Alsácia-Lorena — como Malraux refere nas suas Antímemoirs, a alguns quilómetros de distância da «montanha sagrada» de Sainte-Odile, o «monte gémeo» de Sion-Vaudémont, na qual os irmãos Baillard tinham estabelecido a sua comunidade religiosa.125 Alguns comentadores notam as semelhanças surpreendentes entre as aventuras do fictício Berger e as pretensas experiências de Malraux em 1944, mas estaria realmente a vida a imitar a arte? Ou estaria Malraux a criar deliberadamente o seu próprio mito?126 Inicialmente designado para dirigir a Resistência na área de Dordogne, em 22 de Julho de 1944, o coronel Berger foi ferido numa emboscada, depois aprisionado em Toulouse. Se a guerra não estivesse no fim, certamente que ele seria torturado, provavelmente morto, mas ele teve sorte: os Alemães abandonaram a prisão quando a ameaça dos Aliados se aproximou.
No último mês de guerra (Abril de 1945], como Malraux escreveu orgulhosamente nas suas Antímemoirs: «Foi a brigada da Alsácia-Lorena que reconquistou Sainte-Odile...»127 Como comandante daquelas

20.000 tropas, ele devia ter experimentado um sentido do Destino particularmente forte por ter sido exactamente ele quem deveria libertar o que ele considerava claramente como um lugar sagrado. A razão exacta pela qual ele venerava Sainte-Odile continua a ser um mistério
ele não era um homem da Alsácia. No fim da guerra, Malraux
recebeu a Medalha da Resistência, a Croix de Guerre — e, significativamente, o DSO (Distinguished Service Order] britânico.
Nos meios de comunicação social, foi quase uma sensação quando Malraux, um antigo e famoso apoiante da extrema-esquerda, de repente anunciou que apoiava o conservador (para dizer o mínimo) general de Gaulle. Mas, na realidade, não havia nenhum grande mistério, como escreveu Janine Mossuz: «O seu gaullismo não tinha origem nem no acaso nem na doutrina: era a fé no advento de um outro mundo que só o general de Gaulle poderia construir.»128 Embora fosse uma amizade e uma colaboração improváveis, ele estava muito próximo do general, que escreveu nas suas memórias: «À minha direita, tenho, e sempre terei, André Malraux...»129
Malraux conheceu de Gaulle em Agosto de 1945 e foi nomeado ministro da Informação no seu governo provisório, em Novembro de
1945 (o mesmo mês em que a sua amada Josette morreu num acidente de comboio]. Abandonou esse cargo quando de Gaulle se demitiu em Janeiro de 1946. Implicado no RPF do general de Gaulle — defendendo o conceito de Euro-África, tão central para a renascida Circuit de Plantard130 — Malraux dedicou a maior parte do seu tempo entre os dois períodos do general no poder a escrever livros sobre arte. Em 1948, casou com a viúva de seu irmão Roland, a pianista de concerto Marie-Madeleine Lioux.
Embora Malraux conhecesse Cocteau, naqueles círculos teria sido muito surpreendente se nunca se tivessem conhecido. No entanto, como grande admirador de Leonardo da Vinci, pode ser significativo que as pinturas que ele mais apreciava eram A Última Ceia e A Virgem dos Rochedos. Alguns consideravam mesmo que Malraux partilhava certas características com o génio florentino: o seu biógrafo William Righter considera Malraux, inequivocamente, como o descendente «daquela imagem renascentista do homem como obra de arte... cujos exemplares supremos foram frequentemente artistas: Leonardo e Miguel Angelo, ou Leon Battista Alberti.»132

^ acompanhante de Mona Lisa
AJém do seu suposto envolvimento com as Comissões da Segurança Pública, Malraux retomou o seu cargo de ministro da Informação durante um curto período de tempo, e em Janeiro de 1959 tornou-se rainistro dos Assuntos Culturais, um cargo que ocupou durante os dez anos seguintes — antes de abandonar as funções com de Gaulle. No entanto, o seu papel como ministro da Cultura não era nenhuma sinecura nem uma confortável recompensa pelos serviços prestados. Era uma parte vitalmente importante do programa do general de Gaulle para a renovação da nação francesa. Essencialmente, foi tarefa de ívlalraux reinventar a França, ou, pelo menos, criar um novo «mito» nacional como foco emocional para o povo francês, cicatrizando as feridas do passado e congregando o país em torno do general de Gaulle. No momento certo, criou festividades e comemorações que, segundo Fran.çois Gerber, em Malraux-de Gaulle: A Nação Reencontrada (^íairaux-de Gaulle: Ia nation retrouvée, 1996) «celebraram o culto da nação.»133 Tal como de Gaulle estava a recriar a França politicamente, Malraux estava a ressuscitar as suas tradições e cultura; nas palavras de "errtian Lebovics, em Mona Lisa's Escort: André Malraux and the Reinugntion of French Culture (1999), o seu objectivo era a «reforma cultural.»134

Estendendo a ideia a países, estrangeiros, Malraux levou a cultura francesa ao mundo, acompanhando pessoalmente, em Janeiro de 1963, a A/fona Lisa aos Estados Unidos, onde foi vista por 1,7 milhão de -A-f^ericanos em Washington e Nova Iorque, e festejada pelos Kennedy. P°r trás desta celebração da alta cultura francesa havia uma agenda distintamente política: nessa altura, de Gaulle estava envolvido numa batalria com a administração Kennedy pela superioridade militar na EUT"o>pa — banindo da França os mísseis nucleares controlados pelos Estados Unidos no mesmo dia em que, de maneira famosa, vetou a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Pelo menos, a digressão afirrriava a superioridade cultural da França. (Apesar das origens italianas de Leonardo, os Franceses sempre o consideraram como urn dos seus, e a Mona Lisa como uma parte vital da sua herança cultural.) expressão máxima da alma francesa renascida aconteceu quando presidiu à trasladação das cinzas do herói da Resistência Jean que morreu enquanto era transportado para a Alemanha depois de sofrer a indescritível tortura da Gestapo — para o Panteão de Paris, o lo da república dedicado aos "Grandes Homens" da nação.»135

Malraux receberia a mesma honra, sendo o seu corpo sepultado no panteão em 23 de Novembro de 1996, o vigésimo aniversário da sua rnorte. Talvez nada resuma melhor o seu pensamento curiosamente semelhante ao de Cocteau — e talvez ao do Priorado — do que esta sua declaração de 1955: «Acredito que a tarefa do próximo século, face à mais terrível ameaça que a humanidade já conheceu, será a de reintegrar os deuses.»136

O padrão emergente

O Priorado de Sião, na década de 50, não era apenas a esfera de acção de activistas franceses. Embora ele pertença propriamente a uma fase mais tardia da história, é útil resumir o alegado papel de certos homens de negócios britânicos importantes, tornado público, pela primeira vez, em O Legado Messiânico {The Messianic Legacy), de Baigent, Leigh e Lincoln.

Estes quatro homens eram figuras importantes na conhecida área financeira de Londres (conhecida simplesmente como «City») sobretudo na actividade bancária, de seguros e de construção naval: capitão Ronald Stansmore Nutting, OBE — antigo membro do Ml 5; visconde Frederick Leathers — ministro dos Transportes de Guerra em 1941 -45, e amigo íntimo e sócio comercial de Sir William Stephenson (com o nome de código «Intrepid», dirigiu operações dos serviços secretos britânicos nos Estados Unidos durante a guerra); e o major Hugh Murchinson Clowes, DSO. Mas o mais importante de todos era o conde de Selbome (Roundell Cecil Parker), que, como ministro da Campanha Económica desde 1942 até 1945, foi responsável pelas Special Opera tions Executive. A família reconhece que, depois da guerra, ele se envolveu em movimentos monárquicos europeus.137

Como habitualmente, a fraqueza da história é que as reivindicações são apresentadas muito tempo depois do (alegado) acontecimento, e não há nenhuma prova independente que associe estes indivíduos, quer com Plantard, quer com o Priorado. Mas os seus nomes não foram certamente escolhidos ao acaso.

Plantard pôde apresentar cópias das certidões de nascimento destes homens e as suas assinaturas reconhecidas notarialmente em docuttientos relacionados com a transferência para Londres, em 1955 ou '956, de pergaminhos, supostamente importantes, relativos ao caso ^erovíngio (a ser discutido no Capítulo 5). Contudo, o trabalho de

investigação de Baigent, Leigh e Lincoln determinou, inquestionavelmente, que as partes importantes eram falsificações, que tinham sido anexadas aos documentos

genuínos, assinados e reconhecido notarialmente. Exactamente quando as partes falsificadas foram anexadas é impossível saber, excepto que foi depois de 1964 e antes de serem postos em circulação, em 1983. Mas para os nossos fins em questão, a pergunta importante é: «Como adquiriu Plantard os documentos legais originais, que, inquestionavelmente, datam dos meados dos anos 50?»
O notário Patrick J. Freeman determinou que os documentos originais foram lavrados de acordo com um decreto francês que exige que todos os representantes de uma companhia de seguros estrangeira apresentem uma amostra da sua assinatura e uma cópia da sua certidão de nascimento, todos legalmente reconhecidos pelo notário. Contudo, os estatutos «Cocteau» especificam que os membros do Priorado de Sião têm que apresentar espécimes das assinaturas e cópias das suas certidões de nascimento — Plantard afirmou mesmo que foi isto precisamente o que causou o «cisma» de 1956. (Esta é outra razão porque é tão frustrante que a autenticidade dos estatutos de Cocteau continue sem ser provada.)
Há apenas duas alternativas. A primeira é que Plantard obteve as cópias que mostrou a Baigent, Leigh e Lincoln, e os documentos reconhecidos notarialmente, nos arquivos do Priorado de Sião — implicando que os quatro homens de negócios londrinos eram membros. A segunda é que ele as retirou dos ficheiros do governo francês, que estavam originalmente depositados no Ministério da Economia, mas que, na altura das investigações destes autores, tinham sido transferidos para o Ministério da Justiça.138
É impossível saber qual das alternativas está correcta — embora a última pareça mais simples. Mas qualquer que ela seja, esta não foi uma vulgar falsificação. Ou os quatro britânicos eram membros do Priorado de Sião ou Plantard (e/ou os seus colegas) tinha acesso a ficheiros governamentais extremamente confidenciais.
Mas porquê estes quatro homens? Por que deveriam eles ter desejado aderir ao Priorado de Sião? Ou, em alternativa, por que teria Plantard (ou seja quem for) escolhido exactamente aqueles indivíduos nos arquivos do governo, entre os muitos britânicos — e de outras nacionalidades — que tiveram que se registar ao abrigo do novo decreto? Significativamente, todos os quatro estiveram implicados, nalguma capacidade, nas operações dos serviços secretos britânicos durante a guerra, especificamente com o SOE. Mas para saber isso, a

cabala de Plantard teria que ter conhecimento secreto desse mundo fechado e intensamente secreto.
Um padrão começa a emergir — afinal, André Malraux estava misteriosamente associado com o SOE e outros departamentos dos serviços secretos britânicos. Embora não de forma conclusiva, isso implica que agências de serviços de informação operavam em França durante a Segunda Guerra Mundial, particularmente durante os últimos meses da ocupação nazi. Nos anos 50, este grupo recorreu continuamente a operações clandestinas para maquinar o regresso do general de Gaulle ao poder.
Qualquer que fosse a natureza dos acontecimentos, os seus temas subjacentes parecem ser basicamente monárquicos, patrióticos, algo místicos, esotéricos e talvez artísticos — mas não necessariamente de extrema-direita. O que quer que fosse que «eles» andassem a planear, o seu coração e a sua alma estavam orientados para a maior glória da França. Não interessava quem ou o que pudesse constituir um obstáculo.
Entretanto, poucos meses depois de desempenhar o seu papel na reintegração do general de Gaulle, e de editar a nova encarnação de Circuit, Plantard mudara-se para novas paragens. Agora, dedicava a sua atenção ao mistério que rodeava a pequena aldeia de montanha, no sul de França, chamada Rennes-le-Château.

CAPÍTULO 3 UMA HISTÓRIA DE DOIS TESOUROS

Enquanto estávamos ocupados com a segunda versão de Circuit, Pierre Plantard chegou aos arredores de Rennes-le-Château na área do Languedoque, no sul de França. Durante os anos precedentes, a aldeia atraíra alguma publicidade como cenário de uma intrigante caça ao tesouro, mas depressa Plantard assegurou que Rennes-le-Château e o seu bizarro mistério se tornassem inextrincavelmente associados ao Priorado.

Logo na primeira visita de Plantard, sem dúvida que a pequena e remota aldeia lhe causou uma impressão tentadoramente peculiar, quase como um cenário de um dos mais surrealistas films noirs de Cocteau. Mas para além do estilo algo sinistro, como ele e muitos outros iriam descobrir, o mistério tinha substância real...

Mesmo um visitante casual poderia pensar que a aldeia estava envolta num ar distintamente teatral. Naqueles tempos, o hotel-restaurante LaTour (A Torre), propriedade de Nõel Corbu, era uma estranha vivenda de estilo barroco, chamada Vila Betânia, cujos jardins ornamentais terminam num terraço com uma vista dramática sobre o vale do rio Aude, e que é dominada por uma torre de dois andares, falsamente gótica, chamada Torre Magdala. Estes e outro edifícios igualmente surpreendentes em Rennes-le-Château, agora algo irreais na sua desvanecida grandeza artificial, foram construídos segundo as instruções precisas do antigo padre da aldeia, o abade Bérenger Saunière, durante o desempenho do seu cargo entre 1885 e a sua morte em 1917. Saunière (cujo nome foi usado por Dan Brown para o personagem do conservador do Louvre — e Grão-Mestre do Priorado de Sião — Jacques Saunière) mantém-se no centro de um mistério intransigente. Onde arranjou este humilde padre de aldeia — profissão cujos membros, naquele tempo, eram muito pobres — o dinheiro para construir um domaine tão impressionante, o seu pequeno império no alto da

colina? O que o inspirou a decorar a sua igreja de uma forma tão estranha, quase sacrílega, com Estações da Via Sacra dispostas da esquerda a para a direita e que incluem um rapazinho negro, um homem com um saiote escocês, e uma mulher com um véu de viúva? E porquê uma pedra, no exterior da igreja, inscrita com uma cruz voltada ao contrário?

Pierre Plantard foi atraído para o mistério de Rennes-le-Château como se fosse um íman. Antoine Captier, que casou com a filha de Nòel Corbu, Claire, declara: «Segundo um documento de 1959, Monsieur Corbu já estava em contacto com Monsieur Plantard. Ele não disse por que veio a Rennes-le-Château, nem conhecia a história.»1

Possivelmente, Plantard já visitava a área há dois ou três anos; certamente, ele continuava a explorar a região e a investigar o mistério — tornando-se amigo de muitas pessoas que tinham conhecido Saunière, além de investigadores e historiadores locais — há, pelo menos, cinco anos. Em muitas dessas excursões, era acompanhado pelo seu antigo colega da universidade Phillipe de Chérisey, que era actor nessa altura. Exactamente quando de Chérisey começou a acompanhar Plantard está longe de ser certo, mas sabe-se que ele visitava a área desde, no mínimo, 1961.2 Mais tarde, Plantard referiu — sem apresentar a mais pequena prova — que visitara Rennes-le-Château em 1938, pela primeira vez, aos dezoito anos.3

O historiador local, conservador da Biblioteca de Carcassonne e um dos membros principais da Sociedade de Artes e Ciências de Carcassonne, René Descadeillas (1909 86), escreveu discretamente sobre as visitas de Plantard (sem chegar a referir o seu nome): «Era um indivíduo difícil de definir, desinteressante, reservado, astuto, conversador, de quem os que ele abordava diziam que ele era difícil de conhecer. Não seguia o tratamento médico convencional. Não conhecemos as razões das suas repetidas visitas, porque ele aparecia mesmo no inverno.»4

Embora os seus detractores assumam que ele investiu tanto tempo a familiarizar-se com o caso de Rennes-le-Château como um trabalho preparatório para algum plano fraudulento, ele parece ter estado genuinamente interessado na história do tesouro. Isto aconteceu, pelo menos, cinco anos antes de ele ter tentado explorá-la — apesar de, entretanto, ele ter conseguido orquestrar uma publicidade a nível nacional para outra história de tesouro — e ter prosseguido vias de investigação que tinham escapado a outros investigadores e caçadores de tesouros, e que eram apenas vagamente relevantes para a questão central da fabulosa riqueza do abade Saunière.

Plantard conseguiu transformar a outra história de um tesouro, uma

133

empresa muito mais oportunista, numa cause célebre nacional ou, no mínimo, num acontecimento surpreendente. Tratava-se do estranho caso de Gisors, que levou à primeira aparição pública do Priorado de Sião numa publicação oficial.

A primeira história de um tesouro

Gisors está situado a cerca de 70 quilómetros a noroeste do centro de Paris — num dia límpido, podemos avistar a cúpula do Sacré-Coeur de Montmartre do alto do cateto — no vale do rio Epte.

Durante cinco séculos depois de os Normandos terem invadido a Normandia nos anos 900, Gisors era uma disputada cidade fronteiriça. O Tratado de Saint-Clair-sur-Epte de 911 trouxe uma difícil cessação de hostilidades entre os homens do Norte e os reis francos, reconhecendo o líder viquingue como conde de Ruão — os seus descendentes tornaram-se não só Duques da Normandia como também Reis de Inglaterra depois de 1066. Como o rio Epte marca a fronteira entre os dois reinos, Gisors (no lado anglo-normando), dependendo das circunstâncias foi disputado e usado como ponto de encontro entre os dois lados. O castelo foi construído como uma fortaleza fronteiriça por ordens de William Rufus na viragem do século doze, embora tivesse sido muito modificado ao longo dos séculos, sendo conquistado pelo Franceses cem anos mais tarde e tendo se mantido nas suas mãos durante os dois séculos seguintes.

A cidade de Gisors também possuía um ulmeiro sagrado — tão antigo que estava escorado com varas de ferro, e tão grande que eram necessários nove homens dando as mãos, com os braços estendidos, para o rodear. (Pode ser significativo que um ulmeiro semelhante — com o qual o de Gisors foi comparado — foi encontrado em Paris, no limite entre o Templo de Paris e a igreja de São Cervais e São Proteus. A igreja paroquial de Gisors é dedicada aos mesmos santos.)5 Era esta árvore, e o campo onde ela se encontrava, que assinalavam o tradicional lugar de encontro entre as facções ou nações em luta.

O apelido de um padre de Gisors no século dezasseis, Pierre Neveu, tornou-se o de Sophie de O Código Da Vincí (neta de um Saunière, evidentemente, padre do equivalente a Gisors na mitologia do Priorado, Rennes-le-Château).

Como a maior parte dos castelos antigos, Gisors atraiu a sua quota-parte de lendas, como a que diz respeito a Blanche d'Evreux (l 332-98),

134

a «Rainha Branca» (Reine Blanche), esposa de Filipe VI de França, cuja residência familiar era o castelo de Neaufles-Saint-Martin, a cerca de

4,5 quilómetros de distância. Segundo a história, os dois castelos estão ligados por um túnel, que Blanche usou para fugir de um cerco. (Blanche — a suposta patrona do alquimista Nicolas Flamel — aparece na lista dos grão-mestres do Priorado de Sião como Jeanne in, e Flamel como seu sucessor.) Há também histórias de tesouros escondidos, magicamente protegidos, neste túnel.6

As torres do castelo têm nomes sugestivos: Tour du Diable (Torre do Diabo), Tour du Gardien (Torre do Guardião) e Tour du Prisonier (Torre do Prisioneiro.) As paredes da última apresentam o nome gravado de um certo Nicolas Poulain. Aprisionado por ser amante da rainha, diz-se que ele fugiu escavando um túnel até à lendária passagem secreta.
Pode haver alguma coisa importante nestas histórias. Embora a passagem secreta, com quase cinco quilómteros de comprimento até Neaufles-Saint-Martin, possa ser fictícia; ou talvez um exagero, pois, de facto, uma rede de túneis liga a torre à igreja e a várias casas da cidade de Gisors. Estes túneis incluem uma capela subterrânea, dedicada a Santa Catarina (uma favorita particular dos Templários), registada em documentos da época, mas cuja localização exacta se perdeu.7 Outros túneis foram descobertos em consequência dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial (em 1940, pelos Alemães, em 1944, pelos Aliados). O arqueólogo Eugène Pépin também descreveu, com autoridade, uma «rede de grutas subterrâneas» por baixo de Gisors.8
Em Março de 1950, depois de terem descoberto quatro sarcófagos de pedra junto da igreja, os trabalhadores entraram numa cripta funerária que conduzia a uma encruzilhada entre dois túneis, revestida de blocos de pedra calcária habilmente construídos. Embora a descoberta fosse comunicada pelo arqueólogo Eugène Anne, estranhamente, a cripta foi simplesmente selada depois de ter sido inspeccionada.9 (Naquela época, as considerações de ordem prática eram mais importantes do que o interesse meramente histórico: Gisors fora muito danificada pelos bombardeamentos e precisava urgentemente de ser reconstruída.)
Durante a Ocupação, os Alemães transformaram o castelo numa oficina para reparar carros blindados, incluindo uma cisterna com a capacidade de armazenar 15.000 litros de gasolina. Devido à sua importância para o inimigo, Gisors era também um centro de interesse para

a Resistência. Mas apesar das exigências de uma guerra do século vinte, a cidade sempre exalou um ar romântico, quase místico.
Diz-se que no princípio de 1944, uma missão militar alemã chegou para fazer escavações, procurando encontrar algo específico.10 Mas embora isto evoque imagens excitantes de Indiana Jones e de Nazis de tendências ocultistas em busca de poderosas relíquias sagradas, se os Alemães soubessem que alguma coisa de grande significado se encontrava por baixo do castelo, porquê esperar para a procurar?
No entanto, no fim da guerra, um certo Roger Lhomoy (1904-74) — o guarda do castelo, jardineiro e guia desde 1929 — afirmou que tinha feito uma importante descoberta em Gisors. No princípio de
1944, juntamente com o seu amigo M. Lesenne, Lhomoy começou secretamente a escavar durante a noite. (Aparentemente, antes da guerra, ele explorara vários lugares históricos, vendendo tudo o que conseguia encontrar.) com a possibilidade de derrocadas, era uma actividade arriscada e, numa ocasião, ele ficou ferido, mas, quando os Alemães se retiraram em Junho de 1944, ele conseguiu chegar a 16 metros de profundidade. Então, penetrou numa capela, que ele descreve como uma capela romana, com 30 metros de comprimento, 9 metros de largura e 4,5 metros de altura:
Imediatamente à minha esquerda, perto da abertura através da qual passei, havia um altar de pedra, assim como o seu tabernáculo. À minha direita, todo o resto do edifício. Nas paredes, a meia altura, apoiadas em mísulas de pedras, estátuas de Cristo e dos doze apóstolos, em tamanho natural. Ao longo das paredes, colocados no chão, sarcófagos de pedra com dois metros de comprimento e 60 centímetros de largura. E na nave, o que a minha lâmpada iluminou era inacreditável: trinta cofres cheios de metais preciosos,

dispostos em filas de dez. E a palavra cofre é inadequada: deveria falar de armários deitados no chão, cada um dos armários medindo 2,5 metros de comprimento, l ,8 metros de altura, 1,6 metros de largura.11
Spielberg teria ficado impressionado. Lhomoy anunciou a sua descoberta aos membros da assembleia municipal em Março de 1946, convidando-os a verificarem por si próprios. Juntamente com o comandante dos bombeiros locais, Émile Beyne, eles avançaram até à entrada do túnel, mas recusaram-se a prosseguir devido ao perigo aparente, antes mandando uma equipa de prisioneiros de guerra alemães selar a entrada.12

Persistente, em Julho de 1946, Lhomoy conseguiu uma autorização do secretário das Belas-Artes para continuar a escavar, mas ele precisava também de uma licença das autoridades locais, que não só eram proprietárias do castelo como eram também os seus chefes. Elas recusaram. Em 1952, quando obteve o apoio de dois homens de negócios parisienses, um hoteleiro chamado Lelieu e um industrial chamado Guiblet, o município exigiu uma pagamento excessivamente elevado de l milhão de francos como seguro contra possíveis danos.13
A história deixou de ser discutida durante uma década, até que uma renovada publicidade atraiu Pierre Plantard ao local — e desde então, previsivelmente, o mistério não parou de crescer. Este caso também marcou a estreia do Priorado de Sião na literatura popular.
Mas, mesmo antes da chegada de Plantard, é evidente que havia um verdadeiro mistério neste caso. Há apenas duas explicações possíveis: ou Lhomoy encontrou realmente o que ele afirmava ter encontrado, mas, por alguma razão, isso foi encoberto, ou muito simplesmente ele inventou toda a história. Embora a maior parte dos comentadores tivesse optado pela última possibilidade, há alguma coisa estranha em todo este caso: a não ser que ele fosse mentalmente desequilibrado, por que inventaria Lhomoy uma história que podia ser facilmente desmentida pela investigação da cavidade, na qual ele convidara os conselheiros municipais a entrar? E mesmo que as autoridades suspeitassem de que ele lhes estava a pregar uma partida, seguramente que eles quereriam, no mínimo, verificar os cofres, que, afinal, poderiam estar cheios com o tesouro.
Esta foi a atitude adoptada por Jean Markale em O Tesouro Templário em Gisors (Gisors et l'enigme dês templiers}. Embora rejeitasse as afirmações feitas por Plantard e os seus associados, Markale faz a pergunta: «Por que, mesmo que Lhomoy mentisse, é que os que tinham autoridade oficial impediram visivelmente a continuação das suas explorações que poderiam ter fornecido uma prova, mesmo que a única prova fosse a de que ele era um mentiroso?14 Makale também escreve:
Segundo as confidências privadas que fez, Roger Lhomoy deu a impressão de ter sido encorajado na sua investigação por um eclesiástico. Isso não é impossível. Conhecemos um certo número de membros do clero da região que se interessavam pela história de Gisors e que conheciam a existência de uma cripta na qual os cofres estariam guardados, não tendo, no entanto, nenhuma informação precisa relativamente à natureza desses cofres.15

Entra em cena um actor-chave
É nesta altura que um inspirador da história do Priorado de Sião faz a sua entrada. Gérard de Sede de Lieoux — embora ele deixasse cair o apêndice aristocrático — nasceu em 1921, oriundo de uma influente família da Gasconha que, segundo ele, era descendente da família de Clemente V, o papa que ordenou a dissolução dos

Templários. Depois de ter estudado Filosofia nas universidades de Paris e Toulouse, foi membro da Resistência durante a guerra, antes de se ter alistado nas Forças Francesas do Interior, e recebeu louvores pela libertação de Paris. Morreu em 2004.

De Sede começou como um poeta algo promissor que fazia parte de um grupo notável — em 1942, a sua pequena colecção de poemas Lincendie habitable (O Incêndio Habitável) foi escolhida para ser publicado numa série editada pela La Main à Plume, os outros onze escritores incluíam celebridades como André Breton e Pablo Picasso, este último escrevia sobre a sua pintura Guernica. (A propósito, Picasso viveu durante algum tempo em Gisors.)16

Depois da guerra, de Sede entrou para o jornalismo, tornando-se correspondente diplomático de uma importante agência noticiosa, embora acrescentando variedade à sua vida e dedicando-se à criação de porcos em 1956 (continuando com a sua actividade jornalística, sobretudo para o Ici-Paris, como actividade paralela). Conheceu Lhomoy em
1959.

Nos anos 60, de Sede produziu dois livros que devem alguma coisa à influência de Plantard e podiam mesmo ser considerados como essencialmente propaganda do Priorado, um diz respeito a Gisors e o outro a Rennes-le-Château: Os Templários Estão Entre Nós (Lês templiers sont parmi nous, 1962) e O Oiro de Rennes (LordeRennes, 1967). Estes livros valeram-lhe considerável crítica, quer como sócio de Plantard em actividades ilegais, quer como um sensacionalista que tem relutância em deixar que os factos interfiram com boa história — e satisfeito em repetir tudo o que Plantard lhe dizia, desde que isso fosse considerado lucrativo. Contudo, isto precisa de ser posto no contexto das suas outras obras, que datam mais ou mesmo desta altura.

Entre os dois livros «Priorado», de Sede escreveu O Tesouro Cátaro (Lê tresorcathare, 1966), um livro com bastante qualidade, bem investigado, sobre os Cátaros — os outrora poderosos cristãos gnósticos que floresceram em redor de Rennes-le-Château e foram destruídos por uma cruzada papal no século treze. E em Porquê Praga? (Pourquoi PragueT),

138

um livro importante, de 700 páginas, sobre a invasão soviética da Checoslováquia em Agosto de 1968. Além disso, ele não era influenciado por Plantard: ele apenas usou aspectos da alegada «informação de fontes internas» do último sobre os mistérios de Gisors e Rennes-le-Château como indicadores e informação secreta, reforçando-os com a sua própria investigação.

Mas tarde, houve uma séria divergência entre os dois homens. Depois de essencialmente o ter trazido ao conhecimento do público e de preparar o caminho para O Sangue de Cristo e o Santo Graal, de Sede escreveu uma violenta acusação de Plantard como fantasista, no seu livro de 1988, Rennes-le-Château: O Ficheiro, as Imposturas, as Fantasias, as Hipóteses (Rennes-le-Château: Lê dossier, lês impostures, lês phantasmes, lês hypothèses).

Voltando a 1960, foi o artigo de Gérard de Sede em Ici-Paris, sobre a (alegada) descoberta de Lhomoy, que deu visibilidade a Plantard. Primeiro, chegou uma chamada telefónica urgente, seguida por uma carta anunciando dramaticamente que as pretensões de Lhomoy estavam a invadir perigosamente áreas reservadas aos «iniciados». Plantard fez-lhe um sério aviso (a ênfase é sua): «Gisors, assim como três outros lugares, é conhecido dos iniciados de grau superior como sendo um antigo santuário da Ordem do Templo; mas o segredo do Templo não está perdido; está oculto do profano. Até que haja mais informação disponível, não acredito que M. Lhomoy tenha sido encarregado de proceder à investigação.»17

Alegando possuir documentos reveladores da verdade sobre a capela subterrânea, Plantard declarou que o caso não deveria ser divulgado. Embora, quando se encontrou com de Sede, Plantard anunciasse que não estava autorizado a mostrar-lhe os documentos, ele apresentou uma planta da capela subterrânea, que ostentava a croix pattée templária. Esta planta poderia ter sido (e, provavelmente, foi) desenhada a partir da descrição de Lhomoy, mas de Sede aceitou-a porque ela parecia ser genuinamente antiga. Plantard alegou ter encontrado a planta enquanto, ao serviço do governo suíço, investigava documentos medievais em Genebra.[18]

O resultado foi uma colaboração com de Sede que conduziu a Os Templários Estão Entre Nós (The Templars Are Among Us), que associou a descoberta de Lhomoy aos guerreiros-monges medievais. De facto, a maior parte da investigação foi unicamente de Gérard de Sede — foi apenas a ideia de uma conexão templária que ele recebeu de Plantard, que, noutros aspectos, manteria a sua boca de iniciado bem fechada.

Contudo, a este foi atribuída responsabilidade de ter desenhado as plantas, e de ter contribuído com um apêndice, sob a forma de respostas a perguntas postas por de Sede, que examinaremos brevemente.

Segundo a teoria proposta no livro de Gérard de Sede — sob inspiração de Plantard — os cofres que Lhomoy viu continham os arquivos dos Cavaleiros Templários, escondidos em Gisors na altura da supressão da Ordem em 1307. Ou, talvez, o lendário tesouro templário, que parece ter desaparecido misteriosamente do Templo de Paris pouco tempo antes de começarem as prisões (como foi tornado conhecido em National Treasuré).

Historicamente, há pouco ou nada que justifique tal hipótese, porque Gisors tem apenas a mais ténue das conexões com os Templários originais. Na verdade, em 1108-1109, a fortaleza esteve a cargo de um cavaleiro chamado «de Payns» — mas se ele era o mesmo que o famoso fundador dos Cavaleiros Templários, Hugues de Payens, um familiar ou nem sequer um parente afastado, continua sem se saber. Quando, como parte de um tratado entre a França e a Inglaterra (concebido porThomas Becket) foi decidido que Gisors seria colocado sob o controlo de uma parte neutral, os Templários foram a opção óbvia. Entre 1158 e 1161, o castelo esteve sob a custódia da Ordem, embora isso equivalesse apenas à presença de três cavaleiros templários.[19] Isso resume toda a extensão da ligação entre o castelo de Gisors e os Templários. Seja como for, como refere Jean Markale, na altura das prisões dos Templários, Gisors pertencia ao Rei e estava cheio de soldados seus — dificilmente seria o melhor lugar para os Templários esconderem o seu tesouro ou os arquivos secretos![20]

A única outra — extremamente ténue — associação é que algumas provas sugerem que o Mestre do Templo, Gérard de Villiers, levou o tesouro para o litoral, onde ele e o tesouro poderiam ter desaparecido misteriosamente por barco. Como o caminho mais rápido de Paris para a costa passa junto de Gisors, de Sede argumentou que Gérard de Villiers poderia ter-se libertado dos cofres no caminho...

Seja como for, nas mentes do público e dos órgãos de informação, o livro de Gérard de Sede estabeleceu uma conexão com os Templários que ainda perdura — e também precipitou uma série de acontecimentos extraordinários.

Em Maio de 1962, a torre do castelo foi selada por ordens do Ministério dos Assuntos Culturais, cujo ministro, lembramos, era então André Malraux. Em Agosto, o ministro ordenou que fossem feitas escavações, que ocorreram em Setembro e Outubro. Uma curiosa

afirmação feita pelo ministro declarou-as como sendo «escavações de rotina» sem — foi acentuado — qualquer relação com o livro de Gérard de Sede.21 Poucos acreditaram numa única palavra dessa declaração. Acidental ou propositadamente, a escavação terminou a 12 de Outubro, a véspera do dia que vira o fim oficial dos Cavaleiros Templários exactamente 655 anos antes.

A escavação despertou um extraordinário interesse. O grão-mestre de uma Ordem neotemplária, com o título grandioso de marquês de Guisei de Vaux, duque du Vai d'Agueda, da igualmente grandiosa Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém e do Monte Carmelo, apareceu a reivindicar o direito da sua Ordem a qualquer tesouro que fosse descoberto. Também no local, por toda a parte, encontrava-se aquele famoso arqueólogo Pierre Plantard, desta vez actuando como conselheiro de Lhomoy.22

Embora a escavação não descobrisse nada, Lhomoy foi autorizado a descer à parte mais profunda, perante os órgãos de informação ali reunidos. Quando ele se queixou de que a escavação tinha terminado exactamente a 1,5 metro da cripta, os funcionários municipais, desinteressadamente, declararam que não havia nada para lá do fim do túnel. Mas o caso recusava-se a ficar esquecido. Em 24 de Janeiro de 1963, a revista Nouveau Candide perguntava:

Por que recusaram à televisão belga o direito de acompanhar as escavações? Por que é que uma empresa cinematográfica séna, que requereu ao Centro Nacional do Cinema Francês permissão para filmar em Gisors, não obteve do Ministério uma firme autorização ou uma recusa acompanhada de uma explicação durante vários meses? Porque parece a Maçonaria interessar-se tanto pelo caso?23

O próprio Malraux foi interrogado sobre este caso por um Senador, em Fevereiro de 1963, e a sua resposta escrita foi:

Embora os argumentos de natureza histórica deixem muito pouco espaço para a confirmação das hipóteses avançadas [a existência dos cofres], considero a possibilidade, antes de se encher o poço, da remoção das últimas camadas de terra, com o objectivo de afastar toda a incerteza relativamente à natureza deste caso.24

Novas escavações começaram um ano depois, em Fevereiro de 1964, desta vez levadas a cabo por um regimento de engenharia militar de

Ruão (sendo os terrenos temporariamente classificados como terreno militar, especificamente para este fim). Um mês depois, foi anunciado que nada fora encontrado — embora a declaração oficial reconhecesse que o objectivo do exercício era «verificar certas afirmações referentes à presença de um tesouro,»25 o que fora energicamente negado pelo Ministério até àquela altura. Acabado este trabalho, encheram-se de cimento todas as escavações, aparentemente devido aos perigos de estas terem minado os alicerces da torre.

Há uma coisa estranha em todo este caso, não apenas porque ele foi basicamente orquestrado, ou pelo menos inspirado, por Piei ré Plantard. Ele persuadira de Sede e muitos outros da validade de uma conexão templária completamente infundada — mas com tão pouco sucesso, que a ligação entre a Ordem e o castelo continua a ser um «facto» para muitas pessoas. E as acções das autoridades parecem ter complementado as de Plantard: sem as duas séries de escavações apoiadas pelo governo, e as declarações flagrantemente contraditórias feitas pelo Ministério, tudo o que teríamos seria a palavra de Lhomoy e o livro de Gérard de Sede. E a questão central é, como pergunta Alain Lameyre em Guia das França Templária (Guide to Templar France,
1975), se Lhomoy era um mitomaníaco por que autorizou o Ministério dos Assuntos Culturais a escavação de 1962? Evidentemente, a actuação do departamento de Malraux introduz uma leve suspeita de conspiração ou de intenção de encobrir alguma coisa: mas

os «iniciados» dos escalões superiores do governo teriam realmente orquestrado toda a história para retirarem os cofres cheios de tesouros? Em qualquer caso, Pierre Plantard e André Malraux parecem ter agido em concertação, de acordo com um plano cuidadosamente encenado.
Estaria Plantard — que se manteve muito discreto durante todo este episódio, no que diz respeito aos órgãos de informação — realmente a desviar a atenção do que se estava a passar? Estranhamente, há uma prova independente que antecede as pretensões de Lhomoy quanto à existência dos trinta cofres. Uma carta escrita em 1938 pelo padre de Gisors, abade Vaillant, a um arquitecto de Paris, diz respeito a um pacote de documentos antigos que ele lhe entregara por uma questão de segurança, que incluíam «um documento em latim datando de 1500 e que fala dos 30 cofres de ferro.»26
(É interessante que o herói do romance de Malraux, A Condição Humana, passado na China, é Kyo Gisors, filho de pai francês e de mãe chinesa. Por que decidiu Malraux dar à personagem aquele nome particularmente evocativo, não se sabe.)

O apêndice a Os Templários Estão Entre Nós, escrito por Plantard, é particularmente significativo porque inclui as primeiras referências ao Priorado de Sião, embora breves e indirectas, numa publicação oficial. (O apêndice foi depositado como um documento distinto, intitulado «Gisors e o seu Segredo» na Bibliothèque Nationale em 1961, o ano anterior à publicação do livro de Sede.)
Intitulado «O Ponto de Vista de um Hermetista», o apêndice — que apresenta Plantard como arqueólogo e hermetista — reveste a forma de uma entrevista. De Sede faz oito perguntas sobre o castelo de Gisors, às quais Plantard responde prudente mas claramente, impressionando mesmo com o seu conhecimento do esoterismo—tarot, astrologia (usando novamente um décimo terceiro signo do zodíaco), astronomia e alquimia. Revela também um sólido conhecimento de história, fazendo citações de escritores clássicos, como Estrabão, e de estudos eruditos de arquitectura, astronomia e matemática. Pelo menos, Plantard fizera o seu trabalho de casa — embora tudo o que ele diz nem sempre esteja correcto ou seja verdade, e seja sempre a sua interpretação muito própria.
Embora pudessem ser suspeitos os detalhes de «valor acrescentado», supostamente com origem nos arquivos secretos de «certas sociedades», o documento está consideravelmente mais bem investigado e apresentado, e com objectivos mais claros, do que a maior parte dos escritos de Plantard em Vaincre ou Circuit, ou mesmo nas suas produções posteriores — o que implica fortemente o trabalho de outra mão. (A suspeita recai imediatamente sobre Phillipe de Chèrisey, cujas obras posteriores revelam o mesmo conhecimento de temas esotéricos e históricos.)
Gisors é importante, escreve Plantard, como o vértice mais a norte de um triângulo equilátero projectado sobre a França, sendo os outros dois vértices Montrevel-en-Bresse (uma pequena cidade no Ain, não distante da fronteira com a Suíça) e Jarnac, perto da costa atlântica. A importância do triângulo é que a cidade de Bourges marca o seu centro. (Plantard parece estar a aproveitar ao máximo a oportunidade de assegurar um interesse futuro na cidade — que se tornaria crescentemente central para a mitologia do Priorado.)
Agora, não há nenhum interesse bizarramente banal nas casas de renda moderada. O elemento místico surge com insistência, embora em grande parte através de referências e insinuações veladas — por exemplo, a importância da grande deusa egípcia ísis, referida como a

«Mãe Oculta», e «os dois olhos do polvo», uma alusão a processos alquímicos secretos.27 (O polvo reaparece como um símbolo-chave nos Dossiers Secretos.} Plantard fala também do desenho e arquitectura do castelo de Gisors, usando nas suas respostas às perguntas de Gérard de Sede um excesso de referências, conscientemente aliciantes, a «iniciados» e «certas sociedades».
Curiosamente, Plantard explica as origens do termo Nautonnier ou «timoreiro» usado para os grão-mestres do Priorado.28 Como os pedreiros e arquitectos medievais viajavam frequentemente por mar ou por rio para qualquer lugar onde as suas competências eram requeridas, eles eram conhecidos como nautesconstructeurs (marinheiros-construtores). Paris era centro de uma das suas bases mais importantes. Por uma vez, é possível determinar a fonte de Plantard — embora não a sua interpretação.
Em 1711, durante as escavações na grande catedral de Notre-Dame de Paris, uma pedra datada dos tempos romanos foi descoberta, apresentando uma inscrição referente a nautae parisiad, aparentemente algum género de barqueiros que fazia o percurso do Sena entre Paris e Ruão sob o patrocínio de Isis, deusa da navegação. A pedra e a inscrição estavam incluídas em Histoire de Ia ville de Paris (História da Cidade de Paris), de 1725, obra dos célebres arqueólogos Gui-Alexis Lobineau e Michel Félibion. (Mais tarde, o nome de Lobineau foi explorado para ajudar a criar os mitos que envolvem os Dossiers Secretos.} Claramente, Plantard (ou quem realmente escreveu o apêndice) estava familiarizado com esta obra. Mas o termo Nautonnier já fora incluído nos estatutos de 1956 do Priorado, embora sem qualquer explicação das suas origens, mostrando que eleja pensava nestes termos desde, pelo menos, há cinco anos.
Evidentemente, Plantard introduz os Templários na história, afirmando que a Ordem foi fundada em 1128.
(Tecnicamente, ele está perfeitamente certo: embora a Ordem já existisse, sob alguma forma, há nove anos, ela recebeu a sanção papal e a sua regra oficial apenas no Concílio deTryes em Janeiro de 1128.) Plantard escreve:
Quando a Ordem do Templo foi fundada em 1128, muitos dos seus membros foram recrutados entre as corporações laicas assim como entre o clero regular. No seu regresso da Cruzada, Luís VII trouxe consigo vários monges, iniciados no Oriente, membros da Abadia de Nossa Senhora de Sião; enquanto alguns se instalaram no Priorado de

Saint-Samson de Orleães, outros integraram-se na Ordem do Templo; cerca de 1161, surgiram discórdias no seio da Ordem; a soberania do grão-mestre já não era unanimemente reconhecida; anunciava-se um cisma, e os Templários ingleses sentiram que uma cisão da Ordem estava iminente. Hoje, ainda existem arquivos secretos, propriedade de certas sociedades, que referem que em 1188 «o ulmeiro foi cortado» e que um dos seus ramos, o Ormus, tendo como emblema uma cruz vermelha e uma rosa branca, seria a origem dos rosacrucianos. Em
1188, os membros do Ormus instalaram-se em Saint-Jean-le-Blanc, no Priorado de Monte Sião, sob a protecção do Priorado de Saint-Samson de Orleães. Estes monges prestavam um culto particular a Nossa Senhora. A vida monástica nunca existiu ali; a actividade era a de uma formidável organização iniciática e religiosa que escapava ao controlo dos abades de Saint-Samson; o último destes, perseguido em 1291, encontrou a sua salvação apenas numa rápida fuga para a Sicília. Em breve chegaria a vez da Ordem do Templo: 1314 veio a marcar o desaparecimento da Ordem.
Depois do desaparecimento da Ordem do Templo, uma tradição assevera que, num lugar secreto — Gisors, talvez — a Arca, o barco do Nautonnier, foi escondida. Contudo, Gisors não era o único lugar: perto de Dreux existem as ruínas do Castelo de

La Roberlière (ou La Robardière), construído por Roberto I e que Pierre Dreux destinara a ser um refúgio...29
Plantard dá mais esclarecimentos numa nota de rodapé, sugerindo mesmo que o Ormus ainda existe:
Desde 1188, o número dos seus monges tem sido de treze, como os signos do zodíaco. O Mestre supremo, chamado Nautonnier, adoptou sempre o nome de João. O primeiro adoptou o nome de João II. Hoje, estamos no XXIo remado joanino.30
Por agora, é suficiente dizer que os detalhes históricos acerca da Abadia de Nossa Senhora do Monte Sião em Jerusalém, a instalação de alguns dos seus monges em Saint-Samson de Orleães e a sua futura associação com Saint-Jean-le-Blanc, estão todos historicamente correctos e são verificáveis. Mais tarde, pudemos identificar a verdadeira fonte histórica usada para estas afirmações, que mostrou que muitas delas estavam correctas. Evidentemente, não é possível verificar a informação

relativa aos «iniciados», como a ligação com os Templários e a criação do misterioso Ormus.
Contudo, a referência ao «corte do ulmeiro», em 1188, refere-se a um acontecimento real, embora obscuro, que ocorreu em Gisors. Nesse ano, Filipe II de França e Henrique II de Inglaterra encontraram-se junto do ulmeiro para ouvir William, Arcebispo de Tyre (autor do mais antigo relato conhecido sobre as origens dos Templários — a que ele era fanaticamente hostil), que pregava uma Terceira Cruzada.
Por alguma razão, surgiu uma disputa entre os Ingleses e os Franceses relativamente à antiga árvore sagrada, levando a uma rixa que terminou com a árvore a ser cortada por ordem de Filipe. O seu motivo permanece obscuro, embora, segundo a lenda, isso aconteceu porque as duas partes se zangaram a propósito de quem deveria gozar a sombra da árvore, enquanto, segundo outra versão, o corte foi devido à importância simbólica da árvore para os Anglo-Normandos.31 Plantard, no entanto, apresenta uma terceira interpretação, afirmando que o corte foi um acto de simbolismo esotérico, representando, de algum modo, uma ruptura no seio da Ordem do Templo que resultou numa organização divergente, o Ormus — a palavra francesa para «ulmeiro» é «orme.» (Deveriam ter estado presentes Templários, especialmente porque uma cruzada estava na agenda.)
Embora seja tentador acreditar o contrário, Plantard não inventou uma irmandade secreta chamada Ormus, e supõe-se que o ano de 1188 fosse muito significativo em certos círculos esotéricos, muito tempo antes de Plantard ter redigido o seu relato, embora ele não estivesse associado ao acontecimento em Gisors. Voltaremos a esta questão mais tarde.
Apesar de o Priorado de Sião existir por trás de Ormus, embora apenas implicitamente, o seu nome aparece, brevemente, no Apêndice escrito por Plantard. À pergunta de Gérard de Sede sobre a presença de sinais que guiem o «peregrino» em Gisors, Plantard responde — juntamente com referências a inscrições e túmulos específicos do castelo — que, se o peregrino subir ao alto da torre à meia-noite de 24 de Dezembro, e olhar para a constelação de Gémeos:
Então, talvez que o milagre se realize. Como Jacob, o viajante pode ter um sonho estranho: «Dois Joões aparecer-lhe-ão, um é o filho do homem: o Cernunnos; o outro é o filho de Deus: o Smertullos, aguardando a terceira vinda; porque, iluminando a área, ele voltará a ver João com a concha a baptizar Jesus, estando presente a pomba, depois, novamente João, o evangelista da Cruz, o dilecto do coração de Jesus.»32

J \

Uma nota de rodapé apresenta a referência: «Instrução para os clérigos, grau de Comandante, Priorado de Sião.»

Considerar os dois Joões do Novo Testamento — João Baptista e o «discípulo dilecto» de Jesus — como particularmente significativos é bastante vulgar nos mundos esotérico e maçónico, embora a associação com as divindades célticas Cernunnos (deus dos animais) e Smertullos (a divindade reinante no mundo inferior) seja nova. Os maçónicos fazem o seu juramento aos «dois Santos João» — embora a razão por que o fazem iluda mesmo os historiadores maçónicos; parece fazer parte de uma tradição que o movimento absorveu nas brumas dos tempo, embora o seu significado se tenha perdido. Mas como este elemento joanista, aparentemente desconcertante, esteve presente desde o princípio da emergência do Priorado no domínio público, presumivelmente, eles sabiam porquê.

Tudo isto se ajusta à história em desenvolvimento do Priorado de Sião histórico, sendo parte dela reproduzida nos Dossiers Secretos posteriores. Mas igualmente importante nesta fase da nossa investigação são certas diferenças em relação à história mais conhecida das origens e história do Priorado. Primeiro, o nome de Godofredo de Bulhão, mais tarde considerado o promotor da Ordem, ainda não foi mencionado (embora até uma investigação apressada da história da Abadia de Jerusalém revele que ele foi o seu fundador). Pierre de Dreux é mencionado como um grão-mestre — o segundo, a julgar pelo seu título de Jean in — mas não aparece em nenhum lugar da lista de chamada nos Dossiers Secretos. Finalmente, o grão-mestre na época da sua redacção, em 1961, é suposto ser Jean XXI, enquanto, notoriamente, os Dossiers Secretos indicam o então Nautonnier, Cocteau, como o, muito mais simbolicamente chamado, Jean XXIII. Tudo isto sugere um mito em desenvolvimento, cuja parte mais importante continuará a ser a mesma, embora os detalhes ainda estejam a ser criados. Mas, até agora, nenhuma palavras sobre os místicos e mágicos merovíngios!

No interior de Rennes-le-Château

Mais tarde, o centro da autopromoção do Priorado seria sobretudo a sua própria interpretação do mistério de Rennes-le-Château e a inexplicável riqueza do seu sacerdote, o abade Bérenger Saunière (1852-1917). Graças aos esforços de Plantard, aquela remota aldeia francesa é agora mundialmente famosa, as suas poucas ruas estreitas

ecoam o som da confusão de línguas faladas pelos turistas — e da chegada das equipas de filmagens, inspiradas por Dan Brown, quer para se entusiasmarem com o mistério, quer para tentar decifrá-lo.

Alguns acreditam que toda a história foi inventada para favorecer a indústria turística local, mas é evidente que um verdadeiro mistério foi usado — flagrantemente «deturpado» pelo Priorado em favor da sua própria agenda. É, por conseguinte, particularmente esclarecedor examinar a história de Saunière tal como ela era antes de Plantard lhe ter estampado a imagem do Priorado, até ao grau em que ela pode ser reconstituída a partir de documentos e testemunhos existentes. Considerando o que foi acrescentado •— e porquê — poderemos obter uma compreensão mais clara daquilo que o Priorado realmente planeava.

Houve um grande entusiasmo em 2001 quando parecia que, finalmente, alguma descoberta tangível estava prestes a ser feita em Rennes-le-Château. Em Abril, uma equipa canadiana chegou com equipamento de radar — aparentemente informada pelo neto de um dos trabalhadores de Saunière, que disse ter sido informado de que o padre tinha enterrado uma arca ou caixa sob os alicerces da Torre Magdala.

Por alguma razão, muitos dos implicados neste novo empreendimento estavam mais associados à história e arqueologia da Terra Santa: a equipa era financiada pela Merrill Foundation, uma organização privada geralmente associada a financiamentos de trabalhos arqueológicos no Médio Oriente. Uma figura-chave na organização deste estudo era o Dr. Robert Eisenman — muito famoso pelo seu trabalho sobre os Manuscritos do Mar Morto — sob cuja orientação a equipa tinha trabalhado anteriormente em Qumran, em Israel (onde os manuscritos foram encontrados). O radar detectou um objecto com cerca de l metro quadrado, enterrado a quatro metros de profundidade, por baixo da torre de Saunière, assim como detectou sinais de uma cripta sob a igreja de Santa Maria Madalena. (Isto não era uma grande revelação — a existência da cripta funerária dos Senhores de Rennes já era conhecida através de documentos históricos; a localização da entrada é o grande mistério.)
Foram precisos outros dois anos e meio para organizar uma escavação para descobrir o que era a «arca», não só devido à burocracia francesa — foi necessária a autorização de um grande número de departamentos governamentais — mas também porque todas as escavações tinham sido proibidas pelas autoridades locais desde 1965. Durante esse tempo, houve um verdadeiro circo, com todo o género de boatos a circular.
148
Um grupo chamado Consortium Rennes-le-Château, dirigido por Eisenman, foi criado especificamente para realizar o trabalho, cujo arqueólogo italiano, Andrea Baratollo, sugeriu dramaticamente que a cripta por baixo da igreja poderia ser os restos de um santuário céltico, ou mesmo «a acrópole da civilização gaulesa.»33 (Ele parece não ter considerado a possibilidade de que fosse apenas uma... cripta de igreja!) Uma grande sensação acolheu a chegada da teóloga italiana Dr.a Serena Tajé, a qual, segundo se disse inicialmente, trabalhava para o Vaticano, mas isto foi desmentido mais tarde. Em Julho de 2001, Lê Figaro atribuiu alguma citações espantosas à «teologicamente sexy Serena Tajé», também chamada de «teóloga vulcânica». (Evidentemente, não era o seu intelecto que impressionara o repórter.) Ela, também, parecia estar dominada por uma folie degrandeur, especulando: «Talvez possamos descobrir objectos relacionados com o mito da fundação da Igreja», ou «um sinal tangível da presença neste lugar (uma presença atestada pelos textos sagrados) do juiz de Jesus, aquele mesmo Herodes Antipas que se deteve aqui, em Rennes-le-Château, a caminho do exílio, na companhia de uma certa Maria, a Madalena».34 A sua erudição religiosa deveria ser algo diferente da versão oficial.
Por que deveria alguém acreditar que uma caixa enterrada por um padre francês há um século conteria essas preciosidades? Obviamente, a história ainda possui o poder de lançar um potente feitiço, mesmo sobre teólogos (por mais sexy que sejam) e arqueólogos.
Tajé causou um grande espanto quando foi citada como tendo dito: «A Igreja Católica encarregou-me de destruir qualquer documento comprometedor que pudéssemos encontrar.» Mais tarde, isto foi considerado como um gracejo, dito à hora do jantar.
Depois de vários adiamentos, em frente das câmaras do Canal História e da distinta companhia de Eisenman, Baratollo e Michael Baigent, a escavação sob a Torre Magdala avançou, finalmente, em Agosto de 2003. Depois de toda a expectativa e atenção febril da imprensa, descobriu-se que a «arca» era uma pedra. Esse, no entanto, é muito improvável que seja o fim da questão: como as pirâmides de Gize, o mito de Rennes-le-Château parece assentar em doses regulares de entusiasmo que raia a histeria — por muito imerecida que seja — antes de abrandar de novo, e assim por diante, num ciclo aparentemente interminável.

Ironicamente, as autoridades regionais recusaram a permissão para escavar a «cripta» por baixo da igreja — embora, indiscutivelmente, ela seja o mais interessante dos dois achados.

Mas porquê o interesse insaciável no que pode estar por baixo da

149

aldeia? O que poderia estar escondido debaixo daquele solo que pudesse dar origem a tanta sensação? «.'

Uma aldeia muito estranha

A cerca de 450 metros acima do nível do mar, com uma população de cerca de 100 habitantes — e mesmo esses são notavelmente invisíveis — a aldeia de Rennes-le-Château é um improvável parque temático, embora seja nisso que ela está em risco de se tornar, em grande parte devido a Pierre Plantard.

Sobranceira ao vale coberto de mato do rio Aude e à aldeia de Couiza, Rennes-le-Château fica a 100 quilómetros de Toulouse, e a

40 quilómetros a sul da cidadela medieval de Carcassonne. Está também apenas a aproximadamente 60 quilómetros da fronteira espanhola, e a pequena distância da estrada romana de Carcassonne para a Catalunha, que continuou a ser estrada principal para Espanha até à chegada do século vinte e à construção da auto-estrada La Catalane. Embora não seja exactamente tão isolada como se poderia imaginar, Rennes-le-Château ainda é suficientemente pequena para não aparecer em muitos mapas, e relativamente difícil de encontrar. No tempo de Saunière — sem carros, nem mesmo uma estrada aceitável até Couiza — deveria ser complicado chegar lá, mesmo vindo do vale. A aldeia foi outrora consideravelmente mais importante, mas nunca recuperou de ter sido saqueada pelos Espanhóis em 1361, um saque seguido imediatamente pelos horrores da peste.

Alguns acreditam que Rennes-le-Château foi outrora a grande cidade visigótica de Rhedae, que aparece nos anais como a igual de Carcassonne e de Narbonne, mas cuja localização exacta se perdeu. Embora esta teoria — primeiro sugerida por um historiador local em 1880 — seja largamente defendida pelos adeptos do mistério, é improvável: Limoux, a cerca de 13 quilómetros para norte, é uma candidata mais provável, embora Rennes-le-Château devesse ter sido um importante posto-avançado estratégico.35

A aldeia foi chamada Rennes, ou variantes como Regnes, desde, pelo menos, o meado do século dezasseis. Identificá-la com o seu antigo castelo (que data do século doze), para a distinguir da sua vizinha, Rennes-les-Bains, é comparativamente recente; até ao século dezoito, a aldeia no alto da colina era simplesmente Rennes e a aldeia termal no vale era Bains-de-Rennes.

150

Saunière nasceu em Montazels, no outro lado do vale, em frente de Rennes-le-Château. O seu pai, Joseph (também conhecido por Cubié), era merceeiro, um respeitável membro da burguesia, tendo sido presidente do município e também administrador do delapidado castelo e encarregado da fábrica de moagem. Bérenger (como preferia ser chamado) não foi o único membro da família a escolher o sacerdócio; o seu irmão mais novo Jean-Marie Alfred (1855-1905) foi o primeiro a entrar para o seminário. Ao longo da última década, tornou-se crescentemente óbvio que Alfred Saunière teve, no mínimo, um papel tão importante a desempenhar nesta história como o seu irmão mais famoso. (Ironicamente, os primeiros artigos e livros sobre o caso de Rennes-le-Château, usaram, por engano, uma fotografia de Alfred como sendo a de Bérenger, o que ainda acontece hoje).

Depois da sua ordenação e de duas nomeações para cargos pouco importantes, Bérenger tornou-se cura (padre paroquial) de Rennes-le-Château — que tinha uma população de 300 habitantes — em Junho de 1885, quando tinha trinta e três anos. A herança do seu predecessor, Antoine Croc, consistia num presbitério que deixava entrar a chuva e numa igreja datando do século décimo que estava claramente prestes a ruir.

Dedicada a Santa Maria Madalena, a igreja fora outrora a capela particular dos senhores de Rennes, enquanto os aldeões tinham o seu próprio lugar de culto até ele ter sido destruído pelos salteadores espanhóis — aparentemente, na crença de que ele escondia algum fabuloso tesouro.

Há uma confusão quanto à consagração da igreja paroquial original: referências medievais à igreja de São João Baptista e à igreja de São Pedro existem, mas se isso significa que havia outrora duas igrejas na aldeia (além da capela dos aristocratas) ou se a igreja ou a capela foram novamente consagradas, em certa altura, continua a ser obscuro.36 A cripta da igreja paroquial original existe por baixo de um edifício particular.

Quase trinta anos antes, um estudo realizado pelo arquitecto diocesano Guiraud Cais concluiu que a demolição e reconstrução seriam menos dispendiosas do que obras de restauração — e, devido à falta de fundos, apenas foram feitas reparações estruturais que impediram o edifício de ruir durante os anos que entretanto se passaram. As autoridades da aldeia tinham constatado a necessidade urgente dois anos antes da chegada de Saunière, mas não havia dinheiro. Nem havia nenhuma possibilidade de ele usar os seus próprios fundos para escorar a igreja: ele tinha que viver apenas com 75 francos por mês. Mesmo o

presbitério estava tão inabitável que ele teve que se alojar em casa de um aldeão.

A chegada de Saunière coincidiu com um período de grande agitação política em França que preocupava directamente a Igreja e o sacerdócio.

Iriam realizar-se eleições em Outubro de 1885, e estava a ser feito um esforço concertado de uma coligação conservadora para restaurar a monarquia (que já fora restaurada e deposta desde a Revolução). Mais uma vez, a nação estava dividida — embora, naturalmente, a Igreja Católica favorecesse a restauração, porque a sua situação seria melhor com a França governada por um rei, e já havia rumores republicanos quanto ao fim do estatuto privilegiado da Igreja.

Antes das eleições, Saunière ordenou virtualmente aos seus paroquianos que votassem contra a República, que ele descreveu num sermão como a obra do diabo. Mas os radicais socialistas ganharam, Saunière foi denunciado como tendo usado o seu púlpito para fins políticos e, como castigo, foi transferido para um seminário em Narbonne. Regressou a Rennes-le-Château em Julho de 1886 — absolutamente nada arrependido.

O ano de 1886 assistiu a outro acontecimento que iria tornar-se numa parte durável da lenda de Rennes-le-Château/Priorado de Sião (não apenas porque ele foi defendido por Pierre Plantard). O colega mais próximo de Saunière, o respeitável abade Henri Boudet (1837-1915), membro da Sociedade de Artes e Ciências de Carcassonne e padre paroquial da antiga cidade termal romana de Rennes-le-Bains, à distância de apenas 5 quilómetros, publicou um livro muito estranho: A Verdadeira Língua Céltica e o Cromleque de Rennes-le-Bains (La vraie langue celtique et lê cromleck de Rennes-les-Bains). Mas embora o frontispício registasse que o livro foi publicado em 1886 e impresso pela firma de François Pomiès, de Carcassonne, os investigadores descobriram que o impressor já tinha abandonado a actividade naquele ano. O que significa isto? (Por que é que nunca nada é claro nesta história?)

O livro de Boudet propõe uma teoria original — para não dizer surreal — segundo a qual a língua universal e língua-mãe do mundo antigo era o Inglês] Como «prova», o padre apresenta interpretações de palavras que ultrapassam os Monty Python; por exemplo, ele afirma que a «Sodoma» bíblica derivava de «sod-doom» — «condenação [doom] no solo [sod]»37 Recorrendo à sua própria localidade, ele consegue referir traduções tão lunáticas que suspeitamos que Boudet deveria estar a brincar; aparentemente, com toda a seriedade, ele argumenta que o
152
monte local de Cardou recebeu esse nome quando as pessoas ponderavam a maneira de o transpor com os seus carros — «Cart (carro), how (como)?»38 Exactamente. Mas seriam os antigos Gauleses tão estúpidos que nunca pensaram em lhe chamar: «Porque é que não vamos antes à volta dele»?

Poder-se-ia esperar esta louca etimologia da parte de um camponês analfabeto que estivesse obcecado com as poucas palavras de Inglês que aprendera, mas não só Boudet era um arqueólogo consumado como também possuía uma graduação em Inglês.39 O puro disparate deste livro levou muitos investigadores a suspeitar que a sua verdadeira finalidade era alguma coisa completamente diferente — talvez algum género de código. Como diz Jean Markale, sucintamente: «Tanta coisa estúpida num único livro escrito por alguém que, obviamente, não era idiota, merece alguma atenção». 40 Mas desde que ele se tornou uma parte integrante do mistério de Rennes (talvez não por acaso, graças a Plantard) na década de 70, ainda ninguém conseguir penetrar na sua cifra, se é isso o que ele é.

Escavar, investigar e descodificar

De volta ao trabalho em Rennes-le-Château, Saunière começou a tentar reparar a sua igreja degradada, obtendo dinheiro onde o podia encontrar. As autoridades da aldeia deram-lhe uma pequena quantia para as reparações mais urgentes, e existia um legado de 600 francos de um dos seus predecessores. Mas uma fonte de financiamento mais importante era uma doação de 1000 francos feita pela Condessa de Chambord. (Vinte anos depois, quando intimado pelo seu bispo a explicar a sua riqueza, Saunière aumentou o valor esta doação para
3000 francos.)41 Este deveria ser um dos últimos actos da Condessa, porque ela morreu em Maio de 1886. Mas quem era ela, e por que deu o dinheiro a Saunière? E o mais importante, como é que ela o conhecera?

Marie-Thérèse, Condessa de Chambord (1817-86), era uma mulher muito distinta, sendo membro da venerável família Habsburgo, a família imperial que reinava no Império Austro-Húngaro, e viúva do principal pretendente ao trono de França, Henri de Bourbon, conde de Chambord (1820-83), que morrera três anos antes. O marido de Marie-Thérèse vivera como um virtual exilado na Áustria dos Habsburgos. O Imperador Francisco José, o homem mais poderoso da Europa, era autocrático,
153
rigidamente disciplinado e firmemente orgulhoso da herança e estatuto da sua família. Na verdade, ele alimentava ambições de aumentar o poder e a influência da sua dinastia, e de acabar por reinar em toda a Europa. Evidentemente, a sua aprovação do conde de Chambord fazia parte deste grande desígnio — afinal, se Chambord se tornasse Rei de França, ele sentir-se-ia muito grato ao Imperador.

No entanto, a situação complicou-se pelo facto de o partido Realista, que Saunière defendera nas eleições de 1885, ter apoiado os «Orleanistas» rivais do partido do pretendente Bourbon («legitimistas») que o marido da Condessa representara — portanto, ela não estaria muito interessada em entregar dinheiro àquele particular e obscuro padre do Languedoc.42 Muitos comentadores admitem que Saunière veio a

conhecer a Condessa através do seu irmão Alfred, que já tinha conseguido criar uma reputação de professor e pregador melifuamente diplomático, em várias instituições dos Jesuítas, embora ele nunca tivesse ingressado na Ordem.43

Há outras associações inexplicáveis entre a pequena aldeia do Languedoque e o herdeiro do trono dos Bourbons. O tutor do conde de Chambord fora Armand de Hautpoul-Félines — tão leal à causa que recusava receber pagamento — que, mais tarde, se tornou companheiro de viagens do conde, acompanhando-o na sua visita a Londres em 1843. A última família nobre a governar Rennes-le-Château, antes da Revolução, foi a de Hautpoul —Armand era sobrinho e herdeiro do último senhor de Rennes-le-Château, o marquês d'Hautpoul.44 (Curiosamente, talvez, um dos predecessores aristocráticos de Phillipe de Chérisey, outro marquês de Chérisey, era membro do círculo íntimo do conde de Chambord.)45

Como paralelo intrigante, René Descadeillas — um importante desmistificador da história de Saunière — observa que foi também uma doação da corte dos Habsburgos de Viena que deu início à obra dos irmãos Baillard em Sion-Vaudémont, nos anos 30 do século dezanove, como é referido em La coline inspirée, de Maurice Barres.46

Saunière começou a aplicar bem o seu dinheiro, reparando e renovando a igreja de Santa Maria Madalena — e é aqui que as coisas se tornam especialmente complexas, obscuras e misteriosas. Reconstituir os acontecimentos depois de tanto tempo — especialmente depois de tanta especulação, teorização e distorção deliberada — não é, evidentemente apenas excepcionalmente difícil; é também frustrantemente impossível ser definitivo sobre alguns acontecimentos-chave. O que se segue é a nossa própria reconstituição, baseada em documentos existen-

tes e testemunhos oculares que foram registados antes de o mistério ter chegado a um público mais vasto.47

Quando Saunière começou a restaurar a igreja em 1887, começou por substituir o antigo altar-mor. Isso foi possível graças a outra doação, de uma «Madame C.», de Coursan, perto de Narbonne, antiga residente em Rennes-le-Château, que prometera que, se recuperasse de uma grave doença, ofereceria à igreja um novo altar. O novo altar, que custou

700 francos, foi entregue em Julho de 1887, como é comprovado pelas facturas existentes e outros documentos.48

Naturalmente, este substituiu o antigo altar — basicamente, uma placa plana de pedra, encaixada na parede numa extremidade e apoiada na outra por um pilar de pedra muito antigo, esculpido num complicado desenho que representava uma cruz. Embora seja agora famoso na tradição de Rennes como o pilar «visigótico», segundo a opinião informada, ele é realmente carolíngio, datando de c. 800 (cerca de três séculos depois de os Visigodos terem reinado na região).49 No interior deste pilar, foi descoberta uma cavidade que continha documentos de algum género, enrolados e metidos dentro de tubos de madeira, como, mais tarde, recordaram vários dos trabalhadores de Saunière. René Descadeillas, que entrevistou alguns deles, escreve:

A maior parte das testemunhas referiu que, ao arrancar a entalhadura, descobriram uma cavidade cheia com fetos secos, no meio dos quais se encontravam dois ou três cilindros de madeira; estes continham documentos manuscritos em pergaminho. O cura levou-os. Declarou que iria decifrá-los, lê-los e traduzi-los, se pudesse. O boato espalhou-se pela localidade. O presidente do município pediu ao cura a tradução. Pouco tempo depois, ele entregou-lhe uma tradução escrita pela sua mão. O texto estava relacionado, diz-se, com a construção ou reparação do altar da igreja, o que é plausível. Não sabemos o que aconteceu a este documento, tal como não sabemos o que foi feito da tradução.50

Isto é significativo porque — como veremos — o que era suposto serem estes mesmos pergaminhos, contendo enigmáticas mensagens codificadas, circulava no final dos anos 60 do século vinte. No entanto, ocultar objectos ou manuscritos quando se consagravam altares era uma prática muito comum.
Por esta altura — é impossível ser preciso — Saunière também mandou substituir as pedras do pavimento, levando a outra descoberta que, nessa altura, ou mais tarde, iria assumir algum significado. Durante
155
o levantamento das velhas lajes de pedra — algumas das crianças da aldeia que ajudaram nesse trabalho, ainda estavam vivas quando Descadeillas foi investigar — verificou-se que uma pedra grande, em frente do altar, apresentava um baixo-relevo muito danificado na superfície inferior. Conhecida hoje como a Pedra dos Cavaleiros (DaUe dês Chevaliers), este pode ser um nome errado; embora as duas cenas que ela representa sejam difíceis de aperceber, além de um cavaleiro montado que transporta alguma coisa, os críticos acreditam que as cenas estejam relacionadas com a caça. Os cálculos da sua antiguidade variam desde o século oitavo até ao século treze.51
Mais uma vez, alguma coisa foi encontrada. Claire Captier, filha de Nõel Corbu, baseada no que os aldeões lhe disseram nos anos 50 e
60, escreve: «Foi debaixo desta pedra... que o abade Saunière encontrou um «ouille» (pote] cheio de objectos preciosos, como moedas de oiro.»52 Uma das irmãs colaças de Marie Dénarnaud, a criada de Saunière, também viu esse pote, e falou dele a Descadeillas em 1957.53 Presumivelmente, a pedra cobria uma sepultura, e o pote fora enterrado juntamente com a pessoa falecida. Mas fosse o que fosse, só isto não podia explicar a grande riqueza de Saunière.
Alguns afirmam que há uma ligação entre as duas descobertas, sugerindo que um dos documentos retirados do altar orientou Saunière para esta pedra, e que foi por isso que o padre a mandou levantar. No entanto, este parece ser um raciocínio mais tardio: afinal, em qualquer caso, o pavimento estava a ser substituído.
Claramente que havia alguma forma de sepultura por baixo da pedra — tanto antiga como, a julgar pela sua posição em frente do altar, importante. Embora alguns aleguem que a pedra escondia a entrada para uma cripta, como Saunière mandou cobrir todo o pavimento com novas lajes, agora é difícil saber. No entanto, quando Nõel Corbu e outros — incluindo o então presidente do município — fizeram escavações neste lugar, no final dos anos 50, encontraram apenas terra e ossos.54
Uma terceira localização possível para a descoberta provém do testemunho do sineiro de Saunière, Antoine Captier, o qual (segundo a sua família) disse que durante as obras de restauração notou um brilho que irradiava de uma antiga balaustrada de madeira, e descobriu um frasco escondido no seu interior. Dentro do frasco, por sua vez, estava um pergaminho enrolado, que ele entregou ao padre. Nunca mais ouviu falar dele.55 Embora não se conheça a data deste episódio, é evidente que ele aconteceu durante qualquer género de obras, mas elas decorreram ao longo de vários anos. Mais uma vez, a balaustrada existe: a cavidade
156
à
— escondida atrás de um pedaço de madeira removível — é muito pequena.
Até agora temos três localizações possíveis para o suposto achado de Saunière, e mesmo a descoberta de um esconderijo de moedas de oiro. Contudo, o padre ainda continuava a viver modestamente e a fazer reparações na igreja usando fontes de rendimento identificáveis — legados, doações e empréstimos. Nesta fase, ainda não havia nenhum mistério no caso.

Começando em Setembro de 1887, Saunière começou a fazer a substituição dos vitrais das janelas, poucos de cada vez, encomendados a Henri Feur, de Bordéus.
Uma mudança mais importante ocorreu quando Saunière se mudou para o presbitério com a família Dénardaud, recém-chegada à aldeia vinda da vizinha Espéraza. No princípio, Madame Dénamaud actuava como sua governanta e criada, mas, mais tarde (algures entre 1888 e
1892), a sua filha Marie (que tinha vinte anos em 1888), tomou conta do cargo — tornando-se também na maior confidente de Saunière.
Em Agosto de 1890, várias reparações essenciais começaram a ser feitas na igreja, financiadas por uma variedade de doações, legados, pagamentos para celebrar missas votivas e mesmo empréstimos. Em Setembro de 1891, Saunière já gastara uns largos 2661,50 francos, fazendo, em comparação, parecer muito pequeno o seu salário de apenas 450 francos anuais.
com grande cerimónia, a 21 de Junho de 1891, ele instalou uma nova estátua de Nossa Senhora de Lourdes no exterior da igreja, usando a antiga pedra do altar como seu suporte. Curiosamente, Saunière mandou erguer a pedra voltada ao contrário, invertendo assim a cruz nela gravada — claramente que não é um engano, porque ela também ostenta os símbolos Alfa e Ómega, tornando muito óbvio o sentido em que ela deveria ser erguida. Como escreve Jean Blum, a ideia de que isto era ignorância ou negligência da parte de Saunière é «inaceitável, pura e simplesmente.»56 Evidentemente, inverter o símbolo mais sagrado da religião cristã é mais do que uma excentricidade, sendo geralmente associado a sacrilégio equivalente a satanismo. Obviamente, isto fazia parte de algum plano — mas qual era? Que mensagem poderia ele estar a tentar transmitir?
Saunière também mandou gravar as palavras «Missão 1891» na pedra: obviamente referente ao ano, mas o que era a missão, não sabemos. Alguns interpretam-na como «mis» (colocada) e «Sion» — isto é, foi colocada ali pelo Priorado de Sião em 1891 — mas isso é pura especulação.

Há várias outras indicações de que Saunière considerava o ano de 1891 importante, embora ninguém saiba porquê. No entanto, poderia ser significativo o facto de que ele fez uma colagem — encontrada entre os seus documentos pelos Corbus — de duas ilustrações retiradas do periódico La Croix. A primeira apresenta três querubins levando uma criança para o céu, com a legenda: «O ano de 1981 entra na eternidade com o fruto abaixo mencionado.» Por baixo desta, uma segunda ilustração apresenta os três reis magos trazendo os seus presentes ao menino Jesus.
Alguma coisa aconteceu em 1891, embora três meses depois da inauguração da estátua. No dia 21 de Setembro, Saunière registou numa concisa entrada de uma linha no seu diário, resumindo os acontecimentos do dia: «Carta de Granes [uma aldeia vizinha]. Descoberta de um túmulo. Choveu à noite.»57
Que a descoberta foi importante é revelado pelas suas actividades durante os dias subsequentes. Primeiro, interrompeu as obras de renovação que estavam em curso na igreja (o que sugere que o túmulo foi descoberto no interior àa igreja, não no cemitério). Uma semana depois, partiu repentinamente para um «retiro», de acordo com o seu diário, viajando para Carcassonne e Luc-sur-Aude, uma aldeia a cerca de três quilómetros a norte de Rennes-le-Château. No dia seguinte, ele registou: «Visita do cura de Névian — Chez Gélis — Chez Carrière — Visita de Cros e Secret.»58
Névian é uma aldeia um pouco distante, perto de Narbonne — presumivelmente, o seu sacerdote paroquial viajara para este encontro. Ao contrário, o abade Antoine Gélis era um dos clérigos vizinhos mais próximos de Saunière, sacerdote paroquial da aldeia de

Coustassa, no outro lado do vale do rio Sais, em frente de Rennes-le-Château. O idoso Gélis iria ser encontrado assassinado violenta e misteriosamente seis anos depois. Carrière é desconhecido. Cros era o vigário-geral da diocese — um grande amigo de Saunière. Sem surpresa, a referência a «Secret» entusiasmou muita gente, inspirando teorias, segundo as quais Saunière visitou os padres para lhes confiar alguma coisa espantosa que ele tinha encontrado no túmulo. Infelizmente, no entanto, «Secret» é, de facto, um apelido em França, ou em alternativa, como sugerem Bill Putman e John Edwin Wood plausivelmente, poderia ser uma abreviatura de secrétaire; 59 talvez Saunière se tivesse encontrado com Cros e o seu secretário — sugerindo que se tratava de qualquer coisa diferente de uma visita de carácter social.
Embora tivesse regressado à sua paróquia a 2 de Outubro, Saunière não retomou os trabalhos de reconstrução senão duas semanas mais

tarde — e nessa altura, como ele observou, fez um «acordo com os novos pedreiros». Por que interrompeu ele os trabalhos e empregou depois novos trabalhadores? Seria então, talvez, que a entrada para a cripta sob a igreja tinha sido descoberta? No registos paroquiais relativos a 1694-1726 há várias referências a essa cripta, que estava aberta nessa altura. Por exemplo, em Março de 1705, Anne Delsol, cunhada do então barão de Rennes, Henri d'Hautpoul, foi enterrada «no túmulo dos Senhores que está perto da balaustrada». Em 1724, Henri de Vemet foi sepultado no «túmulo dos Senhores».60
Embora Paul Saussez, do Consortium Rennes-le-Château, fizesse ressurgir recentemente a teoria de que as riquezas de Saunière resultaram do facto de ele ter descoberto a entrada para os túmulos dos Hautpouls, a descoberta dos túmulos não fariam o padre enriquecer de repente. Ele ainda teve que pedir emprestada uma pequena soma de dinheiro a Mme Barthélémy Marre em Novembro de 1891.61 (A propósito, as entradas do seu diário cessam abruptamente em
12 de Abril de 1892 — infelizmente, no momento em que a intriga se adensa.)
Há outro enigma relativamente à cripta. Porquê e quando ela foi selada, não se sabe, mas, certamente, quando o último barão de Rennes morreu em 1753, em Limoux, ele foi sepultado ali e não na aldeia. Contudo, a sua viúva, que lhe sobreviveu quase trinta anos, viveu e morreu em Rennes-le-Château, e, curiosamente, foi enterrada não na cripta da família, mas no cemitério. Não havia espaço na cripta?
Desde 1422, quando a última herdeira da família nobre que anteriormente governava Rennes, os Voisins, casou com Pierre-Raymond d'Hautpoul, a sua família (de uma região a norte de Carcassonne), os Hautpouls, eram os Senhores de Rennes. No século dezoito, eles também adquiriram o título de Marqueses de Blanchefort, uma ruína enigmática a 4,5 quilómetros de Rennes-le-Château, geralmente referida como o «castelo», mas a julgar pelos alicerces existentes, não era muito mais do que uma torre de vigia.
O último Senhor de Rennes e Blanchefort foi François d'Hautpoul (1689-1753), que casou com Marie de Nègre (ou de Negri) d'Ablès62, e teve três filhas (o seu único filho morreu na infância). Dame Marie sobreviveu ao marido quase trinta anos, mas durante a sua longa viuvez manteve relações pouco felizes com as suas filhas; uma, Gabrielle, adoptou procedimentos legais contra ela por «degradação dos bens e do castelo de Rennes, e deterioração do mobiliário e dos bens da herança».63

Quando Dame Mane morreu a 17 de Janeiro de 1781, a sua filha solteira, Elisabeth, herdou o título, tornando-se Mademoiselle de Rennes, mas, apenas oito anos depois, a Revolução pôs fim aos privilégios da aristocracia. No meado do século dezanove, o castelo de Rennes e as suas terras estavam noutras mãos.

O padre da paróquia na tempo da morte de Marie de Nègre — predecessor de Saunière cem anos antes — era o abade Antoine Bigou, que ocupava aquele cargo desde 1774. Foi ele quem presidiu aos seus ritos funerários, e quem mandou erigir a sua pedra tumular — um monumento que está agora no centro do mistério. (Condenado como «padre reaccionário» — alguém que se opunha à Revolução — em
1790, Bigou fugiu para Espanha, onde morreu quatro anos depois.)
Embora a pedra tumular de Marie se viesse a tornar material maravilhoso para os criadores da imagem do Priorado, há nela alguma coisa genuinamente estranha. As linhas simples do seu epitáfio estão cheias de erros, seguramente erros demasiados para serem explicados por execução medíocre. (No entanto, os detalhes da morte de Marie — a data, a sua idade, etc. — estão correctos, como é confirmado pelo registo nos arquivos diocesanos.) Era suposto ler-se: «Aqui jaz a Nobre Marie de Nègre d'Ablès, Senhora de Hautpoul de Blanchefort, de sessenta e sete anos, falecida em XVII de Janeiro de MDCCLXXXI. Requiescat in Pace. [Descanse em Paz].» Mas há letras erradas, letras omitidas, letras peculiarmente destacadas do texto principal, em posição mais alta ou mais baixa. Para escolher os exemplos mais flagrantes, «d'Ablès» tornou-se «d'Aries», o segundo «C» na data é um «O», e o mais surpreendente, a divisão incorrecta na frase latina da penúltima linha — Requies catin» — forma «caítn», nessa época, um termo que designava uma prostituta ou mulher desmazelada!
Os erros são tão flagrantes que muitos supuseram eles que eram alguma forma de mensagem codificada, provavelmente deixada pelo abade Bigou. O Priorado iria explorar a ideia descaradamente.
A pedra tumular já não existe — mas ainda lá se encontrava no tempo de Saunière, embora estivesse partida e caída num canto do cemitério, para onde o próprio padre a atirara. Na verdade, foi Saunière quem apagou a enigmática inscrição, talvez tentando esconder a sua mensagem secreta. No entanto, fizera-o tarde demais: fora feita uma cópia, em Junho de 1905, pelos membros da Sociedade de Artes e Ciências de Carcassonne, que publicaram a descrição e um diagrama na sua revista, um ano depois. No entanto, embora a redacção da inscrição seja certamente textual, como referem Putman e Wood, no

diagrama ela parece ter sido composta usando o tipo de composição-padrão — que não uma característica do original!64 Presumivelmente alterada por necessidade dos impressores, esta alteração torna impossível saber como era realmente a pedra. Embora isto não tenha nenhum efeito nas tentativas de descodificação, a inscrição levanta sérios obstáculos às teorias apoiadas nas medições entre vários pontos da pedra.
A ideia de que Saunière apagou a inscrição para esconder o seu segredo — admitindo que ela estava, de alguma maneira, relacionada
CT GIT NOBLc M
ARIE DE NEGR*
DARLES DAME
DHAUPOUL D* BLANCHEFORT
AGEE DE SOIX
ANTE SEpT ANS DECEDEE LÊ
XVII JANVIER MDCOLXXXI
REQUIES CATIN PACE

com a fonte da sua riqueza — também precisa de ser posta em contexto. Na altura em que os arqueólogos visitantes a registaram em 1905, Saunière já era um homem rico há vários anos. No entanto, foi só depois da visita dos arqueólogos que ele destruiu a

inscrição — assim, é claro que ele não tinha nenhuma grande preocupação de que outra pessoa pudesse descobrir a pista. Há outras razões para que ele eliminasse o texto (talvez para evitar perguntas embaraçosas sobre os motivos que o tinham levado a desfigurar a sepultura do último nobre patrono da aldeia).
Os mistérios acumulam-se devido à alegação de que a sepultura de Marie de Nègre tinha duas pedras, sendo a outra uma pedra horizontal ostentando uma inscrição ainda mais enigmática que inclui o mote Et in Arcádia ego. Por agora, observaremos simplesmente que parece que a segunda pedra nunca existiu, mas antes foi uma invenção do anos
60 do século vinte.
Outras duas pedras tumulares suscitam perguntas igualmente embaraçosas — no entanto, desta vez, elas são inegavelmente destinadas à mesma pessoa, Paul-Urbain, conde de Fleury (1778-183), sepultado no cemitério de Rennes-les-Bains. A primeira pedra tumular, erradamente, indica a data do seu nascimento como 3 de Maio de 1776, enquanto a segunda comemora a trasladação do seu corpo para outro local do cemitério, e refere que ele morreu a 7 de Agosto de 1856, aos sessenta anos! Mas o que seria que se estava a passar?
Bastante curiosamente, este conde de Fleury era neto de Dame Marie de Nègre de Rennes e Blanchefort: a filha mais nova de Marie, Gabrielle d'Hautpoul de Blanchefort, casou com o conde de Fleury, e Paul-Urbain era seu filho.65 Que estranho que as pedras tumulares de dois membros da mesma família continuassem a exercer fascínio com erros misteriosos — se realmente é isso que eles são.

As misteriosas viagens de Saunière

Perto do fim de 1892, o abade Saunière comportava-se de uma forma inegavelmente estranha, viajando frequentemente para fora da sua área sem autorização dos seus superiores. Deixava cartas já escritas para serem enviadas por Marie Dénarnaud em resposta a qualquer correspondência recebida enquanto ele estava ausente, dizendo que ele estava ocupado e que responderia devidamente logo que pudesse. Saunière estava a apagar o seu rasto.
762
Segundo os aldeões, ele tomava o comboio de Couiza, em direcção ao sul, a Perpignan, fora da sua diocese, mas para onde se dirigia, ninguém sabe. Algumas vezes, instalou-se num pequeno hotel de Perpignan, o Eugène Castel, mas parece tê-lo usado mais como uma base para fazer incursões mais vastas.66
Alguns boatos situam-no em Espanha e em Paris — e mesmo duas vezes em Inglaterra67 — mas Claire Corbu, proprietária dos documentos existentes que pertenceram a Saunière, declara: «Não encontrámos nada que nos dê a mais pequena indicação quanto ao destino e objectivo das viagens do abade Saunière».68 A maior parte da controvérsia centra-se em saber se Saunière fez uma viagem a Paris, porque esta viagem iria tornar-se uma parte integrante da lenda. Em particular, afirma-se que, na capital, ele se associou a membros de grupos ocultistas, incluindo a cantora de ópera, com tendências esotéricas, Emma Calvé. — que se supõe ter-se tornado sua amante. Mas, de facto, não há nenhuma prova específica de que ele alguma vez tivesse visitado a capital francesa. O que já foi considerado como a «melhor prova», uma série de fotografias apresentando o nome de um fotógrafo de Paris, foi abandonado porque foi conclusivamente provado que elas eram fotografias de Alfred Saunière. A única outra pista tangível é uma Torre Eiffel de vidro, encontrada pelos Corbus depois da morte de Marie, numa colecção de recordações — mas era uma recordação ou um presente? Havia também um mapa das ruas de Paris, embora ele pareça datar de um período mais próximo de 1913. Mas, evidentemente, se Saunière tinha dinheiro para esbanjar, o lugar

óbvio para sentir prazer em o gastar teria sido a capital mais divertida da Europa. Talvez que o padre não-ortodoxo de uma pequena aldeia monótona, situada tão a sul, apreciasse uma pausa em Paris, muito distante da censura dos seus superiores.
O investigador francês André Douzet afirma ter provas que situam Saunière em Lyons, em Maio, Junho e Setembro de 1899. Reproduziu cópias de facturas de aluguer de carruagens naquela cidade, embora estas mostrem que o utilizador era simplesmente um «Monsieur 1'Abbé Saunière» — talvez um outro padre diferente, ou mesmo o ubíquo Alfred.69

Profanação e nova decoração
Como vimos, por volta de 1905, a pedra tumular de Marie de Nègre foi aparentemente atirada para um canto do cemitério por Saunière. Exactamente quando ele o fez, não se sabe, mas é provável que fosse durante 1895 — quando ele e Marie Dénamaud se entregavam a algumas actividades muito suspeitas no cemitério. Três vezes em Março de 1895, os aldeões apresentaram queixas por escrito — que existem — à subprefeitura local alegando que, por razões que não conseguiam compreender, Saunière andara a mudar e a destruir pedras tumulares e a mexer nas sepulturas dos seus familiares. Não aceitaram a explicação de Saunière, segundo a qual que ele andava apenas a limpar aquele lugar — alguns aldeões lembram-se de ver buracos no chão, alguns com 3 metros de profundidade. Na verdade, ele teve que construir um ossário — que ainda existe num canto do cemitério — para conter as ossadas que apareciam durante as suas escavações. Considerando que isto era profanação em grande escala, embora inerente às principais actividades do padre — quaisquer que elas pudessem ter sido — a reacção dos aldeões foi, pelo contrário, surpreendentemente pouco enérgica. Certamente, para os estranhos, todo este caso é mais do que algo arrepiante.70
O projecto seguinte de Saunière foi a nova decoração da igreja, empreendida entre 1896 e 1897. As várias estátuas, incluindo o bizarro demónio, de olhos espantados, que sustenta a pia da água benta e o baixo-relevo que ocupa a parede oeste, assim como a Via Sacra, foram obra de Giscard, de Toulouse, que assinou o contrato em Novembro de 1896. (Quando acabada, a igreja foi abençoada pelo bispo de Saunière, Félix-Arsène Billard, no dia de Pentecostes, no princípio de Junho de 1897.)
A decoração é certamente estranha — mas seria isso devido à falta de gosto de Saunière ou estaria ele a tentar dizer-nos alguma coisa? Neste caso, o que seria? As inscrições e a decoração da igreja e do tímpano suscitaram muitos comentários, debates e especulações. Inegavelmente, elas são estranhas, não só devido ao que elas incluem, mas também devido ao que elas excluem.
Alguns comentadores — como Putman e Wood — rejeitaram displicentemente a ideia de que havia alguma coisa estranha na decoração da igreja realizada por Saunière. Contudo, muitos especialistas franceses consideram-na estranha: o historiador de arte Jean-Claude Danis referiu nada menos que noventa anomalias no interior da igreja, que devem ser tomadas a sério.71 Cada uma das anomalias particulares poderia ter

uma explicação banal, mas, cumulativamente, o quadro global é um quadro de consciente desígnio.
Notavelmente, o pórtico ostenta o mote latino «Terribilis est locus iste», geralmente traduzido como «este é um lugar terrível» — «terrível» no sentido de inspirar terror. (Alguns livros ingleses interpretam-no como «este lugar é maldito», o que é completamente errado.) Em si, ele não é tão surpreendente como muitas pessoas imaginam, sendo a primeira parte de uma citação bíblica — a segunda parte segue-se imediatamente abaixo, inscrita em arco acima da porta da igreja. Estas foram as

palavras pronunciadas por Jacob quando ele teve a visão da escada para o céu — na versão da Bíblia do Rei James: «Que terrível é este lugar! É apenas a casa de Deus, e esta é a porta do céu». Certamente, faz perfeito sentido encontrar esta citação na entrada de uma igreja.
Mesmo assim, há nela alguma coisa peculiar, porque a primeira parte está realmente errada (e os padres, particularmente naquela época, tinham que saber latim). A tradução literal é «A tua casa é terrível» — iste significa «a tua». Estaria Saunière, por alguma razão, a distanciar-se da sua congregação — talvez mesmo da religião cristã?
Em qualquer dos lados da citação «Terribilis», está a primeira parte de uma outra frase bíblica: «Domus mea domus orationis vocabitur» — «A minha casa será chamada a casa de oração...» Mas a segunda parte está ausente — a citação completa, extraída das palavras de Jesus quando ele expulsa os cambistas do Templo (Mateus 21: 13), deveria continuar: «... Mas fizestes dela um antro de ladrões». Por que chamar a atenção para esta frase, e depois excluir a ideia principal? Consideradas em conjunto, as duas citações têm um efeito assustador, como se Saunière estivesse a dizer: «Fizeste da tua casa um antro de ladrões...»
Contudo, pode haver uma explicação bastante racional: ao abrigo de um acordo ou «Concordata» que Napoleão concluiu com a Igreja Católica, o estado tornou-se responsável por pagar aos padres e manter as igrejas. Os padres paroquiais eram considerados como funcionários civis. Embora este pudesse ser um bom acordo financeiro para a Igreja, efectivamente, tornava as igrejas particulares em propriedade da República, sendo esta a razão por que Saunière pagava uma renda pelo seu presbitério às autoridades locais. (Depois da separação da Igreja e do Estado em 1905, o governo assumiu a responsabilidade pela manutenção das igrejas, mas a Igreja tinha que pagar aos padres.) Esta inscrição poderia ser um sinal de que Saunière desaprovava a gradual secularização da Igreja em França.

A violência política também pode ter-se manifestado no desenho invulgar da pia da água benta. A estátua do abominável demónio, em tamanho natural, apoiado sobre um joelho, logo à entrada da porta, é geralmente referida como Asmodeu (um demónio que guarda tesouros escondidos). com um olhar de aparente indignação ou horror, ele sustenta a pia da água benta por baixo de quatro anjos que fazem o sinal da cruz, sob a legenda «Par cê signe tu lê vaincras» — uma versão levemente curiosa da célebre «Por este sinal vencerás», sendo aqui: «Por este sinal tu o vencerás». O que estava Saunière a tentar sugerir ao alterar assim esta frase conhecida?
Curiosamente, no sermão que o pôs numa situação tão difícil, Saunière disse acerca da República: «Eles são o demónio que tem que ser vencido; temos que os fazer ajoelhar sob o peso da religião e dos baptizados. O sinal da cruz é vitorioso e está connosco!»72
Apesar das páginas e páginas de surpreendentes especulações sobre a pia da água benta, esta parece ser uma explicação provável — embora possa haver outros níveis de especulação.
Colocar a pia da água benta sobre o diabo, ou um demónio, não é caso único em França — um tema semelhante foi usado na igreja de Montreal, uma aldeia a 25 quilómetros a norte de Rennes-le-Château, e Jean Markale cita outra em Campénéac, na Bretanha.73
Mas é certo que ele cria um efeito surpreendente na igreja de Saunière, especialmente quando há tantas outras anomalias para tentar compreender. (A propósito, o equivalente francês da expressão idiomática inglesa «dar nas vistas como um dedo inflamado» é «dar nas vistas como o Diabo numa pia de água benta».]

Na parede ocidental, um grande baixo-relevo mostra Jesus a pregar o Sermão da Montanha, mas, sobre a erva, há um pequeno saco que rebentou e espalhou moedas de oiro — uma interpretação não muito ortodoxa da cena evangélica.
Aqui, as Estações da Via Sacra estão dispostas em sentido contrário ao habitual, da esquerda para a direita; embora isso possa, de facto, não ser único, é suficientemente invulgar para suscitar comentários. E há outros detalhes estranhos: há uma mulher com um véu de viúva; uma criança com um saiote escocês; e outras figuras anómalas a realizarem actos presumivelmente significativos.
O toque final foi a pintura de Maria Madalena, na superfície frontal do altar — a obra de um artista anónimo de Carcassonne, mas Saunière e o seu amigo, o padre Joseph Courtaly, deram eles próprios os retoques finais.74 Isso foi uma homenagem à santa a quem Saunière claramente

venerava com uma intensidade especial, dando à sua biblioteca e à sua casa o nome das alegadas residências de Maria Madalena em Magdala e Betânia, respectivamente.
Até aqui, o padre gastara o seu dinheiro extra com a igreja, mas havia sinais, nessa altura, de que o dinheiro chegava em grandes quantidades, mais do que ele sabia o que fazer com ele.
Horror e riquezas
Alguns meses depois do restauro e da nova dedicação da igreja, um acontecimento horrível abalou as redondezas. Na noite de 31 de Outubro de 1897, o abade Antoine Gélis, de setenta anos, padre paroquial de Coustassa há quarenta anos, foi brutalmente assassinado no seu presbitério, com o crânio esmagado por alguém que, aparentemente, ele recebera na sua casa. O culpado nunca foi apanhado e o assassinato foi aparentemente sem motivo — curiosamente, a única coisa roubada foi o conteúdo de um saco de viagem, embora o assassino pudesse ter encontrado facilmente mais de 1000 francos guardados em várias gavetas.75
Alguns dias depois, o juiz de investigação, Raymond Jean, encontrou outros 13.000 francos que Gélis tinha escondido em vários lugares do seu presbitério e da sua igreja. Jean também descobriu que o velho padre investira recentemente entre 15.000 a 20.000 francos.76
Se o assassínio de Gélis tinha alguma ligação com o caso de Rennes-le-Château — Gélis era um dos padres visitados por Saunière depois da sua «descoberta de um túmulo» seis anos antes — não se sabe, mas, certamente, ele mostra que a área era um centro de acontecimentos muito peculiares e brutais. (Até se descobrir que ele tinha um álibi inabalável, as suspeitas recaíram imediatamente sobre Joseph Pagès, sobrinho de Gélis, que era parente de Saunière por afinidade —• mas, afinal, aquele era um mundo pequeno.) Tanto Saunière como o aparentemente louco etimologista Boudet assistiram ao funeral de Gélis, a 3 de Novembro de 1897.
Nessa altura, Saunière tinha muito dinheiro, o qual ele claramente tencionava gastar consigo próprio, mais do que com a igreja. Em 1898, começou a comprar terras na aldeia para nelas construir o seu sumptuoso domaine, embora ele as comprasse em nome de outras pessoas, sobretudo no nome de Marie Dénarnaud.

O padre tinha várias contas bancárias, e fazia transacções comerciais com instituições financeiras, em Paris, Toulouse e Perpignan. Há mesmo provas — embora não conclusivas — que sugerem que ele tinha uma conta em Budapeste. No final de 1899, quando a subprefeitura o investigou, foi apresentado o seguinte, e algo contraditório, relatório: «M. abade Saunière está numa situação desafogada. Não tem

responsabilidades familiares. A sua conduta é boa. Professa opiniões antigovernamentais. Atitude: reaccionário militante. Informação: desfavorável».
Em 1900, começaram os trabalhos de construção de uma casa barroca, de dois andares, à qual Saunière deu o nome de Vila Betânia (segundo o nome da Betânia do Novo Testamento, a residência de Maria, Marta e Lázaro).O padre explicou que ela se destinava a ser um lar para padres aposentados, embora nunca tivesse sido usada como tal. Mas estranhamente, Saunière nunca se mudou para lá; embora a usasse para receber hóspedes importantes, e continuou a viver no presbitério, pelo qual ele pagava à comuna uma renda simbólica de 20 francos anuais.
Como muitos súbditos da Rainha Vitória que enriqueceram devido ao esforço próprio, Saunière gastou muito dinheiro na criação de recintos impressionantes, na construção de um jardim ornamental, incluindo um terraço com uma vista panorâmica. Mas o seu toque final foi a famosa Torre Magdala, que ele usou como biblioteca (só as estantes para os livros custaram 10.000 francos em 1908). Era uma biblioteca bem fornecida, não apenas com obras religiosas e teológicas, mas também com livros sobre política, história e geografia. Também assinava vários jornais e revistas. A obra estava acabada em 1908.
Saunière tornou-se um obsessivo e voraz coleccionador — de livros, selos, bilhetes postais ilustrados, aparentemente tudo em que ele pudesse esbanjar dinheiro. Tinha dois cães, o estranhamente chamado Fausto (presumivelmente segundo o nome do notório erudito medieval que vendeu a alma ao Diabo) e Pomponnet, além de dois macacos de estimação, Capri e Mora. E para a enigmática Marie, encomendava as últimas modas de Paris; não era a maneira tradicional de um padre de aldeia tratar a sua governanta.
Tendo reservado a Vila Betânia para recepções, o padre e a sua governanta comportavam-se como potentados orientais: facturas existentes de pagamentos de grandes quantidades de comida e, especialmente, bebidas constituem uma leitura espantosa. O rum era importado da Martinica, o vinho branco e o conhaque eram bebidos como se esti-

vessem a oferecer recepções a imperadores romanos de hábitos particularmente imoderados. Depois, há a questão de saber quem Saunière recebia com tanto requinte. Naturalmente, os notáveis e os dignitários locais acorriam para desfrutar de uma hospitalidade tão sumptuosa, mas outros convidados são muito mais intrigantes...
Estes incluíam o artista e político Henri Dujardin-Beaumetz (1852-1913), futuro subsecretário do Estado para as Belas-Artes — embora, de facto, ele e Sainière tivessem sido amigos desde uma nomeação prévia para Alet-les-Bains, e Dujardin fosse, nessa altura, um político local que representava Limoux. Contudo, a amizade de ambos ainda é algo surpreendente, porque Dujardin era não só um republicano e radical como também um maçónico da loja La Clemente Amitié.78
Pela leitura de uma carta de agradecimentos que ainda existe entre os papéis de Saunière, aparentemente, um dos seus hóspedes, um certo M. Bousquet, veio de tão longe quanto a aldeia de Bayons na Provença, perto da fronteira italiana.79 Entre os documentos do padre também foi encontrado um cartão de felicitações enviado pelo duque e Duquesa d’Auerstadt, enquanto outro eminente visitante era a escritora Andrée Brugière, que se intitulava Viscondessa d’Artois.80
Outra personalidade intrigante que se sentava à mesa de jantar de Saunière é a Marquesa du Bourg de Bozas, descendente de uma família importante com associações esotéricas. A sua presença explica-se pela sua relação com Alfred, o irmão do padre, que, desde 1893, era professor no Petit Séminaire em Narbonne, onde, nas palavras do investigador Franck Marie: «A sua vida dissoluta provocou um escândalo.»81 O nome da Marquesa

— além do de outras mulheres — estava associado a Alfred, cuja vida terminou em desgraça como um padre alcoólico e desqualificado.
Mas o mais controverso dos alegados hóspedes de Saunière era a célebre soprano Emma Calvé (1858-1942). Não só ela era a pessoa mais famosa que, alegadamente, tinha jantado com o «humilde» padre, mas também as suas ligações com o mundo erótico e muitas vezes misterioso do ocultismo suscitaram, naturalmente, algumas acesas especulações.
Nascida Rose-Emma Calvet em Decazville, no Averyon (tendo mudado mais tarde a ortografia do seu apelido, sobretudo para que as audiências ingleses pudessem pronunciá-lo), ela fez a sua estreia profissional em 1881, e veio a gozar uma carreira de trinta anos como uma grande estrela internacional, percorrendo virtualmente todos os cantos do mundo. Desde 1892, todos os anos ela era a estrela na Royal Italian Opera no Covent Garden de Londres (por uns largos 10.000
769
francos por mês), vivendo na então duvidosa área de St. John's Wood. Durante o seu primeiro verão em Londres, ela recebeu um convite para cantar para a Rainha Vitória, o que ela repetiu anualmente — umas vezes no Castelo de Windsor, outras no exótico refúgio escocês da rainha, Balmoral. (Claramente, Calvé era uma grande favorita: Vitória mandou fazer um busto da cantora.)
Além da sua aclamação nos círculos convencionais, Calvé era também uma estrela dos salões ocultistas parisienses, originalmente através de um interesse no espiritismo — então, muito em voga em Paris — e largamente popularizado nos círculos literários e artísticos por Victor Hugo.
Uma figura-chave deste meio excitante e intenso era o Dr. Gérard Encausse, conhecido como «Papus», cujo círculo imediato de amigos com interesses semelhantes incluía algumas surpresas como o vencedor do prémio Nobel, o fisiologista Charles Richet, o astrónomo Camille Flammarion e o coronel Albert de Rochas, director de estudos na importante École Polytechnique. O biógrafo de Calvé, Jean Contrucci, escreve: «Emma Calvé convivia com estes espíritos tão eruditos como inconformistas, e se ela só ocasionalmente compreendia os aspectos superficiais das investigações dos seus amigos, ela absorvia as suas certezas, partilhando as suas teorias com confiança e dedicando-se, em público e em privado, ao ocultismo.»82 Contrucci também comenta a época em que estes laços se formaram:
Papus, apesar da abundância do seu cabelo, não tinha nada da pessoa antiquada [vieille barbe]: tinha 25 anos e a sua juventude não estava dissociada do interesse que as mulheres tinham nele. E apesar das virtudes do desinteresse que tinha o [bom] senso de «anunciar», ele não lamentava ver os mais bonitos ombros e olhos de Paris nas suas conferências. Não havia nada melhor para atrair novos membros do que ver, na primeira fila da audiência, Mlle Sarah Bernhardt, e a poetisa e compositora Augusta Holmes, com o seu cabelo loiro de «Valquíria» que constratava com o cabelo negro como azeviche de Emma Calvé, de quem irradiava beleza.83
(Depois de um primeiro convite em 1895, Calvé celebrava todos os solstícios de verão em casa de Camille Flammarion, em companhia de Papus, do Coronel de Rochas e Richet.84 Como veremos, estes cientistas muito considerados possuíam algumas crenças estranhas, que ela
talvez partilhasse, e que iriam tornar-se surpreendentemente influentes nos homens que governavam a Europa.)
O mundo ocultista de Paris centrava-se em duas instituições — que se complementavam mais do que rivalizavam uma com a outra: a que tinha o nome impressionante de Livraria do Maravilhoso (Librairie du Merveilleux), fundada por Papus na Rue

deTrèvise, e a Livraria da Arte Independente (Livrairie de l'Art Indépendent), na Rue de Ia Chaussée-d'Antin. Emma Calvé frequentava ambas. Contrucci descreve a Livraria do Maravilhoso:

A sala das traseiras também servia como sede da Ordem Martinista, recuperada por Papus em 1891 [de facto, já existia há cerca de dez anos], que se destinava a perpetuar o espírito de cavalaria e o da Nova Igreja Gnóstica, da qual Papus era «bispo». À sua volta, encontramos, além dos seus discípulos, Paul Sédir, Paul Adam, Victor-Émile Michelet, outros famosos ocultistas com os quais Emma convivia ou frequentemente se encontrava: Stanislas de Guaita, que fez ressurgir os rosacrucianos sob a designação de Ordem Cabalística da Rosa-Cruz, e que estudou a Bíblia sob uma perspectiva esotérica, Joséphin Péladan (o sâr Péladan), e também os curiosos ou «companheiros de viagem» como Charles Maurras, Villiers de L'Isle-Adam, Maurice Barres... Huysmans, Catulle Mendes, Victorien Sardou.85

Evidentemente, reparamos de imediato em dois destes nomes: Maurice Barres, cuja La Colline inspire parece ter preparado o cenário para o Priorado de Sião, e, mais espantosamente, Charles Maurras, o fundador da extremamente influente e ultracatólica Acção francesa.

A Livraria da Arte Independente foi criada por Édouard Bailly, que se dedicou a encorajar o interesse nas ideias esotéricas, e a promover novos talentos musicais e artísticos. Era dirigida sobretudo aos artistas, como observa Contrucci (a ênfase é original):

Ao fim da tarde, poderíamos ver entre os frequentadores que se acotovelavam ao longo das estantes dos livros, Claude Debussy e Erik Satie, Toulouse-Lautrec e Félicien Rops, Odilon Redon e Edgar Degas, Pierre Louys e Henri de Régnier, Mallarmé, que fazia uma visita informal ao sair do Condorcet onde ensinava Inglês, Paul Lê Cour e Joris-Karl Huysmans, o esoterista católico mas lurífero...85

171

Foi aqui que Emma Calvé conheceu um dos seus mais famosos amantes, o romancista Jules Bois, autor das Bodas de Satã (Lês Noces de Sathan). Como escreve Contrucci: «Se Calvé se entregou a práticas ocultistas e ao esoterismo activo, ela deve-o sobretudo a Bois, mesmo que ele apenas reforçasse o que já estava em gestação.»87

Um nome que não seria de esperar encontrar ali é Claude Debussy (reclamado pelo Priorado de Sião como grão-mestre), compositor de muita música pungentemente inesquecível, como o famoso Clair de Lune. Ele e Bois planearam colaborar numa versão cénica de As Bodas de Satã, mas como isso não aconteceu, Bois colaborou antes com Erik Satie.88 Calvé conheceu Debussy devido aos seus interesses musicais e esotéricos comuns, e também conhecia pessoalmente os pais de Cocteau.89

Sendo agora uma rica estrela internacional, Calvé comprou o seu próprio castelo, o Castelo de Cabrières, do século onze, perto de Millau, não muito distante da sua terra natal. Na sua primeira autobiografia (publicada em 1922), ela escreveu: «Este castelo assistiu aos horrores das guerras religiosas e foi o refúgio de um certo grupo de Cavaleiros Templários.»90 Talvez sem surpresa, o castelo era rico em tradições esotéricas: aparentemente, o lendário Livro de Abraão, o Judeu — que supostamente permitiu a Nicolas Flamel produzir a Pedra Filosofal e realizar a misteriosa «Grande Obra» alquímica — esteve outrora guardado no castelo.91

Em 1896, Mlle Calvé fez o que ela descreveu como uma «peregrinação» a Saintes-Maries-de-la-Mer, um dos mais importantes centros do culto de Maria Madalena na Provença.92 Talvez ela experimentasse um sentimento fraternal por uma mulher cujo nome estava tão intimamente associado a uma moral não-ortodoxa e, mais polemicamente, a um fascínio semelhante ao de uma deusa.

Tudo isto seria particularmente interessante se Calvé tivesse sido uma hóspede de Saunière, hipótese a que a versão da história de Rennes-le-Château criada pelo Priorado atribui grande importância. Mas teria sido ela realmente convidada para jantar em casa de Saunière? Se não, como é que o seu nome veio a ser associado ao dele?
De facto, não há nenhuma prova definitiva, nem mesmo através da leitura das suas cartas ou outros documentos, que mostre que Emma Calvé alguma vez tivesse visitado Rennes-le-Château, ou que Saunière a tivesse conhecido em Pans. Mas antes de a considerarmos como um instrumento conveniente usado pelos futuros mitólogos para associar Saunière com os ocultistas parisienses e, em particular, com Debussy,
172
devemos sublinhar que essa afirmação precedeu os Dossiers Secretos. É com base no testemunho dos aldeões que, antes de o mistério ter recebido qualquer ampla publicidade, afirmavam tê-la visto na aldeia, como até o ultracéptico René Descadeillas reconhece.93 E, no mínimo, isto mostra que o nome de Calvé inspirou o futuro mito, e não o contrário. (E Contrucci, escrevendo em 1989, reconhece que ela poderia ter viajado facilmente até Rennes-le-Château durante a época de verão quando, afastada das suas actividades, se encontrava em Cabrières, a cerca de 160 quilómetros de distância.)"94
Decadência e queda
Todas as coisas boas chegam ao fim — e as melhores acabam geralmente mais cedo que mais tarde — e a vida hedonista de Saunière, na sua aldeia no alto da colina, não foi excepção, quase não ultrapassando o fim das obras no seu domaine. O seu último «ano de esplendor» chegou em 1908, quando foram dados os retoques finais na Torre Magdala, embora ele já estivesse em dificuldades para pagar as obras. O agente catalisador parece ter chegado quando o bispo local mudara seis anos antes. Até então, monsenhor Félix-Arsène Billard parece ter actuado como protector de Saunière, ou, no mínimo, ter fingido ignorar as actividades do seu subordinado. (De facto, há provas de que o próprio Billard estava envolvido nalgumas transacções financeiras suspeitas.) Mas ele morreu em 1902 e foi substituído por Paul-Félix de Beauséjour que depressa começou a interessar-se pela forma como um dos seus padres paroquiais poderia legitimamente pagar uma vida tão descaradamente luxuosa.
No entanto, de Beauséjour era apenas uma parte do problema: qualquer que fosse a sua fonte, o dinheiro de Saunière estava a esgotar-se. É tentador associar este facto ao abrupto declínio e morte de Alfred, depois de os seus hábitos de bebida e de companhia de mulheres terem suscitado mais do que uma leve crítica. Afastado do exercício do sacerdócio e mortalmente doente, Alfred regressou à sua aldeia natal de Montazels em 1904, fazendo-se acompanhar por uma certa Marie-Émile Salière, que cuidava dele. (O regresso à sua diocese, presumivelmente, atraiu sobre ele e, por conseguinte, sobre o seu irmão, a atenção do Bispo.) Alfred morreu a 9 de Setembro de 1905.
Alguma coisa associada à morte de Alfred provocou atritos entre Bérenger e a sua família; pouco depois, ele fez um testamento legando
173
todos os seus bens a Marie Dénamaud, declarando especificamente que o fazia devido «à pouca confiança que tenho nos meus familiares, cuja conduta foi muito repreensível aquando da morte do meu irmão A.S., falecido em Montazels». 95 (Talvez curiosamente, Saunière especificou que, por morte de Marie tudo deveria passar para o Bispo de Carcassonne, mas, num testamento posterior, feito em 1912, depois dos procedimentos do Bispo contra ele — nos quais o Bispo claramente o descreve como «antigo cure de Rennes-le-Château» — esta disposição foi eliminada.)96

Um motivo mais cínico para o interesse do Bispo pode ter estado associado à separação entre a Igreja e o Estado em 1905; se fosse possível demonstrar que o domaine pessoal de Saunière tinha sido adquirido com dinheiro que pertencia legitimamente à Igreja, então a diocese poderia reivindicar o direito a ele.
A querela com de Beauséjour prolongar-se-ia durante vários meses e acabaria no Tribunal de Roma, o supremo tribunal eclesiástico da Igreja Católica. No princípio, Saunière, altivamente, recusou-se a explicar a sua fonte de riqueza, basicamente, dizendo ao bispo que isso não lhe dizia respeito. Depois, recorreu à apresentação de contas flagrantemente falsas, inflacionando as somas que poderia explicar legitimamente [por exemplo, os 1000 francos da Condessa de Chambord milagrosamente transformaram-se em 3000). Em Julho de 1911, apresentou uma lista de despesas que totalizavam 193.000 francos, igualando quase exactamente o seu alegado rendimento. Mesmo assim, nas palavras de Descadeillas, esta era «uma soma enorme para a época»,97 pela análise de facturas e de correspondência, parece que o total real era ainda cerca de três
vezes maior.
Saunière afirmava que o seu dinheiro fora reunido a partir de variadíssimas origens: pequenas economias aqui e ali, a venda de postais ilustrados aos turistas, tudo resultando numa enorme inverosimilhança. Na verdade, com o seu luxuoso estilo de vida tão conhecido é espantoso que ele ousasse afirmar que tinha feito quaisquer economias, grandes ou pequenas. Mas ele também admitiu que recebera muitos donativos de indivíduos e famílias ricas, acrescentando: «O meu irmão, sendo pregador, tinha numerosos conhecimentos; serviu de intermediário para estas generosidades.»98 (Isto explicaria por que a prosperidade de Saunière declinou depois da morte de Alfred.) Mas, insistia ele, esses donativos tinham sido feitos com a promessa de segredo, e ele não trairia essa confiança; excepto em certos casos em que um doador o fizera abertamente, como no caso da Condessa de Chambord, ele recusava-se

a revelar quem tinha feito as doações, ou quanto tinha recebido. (Isto é muito estranho: de modo geral, é improvável que os doadores exigissem que as suas generosidades não fossem reveladas ao bispado.) Confrontado com esta insubordinação, em Janeiro de 1909, de Beauséjour transferiu Saunière para uma nova paróquia, Coustouge, uma pequena aldeia remota a cerca de 50 quilómetros de distância. O presidente do município de Rennes-le-Château escreveu ao Bispo defendendo Saunière, declarando que a sua substituição significaria «uma igreja deserta e cerimónias religiosas substituídas por cerimónias civis».99 (Era extraordinário como a «lealdade» dos aldeões tinha aumentado desde que Saunière enriquecera.)
A questão prolongou-se até Julho, quando o abade Henri Marty chegou para tomar conta da paróquia. Mas a profecia do presidente da câmara cumpriu-se: enquanto a igreja estava vazia, os crentes procuravam o altar improvisado na Vila Betânia onde Saunière continuava a administrar os sacramentos. Ele recusara-se simplesmente a abandonar a aldeia, apresentando finalmente a sua demissão. Oficialmente, ele já não era o padre da paróquia de Rennes-le-Château depois de l de Junho de 1910. Um dos seus amigos mais íntimos escreveu-lhe nessa altura:
Recebeste o dinheiro, não compete a ninguém penetrar no segredo que tu guardas; gastaste o dinheiro como quiseste, isso só a ti diz respeito... Se alguém te deu o dinheiro sob a promessa de natural segredo, és obrigado a guardá-lo, e nada pode libertar-te deste segredo excepto a pessoa que te deu o dinheiro, e mesmo nesse caso, tens de ver se a revelação que eles te autorizam a fazer não comporta um prejuízo moral, e nesse caso, tens que continuar em silêncio...100

Saunière foi intimado a comparecer perante o tribunal em Carcassonne, em Outubro de 1910, acusado de tráfico de missas. Embora fosse declarado não culpado — por falta de provas — a sua atitude insubordinada e a recusa de revelar a origem do seu rendimento mereceu-lhe uma condenação de suspens à divinis — proibindo-o de administrar os sacramentos. O indignado Saunière invocou o seu direito de recurso ao Tribunal de Roma, mas a pena não foi comutada. Em Julho de 1915, foi anunciado no jornal diocesano:

É para a administração diocesana de Carcassonne profundamente doloroso, mas um dever urgente, indicar aos fiéis que o abade Saunière, antigo

115

cura de Rennes-le-Château, actualmente residindo no mesmo lugar, foi, por sentença da Offidalité [o tribunal eclesiástico] datada de 5 de Dezembro de 1911, privado dos seus poderes sacerdotais, e que, a partir de agora, não pode cumprir os honorários pelas missas que lhe forem confiadas.101

Durante todo este tempo, o padre outrora rico estava realmente com falta de dinheiro: os seus documentos revelam que ele estava a tentar vender o domaine para liquidar as suas dívidas, mas não conseguiu encontrar um comprador, e que já tinha excedido o seu depósito bancário. (Mane continuou a pagar o juros depois da morte de Saunière.)

Curiosamente, contudo, o dinheiro parecia começar novamente a fluir pouco tempo antes da sua morte; pelo menos, ele começou a fazer planos para novos empreendimentos que teriam um custo total de 8 milhões de francos.; aumentar a altura da Torre Magdala, construir uma nova torre com 40 metros de altura e uma fonte baptismal exterior, e acrescentar uma capela ao cemitério. Também estava a planear a instalação de água canalizada para a aldeia (presumivelmente para a piscina baptismal) e a construção de uma estrada aceitável para Couiza. Esta estrada era para seu benefício pessoal, porque ele tencionava permitir-se um luxo inaudito para aquela parte de França em 1917, um automóvel.102 Evidentemente, ele poderia estar a entregar-se a fantasias, ou a planear o que faria com o dinheiro que esperava receber. Ele pode, de facto, nunca ter possuído os fundos necessários.

Inevitavelmente, a tensão — para não falar do período em que gozara de uma mesa excepcionalmente boa — prejudicara a sua saúde. Saunière estava muito doente nos últimos anos da sua vida, por vezes confinado ao leito durante semanas seguidas. Sem dúvida desesperado quanto à sua saúde, fez uma viagem a Lourdes em 1916.

Há alguma mentira a respeito da sua morte. Ele morreu a 22 de Janeiro de 1917, aos sessenta e quatro anos, em seguida ao que parece ter sido um ataque — alguns pensam que foi um ataque de coração — depois de sofrer um colapso no terraço do seu domaine alguns dias antes. Quantos dias antes, não é claro, embora em determinada altura a data de 17 de Janeiro — com o seu significado algo intrigante na mitologia do Priorado — tivesse sido fixada, mas, de facto, não há nenhuma prova específica disso.

Saunière foi enterrado no cemitério, no dia 24 de Janeiro de 1917, mas só depois de ter ocorrido um curioso ritual: «Sentado numa poltrona na sala de estar [da vila Betânia], [o seu corpo] permaneceu ali

176

durante todo o dia, coberto com uma manta com borlas vermelhas. Em sinal de reverência, os que vinham arrancavam uma borla e levavam-na consigo».103 Foi isto que aconteceu, pelo menos segundo Nõel Corbu, que produziu o primeiro relato do caso no final dos anos 50. Devido ao interesse comercial de Corbu na elaboração do mistério, o seu relato é geralmente tratado com cautela — sem dúvida, ele tornou mais interessantes algumas partes da história — mas, no mínimo, ela mostra que o ritual das borlas não foi uma invenção posterior dos mitólogos do Priorado de Sião. (Enquanto o

facto de os aldeões terem vindo prestar os seus respeitos é perfeitamente compreensível, o caso das borlas vermelhas continua a ser um mistério. Ele teria possuído um significado especial ou seria um gesto espontâneo de respeito e afecto?) Quando Saunière morreu, os aldeões lembram-se de ouvir Marie Dénarnaud repetir muitas vezes: «Meu Deus! Meu Deus!. O senhor cura morreu... agora acabou tudo».104 O que era o «tudo» — a sua relação algo equívoca com o padre, ou alguma coisa em muito maior escala, algum plano a longo prazo ou uma conspiração? Certamente, ela foi vista a queimar papéis no parque depois da morte de Saunière.105 (Há também quem afirme que ela queimou grandes quantidades de notas de banco depois da Segunda Guerra Mundial quando a moeda mudou, mas isso pode ser uma memória confusa do acontecimento anterior; se Marie possuía grandes quantidades de notas de banco, ela recusara tocar-lhes durante os trinta anos anteriores.)

Depois da morte

Marie continuou dedicada a Saunière, visitando a sua sepultura todos os dias e todas as noites, durante o resto da sua longa vida. Ao longo dos anos, ela recusou firmemente responder a perguntas sobre ele.

De facto, Marie tentava encontrar um comprador para a propriedade desde, no mínimo, 1925, por intermédio do abade Eugène Grassaud.106 Mas no ambiente incerto dos anos que mediaram entre as duas guerras, ninguém estava interessado numa propriedade bizarra numa localização tão remota.

Uma amiga de Marie, Mme Vidal — a quem a antiga governanta emprestou a Vila para a sua noite de núpcias — recorda uma conversa enigmática. Marie fizera a afirmação aparentemente melodramática: «com o que o senhor cura deixou, poderíamos alimentar toda a Rennes

durante cem anos e ainda sobraria!» Ao que Mme Vidal respondeu sensatamente:«Mas se ele lhe deixou tanto dinheiro porque vive como uma pessoa pobre?» Marie: «Quanto a isso, não posso tocar-lhe!» A grande confidente de Saunière recusou-se a entrar em pormenores.107

No final de 1944 e princípio de 1945, membros da Resistência espanhola refugiaram-se no domaine, presumivelmente com o conhecimento e permissão de Marie. Esta presença parece estar directamente ligado à macabra descoberta, em Março de 1956, de três corpos enterrados no parque, que datavam aproximadamente dessa época, quando Corbu e os seus companheiros foram levados àquele local por um radiestesista mandado chamar para tentar localizar o «tesouro» de Saunière».108 (As opiniões dividem-se entre saber se os homens mortos eram membros da Resistência assassinados por uma milícia colaboracionista ou vice-versa.)

Nõel Corbu e a sua família mudaram-se para a área — para Bugarach — em 1942, e ele não demorou a tornar-se amigo de Marie. A

22 de Julho de 1946, ela doou-lhe o domaine em troca de lhe ser permitido viver lá o resto da sua vida. De facto, foi como se um sonho se tivesse realizado: ela procurava há muito anos uma solução desse género para a sua velhice.

Talvez que a aquisição da propriedade por parte de Corbu fosse o resultado de um acordo com a Igreja, que ainda continuava interessada em se apoderar do domaine. Foi sugerido que Corbu foi feito prisioneiro depois da Libertação, acusado de ter participado em actividades relacionadas com o mercado negro, e a Igreja — por intermédio do resistente abade Gau — ofereceu-lhe a libertação em troca da promessa de ele convencer Marie a vender-lhe a propriedade, a qual, depois, ele entregaria ou venderia à diocese. Mas Corbu, aparentemente, não cumpriu este acordo, conservando o domaine para si próprio. Embora não haja nenhuma prova disso, o primeiro autor a

referi-lo, Jean Chaumeil em O Tesouro do Triângulo Doirado (Lê trésor du triangle d'or, 1979) cita o testemunho de um padre local, o abade Maurice-René Mazières, antigo presidente da Sociedade de Artes e Ciências, de Carcassonne.109 Se for verdade, então é evidente que a Igreja considerava o domaine de Saunière como importante. E, evidentemente, é interessante pelas implicações relativamente a Corbu — segundo muitos cépticos, o verdadeiro inventor do mistério de Rennes-le-Château.
A filha de Corbu, Claire (que casou com o neto do sineiro de Saunière, também chamado Antoine Captier) recorda-se de ouvir Marie dizer ao seu pai, quando ele estava com problemas nos negócios (os

seus interesses na Argélia estavam na falência): «Não se preocupe tanto, meu caro Nõel... um dia, contar-lhe-ei um segredo que fará de si um homem rico... muito rico!»110 Claire Captier data esta conversa de
1949, aproximadamente. Infelizmente, Marie tornou-se senil nos seus últimos anos de vida, antes de morrer de um ataque em Janeiro de
1953.
Então, Nõel Corbu transformou a moradia no Hôtel-Restaurant La Tour, que foi inaugurado no Domingo de Páscoa de 1955; ali, ele começou a entreter os seus hóspedes com os seus primeiros relatos do caso Saunière. Depois escreveu-os antes de, finalmente, os gravar para os fazer ouvir aos seus visitantes. Claramente, Corbu tirava partido do mistério para atrair clientes a este hotel-restaurante situado numa área tão remota — quem pode censurá-lo? — e foi o primeiro grande inspirador da explosão de publicidade em 1956. Mas seria ele, como muitos alegam, o verdadeiro criador do mistério? Ou apenas desenvolveu alguma coisa genuína existente nos anais da aldeia?
A história de Saunière foi tema de uma série de artigos no jornal regional, La Dépêche du Midi, em que o padre era chamado «o cura bilionário» {lê cure aux milliards») e a sua fortuna calculada nuns improváveis 500 milhões de francos. (Os artigos foram ilustrados com uma fotografia de Alfred Saunière, tirada em Paris.)
A partir daqui, o mistério foi-se tornando cada vez mais conhecido, inicialmente no seio da fraternidade dos caçadores de tesouros (sempre bem representada em França), mas atingindo publicidade nacional graças a um programa televisivo em 1961 e à sua inclusão em Treasures ofthe World, do popular autor de obras de mistério, Robert Charroux, um ano depois. A publicidade fez acorrer à aldeia os caçadores de tesouros com uma multidão de médiuns e radiestesistas, para fazer escavações por toda a parte, com ou sem permissão. Por fim, as autoridades comunais proibiram as escavações em 1965.
Discrepâncias, dúvidas, enigmas
Era nesta situação que se encontrava a história de Rennes-le-Château antes de ter sido explorada pelos autores dos Dossiers Secretos. Os que já estão familiarizados com o mistério podem ter detectado algumas omissões aparentes: por exemplo, onde estão os pergaminhos codificados, transmitindo mensagens misteriosas? Onde está a associação com os Pastores da Arcádia, de Poussin, e com um enigmático monu-

mento que existia junto da estrada para Arques? Tão grande é o sucesso da versão dos Dossiers Secretos que é fácil supor que estes aspectos sempre fizeram parte integrante da história. No entanto, tivemos o cuidado de referir apenas aqueles elementos que estavam incluídos antes de Plantard se ter envolvido nela, para verificar como ele mudou a história para se ajustar à agenda do Priorado de Sião.

O mistério de Saunière reduz-se a duas perguntas: De onde veio o dinheiro? E o que, supondo que era esse o caso, estava ele a tentar transmitir por meio da estranha decoração da sua igreja?
Primeiro, quanto dinheiro é que o padre ganhou — ou melhor, gastou? Embora ele tivesse podido pagar obras substanciais na igreja nos dez anos anteriores, os seus gastos inexplicavelmente pródigos só começaram depois de meados dos anos 90 do século dezanove. Foi então que ele encheu a igreja com decoração desnecessária, antes de comprar a terra para o seu domaine, desbravando-a e construindo os seus edifícios e jardins. Os trabalhos de construção ficaram acabados em 1908, embora nos dois últimos anos ele já tivesse dificuldade em pagá-los.
Embora Saunière afirmasse ao seu bispo que o domaine lhe custara
193.000 francos, os documentos existentes — facturas, encomendas e outra correspondência — mostram que ele gastou, no mínimo, 660.000 francos, e como os seus papéis pessoais estão incompletos, o verdadeiro número é indubitavelmente maior.111
É difícil ser exacto quanto ao equivalente moderno, mas tomando em consideração a inflação, a alteração nos valores relativos dos bens ao longo do tempo e as variações das taxas de câmbio — para não falar nas revalorizações da própria moeda francesa — a melhor estimativa situa-se na ordem dos 1,5 — 2 milhões de libras.112
Se considerarmos o número mais elevado — para compensar a documentação inexistente e os gastos em bens perecíveis como comida e bebidas — Saunière gastou cerca de 2 milhões de libras durante um período de dez anos. Isso pode não fazer dele o «padre dos milhões», mas 150.000-200.000 libras por ano ainda ultrapassa o que se esperaria ser a riqueza de um padre típico do Languedoque. Pelo menos, essa parte do mistério não foi produzida por magia.
A hipótese imediata — e talvez ainda a mais popular — é a de que Saunière tinha encontrado um tesouro. (Contudo, a teoria de Nõel Corbu, segundo a qual se tratava do tesouro de Branca de Castela, é certamente errada)113 Embora alguns dos elementos mais estranhos da história possam ser o resultado da projecção de algum significado místico num tesouro físico, no género de Indiana Jones, ao longo da história,
180
a área em redor de Rennes-le-Château parece ter agido como um íman para os tesouros sagrados.
No século terceiro a.C, o tesouro do venerável oráculo de Delfos foi saqueado pelos Gauleses do sul da França, alguns dos quais se fixaram na Ásia Menor, tornando-se nos Gaiatas bíblicos, enquanto outros regressaram às suas terras levando o seu saque consigo.114. Depois, há o tesouro do Templo de Jerusalém — incluindo o sagrado Menorah (o candelabro de sete braços) levado pelos Romanos durante a Revolta Judaica e, depois, por sua vez, pilhado de Roma em 410 pelos Visigodos instalados no Languedoque. E, evidentemente, a sua cidade perdida, ou antes com localização incerta, de Rhedae situava-se algures perto de Rennes-le-Château. Depois, o tesouro do Templo desaparece da história.
Hoje, certamente, os artefactos de Jerusalém possuiriam um significado não meramente material ou religioso, mas também político para o estado de Israel. Na verdade, foi noticiado na imprensa em Dezembro de 1972 que agentes israelitas tinham visitado a área para investigar — e Pierre Plantard, mais tarde, afirmou explicitamente que o Priorado de Sião é o guardião do tesouro do Templo. Esta solução para o mistério de Saunière ainda tem os seus defensores, como Guy Patton e Robin Mackness, em Rede de Deus [Web of Goa). (De todos os possíveis tesouros históricos, o tesouro de

Jerusalém é o que tem maiores probabilidades de estar escondido algures na localidade de Rennes-le-
-Château.)
Depois, há o suposto e lendário tesouro dos Cátaros, a seita cristã herética que floresceu na área durante duzentos anos antes da sua brutal eliminação pela cruzada albigense no princípio do século treze. A última importante fortaleza catara a cair foi a fortaleza de Montségur, no alto do monte, no Ariège, a cerca de 80 quilómetros a oeste de Rennes-le-Château. Em 1244, depois de um prolongado cerco, os heréticos negociaram um acordo pelo qual, se lhes fosse dado tempo — provavelmente para celebrar um dos seus dias santos — eles render-se-iam à Inquisição, entregando-se voluntária (mesmo alegremente) à pira flamejante. O cerco terminou na noite de 15-16 de Março de 1244, com um culminar macabro, como era esperado.
Contudo, o episódio ainda está rodeado de boatos e mitos. De facto, não eram só Cátaros que, por fim, se encontravam no castelo — uma dimensão política da «Cruzada» implicava que os senhores locais e os seus soldados também se encontrassem no interior da fortaleza, resistindo aos Cruzados. Além disso, nem todos os heréticos preferiram a morte

a renegar a sua fé; depois de se retractarem, alguns estiveram aprisionados em Carcassonne. Aos soldados e sobreviventes capturados, os Inquisidores extorquiram habilmente a informação de que dois a quatro heréticos tinham sido escolhidos para escapar ao massacre, sendo descidos por cordas ao longo dos rochedos ou escondidos debaixo do chão do castelo para escaparem mais tarde. Todas estas testemunhas concordaram em que a finalidade da fuga era salvar o tesouro cátaro, porque eles possuíam o segredo da sua localização.115 Talvez seja significativo que a rendição de Montségur tivesse sido negociada por Raymond d'Aniort — então Senhor de Rennes-le-Château.116
Os Templários fazem uma aparição quase obrigatória no mistério, sendo os lendários guardiões do tesouro; uma reputação que podem ter merecido devido a alguma coisa que tivessem obtido na Terra Santa (alguns dizem que era a Arca da Aliança),117 ou, no mínimo, a fabulosa riqueza que tinham acumulado durante os dois séculos da sua existência. Alguns argumentam que o tesouro do Templo de Paris, em vez de ter desaparecido misteriosamente de França por mar aquando da supressão da Ordem em 1307, foi levado para sul, para as importantes propriedades templárias no Languedoque.
Como o Rossilhão fazia então parte da Espanha, a possessão templária em Lê Bézu, a cerca de
45 quilómetros de Rennes-le-Château, mas sob a autoridade dos Templários do Rossilhão, estava fora do alcance do hostil Rei de França, Filipe, o Belo. (As provas sugerem que, depois da queda da Terra Santa, os Templários tentaram criar o seu próprio «reino» no Languedoque, que continuava a ser a sua região natal.)
Há documentos que revelam que, em 1147, Pierre de St. Jean, senhor de «Rhedae» ou «Rhedez», ingressou na Ordem do Templo e que, cerca de 1160, se tinha tornado numa figura muito importante da Ordem regional.118 Se, argumentam alguns, Rhedae era realmente Rennes-le-Château, isso associaria definitivamente os Templários com a aldeia. Se...
Não considerando os artefactos sagrados, há muitos candidatos a tesouros de um género mais vulgar. Como os Romanos extraíam oiro e outros materiais preciosos das colinas em volta de Blanchfort, um veio não descoberto poderia ainda existir.
Em 1340, em Lê Bézu, os homens do Rei prenderam dois cavaleiros, Guilhem Catalã e Pierre de Palajan, que cunhavam ilegalmente moedas de oiro. Embora as moedas

fossem uma contrafacção, no sentido de que eles não estavam autorizados pelo Rei, o teor de oiro dessas moedas era superior ao das moedas oficiais. Mas de onde vinha o oiro?119

182

Muitos objectos valiosos foram encontrados nesta área ao longo dos séculos: no século dezoito, um lingote de oiro de 20 quilos, formado parcialmente de moedas de oiro árabes fundidas, foi descoberto num planalto entre Rennes-le-Château e Blanchefort. Em 1860, um lingote de oiro com 50 quilos foi descoberto nesta área. Um pouco mais tarde, no tempo de Saunière, uma estátua de oiro foi encontrada perto do Ruisseau de Couleurs, um regato que corre junto ao sopé da colina sobre a qual se ergue Renne-le-Château. A análise de uma pulseira de oiro, encontrada perto da aldeia nos anos 70, provou ser de origem africana oriental, tendo entrado na região, presumivelmente, com os Mouros.120 E como vimos, o próprio Saunière encontrou um pote de moedas de oiro por baixo da Pedra dos Cavaleiros.

A área em volta de Rennes-le-Château é também rica em contos populares de tesouros (como são muitos lugares antigos), muito intrigantemente associados a Blanchefort. Segundo uma lenda local, uma jovem pastora encontrou, por acaso, o Diabo que estava a contar o seu dinheiro — especificamente, por alguma razão, eram dezanove milhões e meio de moedas de oiro. Talvez que isso tenha por base alguma memória confusa das minas de oiro romanas. Outro conto popular descreve que o pastor Inácio foi torturado até à morte pelo Senhor de Rennes para o fazer revelar o lugar onde tinha encontrado um esconderijo de moedas de oiro. Esta história está ilustrada no confessionário que Saunière mandou instalar na igreja.

Qualquer destes contos poderia ser a solução para o mistério da riqueza de Saunière, mas, em última análise, todos eles assentam em especulação — e, certamente, que nenhum explica a irregularidade da sua liquidez financeira.

Muitos investigadores preferem uma explicação menos excitante, sendo a sua preferida a de que Saunière abusava do seu cargo ao «traficar missas» — aceitando pagamentos de pessoas de fora da sua paróquia para celebrar missas por intenção de familiares falecidos, uma prática permitida pela Igreja, mas apenas em condições estritas (os padres tinham que entregar o dinheiro à diocese para ser repartido entre todos os padres). Esta foi a explicação favorecida por René Descadeillas (embora, originalmente, ele considerasse que ela explicava apenas parte do mistério); esta explicação voltou a emergir recentemente em O Tesouro de Rennes-le-Château: um Mistério Resohrido (The Treasure ojRennes-le-Château: A Mystery Solved, 2004), de Bill Putman e John Edwin Wood.

Não há dúvida de que Saynière estava a receber consideráveis somas de dinheiro para celebrar missas, de facto, para muitas mais missas do

183

que ele talvez pudesse celebrar. Recebia um grande número de pequenos pagamentos, geralmente no valor de um a dez francos — que, frequentemente, atingiam o total de 150 francos por dia — através da estação de correios de Couiza. Os pedidos vinham de França, Bélgica, Itália, Suíça e Alemanha.121

No entanto, mesmo esta simples, embora suspeita, solução não explica a riqueza do padre: Saunière gastava consideravelmente mais do que recebia desta fonte. Seja como for, o que havia nele de tão especial para que pessoas de sítios muito distantes quisessem que ele celebrasse missas pelos seus entes queridos falecidos? Jean Markale pensa que os pedidos para as celebrações de missas eram apenas um subproduto do «grande plano» de Saunière — qualquer que ele fosse.122 A estas pequenas somas juntavam-se doações maiores feitas por pessoas ricas, sendo a primeira, como vimos, a

da Condessa de Chambord, com Alfred a servir de intermediário — embora Saunière recusasse categoricamente fornecer quaisquer detalhes.
Embora as grandes doações e os honorários mais pequenos recebidos pelas missas talvez explicassem a fortuna de Saunière, além das irregularidades na sua liquidez financeira, particularmente depois da morte de Alfred, ainda há um mistério: o que havia nele de tão especial que fazia as pessoas enviarem-lhe grandes quantidades de dinheiro pelo correio diário?
Foi sugerido que Saunière estava a acumular uma fortuna recebendo dinheiro para celebrar «Missas de Vã Observância», essencialmente, uma forma de lançar feitiços mágicos, talvez para fins eróticos,123 que explicariam a razão por que os seus «clientes» o procuravam como estando a oferecer um serviço especial. Mas talvez fosse alguma coisa mais desinteressante, talvez mesmo criminosa: por exemplo, poderia Saunière, na sua aldeia tão convenientemente próxima da fronteira espanhola, ter-se dedicado a uma actividade de lavagem de dinheiro? No seu livro sobre o assassínio de Gélis, Jacques Rivière refere que o Languesço teria sido um lugar lógico para os monárquicos — então numa situação muito precária — terem acumulado fundos para uma luta de resistência e que os padres [também inseguros perante a nova vaga de anticlericalismo) seriam as pessoas indicadas para salvaguardar esses fundos.124 Embora esta sugestão seja plausível, como muitos aspectos deste caso, na ausência de uma prova sólida, tem que permanecer como uma especulação.
Em O Segredo dos Templários, sugerimos que Saunière estava a ser pago por estranhos para procurar encontrar alguma coisa que se sabia,
ou se suspeitava, estar escondida ou desaparecida na aldeia, ou na área circundante. Na nossa opinião, esta possibilidade é a que melhor se ajusta aos factos, embora, mais uma vez, não haja uma prova específica. Quanto ao que o padre poderia ter andado a procurar, o problema é que há demasiados candidatos; Markale, por exemplo, sugere que Saunière estava a ser pago para tentar encontrar os arquivos da família Hautpoul, por conta dos Habsburgos.125
No que diz respeito ao mistério de Rennes-le-Château, conjecturar é demasiado fácil — as história cheias de vicissitudes da área e da aldeia constituem um terreno fértil para especulação. Mas não devemos esquecer que, frequentemente, os cépticos especulam tanto e, por vezes, tão loucamente, como os «crentes», na atmosfera estonteante gerada tanto pelo mistério genuíno como pelas habilidades dos propagandistas do Priorado.
Permanece o facto de que há aspectos da vida e actividades de Saunière que não devem ser rejeitados levianamente — perguntas sem respostas que os cépticos tendem a ignorar completamente. Alguma coisa se passava, na qual a história de Rennes se enquadrava perfeitamente.
O Arquiduque misterioso
Um facto inegável transporta imediata e dramaticamente a história de Saunière para além do caso desinteressante de um ambicioso padre de aldeia: como até Descadeillas reconhece, Saunière recebia regularmente um visitante que não era outro senão um Arquiduque de Habsburgo.126 Mas porque deveria um membro de uma das famílias imperiais mais antigas e mais respeitadas da Europa fazer o esforço de percorrer todo o caminho, por estradas terríveis, até ao remoto Languesço para visitar um obscuro padre de aldeia?
Os habitantes locais falavam frequentemente das visitas de «Yétranger» (o estrangeiro) ou «o Austríaco». Quando a notícia da visita chegou à subprefeitura — as autoridades eram muito cautelosas, porque as relações com a Alemanha estavam pouco firmes e o medo dos espiões era normal — as autoridades entrevistaram o visitante, e o seu relatório foi enviado para o Deuxième Bureau (o equivalente ao MI5 inglês) em Paris.

Descobriu-se que o visitante não era outro senão o Arquiduque Johann Salvator von Habsburgo (1852- c. 1890), o mais novo dos dez filhos do Arquiduque Leopoldo II, grão-duque da Toscânia, e primo do poderoso Imperador austro-húngaro, Francisco José.

Johann Salvator afirmou que, quando viajava para Espanha em
1888, tomara a bifurcação errada na estrada de Couiza, acabando por chegar à aldeia de Saunière. Isto é improvável, para dizer o mínimo: mesmo hoje, seria difícil enganarmo-nos na bifurcação, e no tempo de Saunière, a estrada para Rennes-le-Château era apenas um caminho anónimo e pouco convidativo. Mas qualquer que fosse a razão para a sua primeira visita, é claro que ele gostou do lugar, voltando em 1889 e
1890. Curiosamente, a explicação do Arquiduque para a sua viagem era que «já não acreditando na segurança da sua família, viera procurar um refúgio em Rennes, e fazer os preparativos para a vinda da sua família para ali».127
Foi sugerido que havia alguma conexão entre as visitas do Arquiduque e a doação feita pela Condessa de Chambord — ela própria, uma Habsburgo. Descadeillas especula, não sem razão, que, como a Condessa poderia ter feito outros pagamentos regulares a Saunière, o Arquiduque poderia ter feito uma visita para confirmar se Saunière estava a usar bem os fundos. Descadeillas também sugere que os austro-húngaros poderiam ter encarregado o padre da tarefa de lhes preparar um refúgio perto da fronteira franco-espanhola.128 Embora a hipótese se ajuste aos factos, como habitualmente, a prova directa é conspícua pela ausência — e (novamente, como de costume) há mais perguntas do que respostas. Como vimos, Markale, em alternativa, sugere que a visita do Arquiduque estava relacionada com a busca, por parte de Saunière, dos arquivos da família Hautpoul. Mas em ambos os cenários, Johann Salvator é um agente dos Habsburgos.
Contudo, a vinda extraordinária do Arquiduque significa que a sua associação com Saunière pode apontar numa de duas direcções completamente opostas. Sendo um verdadeiro rebelde da família, ele renunciou aos seus títulos e privilégios, cometeu o pecado imperdoável de casar com uma plebeia — a bailarina Ludmilla «Milli» Stubel — em
1890, mudou o seu nome para Orth (o nome do seu castelo na Áustria) e tentou viver uma vida incógnita, embora não normal, como um qualificado capitão de marinha em alto mar. Furioso, o extremamente autoritário Imperador Francisco José não só o renegou como, em Outubro de 1889, o proibiu de voltar à Áustria.
A vida de «Orth» terminou de uma forma romanesca quando o barco em que ele e Milli navegavam para a América do Sul desapareceu ao largo do Cabo Horn, em Julho de 1890. Mas, inevitavelmente, há teorias de que ele simulou a sua morte e viveu o resto da sua vida na obscuridade, na Noruega. Por conseguinte, as suas três visitas conhecidas a Rennes-le-

-Château nos anos 1888-90 poderiam ter sido na qualidade de emissário da família — ou, em alternativa, parte dos preparativos para o seu próprio desaparecimento. (De facto, ele já usava o seu outro nome antes da última destas visitas.) Por outras palavras, ele poderia ter agido igualmente tanto a favor como contra os Habsburgos.
Qualquer que seja o cenário correcto, dois acontecimentos tão improváveis — um fluxo de riqueza com origem em fonte misteriosa e as vistas de um invulgar arquiduque, ele próprio não estranho à intriga — tornam pouco convincentes as alegações dos cépticos, segundo os quais Saunière estava implicado apenas em duvidosas transacções

financeiras. Mas embora seja difícil acreditar que não havia nenhuma relação entre «Johann Orth» e as posteriores actividades de Saunière, as vistas do Arquiduque aconteceram antes de o padre ter entrado na posse de consideráveis somas de dinheiro, e antes da sua «descoberta de um túmulo», e do resto da complexa e fabulosa história.
Os Habsburgos actuais mostraram interesse no caso: em 1975, o Arquiduque Rudolfo da Áustria visitou Rennes-le-Château e Carcassonne, onde discutiu a história com monsenhor Georges Boyer, o vigário-geral aposentado, e o abade Mazières, um historiador local. Embora quando questionado sobre esta visita por Jean Robin, Rudolfo fosse evasivo — afirmando mesmo que estivera a discutir com outro Arquiduque completamente distinto — monsenhor Boyer confirmou que Johann Salvator tinha realmente visitado Rennes-le-Château, e declarou, surpreendentemente, que ele desejara fundar um lar para «artistas idosos» ali.129 (Curiosamente, isto é uma repetição da alegada ambição de Saunière de fundar uma instituição semelhante para padres aposentados. Os dois homens devem ter considerado que o ar em Rennes era particularmente saudável.) Numa carta para Robin, em Fevereiro de
1976, o actual chefe da família, Otto von Habsburgo, alegou que não sabia nada sobre Saunière ou Rennes-le-Château, apenas que visitara Carcassonne várias vezes, e que frequentemente passava pela região a caminho de Espanha.130
Alguma coisa se passava — contudo, a conexão entre Saunière e o rebelde Arquiduque, que se tornou em Johann Orth e, alegadamente, desapareceu no mar, embora seja um facto estabelecido, é talvez mais estranha do que qualquer coisa que até Pierre de Plantard não seria capaz de imaginar. (E, curiosamente, ele não fez nenhuma tentativa para explorar esta conexão particularmente original.)
Há outros sinais de que Saunière andava ocupado com alguma coisa, incluindo duas referências enigmáticas em cartas que ele e Marie re-

ceberam. A primeira encontra-se numa carta dirigida a Saunière por um colega idoso, o abade Gazel, padre de Floure (perto de Carcassonne), escrita em 27 de Março de 1914. Ostensivamente, Gazel — que claramente não se encontrara com Saunière há muitos anos — faz os seus melhores votos para o dia da festividade do santo de Saunière, mas depois dos usuais lugares-comuns e perguntas sobre a saúde do padre mais novo, Gazel pergunta abruptamente:
Tem recebido notícias de St. John? Quanto a mim, não sei nada há muito tempo. Depois da morte do abade Bastide, quis trazê-lo de volta a Bonbania, mas ele recusou, dizendo-me que estava contente com St. John, uma das consolações que aquela paróquia lhe oferece.
Pouco tempo depois da morte de Saunière, um amigo escreveu uma carta igualmente enigmática a Marie:
Nesta altura, minha cara amiga, como não deseja receber em sua casa, para fazer o trabalho que sabe, Mr [sic] de St. Jean, talvez queira que vá eu[em vez dele].132
O renascimento gnóstico
Saunière também está relacionado com outra tendência da época, o renascimento das ideias gnósticas, particularmente na sua manifestação catara. Em parte, isto aconteceu devido à «redescoberta» do pensamento gnóstico através de novo estudo e conhecimento, e também porque o incipiente movimento nacionalista no Languesço tentava manter a sua herança e as suas tradições historicamente distintas, das quais os Cátaros eram uma parte central.
Houve outras tentativas mais ou menos autênticas para fazer ressurgir a «Igreja Catara», mas uma das mais importantes — e mais sérias — foi a de Déodat Roché, da região de Arques. Como, segundo disse Captier em 2001, um dos irmãos de Roché era o médico

de Saunière enquanto o outro era o seu notário, é muito improvável que Saunière não tivesse conhecimento da conexão entre a família Roché e o neo-
1 OQ
catansmo.
A área estava cheia de orgulho nas suas antigas crenças e glórias do passado: outra celebridade local incumbida de uma missão era Prosper Estieu (1860-1939), um nacionalista occitânico, cuja obra política e
188
artística evocava os Trovadores, e o espírito imortal de Montségur cátaro. Na última década do século dezanove, ele fundou escolas para ensinar a língua e a cultura occitânicas em Carcassonne e Montségur. E desde 1896 até 1909 — enquanto era o mestre-escola da aldeia — publicou um periódico com o título intransigente de Mont-Ségur, a partir de Rennes-le-Château (Rennes-lo-Castel em Occitânico).
Obviamente, no mundo incipiente de ressurgimentos místicos e tradicionais, a área de Rennes-le-Château era uma força a ter em consideração, e quer Saunière estivesse ou não activamente implicado nestas campanha, certamente que ele teria conhecimento delas. Contudo, há outras conexões particularmente intrigantes, especificamente entre as famílias nobres da região e certas sociedades secretas.
A conexão maçónica
As duas famílias mais importantes da área eram as da última Senhora de Rennes, Marie de Nègre d'Ablès, Dame d'Hautpoul e de Blanchefort, e os Fleurys, de Rennes-les-Bains. As duas dinastias tinham contraído matrimónios entre elas várias vezes, sendo a mais interessante dessas uniões, na nossa perspectiva, a da filha de Marie, Gabrielle, com Paul-François-Vincent, conde de Fleury. O filho de ambos era Paul-Urbain de Fleury, o das misteriosas lápides tumulares de Rennes-les-Bains.
Devemos sublinhar que estas não eram famílias da pequena nobreza provinciana de uma região remota de França, mas eram extremamente influentes — e não apenas na sua área. Um factor da sua importância era o facto de que, quando Rennes-le-Château era um feudo dos Hautpouls, a sede do bispado era em Alet (agora Alet-les-Bains), uma pequena cidade a menos de 8 quilómetros da estrada principal.135. Assim, o abade Bigou e os Hautpouls estavam virtualmente muito próximos do Bispo, uma consideração nada insignificante dado o seu extraordinário efeito no Catolicismo do século dezanove em França.
Uma medida do estatuto — e conexões — da família Fleury no tempo de Saunière é o facto de que Hubert Rohault de Fleury era a figura-chave do renascimento do culto católico do Sagrado Coração (Sacré-Coeur). Inspirado pelas visões de uma freira de século dezassete, de Paray-le-Monial, Marguerite-Marie Alacoque (mais tarde canonizada), Rohault de Fleury reviveu-as nos anos 70 do século dezanove como ponto central do monarquismo católico, particularmente da causa «le-
189
gitimista» — por outras palavras, era um culto religioso com uma definida dimensão política. Quando o plano de Rohault de Fleury se concretizou e a «emblemática» basílica de Montmarte, Paris, foi construída, o maior contribuinte financeiro foi o conde de Chambord. (Partilhando claramente o entusiasmo pela mensagem do culto, Saunière colocou uma estátua de Jesus exibindo o Sagrado Coração na parede fronteira da sua Vila Betânia.)
Deste modo, a área de Rennes-le-Château/Rennes-les-Bains estava associada, através das suas famílias nobres, ao maiores acontecimentos político-religiosos em França e à causa de Chambord — e, por conseguinte, dos Habsburgos. Esta associação começa a dar outro aspecto muito diferente à história do humilde padre paroquial que,

supostamente, descobriu alguma coisa por acaso, numa aldeia obscura, especialmente quando as suas relações com um arquiduque Habsburgo são também tomadas em consideração. No entanto, há outros mistérios associados a estas famílias — indicações de que elas estariam envolvidas nalgumas actividades altamente secretas — que são tão intrigantes como as suas ligações mais óbvias quer com o caso Saunière, quer com os futuros enigmas do Priorado de Sião.
Por exemplo, consideremos o testamento de François-Pierre, barão de Hautpoul, de Rennes, que foi registado a 23 de Novembro de 1644 por Michel Captier, o notário de Espéraza, a pouco menos de 3 quilómetros de Rennes-le-Château. Embora a existência deste testamento esteja bem documentada, há alguma coisa estranha acerca dele. Foi descoberto nos anos 80 do século dezoito por um dos sucessores de Captier como notário de Espéraza, Jean-Baptiste Siau, mas quando a família Hautpoul pediu que o testamento lhe fosse entregue, ele recusou-se a entregá-lo, com o pretexto de que «não seria prudente da minha parte entregar um testamento de [tão] grande importância».136
Infelizmente, o que havia de tanta importância neste testamento, — e o que foi feito dele — não se sabe. A última vez que se ouviu falar dele foi em Abril de 1781 (sendo a Revolução a explicação mais óbvia para o seu desaparecimento).
Depois da morte de Marie de Nègre surgiu uma disputa entre as suas três filhas por causa da herança dos títulos da família e das terras que os acompanhavam. A mais velha, Elisabeth — que nunca casou e viveu o resto da sua vida em Rennes-le-Château — recusou-se a permitir o acesso das irmãs aos documentos da família relativos aos títulos sob o pretexto de que fazê-lo seria «perigoso» e que seria melhor primeiro «decifrar [os documentos] e distinguir o que era um título de

família e o que não era.»137 Isto implica não só que os arquivos Hautpoul continham documentos que eram, de alguma forma, difíceis de interpretar — presumivelmente, numa língua antiga e/ou estrangeira, ou talvez codificados — mas também, como refere Jean Markale, que eles até nem seriam necessariamente propriedade da família, em primeiro lugar.138
Infelizmente, ninguém conhece a verdadeira natureza dos arquivos Hautpoul, mas parece ser demasiada coincidência que a família nobre da aldeia, que viria a ser o foco do mistério de Saunière, tivesse possuído segredos tão misteriosos. Esta ideia levou Markale a concluir que o padre estava a ser pago para tentar localizar os arquivos Hautpoul, os quais — como muitos outros documentos dos aristocratas — teriam sido escondidos na altura da Revolução e do Terror subsequente.
Contudo, outra pista pode encontrar-se no envolvimento destas famílias em certa formas muito importantes da Maçonaria. Nos anos 30 do século dezanove, três homens da família Hautpoul — Eugène, Charles e Théobald — eram membros da muito controversa loja maçónica La Sagesse, deToulouse, a única das oito lojas da cidade a estar filiada no Grande Oriente e que apoiava a pretensão do conde de Chambord ao trono de França.139 (Como já referimos, Armand d'Hautpoul-Félines era o tutor de Chambord.)
A loja La Sagesse era a antecedente directa de outra importante sociedade esotérica, uma das várias ordens a ressurgir no século dezanove, a Ordem da Rosa-Cruz, do Templo e do Graal (LOrdre de Ia Rose-Croix, lê Temple et lê Graal), fundada em Toulouse, cerca de
1850, pelo erudito e alquimista Visconde Louis Charles Édouard de Lapasse(l792-l867).140
Um futuro grão-mestre da Rosa-Cruz, Templo e Graal foi Joseph Péladan (1859-1918), cujo secretário, recordamos, era Georges Monti, o mentor de Plantard. Em 1888,

Péladan fundou outra sociedade rosacruciana, a Ordem Cabalística da Rosa-Cruz (Ordre Kabbalastique de Ia Rose-Croix), com o alsaciano Stanislas Guáíta (1861-98), que foi tão idolatrado por Maurice Barres que este dedicou um livro à memória de Guaita depois da sua morte precoce. Papus (Gérard Encausse), um mentor espiritual de Emma Calvé, era também membro desta sociedade.

Devotos da Rosa+Cruz

Vale a pena fazer uma pequena incursão pela natureza do Rosacrucianismo — claramente, um movimento com uma poderosa atracção

para muitos dos intervenientes-chave nesta história. Embora as origens do Rosacrucianismo estejam envoltas em mistério, sabe-se que o movimento se anunciou primeiro nas praças públicas através de uma série de manifestos anónimos, no século dezassete. Basicamente referente aos segredos da alquimia e à operação do que poderia ser designado por «magia branca» — embora existissem grupos rosacrucianos dedicados à magia negra — o movimento também desenvolveu ligações com a Maçonaria. Embora existam várias interpretações do simbolismo da Rosa + Cruz, uma das mais interessantes é a de que a Rosa representava o Princípio Feminino e a Cruz representava o Princípio Masculino, o que implica não só uma invulgar reverência pelas mulheres [pelo menos, em teoria) mas também talvez o uso de ritos sexuais.

A Rosa-Cruz também emerge em ligação com, no mínimo, dois dos supostos grão-mestres do Priorado. Um cartaz do século dezanove que anunciava o salão da Rosa-Cruz parisiense, organizado pelo compositor Erik Satie no salão da Galeria Durand-Ruel, representava Leonardo da Vinci como José de Arimateia ou o «Guardião do Graal», com uma venerável barba abundante e o que parece ser um toucado ritual, e um manuscrito que parece ser importante. (Envergando uma túnica templária, Dante — como Hughes de Payens — também aparece, com as mãos pousadas nos copos de uma grande espada.) Por trás e ligeiramente acima deles, um anjo com asas segura um cálice. Mas as pessoas responsável pelo cartaz teriam conhecimento de que Leonardo era um proto-rosacruciano — como certos especialistas sugerem?141 Claramente, alguns rosacrucianos da Paris do século dezanove consideravam-se como parte de uma antiga tradição que implicava o génio italiano que viria a ser referido como um dos grão-mestres do Priorado de Sião.

A peculiar cena da Crucificação pintada por Cocteau na parede de Notre-Dame de France, no centro de Londres, inclui uma enorme rosa azul aos pés da cruz, enquanto o próprio artista volta a costas a Cristo (ou, na verdade, a quem esteja na cruz — no seu mural apenas as pernas são visíveis.) Mas seria Cocteau realmente um rosacruciano, ou apenas admiraria a imagem da rosa e da cruz? Uma interpretação casual parece improvável, porque a rosa aos pés da cruz é grande, bizarra e impossível de ser ignorada.

A teia aperta-se

Como a nova vaga de rosacrucianos continuava a exercer uma influência não negligenciável, a teia do esoterismo francês do século dezanove arrastava pessoas influentes e pessoas sem qualquer importância, que, tinham estado, em certa altura, associadas ao que viria a ser o Priorado de Sião. Este pode ser uma organização relativamente moderna, mas as suas raízes mergulham num passado autenticamente místico-ocultista.

Os Hautpoul também estavam associados à criação do Rito Escocês Rectificado, que foi fundado numa importante reunião maçónica, a Convenção dos Gauleses, em Lyons, em 1778. Um dos inspiradores da Convenção foi Alexandre Lenoir, o cunhado de Jean-

Marie-Alexandre d'Hautpoul (cuja neta Claire também casou com um membro da família Fleury.)142
Originalmente um sistema maçónico muito secreto (embora se tomasse um pouco menos secreto com a passagem do tempo), e mais vulgarmente conhecido hoje como o Regime Escocês Rectificado, o Rito teve uma implantação particularmente forte na Suíça.143 (Não deve ser confundido com o outro sistema «Escocês», o Antigo e Reconhecido Rito Escocês, que é especialmente popular nos Estados Unidos. Além do título, os dois têm pouco em comum.)
O Rito Escocês Rectificado possui seis graus, organizados em duas classes abertas e uma ordem interna secreta. O mais alto dos graus secretos é o de Cavaleiro Beneficente da Cidade Santa (Chevalier Bienfaisant de Ia Cite Sainte, ou CBCS)144 — um eufemismo para Templário, enquanto a Cidade Santa é Jerusalém ou Zion/Sion. Os que atingem este grau tornam-se «cavaleiros» e adoptam um nom deguerre latino.
Contudo, pelo menos nos séculos dezoito e dezanove, havia uma classe ainda mais elevada, mas mais exclusiva e secreta, chamada a «Profession» (Profès), composta unicamente por aqueles que tinham atingido o grau de Cavaleiro Beneficente. Mesmo esta classe ainda foi dividida em Profès e Grand Profès. A finalidade da Profession era estudar e meditar sobre a doutrina exposta nos textos (instruções secretas)».145 Michel Gaudart de Soulages e Hubert Lamant escrevem no seu Dictionary of French Freemasons (1995): Esta classe, aparentemente, desapareceu, ou, se existe, comporta-se de um modo... muito discreto».146
Segundo Gérard de Sede, Paul-Urbain de Fleury não só era membro da loja do Grande Oriente, em Limoux, mas também detinha o grau

de Cavaleiro Beneficente — tendo atingido o topo da hierarquia do Rito Escocês Rectificado.147 Jean-Luc Chaumeil relacionou a inscrição no túmulo de Fleury — «II est passe enfaisant lê bien», com o significado lato de «passou o seu tempo a fazer o bem», uma clara referência a «Beneficente» — e o caso estranho das datas, com o simbolismo do Cavaleiro Beneficente da Cidade Santa.148
Evidentemente, que estes aristocratas fossem maçónicos não é particularmente extraordinário — o que é surpreendente é a sua conexão com o Rito Escocês Rectificado, o qual, embora importante, é relativamente pouco importante comparado com as formas mais conhecidas de Maçonaria. Mas o que lhe falta em dimensão, o Rito Escocês Rectificado compensa-o em poder.
A família de Dame Marie de Nègre d'Ablès também estava associada a formas de Maçonaria que operavam à margem da corrente dominante. Em 1815, um dos seus familiares, Gabriel Mathieu Marconis de Nègre, fundou, em Montauban, a loja-mãe de um novo rito, os «Discípulos de Mênfis», parte dos «Ritos Egípcios» da Maçonaria — os que defendiam e exploravam as possíveis origens egípcias de Maçonaria. A loja de Montauban era constituída por antigos membros da Missão Francesa no Egipto, que tinham — aparentemente — sido iniciados nalguma forma de sociedade maçónica ou quase-maçónica no Cairo.149 O Rito de Mênfis, como ele se tomou conhecido, é mais geralmente associado ao filho de Gabriel, Jacques-Étienne Marconis de Nègre (l 795-1868), que expandiu a Ordem.
Embora o Rito de Mênfis, de Marconis de Nègre, pareça muito diferente do Rito Escocês Rectificado, a diferença é apenas superficial: descobrimos que, de facto, eles partilham uma origem comum e são, essencialmente, duas faces do mesmo movimento (que explicaremos mais detalhadamente no capítulo 6). E há conexões específicas entre os indivíduos-chave nos dois sistemas — uma pista que nos leva ao irmão de Bérenger Saunière, Alfred.

Jacques-Étienne Marconis de Nègre filiou o seu Rito de Mênfis noutra sociedade, os Filadelfianos,150 que tinha sido estabelecida em Narbonne por François, o marquês de Chefdebien d'Armissan (1754-1814), um coronel de cavalaria, Cavaleiro de Malta, e um influente maçónico de alta hierarquia. Antes disso, ele também fora instrumental na criação do Rito Escocês Rectificado, no qual ele atingiu o grau de Cavaleiro Beneficente, adoptando o nome «Franciscus, Eques a Capite Galeato».151 Por esta razão, havia uma íntima relação entre o Rito Escocês Rectificado e os Filadelfianos.
194
A nova sociedade secreta do marquês de Chefdebien d'Armissan, os Filadelfianos (também conhecidos como o Rito Original, ou Rite Primitif), era devotado à aquisição e estudo do conhecimento esotérico, particularmente os segredos de outros sistemas maçónicos. Curiosamente, Jean-Pierre Monteils descreveu os Filadelfianos como «uma das mais misteriosas sociedades secretas da época», 152 enquanto Marconis de Nègre escreveu acerca dos seus graus da Rosa-cruz: «O primeiro capítulo da Rosa-Cruz possui o conhecimento que, nalguns regimes, estabelece o culto maçónico; o segundo capítulo da Rosa-Cruz é o repositório de documentos históricos muito curiosos; o terceiro capítulo trata de todo o conhecimento maçónico, físico e filosófico; o quarto capítulo trata de todas as partes da ciência a que chamam oculto ou secreto».153. Tudo isto torna-se mais significativo à luz da carreira de Alfred Saunière.
Durante os anos 90 do século dezanove, Alfred tornou-se tutor dos filhos do então marquês de Chefdebien d'Armissan (que, talvez não por coincidência, fora amigo íntimo do conde de Chambord).154 Mas Alfred iria abandonar o cargo em circunstâncias suspeitas, despedido devido a mau comportamento. Segundo um descendente dos Chefdebiens, Aynard de Bissy, ele foi despedido por ter roubado documentos dos arquivos da família — o que, dada a ligação entre os Chefdebiens e os Filadelfianos, e o objectivo dos Filadelfianos, é mais do que algo interessante.155-Estaria Alfred determinado a esquadrinhar a doutrina secreta maçónica quando revistou os arquivos do seu patrão? Nesse caso, seria para sua própria elucidação ou estariam os documentos destinados a serem estudados por grupos de misteriosos Irmãos?
Resumindo esta situação maçónica terrivelmentemente exclusivista: no fim do século dezasseis/princípio do século dezassete, três sociedades secretas intimamente relacionadas, o Rito Escocês Rectificado, os Filadelfianos e o Rito de Mênfis, estavam todas intimamente envolvidas com três importantes famílias da história de Rennes, Hautpoul, Fleury e Nègre, além dos Chefdebiens, de Narbonne. E dos dois irmãos padres Saunière, um tornou-se cura da última possessão dos Hautpouls/Nègres, e o outro trabalhava para os Chefdebiens. Tudo isto ultrapassa os limites da coincidência.
Apesar disso, a intriga adensa-se. Foi devido a Alfred que o padre de Rennes-le-Château conheceu a Marquesa du Bourg de Bozas, a qual, segundo Jean Contrucci, o biógrafo de Emma Calvé, estava «associada a Papus e à Ordem Martinista».156 E, como veremos, os martinistas tinham algumas crenças muito extraordinárias...
195
O famoso mas enigmático Papus (Gérard Encausse) dirigia a sua Ordem Martinista a partir da Livraria do Maravilhoso quando o ocultismo atingira o auge entre os boémios e os que buscavam actividades emocionantes. Ele fundara esta sociedade secreta nos anos 80 do século dezanove para perpetuar a filosofia mística de Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), com uma ordem interna secreta, reservada aos iniciados da mais alta hierarquia — os sinistramente chamados Silencieux Inconnus («Silenciosos Desconhecidos», ou S.I.).157
No entanto, havia, e há, uma conexão particular entre o Martinismo e o Rito Escocês Rectificado: o próprio Saint-Martin foi elevado ao grau de Cavaleiro Beneficente em

Outubro de 1785 (como «Eques a Leone Sidero») — e, depois, ao grau muito mais secreto da Profession.158

Alguns indivíduos notáveis pertenciam ao círculo de Papus, mas que a Marquesa du Bourg de Bozas estivesse associada a esta Ordem não é surpreendente, porque ela descendia de uma família com profundas raízes esotéricas. Ela era descendente de um presidente do Parlamento de Toulouse (antes da Revolução, a região era semi-autónoma] cuja família era uma importante patrona do ocultismo: o próprio Saint-Martin estivera em casa desta família, em Toulouse, em 1776 e 1777, e também em casa do seu filho, Mathias du Bourg, na Haute-Garonne. (Os du Bourgs também estavam relacionados com a família Joyeuse, senhores de Couiza, a aldeia vizinha de Rennes-le-Château.)159

Estas conexões eram clara e extremamente significativas, tendo-se mesmo aparentemente reflectido na forma estranha como Saunière decorou a igreja de Santa Maria Madalena, a qual muitos investigadores
— incluindo nós — afirmam que é maçónica. Contudo, enquanto alguns rejeitam completamente essa associação, outros, como Jean Markale, admitem a presença de elementos maçónicos, mas negam que Saunière fosse o seu inspirador (com o pretexto bastante ingénuo de que a Igreja proíbe os padres de serem maçónicos). Markale sugere que o canteiro que forneceu as estátuas e a via sacra, Giscard, de Toulouse
— sem surpresa, um maçónico — era o responsável pelo simbolismo.160 Fosse quem fosse o inspirador, grande parte do simbolismo é comum
a todas as formas de Maçonaria, mas vários investigadores, independentemente, discerniram imagens que são específicas do grau de Cavaleiro Beneficente da Cidade Santa, o mais alto grau do Rito Escocês Rectificado.161

Isto é bastante surpreendente: seja qual for a pista que sigamos em relação a Rennes-le-Château e aos dois irmãos Saunière, acabamos nas duas sociedades interligadas, a Maçonaria do Rito Escocês Rectificado

e a Ordem Martinista — exactamente as mesmas sociedades que associámos à Ordem Alpha Galates. (Robert Amadou era membro não só de ambas, mas também das suas ordens internas secretas — ingressando nos S.I. da Ordem Martinista em Setembro de 1942 — na época do seu envolvimento com a Alpha Galates — e, em Maio de 1966, atingindo o grau de Cavaleiro Beneficente do Rito Escocês Rectificado, adoptando o nome Eques ab Aegypto, Cavaleiro do Egipto.)

Será apenas uma coincidência que as duas sociedades secretas, que eram tão dominantes na região de Rennes-le-Château, emergissem novamente em conexão com a Alpha Galates, a precursora do Priorado de Sião?

O desenvolvimento do plano de Plantard

Pierre Plantard passou muito tempo na área de Rennes desde cerca de 1959, umas vezes sozinho, outras acompanhado por Phillipe de Chérisey, explorando a região e travando conhecimento com os notáveis locais, como Nõel Corbu e o abade Joseph Courtaly, que conhecera Saunière. (O nome de Courtaly seria depois usado para dar uma credibilidade espúria aos Dossiers Secretos.]

Contudo, pelo que dizem, Plantard estava tão interessado em Rennes-les-Bains como em Rennes-le-Château, e no abade Boudet tanto como no abade Saunière — o que é particularmente intrigante, porque naquela altura, só Rennes-le-Château e o mistério da riqueza de Saunière tinham recebido alguma publicidade significativa. Só nas décadas de 70 e 80 é que vieram à luz enigmas paralelos, como os associados a Boudet e a Gélis. O próprio Plantard foi o responsável por ter acrescentado Boudet e a sua obra enigmática, para não dizer insana, A Verdadeira Língua Céltica, ao quebra-cabeça de

Rennes-le-Château, encarregando-se da publicação de uma edição fac-símile em 1978. Nisto, pelo menos, Plantard parece ter-se antecipado.
Embora os seus detractores admitam que ele se estava a familiarizar com a história para a usar como antecedente do seu enorme embuste, Plantard parece ter estado genuinamente interessado nela, descobrindo pistas — como a conexão Boudet — que tinham escapado despercebidas a outros investigadores. Passaram-se cinco anos, no mínimo, antes que ele tentasse usar este mistério. Nessa altura, Gisors absorvia toda a sua energia.
797
Mais tarde, em 1967 e 1972, Plantard comprou vários lotes de terra no planalto junto ao Castelo de Blanchefort e ao estranho afloramento rochoso conhecido como Rocque Nègre162 — seguramente, um procedimento estranho se ele se tivesse limitado a criar uma fraude sem nada substancial que a apoiasse. Obviamente, ele interessava-se pela área, mesmo a nível pessoal.
E que poderemos pensar do facto de a investigação independente do caso de Rennes-le-Château nos remeter consistentemente para as mesmas ordens secretas que já tínhamos discernido como pairando sobre os antecedentes da Ordem Alpha Galates, a precursora do Priorado de Sião durante o tempo da guerra? Seria apenas uma extraordinária coincidência, ou seria uma indicação de que havia uma genuína conexão entre o Priorado e o caso Saunière que precedeu a entrada de Plantard em cena.
Mas antes de escrutinarmos estes grupos secretos e intimamente relacionados, voltemos a nossa atenção para a forma como Plantard e o Priorado de Sião, descaradamente, puseram o mistério de Rennes-le-Château ao serviço da sua própria agenda.
198
CAPITULO 4
«TESOURO SECRETO, LINHAGEM SECRETA...»
O mistério de Rennes-le Château foi usado como o veículo conveniente para um maior progresso na apresentação do Priorado de Sião, sobretudo através dos agora famosos Dossiers Secretos, uma série de documentos depositados na Bibliothèque Nationale, Paris, entre
1964 e 1967, os quais, gradualmente, formaram uma convincente mitologia — as origens, história e finalidade do Priorado.1 Contudo, outros acontecimentos trazidos ao domínio público também assumiriam o seu papel na criação do que iria transformar-se no aspecto mais largamente conhecido da alegada raison d’être do Priorado.
Os Dossiers Secretos não eram uma realização insignificante: primeiro, aproveitaram o mistério de Rennes-le-Château e apresentaram e desenvolveram a ideia da sobrevivência da linhagem merovíngia — segundo eles, o segredo descoberto por Saunière. Depois, o Priorado de Sião foi apresentado, tendo, alegadamente, como finalidade declarada proteger e promover os interesses daquela linhagem. Os Dossiers dão especial importância à família de Plantard como sendo os descendentes directos dos últimos reis merovíngios, lançando uma pista que, finalmente, chega ao pai de Pierre Plantard e ao registo do Priorado de Sião em 1956, antes de, inevitavelmente, acabar em Pierre Plantard, o herdeiro merovíngio — e, por conseguinte, pretendente ao trono de França.
No entanto, em parte alguma dos Dossiers Secretos se torna explícito que o Priorado de Sião exista para proteger os sobreviventes merovíngios, e essa ideia só está implícita porque os temas estão inteligentemente justapostos. O único elo de ligação específico é o facto de o Priorado alegar (ou alegava, na altura) que foi fundado por Godofredo de Buillon, que, supostamente, era de descendência merovíngia.

Esta informação é transmitida peça a peça, aliciando os leitores a estabelecerem as suas próprias ligações entre referências contidas em
199
diferentes documentos — permitindo-lhes experimentar os momentos «Eureka!», cuidadosamente planeados, quando o quadro mais vasto se revela. Mas, logicamente, a pista pode indicar-nos apenas a direcção que eles querem que sigamos.
Muitas pessoas interessadas neste tema admitem que os Dossiers Secretos foram, na sua maior parte, criação de Pierre Plantard, com a colaboração de Phillipe de Chérisey. Contudo, Plantard sempre negou qualquer ligação com eles; quando se demitiu do cargo de grão-mestre do Priorado de Sião em 1984, a sua carta de demissão citava como uma das razões para o seu afastamento «todas as publicações, artigos de imprensa, livros e documentos multigrafados depositados na Bibliothèque Nationale que me implicam, reproduzem textos do Priorado de Sião e usam o meu nome fraudulentamente».2
Em 1985, depois de Pierre Jarnac ter repetido a hipótese da autoria de Plantard, na sua História do Tesouro de Rennes-le-Château (Histoire du trésorde Rennes-le-Château}, ele recebeu esta censura sarcástica:
... porquê associar-me tão definitivamente às obras de Mr. [sic] Phillipe de Chérisey?
Porquê tentar, desta maneira, atribuir-me uma dúzia de obras ou publicações excêntricas? O que diria se eu, por minha vez, alegasse que o senhor era, muito simplesmente, o autor dessa colecção disparatada?3
Portanto, Plantard atribuía toda a responsabilidade a de Chérisey, que, convenientemente, morrera alguns meses antes. Mas embora Plantard pareça protestar demasiado — algumas pessoas, incluindo nós, tomam muito a sério estes repúdios caracteristicamente hipócritas — de facto, não há nenhuma evidência directa que o associe aos Dossiers. No mínimo, ele manteve escrupulosamente uma distância que lhe permitia uma «possibilidade de negação plausível» se chegasse a precisar dela (e que ele aproveitou). Mas, o que é mais significativo, a evidência indica que havia, no mínimo, uma terceira pessoa que estava por trás dos Dossiers Secretos.
Virtualmente, todos os que conheciam e trabalhavam com Plantard concordavam em que ele não tinha nem a inteligência, nem a concentração mental necessárias para criar uma história tão complicada e mante-la durante um período tão longo — como observámos no caso do apêndice a Os Templários Estão entre Nós, de Gérard de Sede. Talvez que ele tivesse as ideias básicas, mas a investigação, a técnica narrativa e o vigor intelectual necessários para construir esta história, ao longo
200
de vários anos, não estavam ao seu alcance. Muitos investigadores supõem que a inteligência e a arte pertenciam a de Chérisey — indiscutivelmente, o mais arguto, e muito mais apaixonado por jogos mentais complicados, a característica que define os Dossiers Secretos.
Alguns documentos posteriores do «Priorado» podem ser definitivamente atribuídos a de Chérisey — alguns até apresentam o seu nome — mas até que ponto é que ele realmente contribuiu para o núcleo dos Dossiers Secretos, não sabemos. O próprio de Chérisey parece ter encarado todo o caso como um género de brincadeira surrealista: como Gérard de Sede escreve no seu livro de 1988, as suas colaborações eram planeadas «com uma certa coragem, muito humor, e... revelam uma fértil imaginação poético-romanesca mais do que uma vulgar impostura».4 Mas há também sinais de uma outra mão, no mínimo, na criação dos Dossiers.
Depois de denunciar ferozmente Plantard como um fantasista e uma fraude — além de considerar toda a fábula da sobrevivência merovíngia como pura invenção — de Sede reconhece que muitos dos Dossiers Secretos não se coadunavam com o estilo de

Plantard, ou eram, francamente, demasiado inteligentes para terem sido criados por ele. Designando os Dossiers Secretos de «textos apócrifos de Rennes-le-Château», ele escreve:

O problema — porque há um problema — é que para forjar este mito delirante, os seus autores têm que ter tido acesso a fontes eruditas que exigem uma investigação longa e difícil... Portanto, temos um caso de pessoas que possuem uma sólida formação universitária e conhecimentos bastante extensos, o que, imediatamente, exclui certos autores de linguagem vacilante e ortografia incerta, os quais estão em primeiro plano. Consequentemente, há um certo mistério na extravagância dos textos apócrifos de Rennes-le-Château.5

«Certos autores» e a sua «linguagem vacilante e ortografia incerta» são uma clara referência a Plantard, cujo estilo escrito era notoriamente algo excêntrico. Tal como nós, de Sede conclui que Plantard era apenas o representante — outra pessoa planeava e dirigia o projecto dos Dossiers. (De Sede chegou à mesma conclusão quanto ao período Vaincre/Alpha Galates de Plantard, referindo-se a «outros que preferem ficar na sombra, puxando os cordelinhos».)6 Esta é também a opinião do escritor que, até certo ponto, sucedeu a de Sede, Jean-Luc Chaumeil. Nos anos 70 do século vinte, Chaumeil produziu artigos e um livro

com base em material fornecido por Plantard e de Chérisey, e que corroborava largamente as alegações de ambos, embora a sua subsequente rejeição de Plantard como um embusteiro resultasse numa acrimoniosa disputa pública. Mas apesar disso, mesmo em data tão recente como 2001, Chaumeil disse: «Considero que Plantard era manipulado... Como todos os que são manipulados, ele também se sentia lisonjeado com esta história...»7

Discutindo alguns dos documentos-chave dos Dossiers, com o pseudónimo de «Henri Lobineau», René Descadeillas, o historiador de Carcassonne — tão profundamente ofendido pelas distorções da história da sua amada região que se dedicou a repor o equilíbrio e que, certamente, não era admirador de Plantard — observou quanto à sua linguagem: «O que impressiona o leitor deste texto é a dificuldade de expressão. Provavelmente, é a obra de um indivíduo que fala francês e alemão... Para nós, a origem suíça deste bizarro documento não está em dúvida.».8

Plantard nascera e fora criado em Paris; de Chériry era belga. Todos supõem que um deles, ou ambos, eram os únicos responsáveis pela composição dos documentos «Lobineau» — e, no entanto, parece que um misterioso suíço, que continua por identificar, estava implicado. Há várias referências à Suíça nos Dossiers, e cópias de alguns documentos foram enviados aos investigadores pelo correio proveniente de Genebra — uma cidade repetidamente associada a Plantard desde o tempo imediatamente a seguir à guerra. Há também evidências — ver em baixo — de, no mínimo, mais dois confederados, aparentemente britânicos, que desempenharam um papel significativo nos acontecimentos.

Resumindo o paradoxo central dos Dossiers Secretos, de Sede escreve que eles são «simultaneamente rudimentares e académicos», concluindo que «ninguém se dá a tanto incómodo pelo único prazer de montar uma gigantesca fraude».9 Por alguma razão, acreditamos que os Dossiers Secretos não eram uma fraude pura e simples. O facto de que há outros indivíduos na sombra reforça a nossa suspeita de que Plantard era apenas o representante, mas também a nossa conclusão de que os Dossiers Secretos foram planeados desde o princípio como desinformoção.

A mentira como missão

A informação errada — a que os Americanos chamam desinformação, embora a melhor versão viesse a ser a delirante intoxicação —

é informação falsa deliberadamente disseminada (isto é, mentiras), quer para que a audiência visada acredite uma coisa que não é verdade, quer para desviar a atenção de alguma coisa que é verdadeira — ou, quase sempre, ambas. O exemplo clássico são os estratagemas usados por ambos os lados, embora com mais sucesso pelos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial; por exemplo, a concentração de forças para os desembarques da Operação Archote no Norte de África, que foram protegidos pela divulgação de informações, destinadas aos Nazis, de que o verdadeiro alvo era a Noruega.

Contudo, a desinformação mais eficaz é muito mais do que uma mentira convincente. Inevitavelmente, alguma informação verdadeira tem que ser incluída — elementos que possam ser confirmados para fazer com que a história, no geral, pareça credível. Quando o exercício se destina a esconder factos genuínos, então o jogo torna-se ainda mais complexo e multifacetado. Por exemplo, se os dados do domínio público podem conduzir a informação perigosa ou secreta, são lançadas pistas falsas para desviar a atenção para uma coisa completamente diferente. (Na Operação Archote, como as forças e as suas actividades não podiam ser ocultadas dos Alemães, os Nazis tinham que ser impedidos de descobrir porque essas forças estavam a ser reunidas, através da criação de desinformação que apontava para uma invasão da Noruega.) Muitas vezes, a desinformação implica várias pistas, para que, no caso de o inimigo descobrir uma, outra tome o seu lugar, até que, no final, eles fiquem tão confundidos que, se descobrirem o segredo, já não sabem em que acreditar. A versão mais subtil ocorre quando o verdadeiro segredo é disfarçado de desinformação. Há casos em que o inimigo possuía, de facto, informação genuína, mas rejeitou-a, sendo, talvez, o exemplo mais eficaz a recusa de Estaline em acreditar que Hitler planeava atacar a União Soviética em Junho de 1941, apesar dá* acumulação de provas.

Acreditamos que os Dossiers Secretos se destinavam a ser este tipo de desinformação, planeados para desviar a atenção dos segredos genuínos, enquanto, eventualmente, realizavam a proeza final de se desacreditarem a si mesmos para que os investigadores mais convencionais considerassem toda a história própria apenas para loucos ou excêntricos. A desinformação funciona a dois níveis: ou os investigadores desistem completamente, ou, se persistem, descobrem-se a caçar Merovíngios — acabando eles próprios por serem classificados de excêntricos ou loucos. Este cenário explica o paradoxo da grande arte e esforço por

trás da fábula merovíngia, como opostos ao absurdo evidente de eventual recompensa. É uma incrível sucessão de acontecimentos.

Mas se os Dossiers Secretos eram um exercício de desinformação, a quem eram dirigidos? Não ao público, em geral; como os seis documentos foram depositados separadamente na Bibliothèque Nationale, embora, tecnicamente, fossem do domínio público, eles não eram exactamente públicos. O exercício iria culminar num livro de sucesso — O Ouro de Rennes, de Gérard de Sede — mas o livro era quase inteiramente dedicado a Rennes-le-Château, dedicando apenas três páginas à história da sobrevivência merovíngia e não fazendo nenhuma referência ao Priorado de Sião. Mais do a hipótese de os Dossiers Secretos serem destinados a conduzir ao livro de Gérard de Sede (como originalmente suspeitámos) parecia que o livro de Gérard de Sede se destinava a conduzir certos leitores aos Dossiers Secretos...

Só passados seis anos sobre a publicação de The Gold of Rennes, e quase uma década depois dos primeiros Dossiers, é que uma revista recolheu informação sobre os arquivos, trazendo o Priorado de Sião e as suas pretensões merovíngias para a atenção da imprensa e do público. Se o objectivo tivesse sido realmente orquestrar publicidade para o Priorado e para a espúria pretensão de Plantard ao trono de França, certamente que eles poderiam ter agido mais rapidamente, especialmente dado o sucesso do livro de Gérard de Sede. Há apenas uma única conclusão lógica: os Dossiers Secretos eram destinados a indivíduos ou grupos no seio das sociedades esotéricas e secretas francesas.
O prudente Jean Markale considera:
Embora «um comboio possa definitivamente esconder outro» no caso de Rennes-le-Château, já não sabemos quem esconde quem ou quem manipula quem. A manipulação ocorreu necessariamente, mesmo que não acreditemos na existência de certas «irmandades filosóficas». Estas pessoas tiveram o bom senso de se manter na sombra, assumindo nomes falsos, ou mesmo infiltrando-se em grupos existentes que são perfeitamente ortodoxos. É por esta razão que o Priorado de Sião parece ser uma pista falsa. Ele destina-se a esconder alguma coisa, a desviar a atenção, o que é muito claro no que diz respeito ao caso Saunière.10
Como não ficámos satisfeitos com a apressada rejeição dos Dossiers Secretos como sendo uma completa fraude, e procurámos encontrar um cenário que resolvesse os seus paradoxos essenciais, ficámos particularmente intrigados quando, em 2003, o actual porta-voz do Priorado, se-
cretário-geral Gino Sandri, disse que as famosas cópias dos pergaminhos alegadamente encontrados por Bérenger Saunière foram criados como um meio de «desviar a atenção para proteger outros documentos». Ele acrescentou que se tratava de «uma verdadeira campanha dirigida a um indivíduo ou uma sociedade activos no campo do ocultismo».11 Evidentemente, considerando a célebre astúcia de Plantard, seria loucura tomar estas palavras como confirmação absoluta da nossa teoria — mas, todavia, são interessantes. Fora ressuscitada uma história inventada e usada uma década antes com uma finalidade completamente diferente — mas, como toda a desinformação, ela também contém alguns pequenos factos verdadeiros.
Os suspeitos Merovíngios
O primeiro dos Dossiers Secretos era uma brochura intitulada Genealogia dos Reis Merovíngios e Origem de Várias Famílias Francesas e Estrangeiras de Estirpe Merovíngia {Généalogie dês róis mérovingiens et origine de diversesfamiUefrançaises et étrangères de souche méroinngenne}}2 Embora fosse depositada na Bibliothèque Nationale em Janeiro de 1964, na impressão do editor lê-se «Genebra, 1956». Baigent, Leigh e Lincoln, e outros, tomaram esta data pelo seu valor facial, concluindo que este documento — com base nos pergaminhos alegadamente descobertos por Bérenger Saunière — antecede as visitas de Plantard a Rennes-le-Château. Mas não há provas de que o documento existisse antes de
1964.
O suposto autor é um genealogista chamado Henri Lobineau, embora, obviamente, seja um pseudónimo. Certamente, Plantard estava familiarizado com a obra do historiador do século dezoito, Gui-Alexis Lobineau, embora a Rua Lobineau em Paris — a que deram o seu nome — que passa junto da importante igreja de Saint-Sulpice (mais tarde, com um papel importante na história), seja outra inspiração possível. Tendo em mente a observação de Descadeillas, segundo o qual o autor deste documento era suíço, vale a pena notar que os Dossiers Secretos referem que Henri Lobineau vivia em Genebra — mas, embora a Place du Mollard seja autêntica, descobriu-se que o número da casa não existia.

O título completo do documento explica-se por si próprio: «Genealogia dos Reis Merovíngios e Origem de Várias Famílias Francesas e Estrangeiras de Estirpe Merovíngia, segundo o abade Pichot, o Dr. Hervé
204
205
e os pergaminhos do abade Saunière, cura de Rennes-le-Château». Por outras palavras, Lobineau, ostensivamente, reuniu estas três fontes (acrescidas de outras mencionadas na obra) para produzir uma «árvore genealógica» definitiva dos descendentes merovíngios. Na verdade, Lobineau alega mesmo ter sido informado destes factos por um outro indivíduo — real — que iria ter um papel central no desenrolar do drama: «As árvores genealógicas do abade Pichon e do Dr. Hervé, complementadas pelo abade Saunière... foram-nos amavelmente comunicadas, a nosso pedido, pelo Abbé Hoffet, 7 Rue Blanche em Paris (9.°), em 1942». Como veremos, Hoffet aparece repetidamente nesta história.
Pichon e Hervé eram historiadores e genealogistas genuínos, embora, tanto quanto pudemos averiguar, não tivessem escrito nada sobre os Merovíngios. (Os Dossiers alegam que o abade Pichon produziu a sua genealogia em 1809, por ordem de Napoleão.) Mas, evidentemente, a parte mais intrigante é a referência aos «pergaminhos do abade Saunière».
Não há dúvidas de que Saunière encontrou pergaminhos escondidos no interior do pilar do altar em 1887 — mas esta é a primeira sugestão de que eles fossem, de algum modo, historicamente importantes, e que havia uma conexão implícita entre a descoberta e a sua subsequente riqueza. Sensacionalmente, Lobineau alega que os pergaminhos continham genealogias que reconstituíam a descendência dos Merovíngios depois da sua suposta extinção no século oitavo.
A brochura consiste numa série de árvores genealógicas demonstrando a descendência merovíngia e destacando certas famílias importantes, como os duques de Lorena e os condes de Bar, como tendo origem nela. Estes quadros, meticulosamente compilados, estão correctos em grande parte, mas só aquelas partes que associam estas famílias aos Merovíngios são importantes — infelizmente, são também as mais consistentemente duvidosas. Para complicar mais a situação, as notas e comentários de Lobineau, ampliando ou explicando certos pontos, são extremamente difíceis de compreender, embora, quando comparadas com informação de documentos posteriores, certas conexões aliciantes comecem a emergir...
Um dos quadros mais importantes é o n.° 5, apresentando a descendência dos Merovíngios desde o seu semilendário fundador Meroveu (proclamado Rei dos Francos em 448; à dinastia foi dado o seu nome) até Dagoberto I (602-638). No auge do poder merovíngio, cerca de 560, eles possuíam toda a França, com excepção da Septimania (que incluía
206
Rennes-le-Château, então nas mãos dos Visigodos) e a Bretanha; contudo, tecnicamente, Dagoberto I não era, como afirma Lobineau, «Rei de França», mas apenas Rei dos Francos.
Este quadro começa com uma afirmação flagrantemente desconexa: «Um dia, os descendentes de Benjamim deixaram as suas terras, mas alguns ficaram. Dois mil anos depois, Godofredo tornou-se rei de Jerusalém e fundou a Ordem de Sião». O cenário seguinte, explicando a conexão entre estas duas afirmações aparentemente muito distintas, emerge das notas de Lobineau:
Os Francos, sobre quem os Merovíngios reinavam, tiveram origem numa tribo germânica conhecida como os Sicâmbrios (o que é correcto); mas, segundo Lobineau,

os próprios Sicâmbrios eram originários de uma das tribos de Israel, os Benjamitas, que abandonaram a Palestina e emigraram primeiro para a Arcádia, na Grécia, depois, via Itália, transpuseram os Alpes e chegaram às margens do Reno. Baigent, Leigh e Lincoln mostram que esta rota migratória não era impossível,13 mas isso apenas sugere que poderia ser verdade, e não que é — e o facto é que os Dossiers Secretos são a única evidência.
Contudo, embora Lobineau afirme que os Merovíngios eram, em última análise, de origem etnicamente judaica — mas não seguidores do Judaísmo — ele refere que, até Clóvis, eles eram «reis pagãos do culto de Diana». (Clóvis, que reinou desde 481 até 511, converteu-se ao Cristianismo em 496, mas um documento posterior desta colecção afirma que ele só o fez «por necessidade».)14 De facto, Israelitas venerando divindades pagãs não é tão estranho como poderia parecer; no período da alegada migração, com o Judaísmo, tal como o conhecemos, ainda em desenvolvimento, os Israelitas veneravam, de facto, vários outros deuses e deusas. Pela leitura do Antigo Testamento, parece que os Benjamitas eram a mais «pagã» de todas as tribos — de facto, uma fonte de atritos com as outras — venerando uma deusa que poderia ter sido facilmente assimilada a Diana, em tempos posteriores. Embora não provando que Lobineau esteja correcto, isto mostra que algum pensamento sério foi incorporado nos documentos. E também ajuda a explicar que o aparentemente anti-semita Plantard não se sentisse incomodado com um cenário que torna evidente uma origem judaica — ou, no mínimo, israelita — dos Merovíngios.
Mas que possível associação poderia haver com a segunda parte da afirmação de Lobineau, quanto a Godofredo ter-se tornado rei de Jerusalém 2000 anos depois? Godofredo IV é o duque de Bulhão — uma região na Lorena — e também o duque da Baixa-Lorena que foi um

dos líderes da Primeira Cruzada, a quem, alegadamente, foi oferecida — mas recusada — a coroa de Jerusalém depois de a cidade ter sido conquistada em 1099. (Quando ele morreu, um ano depois, o seu irmão Balduíno aceitou o título.) O historiador John C. Andressohn escreve na sua A Linhagem e a Vida de Godofredo de Bulhão (The Ancestry and Life ofGodfrey ofBouillon (1947): «A sorte sorriu a Godofredo de Bulhão: segundo filho, herdou, por uma coincidência que é rara na história, um ducado de seu tio; por acaso, tornou-se no rei de Jerusalém».15
Como refere Lobineau, nos tempos antigos, Jerusalém erguia-se na terra da Tribo de Benjamim — na verdade, eles produziram o primeiro rei de Israel, Saul. E Godofredo de Bulhão estava apenas a apoderar-se do que era legitimamente seu — porque as genealogias de Lobineau mostram que Godofredo era de descendência merovíngia.
É aqui que começa verdadeiramente a criação do mito. A alegação central de Lobineau — e a da totalidade dos Dossiers Secretos — é que a descendência merovíngia não se extinguiu, como a história regista, mas sobreviveu em segredo. Segundo a história convencional, os Merovíngios foram substituídos pelos Carolíngios — originalmente, os seus funcionários superiores, os Prefeitos do Palácio (maior domus). A substituição ocorreu em 715 quando — com a sanção da Igreja — Pepino, o Breve, prefeito do Palácio do último da dinastia, foi proclamado rei. Nascera uma nova casa real.
A sobrevivência secreta, segundo a versão dos Dossiers Secretos, começa com um rei merovíngio de um dos três reinos francos, Dagoberto II (conhecido como Dagoberto, o Jovem) que, três anos depois de ter conquistado o trono ao seu rival, morreu misteriosamente enquanto caçava, a 23 de Dezembro de 679 — provavelmente assassinado por ordem do seu prefeito do Palácio, Pepino, o Gordo. Isso não teria sido surpreendente, porque Dagoberto era muito impopular, como comenta o cronista

Stephanus: «... [ele era] destruidor de cidades, apesar dos conselhos das pessoas influentes, oprimindo o povo com impostos, como Reoboão, filho de Salomão, desprezando as igrejas de Deus e os seus bispos.»16

O filho único e herdeiro de Dagoberto II, Sigeberto, de três anos,17 desaparece da história na altura da morte do seu pai, presumivelmente também assassinado, embora alguns afirmem que Pepino o mandou encerrar num mosteiro para o resto da sua vida.18

Mas, segundo Lobineau, Sigeberto não só sobreviveu como escapou às garras de Pepino, sendo levado pela família da sua mãe para a relativa segurança de Rennes-le-Château, ou Rhedae, como os Dossiers lhe chamam inequivo-

camente. (Como isto aconteceu alegadamente em 681, presumivelmente ele esteve escondido em qualquer outro sítio durante dois anos.) O lugar foi escolhido porque era a terra-natal de sua mãe, a segunda esposa de Dagoberto II, Gisele (ou Gislis), filha de Bera II, conde de Razès. Sigeberto (referido como Sigeberto IV, como se tivesse acedido oficialmente ao trono) finalmente sucedeu a seu avô como conde de Razès. Assim, os seus descendentes representam a continuação secreta da descendência da linhagem merovíngia — a agora lendária descendência de Dagoberto II.

A este Sigeberto — de quem depende toda a história merovíngia — foi dado o título de «rejeton ardent» («rebento ardente»), e uma nota explicava que ele representava uma «nova linhagem descendente dos Reis Merovíngios, os Plant-Ards ou Rejeton-Ardent».

Lobineau também refere que Dagoberto II já tinha transferido uma grande parte do seu tesouro para Rhedae, para financiar uma campanha para conquistar a área da Aquitânia do centro e sul da França. Portanto, o «segredo» de Rennes-le-Château engloba o segredo da sobrevivência merovíngia e a localização de um tesouro — deixando todos felizes! Sete gerações após Sigeberto IV, no final do século nono, Sigeberto VI (cognominado Príncipe Ursus) supõe-se que tenha perdido o título de conde de Razès depois de uma tentativa para expulsar Luís II. No século treze, a família tinha sido reduzida à condição de «simples camponeses» — mas os descendentes directos usavam o nome mágico de
Plant-Ard...

Segundo Lobineau, Godofredo de Bulhão «era descendente do ramo que tinha como antepassado o filho mais novo de Sigeberto IV», assim, através de Godofredo, os Merovíngios não só recuperaram, brevemente, algum do seu antigo estatuto, mas até o ultrapassaram ao tornarem-se governantes do reino supremo — Jerusalém. (O seu momento de glória foi breve, porque Jerusalém foi reconquistada pelos Árabes muçulmanos em 1187, embora o título continuasse a ser usado pelos seus descendentes na Europa. Na verdade, finalmente, o título foi herdado pelo ramo da família Habsburgo a que pertencia o Arquiduque Johann Salvator. Agora, tecnicamente, o título pertence a Otto von Habsburgo, mas, evidentemente, não tem significado.) Outras árvores genealógicas desta colecção associam esta linhagem com as famílias de Saint-Clair e Gisors, entre outras, registando essa associação até ao século dezasseis.

Assim, foi este o segredo alegadamente descoberto pelo abade Saunière que o tornou tão rico: os pergaminhos — que ostentavam o selo

de Branca de Castela — encontrados no interior do pilar visigótico continham informação sobre a sobrevivência merovíngia. (Um detalhe interessante, porque Nõel Corbu já tinha popularizado a ideia de Saunière ter encontrado o tesouro de Branca de Castela — um dos poucos tesouros sugeridos sem nenhum suporte histórico — e, claramente, os autores dos Dossiers Secretos não gostavam da ideia de abandonar completamente este elemento da história.) Saunière levou os pergaminhos para Paris

para consultar o abade Hoffet, o qual, embora fosse ainda um adolescente, já era considerado como um linguista e paleógrafo talentoso. Reportando-se também às anteriores obras de Pichon e de Hervé, Hoffet pôde elaborar a descendência merovíngia até à actualidade. Ele transmitira esta informação ao pseudónimo Lobineau.
Mas quanto ao tesouro de Dagoberto? Lobineau sugere que ele foi a fonte da riqueza de Saunière — mas também a origem da sua queda, porque o tesouro está amaldiçoado: só o legítimo descendente do «Príncipe Ursus» pode tocar-lhe sem sofrer um desastre. Lobineau escreve: «Esta é a lenda que deu origem a que o evangelho, nos pergaminhos, viesse a condenar o herético que ousar roubar um fragmento deste tesouro.» Lobineau também insinua que a maldição foi a responsável pelo declínio de Saunière, pela hostilidade do seu Bispo e, finalmente, pela morte do padre.
Os elementos essenciais do mito da sobrevivência merovíngia e a sua associação com o mistério de Rennes-le-Château encontram-se todos neste primeiro documento, embora se encontrem apenas referências isoladas ao Priorado, o qual ainda teria que ser elaborado. Contudo, há referências à Abadia de Nossa Senhora de Monte Sião em Jerusalém — que surgiram no apêndice que Plantard escrevera para Os Templários Estão entre Nós quase três anos antes — e a sua fundação por Godofredo de Bulhão (que está historicamente correcta). Mas no documento seguinte é atribuído ao Priorado de Sião um papel muito mais importante e activo...
Passou um ano e meio — Agosto de 1965 — antes que o segundo documento — Os Descendentes Merovíngios, ou o Enigma do Razès Visigótico (Lês descendents mérovingiens ou l'énigme du Razès Wisigoth], de Madeleine Blancasall, que acrescentou novos detalhes sobre Saunière e os pergaminhos — fosse depositado na Bibliothèque Nationale.19 Este documento e a obra de Lobineau são independentes, cada um deles apoiando ostensivamente o outro; Blancasall faz referências a Lobineau e cita-o frequentemente como sendo um especialista.
O pseudónimo «Madeleine Blancasall» deriva claramente da igreja de Rennes-le-Château e dos nomes dos dois rios que se avistam de Blanchefort, o Blanques e o Sais. É também suposto que a obra tivesse sido traduzida do Alemão por um certo Walter Celse-Nazaire — provavelmente, o nome da igreja de St. Nazaire e St. Celse em Rennes-les-Bains. A introdução declara que ele se destinava exclusivamente à «Associação Suíça Alpina — aparentemente, uma referência ao órgão dirigente da maçonaria suíça, a Grande Loja Alpina. (Outra conexão suíça: como vimos, René Descadeillas comentou que o autor de, no mínimo, alguns dos Dossiers Secretos deveria ser suíço.)
Esta é a história, em poucas palavras, tal como é narrada no Dossier «Blancasall»: o segredo da sobrevivência merovíngia era conhecido da, e guardado pela, família Hautpoul de Rennes-le-Château. No seu leito de morte, a última desta família, Marie de Nègre d'Ablès, Senhora de Hautpoul e Blanchefort, não tendo mais ninguém a quem o transmitir, confiou o segredo ao seu confessor, o padre da aldeia, o abade Bigou. Ela indicou-lhe um esconderijo nas ruínas da igreja de São Pedro, onde ele encontrou tubos de madeira, lacrados com cera, contendo quatro pergaminhos, apresentando «litanias a Nossa Senhora» e «Evangelhos codificados» de Lucas e João. Bigou conseguiu descodificá-los usando um outro documento que lhe fora entregue por Dame Marie. Devido ao ambiente político, porque as ameaças de revolução se acumulavam, o padre compreendeu que o «segredo» só poderia ser transmitido numa forma igualmente velada — para o fazer, ele escolheu a enigmática inscrição na lápide tumular de Marie. Também meteu os pergaminhos nos seus invólucros de madeira e escondeu-os no pilar«visigótico» do altar da igreja de Santa Maria Madalena.

Um século depois, Bérenger Saunière chegou a Rennes-le-Château. No princípio de 1891, dois representantes do Priorado de Sião vieram informá-lo de que um grande segredo estava escondido algures na sua paróquia, relacionado com um tesouro lendário. (Como é que o Priorado de Sião sabia isso é deixado por explicar, tal como fica por explicar a pergunta: se eles conheciam o segredo da sobrevivência merovíngia, como é que não possuíam os documentos para a provar?) Saunière começou a procurar esse segredo sob o pretexto de obras de restauro na igreja e — em Fevereiro de 1891 — encontrou os pergaminhos no pilar do altar, onde Bigou os escondera.
Confrontado com os enigmáticos documentos, Saunière levou-os ao Bispo Billard, de Carcassonne, que o aconselhou a levá-los a Paris e consultar o jovem abade Émile Hoffet, pagando-lhe mesmo os custos

da viagem. Segundo este relato, Hoffet era então padre na Igreja da Trindade, vivendo na Rue Blanche. Reunindo habilmente todos estes elementos, Blancasall escreve acerca de Hoffet:
Foi ele quem possibilitou ao abade Saunière descobrir o segredo de Rennes. Foi também ele, cinquenta anos depois, ao visitar Gisors, quem deu ao guarda Roger Lhomoy a informação referente aos famosos 30 cofres depositados na capela de Santa Catarina. O abade Hoffet tinha muita vivacidade apesar dos seus 80 anos, e toda a vida tentara estabelecer uma descendência legítima do Dagoberto II, o santo, quer dizer, uma descendência merovíngia até aos nossos dias.
Hoffet descodificou as mensagens ocultas nos pergaminhos, pedindo, como forma de pagamento, o documento com as «litanias a Nossa Senhora». Uma passagem-chave da obra de Blancasall refere:
Seguindo o conselho do abade Hoffet, o cura de Rennes foi ao Museu do Louvre contemplar as obras de Poussin e de Teniers, porque o texto en clair depois de descodificado transmitia esta mensagem: Pastora nenhuma tentação, que Poussin e Teniers têm a chave Pax DCLXXXI [681] — pela cruz e este cavalo de Deus — eu acabo o demónio guardião ao meio-dia — maçãs azuis. [Bergèrepas de tentation, que Poussin et Teniers gardent Ia clef— Pax DCXXXI—par Ia croix e cê cheval de dieu — fachève cê daemon de gardíen à midi — pommes bleues.]20
Isto assinalou o aparecimento de um novo elemento, que despertou mais atenção que qualquer outro incluído nos Dossiers Secretos, se não mesmo em todo o mistério de Rennes-le-Château. Nas décadas seguintes, muitas mentes se exercitaram a tentar descobrir o significado destas estranhas afirmações. O que são as «maçãs azuis»? Que relação têm os dois pintores Poussin e Teniers com o mistério? De facto, segundo esta versão, estas enigmáticas linhas eram indicações de vários lugares na vizinhança de Rennes-le-Château que conduziam ao tesouro de Dagoberto.
A narrativa de Blancasall descreve então que, imediatamente depois do seu regresso a Rennes-le-Château, Saunière apagou a inscrição na lápide da sepultura de Marie de Nègre (sugerindo uma ligação entre a inscrição e os pergaminhos), ajudado por Marie Dénarnaud.
Blancasall apresentou uma explicação para a descoberta de Saunière e da sua riqueza. Mas quanto à estranha decoração da igreja de Rennes-le-

-Château? Ela explica: «A sombra do misterioso Priorado de Sião pairava sobre Rennes-le-Château e o abade obedeceu fielmente», seguindo o seu plano da decoração da igreja para esconder quaisquer pistas que Bigou pudesse ter deixado. Por outras palavras, ela não significa nada, sendo destinada a desinformar e a confundir — o que

em si é interessante. (Poderia isto ter sido uma dupla simulação, persuadir os investigadores de que era inútil tentar decifrar o simbolismo da decoração da igreja?)
Outro elemento novo é introduzido: a Pedra dos Cavaleiros levantada por Saunière — aqui, chamada a «pedra dos dois cavalos» — que, supostamente, cobriu o túmulo de Sigeberto IV e dos seus dois sucessores, Sigeberto V e Bera in. Alegadamente, a pedra comemorava a fuga do infante Sigeberto para Rhedae/Rennes-le-Château em 681 (o ano também está incluído nos pergaminhos).
E *? A
T
A*I
I RÉDDIS
RÉGIS-—AJ
N .
E
CELL.1S •f ”^
ARCIS
;-:-«
PX
\ Ú,
l PR/3-CUM
,’/ áiÃ ’
««f»»
C^±r^ LIXUXL
213
O documento Blancasall também inclui desenhos da Pedra dos Cavaleiros e da lápide da sepultura de Marie de Négre, ambos atribuídos aos arquivos da Sociedade de Artes e Ciências, de Carcassonne — correctamente, neste caso. Mas ele inclui um terceiro desenho, também atribuído à mesma fonte, mas, desta vez, falsamente, do que é suposto ser uma segunda pedra que cobria a sepultura de Marie de Nègre (reproduzida no verso]. A sua característica mais curiosa, indiscutivelmente, é o mote Et in Arcádia ego — curiosamente em antigos caracteres gregos — assim como as palavras latinas Réddis Régis Cèllis Areis, que são susceptíveis de várias interpretações. A outra característica-chave desta pedra são as iniciais «P-S» (Priorado de Sião?) no topo, e a palavra latina prae-cum, uma característica comum dos túmulos medievais que significa «orai por mim». Infelizmente, não há nenhuma prova sólida de que esta pedra tivesse realmente existido.21
Sobre a sumptuosa hospitalidade de Saunière na Vila Betânia, Blancasall escreve: «Personalidades de todos os tipos sucediam-se aqui: Emma Calvet [sic], a grande cantora de ópera, a bonita viscondessa B. D’Artois, assim como outras senhoras cujas famílias abastadas ainda existem na região». (Mas o padre também tinha muitos convidados de sexo masculino, porquê a ênfase nas senhoras?}
Por uma vez, isto é correcto. O autor do documento não está a inventar novos elementos sensacionais no que diz respeito a Emma Calvé, mas narra a história tal como ela era contada na aldeia antes de ter começado a criação do mito.
Blancasall escreve sobre o último ano de vida de Saunière:
No final de 1916, uma grande decisão foi tomada pelo cura de Rennes: ele iria pregar uma «nova religião» e «empreender uma cruzada no département». Não recebeu o representante do Priorado de Sião quando ele o veio visitar. Disse que não receberia outras ordens senão as de Jean XXHI, o último descendente merovíngio. Começou a reunir 8.000 000 de francs-or [francos de oiro» — equivalentes a 10 francos] em notas

de banco O pânico reinava no Bispado de Carcassonne, enquanto os prelados do Vaticano estavam inquietos com esta situação. O Priorado de Sião recebeu o caso friamente e os círculos políticos consideraram esta indesejável manobra como uma guerra declarada.22
Blancasall é o primeiro a mencionar a data de 17 de Janeiro de 1917 como o dia em que Saunière foi mortalmente atingido. No seu leito de morte, dizem, «o padre mandou chamar Jean XXIII, o Merovíngio.
214
Mas ele não quis ir». Este Jean XXIII era Jean Plantard — o primo do pai de Pierre Plantard. Blancasall resume a situação: «Este é o segredo do Razès; uma genealogia e um tesouro tornaram o abade Bérenger Saunière num cura milionário.»
Algumas árvores genealógicas extra, atribuídas a Lobineau, mas não incluídas na obra anterior, mostram a linha de descendência de Dagoberto I até um certo «Pierre V» — o pai de Pierre Plantard. A última árvore genealógica é genuinamente a da família Plantard, desde a segunda metade do século dezoito — mas há um intervalo conspícuo em seguida à árvore genealógica anterior, que termina cerca de cem anos antes.
Outra ideia aqui apresentada — e inquestionavelmente aceite por muitos investigadores desde então — é a de que um dos grão-mestres dos Cavaleiros Templários, Bertrand de Blanchefort, era descendente de uma família que possuía Blanchefort, perto de Rennes-le-Château. Isto é manifestamente falso: Bertrand de Blancquefort, o sétimo grão-mestre Templário (presidiu c. 1156-1169], era oriundo de uma aldeia perto de Bordéus e não tinha nenhuma associação com os Blanchefort das proximidades de Rennes-le-Château23. Mas, evidentemente, esta associação consegue forçar a entrada dos temerários e misteriosos Templários — sempre um bom valor — na história.
Dan Brown ficaria orgulhoso
Embora tivessem sido feitas certas modificações nos documentos posteriores, essencialmente, estes dois documentos elaboraram toda a história da sobrevivência merovíngia e as suas soluções reveladoras do mistério de Rennes-le-Château. Por enquanto, a natureza, o papel e a finalidade exactos do Priorado continuam por explicar — isso viria mais tarde. Mas é tempo de fazer uma pausa e avaliar o que temos até agora. Primeiro, a explicação do mistério Saunière...
O relato está bem investigado — certamente, a mais detalhada versão até àquela altura (embora com algumas adições distintamente dúbias], com várias peças de informação conseguidas nos arquivos locais. Blancasall também faz citações das cartas de Saunière — mas isso não é muito surpreendente, porque Plantard conhecia Nõel Corbu, que possuía os papéis pessoais do padre.
A estranha lápide tumular de Marie de Nègre é agora o foco central da história, e a sua reprodução foi desenterrada de uma revista de uma sociedade local de há sessenta anos. Como há alguma coisa genuinamente
215
estranha na inscrição da pedra tumular de Marie, tudo o que Blancasall possa ter dito a esse respeito, ela não o inventou. No entanto, Blancasall parece ter inventado a existência de uma segunda pedra da sepultura de Marie, e cuja inscrição inclui o mote Et in Arcádia ego.
Também se chama a atenção para o padre de Rennes-les-Bains, abade Henri Boudet, e para o seu estranho livro A Verdadeira Língua Céltica e o Cromleque de Rennes-les-Bains, pela primeira vez. — embora a sua importância exacta não seja explicada. Se ele merece, ou não, um lugar na história de Saunière, encontrar este livro há muito tempo esquecido foi, em si mesmo, uma grande proeza.

E a solução que ele oferece para o mistério Saunière é muito engenhosa — é como a intriga de um romance, com um uso liberal de liberdades artísticas e um talento suplementar para preencher as lacunas, o próprio Dan Brown ficaria muito orgulhoso dela. As lacunas podem ser preenchidas por alegada «informação confidencial», conhecida só do Priorado, mas, geralmente, a sua própria lógica interna aguenta-se surpreendentemente bem. As pontas soltas são cuidadosamente reunidas; por exemplo, transformando o abade Hoffet no elo de ligação entre Saunière e Lobineau. Mas isso também inclui erros reveladores...

Segundo este relato, Saunière fez a sua descoberta no pilar «visigótico» em Fevereiro de 1891, depois da visita de dois homens do Priorado. Mas fontes independentes revelam que a descoberta pode ser datada de 1887, e que a Pedra dos Cavaleiros foi levantada durante as obras de restauro de 1888 ou 1889, não 1891. E aqui supostamente Saunière apagou a inscrição na sepultura de Marie de Nègre imediatamente após o seu regresso de Paris, novamente em 1892, enquanto, na realidade, ela ainda lá se encontrava para ser copiada pelos arqueólogos visitantes catorze anos depois. Além disso, o abade Émile Hoffet não era o padre da Igreja da Trindade em 1891 — de facto, ele prestava serviço fora de França, nessa altura — e embora a morada da Rue Blanche, indicada nos dois documentos, fosse a sua, ela datava de um período muito mais tardio da sua vida. Estes deslizes revelam que a pretensão de que tudo isto é baseado na informação confidencial possuída pelo Priorado é suspeita, para dizer o mínimo.

Mas a razão destes erros é instrutiva: eles não são enganos do próprio autor, eles foram-lhe impostos devido a uma tentativa de criar uma história consistente a partir de elementos muito diferentes, tal como os romancistas ignoram lacunas nos seus enredos e esperam que ninguém repare. E como o único relato devidamente investigado, nessa altura, foi Notas sobre Rennes-le-Château e o Abade Saunière, de Des-

caidellas — e que se destina apenas aos arquivos de Carcassonne, não a publicação — havia poucas possibilidades de que essas anomalias fossem detectadas. O risco compensou: decorreram muitos anos antes que a publicação das fontes primárias permitisse aos investigadores detectar os erros.

A razão para esta discrepância nas datas surgiu da necessidade de ter que identificar 1891 como o ano em que os primeiros acontecimentos-chave ocorreram, por duas razões. Primeiro, evidentemente, o próprio Saunière destacou o ano de 1891. Mas mais importante foi a associação desse ano com o abade Hoffet — o veículo que estabelecia a ligação entre esses acontecimentos e Lobineau.

«Nenhum cheiro de enxofre»

O abade Émile Hoffet era uma pessoa real, que, seguramente, tinha as credenciais certas para ser incluído na história do Priorado de Sião. Nascido na Alsácia (então, na Alemanha) em 1873, estudou para o sacerdócio no Seminário-Menor de Nossa Senhora de Sião — em Sion-Vaudémont na Lorena, o lugar sagrado com o nome evocativo que está no centro desta história.24

Hoffet continuou o seu noviciado em Saint-Gerlach, na Holanda, onde ingressou nos Oblates de Maria Imaculada em Agosto de 1892. Depois da sua ordenação em Liège, Bélgica, em 1898, a sua carreira levou-o à Córsega, a Roma e a vários outros cargos em França, antes de se fixar em Paris, onde permaneceu mais ou menos até à sua morte em 1946. Durante algum tempo foi professor em Notre-Dame-de-Lumières em Goult, não muito longe de Avinhão, na Provença, local a que deram o nome de uma estátua da Madona Negra que o Priorado de Sião, mais tarde, elegeu como um dos seus objectos de devoção mais importantes, embora sem oferecer muitas explicações. Pierre de Plantard declararia: «A Virgem Negra é ísis e o seu nome é Notre-Dame-de-

Lumières».25 Seguramente, está é a epítome mais perfeita do sagrado Feminino — mas vindo de Plantard, o que significaria isso? Qualquer coisa, nada — ou tudo?
Embora sendo padre, Hoffet gostava de frequentar os círculos esotéricos ê artísticos de Paris, sendo um grande amigo de Debussy — através do qual ele conheceu Emma Calvé. Jean Contrucci, o biógrafo de Emma Calvé, escreve:
277
Emma conhecia o abade Émile Hoffet, um oblato que, como ela, era também um amigo íntimo de Debussy. Este jovem elegante, de vinte anos apenas, era uma enciclopédia viva: um poliglota, paleógrafo e criptógrafo famoso. À sua reputação de erudito, o abade Hoffet juntava a de ser um ocultista de primeira ordem. O esoterismo não tinha cheiro de enxofre para este padre elegante e educado, porque há um ocultismo cristão... que permite que a investigação da mediunidade ou espiritismo coabite com as certezas da fé.

Emma e o abade Hoffet tiveram oportunidade de debater temas pelos quais eles tinham uma paixão, no ambiente que rodeava as reuniões organizadas na Livraria da Arte Independente, a qual era também familiar a Debussy.26
Mas poderia haver alguma coisa mais do que isto. Hoffet tinha estreitas ligações com os editores da tradicionalista Revue Internationale dês Sociétés Secrètes, fundada em 1912 e dedicada a denúncias e avisos sobre as actividades das ordens e cultos «ocultistas». Talvez ele se tivesse infiltrados nesses círculos para recolher, clandestinamente, informação secreta para as denúncias. Além disso, segundo Jean Robin, Hoffet também conhecia Georges Monti — o fundador da Ordem Alpha Galates e mentor de Plantard.27
É importante compreender que nenhuma das associações de Hoffet — com Notre-Dame de Sion na Lorena, Debussy, Calvé ou Monti — surge nos Dossiers Secretos, mas elas foram descobertas por investigadores independentes desejosos de conhecer outros factos relacionados com ele.
Como Hoffet era muito conhecido nos meios religiosos e esotéricos durante o período entre as duas guerras, mas não fora desses círculos, claramente que o autor dos documentos «Lobineau» e «Blancasall» estava familiarizado não só com a vida e carreira de Hoffet, mas também com o panorama ocultista. E como ele morreu em 1946, Hoffet poderia facilmente ter conhecido Plantard — especialmente porque ambos conheciam Monti.
Contudo, a ansiedade de associar Hoffet com a história de Saunière criava um problema: ele tinha apenas doze anos quando Saunière, pela primeira vez, chegou a Rennes-le-Château, e catorze ou quinze quando o cura encontrou os pergaminhos. Saunière não viajaria para Paris para consultar um jovem obscuro e inexperientel Para corrigir o erro, a descoberta dos pergaminhos foi transposta para 1891, quando Hoffet, reconhecidamente precoce, já contava uns mais razoáveis dezoito anos.
218
De facto, Hoffet nem estava perto de Paris no momento crucial; ele cumpria o seu noviciado na Holanda. Evidentemente, ele poderia ter visitado Paris em 1891 ou 1892, mas, então, como poderia monsenhor Billard saber que ele estaria lá? (Mais tarde, os Dossiers Secretos referem que Hoffet só acidentalmente se envolveu com o caso dos pergaminhos de Saunière, quando visitava um amigo em Paris, mas isto apenas sublinha o problema logístico.)
A versão da história de Saunière apresentada por Lobineau e Blancasall está fatalmente maculada, tal como está o alegado envolvimento do abade Hoffet — prejudicando seriamente a ideia de ele ser a pessoa através da qual Lobineau teve conhecimento da

sobrevivência merovíngia. Mas apesar disso, esta história foi cuidadosamente engendrada usando genuína informação interna — investigação completa e detalhada de Rennes-le-Château e sólido conhecimento da vida e carreira de Hoffet. E apesar de toda a crítica compreensível, esta ainda é a versão mais conhecida do mistério de Rennes-le-Château. Mas até o mistério Saunière é apenas um instrumento: a verdadeira história diz respeito à sobrevivência merovíngia, então como irá esta resistir ao escrutínio?

O mito merovíngio

Embora os Merovíngios tivessem desempenhado um papel importante na formação da França, eles nunca poderiam aparecer na sua história, no sentido exacto da palavra, porque, simplesmente, não havia nação francesa no seu tempo — assim, quando os Dossiers Secretos referem Dagoberto I e outros como «Reis de França», eles estão completamente errados. E como vimos, os territórios merovíngios não abrangiam toda a moderna França, e também se estendiam para o que é agora a Bélgica e partes da Holanda e da Alemanha.

Originalmente, a França, ou Frância, era apenas um ducado que incluía Paris. Quando o último rei da dinastia carolíngia — os substitutos dos Merovíngios — morreu sem deixar um herdeiro em 987, o duque de França, Hugo Capeto, foi eleito rei. Foi só depois dessa eleição que a designação «França» foi usada para todo o domínio do rei, e, por extensão, para a nação, como um todo. Mesmo assim, os Merovíngios ocupam um lugar importante nos corações franceses como, essencialmente, os fundadores do que se iria tornar na nação francesa, sobretudo a um nível emotivo e mítico muito semelhante ao lugar dos Anglos e

dos Saxões na história da Inglaterra; embora o seu domínio não se estendesse ao todo do que é hoje a «Inglaterra» (ainda menos a Grã-Bretanha) e já passaram quase mil anos depois que o último saxão foi deposto pela dinastia normanda, e a nação ainda se intitula «Angleland» — ou «England».

O apelo de um sedutor passado mítico é a razão por que o general de Gaulle pôde escrever na primeira página das suas memórias, que abrangem os anos da sua presidência: «... a legitimidade de um poder de governar deriva da sua convicção, e da convicção que ele inspira, de que ele personifica a unidade e a continuidade nacional quando o país está em perigo. Em França, foi em consequência da guerra que os Merovíngios, os Carolíngios, os Capetos, os Bonapartes, a Terceira República, todos receberam e perderam esta suprema autoridade.»28

Isto põe em contexto a reivindicação do Priorado, de que o sobrevivente merovíngio é o «verdadeiro» ou «legítimo» rei de França. Por um lado, apela ao forte arquétipo do «Rei Perdido» — como a ressonância dos Britânicos com Artur, o seu «Passado e Futuro Rei», mas ainda mais potente para os Franceses (especialmente depois da sua profunda reflexão sobre a execução de Luís XVI e Maria Antonieta). Mas por outro lado, um moderno pretendente merovíngio, mesmo que fosse capaz de provar a sua herança indiscutivelmente — difícil, para dizer o mínimo — não poderia apresentar nenhuma reivindicação ao trono, há muito tempo vago, de França. Não teria uma pretensão mais convincente do que um descendente de Alfredo, o Grande, à coroa britânica. Demasiada história passou para tornar tal proposta realista, mesmo remotamente.

Como as terras dos Francos consistiam nos reinos da Austrásia, Borgonha e Neustria, só um rei dos três reinos poderia ser legitimamente chamado «rei dos Francos». Dagoberto I, por exemplo, que tinha as referências necessárias, foi um verdadeiro rei dos Francos, enquanto o seu neto Dagoberto II foi apenas rei da Austrásia.29 Embora alguns dos reis merovíngios tivessem reinado sobre os três reinos, depois das suas mortes, as terras foram divididas entre os seus filhos.

Ignorar este princípio levou a mistificações desnecessárias relativamente a Dagoberto II, particularmente quando as listas dos «reis dos Francos» passam de Dagoberto I para Dagoberto in sem mencionar Dagoberto II — suscitando acusações de que ele foi maliciosamente eliminado da história. Na realidade, a constante unificação e divisão dos três reinos cria uma situação assustadora para quem queira ter informação sobre o que acontecia com os vários reis: Dagoberto I era
220
rei dos Francos. Dagoberto II apenas da Austrásia, enquanto Dagoberto II foi, mais uma vez, rei de todos os Francos.

Este padrão altamente divisivo da herança significava que o período merovíngio não foi nenhuma Idade de Oiro de governo prudente e benevolente exercido por uma sucessão de reis divinamente mandatados, mas uma era muito pouco romântica, de constantes guerras e intrigas mortíferas, porque os membros ambiciosos da dinastia esforçavam-se por se apoderar da maior porção possível das terras francas. Os reis eram frequentemente assassinados. Mas se um indivíduo conseguia apoderar-se dos três reinos, eles seriam imediatamente fragmentados depois de ele ter morrido, e toda esta luta sangrenta começava outra vez. Na realidade, o período merovíngio assistiu a uma mudança constante entre união e fragmentação dos três reinos.

De facto, o conceito de «linha directa» da descendência merovíngia — a transmissão legítima do poder de pai para o filho primogénito — no centro dos Dossiers Secretos é largamente uma ficção; no caso dos Merovíngios, o poder transmitia-se tanto por costume, conquista e intriga como por nascimento. Mas o que torna Dagoberto II tão especial?

Apesar da impressão popular, Dagoberto II não foi o último rei merovíngio. A dinastia continuou durante mais setenta anos até que Childerico foi deposto em 751 por Pepino, o Breve, com o apoio do Papa. Isto é especialmente significativo porque foi a primeira vez que a Igreja reivindicou o direito de nomear reis, afirmando, assim, a sua superioridade sobre os poderes seculares. Pepino estabeleceu o que se tornou conhecido como dinastia carolíngia, recebendo o nome do seu rei mais famoso, Carlos Magno (Carolus Magnus), proclamado Sacro-Imperador Romano, no dia de Natal de 800.

Embora Baigent, Leigh e Lincoln escrevam: «A linha directa da descendência merovíngia foi deposta com Dagoberto II. Para todos os efeitos, portanto, o assassinato de Dagoberto II pode ser considerado como tendo assinalado o fim da dinastia merovíngia»30, isso é uma afirmação muito exagerada. Os governantes subsequentes — incluindo seis reis de todos os Francos — eram tão merovíngios como era Dagoberto, sendo basicamente descendentes de Clóvis II, tio de Dagoberto, que, embora fosse o mais novo de dois irmãos, herdara os reinos da Borgonha e da Neustria. (Ê verdade, contudo, que os últimos reis merovíngios eram sobretudo chefes nominais — títeres controlados pelos prefeitos do Palácio, que detinham o verdadeiro poder. Estes últimos monarcas eram conhecidos como os reis fainéants, traduzido
227
por Baigent. Leigh e Lincoln como «reis enfraquecidos», mas mais exactamente «reis preguiçosos».)

Embora um monarca algo obscuro, Dagoberto II foi declarado santo dois séculos depois da sua morte (mas apenas pelo clero franco; o seu nome não aparece no cânone católico actual], com um dia festivo a
23 de Dezembro, aparentemente porque o seu corpo, enterrado numa capela em Stenay, milagrosamente, repeliu um ataque viquingue. No mínimo, isto mostra que, mesmo depois do eclipse da dinastia, era suposto que havia alguma coisa de especial em Dagoberto e, presumivelmente, em toda a dinastia merovíngia. Depois disso, as suas

relíquias tornaram-se no foco de um culto em Stenay. Contudo, há uma grande ironia nas pretensões dos Dossiers Secretos — o último herói merovíngio Dagoberto II pode, de facto, não ter sido merovíngio, mas um impostor...31
Dagoberto teve uma vida particularmente complicada, mesmo pelos padrões merovíngios. O seu pai — ou antes, suposto pai — Sigeberto in da Austrásia, não tendo filhos, adoptara o filho de Grimoaldo, o seu prefeito do Palácio, proclamando-o seu herdeiro. Vinte anos depois da morte de Sigeberto in, depois de muitas lutas mortíferas, o trono da Austrásia estava novamente vago e era objecto de uma luta pelo poder. Em 676, um jovem apareceu abruptamente, vindo das Ilhas Britânicas, e os seus apoiantes entre os nobres austrasianos afirmavam que ele era realmente filho de Sigeberto in.
Segundo a história, depois de o filho de Grimoaldo ter sido adoptado por Sigeberto, a rainha descobriu que estava grávida de um filho de Sigeberto. Para impedir que ele reclamasse o trono, Grimoaldo, secretamente, mandou a criança para o exílio na Irlanda, onde ele cresceu num mosteiro. Dizia-se que toda a memória da existência de Dagoberto fora apagada — mesmo a sua mãe julgava que ele tinha morrido. Mas agora ele estava ali, com vinte e cinco anos, reclamando os seus direitos adquiridos pelo nascimento. Embora alguns nobres o aceitassem, outros recusaram-no e, assim, durante três anos, até à sua morte, ele lutou para estabelecer os seus direitos.
O regresso do exílio é, evidentemente, muito suspeito. Também é suspeita a explicação do lugar onde ele estivera durante duas décadas; considerando as práticas do tempo, é muito mais provável que Grimoaldo o tivesse mandado matar sumariamente do que tê-lo mandado para a Irlanda.
Se quiséssemos inventar uma teoria da conspiração acerca de Dagoberto II, a mais óbvia seria a de que ele não era realmente... merovíngio.
222
Temos que admitir que há uma ironia particularmente evidente no facto de que o impostor merovíngio Pierre Plantard reclame ser descendente de um impostor merovíngio. Talvez seja essa a questão.
Outros mitos merovíngios
Se Sigeberto IV tivesse sobrevivido, poderia ter reivindicado um direito legítimo ao trono da Austrásia, mas não ao dos outros reinos francos. Mas os Dossiers Secretos alegam que, quando o resto da dinastia merovíngia se extinguiu, a linha que descendia de Sibeberto era a única representativa dos verdadeiros reis dos Francos — e, portanto, da França.
A maior parte das genealogias de Lobineau são exactas; apenas certas partes são questionáveis — mas são precisamente estas que são as mais importantes no que diz respeito à versão do Priorado. A genealogia merovíngia básica, por exemplo, está correcta — mas uma segunda esposa de Dagoberto, chamada Gisele, é uma inclusão extra. Os registos do tempo de Dagoberto são imperfeitos, e embora a existência do seu filho Sigeberto seja reconhecida, Dagoberto II teve apenas uma esposa conhecida, Matilda, que era, na realidade, uma princesa irlandesa. De facto, o seu segundo casamento com Gisele de Razès, que foi mãe de Sigeberto, é referido apenas nos Dossiers Secretos. Presumivelmente, Gisele foi inventada para estabelecer a ligação crucial com Rennes-le-Château.
Evidentemente, os «crentes» argumentam que esta história usou informação interna genuína, arquivos ou documentos secretos, desconhecidos dos historiadores oficiais. Mas os erros são verdadeiras denúncias e, obviamente, as adições são completas invenções.32 O grande problema é que eles afirmam que Gisele era filha de Bera II, o segundo conde de Razès — um pouco complicado, porque ele só adoptou esse título em 845, mais de um século e meio após o nascimento do seu suposto neto!33 E, seja como

for, não existia nenhum conde de Razès no tempo de Sigeberto: o título foi criado por Carlos Magno, que o conferiu a William de Gellone, uma das mais ilustres figuras do seu tempo, que entrou na lenda como a epítome do cavaleiro corajoso e piedoso.34 (Por acaso, William de Gellone é um interveniente importante na reconstrução da história de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, como parte da descendência merovíngia, embora seja conspícuo pela ausência entre os descendentes merovíngios segundo a versão do

Priorado. Os arquivos, certamente, perderam a oportunidade de usar um expediente ali!)
Depois, há a pretensão de que Godofredo de Bulhão — outro grande herói do seu tempo — era de descendência merovíngia (embora não do ramo principal), e que foi por essa razão que ele considerava a coroa de Jerusalém como legitimamente sua. A ideia de que a ascendência de Godofredo poderia remontar aos merovíngios está agora tão divulgada e foi tantas vezes repetida que é considerada como história estabelecida. E, no entanto, ela é manifestamente não verdadeira.

Godofredo (ou Godfrey), conde de Bulhão e duque de Lorena (1061-1100) foi, como vimos, um dos líderes da Primeira Cruzada que conquistou Jerusalém em 1099. Os outros líderes militares, seus companheiros, alegadamente, ofereceram-lhe o título de rei de Jerusalém, mas as evidências sugerem que tudo o que lhe foi oferecido foi o papel de «Defensor do Santo Sepulcro». (Godofredo morreu um ano depois e o seu irmão Balduíno — ou Baldwin — tornou-se o primeiro rei de Jerusalém.)

Segundo Lobineau, a ancestralidade merovíngia de Godofredo aconteceu porque o seu avô paterno, Eustache, conde de Bolonha, era filho de Hughes, «Nariz Comprido», o irmão mais novo do descendente merovíngio directo. Mas, segundo as biografias e genealogias habituais, a ancestralidade de Eustache, pelo seu lado paterno, remonta aos prefeitos do Palácio da Neustria — e a Carlos Magno! Além disso, pelo lado materno, Godofredo era também descendente directo de Carlos Magiw, portanto, da dinastia que tinha usurpado o trono merovíngio. Como escreve o historiador John C. Andressohn: «Godofredo de Bulhão descendia de ilustres antepassados. Tanto o ramo paterno como o materno reclamavam-se descendentes de Carlos Magno, uma reivindicação que parece fundamentada».35 Por outras palavras, Godofredo era sobretudo (e orgulhosamente) Carolíngio, e não há nenhuma evidência — à margem dos Dossiers Secretos — de que ele tivesse algum sangue merovíngio.

As genealogias Lobineau também obscurecem o facto de que Godofredo tinha um irmão mais velho, Eustache, conde de Bolonha (c. 1058-112S)36, ao colocá-lo à direita de Godofredo na árvore genealógica, como se ele fosse um irmão mais novo. Evidentemente, se (como os futuros Dossiers Secretos alegam) o Priorado de Sião tivesse manipulado os acontecimentos para pôr um descendente merovíngio no trono da Cidade Santa, por direito próprio, eles deveriam ter escolhido o irmão mais velho de Godofredo.

Segundo O Sangue de Cristo e o Santo Graal, Godofredo foi o único líder cruzado a vender todas as suas terras, propriedades e bens antes de partir para a Terra Santa, sugerindo que ele sabia de antemão que seria proclamado Rei de Jerusalém. Mas como escreve o historiador britânico Johnathan Riley-Smith: «Até se tornar Cruzado, ele não demonstrara qualquer piedade assinalável e é claro, pelos termos dos contratos de hipoteca que redigiu em 1096, que ele não tinha nenhuma intenção definitiva de se fixar no Oriente».37 Na realidade, Godofredo hipotecou todos os seus bens aos bispos de Liège e de Verdun para angariar fundos para a Cruzada, no pressuposto de que eles seriam redimidos quer por ele próprio quando regressasse (com o esperado saque), quer, se ele morresse na expedição, pelo seu irmão.38

Godofredo também financiou a sua cruzada através de um sistema de pagamentos exigidos aos Judeus para que as suas propriedades não fossem atacadas por criminosos, e que foi imposto às comunidades judaicas em Colónia e Mainz, que ele perseguiu brutalmente até que cada uma das cidades tivesse concordado em lhe pagar 500 moedas de prata para subomar os agressores ao seu serviço.39 Isto é difícil de conciliar com o facto de Godofredo ser não só de descendência judaica como de estar também plenamente consciente do facto.
Baigent, Leigh e Lincoln afirmam também que Godofredo foi a primeira pessoa a quem foi oferecida a coroa de Jerusalém. De facto, as crónicas contemporâneas mostram que ela foi inicialmente oferecida a Raymond, conde deToulouse, e que foi apenas quando este a recusou — porque queria voltar para a sua terra'— é que Godofredo foi considerado. Pobre Godofredo! Mas há pior. Não só é certo que Raymond de Toulouse foi o primeiro a quem foi oferecida a coroa, como também o cronista contemporâneo Albert de Aaschen regista que ela foi então oferecida a — e recusada por — todos os outros líderes cruzados antes que Godofredo a aceitasse. Como escreve Andressohn: «Por pouco lisonjeiro que possa ter sido para ele, Godofredo, pela mais mera das coincidências, tornou-se governador de Jerusalém, a verdadeira origem da sua futura fama».40
Tudo isto enfraquece fatalmente as pretensões dos Dossiers Secretos relativamente a Godofredo. Mas por que fez o Priorado todos os possíveis para o associar aos Merovíngios? Evidentemente, havia a considerar a distinção do título de Rei de Jerusalém estar associado ao Priorado de Sião — assim como a ideia lisonjeira de que a sociedade secreta tinha o poder de planear uma eleição de tão alto nível, e talvez até de manipular toda a Cruzada para atingir os seus objectivos. Mas

os documentos também registam que Godofredo foi o fundador da «Ordem de Sião» em 1090.41
Godofredo fundou uma Abadia de Nossa Senhora de Monte Sião em Jerusalém, que se vangloriava da existência de uma ordem de cavalaria associada. Como conseguiu o autor, ou autores, dos Dossiers Secretos descobrir esta peça de informação tão obscura? Voltaremos a esta questão mais tarde.
Uma característica única da genealogias de Lobineau é que elas se tornam menos detalhadas à medida que se aproximam do presente; as dos Condes de Razès — impossíveis de verificar por qualquer fonte independente — estão cheias de detalhes sobre as famílias com as quais contraíram casamentos. Mas depois de 1500, os casamentos dos membros masculinos dos descendentes directos da linhagem merovíngia tornam-se um pouco vagos — apenas uma lista dos nomes das esposas. Claramente, nesta altura, essas famílias são uma completa ficção, portanto, Lobineau tem que evitar associá-las a alguém cuja vida possa ser verificada.
«Este grupo muito exclusivo»
Mas se, como acreditamos, todo o caso merovíngio era essencialmente desinfarmação, de onde veio a ideia? Obviamente, os Merovíngios foram escolhidos porque eles suscitavam uma evocação particularmente «excitante» e mítica, mas a ideia de os restituir ao trono de França era original, ou o Priorado tinha-a aproveitado, ou mesmo herdado?
Há uma pista num pequeno livro chamado O Enigma de Rennes (l 978) de Philippe de Chérisey, que inclui uma suposta entrevista com uma personagem elusiva (e possivelmente inexistente) chamada Henri de Lénoncourt, citando-o como tendo dito: «Um Partido Merovíngio existe há 60 anos: o Cercle du Lys, sendo o seu verdadeiro fundador Johann Stefan von Habsburg, chamado "Monsieur de Chambord", mas

Simone de Beauvoir, no seu livro La force de l’age, indica outro fundador: Lionel de Roulet; este grupo muito restrito tem trezentos ou quatrocentos membros em Paris».42
A atribuição do «Partido Merovíngio» a Johann Stefan von Habsburg — aparentemente, uma confusão com Johann Salvator — parece ser uma tentativa de fraude, mas, com efeito, o partido foi fundado por um certo Lionel de Roulet. (Um tanto ousadamente, a renascida Vaincre de 1989 referiu-o como membro do Priorado de Sião.)
226
Aluno do famoso filósofo existencialista Jean-Paul Sartre — que lhe chamava «meu discípulo» — Lionel de Roulet casou com a irmã de Simone de Beauvoir, Hélène, em 1942. No segundo volume da sua autobiografia, La force de l’age (1960), a edição inglesa intitula-se The Prime ofLife, Beauvoir escreve:
Enquanto Sartre estava ausente, dei lições de Filosofia a Lionel de Roulet, que vivia então em Paris. Ele e alguns amigos tinham fundado um chamado Partido Merovíngio, que defendia, por meio de cartazes e panfletos, o regresso dos descendentes de Chilperico ao trono. Censurei-o por dedicar, como descobri, demasiado tempo a essas tolice; mas ele tinha um talento natural para a Filosofia e eu gostava muito dele.43
Claramente, foi esta a inspiração para a fantasia do Priorado de Sião, mas como é que os criadores dos Dossiers Secretos conheciam este movimento algo obscuro, anterior à guerra? A resposta parece encontrar-se, mais uma vez, nas agências dos serviços informação no tempo da guerra...
Em Maio de 1940, quando a guerra rebentou a sério, Lionel de Roulet e Hélène foram para Lisboa onde ele trabalhou para o Institut Français. Embora ele só o tivesse revelado pouco tempo antes da sua morte, enquanto esteve em Lisboa, envolveu-se em operações dos serviços de informação. Como país neutral, Portugal oferecia um canal de comunicação vitalmente importante para os agentes britânicos e a França Livre se infiltrarem mais no interior da Europa, e a incumbência de Lionel de Roulet era, basicamente, organizar as suas passagens — uma tarefa arriscada, porque os agentes alemães também actuavam em Lisboa — nas palavras de Claudine Monteil, a biógrafa da irmã de Simone de Beauvoir, «com mais discrição do que coragem.»44 Obviamente, o seu trabalho significava uma associação próxima com a SOE.
Imediatamente depois da guerra, de Roulet foi enviado para a capital austríaca, Viena (então na zona soviética), trabalhando para o Ministério dos Negócios Estrangeiros como «conselheiro responsável pela informação» — por outras palavras, reunindo informação secreta.45 Depois disso, os de Roulet instalaram-se na Alsácia, onde Lionel trabalhou para o Conselho da Europa até aos anos 80. Nos anos 60, ele estivera particularmente interessado na educação e nas organizações juvenis, ascendendo ao cargo de subdirector-geral das Relações Culturais do Conselho da Europa. Evidentemente, a associação de Lionel de Roulet
227
com o serviço de informações/SOE durante a guerra, e com um renascimento merovíngio, poderão ser pura coincidência...
Gravações em pedra
O documento seguinte dos Dossiers Secretos apareceu na Bibliothèque Nationale em Maio de 1966. Atribuído a um certo «Antoine 1’Ermite» — outro pseudónimo evidente, sendo Santo Antão, o Eremita uma das estátuas dos santos que Saunière colocou na sua igreja, cujo dia festivo é o misteriosamente «mágico» 17 de Janeiro — intitula-se Um Tesouro Merovíngio em... Rennes-le-Château.. ,46
O panfleto de nove páginas é, em grande parte — ostensivamente — um fac-símile directo do capítulo sobre Rennes-le-Château de Tesouros do Mundo, de Robert Charroux, com uma ou duas alterações menores. Por exemplo, onde Charroux regista

um dos aldeões como tendo dito que o segredo de Saunière se encontra «no fundo de um túmulo», «CErmite» transforma essa revelação em «sobre um túmulo». Mas a sua finalidade principal é reproduzir as pedras que se enquadram no mito em desenvolvimento — a lápide tumular do Marie de Nègre e a Pedra dos Cavaleiros. Esta é supostamente copiada de um livro não identificado, com a legenda «Pedra tumular carolíngia (771) encontrada em
1882-3 sob o altar da igreja romana de Rennes-le-Château, a antiga e muito delapidada capital do Condado de Razès.» O desenho apresenta a data «l 884». Isto é um disparate: Saunière, que chegou à aldeia apenas em 1885, levantou a Pedra dos Cavaleiros em 1887 ou 1888.
A laje de pedra ostentando o mote Et in Arcádia ego, (supostamente] proveniente da sepultura de Marie de Nègre, é novamente reproduzida, mas desta vez com a indicação de uma fonte: «Estampa extraída de Engraved Stones of the Languesço, de Eugène Stúblein, impresso em Limoux — 1884 — Biblioteca de M. Abbé Joseph Courtaly em Villarzel-du-Razès (Aude)». Muito especificamente, é uma referência à página 189 do livro de Stúblein.
O resto do panfleto conta a história já conhecida da descoberta dos quatro pergaminhos relacionados com a genealogia merovíngia — mas com uma nova peça de informação: antes de serem colocados no altar por Bigou, os pergaminhos foram encontrados «anexos ao testamento de François-Pierre, barão d'Hautpoul, de Rennes, e registado em 23 de Novembro de 1644 por Captier, notário de Espéraza (Aude)». Como vimos, este testamento existe, embora a sua importância, apesar de obvia-
228
mente grande, continua a ser algo confusa. A explicação apresentada aqui é que as «Actes Captier» eram genealogias dos merovíngios sobreviventes, implicando que elas acabaram por chegar ao abade Bigou, que as inseriu então dentro do pilar do altar, onde foram finalmente encontradas por Saunière.
Mas como é que elas chegaram até aos Dossiers Secretos? Uma nota no panfleto de Antoine l'Ermite explica que, em 1961, elas foram entregues à «Alpina» por Joseph Courtaly, de Villarzel-du-Razès — o mesmo padre que, quando jovem, ajudara Saunière a pintar o baixo-relevo de Maria Madalena no altar da igreja. Um homem doente, Courtaly retirara-se para a aldeia onde nascera, Villarzel-du-Razès, no verão de 1961, e fazia curas de águas em Rennes-les-Bains; foi ali que ele encontrou frequentemente Pierre Plantard.47 Mas ele morrera em Novembro de 1964, um ano e meio depois do seu documento ter aparecido na Bibliothèque Nationale.
Menos de um mês depois do depósito da obra de Antoine l'Ermite, o nome de Courtaly foi usado para conferir uma proveniência espúria a outra série de reproduções, cópias de figuras alegadamente extraídas do livro mencionado pelo Eremita, Pedras Gravadas do Languesço (Pierres gravées du Languesço), que inclui a seguinte explicação, assinada e datada por Courtaly (em Villarzel-du-Razès, em Abril de 1962):
O livro de Eugène Stúblein, edição de Limoux de 1884, tendo-se tornado muito raro, e sendo eu talvez uma das raras pessoas a tê-lo na sua biblioteca, devo a mim próprio satisfazer os numerosos pedidos de investigadores para fazer uma reprodução das gravuras do Livro, n.os 16a
23, sobre as aldeias e Rennes-les-Bains, Rennes-le-Château e Alet.
(O talão de depósito foi assinado por Antoine 1'Ermite, a sua morada foi indicada como uma residência no 17.° arrondissement, Paris.)
Infelizmente, o livro nunca existiu, embora o seu alegado autor, Stúblein (1832-99), fosse um homem real, que passou a maior parte da sua vida no Aude. Sendo um célebre meteorologista, escreveu também sobre as antiguidades locais, incluindo dois livros

sobre Rennes-les-Bains, publicados em 1884 e 1886. Mas em toda a sua produção bem documentada não há nada intitulado Pedras Gravadas do Languedoc.48

Se houvesse algum espaço para dúvidas, o Dossier repete um erro revelador de «Antoine TErmite»: o esboço da Pedra dos Cavaleiros ostenta a assinatura «Stúblein» com a legenda «Pedra do sepulcro dos

Príncipes Sigeberto IV, Sigeberto V e Bera in na igreja de St. Madalena». Mas sabemos que Saunière não foi nomeado para Rennes-le-Château antes de 1885 — um ano depois da suposta publicação do livro de Stúblein — e a superfície gravada da pedra continuou virada para baixo até às obras de restauro em 1887-88. Além disso, como poderia Saunière saber que esta pedra cobria as sepulturas dos sobreviventes merovíngios, porque foi este o suposto segredo descoberto por Saunière a partir dos pergaminhos?

Uma sugestão de heresia

Em Novembro de 1966, um outro documento, com apenas algumas páginas, foi depositado na Bibliothéque Nationale. Este revestia a forma de uma polémica, uma resposta de «S. Roux» a certas afirmações de um tal Lionel Burras, embora, obviamente, a sua verdadeira finalidade fosse «tornar conhecida» a verdadeira identidade de Henri Lobineau.49

Pela primeira vez, uma nota de heresia é introduzida na história da sobrevivência merovíngia. Até aqui, eles tinham sido considerados como os injustamente depostos reis de França, mas agora diz-se que a Igreja Católica receia os merovíngios devido a algum estranho segredo que eles poderiam revelar sobre o Catolicismo...

Primeiro, há uma cópia de um artigo alegadamente extraído da Geneve Catholic Weekly (Semanário Católico de Genebra), embora nunca tivesse existido uma publicação com esse título. Atribuído a Lionel Burrus, intitula-se «Fazendo o Ponto da Situação...» (Faisons lê point ...»). Curiosamente, foram enviadas cópias aos investigadores com um interesse conhecido no caso, incluindo René Descadeillas. Foram metidas no correio em Genebra, onde a família de Lionel Burrus era influente — mas ele morrera num acidente de automóvel aos vinte anos, em Setembro de 1966, dois meses antes de este documento ter aparecido.50 Um padrão distinto começa a emergir...

O suposto Burrus, que alega representar uma organização chamada Juventude Cristã Suíça, revela que Henri Lobineau é Leo R. Schidlof, que morrera recentemente em Viena (a 17 de Outubro, dezanove dias antes de o documento ter chegado à Bibliothéque Nationale). Burrus tem supostamente estado a defender o homem recentemente falecido de um ataque publicado «num boletim Católico Romano» acusando-o de ser «pró-soviético, um conhecido maçónico, [e] preparar [o terreno para] uma monarquia popular em França». O motivo para este ataque,

diz Burrus, é o ódio do Vaticano aos descendentes dos Merovíngios, que «estiveram sempre na origem das heresias, desde o Arianismo, passando pelo Catarismo e os Templários até à Franco-maçonaria». (Devido à crença de que Jesus era um homem mortal, não o Filho de Deus, o Arianismo foi rejeitado pela Igreja Romana — por votação — no Concílio de Niceia em 325. Foi declarado uma heresia e os seus aderentes perseguidos, embora se mantivesse popular nas áreas fora do controlo de Roma. Os Visigodos eram devotos deste culto.)

Leo Schidlof era, na realidade, um especialista em miniaturas, autor da vasta (e ironicamente enorme) The Miniature in Europe in the 16th, 17th, l Sth e 19th Centuries.5^ Embora nascido na Áustria, viveu em Londres entre 1948 e 1966, e morreu durante uma viagem a Viena. Mas ele seria também Henri Lobineau? Nenhum investigador conseguiu estabelecer a mais pequena ligação entre ele e o Priorado de

Sião, muito menos com os Dossiers Secretos, ou que ele possuísse um interesse especial nos Merovíngios — ou mesmo em genealogias. Este indivíduo conveniente e recentemente falecido foi usado para dar um identidade a Henri Lobineau, presumivelmente para evitar perguntas embaraçosas quanto à sua existência. (Como tanto Schidlof como Burrus eram bastante conhecidos, podemos supor que a notícia das suas mortes foi conhecida pelos jornais.) Revelando os seus labirínticos processos de pensamento, os criadores dos Dossiers Secretos aproveitaram a oportunidade para introduzir uma «correcção» à sua história prévia. Embora «Burrus» repita o argumento de que Schidlof obteve do abade Hoffet os detalhes sobre a sobrevivência merovíngia, há agora uma correcção:

... o abade Hoffet não recebeu em 1892 [sic], aos 19 anos, a missão de traduzir os pergaminhos de Bérenger Saunière... Temos perante os nossos olhos o conteúdo do texto alemão, e esta é a exacta tradução: «... o meu amigo Hoffet prosseguia os seus estudos em Paris, em 1892, e conheceu, no decurso de um jantar em casa de Ane, o cura Saunière; ele tinha 19 anos, e este era o seu primeiro contacto com o caso merovíngio. Saunière tinha sido enviado por monsenhor Billard, de Carcassonne... ao abade Bueil, director de Saint-Sulpice, e monsieur Ane era seu sobrinho...» Henri Lobineau, por conseguinte, nunca escreveu que Saunière foi procurar o abade Hoffet, que ainda não fora ordenado padre, para traduzir os seus pergaminhos!

É correcto que, em 1892 (o ano para o qual o acontecimento de
1891 foi imediatamente transferido), Hoffet ainda era um noviço, e que foi ordenado seis anos depois. Mas o relato «Henri Lobineau»

original referia isso. Repentinamente conscientes dos seus erros, o compositor ou compositores dos Dossiers Secretos aproveitaram esta oportunidade ideal para inventar uma correcção, simulando que era um erro de tradução, mas que também os habilitava a introduzir a evocativa igreja de Saint-Sulpice no desenvolvimento da história.

«S. Roux» apresentou uma esperada resposta, intitulada «The Rennes-le Château Affair: A Reply to Monsieur Lionel Burrus», basicamente, repetindo e exagerando as afirmações sobre Schídlof — e os Merovíngios — como tendo sido rejeitadas por Burrus. Roux continuava a afirmar que Schidlof era um «dignitário da Grande Loja Alpina na Suíça, e não escondia os seus sentimentos de amizade com os Estados do Leste, o que não o impedia de ser um bom agente secreto suíço e um homem honesto e bom.» Sugere que, na altura da sua morte, Schidlof «preparava um futuro acordo franco-russo»!

Outro documento, depositado alguns meses depois, identificava Roux como o pseudónimo do abade Georges de Nantes.52 Isto era particularmente arriscado — não só de Nantes estava bem vivo nessa altura, como também era bastante conhecido como o padre católico ultratradicionalista que tivera a temeridade de declarar o Papa Paulo VI herético devido às suas opiniões liberais. Interrogado pelos investigadores franceses, o abade de Nantes negou que fosse o autor desse opúsculo — ou que tivesse qualquer conhecimento do caso de Rennes.53

Roux alega que, como os Merovíngios foram injustamente afastados do seu trono por uma conspiração de Carolíngios e da Igreja, «os descendentes [merovíngios] foram sempre, desde Dagoberto II, agitadores secretos contra o poder real em França e à Igreja. Foram apoiantes de todas as heresias. O regresso ao poder de um descendente merovíngio seria para a França a proclamação de um estado popular aliado à União Soviética, com o triunfo da Maçonaria». Por outras palavras, os «secretos» merovíngios apoiaram tradicionalmente todos os movimentos heréticos simplesmente porque eles também odiavam a Igreja.

Roux planta outra pequena semente que iria florescer alguns meses depois, num dos episódios mais desconcertantes de todo o caso de Rennes-le-Château. Depois de repetir a afirmação de que os extractos «Eugène Stúblein» foram reproduzidos pelo abade Courtaly, ele acrescenta, «Este padre também cedeu reproduções da genealogia dos descendentes de São Dagoberto a M. Fatin, de Rennes-le-Château, à Internacional League of Antiquarian Booksellers, 39, Great Russell Street, Londres, a Antoine 1'Ermite, etc.»
Na altura em que o documento de Roux apareceu, Marius Fatin, o proprietário do Castelo de Rennes-le-Château, ainda estava vivo —
embora viesse a morrer dentro de poucos meses, no princípio de 1967. Entre as duas guerras, Fatin serviu na marinha mercante, fixando-se no Líbano (então um protectorado francês) em 1920, onde fundou a Escola Ultramarina do Levante («École Outre-Mer au Levant) para os filhos dos colonos franceses.54 Durante a guerra, alistou-se na França Livre do Levante, assumindo um papel importante no movimento do general de Gaulle. Descrevendo-o como um «companheiro da Libertação», Jean Blum refere que ele «figurava entre os fiéis no seio dos fiéis do general de Gaulle».55 Na verdade, segundo os aldeões, Fatin recebia um cartão de felicitações enviado anualmente pelo general. Também foi descrito como «um arqueólogo e um maçónico de alta hierarquia.».56 Ele comprara o arruinado castelo de Rennes em 1946, quando a situação do pós-guerra se tornara mais segura.
Para aumentar a confusão, no fim dos anos 70, outro candidato foi sugerido como o verdadeiro Lobineau: um certo Henri, conde de Lénoncourt, que, alegadamente, adoptou como pseudónimo o nome da sua rua, a Rue Lobineau em Paris — e que era também, de novo supostamente, um amigo de Schidlof. Segundo Phillipe de Chérisey, supõe-se que Lénoncourt tivesse morrido em 1978, aos oitenta e sete anos — mas, como sempre, antes de a identificação ter sido tornada pública. Contudo, embora Baigent, Leigh e Lincoln aceitem Lénoncourt como «Lobineau», os nossos melhores esforços e os de outros investigadores no Reino Unido e em França não conseguiram encontrar nenhuma prova de que este particular conde de Lénoncourt tivesse existido. Como o último detentor conhecido deste título nascera em
1872, ele teria uns improváveis 106 anos em 1978.57
Noutro desenvolvimento inesperado, Gino Sandri afirma agora que o conde de Lénoncourt era o pseudónimo de um antigo agente da SOE que serviu na França Ocupada e na Suíça durante a guerra, e que compôs as genealogias sob outro pseudónimo, Henri Lobineau. Sandri identifica-o apenas como «Monsieur N.», um conhecido de Leo Schidlof, que é a razão por que o nome de Schidlof foi usado antes.58 Como sempre, isto deve ser considerado com muita cautela.
Outra intrigante conexão britânica
O último dos Dossiers Secretos, Os Ficheiros Secretos de Henri Lobineau (Abril de 1967), era outra colecção de vários documentos. Embora o tratemos com mais detalhe no lugar pertinente, por agora devemos considerar apenas um documento particular porque ele se refere

a uma carta importante, datada de 2 de Julho de 1966, dirigida a Marius Fatin, ostensivamente pela International League of Antiquarin Booksellers, de Londres — uma organização autêntica — como consequência de uma visita feita por dois dos seus representantes:
Depois da nossa visita da semana passada ao seu castelo de Rennes, e antes de partirmos de França, temos o grande prazer de o informar que o seu castelo é, com

efeito, historicamente o mais importante de França, porque esta residência foi o refugio em 681 do Príncipe Sigeberto [sic] IV, filho do Rei Dagoberto H, que veio a ser São Daboberto, assim como dos seus descendentes, os condes de Rhedae e duques [sic] de Razès. Factos comprovados por dois pergaminhos com o selo da rainha Branca de Castela... juntamente com o testamento de François Pierre d'Hautpoul, registado em 23 de Novembro de 1644 por Captíer, notário, em Espéraza [Aude], documentos comprados em 1948 pela nossa Liga, com parte da biblioteca do abade E. M. Hoffet, 7, Rue Blanche em Paris, que possuía estes documentos do abade Saunière, antigo cura de Rennes-le-Château. A pedra tumular de Sibeberto IV figura no livro de Stíiblein, edição de Limoux, de 1884, e foi encontrada na igreja de Santa Madalena em Rennes-le-Château... O seu castelo é, portanto, duplamente histórico!
Infelizmente, as duas assinaturas são indecifráveis.
Evidentemente, o resumo e a confirmação de todos os factos importantes da história são, até agora, demasiado claros. Franck Marie e Pierre Jarnac determinaram, sem qualquer dúvida, que esta carta é uma fraude: não só a Liga negou repetidamente qualquer conhecimento deste caso, como a carta foi escrita em papel timbrado que eles usaram apenas entre 1948 e 1950.59 (Embora, curiosamente, a carta refira que a Liga adquiriu os pergaminhos em 1948, quando eles ainda usavam aquele tipo de papel timbrado.)
A conclusão óbvia é que se trata de uma clara farsa, empregando o estratagema usual dos Dossiers Secretos, de apresentar uma carta com uma data anterior, depois morte de Marius Fatin, para dar uma credibilidade espúria à ideia de que os famosos pergaminhos estavam agora na posse da International League of Antiquarian Booksellers, em Londres. Afinal, uma cópia apareceu na Bibliothèque Nationale apenas em Abril de 1967, embora recebesse mais publicidade que a maior parte dos Dossiers Secretos. Um mês depois, La Dépêche du Midi ostentava o título «"Historicamente o Mais Importante de França" — O Castelo de Rennes-le-Château Condenado a Desaparecer».

Mas... uma fotografia de Marius Fatin, com uma carta na mão, aparece em O Tesouro do Triângulo Dourado, 1979, de Jean-Luc Chaumeil. Isto significa que a carta existia quando Fatin ainda estava vivo, embora a fotografia não prove nada excepto que alguém lhe tirou uma fotografia quando ele olhava para um manuscrito — e a identidade do fotógrafo não é revelada. Mas como a carta se refere a uma visita de dois representantes britânicos da Liga, seria estranho apresentar a carta a Fatin se os visitantes nunca tivessem chegado. Além disso, Henri, filho de Marius Fatin — que continuava a viver ali depois da morte de seu pai — nunca alegou que a carta fosse uma falsificação, nem declarou que essa visita nunca aconteceu, nem na altura do artigo do Dépêche nem sempre que ela era citada nos anos que entretanto passaram.
Isto causa muita perplexidade: a carta é, inquestionavelmente, uma farsa, contudo, o comportamento de Fatin sugere que ela era um seguimento de uma visita genuína. Evidentemente, seria bastante fácil a duas pessoas aparecerem em Rennes alegando que vinham da parte da International League — mas elas teriam que ser, ou pelo menos passar por, Ingleses. Isso exclui Plantard, e, embora o actor Phillipe de Chérisey pudesse talvez conseguir fazer uma interpretação adequada, os dois homens eram conhecidos na aldeia devido às suas visitas anteriores. (Os aldeões têm uma longa memória para rostos, como sabemos por experiência.] Uma alternativa seria que o próprio Marius Fatin estivesse implicado no plano, mas não há provas disso. Seja como for, a conclusão seria a mesma — Plantard e de Chérisey não agiam sozinhos.
Mais uma vez, o que se estaria a passar? Parece ser outro estratagema destinado a conferir aparente credibilidade à história da sobrevivência dos Merovíngios, desta vez

estendendo uma pista até Londres. Mas há uma conclusão inevitável: tal como Plantard e de Chérisey parecem ter tido, no mínimo, um confederado na Suíça, dois outros eram aparentemente Britânicos. Seja como for, qualquer coisa que estivesse a acontecer, seria mais um exercício de grupo do que o esforço de um único mitomaníaco, como os críticos preferem acreditar.

O mistério da Serpente Vermelha

Indiscutivelmente, o mais famoso e mais interessante dos Dossiers Secretos é a curiosa obra intitulada A Serpente Vermelha (Lê serpent rougé), com o subtítulo «Notas sobre Saint-Germain e Saint-Sulpice».60 Muito diferente dos documentos anteriores, não tendo nenhuma ligação

235

clara nem com Rennes-le-Château, nem com a sobrevivência merovíngia (embora a ligação exista para os conhecedores), é uma colecção de páginas copiadas de outras obras relacionadas com a igreja de Saint-Sulpice, na zona de Saint-Germain-des-Prés na margem sul de Paris. Mas o inesquecível «poema em prosa» inicial despertou mais atenção que todos os outros Dossiers Secretos (Consultar o Apêndice II).

Mistério — ou antes, fraude — rodeiam a data e o autor do documento, e introduz uma nota distintamente macabra. Datado de

17 de Janeiro de 1967, a obra, no seu conjunto, é atribuída a Pierre Feugère, Louis Saint-Maxent e Gastom Koker, embora o poema seja atribuído apenas a Saint-Maxent. O talão de depósito, assinado pelo antigo polícia Feugère, está datado de 15 de Fevereiro de 1967, mas o carimbo oficial tem a data de 20 de Março. A diferença entre as duas datas é particularmente importante — os três supostos autores estavam vivos na primeira data, mas estavam todos mortos na segunda.

Os três homens enforcaram-se durante a noite ou na madrugada de 6-7 de Março de 1967: Saint-Maxent e de Koker na noite de 6 de Março, e Feugère cerca das 6 horas da manhã seguinte. Isto parece ser outro exemplo de que, quem quer que estivesse por trás dos Dossiers Secretos, usava abusivamente os nomes de pessoas recentemente falecidas — como nos casos do abade Courtaly, Leo Schidlof e Lionel Burrus. Desta vez, no entanto, o motivo parece ter sido muito diferente: enquanto os outros foram usados para bloquear o prosseguimento das investigações, desta vez é introduzida uma nota nova e urgente de perigo, mistério e excitação.

Depois de uma investigação meticulosa destas mortes, Franck Marie concluiu que os três homens não só não tinham qualquer ligação com a Serpente Vermelha ou com alguém implicado com o Priorado de Sião, como também: «Nenhum elo conhecido na altura unia estes três homens. Por esta razão, três inquérito de suicídio foram realizados pela polícia, separadamente» (a ênfase é do autor).61 Além disso, ele determinou que a Serpente Vermelha e o impresso de dépôt legal foram dactilografados na mesma máquina, a que também foi usada para os Dossiers Secretos que apareceram antes e depois das mortes (Os Descendentes Merovíngios de 1964 e Os Ficheiros Secretos de Henri Lobineau de Abril de 1967).

Claramente, atribuir A Serpente Vermelha a estes três homens era uma fraude. A explicação óbvia é que os verdadeiros autores repararam nas convenientes tragédias, usaram os seus nomes, e inscreveram no talão de depósito uma data anterior. Mas há um elemento distintamente

236

macabro que sugere que poderia haver mais alguma coisa neste caso. O frontispício da Serpente Vermelha apresenta as moradas — todas correctas — dos três alegados autores em, respectivamente, Pontoise, Argenteuil e Ermont, todos subúrbios muito próximos do noroeste de Paris (Argenteuil e Ermont distam 3 quilómetros entre si, e Pontoise fica

a cerca de 16 quilómetros de ambos.) Presumivelmente, três suicídios idênticos, mas sem relação entre si, num raio de 15 quilómetros, na mesma noite, são algo parecido com uma raridade (a não ser que a taxa de suicídios em Paris seja absurdamente elevada). Ou havia alguma ligação entre as três mortes, que a polícia nunca descobriu, ou foram uma coincidência num milhão.
Se existisse alguma ligação não detectada entre os três homens, isso implicaria que o verdadeiro autor de A Serpente Vermelha tinha conhecimento dela. Em qualquer caso, é difícil reduzir esta complexo plano a uma «simples» fraude.
A serpente fala
O poema em prosa que inicia A Serpente Vermelha compreende treze «estrofes», cada uma delas relacionada com os signos do zodíaco (além de um décimo terceiro, Ofíuco, o serpentário), cujo significado é velado e difícil de compreender, representando uma peregrinação ou viagem iniciática. O objecto da «demanda» é encontrar uma «bela adormecida», equiparada a ísis e a Maria Madalena — ambas ícones e arquétipos óbvios da representação do sagrado feminino.
Os que estão familiarizados com a área em volta de Rennes-le-Château e Rennes-les-Bains compreenderão a maior parte das alusões enigmáticas. Por exemplo, a segunda estrofe (Peixes) refere-se ao «nautonnier da arca imortal, impassível como uma coluna sobre a sua rocha branca, olhando para sul [midi], para além da rocha negra», referindo-se a Blanchefort e à vizinha Rocque Nègre. A sexta estrofe, Caranguejo, refere-se ao pavimento de mosaicos brancos e pretos para o qual Jesus e Asmodeu dingem o seu olhar, obviamente é uma descrição do interior da igreja de Rennes-le-Château. No contexto de uma pia de água benta, a estrofe também usa a frase Par cê signe tu lê vaincras — com o seu anómalo «lê» unicamente encontrado ali.
A oitava estrofe, Virgem: «Eu sou como os pastores do célebre pintor Poussin, perplexos perante o enigma: «Et in Arcádia ego...» é outra referência aos Pastores da Arcádia, de Poussin, aos quais regressaremos
237
em breve. Há também alusões ao pintor Eugéne Delacroix e ao «sinal» que ele deixou nos três quadros da Capela dos Anjos», uma referência clara às suas pinturas em Saint-Sulpice, criando outra pista irresistível.
Outro exemplo, da décima estrofe (Escorpião), referindo-se a Jacques Olier, o construtor de Saint-Sulpice (a ênfase como no original): «... Eu compreendo a verdade, ele passou [ilestpasse], mas também fazendo-lhe o bem [enfaisant lê bien], assim como aquele do túmulo florido [Tombe fleurie]». Lembramos que o túmulo de Paul-Urbain de Fleury, no cemitério de Rennes-les-Bains, também apresenta a inscrição «I/ est passe en faisant k bien», com o significado lato de «ele passou o seu tempo a fazer o bem». Só alguém com um detalhado conhecimento da área compreenderia a alusão.
O resto de A Serpente Vermelha consiste em páginas copiadas de outros livros — tanto quanto podemos determinar, todos genuínos — sobretudo relacionados com Saint-Sulpice ou com o próximo Sait-Germain-des-Près. (Há também quadros e árvores genealógicas que não têm nenhuma finalidade particular excepto a de forçar a entrada dos importantíssimos Merovíngios.)
Claramente, «eles» implicam — ou forjam — uma ligação entre Rennes-le-Château e Saint-Sulpice, mas o último teria sido implicado na história acidental ou intencionalmente? O que há de tão especial nesta igreja parisiense? Ao contrário de Rennes-le-Château, Saint-Sulpice já estava bem implantado no mapa esotérico de França, tendo um lugar importante no romance sobre o Satanismo na França do século dezanove, Lá em Baixo (Lá-Bas, 1891) de J.-K. Huysman. Este frequentava os mesmos

salões ocultistas que Emma Calvé — cujo biógrafo, Jean Contrucci, o descreveu como «católico, mas esoterista lucíferíno».62
Embora sempre tenha existido uma igreja de Saint-Sulpice naquele lugar, pelo menos desde o século treze, originalmente ela era apenas uma pequena igreja paroquial nos terrenos da Abadia de Saint-Germain-des-Près. O santo que deu o nome à igreja, Sulpice ou Sulpicius, era um bispo do século sexto, por conseguinte, do período merovíngio — de facto, ele era bispo de Bourges, a cidade escolhida como o centro místico da França no contributo de Plantard para Os Templários Estão entre Nós, já em 1961. O dia festivo de Saint-Sulpice é 17 de Janeiro, que, por razões nunca explicadas, é recorrente nos Dossiers Secretos.
No entanto a imponente igreja actual — cobrindo quase a mesma área que Notre-Dame de Paris — data dos séculos dezassete e dezoito.63 O inspirador deste projecto, talvez demasiado ambicioso, foi o padre de Saint-Sulpice, o enérgico abade Jean-Jacques Olier (1608-57),
238
mencionado em A Serpente Vermelha, que fundou também o seminário que se transformou na Sociedade de Padres de Saint-Sulpice (ou «São-Sulpicianos»). Como se isso não bastasse, Olier foi também uma pessoa importante na Companhia do Santo Sacramento (Compagnie du Saint-Sacrement), cuja sede era em Saint-Sulpice, fundada no final dos anos 20 do século dezassete e dissolvida cerca de quarenta anos mais tarde. Embora fosse ostensivamente uma organização de caridade, desde os primeiros anos do século vinte, muitos historiadores franceses respeitáveis argumentam que ela era apenas uma organização de fachada, na verdade, uma sociedade secreta com objectivos religiosos e políticos, uma das várias facções que, nessa altura, competiam pela influência sobre o Rei e outras instituições.64 Como escreveu o historiador abade Alphonse Auguste: «Tão bem ela soube manter-se na sombra que os seus contemporâneos não tinham conhecimento da sua existência e mesmo os que estavam sob a sua influência não suspeitavam que eram algumas vezes, em acções que eles acreditavam serem muito espontâneas, apenas os executores das intenções da Companhia».65
Mas passava-se mais qualquer coisa, que talvez tivesse uma conexão sexual — ou, no mínimo, usasse talentos femininos bastante invulgares. Como escreve o historiador Alain Tallon:
Todavia, existe uma característica particular: a capacidade dos mais importantes membros da Companhia para estabelecer relações de «amizade espiritual» com mulheres inspiradas, geralmente de um ambiente social bastante modesto. Duas das mulheres eram muito conhecidas: a viúva de um negociante de vinhos,'Marie Rousseau, e uma simples camponesa normanda, Marie de Vallées. A primeira era a mística que inspirou Olier, para cuja conversão ela contribuíra... Uma auxiliar da reforma de Saint-Sulpice, Marie Rousseau sabia que Olier acreditava nas suas visões.66
Como o seu nome e a qualidade dos seus associados sugerem, a Companhia era firmemente católica — embora Baigent, Leigh e Lincoln refiram que ela era considerada com cautela pelos bispos e ordens católicas, como os Jesuítas, e há indicações de que alguma coisa bastante mais heterodoxa se encontrava por trás da sua fachada.67 De facto, o Priorado de Sião alegou que a Companhia do Santo Sacramento era uma fachada para a sua agenda do século dezassete — o que é particularmente interessante porque ela também foi chamada o equivalente do século dezassete ao Opus Dei.68
Os principais membros da Companhia incluíam Nicolas Pavillon,

que foi Bispo de Alet (agora Alet-les-Bains), perto de Rennes-le-Château, e Charles Fouquet, Bispo de Narbonne, que mostrou especial interesse noutro lugar significativo perto de Rennes-le-Château, a basílica de Notre-Dame de Marceille, mesmo à saída de Limoux.69. Parece demasiada coincidência que logo que começamos a investigar Saint-Sulpice e a Companhia do Santo Sacramento acabamos muito perto de Rennes-le-Château, a residência da família Hautpoul.
No entanto, diz-se que Saint-Sulpice tem segredos próprios. Como os entusiastas de O Código Da Vinci se recordarão, a igreja contém um aparelho astronómico conhecido como um gnómon (na verdade, é a obra do inglês Henry Sully, que o instalou em 1727), projectado para dar informação sobre os equinócios e os solstícios, os pontos-chave do ano. Embora útil para calcular as datas de certos dias santos, particularmente a Páscoa, mesmo no século dezoito o gnómon era basicamente uma curiosidade. Mesmo assim, é um objecto tão identificativo para ser encontrado numa igreja que, instintivamente, queremos saber mais sobre ele.
Basicamente, uma tira que marca o meridiano norte-sul, o gnómon segue pelo pavimento em direcção a um obelisco embutido na parede norte. Todos os dias, quando o sol estava no zénite (directamente para sul) ele penetrava através de uma janela especialmente construída —já desaparecida — que projectava um círculo de luz sobre a tira de bronze. À medida que os dias se tornavam mais curtos e o sol estava mais baixo, o círculo de luz afastava-se da janela e, finalmente, aproximava-se do obelisco até um ponto que marcava o solstício de inverno.
Esta curiosidade está relacionada com o Meridiano de Paris, a longitude zero francesa, usada pelos cartógrafos franceses antes de o Meridiano de Greenwich se tornar no padrão internacional. Embora os puristas refiram que o meridiano está, de facto, a uns 200 metros a leste da tira de bronze que se encontra na igreja, isso depende da largura que um meridiano deva ter — 200 metros não é demasiado incorrecto. E como o túmulo de Saint-Sulpice, em Bourges, está exactamente sobre o Meridiano de Paris, claramente que há uma associação de ideias entre o santo e o meridiano. (O meridiano atravessa também a área de Rennes-le-Château, a cerca de 1,25 quilómetro a leste de Rennes-les Bains.)
Saint-Sulpice é também famoso pelas suas pinturas de Eugène Delacroix (l 798-1863), que são destacadas em A Serpente Vermelha, e também aludidas na mensagem codificada num dos «pergaminhos de Rennes-le-Château».70 Em consequência, os investigadores e entusiastas debruçaram-se sobre as suas obras durante décadas, embora sem

qualquer sucesso na sua «descodificação». (Pode ser ou não coincidência, mas o avô de Jean Cocteau conhecia Delacroix e comprou pinturas no seu estúdio.)71
Talvez tenha algum significado que a igreja fosse também uma favorita de Maurice Barres, que escreveu nos anos 20: «Durante vinte ou trinta anos, não passei um mês sem visitar em Saint-Sulpice, na Capela dos Anjos, o famoso fresco de Eugène Delacroix, Jacob lutando com o Anjo».72
Mas, mais uma vez, o excitante turbilhão de conexões caleidoscópicas — Saint-Sulpice... 17 de Janeiro... Bourges... a Companhia do Santo Sacramento... Alet-les-Bains... Barres — ocasionalmente, abranda o ritmo durante o tempo suficiente para formar um padrão impressionante antes de se transformar em fragmentos sem sentido, mais uma vez. Certamente, alguma coisa importante se passa, mesmo que não saibamos o que é. Mas a inteligência investida é difícil de exagerar. Se o conjunto dos Dossiers Secretos foi forjado desde o princípio, então os seus inventores tiveram ou uma sorte extraordinária — terem escolhido os lugares que, por coincidência, estão associados a

outras partes da história — e foram espantosamente hábeis, ou tiveram acesso a genuína informação interna, associando-a a um cenário inteiramente fictício precisamente com a finalidade de impressionar.
Mas isto conduz a alguma coisa? Para além de chamar a atenção para Rennes-le-Château e Saint-Sulpice, esta pista parece ser uma espécie de beco sem saída; durante mais de três décadas, investigadores e interessados tentaram seguir esta pista, mas" que saibamos, ninguém encontrou nada, no sentido de lucro material ou iluminação espiritual. Embora um alto grau de criatividade tivesse sido investido nesta obra, em última análise, a sua única finalidade parece ser desperdiçar tempo. (Além disso, nada em A Serpente Vermelha corresponde à mitologia merovíngia, ou se coaduna com a pretensão de Plantard de ser o herdeiro de Dagoberto II.)
Ao tentar compreender a finalidade que inspirou o mais enigmático dos Dossiers Secretos, temos que o compreender como ele teria sido considerado quando apareceu pela primeira vez, na primavera de 1967. Um texto estranho e enigmático aparece na Bibliothèque Nationale, já considerado misterioso devido às mortes dos três alegados autores. Compreensivelmente, chegaríamos à conclusão de que — se custou três vidas — A Serpente Vermelha esconde algum segredo de grande importância. Há referências explícitas a Saint-Sulpice — que, devido à sua história e conexão com o romance «satânico» de Huysman, já era

conhecido das pessoas com tendência para o esoterismo. No entanto, a não ser que o leitor esteja intimamente familiarizado com Rennes-le-Château — e poucos estavam em 1967 — a maior parte das alusões de parte do poema em prosa teriam continuado terrivelmente obscuras. Mas alguns meses depois, apareceria um livro que apresentaria todas as peças que faltavam: O Oiro de Rennes, de Gérard de Sede.
Os arquivos secretos de Henri Lobineau
Até agora, no desenrolar da história da sobrevivência merovíngia e do mistério associado de Rennes-le-Château, o Priorado de Sião quase não foi mencionado. Exceptuando uma breve aparição em Os Descendentes Merovíngios, de «Madeleine Blancasall», o Priorado não teve um papel na história nem foi apresentada nenhuma explicação dos seus objectivos e função. Por implicação, o Priorado sabia da existência de um segredo deixado em Rennes-le-Château pelo abade Bigou, mas nada mais do que isso.
Foi só no último dos Dossiers Secretos, que foi depositado imediatamente a seguir à A Serpente Vermelha no fim de Abril de 1967 — mais de três anos após o aparecimento do primeiro documento -, que o Priorado de Sião ocupou um lugar importante. De facto, quase tudo o que a maior parte das pessoas sabem, ou julgam que sabem, sobre o Priorado provém de uma única página deste ficheiro.
Este ponto culminante dos Dossiers Secretos era um regresso à origem, recuperando a imagem de Henri Lobineau. Embora intitulado Os Arquivos Secretos de Henri Lobineau (Lês Dossiers Secretos de Henri Lobineau), evidentemente, Lobineau — no seu suposto alter ego de Leo Schidlof — tendo morrido, a redacção foi atribuída a um certo Phillipe Toscan du Plantier.73
Uma pessoa real, ele estava vivo quando o documento apareceu — facto invulgar para um alegado autor dos Dossiers Secretos. De facto, ele era um jovem membro de uma família célebre pelo seu interesse pelo cinema e pela imprensa, cujo representante mais famoso no estrangeiro era o produtor Daniel Toscan du Plantier, que trabalhou com realizadores de cinema como Frederico Fellini e Ingmar Bergman. Embora Phillipe fosse preso por posse de LSD a 11 de Abril de 1967 — dezasseis dias antes de os Ficheiros Secretos terem sido depositados na Bibliothèque Nationale — o talão de

depósito estava assinado em seu nome. Presumivelmente, os autores dos Dossiers Secretos leram a notícia
242
nos jornais, mas o que eles pretendiam ao explorá-la desta maneira continua a ser difícil de compreender.
Na ausência de qualquer outra prova de uma associação com os Dossiers Secretos, parece que o nome de Toscan du Plantier foi usado sem o seu conhecimento, em parte, pelo menos, porque — com a sua reputação — seria fácil renegá-lo, se necessário. Nos anos 80, Plantard e de Chérisey fizeram exactamente isso, alegando que o carácter estranho do material nos Dossiers era a consequência do abuso de drogas por parte de Toscan du Plantier.
O documento abre com esta dedicatória, alegadamente assinada por Toscan du Plantier: «Ao Senhor conde de Rhedae, duque de Razès, legítimo descendente de Clóvis I, rei dos Francos, sereníssimo rebento ardente do «Rei e Santo» Dagoberto II, o seu humilde servo apresenta esta colecção de documentos que formam o «Ficheiro Secreto» de Henri Lobineau». Este grande personagem não é identificado mas outras indicações revelam que ele não é outro — evidentemente — senão Pierre Plantard. Esta é, de facto, a primeira reivindicação de que ele é o herdeiro merovíngio.
Grande parte dos documentos da colecção já é bastante familiar — árvores genealógicas da verdadeira dinastia merovíngia e da descendência secreta de Dagoberto II — e grande parte delas não originais, repetidas de Genealogia dos Reis Merovíngios. Um interessante aditamento é uma árvore genealógica da família dos Condes de Saint-Clair, incluindo o ramo Rosslyn da família. Isto é particularmente intrigante porque, embora a Capela Rosslyn tenha agora um lugar firme no mapa esotérico — sobretudo graças a O Templo e a Loja (1989), de Baigent e Leigh — e na associação da capela com as ordens maçónicas e neotemplárias, o significado (real ou imaginário) de Rosslyn, em 1967, era conhecido apenas nesses círculos.
A introdução, assinada «Edmond Albe» — a única pessoa que conseguimos localizar com esse nome é um padre-historiador que morreu em 1926 — não só repete várias alegações dos Dossiers anteriores, como também associa o caso Rennes-le-Château com o crescente movimento da independência occitânica dos anos 60 do século vinte. A implicação é que os Merovíngios sobreviventes são, de algum modo, responsáveis pela súbita expansão do orgulho regional. Também incluído está um pequeno conjunto de detalhes sobre os pergaminhos genealógicos e os livreiros de Londres: supõe-se que os pergaminhos tenham sido roubados da biblioteca de Hoffet depois da sua morte em
1946, depois «passados fraudulentamente, em 1948, para a Interna-
243
cional League of Antiquarian Booksellers, em Inglaterra para acabarem nos arquivos secretos da Ordem de Malta». (Uma cópia da carta dirigida a Maruis Fatin, já discutida, está incluída.) Outra nota de intriga envolve também uma morte misteriosa:
O caso de Rennes-le-Château diz respeito a todo o Languesço, e há mesmo uma pequena guerra entre os Serviços Secretos, sendo um caso, entre outros, o desaparecimento da pasta de couro de Leo Schidlof, transportada por um certo Fakhar ul Islam. Esta pasta continha as actas [isto é, os pergaminhos genealógicosjassim como os ficheiros secretos sobre Rennes, entre 1600 e 1900, e deveria ser entregue, a 17 de Fevereiro de 1967, a um agente na Alemanha Ocidental, enviado por Genebra; mas Fakhar foi expulso e encontrava-se em Orly a... 16 de Fevereiro. Em Paris, aguardou ordens, e no dia 18 encontrou-se com um certo Herbert Régis, engenheiro; no dia 20 de Fevereiro encontraram o corpo de Fakhar ul Islam na via férrea perto de Melun [próximo de Paris]. Caíra do expresso Paris-Genebra; a pasta desaparecera...

O corpo de Fakhar ul Islam foi realmente encontrado na via férrea nessa data, tendo aparentemente caído (ou sido atirado) do comboio Paris-Genebra na noite anterior, e ele fora recentemente expulso da Alemanha. As autoridades consideraram a morte como suspeita e os serviços de segurança estavam a investigar. Mas tudo isto foi noticiado na imprensa, e, mais uma vez, não há nenhuma prova da sua ligação com o Priorado de Sião ou da existência da pasta de Schidlof. (Em qualquer caso, é duvidoso que Schidlof estivesse envolvido em qualquer destes acontecimentos.) A morte ocorreu duas semanas antes do triplo suicídio dos supostos autores de A Serpente Vermelha, portanto, parece que, nesta altura, alguém estava atento a mortes suspeitas que poderiam ser usadas para acrescentar um torn de intriga e perigo ao seu mito-em-desenvolvimento.
Contudo, muito mais importante é a única página que promoveu toda uma nova mitologia — e final e virtualmente, deu origem a uma indústria internacional. Trata-se da famosa «planche [estampa] n. ”4», intitulada «Ordem de Sião», atribuída a Lobineau e datada de 1956, mas supostamente constituída por extractos do «Livro das Constituições» publicado por Éditions dês Commanderies, de Genebra, em Agosto de 1956. (É inútil dizer que foi impossível encontrar o rasto tanto do livro como do editor.)
A página começa com uma citação do historiador René Grousset
no sentido de que, através de Balduíno I de Bulhão (o irmão mais novo de Godofredo), «existia... uma tradição real, igual, porque fundada na Rocha de Sião, à dos Capetos, Anglo-Normandos ou dos Imperadores Sacro-Germânicos.» Esta ideia é apresentada como se Grousset dissesse que Balduíno era o herdeiro de uma antiga realeza fundada na «Rocha de Sião — mas a citação foi deliberadamente distorcida. As verdadeiras palavras de Grousset são: «Em dezoito anos de governo (l 110-1118), ele [Balduíno] chegou a criar uma tradição real, igual, porque fundada na «Rocha de Sião» [etc.] (a ênfase é nossa).74
O sentido de Grousset é bastante claro: na Idade Média, como foi estabelecido na cidade mais santa da Cristandade («na Rocha de Sião), e devido aos esforços de Balduíno para o formar, o Reino de Jerusalém foi considerado como tendo um estatuto igual ao de qualquer das outras casas reais da Europa, incluindo as de França, Inglaterra e o Sacro Império Romano. Quem escreveu os Dossiers Secretos conseguiu descobrir esta frase nas 2400 páginas da monumental obra de Grousset, para fazer com que elas refiram uma coisa que elas nunca referiram originalmente.
Segue-se uma segunda afirmação: «Em Março de 1117, Balduíno I, que devia o trono a Sião, foi forçado a negociar, em São Leonardo de Acre, a separação da sua mulher Adelaide da Sicília e a constituição da Ordem do Templo». Por outras palavras, «Sião» tornou Balduíno Rei de Jerusalém, e, depois, «forçou-o a concordar com a criação dos Cavaleiros Templários. (A importância do seu divórcio é deixada sem explicação.)
Depois, segue-se uma lista dos oito grão-mestres templários desde
1118 até 1190, registando que, embora cinco dos cavaleiros fundadores fossem membros da Ordem de Sião, os restantes incluindo o seu líder, Hughes de Payens, não eram. A lista termina com «l 188, o corte do ulmeiro em França, em Gisors (Eure); a separação do Templo; certos mestres fundaram Ormus sob a protecção de Saint-Samson de Orleães». Isto, evidentemente, é um regresso à história já contada em Os Templários Estão entre Nós.
O cenário é tornado mais consistente com as alegações de que o Ormus e o Priorado de Sião eram realmente a mesma organização: «Entre 1188 e 1306, a Ordem usava o nome de Ormus, uma parte dos seus membros vivia com os monges do Priorado de Monte Sião; a partir de 1306, apenas uma única ordem existia, o Priorado de Sião, que substituiu o pequeno Priorado de Monte Sião e a Ormus; os membros do
5.° e 6.° graus, devido às suas insígnias, tornaram-se ”nos célebres rosa-

crucianos
O tesouro de Gisors reaparece, mas, desta vez, os trinta cofres es-
244
245
condidos na capela subterrânea de Santa Catarina que se supõe conterem os arquivos do Priorado de São (em vez dos arquivos dos Templários] . Mas agora eles estão escondidos na capela do século dezasseis — bastante plausível porque a capela foi construída nos anos tinta do século dezasseis. (A primeira versão implicava que os arquivos templários foram escondidos ali na altura da supressão da Ordem, mas a capela de Santa Catarina ainda não tinha sido construída.)

Depois segue-se a agora lendária lista dos Nautonniers — aqui, com um título secundário de Ordem da Rosa-Cruz. (Abaixo do título está a palavra ventas — «verdade» — mas a sua relação com o título Rosa-Cruz não é clara.) A lista é uma continuação directa dos grão-mestres templários, implicando que, até 1188, as duas ordens partilhavam a mesma chefia. O primeiro grão-mestre, propriamente dito, é referido como Jean de Gisors, que é suposto ter adoptado o título Jean II.

As duas listas dos alegados grão-mestres — dos Cavaleiros Templários até 1100 (que tem algum direito à autenticidade) e do Priorado
— suscitaram considerável controvérsia. Menos atenção foi prestada à terceira lista apresentada na página dedicada aos abades do Priorado de Monte Sião — embora, como viemos a compreender mais tarde, ela revele crucialmente as verdadeiras origens deste material.

A terceira lista faz parte de uma secção dedicada à Ordem de Sião, a qual, segundo Lobineau, foi fundada por Godofredo de Bulhão em
1090, quando ele fundou a Abadia de Nossa Senhora do Monte Sião
— evidentemente, por implicação, era a sede da Ordem de Sião. Depois de Jerusalém ter caído para Saladino em 1187, os monges fixaram-se em França, onde noventa e cinco deles, tendo regressado com Luís VII, já tinham fundado o Priorado do Monte Sião (Prieuré du Mont de Sion) em Orleães, sob o patrocínio do mais importante Priorado de Saint-Samson, de Orleães. Segue-se uma lista dos abades do Priorado de Monte Sião entre 1152 e 1281.

Finalmente, detalhes da estrutura e organização do Priorado de Sião, tal como ele era em 1481, (por alguma razão) são apresentados, diferindo em certos aspectos dos indicados nos questionados estatutos «Cocteau». Somos informados de que em 1481, o Priorado tinha vinte e sete Comendadorias e uma «cúpula chamada ”Beth-Ania (casa de Ana) em Rennes-le-Château. Outras comendadorias referidas eram em Bourges, Gisors, Jarnac, Mont-Saint-Michel, Montrevel, Paris, Lê Puy, Solesmes e Stenay. Nessa altura, o Priorado consistia em sete graus, por ordem ascendente: «Valiant», Escudeiro, Cavaleiro, Comendador, Cruzado de São João, Príncipe Noachita de Nossa Senhora e «Nautonnien>.

A grande diferença em relação às outras listas é o aparecimento do grau de Cruzado de São João em vez de Condestável. Os três graus superiores da hierarquia, com 13 membros apenas, são colectivamente chamados os «13 Rosa-Cruz» ou os «13 Rosacrucianos».

Uma última declaração faz voltar a história ao ponto de partida: «Desde 5 de Junho de 1956, o Joumal officiel de 20 de Julho de 1956, n.° 167, o poder do Priorado de Sião, da Ordem Maçónica da Rosa-Cruz, é de novo oficialmente reconhecido em França. Esta folie de grandeur aumentou desconsoladamente: o mero cumprimento da exigência legal de anunciar o registo oficial do Priorado no Joumal officiel não constitui reconhecimento oficial do seu poder! Mas serve para associar o Priorado dos Dossiers

Secretos ao registado por Plantard e André Bonhomme em Annemasse, em 1956 (lançando dúvidas sobre as posteriores rejeições de Plantard relativamente aos Dossiers). A finalidade parece clara: do princípio ao fim, os Dossiers Secretos destacaram a importância da família Plantard na sobrevivência merovíngia; agora, oferecem-nos uma pista sobre o Priorado de Sião, a qual se for seguida pela verificação do Joumal offitiel, não conduzirá apenas ao registo oficial do Priorado, mas também revelará que um dos seus membros era um Plantard. Habilmente, isso chama a atenção para Pierre Plantard como sendo «essa pessoa» sem mencionar o seu nome (as árvores genealógicas terminam com o seu pai).

Aparentemente, esta é uma história hábil e internamente consistente, formada por acontecimentos históricos reais mas também por «informação interna» impossível de verificar — mais uma vez, muito semelhante a um romance histórico. O cerne da história baseia-se em factos: em 1099, Godofredo de Bulhão fundou realmente a Abadia de Nossa Senhora de Monte Sião, e alguns dos seus monges transferiram-se para o Priorado de Saint-Samson em Orleães, um século depois. (Embora não seja claro se a data de 1090, indicada no primeiro documento Lobineau, é um erro ou se é destinada a transmitir a ideia de que Godofredo fundou a Ordem de Sião nove anos antes da Abadia que iria tornar-se na sua base na Terra Santa.) Mas outros elementos são demonstravelmente falsos.

Um dos extractos da planche n.° 4 é: «O Priorado de Sião não é o sucessor da Ordem do Templo, a separação datou de 1188; no entanto, em 1307, Guillaume de Gisors recebeu a cabeça doirada "CAPUT LVIIIm" da Ordem do Templo». (O m parece ser o signo astrológico de Virgem.) Guillaume aparece na lista como o Nautonnier do Priorado aquando da supressão dos Templários. Esta afirmação pode ser funda-

mentada num acontecimento real, mas contém um erro significativo que revela que ela é pura ficção.

Durante o julgamento dos Templários em 1310, sob interrogatório dos delegados do Papa, um dos cavaleiros referira esta misteriosa «cabeça». Pensando que ela poderia ser o ídolo supostamente venerado pelos Templários, a comissão pediu mais informações. O representante do Rei responsável pelos poucos objectos que se ainda se encontravam no Templo de Paris, Guillaume Pidoye, confirmou que um objecto semelhante — claramente, um relicário em forma de cabeça com a inscrição Caput [sic] LVIIIm («Cabeça 58») e contendo fragmentos de um crânio feminino — fora encontrado no Templo por ele próprio e dois companheiros, sendo um deles Guillaume de Gisors.75

Contudo, não só Pidoye declarou que tinham entregado esse objecto à Inquisição, mas também que ele poderia ser claramente identificado como um relicário contendo as supostas relíquias de Santa Úrsula, a famosa virgem que era a santa padroeira e protectora dos peregrinos.76 Isto estabelece uma óbvia associação com a raison d'être oficial dos Templários, e o símbolo de Úrsula era uma cruz vermelha em fundo branco, igual ao da Ordem do Templo. A indicação é que o cavaleiro interrogado descreveu esta relíquia como sendo uma «das 11 000», referindo-se à lenda de Úrsula ter sido uma das 11 000 virgens martirizadas durante uma peregrinação. Portanto, este objecto é consideravelmente menos misterioso do que os Dossiers insinuam. O erro é que o relicário era prata, não de oiro.

Mas que devemos pensar desta lendária lista de grão-mestres? Evidentemente, qualquer pessoa que passe algum tempo numa boa biblioteca poderá deparar com uma dramatis personae semelhante: parte da sua atracção reside no facto de que os indivíduos referidos na lista estão, de facto, ligados por interesses, lugares, temas, etc. comuns —

frequentemente de formas muito obscuras. (Como no caso de lolande de Bar, já discutido no Capítulo 1.) O facto de estas associações não serem imediatamente detectadas pelos investigadores, mas aguardarem o seu esforço diligente, torna-as muito mais irresistíveis. Todavia, no final, mesmo o valor facial da lista dissipa-se quando sujeito a escrutínio.
As suspeitas são imediatamente suscitadas pelo número reduzido de nomes — apenas vinte e seis — que aparecem como grão-mestres ao longo de oito séculos completos. A duração média de cada «reinado» são uns irrealistas trinta e tal anos, sugerindo que, quem inventou a lista, usou o menor número possível de nomes, talvez para limitar a investigação ao mínimo. E há erros — não muitos, mas os suficientes. O mais
248
flagrante, como descobriram Baigent, Leigh e Lincoln, é o facto de que o nobre italiano Ferrante de Gonzaga, supostamente grão-mestre entre
1527 e 1575, morreu realmente em 1557. Embora a explicação mais óbvia seja uma simples transposição de números, depois de os três autores terem referido este erro, primeiro de Chérisey, depois Plantard apresentaram explicações (ligeiramente diferentes): existira um período de cisma e de questiúnculas internas na Ordem em seguida à morte de Ferrante, sem a existência de um grão-mestre (sendo o poder exercido por um triunvirato que incluía Nostradamus). Esta situação lamentável durou até 1575, até que a actividade normal foi retomada.77 Baigent, Leigh e Lincoln mostraram-se dispostos a aceitar esta explicação, mas, para nós, ela parece mais do que algo desesperada. Apesar disso, a lista, sob outros aspectos, foi cuidadosamente elaborada, e há boas razões para que os nomes individuais estejam presentes, porque eles exemplificam as ideias e as tradições que irão ser introduzidas no mito dos Dossiers.
A colecção completa-se com duas páginas bastante confusas extraídas de outras publicações. A primeira foi extraída do Hiéron du Vai d'Or, de 24 de Junho de 1926, discutindo o significado místico de vários símbolos cristãos, como o Sagrado Coração. Assinado por Lê Poulpe (o Polvo), apresenta a imagem de um polvo muito semelhante ao que, supostamente, estava representado na pedra tumular de Marie de Nègre, descrita em Dossiers anteriores.
Curiosamente, esta publicação era o órgão de uma organização chamada o Colégio do Hiéron du Vai d'Or, fundada em 1873 por dois esoteristas católicos, o meio-espanhol, meio-russo barão Alexis de Sarachaga y Lobanoff (1840-1918)e um padre j esuíta, Victor Dernon (1820-80), com sede em Paray-le-Monial, na região de Saône-et-Loire. O significado exacto do nome da organização não é claro, mesmo em Francês — Hiéron parece ser um apelido e «Vai d'Or» é «Vale Doirado», mas o que deve significar permanece desconhecido.
Como sempre, a importância do extracto não é explicada, mas é claro que alguma forma de associação com o Priorado de Sião e o Hiéron du Vai d'Or está implicada. Mais tarde, no entanto, foi muito útil tê-la identificado.
O último artigo é um obituário do abade Émile-François-Henri de Cayron, padre da paróquia de Saint-Laurent, perto de Montferrand, que morreu em 1897, aos noventa anos. uma frase do memorial de três páginas, relativo ao restauro da sua igreja paroquial, está sublinhada: «Ele reconstruiu-a quase inteiramente, em belas proporções góticas, e,
249
excepto o que lhe foi doado pela família Raynes, nunca ninguém soube onde ele arranjou os recursos para pagar as despesas de um restauro tão grande». Claramente, isto destina-se a estabelecer um paralelo com o caso Saunière. (De Sede afirma que o

abade de Cayron financiou a educação de Boudet, embora não conseguisse apresentar nenhuma
prova
78

O Oiro de Rennes

O primeiro livro dedicado ao mistério de Rennes-le-Château apareceu em França, em Novembro de 1967, obra de Gérard de Sede, a sua segunda colaboração com Pierre Plantard.79 O seu título completo era O Oiro de Rennes, ou a Estranha Vida de Eérenger Saunière, Padre de Rennes-le-Château (L'ór de Rennes, ou Ia vie insolite de Eérenger Saunière, cure de Rennes-le-Château). Foi reeditado no ano seguinte numa edição de bolso, com o título O Tesouro Maldito de Rennes-le-Château (Lê trésor maudit de Rennes-le-Château), como ele é hoje talvez mais conhecido. Um sucesso imediato, a edição de 1968 vendeu
60 000 exemplares e foi várias vezes reeditado até 1975. (Contudo, foi preciso esperar até 2001 para que uma tradução em língua inglesa, de Bill Kersey, aparecesse.)

Certamente que Plantard teve uma forte influência no livro de Gérard de Sede — pelo menos, no que diz respeito à informação — embora haja diferentes alegações quanto à extensão da colaboração dos dois. Segundo o contrato com os editores de Paris, Juliard, era previsível que Plantard recebesse uma parte dos direitos de autor, embora a percentagem exacta seja desconhecida. (Segundo Gino Sandri, Plantard recebeu, de facto, a maior parte — 65 %.)80 Foi alegado — embora nunca provado — que Phillipe de Chérisey também estava habilitado a receber direitos de autor como criador dos «pergaminhos» que eram a maior revelação do livro.81 No entanto, este acordo parece não se ter aplicado à mais popular edição J'ai lu, de 1968: como declara Jean-Luc Chaumeil, «o único a lucrar foi o contador da história, Gérard de Sede».82

Dedicado ao abade Joseph Courtaly, O Oiro de Rennes conta a história de Saunière segundo a versão dos Dossiers Secretos — essencialmente, os factos genuínos misturados com puras invenções que encaminham a história uma direcção particular: toda a história começa com Saunière a descobrir os pergaminhos no pilar «visigótico» em 1891. Contudo,
í
há algumas mudanças e embelezamentos; por exemplo, pela primeira vez, é afirmado que Saunière não se limitou a visitar o Louvre para contemplar as pinturas de Poussin e de Teniers, mas que, de facto, comprou reproduções de quadros, especificamente de Os Pastores da Arcádia, de Poussin, e de A Tentação de Santo Antão, de Teniers, levando-as para Rennes-le-Château para as estudar.83

O relato de Gérard de Sede refere também que Saunièrefoi apresentado a Emma Calvé durante a sua viagem a Paris (anteriormente, ela era apenas convidada de Saunière em Rennes-le-Château) — embora, além de referir que ela e Hoffet eram amigos de Debussy, não haja nenhuma referência ao seu envolvimento com o circuito dos salões ocultistas.

De Sede foi criticado por ingénua ou voluntariamente ter aceitado tudo o que Plantard lhe transmitia, mas até um certo ponto, isso é injusto. Embora ele tenha incluído elementos que agora sabemos que são falsos, tal como os diagramas de Stúblein, foram necessários muitos anos de investigação para determinar que eles são falsos. Em qualquer caso, não podemos censurar de Sede por os ter aceitado em 1967, se eles lhe foram apresentados de boa fé. De Sede não toma partido, preferindo adoptar a atitude: «É claro que há um mistério relacionado com Bérenger Saunière e devido a todas estas coisas estranhas, vamos considerar todas as respostas possíveis». (Esta continuou a ser a sua atitude mesmo depois de o seu livro de 1988 ter denunciado Plantard; ele ainda

afirmava que o cerne do mistério de Saunière e do seu dinheiro é genuíno — essencialmente, o mistério foi usado, mais do que criado, por Plantard. Concordaríamos com essa afirmação.)
De Sede resiste à tentação de seguir a via da «sobrevivência merovíngia», embora reconhecendo as afirmações feitas na Genealogia dos Reis Meroinngios, de Henri Lobineau, escrevendo: «... graças a autores modernos e confidenciais, o tesouro multiforme de Rennes foi enriquecido com um novo aspecto: ele não é só oiro secreto mas uma descendência secreta, que se tornou num tesouro dinástico e fez renascer um mito, cujo papel político, em muitos momentos da nossa história nacional, esteve longe de ser negligenciável: o mito do Rei Perdido [Rói
Perdu]»M
Apesar disso, à «solução» merovíngia para o mistério de Saunière são concedidas apenas três páginas, juntamente com outras teorias. E como as referências ao Priorado de Sião são conspícuas pela ausência, é evidente que de Sede não estava apenas a repetir o material dos Dossiers Secretos.

Contudo, indiscutivelmente, o elemento mais significativo de O Oiro de Rennes foi a publicação — depois de ter sido discutida durante vários anos nos Dossiers Secretos — de reproduções de dois dos pergaminhos alegadamente encontrados por Saunière. Como é que ele os encontrou? Ele alegou que, depois «de muitas hesitações» eles lhe foram entregues em Paris, em Fevereiro de 1964, por um indivíduo cujo nome ele intencionalmente não chega a mencionar.85 (No seu livro de 1988, reafirmou que lhes tinham sido entregues por alguém associado a Rennes-le-Château — mas não Plantard.]86 Anos depois, foi sugerido que os recebera de Philippe de Chénsey, Nõel Corbu ou Marius Fatin, mas como eles — e de Sede —já morreram todos, provavelmente nunca saberemos com certeza.
Antes de examinar os pergaminhos com maior detalhe, é útil considerar a forma como o livro de Gérard de Sede se ajusta à elaboração da história de Rennes-le-Château, que tinha começado quase quatro anos antes com o aparecimento do primeiro dos Dossiers Secretos—claramente, o culminar do exercício.
De facto, o livro de Gérard de Sede é uma espécie de segunda metade de A Serpente Vermelha, surgida oito meses antes. Como vimos, esta obra curiosa não faz nenhuma referência explícita a Rennes-le-Château — ostensivamente, ocupa-se de Saint-Sulpice em Paris — mas, de facto, ele refere-se, por vezes muito enigmaticamente, a locais de Rennes ou das suas imediações, particularmente a igreja de Santa Maria Madalena, que não fariam sentido para alguém que não estivesse familiarizado com o lugar. Mas essas referências seriam claras para os leitores de O Oiro de Rennes: é quase como se A Serpente Vermelha apresentasse pistas para as quais O Oiro de Rennes fornecesse as respostas. Por exemplo, a associação de Asmodeu, Jesus e o pavimento branco-e-preto com a frase Por este sinal tu o vencerás. De Sede também destaca a inscrição no monumento de Paul-Urbain de Fleury, // estpasse enfaisant lê bien, que tem um lugar importante em A Serpente Vermelha. Os dois ajustam-se tão bem que é difícil acreditar que a associação não é intencional.
Uma pista estava a ser cuidadosamente lançada para alguém seguir, presumivelmente para a pessoa a quem A Serpente Vermelha era dirigida, mas, evidentemente, só existia um único exemplar na Bibliothèque Nationale. Os leitores de A Serpente Vermelha, provavelmente, experimentariam uma espécie de epifania quando deparavam com as referências encontradas em O Oiro de Rennes, mas um leitor casual deste último nem saberia que A Serpente Vermelha existia.

A mais perfeita fraude do século

Poucos elementos da história são tão controversos como os pergaminhos com os textos dos Evangelhos que escondem mensagens codificadas. (Recordamos que os outros pergaminhos — os Dossiers Secretos parecem não ter a certeza se Saunière encontrou três ou quatro — foram supostamente levados por Hoffet, e acabaram na posse da Internacional League of Antiquanan Booksellers, de Londres.)

Aqui, no livro de Gérard de Sede, vemos realmente, pela primeira vez, os pergaminhos codificados. Estão escritos em Latim, no estilo arcaico usado na Idade Média. Contrariamente à ideia usual, a análise recente feita por um grafologista sugeriu que eles foram o trabalho de dois autores diferentes.87 O mais curto dos dois extractos do Evangelho é uma passagem em que Jesus e os seus discípulos arrancam espigas de trigo de um seara desafiando as leis do Sábado. com pequenas variações, este episódio encontra-se em três Evangelhos — Mateus, Marcos e Lucas — mas esta versão não condiz exactamente com nenhuma delas, e pode ter sido uma confluência das três. O texto mais longo descreve a visita de Jesus à casa de Betânia, a residência de Maria, Marta e Lázaro (João 12: 1-11].

Talvez o aspecto mais intrigante do uso que de Sede fez dos pergaminhos seja o facto de que, embora ele declare que eles contêm mensagens codificadas, ele não fez nenhuma tentativa para apresentar o texto descodificado. Voltaremos a esta questão em breve, mas primeiro temos que considerar se será possível determinar a antiguidade destes documentos a partir das reproduções, na falta dos originais (que Jean-Luc Chaumeil afirma possuir, embora eles nunca tivessem sido postos à disposição dos investigadores)
.

Como vimos, por um lado, segundo os Dossiers Secretos, os pergaminhos foram descobertos nas ruínas da igreja de São Pedro em Rennes-le-Château pelo abade Bigou em 1781. Considerando que Bigou poderia ter criado os textos, Gérard de Sede submeteu-os à análise de um perito — M. Debant, Director dos Arquivos Departamentais do Aude — que os declarou «não muito antigos», embora se comprometesse apenas com o período pós-Renascimento.88 Por outro lado, René Descadeillas mandou examinar os pergaminhos pelo perito em paleografia, o reverendo Padre Giuliano Gepetti, que se pronunciou apenas na base do texto: «Digo-lhe já que estes documentos não merecem nenhum exame atento, porque é muito evidente que se trata de falsifi-
cações».
89

Num exemplo soberbo de trabalho de investigação, Putman e Wood determinaram com exactidão de qual das várias traduções latinas do Novo Testamento — cada uma delas única e identificável — o texto de «João» foi extraído. Inquestionavelmente, ela provém da tradução da Universidade de Oxford publicada, pela primeira vez, em 1889, que tem estado à venda desde então.90 Imediatamente, isto enfraquece a afirmação dos Dossiers Secretos e a teoria de Gérard de Sede porque Bigou já tinha morrido quase há cem anos quando esta tradução foi publicada. Mas quando foram os textos compostos?

Os pergaminhos foram publicados, pela primeiro vez, no fim de
1967, embora Gérard de Sede afirmasse tê-los recebido no princípio de
1964. Como há referências aos textos nos primeiros Dossiers Secretos de
1964 e 1965, obviamente que eles teriam de ser criados previamente. De facto, como Phillipe de Chéisy admitiu espontaneamente em entrevistas, ele criara os dois

documentos no princípio dos anos 60. Uma investigação aprofundada, como a de Putman e Wood, é necessária apenas porque muitas pessoas acreditam que de Chérisey mentiu sobre esta desinformação para induzir as pessoas a afastarem-se dos segredos escondidos nos textos. Nos anos 80, Plantard sugeriu que de Chérisey apenas os copiara dos originais encontrados por Saunière. E, notoriamente, de Chérisey, na sua maneira característica, não ajudou a sua causa ao apresentar diferentes versões dos motivos que o levaram a criá-los e de qual era o verdadeiro significado da «mensagem secreta». A sua primeira confissão apareceu no pequeno opúsculo O Enigma de Rennes (1978):

Encontrando-me em Rennes-les-Bains em 1961 e tendo sabido que, depois da morte do abade [Saunière], a Câmara Municipal de Rennes-le-Château tinha sido destruída por um incêndio (incluindo os seus arquivos), aproveitei a oportunidade de inventar [uma história], segundo a qual o presidente da câmara tinha mandado fazer uma cópia dos pergaminhos descobertos pelo abade. Então, em consequência de uma ideia de Francis Blanche, comecei a compor uma cópia codificada baseada em passagens dos Evangelhos, e a descodificar aquilo que eu tinha codificado. Finalmente, por uma via indirecta, fiz com que o fruto do meu trabalho chegasse até de Sede. Isso ultrapassou as minhas expectativas.91

Francis Blanche (1921-74) era uma famoso actor francês de comédia radiofónica e cinematográfica, cujo humor surrealista foi associado ao dos «Goons»92 britânicos (a famosa equipa cómica dos anos 50/60 que

incluía a futura estrela internacional Peter Sellers).93 No entanto, Alam Feral — o protegido de Cocteau que vivia em Rennes-le-Château — que também conhecera e trabalhara com Blanche, diz que ele não sabia nada sobre o mistério de Rennes-le-Château.

Em 17 de Janeiro de 1979, de Chérisey disse a Chaumeil: «... os documentos descobertos [por Saunière] estiveram num cofre privado de um banco de Londres durante 22 anos!... Eles não devem ser confundidos com os pergaminhos dos evangelhos [sic] de São Lucas fabricados por mim... Para realizar a minha codificação, usei o texto da pedra tumular e o lance do cavalo no jogo do xadrez».94 De Chérisey identificou mesmo a obra académica da qual ele copiara a escrita uncial. Chaumeil escreve: «Foi o nosso poeta e amigo, Phillipe de Chérisey, quem, numa bela noite de Outono, decidiu construir a mais perfeita fraude do século».95

Um documento supostamente escrito por de Chérisey em 1970, intitulado Pedra e Papel (Pierre etpapier), apresentando detalhadamente a forma como ele descobrira a mensagem da «Pastora», está na posse de Jean-Luc Chaumeil, que declara que de Chérisey lho confiou, exigindo a promessa de que ele seria publicado vinte anos depois da sua morte

— no entanto, no momento em que escrevemos, ainda não há sinal dele.

Os que ainda insistem em que os textos foram realmente descobertos por Saunière parecem crescentemente desesperados. Embora saibamos que ele encontrou documentos no interior do pilar do altar, o que ele encontrou não continha os textos e as mensagens codificadas agora mundialmente famosos. Se os verdadeiros pergaminhos apenas se referiam à construção ou restauro da igreja, ou se continham alguma coisa mais importante, é impossível saber. Nem poderemos saber se a colaboração de Phillipe de Chérisey se destinava simplesmente a reforçar a história de Rennes-le-Château segundo a versão do Priorado

— ou a impedir que os investigadores continuassem em busca dos verdadeiros pergaminhos. Mas supondo que acreditemos por um momento, eles conterão, mesmo assim, alguma coisa de valor?

Como vimos em O Oiro de Rennes, Gérard de Sede reproduziu os dois pergaminhos, declarando que eles continham mensagens secretas, mas não fez nenhuma tentativa para revelar o que elas representavam. (De facto, uma já tinha sido sugerida, e a outra fora integralmente transcrita nos Dossiers Secretos.}
Foi isto que atraiu Henry Lincoln para o mistério quando ele comprou uma edição de bolso do livro de Gérard de Sede durante umas férias em França, em 1969. Como ele considerou que a mensagem

secreta do texto mais curto era absurdamente fácil de localizar e interpretar, sentiu-se compelido a contactar de Sede para descobrir mais. (Aqui, Lincoln pode ter sido demasiado modesto: embora o livro já tivesse vendido vários milhares de exemplares, nenhum dos seus leitores parece ter descoberto a mensagem.)
O que Lincoln notou foi que certas letras estavam ligeiramente elevadas em relação ao resto do texto, as quais, quando lidas por ordem, formavam a frase: A DAGOBERTO II REI E A SIÃO PERTENCE ESTE TESOURO E ELE ESTÁ LÁ MORTO, que tem dois significados possíveis, dependendo de a penúltima palavra ser entendida como Ia ou lã (a escrita uncial latina não tem acentos). A versão preferida por Lincoln, e agora a mais mundialmente conhecida, é: «A Dagoberto II, Rei, e para Sião pertencem este tesouro, e ele está lá morto [et il est lá mort], sugerindo que o tesouro está associado a um corpo ou uma sepultura, possivelmente a de Sigeberto IV. A alternativa é «A Dagoberto II, Rei, e a Sião pertencem este tesouro, e ele é a morte [il est Ia mort]» — isto é, o tesouro, de alguma forma, provoca a morte.
De facto, os Dossiers Secretos tornam aparente que a segunda versão era a pretendida. O primeiro documento, a Genealogia dos Reis Merovíngios, de Henri Lobineau, referindo-se à maldição do tesouro de Dago-
v*
«mcrvmmcvrpiN
pcft.vNTvuiiM«picàstT/MaNTc«rofcNTt tu
bVTU t
1ÓUJ
o
Dois alegados grão-mestres do Priorado de Sião: Leonardo da Vmci (1452-1519) e Jean Cocteau (1889-1963), visto aqui a pintar o enigmático mural em Notre-Dame de France, junto a Leicester Square. Embora certos temas heréticos unam a obra de ambos através dos séculos, eles teriam realmente presidido a esta estranha sociedade secreta7

O romancista Maunce Barres, Saint-Sulpice, em Pans, e Os Pastores da Arcádia, de Nicolas Poussin estão todos associados a misteriosa Sociedade Angélica cujo código era «Et m arcádia ego»
Pierre Plantard (em cima, a esquerda] mais tarde, grão-mestre do Pnorado de Siao e, durante a Segunda Guerra Mundial, grão-mestre da Ordem Alpha Galates, que apoiou o Marechal Petam (em cima, a direita, com Herman Gonng) e o seu regime de Vichy, e que tentou cnar uns Estados Unidos da Europa (em baixo, a esquerda) Nos anos 30, Petam esteve associado a organização terrorista Cagoule, dirigida por Eugene Deloncle (em baixo, a direita]
Em cima: Charles de Gaulle durante o seu dramático regresso ao poder em Maio de 1958. Pierre Plantard desempenhou um papel essencial na conspiração que levou novamente ao poder o líder da França Livre durante a guerra. Também alegadamente implicado e supostamente membro do Priorado de Sião, foi André Malraux (à direita), o

famoso romancista, herói de guerra e ministro do governo, que foi responsável pelo mito da reinvenção da França durante a presidência do general de Gaulle.
Localizações dos lendários tesouros: (à esquerda), Gisors, no norte da França e a mais famosa Rennes-le-Château, a sul (em baixo).
’Js dois irmãos que estão no cerne do mistério de Rennes-le-Château: padres Bérenger (à esquerda) e Alfred Saunière.
_ - ançois Mitterrand visita Rennes-le-Château durante a sua bem-sucedida campanha presidencial em 1981 O presidente que exerceu o mais longo mandato da historia da França, tinha relações surpreendentes com as organizações, indivíduos e lugares associados ao Priorado de Sião
t \
Os fundadores dos três movimentos esotencos que estão por detrás do Priorado de Sião barão Karl von Hund (em cima, a esquerda), o filosofo ocultista Louis-Claude de Saint-Martin (em cima) e (a esquerda) Joseph-Alexandre Saint-Ives d Alveydre que formulou a muito influente e sinistra combinação de ocultismo e política conhecida como sinarquia
O mais impressionantemente arcano das múltiplas obras públicas de Mitterrand em Paris (em cima), a famosa pirâmide de vidro do Louvre; (centro), a «porta cósmica» do Grande Arco de La Défense, e a sua obra «mais esotérica e menos conhecida», o Monumento aos Direitos do Homem e do Cidadão, no Champ-de-Mars.
berto, refere que: «Esta é a lenda segundo a qual o evangelho, nos pergaminhos, amaldiçoa o herético que ousa roubar um fragmento deste tesouro». Não que isso tenha grande importância, porque todo o caso merovíngio foi inventado; a verdadeira importância da mensagem secreta é o facto de ela mencionar os conceitos-chave de Dagoberto II, Sião e o tesouro, todas consistentes com a versão da história segundo os Dossiers Secretos.
Como a segunda mensagem é muito mais críptica, tanto no método de codificação como na descodificação final, ela despertou muito maior interesse e especulação. Foram necessários quatro anos completos, a partir da publicação de O Oiro de Rennes, para que a mensagem secreta fosse tornada pública — através de uma carta de Gérard de Sede, em
1971, para Henry Lincoln. No entanto, como vimos, ela já surgira em
1965, em Os descendentes Merowngios, de «Madeleine Blancasall», onde se afirmava que, depois da descodificação do abade Hoffet, «o texto en dair... transmitia esta mensagem: ”Pastora sem tentação que Poussin e Teniers têm a chave — Pax DCVIIII — pela cru/ e este cavalo de Deus — eu acabo este demónio guardião ao meio-dia — maçãs azuis”» Tudo o que aconteceu em 1971 foi que o método de descodificação, que permitia a alguém descobrir exactamente como a mensagem fora codificada, foi revelado.
Curiosamente, a mensagem é um anagrama perfeito da inscrição (incluindo os erros] na pedra tumular de Marie de Nègre, mas acrescentando as iniciais «PS» e a palavra«prae-cwm na segunda pedra que se supõe — e quase certamente falso — ter tapado a sua sepultura. Agora, compreendemos a razão para inventar aquela segunda pedra: as nove letras extra eram necessárias para que todo o plano funcionasse.
O lance do cavalo
Embora o método pelo qual a mensagem foi codificada e ocultada seja absurdamente complicado, reverter o processo para a decifrar é ainda inevitavelmente mais difícil.96
Ao contrário do texto mais curto, no qual as letras importantes estão ligeiramente mais elevadas, desta vez as letras extra foram inseridas — aparentemente, ao acaso. Primeiro, temos que identificar todas as 140 letras acrescentadas. Quando dispostas por ordem,

formam uma mistura sem sentido, exceptuando as 12 letras do meio, que, pelo menos, formam as palavras latinas ad Genesareth — «para Genesareth», uma designação alternativa de Mar
257
7WW« TíirA» VVJPHWWJ mWCMWCTy UVlTiyif J VJFMCCKW T
KR .
-é-
da Galileia. Mas temos que as ignorar, deixando 128 letras aparentemente reunidas ao acaso.
Então, estas letras têm que ser submetidas a um processo que é demasiado complicado e desnecessário para explicar em detalhe — é suficiente tentar compreender a mentalidade do seu inventor, e também
258
determinar que é impossível que um estranho conseguisse chegar a descodificá-lo.
O processo de codificação emprega duas técnicas diferentes. A primeira é o conhecido sistema criado pelo diplomata e ocultista Blaise de Viginère (1523-96), que se inspirou num sistema semelhante criado por Leon Battista Alberti, que teve uma grande influência pessoal em Leonardo da Vinci e que talvez tivesse sido o seu mentor. Usando um quadro conhecido como Quadrado de Viginère, este processo exige uma palavra-chave que determina qual a letra que é substituída por cada uma das letras da mensagem original. A vantagem deste sistema é que, sem conhecer a palavra-chave, o código é muito difícil de quebrar — de facto, só um perito em criptografia pode fazê-lo.
O outro método usado aqui é o «Lance do Cavalo», no qual as 128 letras são dispostas em duas séries de 64 quadrados, como se estivessem dispostas num tabuleiro de xadrez. Então, um cavalo imaginário deslocava-se em cada um dos tabuleiros de forma a tocar cada quadrado apenas uma vez e acabar no quadrado do meio (um famoso problema difícil do xadrez). As letras são registadas pela ordem em que o cavalo pousa sobre elas. Para o observador casual, este método desordena a sequência das letras, mas elas podem ser ordenadas apenas pela inversão dos movimentos. (Obviamente, este método só resulta com mensagens que são múltiplas de 64 letras.)
Neste caso, o processo de codificação levou todos estes métodos a um extremo absurdo. Primeiro, a mensagem foi codificada usando um Lance do Cavalo e cada letra resultante é Substituída pela letra seguinte do alfabeto (A torna-se B, etc.). Este resultado é novamente codificado usando um Quadrado Viginère e empregando uma palavra-chave particularmente bizarra. Geralmente, uma palavra-chave tem oito a dez letras, significando que a mensagem está dividida em grupos de letras com essa extensão e que a sequência de substituições é repetida para cada grupo. (A repetição oferece ao descodificador uma entrada.) Mas aqui, a palavra-chave é tão longa como a própria mensagem — 128 letras! Nada menos que a inscrição completa da pedra tumular de Marie de Nègre, incluindo os erros, além de «PS» e «prae-cum» da suposta segunda pedra encontrada na sua sepultura — todas estas letras são depois escritas no sentido inverso.
O resultado é então transposto para a letra seguinte do alfabeto, e este resultado é submetido a outro Quadrado Viginère, desta vez usando a palavra-chave mais viável «Mortépée» — «morte-espada» — um anagrama das oito letras anómalas da inscrição na pedra tumular de Marie
259
de Nègre. A mensagem foi, por conseguinte, codificada cinco vezes — ou melhor, a mensagem foi codificada, o resultado da codificação foi novamente codificado, etc...

Gérard de Sede, que foi o primeiro a tornar público o método de decifração (via Lincoln), declarou que ela fora descodificada por elementos do exército peritos em descodificação. Mas como muitos referem, isso nunca poderia ser verdade. O método é tão complicado e requer conhecimentos tão específicos e opções tão arbitrárias que é, muito literalmente, impossível de quebrar — não porque seja particularmente inteligente, mas porque usa estes métodos de codificação de uma forma para a qual eles nunca foram destinados e que não têm nenhum valor prático. O sistema só pode ser usado para esta única mensagem, e só esta. O que, evidentemente, não faz qualquer sentido. Obviamente, a razão normal para enviar uma mensagem codificada é transmitir informação de uma pessoas para outra sem que estranhos sejam capazes de a compreender. Tanto o emissor como o receptor têm que conhecer o método de codificação e tudo o mais — como as palavras-chave — de que o sistema depende. Mas neste caso, o método de codificação inclui a própria mensagem, embora sob a forma de anagrama, o que significa que o emissor e o receptor já têm que conhecer a mensagem — mas, nesse caso, por que é que eles precisariam de uma versão codificada?
A outra razão para criar uma mensagem codificada encontra-se mais frequentemente na ficção do que na vida real. Neste caso, a informação tem que ser transmitida a alguém que não conhece o segredo, mas tem que ser restringida a um tipo específico de pessoa — por outras palavras, alguém suficientemente inteligente para a descobrir por si próprio (como uma espécie de processo iniciático; se formos suficientemente inteligentes para a descobnr, então somos suficientemente inteligentes para que nos seja permitido saber). Este foi o expediente usado em O Código Da Vinci e no filme National Treasure, onde mensagens codificadas são deixadas para a posteridade, na esperança de que alguém com a capacidade certa as seguirá e descobrirá o segredo. Evidentemente, esta intervenção também corre o risco de que as pessoas erradas sigam o mesmo percurso — o que é sempre o factor que gera toda a excitação, porque o herói tem que chegar lá primeiro do que o vilão. Mas na vida real, é correr um risco terrível.
Mas infelizmente, talvez, nem mesmo Robert Langdon soube descodificar essa mensagem. O processo é simplesmente demasiado arbitrário. Por exemplo, quem pensaria em usar uma palavra-chave com
128 letras, escrita de trás para a frente? Quem pensaria em formar um anagrama com as letras anómalas do epitáfio de Marie de Nègre — e escolher o perfeito anagrama?
O último problema é que nem mesmo quando descodificado, embora agora legível, o resultado ainda não faz sentido. Para que serve enviar uma mensagem em código se o receptor não compreender o que ela significa? E se as alusões a Poussin, Teniers, demónio-guardião e maçãs azuis fazem sentido para o receptor, porquê darmo-nos ao incómodo de as codificar? Se está a ser lançada uma pista para que futuros iniciados a sigam, porque não começar com a mensagem en clair?
No final, a única conclusão lógica é que não só este pergaminho foi obra de Phillipe de Chérisey, em concertação com Plantard e os seus confederados desconhecidos, mas que ela também se destinava a confundir, mais do que esclarecer. No entanto, seria um erro subestimar o talento do codificador. Ele aproveitou a bizarra inscrição na sepultura de Marie de Nègre — a qual sabemos que é genuína devido à reprodução de 1905 — e com a adição de nove letras, justificadas pela invenção de uma segunda pedra, transformou-a num anagrama que, embora sem significado próprio, contém referências a uma infinidade de outros elementos da história: a pastores e a Poussin (reforçando o tema da Arcádia); a Teniers e tentação (evocando Santo Antão, o Eremita, cuja estátua foi colocada por Saunière na sua igreja, e cujo dia festivo é a 17 de Janeiro — o mesmo dia festivo de Saint-Sulpice e a data encontrada na inscrição do túmulo de Marie.de

Nègre). Pode ser uma obra espantosa, quase de génio — mas depois de tanto tempo e esforço, francamente, qual era a sua finalidade?
A vida imita a arte?
Sem dúvida sentindo-nos muito confusos, mas tendo rejeitado definitivamente as pretensões do Priorado de Sião quanto à sobrevivência dos Merovíngios, e a sua associação com Rennes-le-Château, por uma questão de incluir todas as partes, gostaríamos de considerar evidências que apontem no sentido oposto, sugerindo que estas ideias já poderiam existir muito tempo antes de Plantard e os seus confederados terem entrado em cena.
Embora os cépticos preferissem que acreditássemos que o caso de Rennes era desconhecido fora das localidades imediatas antes de 1950,
260
261
algumas curiosas anomalias literárias sugerem que certos autores, de alguma forma, já tinham conhecimento dele...
Os curiosos paralelos «a-vida-imita-a-arte» entre Rennes-le-Château e Sion-Vaudémont em La colme inspirée, de Maurice Barres, podem não ser assim tão espantosos: afinal, o livro foi publicado em 1913, durante a vida de Saunière. Outros viram paralelos igualmente misteriosos nas mais de 20 obras de Maurice Leblanc, que apresentavam o cavalheiro-ladrão Arsène Lupin, que procura frequentemente encontrar antigos artefactos de significado místico ou ocultista — e sobre as quais Jean Markale escreve: «[elas] têm enredos que podem parecer inquietantes quando sabemos que a história se formou à volta do abade Saunière».97 Como os primeiros romances de Arsène Lupin apareceram em 1907 (após uma primeira pequena história em 1905), Leblanc poderia ter sido inspirado pelos acontecimentos. Mas, mesmo assim, esta associação teria destruído as pretensões de que o mistério de Saunière era uma invenção dos anos 50 do século vinte.
Contudo, o paralelo literário mais desconcertante diz respeito ao prolífico e muito mais famoso romancista de aventuras e de ficção científica Júlio Verne (1828-1905), autor de A Volta ao Mundo em Oitenta Dias, entre outras obras que continuam a ser muito apreciadas. O seu Clovis Dardentor (1896) que conta as aventuras de um grupo de viajantes franceses em África, contém alusões não muito veladas a pessoas e lugares associados ao mistério de Rennes-le-Château, mas sempre com as preocupações do Priorado de Sião.
Por exemplo, ao leme do barco de Dardentor, no decurso da viagem do sul de França para a Argélia, encontra-se o Capitão Bugarach — e o melancólico e distintivo Pie (pico) de Bugarach é um antigo vulcão com
1200 metros de altitude, a referência geográfica mais importante voltada para sul, a cerca de 12 quilómetros de Rennes-le-Château. Este é o único lugar com aquele nome em França, e há também uma quinta na comuna de Bugarach chamadas Lês Capitaines. E como a história se inicia com os viajantes reunidos no porto languedociano de Sete, Verne faz questão de que os seus protagonistas passem algum tempo a visitar a colina calcária conhecida como o Pillar de Saint-Clair. Em Argel, a atenção é desviada para a baía de Mers-el-Kébir, onde uma nascente de águas termais é chamada Bains de Ia Reine — Rennes-les-Bains.98
«Clovis Dardentor» está cheio de significado para a história merovíngia. Clovis foi o mais famoso dos reis merovíngios; «ardent» é recorrente nos Dossiers Secretos para descrever os descendentes secretos de Dagoberto II, a quem os ficheiros associam o nome de Plantard; «or»

é oiro, sugerindo tesouro. Segundo o investigador francês Michel Lamy, o nome Clovis Dardentor significa realmente «o oiro dos descendentes
1 • QQ
dos reis merovíngios».
Mas depois de criar esta tremenda expectativa, no que diz respeito aos investigadores, o romance é uma completa decepção. Basicamente, um relato de viagens entremeado com aventuras próprias para rapazes, não revela nada sobre quaisquer segredos associados a Rennes-le-Château, nem mesmo com qualquer outra coisa. O que poderemos concluir disto? Será apenas uma espantosa coincidência ou algum género de brincadeira cósmica complexa, mas completamente desprovida de significado? Qualquer que seja a razão, é inegavelmente misterioso e — sem surpresa — inspirou buscas de novas pistas noutros romances de Verne. Na nossa opinião, elas foram menos bem-sucedidas do que em Clovis, embora Pierre Jarnac refira que Verne também fez um uso mal disfarçado da história de Johann Orth no seu romance de
1909 publicado postumamente, Os Náufragos do Jonathan (Lês naufragés du Jonathan).100
Se, como acreditamos, o caso Saunière era conhecido nos círculos esotéricos e artísticos parisienses da última década do século dezanove, Verne poderia ter tido conhecimento dele. O aspecto desconcertante pode não ser as referências a Rennes-le-Château, mas a extraordinária associação de nomes101 aos merovíngios. O problema é que qualquer tipo de associação merovíngia foi inventada apenas nos anos 60, fazendo de Colvis Dardentor um dos poucos mistérios estranhamente verdadeiros de todo o caso Priorado.
A não ser que se tratasse de algum género de experiência numa versão de ficção científica da Alta Magia — o Nautonnier manobrando o seu barco, não na água mas no tempo e no espaço — não existe nenhuma explicação óbvia ou lógica para as anomalias de Júlio Verne. Embora não exista nenhuma prova específica de que ele se interessava por esoterismo, certamente que a insaciável curiosidade de romancista o teria inevitavelmente impelido, no mínimo, para as franjas desse mundo sedutor — em qualquer caso, era quase obrigatório para uma celebridade artística envolver-se nessas matérias na Paris dessa época. Mas estranhamente, segundo o Dictionary of French Freemasons, de Gaudart de Soulages e Lamant, o nome de Verne é mesmo conspícuo pela sua ausência no registo de todas as lojas maçónicas.102
Uma última conexão literária que antecede Júlio Verne também indica que nem tudo nos Dossiers Secretos era invenção. Em 1832, um escritor bastante conhecido na época, Auguste de Labouisse-Rochefort

— um amigo de Victor Hugo — publicou o livro de viagens Viagem a Rennes-le-Château, no qual ele conta a história local da jovem pastora e do tesouro do diabo em Blanchefort, equiparando explicitamente Rennes-les Bains à Arcádia. O princípio de outro dos seus livros também inclui o mote Et in Arcádia ego — uma coincidência extraordinária.103 E o tema da Arcádia percorre algumas das outras conexões que são difíceis de rejeitar como sendo puro acaso ou invenção.
Um túmulo na Arcádia
O mote Et in Arcádia ego, destacado logo desde o princípio nos Dossiers Secretos, continua aberto à interpretação no contexto do Priorado. A nível literário, na sua reconstrução da história, supõe-se que Arcádia, na Grécia, foi o lugar onde os antepassados benjamitas dos Sicambros se fixaram depois de terem saído da Palestina. A nível simbólico, a atenção é atraída para Os Pastores de Arcádia, de Poussin, que destaca a frase inscrita num túmulo representado numa paisagem rural; há também

alusões à pintura na mensagem do pergaminho codificado, e a descodificação, por sua vez, teria supostamente levado Saunière a estudar o quadro, no Louvre. Na versão de Gérard de Sede, o padre é mesmo descrito como tendo comprado uma reprodução. O mote, em caracteres gregos, também se supõe ter sido incluído na inscrição da segunda pedra tumular de Marie de Nègre, embora, quase certamente, ela nunca tivesse existido. (A frase foi também adoptada pela família Plantard como divisa do seu brasão.) E como acabámos de ver, Rennes-les-Bains foi equiparada à Arcádia em Voyage to Rennes-les-Bains, publicado em 1832, de Labouísse-Rochefort, e ele também usou o mote Et in Arcádia ego.
Então, por que serão esta frase e «arcádia» — presumivelmente, o lendário lugar na antiga Grécia — tão importantes? Podemos supor que o lugar foi introduzido na versão da história, segundo o Priorado, para estabelecer uma conexão com o mote, e não o contrário — assim, por que era ele considerado tão importante para mito de Priorado?
É relativamente fácil identificar a fonte e a tradição das quais os criadores dos Dossiers Secretos retiraram o significado do mote: ele provém de uma obra não ficcional de Maurice Barres. Numa colecção de ensaios intitulada O Mistério à Luz (Lê mystére en pleine lumière), publicada postumamente em 1926, ele escreve sobre um género de «irmandade» mística que existiu ao longo dos séculos, à qual os artistas

de uma determinada mentalidade espiritual — caracterizada pela proeminência de anjos na sua obra, implicando que eram inspirados ou mesmo influenciados pelas próprias entidades espirituais — pertencem. Embora Barres descreva estes artistas como partilhando apenas uma visão interior e uma finalidade artística comum — uma espécie de solidariedade mística, em vez de literal, ao longo dos séculos — muitos consideraram essa descrição como uma referência velada a uma confraria de artistas, muito misteriosa, a Sociedade Angélica (Société Angélique) dos séculos dezassete e dezoito, à qual Poussin também estivera ligado.104 Barres parece estar a sugerir que a Sociedade Angélica ainda existia no seu tempo.
Num ensaio intitulado «O Testamento de Eugène Delacroix», ele dedica a maior parte da atenção àquele pintor dos quadros da Capela dos Anjos, de Saint-Sulpice. Mas ele também escreve, depois de uma meditação melancólica sobre a efemeridade da beleza terrena em comparação com o reino angélico: Esta não será uma terra de anjos na qual todos estes fragmentos de beleza se associam, numa perfeita harmonia de vozes, cores e sentimentos; a terra que o São João de da Vinci nos aponta com o seu dedo erguido?» (a ênfase é nossa).105
Barres também revela o «código» — uma espécie de «sinal de identificação» ou senha — pela qual os membros da Sociedade Angélica se anunciavam: «Devemos sempre fazer com que haja, nalgum canto da nossa obra, um túmulo com a famosa inscrição: Et in Arcádia ego».106 Claramente, foi esta a razão por que o mote foi incluído nos Dossiers Secretos — e, presumivelmente, por que Delacroix foi introduzido na história. Mas isto significa que a pessoa que imaginou os Dossiers Secretos era membro da Sociedade Angélica? O problema é que depois de o livro de Barres ter revelado a «identificação secreta» a todos os leitores, é impossível saber se quem a usa faz parte da irmandade, se está a espalhar a confusão, ou se está apenas a divertir-se. (O mote é também o título do Livro I de Brideshead Reinsited, publicado em 1945 — mas qual é a prova de que Evelyn Waugh era uma iniciada?) Mas isto revela o tipo de material que atraiu os autores dos Dossiers Secretos, e ajuda a explicar por que era Barres tão importante para eles.
A ideia de que o mote Et in Arcádia ego é uma «senha» usada pela Sociedade Angélica explica outros casos que, de outra forma, eram difíceis de compreender. Em 1866, a

romancista George Sand — uma firme crente de que as sociedades secretas governam o mundo — escreveu-a numa carta a Gustave Flaubert: «... tudo para o que tenho disposição hoje é para escrever o meu epitáfio! Et in Arcádia ego, com-
265
preende».107 E seria por esta razão que Labouísse-Rochefort usou o mote Arcádia? Nesse caso, isso não só tornaria o seu interesse em Rennes-les-Bains ainda mais intrigante, como, evidentemente, identificava Poussin, o mais famoso expoente do tema (embora, de modo algum, o primeiro], como membro.
Nicolas Poussin (l 594-1665), produziu duas pinturas sobre o tema nos anos 40 do século dezassete, sendo Os Pastores de Arcádia a segunda e a mais famosa. (A primeira, pintada cerca de dez anos antes, chamava-se simplesmente Et in Arcádia ego.] Inegavelmente, um certo ar de mistério parece ter rodeado Poussin. Uma famosa carta dessa época refere-se-lhe como o possuidor, ou o descobridor, de um segredo que «talvez ninguém, nos séculos futuros, recuperaria, que traria uma fortuna igual, no mínimo, às maiores do mundo».108 Historiadores muito à margem dos mistérios de Rennes-le-Château e do Priorado de Sião, sugeriram que este segredo se refere a algum género de descoberta arqueológica feita por, ou revelada a, Poussin. A carta foi escrita de Roma — onde Poussin passou a maior parte da sua vida profissional — pelo abade Louis Fouquet, a seu irmão Nicolas, o Superintendente das Finanças de Luís XIV. O terceiro irmão Fouquet, Charles, foi um bispo de Narbonne — e membro da Companhia do Santo Sacramento — que estava particularmente interessado na basílica de Notre-Dame de Marceilles, não muito distante de Rennes-le-Château. Mais uma vez, os temas complexos e sobrepostos sugerem uma determinação de introduzir habilmente Poussin nos Dossiers Secretos.
No entanto, ainda há outro estrato de fraude, desta vez à volta do chamado túmulo de Arques, um monumento junto à estrada que — até que o proprietário da terra, que já não podia suportar os caçadores de tesouros, o dinamitou em 1988 — se encontrava mesmo a sul da estrada de Couiza para a aldeia de Arques.109 O túmulo e a sua localização eram muito semelhantes ao fundo do quadro de Poussin, o qual até incluía a colina sobre a qual está situada Rennes-le-Château. (E o túmulo ficava a menos de 2 quilómetros do vale de Rennes-les Bains que Labouisse-Rochefort equiparou à Arcádia. O túmulo também se encontrava a
200 metros a leste do Meridiano-Zero de Paris.) Mas se há alguma semelhança, Poussin pintou o túmulo verdadeiro ou foi o túmulo que foi construído segundo a pintura?
Na ausência de qualquer declaração deixada por Poussin ou de qualquer prova convincente de que ele visitou a área, o significado exacto de tudo isto tem que permanecer uma questão de opinião. O fundo do quadro é suficientemente semelhante à paisagem em redor
266
do túmulo para justificar a identificação, mas também suficientemente diferente para sugerir a obra cega da coincidência. Em qualquer caso, o túmulo foi construído em 1902 — portanto, no apogeu da vida de Saunière e Boudet — pela família que era então a proprietária da terra. Embora alguns afirmem que houve apenas a substituição de um túmulo mais antigo, não há nenhuma prova documental da existência de um túmulo anterior.
Estranhamente, no entanto, a semelhança com o quadro pintado por Poussin só foi notada em 1972, cinco anos depois do último dos Dossiers Secretos e oito anos completos depois da primeira referência a Pastores da Arcádia em conexão com o caso Saunière.110 Não é para admirar que os investigadores ficassem entusiasmados,

acreditando que, finalmente, compreendiam a razão por que Poussin foi incluído nos Dossiers Secretos]
Há apenas duas explicações possíveis: primeiro, os autores dos Dossiers conheciam a existência do túmulo junto à estrada e decidiram espalhar a confusão implicando os Pastores de Poussin, depois, esperaram oito anos, um modus operandi muito estranho se se tratava apenas de uma impostura. Em alternativa, eles tiveram uma sorte extraordinária, por que quais eram as probabilidades de encontrar um túmulo que é o par do que se encontra numa pintura que eles tinham seleccionado há anos, localizado num lugar associado com a Arcádia e quase sobre o Meridiano Zero — que está ligado a Saint-Sulpice? Se realmente se trata de puro acaso, Plantard e de Chérisey deveriam alugar os seus serviços para escolher números de lotaria.
Ironicamente, parece que Plantard e de Chérisey foram quase os últimos a saber — só depois da publicidade que rodeou o túmulo de Arques é que eles o incorporaram na sua história de Rennes-le-Château. Mas foi uma autêntica dádiva: a partir do final dos anos 70, eles afirmaram que a pedra com o mote Et in Arcádia ego cobria a sepultura de Marie de Nègre, mas foi retirada pelo abade Bigou.
Por todas estas razões, enquanto a história da sobrevivência merovíngia pode ser seguramente rejeitada, nós concluímos que nem tudo era invenção de Pierre Plantard e de Phillipe de Chérisey. Verdadeira «informação interna» — das tradições esotéricas que antecederam os Dossiers, no mínimo, um século — foi introduzida na intriga, talvez como um íman para atrair os grupos esotéricos aos quais os ficheiros eram destinados.
267
Intoxicação
Como referimos no princípio deste capítulo, os Dossiers Secretos eram um exercício de desinfarmação, ou «intoxicação», mas será possível imaginar o que eles estavam a esconder? Se estavam a esconder alguma coisa, sabemos com certeza que não é a ideia de que os segredos de Rennes-le-Château e do Priorado de Sião estavam associados à descendência merovíngia.
Como vimos no último capítulo, há uma evidência histórica definida de que a última família nobre de Rennes-le-Château, os Hautpouls, possuíam documentos de grande importância que, provavelmente, dariam uma explicação para o mistério Sauniére. Embora ninguém conheça o seu conteúdo, sabemos que há algo estranho nesses documentos, particularmente no testamento de François-Pierre d'Hautpoul, o qual um notário recusou entregar à família devido à sua «grande importância». De igual modo — mas igualmente intrigante — em seguida à morte de Marie de Nègre, Elisabeth d'Hautpoul recusou o acesso das suas irmãs aos arquivos da família por razões de que seria «perigoso» fazê-lo.
O testamento de 1644 tem um papel importante nos Dossiers Secretos, mas os seus autores explicam o mistério pela informação anexa, relacionada com a sobrevivência merovíngia — os documentos com informação genealógica que nunca viram a luz do dia e que, alegadamente, de forma misteriosa, foram levados para Londres ou mesmo para o Vaticano. Desde então, o testamento Hautpoul esteve tão inextrincavelmente associado à lenda merovíngia que historiadores e investigadores respeitáveis são desencorajados de continuar a investigar, enquanto outros descobrem que estão à procura de uma coisa que não existe.
Presumivelmente, a verdadeira finalidade dos Dossiers Secretos é desviar a atenção dos verdadeiros segredos dos documentos Hautpoul, mas quais poderiam ser esses segredos, é uma outra questão. Como vimos, dois importantes membros da misteriosa Companhia do Santo Sacramento, Nicolas Pavillon e Charles Fouquet (cujo irmão estava secretamente associado a Poussin), actuavam nas imediações de Rennes-le-Château:

talvez alguns dos seus arquivos tivessem sido confiados à família nobre de Rennes. (De facto, há um evidente mistério sobre o que aconteceu aos arquivos da Companhia após ela ter sido encerrada, depois de 1660.) Mas, um século depois, os Hautpoul, e as famílias aristocráticas aparentadas da área, estavam secretamente associadas a certas formas não convencionais da Maçonaria e de outras ordens esotéricas:
268
talvez os documentos estivessem relacionados com elas e com os seus segredos.
No entanto, a desinformação dos Dossiers Secretos conseguiu apenas adiar a questão: nas duas últimas décadas, muitos investigadores de Rennes — tanto os cépticos como os «crentes» — chegaram a um consenso alargado de que alguma coisa se passava, que estava, de alguma forma, associada aos arquivos da nobreza local, e também, provavelmente, aos Habsburgos. Sem a cortina de fumo dos Dossiers Secretos talvez tivéssemos chegado a essa conclusão muito mais cedo.
Como vimos no princípio deste capítulo, Gino Sandri disse recentemente que a finalidade dos Dossiers Secretos e dos pergaminhos falsos, mas engenhosos, era «desviar a atenção para proteger outros documentos» — ele usou mesmo o termo «intoxicação». De facto — e especialmente importante agora que a falsa história original dos merovíngios se tornou tão pouco credível — a versão de Sandri sobre o caso Sauniére é muito diferente, implicando, desta vez, documentos históricos confiados a Elisabeth d'Hautpoul, a «Mademoiselle de Rennes», filha de Marie de Nègre. Mas, segundo Sandri, estes documentos pertenciam aos próprios arquivos do Priorado de Sião, confiados a outro ramo dos Hautpoul para serem salvaguardados durante a Revolução e o Terror subsequente. Poderíamos ser desculpados por pensar que esta é ainda outra falsa pista, mas que talvez implique um pouco mais de verdade do que a falsa história original...
269

CAPÍTULO 5

O MITO DA LINHAGEM

Curiosamente, em seguida ao culminar do programa dos Dossiers Secretos com o Oiro de Rennes, de Gérard de Sede, nem Plantard nem de Chérisey tentaram explorar a história.1 Mas, seguramente, se eles tivessem investido tanto tempo e esforço na montagem do cenário Rennes-le-Château-sobrevivência merovíngia para seu próprio proveito, este seria exactamente o momento em que eles o apresentariam como desculpa para fazer o que, noutras circunstâncias, não fariam. Pelo contrário, eles deixaram a história ficar adormecida durante outros seis anos.
De facto, durante as duas décadas seguintes, o Priorado de Sião segue um padrão recorrente: períodos súbitos de actividade quando novo — e, muitas vezes, contraditório — material é tornado público, seguidos por quatro ou cinco anos de paz e discrição. Um comportamento muito estranho para impostores.
Entretanto, no mês de Março seguinte à morte de Anne-Léa Plantard Hisler em 1971, Pierre Plantard casou com France Germaine Cavaille (com de Chérisey como testemunha) e teve o seu nome legalmente reconhecido como Plantard de Saint-Clair, embora continuemos a favorecer a versão menos grandiosa. Thomas, seu filho e herdeiro do grão-mestrado, nasceu desta união.

O argumentista e o apresentador do espectáculo

No final dos anos 60, outro protagonista-chave chamou a atenção do público, e iria mudar os destinos do Priorado de forma significativa: o actor britânico que se tornou argumentista televisivo, Henry Lincoln. Um ardente francófilo, passava férias em França, no verão de 1969, quando comprou um exemplar de O Tesouro Maldito de Rennes-le-Château —

270

não imaginando quanto a sua compra casual se tornaria importante não apenas para a sua vida, mas também para, literalmente, milhares de outras em todo o mundo. Intrigado não apenas pelo mistério Saunière, mas também pela mensagem que ele descobriu no pergaminho «A Dagoberto II...» reproduzida por de Sede, Lincoln contactou o autor e no seu primeiro encontro, no final dos anos 70 — depois de determinar que de Sede tinha realmente conhecimento da mensagem, quis saber o motivo da ausência dela no seu livro. Como Lincoln gosta de recordar, de Sede respondeu provocadoramente: «Porque pensámos que alguém como você gostaria de a descobrir por si próprio»,2 sugerindo que os pergaminhos foram planeados como uma espécie de atracção ou chamariz. (Mas para quê? Obviamente, não para publicidade extra, pelo menos em França: de Sede era suficientemente conhecido no seu país natal para precisar de chamar a atenção sobre si próprio.) Mais uma vez, há um subtexto iniciático: «alguém como» Lincoln era alguém que, de alguma forma, era provável encontrar a mensagem, e deveria estabelecer o contacto. E também se suponha que ele fosse o elo de ligação entre o Priorado e o mundo em geral, ávido de surpresas? com ou sem a intenção dos seus novos conhecimentos em França, foi isto precisamente o que aconteceu, e — na verdade, em ambos os sentidos — o resto é história.

Imediatamente, Lincoln começou a escrever o agora lendário documentário televisivo sobre Rennes-le-Château para a série Chronicles da BBC, que ele também apresentou. Intitulado The Lost Treasure of Jerusalém? (O Tesouro Perdido de Jerusalém), foi emitido em Fevereiro de 1972, provocando uma reacção particularmente entusiástica, como se o mistério, finalmente, quebrasse um feitiço — ou lançasse o seu próprio — fazendo cessar uma vasta paralisia emocional e espiritual da psique fechada do mundo anglo-saxónico. Mais uma vez, a velha lenda de Saunière exercia a sua profunda e misteriosa magia, demonstrando como o mistério encontra um forte eco em tantas mentes, com os seus temas arquetípicos de tesouros escondidos, códigos secretos, ordens misteriosas e insinuações de práticas mágicas — talvez mesmo satânicas.

Cada vez mais atraído pelos enigmas de Rennes-le-Château e do Priorado de Sião, e pelos seus inúmeros aspectos menos importantes, Lincoln apresentou um segundo documentário sobre o tema, integrado na série Chronicles, em Outubro de 1974, The Priest, The Painter and the Devil (O Padre, o pintor e o Diabo). Os dois programas incidiam sobre Rennes-le-Château e os candidatos ao «segredo» descoberto por

271

Sauniére, mais do que sobre o Priorado de Sião ou o material disseminado nos Dossiers Secretos, embora Lincoln também prosseguisse com a sua investigação destes aspectos — uma pista que, finalmente, levou à publicação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal.

Em 1972, ele recebeu uma resposta particularmente intrigante ao primeiro documentário, vinda de um clérigo aposentado da Igreja de Inglaterra (que pediu o anonimato), que fora informado por um colega, o cónego Alfred Lilley (1860-1948), de que o segredo descoberto por Sauniére era que Jesus sobrevivera à crucificação. Isto é particularmente intrigante por duas razões: Lilley morreu muito tempo antes de a história de Rennes-le-Château se tornar amplamente conhecida, e Baigent, Leigh e Lincoln determinaram que ele passara algum tempo em Paris, onde conhecera o abade Émile Hoffet...3

Infelizmente, esta pista particularmente excitante torna-se muito difícil de seguir. Embora vários autores tivessem sugerido que o «segredo» de Rennes-le-Château é que Jesus estaria sepultado algures nas imediações, ninguém apresentou um argumento medianamente convincente — para não falar em provas — e como é que alguma coisa

(mesmo um túmulo) descoberta por Sauniére poderia prorar que Jesus sobrevivera à crucificação é algo estranho. No entanto, mesmo que o padre anglicano tivesse inventado a sua história bizarra depois de ver um documentário na TV, qual era o seu objectivo?

Ressurreição

Em 1973 — seis anos depois do livro de Gérard de Sede e do aparecimento do último dos Dossiers Secretos — o Priorado de Sião gozou de algo parecido com um renascimento em França, mas com duas mudanças importantes. Primeiro, o responsável pela renovada publicidade visava agora uma audiência muito mais convencional e não apenas os conhecedores que sabiam movimentar-se na Bibliothèque Nationale. Em segundo lugar, a publicidade atribuía maior importância ao papel contemporâneo do Priorado na arena política do que em continuar a insistir na sua alegada genealogia histórica.

O verdadeiro significado não é tanto o facto de que os apoiantes do Priorado de Sião se tivessem mobilizado novamente em 1973, mas que eles tivessem deixado de se manifestar depois da publicação de O Oiro de Rennes — exactamente quando esperaríamos que simples impostores exercessem a máxima pressão das suas Relações Públicas.

E, estranhamente, a renovada publicidade também não pode ser atribuída directamente nem a Plantard nem a de Chérisey.

Em 13 de Fevereiro de 1973, num jornal do sul de França, Midi-Libre, foi publicado um artigo sobre o mistério de Rennes-le-Château e a sobrevivência merovíngia — mas com uma nova e aparentemente audaciosa mudança. O artigo referia o famoso político Alain Poher não só como um descendente merovíngio, mas, na realidade, como o pretendente dinástico ao trono francês.

Poher (1906-96) iria ser conhecido por ter sido duas vezes o Presidente interino, ou substituto, de França: o seu primeiro exercício do cargo verificou-se em seguida à demissão do general de Gaulle em
1969, e o segundo, depois da morte de Georges Pompidou quando este exercia o cargo em 1974. (Obviamente, na altura em que o artigo do Midi-Libre foi publicado, o seu segundo exercício da Presidência ainda pertencia ao futuro.) Constitucionalmente, o Presidente do Senado, como no caso de Alain Poher, assume o poder quando ocorre a demissão ou morte do Presidente da República até que se realizem eleições. (Poher candidatou-se a Presidente contra Pompidou mas sofreu uma derrota humilhante.) Estranhamente, embora Poher ainda estivesse vivo e mesmo no exercício do seu cargo quando o artigo apareceu, ele não teve nenhuma reacção, pelo menos em público. Como é usual, a pergunta é — quer ele fosse ou não membro do Priorado ou um sobrevivente merovíngio — por que foi Poher, exactamente ele, a ser abruptamente introduzido na história? Superficialmente, ele poderia parecer quase um nome escolhido ao acaso na lista das principais celebridades políticas de França, mas, de facto, ele foi útil porque estabeleceu uma conexão muito específica com o mundo tumultuoso e perigoso do federalismo europeu.

Presidente do Parlamento Europeu desde 1966 até 1969, Alain Poher usufruiu da orientação política de Robert Schuman, o «Pai da Europa», basicamente, o arquitecto do Tratado de Roma que pôs o moderno movimento europeu em movimento. Segundo o mantra político de Poher, «Robert Schuman foi o meu mestre» («Robert Schuman a été mon maitre.)4 Ele escreveu nas suas memórias: «Devo muito a Robert Schuman; foi ele quem, pelo seu exemplo, me ajudou a definir a minha linha de conduta em política».5

A associação de Poher e Schuman, obviamente, está de acordo com o ideal da Europa federal que remontava ao auge da Alpha Galates, mas havia uma ligação mais específica com aquela Ordem: em 1924, Schuman fora um dos fundadores de um grupo de pressão política

|ÉM| ”W
chamado Énergie, que defendia a reforma política em França e na Europa. Um dos seus co-fundadores era Louis Lê Fur, o professor de Direito que teve um papel importante na Alpha Galates e na Vaincre.5 Em 1973, evidentemente, o Priorado poderia ter invocado o nome de Poher apenas por causa da sua importância pública, devido à sua inesperada elevação à presidência interina quatro anos antes. Mas isso não consegue explicar a razão por que, nas genealogias «Lobineau» de
1964, os condes de Poher, sendo o primeiro Alain, o Grande, têm um papel tão proeminente — a sua suposta ascendência merovíngia resultava do casamento de uma descendente de Sigeberto IV com Arnaud, conde de Poher, cerca de 890. Surrealisticamente, isto significa que Alain Poher estava a ser apresentado como descendente merovíngio dois anos antes de ter sido eleito presidente do Parlamento Europeu e cinco anos antes da sua presidência interina de França.
Ainda mais estranho foi um curioso episódio que ocorreu ao mesmo tempo que a publicação do artigo no Midi-Libre, reforçando, mais uma vez, a conexão suíça. Em Outubro de 1972, o locutor suíço Mathieu Paoli produziu uma série de três programas radiofónicos na Radio Genebra sobre o Priorado de Sião. Os programas foram seguidos, em Fevereiro de 1973, por um livro Por detrás de uma Ambição Política (Lê dessous d'une ambitionpolitique), que insistia no papel contemporâneo do Priorado, especialmente nas implicações sensacionais da sua ambição de repor os Merovíngios no poder em França. Tendo seguido esta pista lançada pelos Dossiers Secretos, desde os Merovíngios via Priorado de Sião até ao registo em 1956 e depois até à revista Circuit, Paoli incluiu algumas declarações significativas de Pierre Plantard — referindo depois que a sociedade aspirava a deslocar o equilíbrio do poder na Assembleia Nacional para o centro-esquerda nas futuras eleições de 1973.7
Depois desta notícia inesperada, Paoli desapareceu abruptamente. Baigent, Leigh e Lincoln descobriram que ele deixara a TSR (Télévision Suisse Romande) em 1971, antes de escrever o seu livro, para trabalhar em Israel.8 De facto, descobriu-se que «Mathieu Paoli era o pseudónimo de um certo Ludwig Scheswig, que, alegadamente, trabalhava como agente duplo para os serviços de informação israelitas e egípcios em Israel — resultando no seu assassínio cerca de quatro anos depois da publicação do seu livro.9
Mas isto será verdade? Depois de termos tentado confirmar a história através dos nossos contactos na comunidade dos serviços de informação israelitas, tivemos que admitir a derrota. Ao contrário do caso Leo Schidlof/Henri Lobineau, no mínimo, podemos ter a certeza
de que Paoli existiu — como foi confirmado pela TSR e a Rádio de Genebra — e que ele estava genuinamente envolvido, mesmo que apenas como jornalista de investigação, com o Priorado de Sião. Mas por que desapareceu ele? Há apenas duas alternativas. A primeira é que ele realmente morreu enquanto fazia jogo duplo no Médio Oriente — e, nesse caso, ele era, presumivelmente, um agente secreto de algum género, na altura em que publicou o seu livro. Em alternativa, a história da sua morte foi forjada: afinal, seria caracteristicamente dramático causar sensação com um livro sobre o Priorado — e, depois, desaparecer da face da terra!

A única outra pista a seguir era descobrir onde tiveram origem os rumores do desaparecimento de Paoli; sabemos que, em primeiro lugar, Jean-Luc Chaumeil o comunicou a Baigent, Leigh e Lincoln, tendo sabido do assassínio de Paoli por um associado do falecido, o professor romeno de ciência e tecnologia Doru Todericiu.10 Este professor romeno tinha alguns interesses esotéricos específicos, escrevendo livros em Francês sob o pseudónimo «Pierre Carnac», sobre o tema das antigas civilizações desaparecidas; sendo a sua obra principal, A História Começou em Bimini (LHistoire commence à Bimini, 1973), sobre as estruturas subaquáticas em Bimini, nas Bahamas, que alguns consideram serem os vestígios da Atlântida. A partir daí, tornou-se difícil seguir a pista, embora seja possível que o elusivo Paoli/Scheswig não fosse outro senão o ainda mais elusivo membro suíço da comissão editorial dos Dossiers Secretos.
Tendo largamente ignorado o cenário da sobrevivência merovíngia nos seus livros sobre Rennes-le-Château, Gérad de Sede elevou-o a um novo nível com o seu curioso livro de 1973, A Raça Fabulosa (La race fabuleusè), cujo subtítulo, Extraterrestres e a Mitologia Merovíngia, diz tudo. Segundo Gérard de Sede, os Merovíngios deviam o seu alto estatuto à sua descendência de extraterrestres.
O grau de envolvimento de Plantard com A Raça Fabulosa é incerto; já existiam atritos entre os dois homens, e de Sede cita como especialista nas origens dos Merovíngios um novo informador, o misterioso «marquês de B.», que tem tendência para fazer declarações extremamente radicais, como: «Se o ”sangue sagrado” dos Merovíngios, que torna tangíveis as suas marcas genéticas, dá testemunho de um cruzamento muito antigo com uma espécie, cuja evolução começou noutro planeta e continuou durante algum tempo no nosso, então, por surpreendente que possa parecer, os descendentes de extraterrestres reinaram antigamente em França» (a ênfase é original).11 Espantoso, realmente.
274
275
No final de 1973, o Priorado de Sião vangloriava-se da sua primeira grande vaga de publicidade, quando o editor da revista parisiense Lê Charivari encarregou Jean-Luc Chaumeil de escrever um artigo baseado nos Dossiers Secretos. Os serviços de relações públicas do Priorado devem ter ficado extáticos: a edição de Outubro foi inteiramente dedicada ao Priorado, reproduzindo mesmo vários documentos-chave, pela primeira vez — por exemplo, os estatutos de 1956 (Annemasse) — e uma «entrevista com o rei perdido»: quem mais senão Pierre Plantard de Saint-Clair?
Sendo um poeta e pintor que se dedicou ao jornalismo e à edição de revistas como meio de subsistência, Chaumeil já estava interessado no mistério de Rennes-le-Château depois de ter lido de Sede, mas foi a incumbência de Lê Charivari que o estabeleceu como figura importante na investigação do Priorado e que, no entanto — como de Sede — passou de admirador de Plantard a seu denunciante (embora os dois homens sempre tivessem uma predilecção por de Chérisey). Como disse Chaumeil na sua mais recente reminiscência dos seus contactos com Plantard:
Havia mil perguntas; quanto às respostas, elas eram sempre elusivas, irritantes em muitos aspectos, sempre cuidadosamente organizadas, talvez demasiado cuidadosamente... Este indivíduo, todavia, era bem-disposto, cheio de humor, um pouco ittuminé.’12
Um «furo jornalístico» do Lê Charivari que provou não ser nada desse género foi o seu artigo sobre os «tesouros de Rennes-le-Château», com fotografias cedidas por Mathieu Paoli. Estas mostravam baixelas de oiro ornadas de jóias, alegadamente encontradas por Saunière e vendidas secretamente, via Banque Fritz Dõrgé em Budapeste, aos Habsburgos, e que, supostamente, estavam agora na Suíça (e, de forma algo confusa,

dizia-se que eram propriedade dos seguidores do místico Rudolf Steiner). Pelo menos, isto é plausível, porque Saunière estava em contacto com o banco, mas descobriu-se que as fotografias eram de uma coisa muito diferente: a colecção dos tesouros do século sexto descobertos em Petrossa, Roménia, em 183 7 e que se encontram agora no museu de Bucareste. (Apesar desta infeliz contrariedade, a conexão romena ainda pode ser significativa através da ligação entre Paoli/Scheswig e Todericiu/Carnac.)
Ao mesmo tempo, Plantard e a história de Rennes-le-Château gozavam de grandes títulos na publicação semanal Pégase, editada por

Chaumeil. Vários artigos apareceram sobre diferentes aspectos do mistério de Rennes: em Setembro de 1973, foi publicado um artigo sobre Plantard— cuja fotografia surgia na capa da revista, lançando-nos o seu olhar enigmático — intitulado «De Jamac a Gisors», de Michel Vallet, que, sob o pseudónimo de Pierre Jarnac, se iria tornar num dos mais infatigáveis investigadores do caso de Rennes-le-Château. Mesmo nessa altura, Vallet não estava inteiramente convencido por Plantard, escrevendo que, depois de ter conhecimento da descoberta do tesouro por Saunière, «com alguma ajuda exterior, ele [Plantard] concebeu uma fantástica genealogia na qual ele se entronizava como "Descendente dos Reis Merovíngios", e, por consequência, único legítimo pretendente ao trono de França. Mas ele não ficou por ali; constituiu uma seita secreta que ele intitulou o Priorado de Sião».13
Depois de Pégase ter publicado, um mês depois, uma entrevista com Phillipe de Chérisey, seguiu-se outra com «mestre» Plantard. Foi só então que ele declarou abertamente ser o moderno representante da linhagem merovíngia e o legítimo Rei de França — anteriormente, os leitores tinham que descobrir a sua identidade por si próprios a partir das aliciantes pistas dos Dossiers Secretos. Por exemplo, numa carta para Chaumeil em Julho de 1974, Plantard declarava (com uma lógica algo perversa): «Sou, na verdade, o descendente directo e legítimo da linhagem de Sigeberto IV, ele próprio filho de Dagoberto II, Rei da Austrásia. Os que contestam, que provem o contrário1.»14 Mas, bizarramente, depois deste período de intensa de publicidade, a história ficou adormecida durante outros quatro ou cinco anos — até a um novo período de publicidade.
Uma qualidade muito diferente
Em 1977, entrou em cena outro protagonista que iria ter um papel crescentemente importante: Gino Sandri, que viria a ser — e, no momento em que escrevemos, ainda é — o secretário-geral do Priorado de Sião. Segundo o seu próprio relato, ele foi iniciado na sociedade por recomendação específica de Plantard.15 (Ele foi também testemunha no casamento de Jean-Luc Chaumeil em 1981.)
Sandri é de uma qualidade muito diferente quer de Plantard, quer de Phillipe de Chérisey. Apesar da sua longa associação com Plantard e o Priorado de Sião (geralmente considerado como uma fraude pelos esoteristas sérios), Sandri é um respeitável escritor académico sobre

questões místicas e maçónicas. Mas não há razão para duvidar das suas simpatias, porque as suas áreas de estudo são particularmente reveladoras.
Tudo em Sandri é distintamente martinista. Ele escreve para L'Initiatíon, a revista martinista fundada por Papus (e recuperada pelo seu filho), e também fez parte da comissão editorial do Centro Internacional de Investigação e Estudos Martinistas (Centre International de Recherhes et d'Études Martinistes, ou CIREM) — além de Robert Amadou, antigo membro da Alpha Galates. Sandri também colaborou com o respeitável Rennaissance Traditionelle, a «revista de estudos maçónicos e simbolistas»,

sobre a história e os rituais do Rito Escocês Rectificado e da Ordem da Rosa-Cruz de Ouro.

Mais uma vez, encontramo-nos a considerar a Ordem Martinista e o Rito Escocês Rectificado, e mais uma vez, a sua relação particularmente íntima com o Priorado é sublinhada. Contudo, desta vez, o enclave secreto também inclui a Ordem da Rosa-Cruz de Ouro, cuja íntima associação com o Rito Escocês Rectificado se tornaria ainda mais óbvia.

Se o aparecimento de Sandri actuou ou não como um catalisador, a história começou a desenvolver-se novamente nesta altura. O primeiro passo foi a publicação de um panfleto de seis página, em Julho de 1977, pelas Éditions Dyroles, de Toulouse, de O Círculo de Ulisses (Lê cercle d'Ulyssé) pelo pseudónimo Jean Delaude — «Jean de l'Aude» — que não era outro senão Phillipe de Chérisey. (Um Jean Delaude real escreveu artigos sobre Rennes-le-Château no Dépêche du Midi em
1974, mas isso parece ter sido uma verdadeira coincidência.16

O Círculo de Ulisses destrói completamente a versão da descendência Merovíngios/Plantard, segundo os Dossiers Secretos: «Embora seja correcto que foi dado a Sibeberto o nome de rebento ardente [rejeton ardent], nunca foi registado que ele fosse o filho de Dagoberto II da Austrásia. Pelo contrário, não há dúvidas de que ele era filho de Bera II e neto de Wamba, proclamado rei dos Visigodos em 672». Mesmo pelos padrões do Priorado, isto é bizarro. É tão demonstravelmente errado como o original — ainda não há nenhuma prova de que Sigeberto tivesse existido, quanto mais que tivesse um pai importante — mas como ele, supostamente, foi o progenitor da descendência que acabou em Plantard, se ele não era filho de Dagoberto, então essa descendência não era merovíngia. Mas, mais uma vez, de Chérisey e Plantard estão a brincar connosco — quase como estivessem a testar se o público ainda acreditaria na história merovíngia, apesar das suas evidentes anomalias e abundantes provas históricas do contrário. Mas o pseudónimo Delaude iniciou

outra parte integrante da história que iria emergir dramaticamente, mais tarde:

Por morte do abade Saunière, em 22 de Janeiro de 1917, a sua sobrinha, Mme James, que vivia em Montazels, expressou o seu ressentimento [porque] tudo o que recebera como herança fora apenas «... aqueles velhos papéis que ninguém era capaz de ler, e mais nada...» Em Outubro de 1955, ela vendeu os pergaminhos por 250 000 francos antigos a dois ingleses: Capitão Ronald Stansmore e SirThomas, da Internacional League of Antiquarian Booksellers [...]

Os supostos manuscritos apresentados por Gérard de Sede são falsificações. O original foi fabricado em 1961 pelo marquês Phillipe de Chérisey, e depositado, em Maio, no cartório de Maitre Bocon-Gibot. Gérard de Sede, por conseguinte, possuía apenas uma fotocópia, reproduzida no seu livro O Oiro de Rennes. Melhor ainda, este mesmo marquês tornou mais interessante a sua brincadeira publicando em Junho de 1971... um livro sobre Rennes, com a descodificação do original. A obra tinha o nome de Circuit.

A história relativa a Madame James e aos dois Ingleses (da Internacional League of Antiquarian Booksellers, de Londres) iria dar origem a um intrigante enredo secundário. Na verdade, Bertha James era mesmo sobrinha de Saunière, filha da sua irmã Mathilde e de seu marido, Jean Oscar Pagès.17. Para além deste facto, a história desintegra-se rapidamente quando sujeita a escrutínio, como veremos.

«Ritos ilegítimos»

Regressando às actividades do Priorado de Sião actual, O Círculo de Ulisses referia o abade Ducaud-Bourget como o sucessor de Cocteau no cargo de grão-mestre, fazendo algumas declarações espantosas sobre a agenda actual do Priorado: «O que está o

Priorado a planear? Não sei, mas ele representa um poder capaz de confrontar o Vaticano em dias futuros. Monsenhor Lefèbvre é um membro muito activo e formidável, capaz de dizer: "Faz-me Papa, eu far-te-ei Rei"».
A associação de dois eminentes clérigos com o Priorado de Sião é espantosa — especialmente porque ambos estavam vivos quando esta declaração foi publicada, e, desta vez, não foi sub-repticiamente depo-

sitada na Bibliothèque Nationale. O arcebispo Mareei Lefèbvre era um «tradicionalista reaccionário»18 católico, muito controverso, membro da Acção francesa antes da guerra, que, temerariamente, criticara e desafiara o Papa Paulo VI, até ao ponto em que foi ameaçado com a excomunhão. Acreditando que Paulo (e o seu antecessor João XXIII) tinham sacrilegamente modernizado e liberalizado a Igreja, Lefèbvre ficou particularmente indignado pelo entusiasmo do Papa por uma nova forma de missa, em 1969. Em resposta à sua suspensão do cargo em Junho de
1976, depois de ter recusado aceitar as mudanças, ele insurgiu-se contra os novos «ritos ilegítimos, os sacramentos ilegítimos, os padres ilegítimos», declarando que «se o papa está errado, ele deixa de ser Papa» e continuou a celebrar a missa segundo o rito antigo em lugares públicos, incluindo um recinto de luta-livre. Ele já tinha estabelecido uma base de poder num seminário que ele fundara em Econe, na Suíça.19
Esta era a situação em 1977, quando de Chérisey/Delaude, espantosamente, o referiu publicamente como membro do Priorado de Sião, mas é igualmente espantoso que o impetuoso arcebispo não tivesse reagido, embora tenha havido uma interessante sequela. Em O Sangue de Cristo e o Santo Graal, Baigent, Leigh e Lincoln deram muita importância a uma declaração de um dos seus apoiantes ingleses, segundo o qual o arcebispo rebelde tinha uma «poderosa arma eclesiástica», que iria «abalar a terra» e que ele não hesitaria em usar se o Papa cumprisse a sua ameaça de o excomungar.20. Embora eles refiram que Paulo VI recuou nessa altura, o poder de Lefèbvre já tinha sido efectivamente restringido quando O Sangue de Cristo e o Santo Graal foi escrito.
Um mês depois da sua eleição em 1978, o Papa João Paulo II chamou Lefèbvre ao Vaticano. Gordon Thomas e Max Morgan-Witts escrevem em Pontiff(1983) que o Arcebispo foi recebido em audiência privada, acreditando que iria receber algumas concessões do novo Papa conservador:
Durante quinze minutos [a porta] permanece fechada Depois, abre-se subitamente, e vemos João Paulo. Ele segura Lefèbvre pelo cotovelo. O arcebispo parece desorientado. Enquanto estavam no limiar da porta, o papa, mais uma vez, abraça o arcebispo afectuosamente. E diz, em excelente Francês, «Tudo vai ficar tudo bem, tudo vai ficar bem» Lefèbvre faz um aceno com a cabeça, em sinal de assentimento. Ele não fala. [...]
A rebelião que Mareei Lefèbvre primeiro proclamou em 8 de Dezembro de 1965, e que ele, subsequente e habilmente, promoveu com conflitos bem publicitados, acabou.21

Enquanto os dois homens estiveram sozinhos, ninguém sabe exactamente o que aconteceu, mas pelos testemunhos dos que conhecem o que se passa no Vaticano, Thomas e Morgan Witts argumentam que João Paulo ameaçara excomungar Lefèbvre e todos os seus apoiantes se ele continuasse a criticar o Vaticano publicamente. Por que é que esta ameaça não resultou quando foi usada por Paulo VI, e porque não fez então Lefèbvre nenhum uso da sua arma que «abalaria a terra» (ou se o fez, por que é que falhou), continua a ser frustrantemente desconhecido.
Em 1978, Plantard presidiu ao «relançamento» do aparentemente lunático livro do abade Henri Boudet, The True Celtic Language and the Cromleck of Rennes-le-Château, como parte da série «Classics of Occultism», publicada por Pierre Belfond.

Era um fac-símile da edição original, com um longo prefácio de Plantard de Saint-Clair22 (e uma introdução mais curta de um dos editores da série, Jean-Pierre Deloux).
Plantard afirmou que, quando o seu avô Charles se encontrou com Saunière e Boudet em Rennes-le-Château, em 1892, o último ofereceu-lhe um exemplar autografado do seu livro — que foi finalmente reeditado para a série, incluindo a dedicatória (não especificamente dirigida a Charles Plantard) e a assinatura.23 Isto foi recebido com algum cepticismo até que, em meado dos anos 90, os investigadores britânicos Richard Andrews e Paul Schellenberger encontraram uma carta de Boudet na Bodleian Library, de Oxford (acompanhando um exemplar do seu livro) que provou que a assinatura era genuína.24 Evidentemente, isto não prova toda a história de Plántard, mas, claramente, ele teve acesso a um exemplar autografado do livro de Boudet de 1886, há muito tempo esquecido.
No Verão de 1979, apareceu outra obra importante sobre o Priorado: O Tesouro do Triângulo Dourado (Lê trésor du triangle or), de Jean-Luc Chaumeil, que reforçava o mito do Priorado segundo os Dossiers Secretos — o seu papel como criadores dos Templários, protectores dos Merovíngios, etc. — relacionando a sociedade com Rennes-le-Château e Gisors (os dois vértices do «triângulo doirado», sendo o terceiro Stenay, o santuário das relíquias de Dagoberto II). As participações de Plantard e de Phillipe de Chérisey, que são largamente citados ao longo de toda a obra, podem ser claramente detectadas, embora Gino Sandri alegue que deu também uma contribuição importante. No entanto — talvez por influência de Sandri — é também introduzido um novo elemento na história, relativamente ao papel de Godofredo de Bulhão, embora significativamente modificado. Segundo

esta versão revista, além de ser de (suposta) descendência merovíngia, enquanto se encontrava na Terra Santa, Godofredo encontrou uma seita chamada Irmãos da Cruz Vermelha (Frères de Ia Croix Rouge) ou Irmãos de Ormus (ou Ormessius), um sacerdote egípcio que foi convertido ao Catolicismo por São Marcos em 46 d.G, e que fundou os Sábios da Luz (Sages de Ia Lumière) juntamente com seis companheiros. Mais tarde, uma escola de «Sabedoria Salomónica», inspirada em várias seitas judaicas, incluindo os Essénios (como os Templários, os candidatos habituais a ascendências esotéricas), associou-se aos Sábios da Luz. Chaumeil relata:
Conquistada a Palestina, Godofredo aprendeu a conhecer melhor estes estranhos cristãos que se associavam às tradições iniciáticas do antigo Egipto e do Judaísmo. Não seriam eles a verdadeira Igreja, pura e grande no espírito como o seu fundador desejava, e como o Apóstolo João, o seu discípulo preferido, também desejava?...
Na mente de Godofredo formou-se um grande desígnio. Em tempos antigos, o seu antepassado Clóvis fora a espada e o escudo da Igreja: aquela da qual Cristo confiara as chaves ao apóstolo Pedro, e que viria a estabelecer a sua sede em Roma. Ele tornar-se-ia a espada e o escudo da Igreja de João, mais associada ao espírito. Assim nasceu a Ordem de Sião, cuja sede estava situada na Abadia de Nossa Senhora de Sião, em Jerusalém.25
A Ordem de Sião, depois, fundou os Templários e:
Assim, no século 12, os instrumentos, espirituais e temporais, foram criados para permitir a realização do grandioso sonho formado por Godofredo de Bulhão. O Templo seria o servo da Igreja de João, e ao mesmo tempo, a primeira, e a única legítima, dinastia.26
Este relato mistura habilmente vários conceitos-chave: o Priorado de Sião, como protector da dinastia merovíngia, exibe agora uma falsa aparência sedutoramente mística, adquirida por Godofredo na Cruzada e incorporada no seu grande desígnio.

Embora tenha estado ausente há muito tempo, este é realmente um regresso a um aspecto que estivera presente logo nos primeiros escritos publicados sobre o Priorado de Sião, o apêndice escrito por Plantard para Os Templários estão entre Nós, de Gérard de Sede, em 1962.
282
Recordamos que este destacou — mas não conseguiu explicar — a importância dos «dois Joões», o Evangelista e o Baptista. O uso enigmático do nome «João» pelos grão-mestres do Priorado esteve sempre presente ao longo do desenvolvimento dos Dossiers Secretos, mas, pela primeira vez, há uma conexão explícita com os joanistas. Como comenta Jean Markale:
Assim, asseguram-nos que o Priorado de Sião [sic] nasceu da fusão de Irmandade da Cruz Vermelha, de grupos essénios e do grupo de Godofredo de Bulhão. Desta maneira, ao Priorado de Sião é atribuída uma conexão com os joanistas. O que teria realmente acontecido às seitas esotéricas, prudentemente chamadas «círculos filosóficos», se elas não tivessem sido colocadas sobre a protecção de São João? Quer o protector seja João Baptista, quer o João que escreveu o Apocalipse (João de Patmos), asseguram-nos, não tem nenhuma importância.
Presumivelmente, foi «prudente» chamar «círculos filosóficos» às seitas esotéricas porque elas eram, de facto, profundamente, talvez mesmo ofensivamente, heréticas... Exploraremos a alegada relação do Priorado e das tradições joanistas no próximo capítulo.
O novo Nautonnier
>
Entretanto, Henry Lincoln continuara a investigar este caso e, em
1975, conheceu Richard Leigh, um professor universitário americano expatriado, com um entusiasmo semelhante pelos aspectos esotéricos do mistério, particularmente no que dizia respeito aos Templários. Depois, Leigh apresentou-o a Michael Baigente, um jornalista e fotógrafo da Nova Zelândia, que também estava fascinado pela Ordem. (Embora habitualmente referidos como «\es Anglais» pelos comentadores franceses, só um dos três nasceu na Grã-Bretanha.) A sua concordância em seguir a confusão de pistas que tinham origem nos Dossiers Secretos e noutras fontes levou a O Sangue de Cristo e o Santo Graal, que, de forma sensacional, apresentou o Priorado de Sião a uma enorme audiência internacional sete anos depois. Tendo captado o interesse destes milhões de leitores, o Priorado já não podia recuar.
Antes disso, o trio estivera envolvido no terceiro documentário de Henry Lincoln, integrado na série Chronicle, A Sombra dos Templários,
283
emitido em Novembro de 1979. Pela primeira vez, o Priorado de Sião e Plantard — que foi entrevistado em directo na televisão — tiveram um papel importante. Foi durante a investigação para este documentário que os três autores estabeleceram contacto com Plantard, pela primeira vez, sendo o seu plano de acção facilitado pela BBC. Este plano culminou em Março de 1979 com o seu primeiro encontro, num cinema de Paris alugado para a ocasião, conseguido através de uma investigadora da BBC residente em Paris, Jania Macgillivray, via Jean-Luc Chaumeil, embora — talvez apropriadamente — a entrevista televisiva de Plantard tivesse sido filmada num estúdio de arte surrealista, propriedade da mãe de Chaumeil.
Embora Plantard alegasse que o Priorado de Sião era o guardião do tesouro do Templo de Jerusalém (um dos candidatos à importante descoberta de Saunière), ele concentrou-se particularmente nos planos do Priorado para uma revolução que prepararia o caminho para a restauração da (ou de uma) monarquia francesa.28

Entre estes encontros e a publicação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, algo de decisivo aconteceu ao Priorado: Pierre Plantard (de Saint-Clair), aparentemente, tornou-se o seu grão-mestre. Anteriormente, a única informação sobre o seu cargo proviera do registo de
1956, no qual ele era referido como secretário-geral.J Estranhamente, no caso de uma «sociedade secreta», a sua eleição para direcção do Priorado foi realmente noticiada na imprensa, a 22 de Janeiro de 1981 (embora apenas nos jornais locais e regionais — os quais, se actuarem como os jornais locais britânicos, basicamente, publicam de boa vontade tudo o que recebem):
Uma verdadeira sociedade secreta de 121 dignitários, o Priorado de Sião, fundado por Godofredo de Bulhão em Jerusalém, em 1099, contou entre os seus grão-mestres Leonardo da Vinci, Victor Hugo, [e] Jean Cocteau; esta Ordem reuniu a sua convenção em Blois, a 17 de Janeiro de 1981 (datando a anterior convenção de 5 de Junho de 1956 em Paris). Durante a presente convenção de Blois, Pierre Plantard de Saint-Clair foi eleito grão-mestre da Ordem por 83 votos em 92, ao terceiro escrutínio.
A eleição deste grão-mestre marca uma etapa decisiva na evolução das concepções e do espírito do mundo, porque os 121 dignitários do Priorado de Sião são todos eminências pardas da alta finança, da política internacional ou de sociedades filosóficas, e Pierre Plantard é o descendente directo dos reis merovíngios via Dagoberto II; a sua ancestralidade

é legalmente comprovada pelos pergaminhos da Rainha Branca de Castela, descobertos pelo cura Saunière em Rennes-le Château (Aude), em 1891.
Estes documentos, vendidos pela sobrinha do padre ao capitão Ronald Stansmore e a SirThomas Prazer, estão depositados num cofre do Lloyds Bank Europe Limited, em Londres.2
No entanto, como o Priorado é — dependendo do ponto de vista de cada pessoa — ou uma fraude, ou uma fachada para qualquer outra organização, por que esperou Plantard tanto tempo para se declarar grão-mestre? (Mais tarde, o próprio Plantard disse que o anúncio se destinava a preparar as eleições presidenciais previstas para alguns meses depois, e que levaram Mitterrand ao poder.) E quem se suponha ter sido o grão-mestre desde a morte de Cocteau em 1963?
Embora ainda não seja claro que o Priorado seja uma fachada, uma estrutura vazia a ser preenchida por qualquer coisa que apraza aos misteriosos «Eles», a questão da declarada sucessão de Cocteau continua a ser uma indicação importante sobre a forma como funcionou a história inventada e um conhecimento da mentalidade dos que controlam as actividades do Priorado. A última referência ao tema, que apareceu nos Dossiers Secretos — os documentos Lobineau de 1967 — deixara Cocteau ao leme.
Como vimos, em The Circle of Ulysses, de Delaude/Chérisey, o sucessor de Cocteau foi referido como sendo o abade Ducaud-Bourget, que, (alegadamente) introduziu Plantard no Priorado de Sião em 1943. Como Ducaud-Bourget ainda estava vivo quando isto foi escrito — e estava intimamente associado aos muito poderosos Cavaleiros de Malta — mencionar com tanta frequência o seu nome, e tão ousadamente, talvez não fosse a melhor ideia, a não ser que, de alguma forma, eles soubessem que ficariam impunes. (A propósito, Ducaud-Bouget estudara em Saint-Sulpice.) Mas para tornar a situação mais confusa, há uma versão alternativa da sucessão.
Um curioso artigo sobre o Priorado de Sião apareceu no semanário belga Bonne Soirée a 14 de Agosto de 1980. Era uma tradução de um artigo de Jania Macgillavray escrito mais ou menos um ano antes, mas deturpado para incluir vários parágrafos informativos

até então não conhecidos publicamente sobre o Priorado (e desconhecidos até de Macgillivray). Segundo esta informação, desde a morte de Cocteau em
1963, a liderança do Priorado incumbira a um triunvirato formado por Plantard, Gaylord Freeman e António Merzagora.30

Como é que o texto original de Macgillivray veio a ser deturpado desta maneira, não sabemos, embora as suspeitas recaiam sobre o tradutor francês, Robert Suffert. Previsivelmente, mesmo essa identificação é obscurecida pelo pretenso secretismo do Priorado, especialmente quando foi alegado que se tratava de um pseudónimo de Paul Smith, o ultracéptico investigador britânico!
Vários anos depois, em Outubro de 1985, um novo documento, O Misterioso Rennes-le-Château, foi depositado na Bibliothèque Nationale, referindo Jania Macgillivray como sua autora, e com o talão de depósito assinado por Paul Smith — como ele próprio reconhece, uma «falsificação perfeita» da sua assinatura — que foi também identificado como o tradutor «Robert Suffert». (Como refere Smith, ele não sabia falar francês, pelo menos nessa altura, quanto mais traduzir um artigo inteiro.)31 Contudo, numa carta a Pierre Jamac, Plantard voltou a identificar «Suffert» com Smith — uma tentativa flagrante de lançar a discórdia.32
Para além da França
Os dois companheiros de Plantard no triunvirato referido em Bonne Soirée — mais tarde confirmados a Baigent, Leigh e Lincoln pelo próprio Plantard — pela primeira vez, estenderam a história para lá da França e também ao mundo da alta finança internacional.
Presumivelmente, António Merzagora era o banqueiro italiano, sócio do eminente industrial Agostino Rocca (l 895-1978), a quem se atribui a criação da indústria do aço durante a Segunda Guerra Mundial). Mas o alegado envolvimento de Gaylord Freeman (1910-91) implicava que a influência do Priorado se estendia ainda até mais longe. Banqueiro americano extremamente importante e influente, ele estava mais notavelmente associado ao First National Bank de Chicago, do qual foi Presidente entre 1969 e 1975 (desempenhando também um papel-chave na criação da sua famosa colecção de arte). Freeman foi também conselheiro para as questões económicas junto do governo dos Estados Unidos, por exemplo, presidindo a uma «task force» presidencial para a questão a inflação durante a administração Cárter.33
Previsivelmente, não há provas de nenhuma ligação entre qualquer destes banqueiros e Plantard ou o Priorado, mas quando o artigo da Bonne Soirée foi publicado, e Plantard mencionou os seus nomes a Baigent, Leigh e Lincoln, os dois homens ainda estavam vivos — mas nenhum deles reagiu. Ou Plantard tinha uma incrível desfaçatez (afinal,

espalhar mentiras sobre um riquíssimo banqueiro americano é procurar arranjar sarilhos), ou ele sentia, por alguma razão, que podia usar estes nomes com impunidade.
A linha «oficial» mudou novamente em 1989, quando o jornal Vaincre declarou que o grão-mestre, entre 1963 e 1981, fora John E. Drick (1911-82) — outro importante banqueiro dos Estados Unidos associado ao First National Bank de Chicago.
Sonhando com a vinha sagrada
A investigação de Baigent, Leigh e Lincoln da história do Priorado e da sua custódia da linhagem sagrada chegou ao conhecimento do público sob a forma de um romance, O Visionário da Vinha [The Dreamer ofthe Vine, 1980), escrito por Liz Greene — uma psicóloga e astróloga que era também irmã de Richard Leigh. Inspirado na vida do vidente e astrólogo Nostradamus, trata das conspirações organizadas para estabelecer a família merovíngia Guise no trono de França, no século dezasseis. Embora um dos

protagonistas seja uma misteriosa eminência parda chamada Plantard, e ao Priorado de Sião seja atribuído um papel excelente, o romance também dá especial importância ao culto da deusa e a ritos sexuais como a principal raison d'être do Priorado — nenhum dos quais encontra grande espaço nas obras de Baigent, Leigh e Lincoln (Greene também produziu um segundo romance inspirado no Priorado, The Puppet Master, em 1987.)
Embora os três autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal aceitassem a história da «sobrevivência merovíngia» dos Dossiers Secretos, eles procuraram encontrar outro factor que explicasse o fervor quase religioso com que a família tinha sido venerada e protegida ao longo dos séculos, além do facto de ela ser, alegadamente, a legítima família real de França. Primeiro, eles notaram o tema recorrente do Graal — há muito tempo associado com os Templários e com os Cátaros — e compreenderam que os romances medievais do Graal davam grande importância à linhagem e à herança, cabendo o dever de guardar e proteger o Graal a certas famílias, que estavam inextrincavelmente ligadas a indivíduos específicos referidos nas genealogias merovíngias do Priorado. Por exemplo, pelo menos segundo a lenda, Godofredo de Bulhão era descendente de Lohengrin, o Cavaleiro do Cisne que em Parzival, a saga do Graal de Wolfram von Eschenbach, é filho do próprio herói epónimo. A epopeia de Wolfram também associa a proveniência da história

do Graal com a família de Anjou, que é proeminente nas genealogias dos Dossiers Secretos e na história do Priorado de Sião.
Tudo isto levou Baigent, Leigh e Lincoln a formular a hipótese de que o misterioso Graal representasse uma linhagem real — uma descendência.3* E chegaram ao famoso jogo de palavras que deu o título ao seu livro: que a palavra usada nalguns dos primeiros romances para descrever o objecto da demanda, sagraal ou sangreal, foi, durante séculos dividida no lugar errado. Em vez de «san greal» — «santo graal» — deveria ter sido «sang real» — «sangue sagrado».35 Mas era a descendência de quem?
(De facto, o jogo de palavras foi intencional desde o princípio. Mas a maior parte da primeira produção de romances chama ao objecto da demanda simplesmente um graal ou, como na versão de Wolfram, Gral. Foi inicialmente descrito como o sangreal em Joseph d'Arimathie, de Robert Boron, escrito na viragem do século doze, no qual, pela primeira vez, o Santo Graal foi explicitamente identificado como a taça em que foi recolhido o sangue de Jesus quando estava suspenso da cruz. Robert de Boron tinha conhecimento do jogo de palavras san greal/ /sangreal, embora ele o interpretasse como uma referência ao «sangue real (ou verdadeiro)», o sangue de Cristo preservado na taça.36
Finalmente, compreenderam, segundo Lincoln, quando ele e Richard Leigh reflectiam sobre a questão da grande importância dos Merovíngios, e Leigh concluiu que havia «alguma coisa suspeita (fishyj» naquela dinastia. Subitamente, houve o que poderia ter parecido uma epifania: como o peixe (fish) era o mais antigo símbolo de Jesus, seria essa a verdadeira resposta — que o próprio Jesus era o elo de ligação necessário para compreender a questão?37
A partir dessa ideia aparentemente interessante e casual, as conexões estabeleceram-se rapidamente. Primeiro, havia as repetidas alusões a Maria Madalena no material disseminado pelo Priorado, o qual, embora se pudesse referir à igreja de Rennes-le-Château, suscitava, por si próprio, a questão de saber por que lhe tinha sido dedicada a igreja, em primeiro lugar. O trio descobriu que ela é particularmente venerada no Languesço porque, segundo uma lenda, ela viveu o resto da sua vida naquela área depois de ter fugido (ou ter sido exilada) da Judeia em seguida à crucificação. Como

mostrámos em O Segredo dos Templários36, estas lendas são mais plausíveis do que histórias semelhantes relativas a figuras bíblicas que apareciam em lugares improváveis. Como Maria Madalena, também, está associada ao Santo Graal (que supostamente ela teria trazido para França), segundo o raciocínio de Baigent, Leigh e Lincoln, o Graal

era uma descendência — um filho ou filhos — que Madalena trouxera com ela. A descendência de Cristo...

A teoria já fora proposta por estudiosos do Novo Testamento há muitos anos, de que Jesus e Maria Madalena eram marido e mulher, e como descobrimos, não há falta de evidências para apoiar a ideia de um relacionamento íntimo, mesmo sexual, entre os dois. (No entanto, discordamos de que eles fossem legalmente casados: mesmo os relatos heréticos, muito cuidadosamente, empregam termos como «companheira» ou «concubina», mas não «mulher» ou «esposa».) Depois de tudo considerado, Baigent, Leigh e Lincoln desenvolveram a hipótese de que Madalena levara os filhos de Jesus para França, onde, em dada altura, contraíram casamentos com membros da família franca que se iria transmutar na dinastia merovíngia. Presumivelmente, considerando que os Merovíngios descendiam (segundo os Dossiers Secretos), da tribo israelita de Benjamim, que deu a Israel o seu primeiro rei, esta associação era intencional. Esse era o segredo; essa era a razão por que os Merovíngios eram considerados sagrados — e a razão por que o Priorado de Sião, a partir de então, protegera a «descendência sagrada» — porque era a descendência do próprio Jesus.

No entanto, acentuamos que não era essa a alegação feita pelos Dossiers Secretos (que apenas fazem remontar os Merovíngios à Casa de David), embora a ideia se encontrasse em forma embrionárias em O Oiro de Rennes, de Gérard de Sede — inocentemente remetida para uma nota de rodapé. Discutindo a Virgem Maria (em relação com a estátua de Nossa Senhora de Lourdes que Saunière introduzira na sua igreja), de Sede concluiu: «Segundo os evangelistas, Jesus era, por via materna, descendente de David e Salomão, portanto, Rei dos Judeus pelo sangue. Esta conclusão favoreceu a especulação sobre a possível sobrevivência da descendência humana sagrada em que o Messias encarnara, especulações reforçadas pela analogia ritual incontestável entre a unção dos reis judaicos e a unção da coroação inaugurada para Clóvis».39 Seria a aparentemente casual e breve nota de rodapé de Gérard de Sede o equivalente literário à mensagem dentro de uma garrafa atirada ao mar, na esperança de que o Destino se encarregasse de que ela fosse entregue — um dia, de alguma forma?

Quando O Sangue de Cristo e o Santo Graal foi publicado em Janeiro de 1982, gerou uma enorme controvérsia em ambos os lados do Atlântico. Condenado por eclesiásticos e historiadores (embora tivesse os seus apoiantes no seio destes círculos), foi um enorme succès de scandale. O grande número de leitores entusiásticos do livro ficaram entu-
siasmados com a história impressionante de tesouro, mistério, sociedades secretas — e no seu cerne, a nova e provocadora informação sobre a religião que moldara a civilização ocidental. (Em boa medida, eles acrescentaram a ideia de que Jesus sobrevivera à crucificação, embora, de facto, ela não tenha nenhuma relação com a sua hipótese central da sobrevivência da descendência de Jesus.) O Priorado de Sião, certamente, chegara a uma nova audiência internacional — mas ao preço de ficar indelevelmente associado à ideia de que existia para proteger os descendentes de Jesus. No que nos diz respeito, não era «facto» — como em O Código Da Vincí — que eles fossem guardiões do segredo da descendência e das suas personificações humanas.

Na verdade, quando entrevistado na rádio francesa imediatamente após a publicação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, Plantard negou redondamente as teorias dos três

autores e a ideia de que ele fosse um descendente directo de Jesus Cristo.[40] Presumivelmente, ele sentia-se lisonjeado por descobrir que não era apenas o verdadeiro Rei de França, mas também o descendente muito remoto de Deus.

Para nós, muito objectivamente, O Sangue de Cristo e o Santo Graal tem vantagens e desvantagens. Embora seja frustrante que certos erros históricos demonstráveis com origem nos Dossiers Secretos — como Godofredo de Bulhão ser descendente dos Merovíngios — se tivessem fixado na mente das pessoas como factos, a maior parte da informação e das ideias alternativas sobre Jesus e as origens da Igreja Cristã são válidas. E, evidentemente, para a maior parte dos leitores, são ideias novas e excitantes. Baigent, Leigh e Lincoln levaram o que são essencialmente conceitos surpreendentes e temerários a uma enorme massa de audiência, que, provavelmente, de outra maneira, nunca teria sabido que eles existiam.

Quase simultaneamente com O Sangue de Cristo e o Santo Graal, uma aparatosa e profusamente ilustrada publicação sobre Rennes-le-Château e o Priorado de Sião — Rennes-le-Château: Secret Capital of the History ofFrance (Rennes-le-Château: capitale secrète de 1'histoire de france} — apareceu em França. Foi descrita por Pierre Jamac, como um «brochura de propaganda a favor do Priorado de Sião e dos seus apoiantes».[41] De novo fortemente orientada por Plantard, a maior parte do texto foi retirada de artigos sobre o caso de Rennes-le-Château apresentado no L'inexpliqué (a versão francesa de The Unexplained)[42] ao longo dos dois anos anteriores. Como o anterior livro de Chaumeil, o texto destacava a conexão da «Igreja de João» e o Priorado — que fora quase totalmente ignorada por Baigent, Leigh e Lincoln.

Os Companheiros Secretos

No Verão de 1982, um estranho livro foi publicado no Mónaco. Intitulado O Livro dos Companheiros Secretos (Lê livre dês compagnons secrets), foi atribuído a um certo R.P. Martin. (R.P. representa «Reverendo Padre», o título habitual de um jesuíta: Guy Patton identificou Martin como um Reverendo Padre Martin Courdec de Hautclaire.)[43] Embora a maior parte deste longo, denso e meticuloso livro — a própria antítese dos Dossiers Secretos — fosse dedicada a uma história social e política, muito detalhada, de França, ele era baseado numa afirmação espantosa: que Charles de Gaulle reunira um grupo secreto de conselheiros — os «Companheiros Secretos» do título — que concebia as políticas do general. Este grupo — Martin insinua que ele próprio pertencia ao grupo ou que estava em conluio com alguém que pertencia — originalmente tinha quarenta e cinco membros, mas as mortes reduziram-no a quarenta e três durante a presidência de Charles de Gaulle. A todos fora imposto silêncio quanto ao seu papel durante os dez anos que se seguiram à morte do general em 1970.

O único membro dos alegados quarenta e cinco a ser identificado foi o economista Jacques Rueff (l 896-1978), que foi encarregado por de Gaulle de elaborar uma plano de reforma económica. (De Gaulle chamou-lhe o «poeta das finanças».) Segundo o padre Martin, o «Plano Rueff» não só visava os problemas económicos da França como tivera o cuidado de não excluir «a criação de uma moeda europeia [baseada] em ideias completamente novas, consideradas a longo prazo».[44] (Lembremos que isto foi escrito em 1982, alegadamente descrevendo acontecimentos de 1958.) De facto, Rueff estava profundamente implicado na política europeia: na altura da sua associação com de Gaulle, ele era juiz no Tribunal da Comunidade Europeia.

O Livro dos Companheiros Secretos (aparentemente inspirado pelo advento de François Mitterrand como Presidente em 1981) é sobretudo uma história sócio-política da França, apresentando as ideias de Martin quanto à necessidade de conhecer de onde a França vinha, com a finalidade de determinar para onde ela ia. Mas ele tem também um

ethos espiritual ou esotérico subjacente, baseado nas ideias do influente filósofo esoténco René Guénon (1886-1951), que fora discípulo de Papus, e cuja complexa filosofia combinava algum tradicionalismo de direita com ideais socialistas, misturados com o pensamento místico do sufismo islâmico. (De facto, Guénon acabou por se converter ao Islão.)
Martin afirma que os «quarenta e cinco» — os mágicos quarenta e
297
cinco conselheiros de Charles de Gaulle — emergiram de (ou, no mínimo, tinham uma ligação implícita com) as escolas Uriage, que tiveram origem em Château Bayard, Uriage-les-Bains, perto de Grenoble, com o oficial de cavalaria Pierre Dunoyer Segonzac, durante o período de Vichy.45 Esta influência continua: «Devido à união entre a segunda e a terceira gerações de discípulos do mestre de Château Bayard e da criação da Ordem que selou esta união, certos detalhes foram adaptados à nova situação, sem qualquer modificação essencial de objectivos».46 Por outras palavras, esta Ordem continua o trabalho começado pelo grupo reunido por de Gaulle.
A École Nationale dês Cadres Uriage era, nas palavras de Patton e Macknness, «uma escola ideológica... a unidade emblemática de uma rede destinada a preparar uma nova elite para o governo de França a seguir à Libertação».47 No final de 1942, esta visão tinha-se alargado para lá da França para englobar uma Nova Ordem Europeia.
Apesar da sua emergência durante o período de Vichy, e do seu ultraconservadorismo, as escolas Uriage não eram propriamente «Vichyitas», mas outra manifestação dos movimentos de «renovação nacional» que foram, essencialmente, uma resposta às circunstâncias extremas da França ocupada. Mais tarde, durante a guerra, o Château Bayard foi posto sob o controlo da temida Milícia, mas isso aconteceu depois de os Alemães terem afastado Dunoyer de Segonzac. Este reagrupou os seus discípulos no castelo de Montmaur, perto de Gap, onde criou a Ordem de cavalaria, e transferiu o seu apoio para de Gaulle — viajando mesmo secretamente para se encontrar com ele na Argélia — e incitou os seus discípulos a estabelecerem contacto com a Resistência.
Em seguida à publicação do livro de Martin, surgiram as habituais e difíceis complicações. Na edição de Outubro de 1982 da revista Nostra, surgiu um artigo sobre O Livro dos Companheiros Secretos, assinado por um certo «Bayard» (segundo o nome da primeira sede das escolas Uriage) intitulado «O general de Gaulle aguardava o regresso do Grande Monarca». «Bayard» especula sobre se o livro «teria uma finalidade secreta, que parecia ser confundir os ”quarenta e cinco” com o Priorado de Sião», explicando que, durante o mandato de Cocteau como grão-mestre, o Priorado tinha quarenta e cinco membros, mas no fim da presidência do general de Gaulle, devido às mortes de Cocteau e do Marechal Juin, eram quarenta e três. «Bayard» acrescenta que foi devido à morte de Juin que Plantard foi elevado ao grau de «Cruzado», o segundo grau mais elevado, segundo os estatutos de Cocteau — por insistência do general de GauUe. (Mas, algo curiosamente, Bayard insiste
292
< em que o próprio de Gaulle não era membro do Priorado.) A revista | também referia um problema no «equilíbrio interno» do Priorado entre í os membros ingleses/americanos — que Bayard receava que pudesse ser í exacerbado pelo livro de Martin ao sugerir que o Priorado tinha uma orientação especificamente francesa, gaullista.
Embora Martin não faça nenhuma referência explícita ao Priorado, o seu estilo e substância são muito mais sólidos do que alguma coisa que o Priorado já tinha produzido, lendo nas entrelinhas, verificamos, no mínimo, semelhanças na escolha dos temas. Por exemplo, escrevendo sobre o baptismo de Clóvis, o rei merovíngio cuja

conversão marcou o princípio da França cristã, Martin declara que deste baptismo «nasceu uma monarquia de carácter sagrado, imitando os reis do antigo Israel».48 Entre as suas longas e detalhadas notas finais, há referências surpreendentes às obras de Gérad de Sede, particularmente ao seu livro de 1973 sobre os Merovíngios, A Raça Fabulosa.
Discutindo a guerra civil do século dezassete conhecida como a Frenda (literalmente, «funda», mas, figurativamente, uma revolta), Martin destaca as actividades de uma organização chamada o Ormée, essencialmente uma antiga forma de comuna que governou Bordéus durante dois anos, a partir de 1651, até que o exército do Rei conquistou a cidade e executou os seus líderes. O Ormée era uma verdadeira organização histórica — aparentemente, o seu nome derivava da rua orlada de ulmeiros onde os seus membros se reuniam — mas, evidentemente, também evoca o «alter ego» do Priorado de Sião, o Ormus. Imediatamente depois destas considerações, Martin passa a discutir a liderança espiritual durante o período de São Vicente de Paulo e do «excelente M. Olien> (da famosa Companhia do Santo Sacramento e de Saint-Sulpice).
Também pode haver uma ironia óbvia no facto de Jacques Rueff ter sido o único membro dos «quarenta e cinco» a ser identificado: em
1964, ele foi eleito para a Academia Francesa, para ocupar o lugar deixado vago pela morte de... Jean Cocteau.

O caso do Lloyds Bank

Um ano depois da publicação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal aconteceu o estranho episódio dos «documentos do Banco Lloyds». Em Maio de 1983, Plantard entregou a Baigent, Leigh e Lincoln cópias de documentos autenticados notarialmente, datando de 1955 e 1956, que estavam relacionados com a transferência de França para Londres dos

pergaminhos genealógicos supostamente descobertos pelo abade Saunière. Os três autores, ousadamente, declararam que os documentos supostamente guardados num cofre do Banco Lloyds contêm «provas da descendência directa, via descendência masculina de Sigeberto IV, filho de Dagoberto II, Rei da Austrásia, através da Casa de Plantard».Os documentos passavam a nomear os homens de negócios britânicos implicados na transacção: o conde de Selbome, Visconde de Leathers, Ronald Stansmore Nutting e Hugh Murchison Clowes, cujas assinaturas e cópias das suas certidões de nascimento estavam anexas. Além disso, os documentos autenticados notarialmente declaravam que os pergaminhos apenas podiam ser guardados durante vinte e cinco anos
— isto é, até 1981 — após os quais eles reverteriam para Pierre Plantard (conde de Rhedae» e «conde de Saint-Clair»).
O artigo «Macgillivray» de 1980, manipulado e publicado em Bonne soirée, tinha repetido esta história, mas acrescentara que, em 1979, os pergaminhos tinham sido devolvidos a Paris, onde estavam depositados num banco. (De facto, Baigent. Leigh e Lincoln descobriram que, nesse ano, o Banco Lloyds deixara de prestar um serviço de depósitos em cofre — uma peça de informação bastante obscura que mostra que alguém fizera o seu trabalho de casa.)
Como vimos, embora as assinaturas e certidões de nascimento sejam genuínas, os três autores determinaram que as parte relevantes dos documentos notarialmente autenticados eram definitivamente forjadas. O erro mais evidente do primeiro documento era o facto de se considerar que os pergaminhos estavam depositados no Lloyds Bank Europe
— mas esse banco não existia antes de 1955, provando que um documento falsificado, naturalmente, lança dúvidas consideráveis sobre o outro. Não só os britânicos

partilhavam ligações comerciais, particularmente com o Guardian Royal Exchange Assurance, mas, como vimos, todos tiveram ligações, durante o tempo da guerra, com organizações de serviços de informação, como o SOE...

Como os documentos são falsificações e os pergaminhos genealógicos se referem a uma linhagem não existente, o objectivo do exercício torna-se algo obscuro. Mais obviamente, eles dariam apoio, aparentemente independente, à existência dos pergaminhos, e, por conseguinte, à fábula da sobrevivência merovíngia dos Dossiers Secretos. E, se não fosse o erro quanto à mudança de nome da secção do Lloyds Bank, nunca ninguém teria descoberto a falsificação.

Contudo, Baigent, Leigh e Lincoln acreditam que Plantar foi o ingénuo em tudo isto, porque, quando lhe apresentaram a prova con-
clusiva da fraude, ele ficou «visivelmente chocado e perturbado».49 Por outras palavras, a convicção de Plantard de que possuía a prova legal do seu direito aos pergaminhos — os quais, por sua vez, provariam a sua descendência de Dagoberto II — sofrera um golpe abrupto e cruel. Mas esta hipótese só funciona se ele acreditasse nos Dossiers Secretos, o que significa que ele fora realmente iludido, ou alguém o convencera de que ele era o legítimo rei de França, e, nesse caso, ele fora ingénuo e enganado. A interpretação que Baigent, Leigh e Lincoln fizeram da reacção de Plantard seria realmente exacta? Há outra possibilidade, ; evidentemente: talvez Plantard estivesse simplesmente aterrado por l ter sido descoberto.

Há outras coisas estranhas neste episódio. A declaração de que a ’ sobrinha de Saunière, Bertha James, tinha vendido os pergaminhos ao «Capitão Ronald Stansmore e a Sir Thomas» foi feita primeiro em O Círculo de Ulisses — quase certamente por Phillipe de Chérisey — em
1977. Foi repetida no ano seguinte, numa brochura de vinte páginas, intitulada O Enigma de Rennes, que de Chérisey assinou com o seu próprio nome, em que os dois britânicos foram identificados, algo grandiosamente, como «capitão Ronald Stansmore, dos Serviços Secretos Britânicos e Sir Thomas Prazer, a eminência parda do [Palácio] de Buchkingham. Estas identificações foram repetidas no livro de 1979, de Chaumeil, que descreveu um certo «Ronald Stansmore».)50 Mas Stanmore era o apelido intermédio de Nutting, e em toda parte ele é designado de «Roland» — outro lapso aparente.

A suposição óbvia é que estas declarações se destinavam a preparar o cenário para o aparecimento dos documentos autenticados por um notário, e, por conseguinte, Plantard e de Chérisey já possuíam os documentos adulterados. Contudo, como eles incluíam cópias das certidões de nascimento e as assinaturas (e Stansmore assinava o seu nome como «R.S. Nutting»), é muito curioso que ele não tivesse assinado o seu nome de forma correcta, especialmente porque eles sabiam que ele trabalhara para o MI5, o que, por razões óbvias, não era largamente conhecido. (O papel de Sir Thomas Prazer é enganador, porque ele não desempenha nenhum papel no desenrolar do drama: além das suas ligações comerciais com o conde de Selbome, ele não tinha outras relação aparentes, ainda menos como eminência parda do Palácio de Buckingham»!)

Parece que de Chérisey e Plantard recebiam pequenas peças de informação que eles incorporavam no seu próprio material, preparando o caminho para o aparecimento dos documentos notarialmente autenti-

cados. O próprio Plantard disse que os obtivera apenas em 1983, e, embora seja sempre um erro aceitar a sua palavra pelo seu valor facial, se ele já os possuísse há mais tempo, certamente que os teria explorado de alguma forma — mas ele apresentou-os a Baigent,

Leigh e Lincoln apenas sete anos depois da primeira aparição de «Stansmore» na narrativa. Mas, mais uma vez, o que quer que se estivesse a passar, tudo parece ter sido destinado a funcionar em direcção a um plano a longo prazo.

O aviso

Perto do final de 1983, apareceu um panfleto anónimo que referia pequenos delitos do passado de Plantard. Como o folheto implicava que era obra de Chaumeíl, supostamente uma forma de publicidade para um próximo livro [que nunca apareceu), Plantard lançou um libelo contra ele, embora o caso nunca tivesse chegado a um tribunal. Pela sua parte, Chaumeil afirmou energicamente que a campanha anónima contra Plantard era uma tentativa deliberada para o incriminar. De facto, ao difamar Plantard e atribuir a responsabilidade a Chaumeil, parece que uma terceira pessoa estava claramente a tentar criar problemas a um deles ou a ambos, embora, logicamente, Plantard devesse ser o alvo principal.

O facto de que os misteriosos «Eles» tentavam causar este tipo de aborrecimento a Plantard é interessante em si. Tudo que o Priorado de Sião possa ou não possa ser, a própria existência dos seus inimigos significa que ele transcende o nível de simples fraude — provando que alguém, algures, o toma muito a sério.

Parece que os partidários de Plantard experimentaram algum pânico receando que certos documentos relativos ao Priorado viessem à superfície. Em Janeiro [a 17, evidentemente) de 1984, o Priorado e Sião enviou uma «mise en garde» — «Aviso» — aos seus (supostos) membros, informando-os do processo que o grão-mestre movera contra Chaumeil e avisando-os contra quaisquer relações com o último, de outro modo, encontrar-se-iam também envolvidos em todo este caso. Claramente, este aviso teve origem em Plantard, que distribuiu cópias a não-membros, como Baigent, Leigh e Lincoln, presumivelmente como uma forma de «seguro» — ou para impedir um escândalo — se certa informação ou certos documentos viessem a público.

A mise en garde referia-se a uma caixa de ficheiros aparentemente roubada do apartamento de Phillipe de Chérisey em 1967, contendo

296

sobretudo (segundo foi afirmado) correspondência entre Cocteau, André Malraux e o Marechal Juin, trocada entre 1935 e 1955. Como o panfleto anónimo anti-Plantard circulava sob a forma de folheto de promoção da próxima obra, composta por cinco volumes, de Chaumeil sobre a «doutrina do Priorado de Sião», Plantard parece ter receado que ela se pudesse basear nos documentos desaparecidos. Em alternativa, os ficheiros em circulação poderiam ser oferecidos a outros investigadores — mais obviamente, depois do sucesso de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, a Baigent, Leigh e Lincoln — e o aviso oficial do Priorado parece ter sido destinado a preveni-los do «tráfico de documentos», ou, essencialmente, contra a recepção de bens roubados.

Este exercício de limitação de danos suscita outra questão: Se o Priorado é realmente uma fraude, que possíveis danos poderiam causar tais documentos — a não ser que eles provassem que ele era uma fraude, e, nesse caso, certamente que Plantard não correria o risco de ser processado por «tráfico» dos mesmos?

No entanto, a mise en garde apresentaria ainda um último enigma. Não era assinada apenas por «Pierre Plantard» (curiosamente, não de «Saint-Clair») mas por três outros membros: Gaylord Freeman, John E. Drick e A. Robert Abboud. Freeman já conhecemos, e segundo a versão da sucessão de grão-mestres mais recentemente publicada pelo Priorado, Drick preencheu o intervalo entre Cocteau e Plantard. Alfred Robert Abboud (nascido em Boston, filho de pai libanês) sucedeu a Freeman como presidente executivo do First National Bank, de Chicago, e John Edward Drick (1912-82) foi um dos executivos do banco durante mais de quarenta anos, até à sua

aposentação em 1977. Mas, mais uma vez, por que foram os seus nomes referidos em documentos «oficiais» do Priorado, que seriam inevitavelmente publicados, o que levaria investigadores como Baigent, Leigh e Lincoln a contactar estes homens, é um mistério. Ninguém determinou nenhuma ligação directa entre o trio de banqueiros e o Priorado, nem com nenhuma das sociedades e ordens associadas a ele. (Na verdade, Freeman negou explicitamente a sua qualidade de membro do Priorado.) E como Freeman e Abboud estavam vivos quando a mise en garde foi posta a circular — e Abboud ainda está — o que teria convencido Plantard de que podia usar os seus nomes com impunidade? (Como informação extra, até ao princípio de 1983, quando todo este material começou a circular, o First National Bank, de Chicago, e a Guardian Royal Exchange Assurance partilhavam os mesmos escritórios em Londres.)51
297
l
Há, no mínimo, uma anomalia flagrante: Drick morrera dois anos antes de a sua assinatura ter aparecido na mise en garde do Priorado. Quando Baigent, Leigh e Lincoln confrontaram Plantard com este facto, em Paris, em Setembro de 1984, ele referiu que as assinaturas dos três homens eram realmente carimbos de borracha, e que, de acordo com a política do Priorado, a assinatura de um membro continuava a ser usada até que houvesse uma substituição desse membro. (Este hábito curioso parece ser genuíno — a assinatura de Plantard continuava a aparecer nos documentos do Priorado quase dois anos depois da sua morte.) Mas Plantard sabia que Drick tinha morrido, dando voluntariamente essa informação antes que Baigent, Leigh e Lincoln lha apresentassem inesperadamente. — tornando o objectivo de todo o exercício ainda mais intrigante. E como conseguira ele obter os carimbos das assinaturas de três poderosos banqueiros de Chicago?52
Aos autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, Plantard explicou que certos banqueiros americanos estavam implicados com o Priorado porque apoiavam o conceito de uns Estados Unidos da Europa. (Embora os Estados Unidos, de uma maneira geral, considerem uma Europa unida como um rival económico e um desafio à sua posição global, certos interesses acolhem bem esse movimento.)
Em Outubro de 1984, outra campanha de difamação continuou o ataque, mas desta vez à sociedade como um todo, e não apenas a Plantard, pessoalmente, num panfleto assinado por um certo «Comelius», intitulado Os Escândalos do Priorado de Sião (Lês scandales du prieuré de Sion). Este panfleto associava o Priorado à Máfia e à notória loja maçónica italiana P2, além de outras conspirações políticas, financeiras e criminosas (incluindo assassinatos). Também referia que um alto dignitário do Priorado — claramente, Plantard — se tinha encontrado com o grão-mestre da P2, Licio Gelli (referindo que o encontro ocorrera dois dias depois da eleição de Plantard como Nautonnier, e situando-o na bastante vulgar cervejaria parisiense La Tipia, perto da estação ferroviária da Gare du Nord, onde ele frequentemente marcava encontros).
Ou este panfleto — associando Plantard ao mundo suspeito em que o crime organizado, as intrigas políticas e as sociedades secretas confluem — foi produzido pelos inimigos do Priorado (e nesse caso, é interessante que o Priorado tivesse alguns) ou foi lançado pela própria sociedade para reforçar a sua aura de mistério e poder, mesmo que de um género distintamente suspeito. Como habitualmente, podemos escolher. Mas o aparecimento de Os Escândalos do Priorado de Sião coincide muito convenientemente com a inesperada revelação de Plantard...
Sai Plantard
Durante 1984, Plantard demitiu-se não só do grão-mestrado mas também do Priorado de Sião, abandonando o barco que ele governara com arte e astúcia especialmente notáveis.

A sua carta de demissão, visto que foi amplamente divulgada entre os investigadores, está datada de
10 de Julho de 1984, embora ele nunca fizesse referência dela a Baigent, Leigh e Lincoln antes do fim desse ano — depois do seu encontro em Setembro. A diferença é significativa: se ele se tivesse realmente demitido em Julho, seria antes do período em que houve um grande número de denúncias anónimas, mas se a sua carta de demissão apresentasse uma data posterior, então ele demitir-se-ia por causa dos ataques.
Plantard afirmou que tinha deixado a sociedade não só por razões de saúde mas também devido a «certas manobras dos nossos Irmãos ingleses e americanos», assim como ao aparecimento de «brochuras multigrafadas e depositadas na Bibliothèque Nationale, de documentos falsos ou falsificados que me dizem respeito» (a ênfase é sua).
Foi substituído como Nautonnier por Phillipe de Chérisey, pelo menos segundo as fontes do Priorado, embora seja sempre impossível ter a certeza. Por exemplo, uma carta datada de 17 de Janeiro de 1985, de Phillipe de Chérisey para Plantard — referindo-se à sua querela antes da sua eleição — insinuando, imprudentemente, que Henry Lincoln não era apenas alguém associado à partida de Plantard, mas alguém que estava mais próximo do Priorado do que ele próprio reconhecia: «... não houve nenhuma intriga da minha parte para conseguir a sua demissão de l O de Julho, não mais do que na minha eleição como G.’. M.’, [grão-mestre] em 10 de Setembro de 1984. O único responsável foi o Fr..’. [Frère, ou Irmão] Louis Vazart com a clique de Lincoln, via o Fr.’. Ginno [sic] Sandri».53(Embora de Chérisey evite realmente chamar a Henry Lincoln «Irmão», obviamente que a carta se destinava a suscitar dúvidas incómodas acerca das suas verdadeiras razões para ele estar tão interessado nestas questões.)
Depois da morte súbita de Phillipe de Chérisey menos de um ano depois, a 17 de Julho de 1985 — devido a complicações resultantes de uma cirurgia de rotina — nada mais se soube «oficialmente» do Priorado até ao relançamento da revista Vaincre em Setembro de 1989 e ao regresso de Plantard não só ao Priorado, mas também à sua direcção. O reaparecimento da Vaincre como boletim interno do Priorado constitui a prova, se ela fosse necessária, da continuidade da Ordem Alpha Galates do tempo da guerra e do Priorado de Sião posterior. Mas

nesta altura, a história das origens e continuidade do Priorado tinha mudado fundamentalmente, com a sua explícita rejeição do cenário dos Dossiers Secretos, incluindo a agora famosa lista de grão-mestres. Através de cartas aos membros e da nova Vaincre, Plantard apresentou outra construção das origens do Priorado (baseadas, disse ele, em «nova investigação» e na redescoberta de arquivos há muito tempo desaparecidos, supostamente escondidos por uma questão de segurança quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, que o situavam não na Idade Média, como outrora fora tão orgulhosamente afirmado, mas apenas nos séculos dezassete ou dezoito. Nem os Templários foram o seu braço armado. Na verdade, nas palavras da Vaincre, estes registos mostram que «o Priorado de Sião não tinha nenhuma filiação directa ou indirecta na Ordem do Templo». A história narrada nos Dossiers Secretos — a verdadeira base de O Sangue de Cristo e o Santo Graal — é rejeitada como uma «linhagem fantasiosa», o produto da imaginação estimulada pelo consumo de drogas de Phillipe Toscan du Plantier. Orgulhosamente, Plantard gaba-se de ter «posto fim a ”uma mitologia” de falsos grão-mestres que alguns pretendiam que remontasse à Ordem do Templo e mesmo a Jesus]» Contudo, a lista de grão-mestres desde o século dezoito até ao século vinte ainda é supostamente genuína.54

Segundo a história revista, supostamente o Priorado teria sido fundado em Rennes-le-Château, em 17 de Janeiro de 1681, pelas famílias Hautpoul, Fleury e Nègre, embora o documento mais antigo, que confirma a sua existência, date de 1738. Numa carta ostensivamente dirigida aos membros, datada de 4 de Abril de 1989, Plantard refere que a constituição do Priorado foi delineada por Victor Hugo em 14 de Julho de 1870, no mesmo dia em que, significativamente, ele «plantou o carvalho dos Estados Unidos da Europa». Contudo, aplicam-se as precauções habituais. Para começar, a maior parte desta história baseia-se inteiramente em «informação interna» não verificável — as pessoas referidas na história da fundação podem ter existido, mas são demasiado obscuras para que se saiba muito sobre elas. Na ausência dos verdadeiros documentos que o Priorado alega possuir, há pouco ou nada a acrescentar. Seja como for, porquê supor que esta informação é mais credível que os Dossiers Secretos? (Consideraremos a importância de Hugo ter plantado o «carvalho dos Estados Unidos da Europa» mais tarde.)

Mas o que pretendia realmente Plantard? Parece que com extraordinária astúcia, mais do que a montagem de um «pretenso regresso» como os seus críticos supõem, o que ele estava realmente a fazer era encerrar
o caso do Priorado de Sião — não exactamente o que se esperaria da parte de um impostor cinicamente perfeito. Tendo conseguido atingir uma ávida audiência internacional com a sua fraude, e agora numa situação de poder ganhar muito dinheiro, e rapidamente, pela exploração da sua linhagem «merovíngia» e do seu estatuto de grão-mestre do que se tornara, paradoxalmente, numa das mais famosas sociedades secretas do mundo, ele recuou, manteve uma atitude discreta durante quatro anos completos e, depois, demoliu o edifício que ele construíra tão laboriosamente durante a maior parte de trinta anos. Segundo a história, Plantard foi persuadido a regressar em Março de 1989, numa base temporária, para resolver alguns problemas importantes, mas tendo-os resolvido, imediatamente voltou a demitir-se, desta vez em favor do seu filho Thomas Plantard de Samt-Clair (invocando aquele curioso princípio hereditário). A sua segunda carta de demissão está datada de 6 de Julho de 1989. Assim, antes que o mundo exterior tivesse conhecimento de que ele estava de novo ao leme do Priorado, ele já tinha saído novamente.

No seu último adeus, Plantard afirmou que promovera certas reformas que tinham «afastado o perigo da secção americana», separando os membros europeus e americanos em organizações diferentes, deixando o Priorado «com uma natureza unicamente europeia».

Na sua carta de Julho de 1989, Plantard refere-se apenas indirectamente à identidade do grão-mestre que sucedeu a de Chérisey, dizendo que, desde a sua demissão em 1984, «dois Nautonniers tentaram dirigir o Priorado, ambos falharam e cada um deles morreu de ataques cardíacos, um em 17 de Julho de 1885 [de Chérisey], o outro em 7 de Março de 1989». (Alegadamente, Plantard fora convidado a actuar como grão-mestre para resolver os problemas resultantes destas mortes súbitas.) Mas quando entrevistado por Nõel Pinot em Vaincre, a 9 de Março de 1989 em Avinhão, Plantard foi mais específico: «Durante muito tempo, os americanos dominaram o nosso país por razões financeiras e económicas. Agora, a ordem é composta por muitos membros que são importantes financeiros, políticos, directores de importantes companhias de seguros, magistrados, o que constitui o circuito ideal das várias acções. E, assim, Patrice Pelat foi apanhado numa armadilha e, ainda posso dizer aqui que mantenho o meu profundo respeito por ele, apesar de tudo.» Roger-Patrice Pelat, um amigo íntimo de François Mitterand, que foi postumamente arrastado para um dos maiores escândalos financeiros

da França, morreu, de facto, subitamente devido a um ataque cardíaco em 7 de Março de 1989. Voltaremos a falar dele.
300
301
Durante os últimos dez anos da sua vida, Plantard preferiu manter-se distante, dividindo o seu tempo entre Barcelona e Perpignan, no centro da região catara. Durante os anos 90, quaisquer tentativas para o contactar (incluindo a nossa, em meados da década], eram devidamente atendidas por Gino Sandri, que, juntamente com Thomas Plantard, actuava como protector de Plantard.
Embora sem surpresa, a especulação continua a mostrar grande interesse pelo sucessor de Plantard como grão-mestre — para não mencionar a identidade do actual Nautonnier — mas Gino Sandri recusa-se simplesmente a discutir o assunto.55 (Mas parece que ele nunca procurou obter o título para si próprio.) E se, como firmemente acreditamos, o Priorado for apenas uma fachada fictícia para outras sociedades, essa especulação não tem significado: mesmo que haja um grão-mestre, ele ou ela preside apenas a uma estrutura vazia.
com um toque hábil, alguma simulação rodeou mesmo a morte de Plantard. Em Abril de 2000, o seu filho anunciou a sua morte a investigadores franceses como se ela tivesse acabado de acontecer — embora ela ocorresse, de facto, a 3 de Fevereiro. Como Sandri explicou (ou antes, não conseguiu explicar): «Pierre Plantard de Saint-Clair não queria acabar como Péladan ou Georges Monti, vítimas de envenenamento. Foi concebida uma estratégia e tomaram-se disposições. Não posso dizer mais».56
No princípio de 2003, surgiu outra comunicação supostamente emanada do Priorado de Sião, assinada por Sandri e Pierre Plantard, como Nautonnier e «G. Chyren» (presumivelmente, continuando a tradição do Priorado de usar carimbos de assinaturas de membros falecidos até que os seus lugares vagos tivessem sido preenchidos). Há apenas um único erro grosseiro: a data é registada como sendo 27 de Dezembro de 2003, a qual, obviamente, seria 2002. Inicialmente, foi posto em dúvida que este fosse um «comunicado» genuíno do Priorado — talvez fosse uma fraude da internet — embora Sandri o reconhecesse desde o princípio.57Está redigido assim:
Conforme ao nosso Livro das Constituições,
Neste dia, em Saint-Denis, o Nautonnier procedeu à investidura dos membros da Arche.
A direcção da Ordem foi reintegrada devido aos seus bons ofícios. Segundo a Tradição, ela é formada por dois membros assistidos pelo seu guardião.
No limiar do fatídico ano de 2003, tudo está, portanto, preparado
302
para o apogeu de SIÃO, porque a presença da Mulher é indispensável; é a condição sine qua non, como todos os nossos membros sabem.
As Comendadorias de Saint-Denis, Millau, Genebra e Barcelona estão a funcionar. Sempre de acordo com a Tradição, é uma mulher que dirige a l .a Comendadoria.
A Assembleia de Províncias está convocada para 17 de Janeiro de 2003. Reunirá no centro de Paris. A cerimónia especial para a PAZ no mundo será celebrada. Serão dadas instruções sobre este assunto.
A Ordem do Priorado de Sião é constituída por 9841 membros que constituem o CIRCUITO da PAZ...
Um gabinete será instituído em breve, destinado a servir como elo de ligação oficial entre o público e a Ordem de Sião. O secretário-geral está encarregado da sua administração e da publicação do boletim interno CIRCUIT.
Mas o que estava para acontecer? Claramente, o Priorado esperava grandes acontecimentos do ano 2003 — e pelo mais estranho dos caprichos do destino —

conseguiu-os, porque foi nesse ano que o fenómeno Dan Brown lançou a sociedade para o centro das atenções... Mas em Outubro de 2003, Sandri sugeriu que isso fazia parte de um exercício para desmascarar os pseudo-priorados que tinham surgido com o advento da internet: «Há ciclos que determinam os momentos favoráveis, os quais, em certos círculos, são chamados circuitos. Estes momentos extraordinários são propícios às revelações. No que diz respeito ao Priorado, tudo está em ordem* e aproximamo-nos de uma clarificação necessária. Os falsos Priorados aparecerão publicamente, o que favorecerá a sua implosão».58

O ADN de Deus?

Se o Priorado abandonara toda a história da descendência merovíngia, O Sangue de Cristo e o Santo Graal desencadeou uma série de acontecimentos que não dá sinais de parar. E graças a Dan Brown, hoje, milhões de pessoas no mundo consideram a descendência sagrada quase como um artigo de fé. Mas enquanto a versão de Dan Brown é ficção, e, em qualquer caso, apenas avançou a ideia de que Jesus era casado e tinha filhos, cujos descendentes ainda existem, há toda uma vasta série de livros que se ocupam do tema e o levam para os domínios mais fantásticos.

A maior fragilidade da hipótese de O Sangue de Cristo e o Santo Graal é o facto de que ele é muito fortemente baseado nos Dossiers Secretos e noutro material disseminado pelo Priorado. Sabemos que não há nada que apoie o conceito da descendência de Dagoberto II, e se ela é inexistente, então a ideia de que ela poderia ser também a de Jesus desmorona-se perante os nossos olhos. Por muito convincente que pudesse ser o argumento a favor de uma relação íntima de Jesus com Maria Madalena — da qual, quase inevitavelmente, teriam nascido filhos — a prova de que a sua descendência, essencialmente, se transformou na dinastia merovíngia, simplesmente não existe.

A pretensão de que, através da sua ancestralidade sicâmbrica, os Merovíngios tiveram origem na tribo israelita de Benjamim, é igualmente improvável. Contudo, Baigent, Leigh e Lincoln escrevem que o Priorado de Sião «pode estabelecer, muito definitivamente, e de forma a convencer os mais exigentes investigadores de genealogias, que a Dinastia Merovíngia era de descendência davídica...»59 (De facto, a pretensão dos Dossiers Secretos de que os Francos Sicâmbrios — e, por conseguinte, os Merovíngios — descendiam directamente da Tribo de Benjamim contradiz a ideia de que eles pertenciam também à Casa de David, porque David era efectivamente oriundo da Tribo de Judá.) Além disso, os próprios Francos consideravam-se descendentes não de David nem dos Israelitas, nem da Arcádia — mas dos Troianos. (Esta convicção é comum a muitos outros povos europeus — por exemplo, os britânicos medievais acreditavam que o seu país fora fundado por colonos oriundos de Tróia.) O cronista de meados do século sétimo, Fredgar, uma das principais fontes para a história da dinastia merovíngia, regista a lenda de que os seus antepassados eram Troianos que seguiram o Rei Príamo da Grécia até ao Reno.60

Apesar destas dificuldades não negligenciáveis, a ideia de uma «linhagem sagrada» descendente de Jesus tornara-se muito forte na área da «história alternativa», sendo desenvolvida muito para além do que fora suposto, ou planeado, por Baigent, Leigh e Lincoln. Então, por que acreditavam eles que os Merovíngios eram tão importantes, em que é que a sua teoria difere dos últimos desenvolvimentos?

Primeiro, temos que estar muito conscientes da distinção entre herança genética e herança legal, embora os entusiastas das teorias da «linhagem sagrada» misturem as duas de forma promíscua. A transmissão de características genéticas de pais para filhos, e ao longo de toda uma descendência, é muito diferente dos direitos e privilégios resultantes do nascimento. Todos os filhos partilham os mesmos genes — que os

seus próprios descendentes irão herdar — mas só o primogénito masculino herdará um título e uma mansão familiar, ou uma coroa. Se um filho ilegítimo não é detectado, ele ainda herdará a terra, os bens, o dinheiro e os títulos do seu suposto pai, mesmo que ele não possua nenhum dos seus genes. Filhos errantes (como Johann Salvator von Habsburgo) podem ser desapossados dos seus direitos adquiridos pelo nascimento — excluídos de um testamento ou privados dos seus títulos e bens — mas não da sua herança genética, que está, literalmente, no seu sangue (e em todas as outras células dos seus corpos).
Inversamente, os direitos adquiridos pelo nascimento — e particularmente o direito a reinar — nunca foram determinados unicamente pelo nascimento, em nenhuma cultura. Há sempre outras situações, como leis e costumes, que têm também de ser respeitadas e cumpridas; sendo a mais óbvia a ênfase na legitimidade, mesmo os filhos nascidos da amante de um rei levam consigo os genes do rei, tanto quanto os filhos nascidos da sua rainha. (O robusto Carlos II de Inglaterra tinha treze filhos ilegítimos, mas nenhum filho legítimo: se esta descendência ilegítima tivesse sido reconhecida, o duque de Buccleuch seria agora o monarca em vez da Rainha Isabel II.) Em todas as casas reais europeias, os filhos do sexo masculino contavam mais do que as filhas, e em muitos países às mulheres era inteiramente proibido tornarem-se monarcas (a razão por que a casa real de Inglaterra e Hanover se dividiu quando a Rainha Vitória ascendeu ao trono conjunto da Inglaterra e da Escócia: como a lei hanoveriana proibia uma mulher de reinar em Hanover, o seu trono passou para o tio da rainha, o duque de Cumberland). Depois, há regras de conduta ou comportamento que prevalecem sobre as considerações de nascimento, apenas. Por exemplo, o herdeiro do trono britânico perde esse estatuto se ele ou ela casar com um católico. (Em consequência desta lei, quando a rainha Ana morreu em
1714, a coroa inglesa e escocesa passou para alguém que, de outro modo, teria sido o quinquagésimo segundo na linha de sucessão ao trono, estabelecendo a linhagem de Hanover, que se transmudou na actual Casa de Windsor.) Em muitas dinastias, o estatuto e os privilégios reais podem perder-se pelo casamento com alguém de uma classe ou casta inferior. Este princípio atingiu o seu arrogante apogeu quando as complexas regras da sucessão da casa imperial da Rússia, que retirava este estatuto a alguém que casasse fora dos círculos privilegiados da realeza e do estrato superior da aristocracia. Esta regra que causa mais problemas do que aqueles que resolve, resultou no facto de que, hoje, não há ninguém vivo que tenha qualquer direito ao trono perdido

quando o Czar Nicolau II e a sua família foram executados depois da Revolução Russa. Como todos os membros sobreviventes da dinastia tinham casado fora das classes sociais prescritas, todos eles perderam o seu direito ao trono. Os Bolcheviques ficariam satisfeitos.
Além destas alterações à simples regra de ter nascido dos pais certos, há uma que prevalece sobre todas as outras: a espada. Mesmo reis e rainhas que preenchiam todos os critérios do nascimento, lei, costume e comportamentos correctos poderiam ter o seu trono usurpado por alguém com um exército maior, que poderia estabelecer a sua própria família como a nova e única dinastia legítima apenas através da força (a razão pela qual a maior parte das casas se tornaram reais, em primeiro lugar]. A guerra e a conquista eram uma parte tão integrante das «regras» merovíngias da sucessão como o nascimento ou a lei.
Isto suscita a questão de saber exactamente que direitos reivindicava Pierre Plantard ao fazer remontar a sua descendência especificamente a Dagoberto II (e que direitos eram

reivindicados em seu nome por Baigent, Leigh e Lincoln quando reconstituíram a sua ancestralidade até Jesus). Claramente, eram direitos de herança legal, não genética: todos os membros da dinastia partilhavam os «genes merovíngios» — as sequências distintas de ADN que os identificavam como membros daquela família e que poderiam mesmo ter-lhes conferido certas características físicas comuns. (O «lábio Habsburgo», que ameaçou mesmo a beleza de Maria Antonieta, é um exemplo famoso, enquanto, segundo os Dossiers Secretos, os Merovíngios orgulhavam-se de um sinal congénito distintivo, em forma de uma cruz vermelha entre as omoplatas. Infelizmente, não há nenhuma prova independente desse sinal.)

Mesmo segundo o Priorado, os Merovíngios casaram com membros das casas nobres e reais da Europa, ou deram origem à maior parte delas — mais significativamente, ao Ducado de Lorena, e, depois, através de casamentos, nos meados do século oitavo, aos poderosos Habsburgos. Se estes «Merovíngios» se tornaram tão importantes e poderosos, isso enfraquece, mais do que reforça, a causa dos Dossiers Secretos. Se os Merovíngios puderam atingir tal estatuto sob a protecção da sua própria linhagem, por que precisavam eles do misterioso protectorado do Priorado de Sião? Segundo as genealogias do Priorado, os Imperadores austro-húngaros eram de descendência merovíngia — mas não podem ser descritos como pessoas sem importância e sem poder, que precisassem de guardiões secretos. E o Priorado de Sião não tem nenhuma responsabilidade na chegada destas linhagens ao poder; ele existe apenas para proteger os (supostos) descendentes de Dagoberto II.

Nos Dossiers Secretos, o Priorado não reivindica que haja alguma coisa física ou geneticamente especial na descendência, era o facto de que ela era na casa real legítima de França que a distinguia. Depois da usurpação carolíngia, há 1200 anos, os supostos descendentes de Dagoberto poderiam ter alegado que eles eram os seus parentes consanguíneos mais próximos e, por conseguinte, herdeiros dos reinos dos Francos. Mas os Dossiers Secretos insinuam que este direito legal fora transmitido ao longo dos séculos e ainda é válido — o que sabemos que é um absurdo; as leis mudaram demasiadas vezes ao longo daquele milénio. Seja como for, a quem poderia um pretendente merovíngio apelar no século vinte e um?

Além de todos os problemas inerentes à determinação de uma linha de descendência de Dagoberto II, há dificuldades no outro extremo da árvore genealógica, com o próprio Pierre de Plantard. Mesmo que tivesse existido uma linhagem secreta descendente de Dagoberto II, e que ela se tivesse transformado na família Plantard, Pierre Plantard ainda estaria fora da linha directa de sucessão. Isso acontece porque o seu avô paterno Charles Plantard, era o mais novo de dois irmãos: o mais velho, Pierre, teria sido o herdeiro directo de Dagoberto, como seria o seu filho Jean [o Jean XXIII do tempo de Saunière, segundo os Dossiers Secretos] — primo do nosso Pierre Plantard — e depois, o seu filho, etc.

Para ultrapassar este obstáculo muito básico, os Dossiers Secretos referem que o tio-avô Pierre, por razões não explicadas, abdicou oficialmente dos seus direitos em favor do seu irmão mais novo, Charles, o que significa que o título foi herdado através do seu filho, o pai do nosso Pierre. (Esta abdicação é apresentada como explicação do motivo por que «Jean XXIII» não pôde corresponder ao apelo de Saunière quando este se encontrava no seu leito de morte, porque fora desapossado dos seus direitos — mostrando, no mínimo, que foi feito um esforço para tornar toda a história consistente.) Infelizmente, fazer um esforço para recuar desta maneira, com o objectivo de poder explicar Por que Plantard deveria herdar o trono, enfraquece toda a lógica que inspirou o conceito do direito dos Merovíngios a reinar — isto é, a herança natural do filho

primogénito. Tendo supostamente gozado de uma descendência masculina directa durante 1200 anos, a descendência deixou de ser directa nas duas últimas gerações.
Apesar de tudo isto, muitas pessoas têm a impressão de que aquilo que é reivindicado para a «descendência» é alguma forma de herança física, genética, que confere alguma coisa especial àqueles suficientemente afortunados para a possuir: a inteligência de Einstein, talvez, ou
306
307
uma espiritualidade como a de Cristo — certamente, um direito predestinado, mesmo divino a reinar. Presumivelmente, isto é devido ao condicionalismo cultural do Ocidente, segundo o qual havia alguma coisa inerentemente especial em Jesus — e que está agora também a ser considerado. De facto, não foi nada disto o que Baigent, Leigh e Lincoln reclamaram, embora muitos dos seus leitores pareçam não terem tido nenhuma dificuldade em tirar essa conclusão, ou, no mínimo, alguma coisa muito semelhante. (No entanto, devemos dizer que suscitar perguntas sobre os Merovíngios, como: «Por que deveria o seu sangue estar investido com um tão grande poder?» era criar problemas.)61
Mesmo que os três autores tivessem razão quanto aos Merovíngios serem os descendentes directos de Jesus, como eles próprios se interrogam: «Que importância é que isso tem?» Paradoxalmente, se Jesus tivesse gerados filhos, ele teria sido um homem mortal, não parcial ou inteiramente divino, acabando assim com a divisão fundamental da Cristandade primitiva que foi resolvida pela condenação dos Arianos como heréticos, que consideravam que Jesus era um profeta mortal].
Embora esta perspectiva pudesse representar um desafio aos cristãos tradicionais, ironicamente, também significava que não havia nada de intrinsecamente especial nos descendentes de Jesus: se ele não era divino, eles também não eram, e eles não eram mais susceptíveis de serem mais sábios, mais nobres, mais generosos ou mais espiritualmente iluminados que qualquer outra pessoa.
Os autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal respondem a este enigma de duas maneiras. Primeiro, argumentam que Jesus era, literalmente, o rei dos Judeus — como os Evangelhos sugerem, um descendente directo do rei David e, portanto, o legítimo, mas destituído, rei de Israel, tornando os seus filhos e os seus descendentes também nos herdeiros desse título. (Os três autores parecem sugerir que foi por isso que Godofredo de Bulhão parecia considerar o reino de Jerusalém como seu direito adquirido pelo nascimento — embora, como sabemos agora, todo o episódio esteja profundamente errado.) Mas, evidentemente, reivindicar um direito a reinar sobre o moderno estado de Israel seria infinitamente mais difícil do que pôr um Merovíngio no trono da moderna França republicana.
Em segundo lugar, Baigent, Leigh e Lincoln sugerem que o Priorado de Sião está a tentar captar — ou explorar — a reacção emocional que rodeia o próprio conceito de um descendente vivo de Jesus Cristo. Nenhuma das questões legais nem dos argumentos históricos e genealógicos teriam a mínima importância comparados com esta excitação
308
particular: o trio argumenta que a aura ou o fascínio de ser descendente de Jesus, e o arquétipo do sacerdote-rei, seriam suficientes para
’ persuadir muitas pessoas.62 Por outras palavras — embora Baigent, Leigh e Lincoln evitem usar o termo — é essencialmente uma resposta
i cultualista que está a ser orquestrada. Os adeptos são dominados pelos seus sentimentos instintivos. A lógica e a razão não fazem parte deles. (Mais uma vez, no

entanto, o Priorado nunca tentou usar o arquétipo de Jesus desta maneira — foi a contribuição pessoal de Baigent, Leigh e Lincoln. Mas os seus argumentos aplicam-se também ao Rói perdu
' de França, embora com um fascínio consideravelmente mais limitado.)
: Evidentemente, se são os corações, mais do que as mentes, que o Priorado tenta conquistar, então não há nenhuma necessidade de que i sua história tenha base em factos — desde que eles consigam persuadir i sua audiência de que ela é verdadeira, a reacção será a mesma.

herança genética

A ideia de que certas características genéticas específicas podem ser preservadas no seio de, e restringidas a, uma única família identificável durante um longo período de tempo é, obviamente, um completo absurdo. Muito simplesmente, após algumas gerações, uma família torna-se demasiado difusa e difícil de controlar, com os casamentos entre pessoas de diferentes raças e culturas a assegurar que os seus genes alastrem demasiado largamente ao resto de população.

Partindo do princípio de que a duração média de uma geração é de vinte anos (fazendo com que tenham existido sessenta e tal gerações desde Dagoberto II, e 100 desde Jesus) e que cada geração produza uma média de dois filhos (provavelmente, um cálculo muito conservador, dada a dimensão das famílias, historicamente), isso significa que a «dinastia» mais que duplicara de tamanho em cada geração, e depois de dez gerações, ela contaria com mais de 1000 membros. Em cerca de trinta gerações, o total do seu crescimento exponencial teria, teoricamente, excedido a população da Terra! Evidentemente, depois de trinta gerações, muitos dos casamentos seriam entre parentes distantes e não tão distantes, significando que um enorme número de pessoas seria contada repetidas vezes. Mas mesmo assim, ainda existiriam milhões vivos, hoje: na verdade, somos todos aparentados, se conseguirmos remontar o suficiente à origem da nossa árvore genealógica. E muitos de nós teriam sido parentes de Jesus e de Maria Madalena — e,

possivelmente, são. Mas antes de ficarmos demasiado entusiasmados, outros factores têm que ser tomadas em consideração.

Em Março de 2003, a American Joumal ofHuman Genetics publicou as suas conclusões de que 0,5 por cento da população mundial — cerca de 16 milhões de homens — eram descendentes de Gengis Khan (l 162-1227} ou dos seus parentes próximos do sexo masculino. Um estudo genético dos povos das antigas regiões do Império Mongol concluiu que uma sequência específica do Cromossoma Y — encontrada apenas no ADN masculino — indicava uma descendência de um antepassado comum, que estava presente em 8 por cento dos indivíduos testados. Devido às consideráveis possibilidades de gerar filhos desfrutadas por Gengis Khan e pelos seus vigorosos e nómadas parentes do sexo masculino, e a antiga convicção de certas tribos de que eram descendentes directas do grande senhor da Guerra, os cientistas concluíram que a «impressão digital» (fingerprini) genética era realmente a sua. Mas nem todos os 16 milhões de descendentes de Gengis Khan são megalómanos senhores da guerra, com uma predilecção especial por gorros de peles.

Evidentemente, certas características físicas são transmitidas por herança, mas esta transmissão é uma questão de acaso que, no entanto, só funciona ao longo de um número muito reduzido de gerações. Logo que os genes tenham sido realmente bem combinados, qualquer qualidade específica tornar-se-á comum a todos, desaparecerá, ou manifestar-se-á apenas esporádica e imprevisivelmente em indivíduos agora muito distantes na árvore genealógica. Por outras palavras, nenhuma característica genética

especial poderia ser restringida a uma única família, ou mesmo a um grupo de famílias, por mais do que um pequeno número de gerações.
A única maneira de que o hipotético gene «sagrado» merovíngio pudesse ser rigorosamente confinado a uma descendência seria através da reprodução selectiva: isto é, se a sua actividade sexual fosse estritamente controlada e se lhe fosse permitido reproduzir-se apenas entre si — não esquecendo que mesmo os filhos ilegítimos levam os genes para fora da família. Não só essa prática causaria os habituais problemas dos casamentos consanguíneos, como, em todo o caso, não é o que os Dossiers Secretos referem, porque as suas genealogias mostram que membros da descendência contraíram casamentos com outras famílias (como na associação com Godofredo de Bulhão). Logo que isso acontece, o gene «especial» transmite-se a essas outras famílias, portanto, quaisquer dons que ele possa conferir começarão a manifestar-se nelas,

ibém. E muito depressa haverá milhares de pessoas com esse «dom»... |depois, milhões...
Acresce ainda que, como até a um passado muito recente, quase em excepção, as pessoas casavam na sua própria classe ou casta, as casas eais e nobres depressa se tornaram parentes muito próximos, assim, |í0í/o\ elas serão agora «geneticamente» merovíngias». (Devido à dimenão reduzida do exclusivo «clube» real europeu, os seus casamentos noutras famílias — e casamentos consanguíneos — foram comparados |aos de uma pequena aldeia remota.) Evidentemente, a proliferação de ilhos ilegítimos nascidos de plebeus significa que existe hoje muita Ijgente comum de «sangue real».
A tarefa de preservar a integridade — ou pureza — da descendência eria muito mais fácil se o gene «sagrado» fosse transmitido exclusivalente através do ADN feminino, de mãe para filha. Então, pouco iportaria a questão de quem era o pai, e o problema da ilegitimidade leaçar a pureza da descendência estaria resolvido. Mas, então, o «gene» mágico ou sagrado seria transmitido apenas às filhas, e as genealogias do Priorado de Sião, enfaticamente, registam os descendentes : Dagoberto II através da linha masculina.
Por razões puramente lógicas, a ideia de uma família ser diferente evido ao seu «sangue» — isto é, à herança genética — é uma ficção, embora seja uma ficção que serviu os seus objectivos ao longo dos séculos |como uma maneira de manter certas famílias em posições de privilégio. Na maior parte das culturas, foi sempre assumido que o nascimento ; a herança significam alguma coisa, além da simples herança de terras ; bens. A velha ideia de que a «raça distingue», estava profundamente [arraigada. O «sangue» determinava a posição social de uma pessoa, particularmente quanto mais alta era a classe social a que essa pessoa ^pertencia. Reis e sacerdotes, em particular, receberiam o seu mandato directamente de Deus, ou dos deuses; eles simplesmente reinavam por direito, em virtude de serem quem eram. Contudo, no mundo moderno, o conceito de indivíduos serem «especiais» — superiores — em virtude dos seus pais é arcaico e antiquado; a maior parte das pessoas já não acredita que as suas capacidades, competências ou (especialmente) a sua aptidão para presidir às vidas do resto das pessoas sejam transmitidas pelo nascimento. A experiência revela as fraquezas do argumento: líderes talentosos ou mentes brilhantes podem produzir — e muitas vezes produzem — herdeiros incompetentes ou obscuros.
Na verdade, embora saibamos hoje que isso não tem significado, a um nível emocional e de arquétipo a ideia de ser especial ainda é

estranhamente poderosa. (As linhagens especiais e poderes mágicos herdados surgem rotineiramente em séries de sucesso como a de Harry Potter e a da Guerra das Estrelas.]

Apesar do nosso igualitarismo conquistado com muito esforço, ainda temos tendência para considerar pessoas que podem vangloriar-se de um antepassado ilustre como, no mínimo, mais interessantes — ou diferentes — do que o resto de nós. (E o inverso é verdadeiro: os descendentes de figuras notórias, como os líderes nazis, têm que enfrentar os resultados lamentáveis.) O nascimento ainda pode, no mínimo, dar a alguns, como os membros das dinastias Kennedy e Bush, uma vantagem sobre os outros.
E, evidentemente, a realeza coroada e ungida na presença de Deus entre a panóplia do último bastião da «diferença», apesar de ser constantemente desafiada a provar que é digna dos seus «direitos» e privilégios herdados, ainda retém o seu fascínio quase mágico. O filme da Coroação de Isabel II, em 1953, com a sua música vibrante, e a sua figura central quase misticamente enfeitiçada, cumprindo sombriamente antiquíssimos rituais, ainda pode causar arrepios aos mais inveterados republicanos. Ela. é diferente, ela é chamada por Deus devido aos privilégios do seu nascimento, eiaé& nossa Rainha, e, portanto, nós amamo-la, obedecemos-lhe e quase a veneramos. Quanto mais impressionante não seria se ela descendesse não apenas de pequenos príncipes alemães — ou não se tivesse tornado monarca devido ao acidente histórico da abdicação de Eduardo VIII — mas do próprio Jesus Cristo! Muitos reagem a um nível profundo, quase atávico, à ideia de sangue «superior», ou melhor ainda, sagrado...
Pretendentes controversos
O grande defensor popular de uma linhagem sagrada é o autor britânico Laurence Gardner, que desenvolveu a ideia ao longo de uma série de livros, começando com Linhagem do Sagrado Graal (Bloodline ofthe Holy Grail, 1996). Gardner é um colaborador muito próximo do controverso Príncipe Michael de Albany — Michel Lafosse — que reivindica ser descendente directo do Bonnie Prince Charlíe (Charles Edward Stuart) e, portanto, chefe da Casa de Stewart (sic) e legítimo rei — no mínimo — da Escócia, reclamando o título de rei Alexander TV dos Escoceses. Lafosse nasceu em Bruxelas em 1958 e fixou-se na Escócia em 1976, exibindo documentos que, segundo Lafosse, estabelecem o seu direito.
312
A dinastia Stuart perdeu o trono no princípio do século dezoito, em consequência de o Parlamento Inglês ter declarado que o católico James II tinha abdicado quando fugiu para o continente em 1688, face à «revolução Gloriosa» dirigida pela sua filha protestante Mary e o seu marido, Guilherme de Orange, que foram então reconhecidos como co-soberanos. Quando a irmã de Mary, Ana, morreu sem deixar filhos em 1714, a família real Stuart chegou ao fim, e o trono (de que os católicos estavam agora excluídos por lei) passou para a Casa de Hanover, precursora da actual Casa de Windsor. Muitos ainda duvidam que o Parlamento tivesse autoridade para depor James II, e, consequentemente, continuam a considerar os Stuarts como os legítimos soberanos da Inglaterra e da Escócia, especialmente da última.63 A reivindicação escocesa é reforçada pelo facto de que a Lei de 1707, que bania os Católicos do trono, foi aprovada apenas pelo Parlamento inglês, antes da união da Inglaterra e da Escócia. Segundo a tradição histórica convencional, a descendência directa chegou ao fim em 1807 com a morte de Henry Benedict Stuart, cardeal e duque de Iorque — que declarou que era rei «pela graça de Deus, mas não pela vontade dos homens» — embora o direito ao título passasse para os ramos colaterais da família e pertença hoje ao Príncipe Franz da Baviera (Francis II, para os apoiantes escoceses).
As dificuldades inerentes à reintegração desta relativamente recente — e talvez injustamente deposta — família real no trono sublinham o absurdo de tentar restaurar uma dinastia tão antiga como os Merovíngios.

Lafosse baseia a sua reivindicação na asserção de que, enquanto estava no exílio em Roma, em 1784, Charles Edward Stuart obteve autorização papal para anular o seu casamento com a Princesa Louise de Stolberg-Gedern, e no ano seguinte casou com a Condessa de Massillon. É do filho de ambos, Edward, duque de Albany, que o Príncipe Michael afirma descender, mas o grande obstáculo é o facto de que nem a anulação, nem o segundo casamento são reconhecidos Pelos historiadores nem pelos genealogistas, e Lafosse não apresentou nenhuma prova que os convencesse do contrário.
Os problemas de Lafosse são essencialmente os mesmos que os de Plantard: primeiro, ele tem que provar que é o legítimo descendente dos Stuarts, depois, fazer com que eles sejam restaurados no trono — Se é realmente essa a sua ambição. Ele tem sido bem acolhido por Muitos grupos de indivíduos com base apenas na sua palavra, criando ^rna considerável base de apoio e perfil público (sendo mesmo conviado para um programa de rádio aquando da restauração do Parla-

mento escocês em 1999, para discutir a devolução do poder à Escócia). O genealogista Jerry Jardine escreve que: «Há alguns anos, ele causou grande sensação nos estados Unidos e no Canadá ao criar para cavalheiros e senhoras títulos honoríficos da Ordem do Templo de Jerusalém. Estes títulos não eram gratuitos. Várias senhoras e homens exibiam as suas cruzes esmaltadas (semelhantes à Cruz de Malta] em várias Gatherings & Games escoceses naqueles países». M
Esta é a diferença essencial entre Lafosse e Plantard: o último nunca tentou usar o seu direito desta maneira — apesar de muitas e perfeitas oportunidades. (Ironicamente, Lafosse disse a um entrevistador em
2004: «Não reconheço o direito de Plantard».)65
Pouco depois da sua primeira aparição na Escócia em 1976, Lafosse apresentou dois documentos que, alegadamente, provavam a sua verdadeira situação: a sua certidão de nascimento como Príncipe Michael James Stewart, conde de Albany (além de outros títulos), e cartas de uma figura importante nos Arquivos do Vaticano confirmando a existência de registos da anulação e do segundo casamento do Jovem Pretendente. Contudo, os investigadores obtiveram uma declaração do registo de Bruxelas de que a certidão apresentada por Lafosse era «falsa» e um desmentido do membro do Vaticano, monsenhor Martino Giusti, de que ele tivesse sido o autor das cartas que Lafosse apresentou.66 Por sua vez, Lafosse afirma que as certidões de nascimento fornecidas pelas autoridades de Bruxelas (mostrando que ele fora registado simplesmente como Michel Roger Lafosse) são unia «completa fraude, parte de uma conspiração que continua a existir para negar o direito da sua família ao trono actualmente ocupado tão embaraçosamente pelos Windsors.67

Debrett's declarou: «Nunca vimos nenhuma prova dos seus direitos, que parecem muito improváveis. Consideramos este caso com grande cepticismo». Um porta-voz do Tribunal de Lord Lyon em Edimburgo, que se ocupa de disputas referentes a títulos e heranças escocesas, disse: «Ele não apresentou absolutamente nenhuma prova da sua ascendência, e até que o faça, eu não o reconheço por outra coisa que não seja Michel Lafosse.»68
Contudo, alguns — aparentemente — reconhecem a sua superioridade: em 1992, ele foi eleito presidente do Conselho Europeu de Príncipes, a que ele chama um «órgão consultivo constitucional» ligado ao Parlamento Europeu. Alega que o conselho foi formado em 1946 e que, até 1992, o seu presidente foi o muitíssimo influente Otto von Habsburgo. Mas, infelizmente, este negou qualquer conhecimento dessa organização.69

Laurence Gardner, na sua Introdução a A Monarquia Esquecida da ^Escócia (TheForgottenMonarckyofScotland, 1998), do Príncipe Michael, escreve sobre a sua eleição: «A nova nomeação teve implicações políticas para a Escócia porque, ao eleger unanimemente Michael de Albany, 32 casas soberanas proclamaram publicamente a continuidade de jure (legítima) da monarquia dos Escoceses a uma audiência internacional; uma dinastia real que, segundo os historiadores académicos britânicos, há muito tempo fora extinta».70 (Gardner detém título de «adido presidencial» junto do Conselho, além de ser o seu «Real Historiógrafo Jacobita oficial».) Lafosse também se candidatou, sem sucesso, a MPE na República Checa nas eleições de 2004 para o Parlamento Europeu.

Acesso privilegiado

A dificuldade em corroborar a tese global de Laurence Gardner é o facto de ele se apoiar, sobretudo nas partes importantes da sua reconstrução histórica, em «acesso privilegiado» aos arquivos particulares de pessoas semelhantes ao Príncipe Michael de Albany e de certas ordens de cavalaria. Basicamente, temos que confiar na sua palavra de que não só esses documentos referem o que ele afirma, mas também que eles existem realmente (tal como os Dossiers Secretos se vangloriavam de serem baseados em documentos autênticos que continuavam inacessíveis e invisíveis aos mortais menos afortunados).

Gardner tem também uma maneira interessante de lidar com a linguística e a etimologia, criando, com autoridade, alternativas às derivações habituais de palavras sem apresentar qualquer prova que justifique as suas interpretações. Por exemplo, em Realms of the Ring Lords (2000), ele escreve:«... os Cátaros eram apoiantes dos Albigenses: a linhagem de Elven que descendia das rainhas do Graal de outrora, como Lilith, Minam, Betsabé e Maria Madalena. Foi por esta razão que, quando Simon de Monfort e os exércitos do Papa Inocêncio II atacaram subitamente a região em 1209, o ataque foi chamado a Cruzada dos Albigenses».71 De facto, segundo a história tradicional — e, poder-se-ia pensar, o senso comum — os Cátaros foram chamados «Albigenses» segundo o nome da sua cidade favorita de Albi, no sul de França. Evidentemente, a história tradicional nem sempre está correcta, mas certamente que se Gardner tem novas provas tão espantosas, ele deveria revelar o segredo a todos nós, em vez de simplesmente brandir a história revista como um instrumento embotado.

Linhagem do Sagrado Graal, essencialmente, é uma nova interpretação de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, acrescida de alguma nova informação obtida nesses arquivos privados que, aparentemente, preenchem algumas das lacunas. Aqui, não só Jesus e Maria Madalena casam e têm filhos, como os seus nomes nos são revelados—uma rapariga, Damaris (ouTamar), Jesus (II) e José o «Filho do Graal» que foi levado para a Gália. O intervalo entre esse acontecimento e a ascensão dos Merovíngios, cinco séculos depois, é preenchidos com uma árvore genealógica que mostra que o descendente de José, Pharamond, casou com uma princesa sicâmbria. Meroveu, o fundador da dinastia, era o seu neto.

As duvidosas afirmações dos Dossiers Secretos quanto à sobrevivência merovíngia através de Sigeberto IV são repetidas, embora Gardner acrescente alguns erros originais — descrevendo o histórico Dagoberto II como o filho de Sigeberto II e não in, como deveria ser, e o filho de Dagoberto, que foi acolhido em Rennes-le-Château, como Sigeberto in, em vez de IV. Aqui, também, Godofredo de Bulhão é de descendência merovíngia. O reaparecimento dos erros dos Dossiers Secretos, naturalmente, lançam dúvidas consideráveis sobre a exactidão dos «arquivos privados» usados por Gardner.

No entanto, na sua versão, a família de Jesus foi perpetuada em várias famílias europeias, não exclusivamente os Merovíngios. Por exemplo, a descendência foi estabelecida na Inglaterra por José de Arimateia, do qual Artur e outros reis de Inglaterra eram descendentes. E como a «linhagem do Graal» levou à formação da Casa de Stewart (a ortografia preferida por Gardner e pelo Príncipe Michael), o seu moderno representante é... o príncipe Michael de Albany.
Em última análise, a mensagem de Gardner é essencialmente política — ele escreve, no princípio de Linhagem do Sagrado Graal, que se trata de «um livro sobre bom governo e mau governo».72 Para ele, a situação do mundo seria muito melhor se à família do Graal fosse permitido governar da maneira a que ela foi destinada como parte da ordem natural.
Em Criação dos Reis do Graal [Génesis ofthe Grail Kings, 1999), Gardner faz remontar as origens da linhagem a um tempo mais remoto -— não a Jesus ou ao rei David, mas a Adão e Eva e, na verdade, a tempos consideravelmente ainda mais remotos. Os sensacionalistas do Reino Unido podem entusiasmar-se com o subtítulo de O Legado Pendagron de Adão e Eva {The Pendragon Legacy ofAdam and Eve), enquanto os leitores americanos se deliciam com o ainda mais surpreendente A Explosiva História da Clonagem Genética e da Antiga Linhagem de Jesus
rfhe Explosive Story of Genetic Cloning and the Ancient Bloodline of iesiis). Neste livro, o «acesso privilegiado» de Gardner constitui um «abre-te sésamo» para outro arquivo além do pertencente ao Príncipe j^ichael: o da Imperial and Royal Dragon Court and Order, um renascimento de uma nobre ordem húngara medieval cujo grão-mestre é «Sua alteza Real», o britânico Nicholas de Vere — que, inevitavelmente, reivindica ser de descendência merovíngia.
Sem hesitação, Gardner declara que a «linhagem do Graal» deve as suas origens à engenharia genética praticada por extraterrestres, que ocorreu na antiga Suméria, criando uma raça superior à humanidade que eles já tinham criado: «Adão» — uma nova raça, não um único indivíduo. (Evidentemente, a ideia de que os Merovíngios eram parcialmente extraterrestres já tinha emergido no livro de Gérad de Sede, de
1973, A Raça Fabulosa.}
Gardner explica que os ET eram o misterioso grupo de deuses chamado Anunnaki, que, segundo a mitologia suméria, trouxeram a realeza do céu: por outras palavras, os reis «divinamente» escolhidos — a linhagem do Graal — são os descendentes do «Adão» geneticamente modificado».73 (De Vere designa os seus descendentes como «Dragões», e associa a humanidade de Adão à raça ariana, referindo que «Ariano» significa descendente da sábia e nobre raça» — embora ele seja rápido a distanciar-se da muito amada «raça superior» ariana dos Nazis. Embora alguns pudessem pensar que ele não compreendera o essencial, de Vere considera os Nazis como «camponeses alemães», de raça geneticamente inferior aos verdadeiros Arianos). (Pelo menos, no sistema de Nicholas de Vere, os Nazis são agora a raça inferior!)74
Neste e noutros livros posteriores, Gardner apresenta o muito controverso tema do «oiro monoatómico» ou «pó branco de oiro», considerado ser uma forma especial de metal descoberto em jazigos naturais no Arizona, nos anos 80, por um lavrador chamado David Hudson, Çue após anos de estudo, conseguiu reproduzi-lo em laboratório. Hudson também refere que produziu formas monoatómicas de outros metais, mcluindo prata, com propriedades igualmente notáveis, para as quais ele cnou a interessante designação de Elementos Monoatómicos Orbiaunente Combinados, ou «ORME». (O oiro monoatómico e outros ementos podem agora ser adquiridos como suplementos dietéticos uito invulgares — nas palavras de um fornecedor, para «ajudar ao °sso

processo pessoal de ascensão».75 Hudson promoveu estas desDertas nos Estados Unidos numa série de conferências em meados a°s anos 90.76
316
317
A lista das propriedades associadas ao oiro monoatómico é realmente notável. Diz-se que é um supercondutor, que é antigravitacional e que domina o espaço-tempo — e que pode mesmo teletransportar-nos para outras dimensões. Também actua sobre o ADN para curar doenças e outros problemas — Hudson e os seus apoiantes referiram muitas curas de cancro e de SIDA. Por fim, os elementos monoatómicos são alegadamente capazes de causar «mudanças espirituais» de consciência que nos induzem um maior conhecimento transcendental, esclarecimento e poderes psíquicos mais desenvolvidos.
Se tudo isto parece demasiado bom para ser verdade, provavelmente, é porque é. Nem todas estas afirmações têm sido apoiadas por qualquer prova verificável. Os doentes de cancro e de SIDA, que foram salvos pelo oiro monoatómico, continuam anónimos; os laboratórios científicos que confirmaram essas espantosas propriedades físicas recusam-se a ser nomeados até que estejam preparados para publicar o seu trabalho; os interesses políticos e comerciais investidos tentam abafar todo o caso. Etc... Mesmo assim, o notavelmente elusivo pó branco de oiro é adulado entre os membros da subcultura da New Age, particularmente na América. Mesmo a notícia de que Hudson tem múltiplos bypasses no coração pouco contribuiu para diminuir a fé nos seus poderes.77. Se tentarmos compreender a sedução do Santo Graal, não precisamos de ir mais longe. Do mesmo modo, devemos lembrar que o Graal foi primeiro referido num bestseller medieval. Era ficção.
Em seguida ao seu estudo das propriedades físicas do pó branco de oiro, Hudson encontrou provas de que ele fora famoso por distinguir grupos de pessoas ao longo da história: foi a Pedra Filosofal dos alquimistas; a pedra do Graal de Wolfram Eschenbach, o maná que salvou os Israelitas no deserto, e várias outras substâncias mágicas mencionadas em antigos textos egípcios e outros. Como Hudson tem conhecimento disso, é difícil dizer. E, seja como for, a sua busca de precedentes históricos ou mitológicos torna-se um pouco mais fácil pelo facto de que as substâncias mágicas, que ele afirma como sendo realmente pó branco de oiro, não têm necessariamente de serem brancas, em pó, ou feitas de oiro. A ideia geral é que o segredo do pó branco de oiro foi transmitido pelos «deuses» e que foi usado desde então por elites e classes sacerdotais secretas, que são, portanto, mais esclarecidas e mais sábias do que o resto de nós. Hudson, como Gardner, invoca as [igualmente questionáveis) teorias de Zecharia Sitchin, segundo as quais, os deuses da antiga Suméria eram, de facto, extraterrestres que criaram a raça humana e uma linhagem superior de reis, através da engenharia genética.
Para cúmulo, Hudson descobriu que era descendente da família Guise, que é referida na lista dos descendentes merovíngios dos Dossiers Secretos — tornando-o, inevitavelmente, parte da «descendência». Por essa razão, ele acredita que estava «destinado» a descobrir o oiro monoatómico.78
Todas estas ideias aparecem na obra de Gardner, embora ele tivesse acrescentado outras inspiradas em Nicholas de Vere. Gardner explica que, originalmente, os reis da Suméria eram capazes de alargar o seu conhecimento e poderes mentais ingerindo fluidos menstruais das sacerdotisas Anunnaki — uma substância conhecida por Fogo Estelar. (O termo também ocorre nos rituais mágicos de Aleister Crowley, em que ele é novamente uma substância produzida pela vulva das sacerdotisas, embora neste sistema seja de natureza terrestre.) Mais tarde, o oiro monoatómico foi desenvolvido como uma versão sintética do Fogo Estelar, conferindo as mesmas capacidades. (Nicholas de Vere,

que reconhece que praticou o ritual do Fogo Estelar, dissocia-se do aspecto do oiro monoatómica, declarando: «Ou somos geneticamente um Dragão, ou não somos, e nenhuma quantidade de oiro monoatómico irá mudar a nossa constituição genética»).79
Assim, vemos que o grande desenvolvimento da hipótese de O Sangue de Cristo e o Santo Graal- que deve parecer bastante desinteressante em comparação — é que um componente genético, um dom mágico que, literalmente, vem das estrelas, está a ser reivindicado para a «linhagem». E os vários elementos da linhagem, os «deuses criadores» genéticos, o pó branco de oiro e, evidentemente, a pretensão do Príncipe Michael ao trono da Escócia, são forçados a parecer uma história coerente, internamente corroborada.
A febre merovíngia atingiu o seu apogeu no livro de 2001, de Jon King e John Beveridge, Princesa Diana —A Evidência Ocultada (Princess Diana — the Hidden Evidence), que assegura que a Princesa de Gales foi assassinada pelo MI6 e a CIA, não apenas porque ela ia casar com um muçulmano, mas também porque estava a ser «cortejada» por apoiantes da descendência merovíngia — da qual ela própria era membro. Aparentemente, isso constituía uma tal ameaça à família real britânica que ela teve que ser eliminada. O livro e a teoria são avalizados num Prefácio escrito pelo Príncipe Michael de Albany.
Pode haver, ou não haver, circunstâncias suspeitas em torno da morte de Diana (a qual, felizmente, está fora do âmbito deste livro),80 ^as a sugestão de que ela foi assassinada porque era merovíngia falha Mediatamente, em consequência de falta de provas da sobrevivência da linhagem. E, seja como for, ainda há o problema de saber se haveria

alguma coisa especial naquela descendência, mesmo que ela tivesse sobrevivido. (Tudo isto revela a fraqueza da estrutura em torno do eixo Merovíngios-Anunnaki-pó branco de oiro: se uma parte cede, então o resto desmorona-se com ela — se não existirem nenhuns sobreviventes merovíngios, e não houver nada de especial no seu sangue, então, no mínimo, o motivo alegado pela teoria do assassinato de Diana está errado.)
Em 2000, houve nova adição ao «cânone» da linhagem: Rex Deus: The True Mystery of Rennes-le-Château and the Dynasty of Jesus, de Marylin Hopkins, Graham Simmans e Tim Wallace-Murphy. Wallace-Murphy é um conhecido autor que escreve sobre temas maçónicos e esotéricos, que colaborara com Hopkins num livro anterior sobre a Capela de Rosslyn, e Graham Simmans é um britânico expatriado que vive em Rennes-le-Château. Segundo esta versão, Baigent, Leigh e Lincoln chegaram à história certa, mas à dinastia errada: este trio alega que as famílias da «linhagem» descendem dos sumos-sacerdotes do Templo de Jerusalém.
A hipótese baseia-se em informação cedida por um informador conhecido apenas como Michael, que se afirma descendente das famílias reais davídica e hasmoneana de Israel e dos vinte e quatro sumos-sacerdotes do Templo de Jerusalém do tempo de Jesus. Infelizmente, os documentos comprovativos perderam-se — tendo sido tragicamente guardados numa secretária que, acidentalmente, foi vendida.81 (Talvez o actual proprietário os devolva!?)
Nesta versão, a importância de Jesus deriva do facto de ser herdeiro do trono de David e de descendência sacerdotal, tendo Maria sido ritualmente impregnada pelo sumo-sacerdote Gabriel (sendo o relato evangélico da Anunciação uma versão tendenciosa desta história). Depois disso, estamos em terreno conhecido: Jesus casou com Maria Madalena, e tiveram filhos. O filho de Jesus (Tiago, nesta versão), o herdeiro do trono de David, foi levado para Inglaterra por José de Arimateia. A Godofredo de Bulhão foi oferecido o trono de Jerusalém porque ele era «legítimo herdeiro da linhagem de David

e descendente directo de Jesus»82 — omitindo o facto inconveniente de que ele tinha, de facto, um irmão mais velho, o verdadeiro «herdeiro legítimo».
O lugar do Priorado de Sião é ocupado por outra sociedade secreta, a Rex Deus, que esteve por trás da criação dos Cavaleiros Templários. («Michael» também reivindicava ser descendente directo do fundador dos Templários, Hugues de Payens.) Esta versão da linhagem também acaba no Príncipe Michael de Albany, que é celebrado não só como membro da descendência Rex Deus, mas também citado como um especialista
em questões históricas obscuras. Por exemplo, no seu livro Rex Deus, ao discutir a teoria (há muito tempo objecto de especulação, mas nunca apoiada por qualquer prova específica) segundo a qual os Templários descobriram um esconderijo de manuscritos em Jerusalém, Hopkins, Simmans e Wallace-Murphy escrevem: «SAR o Príncipe Michael de Albany confirmou este facto quando descreveu os manuscritos descobertos pelos Templários nas suas escavações em Jerusalém como "os frutos de milhares de anos de conhecimentos"».83
Curiosamente, os autores de Rex Deus criticam a hipótese da descendência segundo Baigent. Leigh e Lincoln — comparando-a a ficção — pela boa razão de que eles se basearam sobretudo nos desacreditados Dossiers Secretos (aqui, inquestionavelmente atribuídos apenas a Plantard e de Chérisey), acabando por chegar à linhagem errada, os Merovíngios.84 Esta conclusão é particularmente irónica porque a própria Rex Deus não apresenta sequer nada tão tangível como os Dossiers Secretos que lhe sirva de apoio, baseando-se simplesmente na palavra de «Michael». Seja como for, os autores aceitam que a descendência é a de Jesus (e, incidentalmente, de Maria Madalena) e que os Merovíngios eram realmente descendentes do Rex Deus.
Há alguns erros básicos na reconstrução dos acontecimentos de Rennes-le-Château segundo Hopkins, Simmons e Wallace-Murphy. Por exemplo, eles datam o princípio do restauro da igreja de Saunière, e as descobertas subsequentes, de 1 891, embora isso tivesse acontecido quatro anos antes. Mais importante, eles escrevem: «Aceitamos que Saunière teve repetidos contactos com Emma Calvé, tanto em Paris como em Rennes-le-Château, mas é menos certo que ele tivesse recebido o ministro da Cultura francês na sua remota aldeia de montanha. No entanto, quando examinamos os alegados contactos deste padre rural com os Habsburgos, a mais antiga família reinante da Europa, não temos tanta certeza».85 De facto, a situação é completamente inversa. Não há nenhuma prova documental da ligação Saunière-Calvé, sendo esta baseada apenas nas memórias dos aldeões; das visitas do futuro ministro das Belas-Artes, Dujardin-Beaumetz, não há nenhuma dúvida — ele efa um político e artista local que era amigo de Saunière antes de o Padre ter sido nomeado para Rennes-le-Château; e as vistas de um ar^uiduque Habsburgo, ainda que um membro rebelde da família, estão s°lidamente registadas nos ficheiros da polícia e do Deuxième Bureau. E muito intrigante o facto de Rennes-le-Château figurar na história eus, porque os autores consideram os Dossiers Secretos como
°
^a fraude e a hipótese de O Sangue de Cristo e o Santo Graal como

o equivalente a uma ficção. Hopkins, Simmons e Wallace-Murphy nãcj apresentam nenhuma explicação para a origem da riqueza de Saunière nem chegam a arriscar uma conexão entre as famílias do Rex Deus e q caso Saunière.

Estatuto de culto

Inevitavelmente, o conceito de «linhagem sagrada» é perfeito para ser explorado pelos pretensos ocultistas. Escolher certos indivíduos como líderes predestinados, mesmo que

o seu legítimo papel não seja reconhecido pelos «poderes existentes», oferece o potencial para que os pretendentes a essa elite se descrevam como mártires, vítimas de conspirações dos inimigos da Verdade. («Pela graça de Deus [ou Anunnaki], mas não pela vontade dos homens».) Presumivelmente, é apenas um questão de tempo antes que apareça alguém a reivindicar esse direito, estabelecendo-se como um líder conveniente de um culto pseudo-religioso.
A história recente faz repetidos avisos do destino macabro que pode aguardar membros do que parecem ser cultos inofensivamente excêntricos, quando os seus líderes, por qualquer razão, decidem que é tempo de liquidar a iniciativa, decretando que os seus seguidores têm que pôr fim às suas vidas (ou, se eles recusam, mandar matá-los). Em Jonestown, Guiana, em 1978, mais de 900 membros do Templo do Povo envenenaram-se; enquanto em 1997, 39 adeptos do culto da Porta do Céu, voluntária, mesmo estaticamente, partiram para a sua última viagem para além das estrelas. Além disso, houve três episódios distintos de suicídios em massa e assassínios de membros da sinistra Ordem do Templo Solar — a qual, como veremos, não é dissociada do Priorado de Sião...
Na verdade, apesar de todas as objecções lógicas às teorias da linhagem, uma navegação casual na internet mostra que aí existem muitas pessoas completamente dominadas pelo conceito de «famílias da linhagem» que são diferentes das outras pessoas — embora os entusiastas tenham tendência a dividirem-se entre os que pensam que «os membros da linhagem» são os nossos misteriosos salvadores e os que os consideram como os secretos governantes satânicos do mundo. A ideia de uma linhagem sagrada está também a ser associada às crença5 e cultura mais tradicionais da New Age e os pretensos descendentes são tratados com interesse, respeito — e mesmo com um certo temor-
as como
>a ou má,
demonstrámos, quer, na nossa opinião, a descendência seja __________ , todo o conceito assenta em bases realmente muito pouco
Tnes. É um convincente mito moderno que se desenvolveu consi;ravelmente desde O Sangue de Cristo e o Santo Graal, ultrapassando luito os intentos dos seus autores. E o que é mais preocupante, a ênfase ama herança toda poderosa pode também ser considerada como um :gresso à velha ideia, embora sob a aparência de modernidade, de que ;rtas pessoas são superiores ao resto de todos nós devido às famílias n que nasceram. Certamente, não é isso que a nossa democracia, ificilmente conseguida, deveria ser. (E é uma ideia positivamente peos indivíduos podem ser superiores devido à sua
L, porque se
onstituição genética, então, por implicação, o contrário é verdadeiro r alguns de nós são inferiores devido à sua linhagem, características Isicas ou raça. A história demasiado recente mostrou o que pessoas crimilosamente loucas e sem escrúpulos podem fazer com essas ideias.)
Contudo, o aspecto mais significativo é que Plantard e de Chérisey unca tentaram explorar este potencial de culto, quer para lucros maíriais, quer pela influência sobre outros, embora tivesse sido muito fácil izê-lo — especialmente quando essas ideias estão em voga, como no >o das muito questionáveis actividades do Templo Solar. De facto,
dois embusteiros do Priorado minimizaram todo o caso, tendo tido [lesmo o cuidado de se distanciar dele.
aso

paralelo dúbio
Para demonstrar quão fácil teria sido para o Priorado de Sião ter-se ransformado num culto florescente — e como história admonitória de lue ele ainda poderia ser usado dessa maneira — é instrutivo examinar k misteriosamente semelhante Ordem do Templo Solar, cujos suicídios em massa e assassínios surpreenderam o mundo em 1994. Há mais do bue um vago paralelo: as duas Ordens não só têm um modus operandi |tnuito semelhante como também partilham as mesmas raízes esotéricas. Como no caso do Priorado, o Templo Solar fez a sua primeira apari-
ção em França nos anos 50, começando em 1952, com uma reunião ocultistas dirigida pelo alquimista Jacques Breyer (1922-96) no Castelo |de Arginy, na região de Beaujolais. (Um dos membros deste grupo era o respeitável esoterista Eugène Canseliet, que se tornou mentor de Gino
322
Íesp ndr
323
Originalmente, o grupo de Breyer foi atraído para Arginy pela sua busca de relíquias escondidas pelos Templários medievais aquando da sua supressão — aparentemente, eles foram orientados para Arginy por um documento de meados do século dezoito que se encontrava na Bibliothèque Nationale. Este documento referia que o último grão-mestre, Jacques de Molay, transmitira ao cavaleiro templário Guillaurne de Beaujeu — membro da família que era proprietária do castelo de Arginy — não só a sua autoridade como também importantes relíquias templárias, sendo a mais preciosa um osso do dedo indicador de João Baptista. Quando Breyer e os seus companheiros verificaram que não tinham conseguido encontrar as relíquias, empregaram técnicas mágicas para tentar estabelecer contacto psíquico com os espíritos dos cavaleiros templários mortos aquando da supressão da Ordem.
Embora os detalhes nunca tivessem sido divulgados, alegadamente, eles tiveram sucesso em 12 de Junho de 1952, estabelecendo uma nova e fantástica pretensão a legítimos descendentes dos Templários — a «Transmissão Solar» — que, convenientemente, ultrapassou a questão de provar a continuidade histórica da ordem medieval e reclamando uma autoridade derivada da comunicação psíquica com os líderes templários falecidos. A Ordem Soberana do Templo Solar (Ordre Souverain du Temple Solaire, ou OSTS) nascera. (Os espíritos informaram-nos de que Arginy era o local original onde Hugues de Payens criara os Templários em 12 de Junho de 1118, uma referência que continua a ser repetida pelos adeptos da «Transmissão Solar».) A OSTS continuou a realizar rituais em Arginy durante mais de vinte anos.
Como o Priorado, a OSTS tem sido associada a actividades políticas clandestinas. Em O Ocultismo em Política (LOccultisme danslapolitique,
1994), Gérard de Sede — citando como sua fonte o primo do conde de Rosemont, proprietário do castelo de Arginy — alega que no fim dos anos 50, Constantin Melnik, uma figura importante dos serviços de contra-espionagem franceses e, nessa altura, conselheiro para a segurança junto do primeiro-ministro Michel Debré, estivera envolvido ern rituais nocturnos em Arginy.87
Se estas alegações de envolvimento directo nos rituais de Arginy são verdadeiras ou não — ou, se são, se o cenário de Arginy actuou, de facto, como um disfarce para actividades relacionadas com os serviços secretos — obviamente, é conhecido apenas pelos iniciados. Mas, nessa altura, a imprensa teve uma grande oportunidade ao associar Melnik com um misterioso grupo de «Templários». Um exemplo é este extracto do jornal de esquerda f rance Observateur, de 17 de Março de 1960 (a ênfase é original):

Nos círculos informados, fala-se muito de uma organização secreta que se esconde sob o nome de «grupo Templário» É composto, nesta altura, por trinta pessoas com a reputação de muito «duras», tendo à sua disposição grandes meios financeiros e cada uma delas controlando uma pequena rede de militantes muito bem treinados. Pertencentes aos «Templários» são M. Constantin Melnik, membro do governo de M. Debré, e o «jornalista» Pierre Joly, que participou em todas as actividades conspiratórias. O objectivo deste grupo é levar a cabo um anticomunismo militante. Tem o controlo remoto de um certo número de associações e tem uma ligação notável com a organização de Georges Sauges, com os fundamentalistas católicos, e os seus amigos Franquistas Os «Templários» têm ligações na Alemanha e em Espanha.
Pela sua parte, Melnik atribuiu estas alegações à campanha de difamação do KGB.88
Pierre Joly já conhecemos — fazia parte da conspiração Grand O que envolvera as Comissões de Segurança Pública dois anos antes, em conluio com o líder ex-Cagoule Dr. Henri Martin, Georges Sauges pertencia à secção das campanhas psicológicas.89
Aproximadamente na mesma altura, o periódico Juneval descreve estes «Templários» como «homens de monarquismo extremo» sediados em Lyons, Toulouse e em «certas células católicas nacionalistas do Exército», na Argélia.90 Outro artigo sobre a misteriosa e conspiratória «Sociedade de Templários» apareceu em LExpress no dia 31 de Março de 1960.
Só para iniciados
Durante mais de uma década, a OSTS foi uma verdadeira sociedade secreta e hierárquica, apenas para iniciados. A sua própria existência não era conhecida de estranhos e os seus membros estavam sobretudo confinados aos ricos e influentes. Novamente à maneira do Priorado, a USTS tornou-se pública apenas nos anos 60, contando o seu «ressurgi"lento>> a partir da eleição do seu primeiro grão-mestre, Jean-Louis Marsan, como João XXIII no dia de São João Baptista, 24 de Junho
1966. Um ano depois, A minha demanda do Graal (Ma queste du rflaO do pseudónimo Péronic, «o trovador Solar», trouxe as crenças
s doutrinas da Ordem à atenção do público (Perime era uma espécie e «bobo sagrado» nas lendas da Bretanha.)
324
325
A primeira grande iniciativa da Ordem foi assegurar o patrocínio do Príncipe Rainier in do Mónaco, por intermédio de Marsan, um dos seus amigos e conselheiros mais próximos. Embora nem sempre seja reconhecido, a sua mulher, a Princesa Grace — a antiga estrela de Hollywood — tornou-se um membro devotado.91
Um novo progresso verificou-se em 1975 com a publicação, no Mónaco, das doutrinas da OSTS sob o pseudónimo «Peronnik», intitulado Porquê o Ressurgimento da Ordem do Templo? (Pourquoi Ia résurgence de 1'Ordre du TempleT) Segundo este convincente volume, a OSTS seguia um misto de ideias ocultistas tradicionais e da New Age que tinham muito pouca ligação com o neotemplarismo ou com as organizações neotemplárias. Estava particularmente dependente das doutrinas da guru da New Age Alice A. Bailey (1880-1949), a qual, em consequência das comunicações psíquicas com «mestres secretos», ensinava o que ela chamava a «Doutrina Solar», segundo a qual a civilização humana é o resultado da intervenção de seres avançados de um planeta em órbita em torno de Sírios (discutimos esta doutrina com maior detalhe em The Stargate Conspiracy).92 A OSTS foi mais longe, identificando o planeta como Epolitas (Heliópolis),93 mas, por alguma razão, o Templo Solar posterior chamou-lhe Próxima.
Há paralelos distintos entre as doutrinas e as crenças da OSTS e as do Priorado de Sião. Em 1957, enquanto o primeiro defendia ciosamente a sua privacidade, o seu fundador

Jacques Breyer escreveu Dante akhimiste, uma interpretação alquímica do Inferno de Dante, que define o Baphomet Templário94 como a «Expressão Eloquente da Grande Obra, plenamente realizada no seio da Comunidade da Cruz Forcada [Communauté à Croix Fourchée]»95 com certeza que o ano de 1188 é crucial para o Priorado.
Breyer passa a explicar que a Croix Fourchée era o símbolo da ordem interna secreta dos Templários, «a Cruz cujas quatro Extremidades são em forma de M» — semelhante à cruz templária usual mas cujos braços têm arestas paralelas. Breyer refere que cada grau dos Capítulos Privados da ordem da «cruz forcada» tem o triplo dos membros do grau imediatamente superior — também uma característica do Priorado desde os seus primeiros estatutos de 1956, apenas um ano antes da publicação do livro de Breyer. Este também refere que, entre outras fontes místicas, Dante foi inspirado pela «Igreja Secreta de João».96
Embora fosse um erro aceitar os escritos de Breyer mais literalmente que os Dossiers Secretos, estes paralelos são particularmente intrigantes — porque quem compilou os Dossiers retirou as suas ideias da mesma

f-
fonte. Mais semelhanças surgem em publicações posteriores do Templo Solar, que destacam o facto de que o primeiro Papa a ser eleito depois do «ressurgimento» da Ordem do Templo em Arginy adoptou o nome de João XXIII (Cardeal Angelo Roncalli, Papa entre 1958 e 1963] e que:
... alguns anos após o desaparecimento de João XXIII, a Ordem Soberana do Templo Solar reuniu-se durante a celebração de São João Baptista em 1966, tendo o Conclave elegido o absoluto sucessor de Jacques de Molay, que, assim, se tornou o vigésimo terceiro grão-mestre da Ordem, possuidor e detentor da Grande Insígnia e da Cruz do Templo. E o vigésimo terceiro grão-mestre tem um primeiro nome: JOÃO197
O Papa João XXIII é importante para eles devido às reformas que introduziu na Igreja Católica durante o seu curto reinado, especialmente porque, como diz Perinnik, «ele seguiu o caminho do Templário universal».98 (Para eles, outro «Templário em espírito» era Júlio Verne.)99 Nos documentos do Priorado, o título de Cocteau é João XXIII, que — embora não destacado nos Dossiers Secretos — parece ter sido inventado para que um João XXIII presidisse ao Priorado ao mesmo tempo que um João XXIII era Papa. (Que isto/ot inventado é demonstrado pelo facto de os compiladores esquecerem discretamente que os primeiros documentos sobre o actual Priorado em 1956, referem que o então grão-mestre fora João XXI.) Claramente, a OSTS teve a mesma preocupação.
Em seguida ao «discreto» aparecimento da OSTS em 1952, em Arginy, e à eleição do seu primeiro grão-mestre absoluto em 1966, preparando o caminho para se tornar pública no ano seguinte, um terceiro (mas mais obscuro) acontecimento ocorreu: «No dia 12 de Junho de 1973, [a Ordem] apareceu em público, pela primeira vez, em Mont Sainte-Odile, na Alsácia (França).100 Mas porquê o Mont Sainte-Odile, que também desempenha um papel-chave na tradição do Priorado? Seria uma mera coincidência?
A OSTS também se associou à «ordem joanista» e à «Igreja de João»;
ernbora aparentemente centrada no Evangelista, a ênfase recorrente
n° dia da festividade do Baptista, 24 de Junho, sugere que ela adoptava
lectivamente a modalidade dos «dois Joões» do Joanismo. Além disso,
a OSTS declarou-se «sinarquista» — é suficiente dizer aqui que o
riorado também se alinha com o que iremos descobrir ser a ideologia
istintamente perturbadora da sinarquia.

Há outros elementos decididamente dúbios nas doutrinas do Templo Solar: por exemplo, um dos seus objectivos declarados é a união do Cristianismo e do Islão, mas não com o Judaísmo, pela razão de que os Judeus são «deicidas» — perversos assassinos de Deus. De facto, ela declara que os Templários são «no sentido iniciático... os verdadeiros Judeus».101

Embora a Ordem Soberana do Templo Solar e o Priorado de Sião fizessem reivindicações completamente diferentes sobre a sua história e finalidade, havia muitas semelhanças, quer devido a um cruzamento de ideias, quer simplesmente porque coabitavam no mesmo mundo.

Fosse qual fosse a intenção (que ainda é acaloradamente debatida] original de Breyer, depois de se tornar pública, a Ordem começou a evoluir, admitindo maior número de membros e tornando-se marginalmente mais acessível. Mas também foi atraída para o submundo suspeito onde os grupos de extrema-direita, crime organizado e serviços de informação cruzam os seus caminhos. Talvez já se tivessem confundido na mesma obscuridade.

Uma figura-chave neste desenvolvimento foi Julien Origas, um francês colaboracionista com a Gestapo durante a Ocupação, que cumpriu uma pena de prisão devido às suas simpatias nazis. Ingressou na OSTS em 1965, mas foi expulso dois anos depois devido às suas ambições de assumir o controlo da Ordem. Previsivelmente, fundou a sua própria ordem templária, a Ordem Renovada do Templo (Ordre Renouvé du Temple, ORT) em 1968, que, finalmente, contou com cerca de 1500 membros no Canadá, África, Brasil e Martinica. Também havia ligações entre a Ordem de Origas e o SAC, a «guarda pretoriana» gaullista.

Depois, em Março de 1981, apareceu um novo «Templo Solar,» formado e dirigido por Joseph Di Mambro, desta vez, chamada apenas a Ordem do Templo Solar (Ordre du Temple Solaire), embora houvesse uma evidente ligação com a Ordem Soberana existente, que, para os estranhos, é difícil de definir porque a última minimizou as suas relações com ela depois das mortes em massa. Apesar das alegações de que se tratava de um grupo dissidente, com poucas ligações com a Ordem Soberana de 1952, havia uma definitiva sobreposições de associados, particularmente nos graus mais elevados. (A Princesa Grace esteve envolvida com ambas: ela interessou-se pela Ordem por intermédio de Marsan, grão-mestre da Ordem Soberana, mas foi iniciada pelo próprio Di Mambro no Templo Solar.)102 O que não é claro é $e o novo Templo Solar foi estabelecido pela Ordem Soberana como

«secção exterior» ou uma fachada, talvez um campo de recrutamento, ou se os acontecimentos de 1981 representaram uma tomada de poder da OSTS por personalidades mais questionáveis como Di Mambro e Origas. Mas, todavia, ela ainda se inspirava nas mesmas «doutrinas»: Jacques Breyer, certamente, deu a sua bênção ao Templo Solar e a Di Mambro, pessoalmente.103

(Para tornar a questão ainda mais confusa, Di Mambro era também membro da Ordem Soberana do Templo de Jerusalém — que foi infiltrada pelo SAC — tal como era o caso de Albert Giacombina, um empresário de Genebra, que era o membro do Templo Solar e era o proprietário da quinta em Cheiry onde algumas das mortes, incluindo a sua própria, ocorreram.

A Ordem de Di Mambro operava sobretudo nos círculos da New Age que falavam francês, contando com um número substancial de associados em França, Suíça e Canadá, mas, de novo, os alvos específicos eram as pessoas bem sucedidas e ricas (embora a algumas pessoas mais humildes também fosse permitido aderir à Ordem). Como referiu um comentador, «estas eram pessoas que esperaríamos encontrar num cube de lazer».104 Mas embora os seus membros, felizmente, talvez ignorassem, o

Templo Solar estava intimamente associado ao mundo secreto do crime de extrema-direita. Segundo os investigadores franceses Amaud Bédat, Gilles Bouleau e Bernard Nicolas, a verdadeira autoridade da Ordem residia na Itália e/ou na Suíça, exercida pelos «mestres secretos» que controlavam Di Mambro.105 Certamente, havia ligações entre o Templo Solar e a P2.

Em 1974, Di Mambro instalou-se — talvez significativamente — em Annemasse, onde fundou o Centro de Preparação para a Nova Era (Centre de Préparation à l'Âge Nouveau, CPAN). Foi aqui, no princípio dos anos 80, que ele conheceu outra figura importante na história do Templo Solar: o antigo pára-quedista belga Luc Jouret, que combatera no Congo Belga, e se tornou homeopata em Annemasse. Jouret criou a organização «Club Amenta» para promover as suas conferências e cursos, com um grupo secreto chamado Clube Archédia (foneticae, Arcádia) que realizava certos rituais especiais. Mas, em 1983, Origas morreu, Jouret assumiu o controlo como grão-mestre ORT, associando o que restava dos membros — depois do habitual — com o Templo Solar de Di Mambro, e tornando-se o número ^°is na hierarquia do poder.

Inquestionavelmente, o Templo Solar era um plano inteligente e honesto para ganhar dinheiro para Di Mambro e Jouret. (O seu

estatuto de líderes do culto também lhes permitia a escolha dos membros femininos, uma oportunidade para o droit de seigneur que eles não demoraram a adoptar.) Todos os 500 membros estavam firmemente controlados, sobretudo devido aos rituais intensos e atemorizadores em que o grande deus egípcio Osíris e o Santo Graal aparentemente se manifestavam. Infelizmente, isso não parece ter sido nada mais que uma hábil realização electrónica e holográfica — ou, pelo menos, foi o que disseram alguns ex-membros do culto, mais tarde.

Em Outubro de 1994, os corpos de cinquenta e três membros do Templo Solar, incluindo os de Di Mambro e Jouret, foram descobertos nas ruínas fumegantes de umas propriedades no Canadá e em dois lugares da Suíça.106 Oficialmente suicídios rituais em massa, alguns dos membros, presumivelmente aqueles estavam relutantes em acabar com as suas próprias vidas, tinham sido atingidos a tiro na cabeça. Segundo as cartas deixadas para as autoridades, ele acreditavam que ao morrerem regressariam a «casa», a Sírius.107

As tragédias foram desencadeadas quando «as Sete Entidades da Grande Pirâmide de Gize deixaram a Câmara Secreta durante a noite de 31 de Março de 1993»108 — aparentemente, uma referência à descoberta do que parecia ser uma porta num dos veios da Grande Pirâmide pelo engenheiro alemão Rudolf Gantenbrink, usando um robot, descoberta que ocorrera naquele dia. Houve especulação (ainda não resolvida) quanto à hipótese de que esta seria a entrada para uma câmara secreta, e teorias subsequentes associaram o veio à constelação de Osíris e à estrela Sírios. Presumivelmente, isto inspirou os líderes do Templo Solar (ou os seus controladores), oferecendo-lhes uma desculpa conveniente para o fim súbito da Ordem.

Depois disto, cinco mensagens da «Senhora do Céu» — mas se esta designação se referia à Virgem Maria ou à deusa ísis, a detentora original desse título, não sabemos — foram recebidas entre 24 de Dezembro de 1993 e a data mágica de 17 de Janeiro, em 1994.109

Os bilhetes de suicídio colectivo eram dirigidos ao ministro do Interior francês, Charles Pasqua (um antigo líder do SAC),110 e sugeriam que a perseguição que ele movera à Ordem os tinha forçado àquela acção drástica. Depois, em Dezembro de 1995, outros dezasseis membros, incluindo um agente da polícia, suicidaram-se numa floresta em

Vercors, França, (embora, de novo, haja sugestões de que alguns foram assassinados), indicando que alguém ainda continuava a dar ordens. Finalmente, em Março de 1997, outros cinco suicidaram-se ero Quebeque.

Previsivelmente, qual a razão exacta das mortes é difícil determinar. Embora se tivesse procedido a investigações e inquéritos, levando a uma repressão dos cultos em França — a polícia continuava a vigiá-los, atenta a indicações de outras atrocidades iminentes — também houve alegações de que as autoridades na Suíça e em França dificultaram deliberadamente as investigações, não desejando que o veredicto de «morte ritual» fosse contestado. Na verdade, há razões para suspeitar que se trata de mais alguma coisa. Uma hipótese razoável é que a Ordem estava a ser usada como uma fachada para uma outra actividade, e as suspeitas da burocracia significavam que ela tinha que ser encerrada definitivamente — e à pressa (O que é a razão presumível por que as autoridades queriam considerar o caso como uma questão de um bizarro massacre ritual, em vez de admitirem que as suas próprias acções poderiam ter causado as tragédias, mesmo que indirectamente.) O aspecto mais intrigante deste cenário é que os líderes aparentes, Di Mambro e Jouret, se suicidaram. Mas se o Templo Solar era apenas um caso de líderes de culto que procuravam obter lucros financeiros ou poder pessoal, ou se estavam a usar a Ordem como uma fachada para alguma coisa muito mais suspeita, a sua história nada edificante serve de exemplo admonitório para o Priorado de Sião...

A história até aqui

Concluímos que, contrariamente à opinião popular, o Priorado de Sião, como tal, é uma ficção, uma conveniente história fictícia — talvez mesmo uma ilusão. As suas pretensões específicas relativamente à sua antiguidade histórica e suposta finalidade, desde o seu princípio até ao fim do século onze, desmoronam-se quando são escrutinadas — o mesmo acontece às teorias que se baseiam na veracidade dessas pretensões. O Priorado de Sião não se ocupa da restauração dos Merovíngios fto trono de França; de facto, desde que o Priorado mudou tão radicalmente o enredo da sua história em 1989, ele já nem se preocupa em ser insto como estando a trabalhar para uma restauração merovíngia.

A função de Pierre Plantard era dirigir a sociedade, manter o plano ^ acção (ou, mais exactamente, como a história, por vezes, entrava em hibernação durante vários anos, fazê-la novamente entrar em acção Quando fosse necessário). Phillipe de Chérisey parece ter sido o prin^Pal causador dos problemas: certamente, ele apreciava as mistificações c°mplicadas e os estratagemas quase como uma forma de arte dramática.

Pode ser uma brincadeira, mas houve muito trabalho e um certo grau de competência em questões históricas e esotéricas por trás da construção deste plano. E parece haver alguma coisa substancial por trás da ilusão. Encontrámos repetidas associações a ordens e sociedades que, indubitavelmente, existem, e uma referência propositada a temas sem nenhuma conexão com a «história fictícia» dos Merovíngios; o que pode, evidentemente, representar apenas outro nível de desinformação, mas pode também oferecer certa pistas sobre a verdadeira agenda daqueles que realmente detêm o poder no Priorado.

Mas embora seja muito fácil dizer o que o Priorado não é, será possível discernir o que, de facto, ele é?

No próximo capítulo examinaremos a «história simbólica» do Priorado numa tentativa de descobrir no que, na nossa opinião, ele acredita. Por agora, é importante não esquecer o único princípio que se manteve constante ao longo de todas as reinvenções e mistificações: o ideal de uma Europa unida. Este foi sempre um importante centro de

interesse desde a Ordem Alpha Galates e da revista Vaincre durante o tempo da guerra, até às últimas palavras de Plantard sobre o Priorado em 1989, ou sobre Victor Hugo «plantando o carvalho dos Estados Unidos da Europa». Material disseminado pelo Priorado associa-o a indivíduos, como Alain Poher, que tiveram influência nas questões europeias. Esta preocupação pode ser comprovada na produção de Plantard, enquanto estava envolvido com o caso Gisors, de uma pequena brochura sobre um tema que, de princípio, parece incongruente. Em 1961, ele depositou na Bibliothèque Nationale uma brochura de 24 páginas, atribuída a «CIRCUIT», com um título que dispensa explicação, Quadros Comparativos dos Encargos Sociais nos Países do Mercado Comum. Trabalhar para a criação de uma Europa federal parece ser o objectivo e o princípio genuínos no cerne do pensamento do Priorado, independentemente de quais pudessem ser, ou não ser, todas as outras preocupações sensacionalistas, como Plantard revelou a Baigent, Leigh e Lincoln em Setembro de 1984.111 Mas a inspiração para uma aspiração política, aparentemente tão sólida, pode parecer um pouco bizarra.

CAPÍTULO 6
REGRESSO À ORIGEM
k
I^B/'~>1 omo sabemos agora, o Priorado de Sião associa-se a certos grupos lir v_> esotéricos como os Templários e os Rosacrucianos — os «suspeitos do costume», que parecem ser quase associados obrigatórios para qualquer sociedade secreta que deseje ser tomada a sério. (No entanto, ao contrário da maior parte das ordens, o Priorado nunca reclamou ser uma continuação directa dos Templários, apenas terem sido seus colegas no passado, embora ainda com uma forte insinuação de que possui alguns dos seus segredos. E o Priorado associa-se à Maçonaria apenas da maneira mais vaga possível.]
Parece lógico que a compreensão dos elementos e das associações sugeridas nos Dossiers Secretos e noutro material do Priorado possa revelar alguma coisa promissora, quer sobre as verdadeiras crenças (se tem alguma) da Ordem, quer sobre as razões das suas preocupações. O Priorado guarda realmente grandes segredos ou pbssui algum conhecimento que permanece inacessível ao mundo exterior? Se não, qual foi a sua fonte de informação? E por que escolheu esses temas particulares, em primeiro lugar? (Ironicamente, graças ao intensificado interesse no Priorado, alguns dos temas favoritos dos Dossiers Secretos estão agora na mesma categoria que os Templários em questões de tradição esotérica — por exemplo, os Merovíngios parecem ubíquos actualmente, embora anteriormente fossem conspícuos pela ausência em listas semelhantes.)
A mulher que Jesus amava
Um dos elementos invulgares é a ênfase do Piorado em Maria Madalena, referindo-se-lhe de forma algo enigmática nos Dossiers Secretos e em qualquer outro material do Priorado. Entrevistado por Jean-Luc
Chaumeil no final dos anos 70, Philippe de Chérisey declarou (não menos enigmaticamente):
A figura de Maria Madalena é a chave, porque ela é o traço de união entre Marselha, onde ela morreu, ou, no mínimo, se supõe ter morrido, e Vézelay, onde as suas relíquias são conservadas. Por outro lado, verificamos que a igreja de Rennes é-lhe dedicada desde 700, o que mostra a devoção que tinham por ela e que é importante para a decifração do enigma do túmulo.1
Foi esta reverência invulgarmente forte pela mulher que ainda é largamente considerada como um prostituta2 arrependida que inspirou os três autores de O Sangue de Cristo e o

Santo Graal a sugerir que o grande segredo do Priorado era que Madalena era a esposa de Jesus e a progenitora da sua linhagem — embora, como sabemos agora, não fosse esta a intenção dos autores dos Dossiers Secretos. Contudo, a elevação de Maria Madalena a uma posição tão importante, sem nenhuma explicação particular, tornou-se uma das vias mais fecundas abertas pelos Dossiers Secretos e outro material do Priorado. Levou Baigent, Leigh e Lincoln — e depois, nós próprios e outros investigadores, como Margaret Starbird — a investigar fontes de informação alternativas sobre ela. Mas que revelação foram essas fontes!

As fontes alternativas, como os Evangelhos de Nag Hammadi, revelam que grupos significativos de primeiros cristãos gnósticos acreditavam que Maria Madalena não era apenas importante por direito próprio, como mestra e pregadora, mas que também tivera um género de relação especial com Jesus, suscitando perguntas importantes e válidas sobre o papel das mulheres na religião, para não falar da natureza do próprio Jesus.

A própria existência dos manuscritos gnósticos também revela o que os estudiosos da Bíblia sabem há gerações, que há textos alternativos sobre Jesus e as origens do Cristianismo além dos livros do Novo Testamento. Por sua vez, isto influenciou os não-teólogos normais a fazer perguntas óbvias e importantes sobre o grau em que a Igreja primitiva editou selectivamente e distorceu a mensagem cristã. Como os leitores de Dan Brown, inevitavelmente, começam a interrogar-se, têm-nos mentido sobre o Cristianismo, e sobre o próprio Jesus?

A quaisquer conclusões a que possamos chegar relativamente a Pierre Plantard, ao Priorado de Sião e aos Dossiers Secretos, acima de todas as outras, estas perguntas dominaram a imaginação — e suscitaram a

indignação — dos entusiastas de O Sangue de Cristo e o Santo Graal e Je O Código Da Vinci. Como é muitíssimo improvável que muitos leitores tivessem sabido, de outro modo, que essa informação existia, em última análise, eles têm que agradecer aos Dossiers Secretos e a outros escritos de Plantard e de Philippe de Chérisey a explicação para esta mobilização emocionante, mas assustadora. É nesse sentido, pelo menos, que aquele estranho par nos prestou a todos um enorme serviço.

No entanto, a desmontagem demasiado fácil de outras partes do mito do Priorado tende a ser um desincentivo à investigação destes aspectos mais sérios, comprovativos — e verdadeiramente provocadores — da história. De facto, é exactamente assim que os cristãos tradicionais tentam proteger os seus antiquíssimos dogmas, argumentando que se puderem demonstrar que Plantard inventou o Priorado de Sião, então os Evangelhos Gnósticos e outras fontes apócrifas podem ser ignorados com segurança. — o que é absurdo. Baigent, Leigh e Lincoln não inventaram os evangelhos «proibidos» nem a questão do lugar especial de Maria Madalena no movimento de Jesus, se não mesmo na sua vida pessoal, nem o escândalo da edição selectiva dos textos cristãos originais. Os argumentos académicos que apoiam todas estas ideias já tinham sido apresentados há muito tempo; os autores de The Ho/y Blood apenas se encontraram a investigar os evangelhos alternativos e outro material largamente ignorado porque estavam a tentar descobrir a razão por que o Priorado venerava Maria Madalena com tanta intensidade.

Por trás dos absurdos, contradições, tolices e impasses surrealistas do Priorado, está oculta alguma coisa de genuíno — mesmo de maior — significado. E é devido ao Priorado de Sião, embora da maneira mais absurdamente enigmática, que muitos de nós sabem hoje que a Igreja escondeu as suas actividades durante dois milénios com uma confusão de meias-verdades e completas mentiras. É difícil exagerar a importância de tudo isto. Mas devido à rigorosa — e, na verdade, frequentemente justificada —

desmistificação, é alguma coisa muito especial que corre o risco de se perder ao tentarmos libertarmo-nos de algo indesejável.
Outra via de investigação compensatória, e que suscita profunda reflexão, foi aberta pelo Priorado ao fazer a aparentemente estranha associação de Maria Madalena com ísis, a grande deusa egípcia da vida, do sexo e da magia, e o semi-herético culto europeu da Madona Negra. '-'e novo, a opção de seguir estas pistas revela que há evidências que associam Maria Madalena, e através dela, o próprio Jesus, com os cultos de mistérios pagãos do Egipto.3 Mas seria esta pista deliberadamente Dançada pelo Priorado — ou por quem o controlava?
337
Embora muitas das referências dos Dossiers Secretos a Maria Madalena pareçam destinadas a conduzir à igreja de Rennes-le-Château, mais do que à mulher bíblica ou histórica, por que existiam tantas igrejas, naquela parte de França, que lhe eram dedicadas, em primeiro lugar? De facto, naquela região, ela era, e é, objecto de um culto — equivalente mesmo ao que vários investigadores chamaram a Igreja de Maria Madalena. A descoberta deste culto leva a duas orientações associadas: a primeira, às lendas de que ela viajou para o sul de França depois da crucificação, e a segunda, à descoberta de que a base original do seu culto herético no Languesço (como oposto ao culto católico oficialmente sancionado que o substituiu) emergiu da informação que apenas se encontrava nos Evangelhos Gnósticos há muito tempo desaparecidos — e que, por conseguinte, deveriam ter circulado em França nos primeiros séculos depois de Cristo.4
Mas o Priorado teria lançado deliberadamente esta pista ou foi apenas um acaso feliz? Tanto quanto sabemos, atribuir um papel tão importante a Maria Madalena nunca foi uma parte intrínseca das tradições de nenhuma sociedade ou ordem esotéricas, pelo menos, a partir do século dezoito. Embora haja algumas referências a figuras femininas com associações semelhantes às de Madalena em certas tradições maçónicas francesas, elas poderiam ser alusões veladas ao seu nome, mas poderiam não ser. Mas não podemos ter a certeza. Mas é estranho que, como Madalena era uma figura particularmente importante para os Cavaleiros Templários, que faziam um voto de «obediência de Betânia» e usavam o seu nome na sua fórmula de absolvição, nenhuma das sociedades que se reclamam descender deles parece ter perpetuado esta tradição particular. Ou as crenças em Maria Madalena estão muito bem escondidas na «doutrina secreta» ou ela simplesmente nunca figurou nelas — lançando dúvidas sobre as suas pretensões a genuínas herdeiras dos Templários.
Contudo, os Dossiers Secretos poderiam ter-se baseado na história, mais do que na tradição esotérica. Embora tivessem sido apresentadas, pela primeira vez, ao mundo exterior à França através de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, as lendas provençais são obviamente famosas na região dos Templários, e elas — e, por conseguinte, a própria Maria Madalena e o seu papel no movimento cristão original — têm sido meticulosamente estudados, pelo menos durante os dois últimos séculos. E, evidentemente, a descoberta, em meados do século dezanove, de textos como o poético e revelador Evangelho de Maria Madalena — um das dúzias de textos banidos pela Igreja primitiva—também a tornou no centro das atenções em certos círculos.
338
Quando tentámos descobrir exactamente quando é que o interesse académico em Maria Madalena tinha começado em França, emergiram certos factos fascinantes. A personagem Stella, na peça Calígula, de Alexandre Dumas (pai), de 1837, diz à sua mãe que, enquanto estava na Gália, assistira ao desembarque de Maria Madalena e os seus companheiros numa praia no que é agora o sul de França, e em consequência desse

encontro inspirador com a própria Maria Madalena, Stella mudou o seu nome para Maria. Quando explica à mãe, «É nome de uma virgem sagrada», a mãe responde, «Mas a outra também é... »
Uma das primeiras análises detalhadas das lendas de Maria Madalena, na Provença, foi o estudo monumental, em dois volumes, da autoria do abade Étienne Michel Faillon, padre de Saint-Sulpice, cuja outra obra importante era uma biografia de Jean-Jacques Olier. Um compêndio e uma análise meticulosos dos textos históricos, The Unpublished Monuments on theApostolate ofSt. Mary Magdalene in Provence (l 848) concluiu que as lendas eram baseadas num acontecimento real — Maria Madalena viajara realmente para França e viverá lá o resto da sua longa vida — e que ela, efectivamente, tinha sido uma apóstola, no pleno significado do termo. O livro de Faillon era um apelo à recondução de Madalena ao seu legítimo lugar de glória da Igreja, «da qual ela é a «figura [de relevo]».5
Mas, infelizmente, é impossível saber definitivamente se a inclusão de Madalena na tradição do Priorado, e as descobertas subsequentes, são uma feliz coincidência ou se isso aconteceu porque o Priorado (ou quem controla as suas organizações) guarda realmente um grande segredo sobre ela. Seja como for, as referências a Madalena, juntamente com o tema joanista, são, indiscutivelmente, a revelação mais proveitosa que emerge do material do Priorado. Ignorando todas as ociosas fantasias sobre linhagens merovíngias, restituir Maria Madalena ao seu antigo estatuto de companheira amada de Jesus é um triunfo surpreendente e durável para o Priorado, quer ele tenha sido intencional, ou não.
O Sagrado Feminino
Para além da difamada, mas magnífica Madalena, desde o princípio, o Sagrado Feminino foi sempre um aspecto importante das «doutrinas» do Priorado. Atribuir especial importância a ísis é outra característica do apêndice da autoria de Plantard, escrito em 1962, para Os Templários Estão entre Nós (The Templars Are Among Us), de Gérard de Sede -— e, em A Serpente Vermelha, Maria Madalena e ísis estão especifi-
É

camente associadas. Também, como vimos, Plantard associa claramente as Madonas Negras da Europa a ísis.
Mas porquê escolher ísis e não outra deusa do mundo antigo, como Diana, Astarte ou Artemis? A religião do antigo Egipto desempenha um papel importante nas crenças do Priorado, ou é apenas uma evocação dos «ritos egípcios» da Maçonaria do século dezoito? Talvez ísis tivesse sido escolhida porque ela ainda é largamente considerada como o supremo ícone do Sagrado Feminino, com um fascínio intercultural excepcionalmente durável. Mas estará o Priorado de Sião a usar o seu nome em vão, apenas como uma atracção exótica para tentar os gostos exigentes dos investigadores modernos?
Numa linguagem invulgarmente clara para um homem do Priorado, Gino Sandri proclamou a importância para a sociedade do Feminino, em geral, e do papel de arquétipo de ísis, em particular:
A um nível fundamental, ele [o Feminino] é uma questão essencial, infelizmente muito bem escondida. A maioria das sociedades iniciáticas são frequentemente caricaturas e a misoginia latente é um sinal disso. Sem poder alargar-me sobre o assunto, gostaria de o submeter à vossa reflexão. Em muitos rituais, o candidato é colocado na presença da morte e do renascimento. Morte e transfiguração! Mas, na mitologia egípcia, apenas ísis estava numa situação de poder reunir os pedaços dispersos do corpo de Osíris.6

Tanta reverência pelo sagrado Feminino não é, evidentemente, um caso único, de modo nenhum — a maior parte as sociedades esotéricas prestam-lhe, no mínimo, um serviço adulatório, embora, segundo a descrição de Sandri, a «misoginia latente» das sociedades que reivindicam essa reverência seja particularmente perceptível. Do mesmo modo, a Igreja Católica orgulha-se de mostrar respeito pela maternidade, apesar de ser notoriamente sexista como uma questão de princípio.

(Talvez não seja por coincidência que a Igreja Romana foi fundada por São Pedro, que emerge dos Evangelhos Gnósticos como uma pessoa exaltada, pouco perspicaz, cuja lentidão de compreensão enfurece Jesus, e que odeia não só Maria Madalena — cuja vida ele ameaça —mas também «toda a raça de mulheres». Fiel ao seu exemplo, a sua igreja continua a ser misógina até hoje. Mais sensacionalmente, os Evangelhos Gnósticos esclarecem que, apesar da descrição entusiástica que o Novo Testamento faz da alegada importância de Pedro no movimento de Jesus, são Maria Madalena e João Evangelista os favoritos, e é ela quem

não só está mais próxima de Jesus, mas também quem conhece os seus mais íntimos segredos — enquanto eles permanecem inacessíveis aos famosos doze discípulos. Claramente, Jesus venerava o sagrado Feminino na pessoa da sua amada Madalena, a quem ele chamava «o Tudo» e «A Mulher que Sabia Tudo», mas esta opinião não era partilhada por homens rudes como Simão Pedro, cujos devotos difamaram e desvirtuaram a figura de Madalena durante dois milénios — e, evidentemente, também desvirtuaram a imagem do próprio Jesus. Que diria ele quanto ao seu «Tudo» ter sido transformada numa prostituta, para o que não há a mínima prova, e quase excluída do Novo Testamento, enquanto os livros que entoam os seus louvores foram condenados como heréticos, queimados ou escondidos?)[7]

A tradição de João

Como vimos, o Priorado também se associa à misteriosa e herética tradição de João, de várias formas. Embora oculto em segundo plano desde o princípio, o elemento joanista tornou-se mais central (por exemplo, como a «Igreja de João» encontrada por Godofredo de Bulhão) no fim dos anos 70, após o advento de Gino Sandri.

Há várias interpretações da tradição de João e do seu significado. Geralmente, nas tradições esotéricas europeias ela é associada a João Evangelista, o jovem discípulo de Jesus, e representa uma Igreja Gnóstica em oposição à Igreja de Pedro, a Igreja de Roma. Os devotos destas tradições esotéricas parecem ter aproveitado o movimento de João porque, ao reconhecerem que a Igreja Católica — a única forma de Cristianismo permitida na Europa antes da Reforma do século dezasseis — é imperfeita, eles hesitam em contestar realmente a «verdade evangélica», os verdadeiros alicerces da religião cristã. Eles supõem que alguma coisa correu mal na sucessão — que Jesus conferira a sua autoridade a João, o «discípulo dilecto» e não a Pedro, e, assim, é a Igreja de João que representa a verdadeira continuidade da religião fundada
por Jesus.[8]

Outras versões dão ênfase especial ao papel de João Baptista, enquanto outras destacam o de João de Patmos, o autor tradicional do Livro da Revelação. Alguns consideram que João de Patmos e o João que escreveu o Evangelho epónimo são uma e a mesma pessoa (embora por apenas por razões textuais, esta ideia seja muito improvável). Outras tradições, como na moderna Maçonaria, atribuem papéis-chave

tanto a João Baptista como a João Evangelista, embora sem saberem claramente porquê. Contudo, todos os ramos do Joanismo concordam em que o Evangelho de João é muito significativo, embora a atribuição do quarto Evangelho ao discípulo de Jesus seja

puramente tradicional. De facto, este Evangelho (o único do Novo Testamento que reivindica explicitamente ter sido escrito por um dos discípulos de Jesus) é anónimo, o autor refere-se a ele próprio simplesmente como o «discípulo que Jesus amava».
Perceptivelmente, Jean Markale refere que as formas heréticas de Cristianismo que contestam Roma parecem considerar natural colocarem-se sob o patrocínio de um João — quase como se qualquer João fosse desejável para elas.9 Sugerimos que isto se deve a uma memória vaga — talvez uma memória deliberadamente obscurecida — de alguma coisa real, embora incorrectamente interpretada por grupos posteriores que ignoravam a história completa. Como sabemos agora, existiu uma «Igreja de João» histórica que constituiu uma ameaça ao movimento cristão embrionário, e que, de facto, considerava João Baptista como o verdadeiro Messias — e que Jesus era o seu usurpador. Embora, como referimos no Capítulo l, a religião de «João» não só sobreviveu no Médio Oriente como ainda sobrevive sob a forma dos mandeístas do Iraque, tanto o movimento como o próprio conhecimento da sua existência, foram eficazmente suprimidos na Europa. Mas as memórias de uma «Igreja de João» rival que outrora existiu, e que ainda poderia existir na Terra Santa, propagaram-se a grupos heréticos posteriores. Na nossa reconstrução, ao tentar compreender esta ideia, estes grupos heréticos formularam a hipótese de que Jesus transmitira «doutrinas secretas» ao seu discípulo João, cuja linhagem própria de sacerdotes preserva estes segredos, reservados aos iniciados. Embora não haja justificação histórica definitiva para uma Igreja rival fundada em nome de João Baptista (que existiu juntamente com a Igreja de Jesus durante cinco séculos, no mínimo], não há nenhuma prova de algum movimento que venerasse o Evangelista. As múltiplas tradições de uma Igreja de João Evangelista secreta são de origem muito mais recente.
A confusão pode ter surgido facilmente porque, segundo o Evangelho de João, o «discípulo dilecto» (que se supõe ser João) começou como discípulo de João Baptista, aderindo, mais tarde, ao culto de Jesus.10 (Esta parte particular do Novo Testamento é susceptível de ser verdadeira, porque, em geral, ele tem tendência para minimizar o facto
de que João tinha discípulos no mesmo sentido que Jesus os tinha.) Se o João mais jovem tivesse sido discípulo de João Baptista — possivelmente adoptando o seu nome depois do rito iniciático do baptismo — então, é provável que quaisquer «doutrinas secretas», que fossem transmitidas desta forma, tivessem sido as de João Baptista. Também já sugerimos que a confusão entre os dois Joões pode ter sido deliberada por parte dos «verdadeiros» joanistas — os que veneravam João Baptista — com a finalidade de esconder as suas verdadeiras crenças por trás do ’ João Evangelista mais aceitável.11
Seja como for, o Priorado disseminará referências joanistas simplesmente para provar que está familiarizado com a tradição? Ou possuirá segredos genuínos sobre o Joanismo, desconhecidos de todos os outros (excepto, talvez, dos mandeístas)? É difícil saber — mas as insinuações cuidadosamente encenadas de Giovanni sobre a importância de João funcionaram com êxito como porta para descobertas sobre as verdadeiras conspirações e disfarces que rodearam a Igreja Católica logo desde
o princípio.
Ironicamente, o que parecia ser um pergunta menor de Giovanni — por que adoptaram os grão-mestres o nome de João? — conduziu a alguma coisa verdadeiramente importante, enquanto uma das alegadas raisons d’être do Priorado, a dinastia merovíngia, rapidamente se reduz a pó. Mas poderemos descobrir onde o Priorado encontrou as suas referências joanistas?

Como vimos, a versão do Priorado — que tem uma data posterior aos Dosswrs Secretos, aparecendo primeiro em 1979, no livro de Jean-Luc Chaumeil, O Tesouro do Triângulo Dourado {The Treasure of the Golden Triangle) — descrevem Godofredo de Bulhão encontrando uma «Igreja de João» que representava o verdadeiro Cristianismo, e, pelo menos em parte como vingança pelo que a «falsa» Igreja de Pedro fizera aos seus antepassados merovíngios, decidiu adoptar as suas doutrinas.
Esta é realmente uma confluência de duas histórias semelhantes, à qual teria sido acrescentado Godofredo de Bulhão para lhe conferir uma aparência merovíngia mais fascinante. Estes «mitos da fundação», como o do Priorado, pretendem explicar como nasceu uma ordem, identificando as suas tradições associadas e legitimando-a com a necessária árvore genealógica. Como as duas histórias apareceram quase ao mesmo tempo — há cerca de 200 anos — é impossível saber qual delas influenciou a outra, ou se alguma, ou ambas, usaram fontes mais antigas.
A primeira era o mito da fundação de uma Ordem do Templo «renovada» que apareceu em França, em 1804, reivindicando ser a

sucessora directa dos Cavaleiros Templários medievais, que, depois de cinco séculos de secretismo, consideraram que chegara a altura de se revelarem novamente. Esta Ordem do Templo, depois das reorganizações, cismas e reconciliações habituais, tornou-se na mais importante e influente Ordem Soberana e Militar do Templo de Jerusalém da actualidade, uma das duas correntes principais da alegada sobrevivência templária, conhecida como a «transmissão de Larmenius» (o nome do primeiros dos supostos grão-mestres secretos), como oposta à «transmissão escocesa», que examinaremos em breve. Ao contrário do ramo escocês, a transmissão de Larménio é não-maçónica, quase uma rival da Maçonaria actual.
Quando esta nova Ordem do Templo foi fundada (ou, como ela pretende, renovada), ela alinhou-se com a tradição joanista — tendo-a rejeitado quase subsequentemente em favor do Catolicismo convencional.12 Hoje, a Ordem insiste em que todos os membros sejam cristãos. A sua história da fundação refere que o fundador dos Templários, Hugues de Payens, encontrara uma «Ordem do Oriente» joanista, que conservava as verdadeiras doutrinas de Jesus — presumivelmente recebidas do seu próprio mestre, João Baptista, mas que, em última análise, derivavam das escolas de mistério do Egipto — tal como tinham sido transmitidas ao seu discípulo João Evangelista. Evidentemente, esta história é basicamente igual à do Priorado, excepto que, nesta versão, Godofredo de Bulhão ocupa o lugar de Hugues de Payens.
Embora isto seja muito interessante, infelizmente é impossível de investigar. Ninguém conhece as origens da história da Ordem do Templo — geralmente, supõe-se que o fundador simplesmente a formou, embora, no mínimo, ele pareça ter reunido tradições anteriores numa narrativa coerente. Contudo, o segundo «mito da fundação» usado pelo Priorado é mais revelador.

O segredo de Ormus

Segundo a história original do Priorado de Sião, entre 1188 e o princípio do século catorze, ele foi conhecido como o Ormus — e foi assim que ele se intitulou exclusivamente para a sua primeira aparição pública em 1962. Supunha-se que a sociedade nascera em consequência de um misterioso ritual do «corte do ulmeiro» em Gisors, em
1188. Também se dizia que os rosacrucianos emergiram dos graus mais elevados do Ormus.

O nome Ormus foi realmente inspirado nas lendas e tradições de uma sociedade mais antiga, o Rito de Mênfis, um dos ritos egípcios da (víaçonaria. (Alguns comentadores pensam que Ormus é uma forma do nome do deus-criador Ohrmazd zoroastriano, uma versão posterior de Ahura Mazda. Talvez fosse originalmente, mas nestas tradições o nome tornou-se associado ao Egipto, em vez da Pérsia.)

O primeiro dos ritos egípcios foi o Rito de Misraim (a palavra hebraica para «Egípcios»), criado na Itália por volta de 1780, antes de se propagar ao Egipto e, depois, ter sido introduzido em França em
1813 pelos três irmãos Bédarride (Joseph, Marc e Michel). No entanto, como este rito foi declarado pelo Grande Oriente como um perigo para a segurança do estado, atraindo a atenção indesejada do público, foi decidido pôr fim às suas actividades em Janeiro de 1823, e a maior parte dos seus líderes aderiu ao Rito Escocês da Maçonaria. Depois de ter despertado pouca atenção durante alguns anos, ele reapareceu no princípio dos anos 30 do século dezanove.13

O Rito de Mênfis, originalmente, era uma loja no seio do Misraim, tendo sido estabelecido em Montauban, em 1815, pelos maçónicos que tinha anteriormente pertencido à Missão Francesa no Egipto, e que pretendiam terem sido iniciados numa tradição «copto-rosacruciana» no Cairo. (Provavelmente, isto é verdade, excepto que a sociedade em que eles foram iniciados parece ter sido uma importação recente de Itália.) Um dos membros deste grupo foi Gabriel Mathieu Marconis de Nègre — da mesma família que a última Senhora de Rennes-le-Château — que foi eleito grão-mestre do Rito de Misraim em 1816.14

Contudo, o Rito de Mênfis foi estabelecido como um sistema distinto em 1838 ou 1839, pelo filho de Gabriel, Jacques-Étienne Marconis de Nègre, depois de ter sido expulso duas vezes do Misraim (uma vez, sob o nome de Marconis, e outra vez, como de Nègre). Ele deu ao Rito a sua estrutura própria, exportando-o para os Estados Unidos e para toda a parte.15 (Inevitavelmente, sendo tão semelhantes, os dois ritos, mais tarde, foram unificados num único Rito de Mênfis-Misraim, cujo principal responsável era nada menos que o herói da unificação italiana, Giuseppe Garibaldi — os ritos tinham, e ainda têm, muitos partidários na Itália.16 Em 1908, Papus tomou-se o grão-mestre do Mênfis-Misraim em França, um cargo que exerceu até à sua morte, oito anos depois.)

Jacques-Étienne Marconis de Nègre associou a sua ordem aos Filadelfos de Narbonne, criados pelo marquês de Chefdebien d’Armissan, os quais, por sua vez, estavam muito intimamente associados à — ba-

sicamente, uma ramificação da — ubíqua Maçonaria do Rito Escocês Rectificado.

Sem surpresa, Marconis de Nègre apresentou um elaborado «mito da fundação» para a sua sociedade, provavelmente para ser interpretado apenas como uma descrição metafórica das tendências das suas ideias esotéricas, espirituais e filosóficas. Segundo Marconis de Nègre, o movimento começou com um sacerdote egípcio de Serapis (uma representação posterior de Osíris, o deus-que-morre-e-ressuscita) chamado Ormus, que foi convertido ao Cristianismo pelo apóstolo Marcos e fundou os Irmãos de Ormus para perpetuar esta forma híbrida de mistérios egípcios e de Cristianismo. Pouco depois, uma nova tendência ideológica, uma escola judaica de «ciência salomónica», formada a partir de várias seitas, incluindo os essénios, aderiram aos Irmãos de Ormus. Os Irmãos de Ormus também eram conhecidos como Rosacrucianos do Oriente (Rose-Croix d’Orient), assim, o Ormus e os rosacrucianos estão associados — exactamente como na versão do Priorado de Sião. A Irmandade secreta continuou no Médio Oriente até ao tempo das Cruzadas, quando os seus sacerdotes foram encontrados pelos líderes dos

Templários, que trouxeram as sua doutrinas para a Europa: esta era a «heresia» secreta dos Templários. Era desta tendência que o Rito de Mênfis se proclamava descendente.17

Evidentemente, este é essencialmente o mesmo cenário da história da fundação da «Igreja de João» apresentado pelo Priorado (e pelos «joanistas do Oriente» da Ordem do Templo Renovada), embora os detalhes sejam um pouco diferentes — na versão de Mênfis, não há nenhum Joanismo declarado, e na versão do Priorado, Godofredo de Bulhão assume o papel de todos os líderes templários.

Segundo The Ritual of the A. K A. Egyptian Rite of Memphis, na década de 1880, o 18.° grau do Rito de Mênfis ou «Rosa-Cruz» «foi criado na Palestina pelo sacerdote egípcio Comesius, que se convertera ao Cristianismo»,18 estabelecendo outro paralelo com a tradição do Priorado. Embora os detalhes sejam diferentes — ocorre no Médio Oriente, não no norte da França — estão presentes certas associações importantes. Conceitos-chave no mito do Priorado — a ligação entre Ormus, os rosacrucianos e o ano de 1188 —já existiam nas «tradições» do rito de Mênfis muito tempo antes dos Dossiers Secretos. Contudo, a história de Ormus não era original de Marconis de Nègre, que a recolheu da Ordem da Rosa-Cruz de Ouro (Gold-und Rosen-Kreutz) alemã, que examinaremos em breve.19

Curiosamente, apesar de rejeitar as alegações de que o Priorado de
Sião seja um sistema maçónico, ou filiado na Maçonaria, Gino Sandri reconhece que, nos séculos dezoito e dezanove, o Priorado esteve por trás da criação de certas formas de Maçonaria que deveriam actuar como o seu «círculo exterior» (embora ele diga que o Priorado, mais tarde, as deixou livres para seguirem os seus próprios caminhos), nomeando especificamente o Rito de Mênfis.20 Sandri explicou que o Priorado criou Mênfis e, por implicação, as outras ordens associadas a ele, como organizações de fachada. Mas, de facto, foi o Priorado que aproveitou o mitc de Ormus, e não o contrário. As evidências sugerem fortemente que toda a declaração de Sandri é também uma reversão: estas Ordens criaram o Priorado como uma fachada.

Os grão-mestres

Além destes elementos míticos, os Dossiers Secretos incluem informação que se supõe ser literalmente histórica. Por exemplo, a famosa planche n.” 4 dos Ficheiros Secretos de Henri Lobineau inclui três listas de nomes: os primeiros grão-mestres dos Cavaleiros Templários, os Nautonniers do Priorado de Sião até Cocteau, e os abades do Priorado de Monte Sião em Orleães. Estes nomes foram supostamente retirados dos próprios registos e arquivos do Priorado, mas poderemos investigar alguns deles até às fontes primitivas?

De facto, apenas a segunda lista — os Nautonniers — é exclusiva dos Dossiers Secretos, tendo as outras duas já aparecido em obras anteriores. Por muito interessante e bem construída que pudesse ter sido, não só sabemos que esta segunda lista é suspeita, como também que o Priorado a rejeitou, como aconteceu nas declarações de Pierre Plantard em 1989 durante a sua reinvenção da história do Priorado.

Estes nomes teriam sido escolhidos ao acaso, ou haveria uma razão específica para serem escolhidos?. Novamente, na sua maior parte, eles são os suspeitos do costume, escolhidos devido às suas associações com ’ugares ou movimentos políticos e/ou esotéricos de que o Priorado se apropriou para a sua história fictícia, mas também porque eles formam uma genuína série histórica de associações. O aparecimento dos nomes dos rosacrucianos Johann Valentin Andreae, Robert Fludd e do alquimista Nicolas Flamel, por exemplo, não é surpreendente. E embora o nome de Isaac Newton pudesse ter causado outrora algumas surpresas, a maior parte das pessoas desta área

reconhece que, além da sua obra Pioneira sobre matemática e física, ele era também um dedicado estudioso de temas não convencionais, incluindo a alquimia. (Os círculos
346
347
esotéricos dos anos 60 e 70 teriam tido conhecimento deste «outro» Newton.)
Os dois nomes mais surpreendentes são Sandro Felipepi (Botticelli) e Leonardo da Vinci, porque nenhum dos artistas tinha uma reputação de ocultista, no que diz respeito aos historiadores convencionais. Contudo, ambos estavam, no mínimo, familiarizados com a filosofia hermética, a escola esotérica e mágica que sustentou o Renascimento e que, mais tarde, desabrochou no Rosacrucianismo. E, evidentemente, a nossa própria investigação mostrara que Leonardo conhecera a heresia joanista anticristã.
A inclusão destes dois homens do Renascimento indicaria algum conhecimento exclusivo por parte do Priorado? Talvez não, porque o nome de Leonardo, pelo menos, já fora bem destacado numa — embora apenas numa, tanto quanto pudemos averiguar — das ordens esotéricas que floresceram em França no fim século dezanove. (Botticelli não teve nenhum papel paralelo, mas presumivelmente, como o seu patrono estava relacionado com o Nautonnier anterior, lolande de Bar, o seu papel na lista era o de estabelecer o elo de ligação entre ela e Leonardo.)
A versão moderna das associações esotéricas de da Vinci provém da Ordem da Rosa-Cruz, do Templo e do Graal (Ordre du Rose-Croix, leTemple et lê Graal), da qual Joséphin Péladan se tornou grão-mestre em 1891. (Como já foi referido, esta Ordem era uma ramificação da loja maçónica La Sagesse, em Toulouse, na qual a família Hautpoul tinha um papel de relevo.)
Péladan foi uma das maiores figuras da renovação ocultista do século dezanove, um grande erudito, mas também um católico devoto (embora ele acreditasse que a Igreja possuíra conhecimento espiritual e esotérico secreto há muito tempo atrás). Péladan — cujo secretário era Georges Monti, o mentor de Plantard — estava profundamente implicado com outras figuras importantes, como Papus e Stanislas de Guaíta, nos círculos rosacrucianos da época, embora ele se tivesse distanciado deles em 1890, depois de eles terem sido condenados pela Igreja. Depois, tornou-se grão-mestre da Ordem da Rosa-Cruz, do Templo e do Graal, que ele reformou. Segundo as constituições da ordem, que ele redigiu em 1893, aos principiantes era exigido que fizessem o seu juramento a Leonardo da Vinci, «patrono da Rosa-Cruz»:
Juro pelo meu futuro eterno, procurar, admirar e amar a Beleza... louvá-la, servi-la e defendê-la mesmo à custa da minha vida; conservar o meu coração afastado do amor sexual para o consagrar ao ideal; e nunca
348
procurar a poesia na mulher, que representa apenas a imagem imperfeita.
Juro perante vós, monsenhor Leonardo [sic] da Vinci, patrono da Rosa-Cruz.21
(Segundo as Constituições, o patrono dos Templários era Dante, l razão por que ele e Leonardo aparecem em cartazes que anunciavam | o Salão da Rosa-Cruz.)
Não pudemos determinar se Péladan admirava Leonardo devido a l algo que já era do seu conhecimento na Ordem da Rosa-Cruz, do Templo l e do Graal — fundada quarenta anos antes de ele ter tomado o poder — ou se foi ele quem introduziu o juramento de Leonardo. Mas certamente que Péladan tinha um fascínio por Leonardo, dedicando-lhe dois livros académicos, além de ser o primeiro a traduzir os cadernos de notas e manuscritos de Leonardo para Francês, no Institut de France. Um dos seus estudos, The Philosophy of Leonardo da Vinci from the Manuscrits (1910), defende a ideia de que o génio fiorentino era, essencialmente, um grande filósofo, comparando a sua obsessão com a verdade e a perfeição à demanda do Graal de Parsifal. Para Péladan, a «heresia»

de Leonardo residia na sua apropriação de temas anteriormente considerados unicamente do domínio da Igreja: «Leonardo secularizou a ideia de perfeição e o conceito de verdade».22

O Priorado, ou pelo menos Gino Sandri, continua fiel à lista dos grão-mestres a partir de 1746; sucessivamente, Charles de Lorena (duque de Lorena, titular), Maximilien de Lorena (ssu sobrinho), Charles Noyer, Victor Hugo, Claude Debussy e Jean Cocteau.

Nodier (l 780-1844), romancista e erudito ecléctico, foi bibliotecário-chefe da Biblioteca do Arsenal em Paris, presidindo à catalogação dos arquivos que Napoleão retirara do Vaticano em 1810, um esforço prodigioso que inspirou uma explosão da cultura histórica francesa. (Uma consequência desse esforço foi o primeiro estudo aprofundado dos julgamentos dos Templários, com base nos registos do Vaticano.) Este interesse histórico ajudou a promover uma nova tendência que aumentou à medida que o século avançava, e que serve de base à nossa investigação das fontes do Priorado. Esta nova vaga de estudos foi Parcialmente resultado do interesse de Napoleão em estabelecer a França como o centro intelectual do mundo, mas também devido aos ftovos métodos de análise histórica importados da Alemanha. De súbito, os arquivos assumiram uma nova importância e os historiadores começaram a investigar em profundidade temas cada vez mais bizarros,

com um detalhe crescentemente minucioso. Sociedades culturais — como a Sociedade de Artes e Ciências, de Carcassonne, a que o abade Boudet pertenceu — multiplicaram-se por toda a parte e obras históricas vastas, e em múltiplos volumes, apareceram sobre temas que iam do mais exótico ao mortalmente entediante.

Quando o abade Faillon, de Saint-Sulpice, produziu a sua grande obra sobre Maria Madalena na Provença (em 1848), ele sentiu-se obrigado a reproduzir integralmente passagens de todos os textos que se limitavam a mencioná-la, seguidas de longas explicações e análises. O resultado atingiu a extensão de dois volumes, totalizando 1500 páginas em oitavo. A obra de Faillon é um bom exemplo de outro aspecto desta explosão de erudição histórica — que chegou mesmo a introduzir-se na Igreja Católica, embora por acidente. Como referem Baigent, Leigh e Lincoln, o Movimento Modernista Católico, fundado pela Igreja para proteger os seus dogmas dos desafios da nova cultura objectiva, adoptou a metodologia da oposição e começou a fazer as suas próprias investigações sobre pormenores de doutrina que não eram baseados apenas na fé, mas em supostos acontecimentos reais. Talvez previsivelmente, um dos centros deste movimento foi Saint-Sulpice em Paris.23

A nova cultura gozava de uma relação simbiótica com o cenário esotérico emergente; a informação histórica descoberta em antigas crenças religiosas ou mágicas seria aproveitada pelas sociedades ocultistas e incorporada nas suas práticas. Inversamente, muitos eruditos — como Nodier — seriam incitados a investigar estes temas pela sua qualidade de membros da Maçonaria ou de outras sociedades «iniciáticas».

Nodier não só foi o primeiro daquela geração de historiadores a escrever sobre os merovíngios, como também escreveu sobre o caso de 1188, o ulmeiro de Gisors,24 talvez porque estava profundamente interessado no ocultismo — era amigo íntimo do grande erudito ocultista Éliphas Lévi (1810-75) — e em sociedades secretas. De facto, como Baigent, Leigh e Lincoln referem em The Messianic Legacy, «ele fez questão de criar e disseminar informação sobre várias sociedades secretas completamente fictícias».25 Esta actividade apenas qualificaria Nodier para ser incluído na lista do Priorado?

Seja como for, Nodier declarou o seu apoio aos Filadelfos, a sociedade secreta que, segundo ele, controlava todas as outras.26 Dado o seu hábito de inventar organizações

misteriosas, é difícil aceitá-lo literalmente, mas, como vimos, os Filadelfos eram uma verdadeira ordem maçónica — fundada pelo marquês de Chefdebien — dedicada ao estudo de segredos esotéricos e maçónicos. Além disso, há uma ligação, através

do pintor Jacques-Louis David (l 748-1825), entre Nodier e Armand, marquês d'Hautpoul, o sobrinho — e herdeiro — de Marie de Nègre d'Ablès, Senhora d'Hautpoul e de Blanchefort. (David era amigo íntimo do primeiro e professor de arte do segundo.)27

Como sempre, seria um erro excluir as artes da relação simbiótica entre historiadores e ocultistas. Não só elas eram naturalmente o outro elemento do conjunto que formava o mundo dos místicos, como a nova cultura histórica também inspirou directamente dramas e romances que exerceram grande influência nessa época. Em consequência, figuras e acontecimentos históricos obscuros tornaram-se conhecidos, e muitos deles emergem como temas do material do Priorado. Por exemplo, Pelléas et Mélisandre (l 892), do dramaturgo belga Maurice Marterlinck, um «drama merovíngio»,28 foi seguido, dezoito anos depois, por Mary Magdalen — sobre o papel de Madalena nos últimos dias de Jesus.

Influências importantes

A lista dos grão-mestres templários até 1188, referida nos Dossiers Secretos, fora publicada em meados do século dezoito pelo controverso alemão Karl Gotthelf, Reichsfreiherr (barão) von Hund und Altengrotkrau (1722-76), fundador de uma forma de Maçonaria que, explicitamente, reivindicava ter parentesco directo com os Templários medievais. Embora a sua «Estrita Observância» seja mais tarde examinada em detalhe, como parte da «prova» das suas .reivindicações, ele produziu um documento que enumerava todos os grão-mestres templários — incluindo os que sucederam a Jacques de Molay quando os Templários entraram na clandestinidade — incluindo as datas, desde as origens da Ordem até à sua época. No que diz respeito a esta investigação, a autenticidade ou exactidão desta lista é imaterial. Mas a questão importante é que os primeiros oito grão-mestres, até 1190 (depois do «corte do ulmeiro») são idênticos aos daplanche n." 4 de Henri Lobineau, com uma excepção: o sétimo Mestre da lista de Hund, Théodore deTerroye, tornou-se Théodore de Glaise.29

Isto não pode ser coincidência. Como o trio de Hoty Blood refere, uma Vez que os registos são escassos, não há nenhuma lista definitiva e reconhecida dos grão-mestres templários — nem há duas exactamente 'guais.30 Assim, encontrar duas listas que sejam idênticas significa que Uma deve ter sido copiada da outra, ou que ambas tiveram origem numa erceira fonte original. Como o aparecimento da primeira lista conhe-

cida foi devido a von Hund em meados do século dezoito, presumivelmente, essa era a fonte da qual a lista de «Henri Lobineau» foi copiada. No mínimo, isso mostra que «eles» fizeram o seu trabalho de casa e que deviam ter estado no segredo das questões esotéricas — cópias da lista de von Hund não eram muito comuns; estavam disponíveis apenas em obras maçónicas alemãs da época de von Hund e, um pouco mais acessíveis numa história francesa da Maçonaria de 1815, de Claude Antoine Thory. (Paradoxalmente, em The Temple and the Lodge, Michael Baigent e Richard Leigh usam a lista dos Dossiers Secretos para autenticar a de von Hund. Baigent, Leigh e Lincoln estão convencidos de que ela é, no mínimo, tão exacta como qualquer outra, e na nossa opinião, ela resiste ao escrutínio, sem erros óbvios. Na época de von Hund, havia muito poucas obras históricas aceitáveis sobre os Templários, assim, como as pessoas que ele tentava impressionar com a lista tinham poucas probabilidades de terem

conhecimentos mais aprofundados, se ela foi inventada, quem a inventou tinha feito um trabalho de casa consideravelmente maior do que era estritamente necessário.)
E quanto à terceira lista, a dos abades do Priorado de Monte Sião? Embora, superficialmente, ela pareça a menos interessante — os superiores de um obscuro priorado medieval — de facto, ter encontrado a fonte dos Dossiers Secretos mostra que ela é a mais reveladora de todas.
O patriarca
Em 1887, um curto artigo — na verdade, uma transcrição de uma conferência — foi publicado nas Memoirs of the National Society of Antiquarians of France. «Charters of the Abbey of Mount Sion» era a obra do eminente historiador e explorador francês barão Emmanuel-Guillaume Rey (1837-1916), um especialista na história dos reinos dos Cruzados no Médio Oriente, e relatava uma breve história da fundação da Abadia de Notre-Dame de Mont-Sion em Jerusalém por Godofredo de Bulhão, e a transferência dos seus monges para Acre quando Jerusalém foi reconquistada por Saladino, e depois para a Sicília, em consequência da perda da Terra Santa. Descreve também como alguns dos seus monges — regressando a França com Luís VII — se estabeleceram no Priorado de Saint-Samson de Orleães (agora no département do Loiret), que era propriedade da abadia-mãe em Jerusalém. Pelos topónimos locais, Rey considerava que também tinha

havido um pequeno Priorado de Monte Sião perto de Orleães, o qual, por sua vez, era dependente do Priorado de Saint-Samson. Não só estas casas religiosas desempenham um papel-chave nos Dossiers Secretos, como a ligação com o Priorado de Saint-Samson estava presente na primeira referência ao Priorado de Sião numa publicação convencional, o livro de Gérard de Sede, de 1962.
Devido ao seu entusiasmo pela história das Cruzadas, o barão Rey ficou impressionado por descobrir que os arquivos da abadia original de Jerusalém, fundada por Godofredo de Bulhão, tinham sido transferidos para o Priorado de Saint-Samson, antes de terem chegado aos arquivos departamentais de Orleães quando ocorreu a Revolução. Neste autêntico tesouro, Rey descobriu documentos que enumeravam todas as extensas terras e propriedades na Síria, Arménia, França, Itália e Espanha que tinham sido doadas à casa-mãe de Jerusalém, além dos nomes e detalhes sobre os monges de Notre-Dame de Mont-Sion, que ele sumariou ordenadamente no seu artigo.
Claramente, o artigo de Rey é a base da lista de abades que foi usada nos Dossiers Secretos, porque não só os nomes como também pequenas peças de informação foram copiados. Por exemplo, Girard, abade desde
1239 até 1244, «cedeu aos CavaleirosTeutónicos uma parcela de terra em Acre», que no artigo original de Rey figurava como «cedeu aos Cavaleiros Teutónicos, como abade de Mont-Sion, em Fevereiro de 1293, uma parcela de terra próximo de Acre».
Poderia o compilador dos Dossiers Secretos ter tido acesso a registos distintos, entre os documentos dos arquivos secretos do Priorado de Sião? Infelizmente, mesmo esta remota possibilidade é muito impro| vável porque o autor dos Dossiers Secretos cometeu um grande erro, f provando que estava apenas a copiar Rey. Embora a lista de Rey seja a dos abades da casa-mãe em Jerusalém e Acre, os Dossiers, erradamente, consideraram-na como referindo-se ao pequeno Priorado de Mont Sion em Orleães. Não estavam envolvidos quaisquer arquivos secretos do Priorado. O conhecimento deste facto — e que a lista dos grão-mestres templários era copiada da lista do Baron von Hund — lança dúvidas (se mais algumas fossem necessárias) sobre a terceira lista, a dos próprios grão-mestres do Priorado.

Contudo, embora o facto de Rey ter descoberto este artigo, algo obscuro, não tivesse sido uma pequena proeza (mesmo que o autor tivesse feito uma interpretação errada), esta descoberta teria sido o resultado de investigação meticulosa, ou teria ele usado um método mais rápido?

Ao descrever o seu entusiasmo quando descobriu os documentos da abadia de Jerusalém, Rey disse: «Imediatamente, comecei a explorar com o auxílio de M. Doinelle, arquivista do Loiret, as várias caixas que formavam as referidas secções dos documentos de Saint-Samson...»32 Este «M. Doinelle» é, de facto, Jules Doinel, uma figura realmente muito importante.
Jules Benoit Stanislas Doinel du Val-Michel (1842-1902) era urn arquivista e paleógrafo que trabalhava nos arquivos departamentais de Niort e de Cantai antes de se mudar para o Loiret.33 Embora típico da nova geração de historiadores persistentes e metódicos que estabeleceram a ligação com o cenário esotérico emergente, Doinel era essencialmente um diletante, procurando continuamente a verdade e a perfeição, saltando constantemente de um interesse para outro, e passando anos a estudar e a promover um assunto e a abandoná-lo abruptamente. Começando como um católico devoto, foi depois um maçónico empenhado, tornando-se um membro importante de uma loja maçónica do Grande Oriente, em Orleães — os Adeptos de Isis Montyon, em 1884. Por indicações posteriores encontradas na sua correspondência, ele parece ter transferido o seu apoio para um dos Ritos Escoceses, rivais da «instituição» Grande Oriente.
Foi nos arquivos do Loiret, aproximadamente na época da sua colaboração com o barão Rey, que Doinel fez uma descoberta que iria mudar a sua vida outra vez. Tratava-se de um documento antigo relativo à supressão de uma seita herética gnóstica, os Paulicianos, em Orleães, no século onze. No mínimo, segundo os seus inimigos, eles praticavam rituais sexuais e orgias, além de sacrificaram os bebés não baptizados que resultavam dessas uniões, e que, em consequência, foram presos e condenados à morte na fogueira, nos últimos dias de Dezembro de 1022.
Esta informação fascinou Doinel, que começou a estudar o Gnosticismo — chegando, naturalmente, aos Cátaros — um «abre-te sésamo» para os salões esotéricos. Considerando como sua missão fazer ressurgir o Gnosticismo no mundo moderno, fundou a sua própria Igreja Gnóstica em 1890, baseada numa vasta divulgação das doutrinas e das filosofias gnósticas. Auto-nomeado Patriarca, Doinel desenvolveu cerimónias — incluindo um ressurgimento do ritual cátaro, o Consolamentum — e organizou a sua nova religião, consagrando bispos masculinos e femininos. A sua nova Igreja conheceu um sucesso imediato, estabelecendo doze dioceses em França (incluindo Paris, Bordéus, Carcassonne e Toulouse) e outras na Itália, Bulgária e Boémia. Além de ser Patriarca, Doinel atribuiu a si próprio os títulos de Bispo de Mont-

ségur — o centro da sua Igreja — e Bispo de Alet, perto de Rennes-le-Château.
Como este ressurgimento do interesse no Gnosticismo se mostrou muito popular junto das pessoas com tendências espiritualistas que então acorriam aos salões ocultistas de Paris, houve uma sobreposição de membros e filiações nalgumas das outras sociedades. Por exemplo, Papus foi ordenado bispo na Igreja de Doinel, e, em Setembro de 1893, estabeleceu-se uma ligação entre a Igreja Gnóstica e a Ordem Martinista.34 Claramente, Doinel convivia com todas as figuras importantes do cenário ocultista e esotérico contemporâneo: Papus (de quem ela estava particularmente próximo), Péladan, Debussy e Emma Calvé. Ele também devia ter conhecido o secretário de Péladan, Georges

Monti. Mas logo que a sua nova Igreja estava completamente operacional, Doinel afastou-se subitamente — desta vez, em 1894, para regressar à Igreja Católica e abjurar formalmente a sua criação gnóstica (embora esta continuasse sem ele). No ano seguinte, sob o pseudónimo de Jean Kotska, publicou Lucifer Unmasked (Lucíferdémasqué), no qual condenou a maçonaria como satânica, reservando um veneno especial para o Rito Escocês Rectificado e reproduzindo um dos seus rituais no seu livro, como prova da sua perfídia.35 Contudo, muitos investigadores acreditam que o regresso de Doinel ao seio da Igreja foi pouco mais que uma manobra cínica por uma questão de aparência.36

Provando que o seu regresso ao Catolicismo foi menos que sincero, depois da sua retractação muito pública, e da sua denúncia, sob pseudónimo, da Maçonaria, ele colaborou na< revista Grwsis, editada por René Guénon. De facto, um catecismo gnóstico desenvolvido por Doinel e Guénon foi elogiado por especialistas como René Nelli, como uma das melhores e mais consistentes reconstruções do antigo pensamento gnóstico.37

Doinel prosseguiu também a sua carreira profissional como arquivista nos anos 90 do século dezanove, tornando-se Conservador dos arquivos departamentais do Aude, em Carcassonne, onde permaneceu até à sua morte. Não só ele se encontrava na mesma região que Saunière, enquanto o seu mistério se desenrolava, como Doinel foi também, a partir de 1898, secretário da Sociedade de Artes e Ciências, de Carcassonne, a que Henri Boudet pertencia.

Enquanto se encontrava em Carcassonne, Doinel escreveu Notas sobre o Rei Hild.erico in [Note sur lê rói Hildéríc in, 1899), condenando a usurpação dos Merovíngios pelos Carolíngios. E escreveu uma História de Branca de Castela (History ofBlanche ofCastiUe, 1887), além

355

de um estudo sobre Joana d’Arc, cinco anos depois, no qual defendeu a ideia de que as vozes angélicas que a tinha guiado eram «verdadeiros poderes ou manifestações de uma ordem espiritual».38 Como veremos, esta crença na realidade de comunicação com espíritos entre as figuras misteriosas implicadas nesta história é mais do que um equívoco individual — na verdade, tornou-se surpreendentemente, talvez mesmo escandalosamente, central.

Num grau que parece ultrapassar a coincidência, Doinel está associado não só a quase todos os temas importantes dos Dossiers Secretos do Priorado, mas também aos seus protagonistas-chave. Ele conhecia o abade Boudet — e, presumivelmente, estava familiarizado com o seu estranho livro A Verdadeira Língua Céltica — e escrevera sobre Branca de Castela e os Merovíngios. Conhecia Emma Calvé, Debussy e Papus (e, por conseguinte, presumivelmente, Émile Hoffet). Colaborou com o barão Rey na investigação dos arquivos do Loiret, que deram origem ao artigo de Rey sobre a Abadia de Notre-Dame de Mont-Sion, que foi aproveitado pelo Priorado para o mito da fundação. Poderíamos ser desculpados por supor que todos os Dossiers Secretos foram construídos a partir da biblioteca e arquivos pessoais de Doinel.

Talvez fossem. Afinal, havia apenas uma geração entre o auge dos salões ocultistas de Paris e a associação do jovem Pierre Plantard com esses mesmos círculos (notoriamente menos cintilantes, nessa altura) e com muitos outros indivíduos que viveram no período intermédio, como Georges Monti e Camille Savoire.

Embora o Priorado de Sião fosse fundado em 1956, ele apoia-se quase exclusivamente em material do fim do século dezanove para a sua história e «folclore», sugerindo que quaisquer que fossem as figuras misteriosas que estavam por trás de Plantard e do Priorado, elas pertenciam a essa era. Embora o Priorado possa não ter uma árvore genealógica que remonte às Cruzadas, ele parece remontar à idade de oiro do ocultismo

parisiense. Mas será possível identificar essas sociedades ocultistas que moldaram e controlaram o Priorado?
Verificámos, ao longo da primeira parte deste livro, que certas sociedades maçónicas e esotéricas são recorrentes — especialmente o Rito Escocês Rectificado (com a sua ordem interna de Cavaleiros Beneficentes da Cidade Santa, muitas vezes referidos pelo acrónimo francês CBCS) e a Ordem Martinista.
Foi ao esotericamente orientado Rito Escocês Rectificado, mais do que à «instituição» Grande Oriente, que pertenciam alguns membros da ostensivamente antimaçónica Ordem Alpha Galates, como Camille
Savoire e Robert Amadou (que era também membro da Ordem Interna Martinista, os S.I.). O actual secretário-geral do Priorado de Sião, Gino Sandri, é um especialista na história do Rito Escocês Rectificado e da Ordem Martinista. (ele escreve também sobre a história da Ordem da Cruz Rosa de Oiro alemã — a qual, como veremos, gozava de uma relação muito próxima e específica com o Rito Escocês Rectificado.) Associámos estas mesmas sociedades com o caso Saunière, em Rennes-le-Château.
Estritamente beneficente
Mesmo uma investigação rápida revela que o Rito Escocês Rectificado e a Ordem Martinista estão intimamente relacionados, e que estão também associados a outras sociedades que já assumiram importância na nossa investigação. Em particular, o Rito Escocês Rectificado é, essencialmente, um «novo rótulo» de uma forma de Maçonaria «Templarista» mais antiga e muito controversa — a Estrita Observância.
Sabemos que os Dossiers Secretos usaram material que apareceu primeiro nas mãos do fundador da Estrita Observância, barão Karl von Hund. Mas os Dossiers usaram-no apenas porque era conveniente, ou havia uma genuína conexão entre o Priorado de Sião e a Estrita Observância?
Embora muito ridicularizado durante os dois últimos séculos, von Hund não era, de modo algum, insignificante; nem um tolo crédulo. Senhor de Lipse, na Haute-Lusace, foi primeiro Carmelengo do Eleitor de Colónia, depois do Eleitor da Saxónia, que, quando se tornou Rei Augusto in da Polónia, o manteve como conselheiro pessoal. Foi também conselheiro de Estado da Arquiduquesa de Habsburgo Marie-Thérèse e do seu marido Francisco I.39
Iniciado numa loja maçónica francesa em Frankfurt an-der-Oder, em 1742, com a idade excepcionalmente precoce de dezanove anos, recebeu a sua famosa iniciação numa forma de Maçonaria especificamente jacobita (os exilados escoceses Stuarts) em Paris, um ano depois. Neste e nos subsequentes encontros com os chefes da Ordem na Flandres, as «verdadeiras origens» da Maçonaria — como uma continuação dos Cavaleiros Templários — foram-lhe reveladas e ele recebeu a missão de «reformar» a Maçonaria, fazendo-a regressar às suas raízes templárias. Também lhe foram entregues documentos que pareciam comprovar as origens templárias, mais notoriamente a lista dos grão-mestres já

discutida. Von Hund também afirmava ter sido apresentado ao Jovem Pretendente, Charles Edward Stuart, ele próprio um dos chefes da Ordem. Mais tarde, von Hund revelou que pensava que Stuart tinha sido o grão-mestre.40
Segundo a informação de von Hund (que ele, claramente, transmitiu de boa-fé), certos cavaleiros templários franceses, comandados por Pierre d’Aumont, grão-mestre provincial de Auvergne, fugiram para a Escócia aquando da supressão da Ordem, onde se disfarçaram de pedreiros. A ordem continuou clandestinamente na Escócia — tendo-se associado aos Stuarts depois de eles terem sido destronados — e estabelecera-se entre

os círculos j acobitas exilados em Paris. (Esta é a «transmissão escocesa» da sobrevivência templária, rival da «transmissão de Larmenius» já discutida.)
Há um certo paradoxo em tudo isto. Desde a sua morte e do colapso da sua ordem, von Hund tem sido difamado como um charlatão e uma fraude, mas mesmo os seus críticos mais severos reconhecem que ele acreditava seriamente no que pregava. O historiador ultra-céptico J.M. Roberts escreve em Mitologia das Sociedades Secretas (The Mythology ofSecrets Societies, 1972): «Ele não pode ser considerado apenas como um traficante ou um vigarista; há poucas dúvidas de que ele acreditava sinceramente nalguns dos disparates que dizia».41 Nem se tratava de um plano desonesto para ganhar dinheiro; não só ele já era extremamente rico, como estava disposto a gastar dinheiro com a Estrita Observância, pagando mesmo do seu bolso as instalações maçónicas — até
1766, quando, por fim, teve que invocar pobreza.42
O barão acreditava genuinamente nas suas experiências, e não há nenhuma razão para duvidar de que a sua iniciação em Paris acontecera realmente tal como ele a descreveu. Basicamente, von Hund foi atraído para os círculos maçónicos, foi incumbido da sua missão, e foi enviado para junto das pessoas para a realizar.
O problema — que provocaria a ruína da sua Ordem — foi que aqueles que o iniciaram na «Ordem do Templo» jacobita continuaram anónimos, ocultando-se por trás de títulos latinos como o do seu iniciador, o Eques a Penna Rubra, o «Cavaleiro da Pena Vermelha». (A Estrita Observância tinha predilecção por noms de guerre latinos — o próprio von Hund era Carolus, Eques ab Ense, «Karl, Cavaleiro da Espada».)
Estes misteriosos indivíduos prometeram voltar a contactar von Hund logo que ele tivesse estabelecido o seu novo sistema, para lhe dar instruções e dirigir a organização. Como eles mantiveram o anonimato, o barão chamou-lhes os seus «Superiores Desconhecidos».
358
Pobre von Hund! Os seus Superiores Desconhecidos não cumprirram a sua promessa; o barão nunca mais teve notícias deles. Depois de alguns anos de sucesso, o continuado silêncio começou a causar hostilidade mesmo entre os seus apoiantes. Contudo, como Baigent e Leigh argumentam em O Templo e a Loja [The Temple and the Lodge), há uma explicação perfeitamente lógica para o desaparecimento dos Superiores Desconhecidos. Como jacobitas influentes, a maior parte deles teria morrido ou ter-se-ia ocultado depois da revolta falhada de 1745, exactamente o período entre a iniciação de von Hund e o nascimento formal da Estrita Observância — como é indicado pelo facto de Baigent e Leigh terem identificado o Cavaleiro da Pena Rubra como Alexander Seton, o conde de Eglinton, um poderoso jacobita.43
(A chegada dos «superiores desconhecidos» marcou a introdução de um novo e importante elemento no esoterismo europeu, que se transformou na ideia de que as ordens estão sob a orientação de entidades espirituais ou não-terrestres, em vez de seres humanos anónimos — esta noção, finalmente, tornou-se mais ou menos indispensável às ordens mágicas.)
Devido à Guerra dos Sete Anos entre a Prússia e a Áustria, von Hund teve de esperar mais de uma década após a sua iniciação antes de revelar o seu novo sistema de «Maçonaria Rectificada», adoptando depois o nome de «Estrita Observância». Fundou a sua primeira loja numa das suas propriedades em Kittlitz, em 1754. A Estrita Observância teve um grande e rápido sucesso na Alemanha, estendendo-se à França, Suíça e Rússia. > -
A estratégia de von Hund consistia em convencer outros maçónicos das suas pretensões, depois persuadi-los a reconhecer a superioridade da Estrita Observância pela assinatura

de um acto de submissão e obediência — essencialmente, um acto de tomada de controlo da Maçonaria. Além dos usuais três graus comuns aos outros sistemas maçónicos, a Estrita Observância possuía três outros de uma «ordem interna» — que eram acessíveis a não-nobres, algo muito invulgar nos graus mais elevados da maçonaria continental, nessa época.44 (Isto é importante porque os cépticos afirmam frequentemente que a ligação entre os Templários e a Maçonaria foi inventada apenas para agradar à nobreza, argumentando que os membros da aristocracia queriam tornar-se maçónicos mas não desejavam aderir a uma organização cujas °rigens remontavam aos pedreiros plebeus, ideia que foi a teoria Predominante das origens da Maçonaria. Assim, foi inventado um mito da fundação novo e mais romântico — no qual a Irmandade descendia
359
realmente de uma ordem de cavalaria que apenas se disfarçava de maçónica.)
Isto pode ser aceitável até a um certo ponto, mas para que serviam todos aqueles complicados ritos e sistemas? Tratava-se apenas de exibir as insígnias das ordens e atribuir títulos grandiosos, ou eles significariam — ou mesmo esconderiam — um verdadeiro objectivo político, financeiro ou filosófico? De facto, a Estrita Observância tinha uma agenda definida que, originalmente, era a fundação de um estado na Europa Oriental que seria secretamente governado pelos Templários. Mas quando se tornou evidente que este era um plano irrealista a curto prazo, a Ordem passou a dedicar-se à busca do conhecimento ocultista, particularmente de disciplinas mágicas e místicas como a alquimia, a cabala e a magia ritual.45
No entanto, contrariamente ao equívoco comum, o barão von Hund não foi o primeiro a introduzir um rito templário na Maçonaria. De facto, o primeiro relato documentado da lenda das origens templárias da Maçonaria — datando de meados do século dezoito — não teve origem no seio da Maçonaria mas na Ordem da Rosa-Cruz de Oiro alemã.46 (Embora este relato surgisse depois de ter sido dada a mesma explicação a von Hund durante a sua iniciação em Paris, ele só tornou essas pretensões públicas depois do documento rosacruciano.J
A Ordem Rosa-Cruz de Oiro (também conhecida diversamente como a Cruz de Oiro e Vermelho/Rosa) foi o resultado de uma segunda vaga de interesse no Rosacrucianismo na Alemanha depois do fim da guerra dos Sete Anos, cujo protagonista mais influente foi o pastor luterano Samuel Richter («Sincerus Renatus»). Embora as circunstâncias exactas não sejam claras, este interesse levou à formação da Ordem da RosaCruz de Oiro, a primeira sociedade rosacruciana identificável, que possuía muitos elementos maçónicos, sobretudo porque o Rosacrucianismo e a Maçonaria coexistiam no mesmo meio.47
Contudo, porque havia uma estreita relação entre a Ordem Rosacruciana e a Maçonaria na Alemanha — embora rivais, elas atraíam as mesmas pessoas e, por conseguinte, tinham uma sobreposição de membros — a lenda templária foi rapidamente assimilada pela Maçonaria. A primeira manifestação ocorreu no seio da importante Loja dos Três Globos em Berlim, onde alguns maçónicos começaram a praticar rituais baseados na tradição rosacruciana e a adoptar alguns novos graus de cavalaria importados de França. Este novo rito dominou completamente a Loja dos Três Globos, e deu origem a uma nova forma de
360
maçonaria conhecida como o Sistema Clermont (segundo o nome do conde de Clermont, grão-mestre da Maçonaria francesa).
O sistema Clermont expandiu-se rapidamente, estabelecendo quinze capítulos em toda a Alemanha entre 1760 e 1763 — capítulos em vez de lojas, cada um presidido por um

prior em vez de um grão-mestre. Contudo, logo no princípio da sua história, o novo sistema foi controlado por um indivíduo não iniciado, um aventureiro no mundo maçónico, sob o pseudónimo de conde Johnson, que tomou o controlo do segundo capítulo de Clermont em Jena e persuadiu primeiro os seus membros de Jena, seguindo-se os dos outros capítulos, de que tinha conhecimento de certa informação secreta sobre a sobrevivência templária, desconhecida até dos fundadores do sistema. Em consequência, a Três Globos perdeu a sua autoridade e o Capítulo de Jena, finalmente, tornou-se no Supremo Capítulo de Clermont. Foi, de facto, Johnson quem criou o termo «Estrita Observância» para o sistema reinventado. Curiosamente, a loja de Jena foi chamada o Capítulo de Sião — e como foi presidida por um prior, poderia ser considerada como o Priorado de Síão.48

O objectivo de von Hund era converter este sistema ao seu novo e superior Rito Templário, essencialmente, fazendo a Johnson o que Johnson fizera ao líder do capítulo de Clermont. Apresentando os documentos que, alegadamente, provavam que o seu sistema descendia da Ordem medieval, incluindo a lista dos grão-mestres já discutida, ele desafiou o Capítulo de Sião a apresentar as suas credenciais. Em consequência, depois de muitos debates e discussões, o Capítulo de Sião adoptou o sistema de von Hund, expulsando Johnson.49

Por outras palavras, a Estrita Observância começou como um grupo templário secreto chamado Sião. Isto torna a nossa investigação, que faz remontar as origens do actual Priorado de Sião à Estrita Observância, ainda mais significativa, e reforça a ideia de uma conexão directa entre os dois.

Além disso, como o Sistema Clermont teve origem numa fusão entre a Maçonaria e a Rosa-Cruz de Oiro, uma estreita associação manteve-se entre a última e a Estrita Observância, E curiosamente, em 1776, a lenda de Ormus apareceu na mitologia da Ordem Rosa-Cruz de Oiro.50

A Estrita Observância teve tanto sucesso que, em 1772, foi reconhecida na Alemanha como de estatuto igual ao da outra corrente (não~ templária) da Maçonaria, tendo as duas sido reunidas como lojas unidas sob o grão-mestrado de Fernando, duque de Brunswick.

361

Contudo, após alguns anos de sucesso muito rápido, a Estrita Observância começou a ter dificuldades. O problema não era só a incapacidade de von Hund de provar as origens templárias do seu rito (afinal, a Maçonaria convencional também não podia provar a sua história lendária) mas antes a sua reivindicação de ser um representante dos Superiores Desconhecidos, sem apresentar qualquer prova da sua existência.

Quando morreu, em 1776, ele ainda afirmava que dissera a verdade sobre os seus Superiores Desconhecidos.51 Mas o sistema que ele criara com tanto esforço não lhe sobreviveu durante muito tempo — pelo menos, em seu nome...

Depois da morte de von Hund, todas as dúvidas internas e hostilidades externas vieram à superfície. Primeiro, houve a questão de saber se os Superiores Desconhecidos tinham chegado a existir e, se existiam, onde se encontravam eles então. Mas ao reclamar uma conexão com os Templários medievais, a Estrita Observância também despertou suspeitas de outras formas «convencionais» da Maçonaria e das autoridades, particularmente em França, onde os Templários ainda eram considerados indesejáveis e perigosos. A Ordem não tinha sido suprimida por ser uma organização diabólica e subversiva? E qualquer organização que descendesse dela não iria certamente vingar-se das duas organizações que a tinham esmagado e condenado a dois séculos de existência secreta — a monarquia francesa e o papado?

Em consequência, era necessária alguma clarificação, e ela revestiu a forma de duas importantes conferências ou convenções, o primeiro em Lyons, em 1778, e o segundo em Wilhemsbad, em Hesse-Kassel, quatro anos depois. A assembleia de Lyons — Convenção dos Gauleses — decidiu rejeitar a Estrita Observância, pelo menos em França, aprovando antes um novo sistema reformado, o Rito Escocês Rectificado, com a sua ordem interna dos Cavaleiros Beneficentes da Cidade Santa. (O Rito Escocês Rectificado era a Estrita Observância reformulada — «Escocês» devido à suposta sobrevivência templária na Escócia, «rectificado» na Convenção de Lyons, e «Cavaleiro da Cidade Santa» [Jerusalém/Sião] sendo um eufemismo não muito subtil para «Templário».). Esta foi uma iniciativa de Jean-BaptistWillermoz (1730-1824), que depois de ter sido iniciado na Estrita Observância, em 1774, estabeleceu a primeira das suas lojas francesas, Ia Bienfaisance («Beneficência» ou «Caridade»), na sua cidade natal de Lyons. Willwemoz promovera a Convenção, e insistira na substituição da Estrita Observância pelos Cavaleiros Beneficentes, em parte, sem dúvida, como um
jogo de poder na sequência da morte de von Hund, mas também para proteger a ordem contra as crescentes suspeitas da burocracia francesa. I\Ja verdade, um comentador alemão contemporâneo escreveu: «A abjuração [da Estrita Observância] da Convenção de Lyons foi feita por ordem formal da polícia, que declarara que se oporia a qualquer sistema que tivesse tendência para recordar os Templários e os seus costumes, mas esta retractação foi apenas simulada, e os Irmãos mantiveram o contacto com as Lojas da Estrita Observância da Alemanha,
52
como uma região».1
Em Wilhelmsbad, em 1782, foi feita uma segunda tentativa para resolver o problema, desta vez para o caso da Alemanha, assim como para o da França.53 Presidida pelo duque de Brunswick e pelo Landegrave de Hesse, a convenção teve que pacificar as autoridades maçónicas, que tinham decidido pôr fim à Estrita Observância a todo o custo. Basicamente, eles pediram aos seus líderes que provassem a existência dos Superiores Desconhecidos e que apresentassem alguma prova inquestionável das origens templárias da Maçonaria, ou então, que esquecessem todo o caso. Quando eles não conseguiram apresentar a prova, a Convenção repudiou as duas reivindicações. Contudo, nas palavras do historiador maçónico Claude Antoine Thory — que não era entusiasta de von Hund nem do seu sistema templário — escrevendo em 1815:

É certo que a Convenção tinha como único objectivo a separação da Maçonaria do sistema Templário e colocar Fernando de Brunswick na chefia das lojas reformadas; tiveram também'grande cuidado em afastar todos os que eles sabiam que manifestavam uma opinião contrária, recusando-lhes a entrada na assembleia, particularmente à delegação do Capítulo e Loja-Mãe do Crescente das Três Chaves, de Ratisbona, e ao Irmão Marquês de C.D.B. (Eques a capite Galeato) como representante da Loja dos Amigos Reunidos [Loge dês Amis-Réunis] de Paris.54

(O «Irmão Marquês de C.D.B.» é François, marquês de Chefdebien d'Armissan, ou Franciscus, Eques a Capite Galeato,55 fundador dos Filadelfos de Narbonne, com os quais o Rito de Mênfis, de Marconis de Nègre, estava associado.) Thory também se refere a uma última tentativa para reverter estas decisões, mas a Convenção recusou, declarando que era demasiado tarde:

Uma acontecimento extraordinário ocorreu na 28.a sessão, quando a loja escocesa de Frederico, o Leão de Oiro, enviou à Convenção uma me-

mória acompanhada por uma carta do príncipe Frederico de Brunswick na qual ele se prontificava a comunicar nova informação, para identificar os superiores desconhecidos, e a enviar em breve o manuscrito do Grande Ritual conservado pelos Irmãos Clerici [«Secretários», o «secretariado» da Estrita Observância], etc, mas a Convenção decidiu que a assembleia tinha repudiado todos os superiores desconhecidos e misteriosos; [e] que tinha abandonado os novos Rituais...»56

Foi o fim da Estrita Observância, certamente como uma força importante na Maçonaria, embora alguns irmãos a continuassem independentemente. Ainda sobrevive como uma organização muito pequena.

Contudo, a Convenção reconheceu o Rito Escocês Rectificado e os Cavaleiros Beneficentes. Thory, no seu dicionário da Maçonaria, escreve que o Rito Escocês Rectificado é «o regime da Estrita Observância, rectificado na Convenção de Wilhelmsbad, em 1782»,57 enquanto A. E. Waite o descreve como «a Estrita Observância nos moldes em que foi transformada em Lyons e ratificada em Wilhelmsbad».58 Isto foi conseguido porque o rito renunciou formalmente a qualquer associação com os Templários medievais, enquanto alegava que tinha uma ligação espiritual com a Ordem original (por esta razão, «Cavaleiro da Cidade Santa»).59

Mas a transição implicou alguma coisa mais do que a simples eliminação da «Estrita Observância» e a sua substituição pelo «Rito Escocês Rectificado». Como refere Waite: «Quando a Estrita Observância se transformou, em Lyons, o Martinismo foi o critério que lhe foi aplicado. Os Graus Secretos que se ocultam por trás dela são infiltrados por elementos martinistas».60 Todos os caminhos parecem levar a este misterioso mas óbvio Martinismo. Mas o que é o Martinismo, exactamente?

Vozes do Além

Os anos que conduziram à Revolução da segunda metade do século dezoito foram particularmente vibrantes para o esoterismo francês. Uma das suas figuras-chave, com grande influência nas gerações subsequentes, foi Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), chamado o «Filósofo Desconhecido» (Philosophe Inconnú). Saint-Martin dedicou-se à busca de conhecimento e sabedoria esotéricos, desenvolvendo, finalmente; a sua extremamente influente filosofia mística e esotérica.

Descendente de uma família nobre francesa, Saint-Martin tomou-se maçónico quase por uma questão de rotina em 1765, logo que atingiu a idade exigida de vinte e um anos. Contudo, a sua carreira esotérica só começou a sério por intermédio de uma sobrinha de um seu colega, oficial do seu regimento em Foix, que era casado com outra figura importante no ocultismo europeu, Jacques Martine de Pasqually (l 727-74). Claramente, o Destino tinha preparado uma maneira muito indirecta de Saint-Martin encontrar o seu mentor.

Durante muito tempo, discutiram-se as origens de Martines de Pasqually — suponha-se que ele fosse espanhol ou português — mas segundo o actual consenso alargado, ele nasceu em, ou perto de, Grenoble, sendo o seu pai um judeu espanhol convertido (que possuía uma patente ou licença de autoridade maçónica que lhe fora concedida por Charles Edward Stuart, associando-o às mesmas forças que apoiaram von Hund)61 e sendo a sua mãe uma católica francesa.62

Martines fundara uma ordem semimaçónica, semimágica chamada — com um notável sentido ecuménico — a Ordem dos Eleitos Cohens (Ordre dês Élus-Coens), sendo «Cohen» a palavra hebraica para «padre». Saint-Martin tornou-se membro dos Eleitos Cohens, ascendendo ao cargo de secretário de Martines, e fundando o seu próprio Templo Cohen em Toulouse, no qual a família du Bourg — que já conhecemos — era muito influente.63

A síntese do pensamento gnóstico e mágico realizada pelos Eleitos Cohens, combinando o Cristianismo com a Cabala e outros sistemas ocultistas, encorajava-os a encontrar Deus>no interior de si próprios — a sua união ou reunião com o divino — por intermédio de operações mágicas que invocavam anjos e outras entidades espirituais. As ideias básicas de Martines eram inspiradas na filosofia do grande místico sueco Emmanuel Swedenborg (1688-1772), que era baseada numa aceitação inabalável da realidade de um mundo invisível povoado por espíritos e outros seres sobrenaturais. Nas palavras de J. M. Roberts, a filosofia dos tleitos Cohens «expressava-se numa série de rituais cuja finalidade era tornar possível que os seres espirituais assumissem uma forma física e transmitissem mensagens do mundo do além».64 O segredo destes Processos era revelado apenas aos mais altos iniciados dos Eleitos Cohens. Embora a loja nunca tivesse praticado magia em grupo, os membros a°s graus mais elevados aprendiam exercícios mágicos que deviam Praticar a sós. Os detalhes exactos destas operações são desconhecidos
7~ eram ciosamente guardados — mas parecem ter revestido uma ””ma de magia ritual bastante comum que visava pôr os adeptos em
364
365
comunicação com inteligências transcendentais, de uma forma muito semelhante à magia angélica da Era Isabelina praticada pelo Dr. John Dee. Não só o próprio Martines de Pasqually participava nessas operações, como toda a finalidade dos Eleitos Cohens era desenvolver um círculo de magos similarmente treinados. O seu objectivo último era referido simplesmente como «Ia chose» — «a coisa» — que Papus descreveu como a manifestação de uma forma de inteligência ou entidade sobrenatural.65
Pela análise da correspondência existente, parece que o futuro fundador do Rito Escocês Rectificado, Jean-Baptiste Willermoz, praticou estes exercícios entre 1768 e 1772, embora, infelizmente, ele relatasse apenas «visões» de cores e «centelhas de luz visíveis».66 Obviamente, ele esperara materializações inequívocas de seres portadores de reveladoras mensagens do além.
A época em que Saint-Martin colaborou com Martines de Pasqually lançou a base para a sua própria investigação, na qual ele explorou várias outras disciplinas e práticas, estudando o hermetismo, e instalando mesmo o seu próprio laboratório alquímico em Lyons.67 Sempre um cristão devoto — embora não um entusiasta da Igreja como organização — desenvolveu, finalmente, as suas próprias ideias místicas, nas quais o poder de Cristo substituía a intervenção de espíritos. Como «Filósofo Desconhecido», ele descreveu a sua doutrina numa série de livros, começando com Erros e Verdades (Dês erreuers et de Ia Verité), que foi publicado em Lyons, em 1775 (embora para acrescentar um ar de mistério, ela apresentasse uma impressão em Edimburgo). Outra das suas obras importantes foi Tábuas Naturais das Ligações que Existem entre Deus, o Homem e o Universo (Tableau naturel dês rapports qui existent entre Dieu, l'Homme et l'Universe, 1782), também com uma impressão em Edimburgo.
Essencialmente, a filosofia de Saint-Martin era um gnosticismo dualista bastante claro, uma teoria da luta entre os princípios opostos do bem e do mal aliados a uma crença de que uma relação pessoal e directa entre o homem e Deus é não só possível, como também deve ser incessantemente procurada como o bem supremo. Ele escreveu «tous lês hommes sont dês C-H-R», «todos os homens são Cristos»,68 potencialmente, no mínimo, e encorajou a crença de que há, e sempre houve, alguns eleitos destinados a perpetuar, secretamente, e a transmitir as verdades universais da verdadeira religião.69 No entanto, ele manteve-se espiritualmente inquieto, infatigável na sua busca de ideias místicas úteis, aderindo mesmo a uma das Sociedades da Harmonia, de Franz

Mesmer, em 1784, para estudar o «magnetismo animal», embora, mais tarde, o rejeitasse.70
O médico austríaco Franz Anton Mesmer (1734-1815) causou uma sensação repentina quando chegou a Paris em 1778. Afirmava ter descoberto o que ele chamava «magnetismo animal» — um fluxo de «fluido magnético» ou, em termos modernos, uma corrente de energia em torno, e no interior, do corpo humano, que podia ser manipulada por um profissional treinado, para curar padecimentos físicos e mentais. Embora ridicularizada pela profissão médica da sua época e desde então, a teoria, essencialmente, apresenta uma espantosa semelhança com o chi oriental ou com oprana indiano, conceitos ainda controversos de uma força vital que, todavia, foi largamente justificada pela comprovada eficácia da acupunctura.
Em Paris, os doentes — sobretudo mulheres — afluíam para se fazerem «tocar» pelos magnetos de Mesmer, em tinas especialmente construídas, frequentemente com resultados dramáticos. Além das curas — muitas das quais parecem ter sido genuínas, talvez porque eram psicossomáticas — o seu processo de «magnetizar» um paciente, por meio de movimentos de mãos ou de hastes de ferro magnetizadas, também podia causar alterações no seu estado de conhecimento, por vezes resultando em tremores e convulsões, ou num transe semelhante ao sono. Embora, tecnicamente, não fosse exactamente a descoberta da hipnose como frequentemente se reclama, o processo ainda misterioso de Mesmer certamente que preparou o caminho para a hipnose e a psicanálise.
Apesar do coro de acusações, tanto nessa altura como agora, Mesmer não era, de modo nenhum, um charlatão; ele descobrira uma autêntica terapia que, demonstravelmente, funcionava, quase sempre com um efeito imediato e visível em muitos doentes que o procuravam, mesmo que ele o interpretasse erradamente. Além das suas «clínicas» de cura, ele também fundou uma rede de Sociedades da Harmonia para fazer demonstrações e experiências com o magnetismo animal. Embora isso não fosse muito divulgado, estas clínicas eram realmente lojas maçónicas, também chamadas Lojas Mesmerianas da Harmonia (Loges Mesmériennes de l'Harmonie) — que eram acessíveis apenas a maçónicos.71 Mesmer era membro da Ordem Rosa-Cruz de Oiro, a qual, como vimos, estava estreitamente associada à Estrita Observância;72 de facto, ele e Saint-Martin frequentavam os mesmos círculos — por exernplo, Mesmer visitou Madame Elizabeth du Bourg, do Templo Cohen de Saint-Martin emToulouse, em Março de 1786.73

Jean-Baptiste Willermoz também se dedicou a uma busca apaixonada das verdades ocultas por trás da Maçonaria, estudando vários sistemas e rejeitando-os ou sintetizando-os. Membro da Estrita Observância, como vimos, foi ele o impulsionador da criação do Rito Escocês Rectificado, com a finalidade de o perpetuar. Mas ele tinha outro motivo para reformar o sistema de von Hund, tentando incorporar ideias martinistas nas suas doutrinas — transformando o novo rito, basicamente, na Estrita Observância com um revestimento de ideias e práticas martinistas.
De facto, é apenas a ordem interna do Rito Escocês Rectificado, os Cavaleiros Beneficentes da Cidade Santa, que nos interessa, sendo os outros graus efectivamente apenas campos de recrutamento para os graus mais elevados, onde se tratam as questões sérias. Como sabemos, os próprios Cavaleiros Beneficentes têm um círculo interno, a Profissão, o qual, por sua vez, tem um núcleo interno chamado Grande Profissão (Grand Profès). Ostensivamente, Willermoz fundou o Rito Escocês Rectificado como uma

organização puramente caritativa — daí, a ênfase em bienfaisance — mas isto era apenas uma fachada para desviar a atenção e as suspeitas do ocultismo da Grand Profès.74 Sob a sua liderança, os Cavaleiros Beneficentes começaram a explorar algumas áreas muito estranhas do esoterismo, prosseguindo o objectivo dos Eleitos Cohens, o de estabelecer contacto com seres espirituais de uma ordem superior, geralmente supostos anjos ou espíritos. Mas em vez de usar as comunicações para desenvolvimento ou esclarecimento pessoal, como no sistema de Martines de Pasqually, Willermoz esperava que eles transmitissem informação e conhecimentos únicos. (Afinal, ele fizera a preparação exigida pelos Eleitos Cohens especificamente para manifestar Ia chose.} Ninguém sabe se isto foi uma inovação do próprio Willermoz ou se um objectivo semelhante já existia nos graus mais elevados da Estrita Observância. Mesmer pode ter sido a resposta. Talvez ele aperfeiçoasse a sua técnica de «magnetismo» no seio da Rosa-Cruz de Oiro — ou tê-la-ia ele aprendido lá?
A Grand Profession, definitivamente, fez experiências com o magnetismo de Mesmer para pôr mulheres em transe — é aqui que o magnetismo animal se transforma gradualmente em hipnose — para lhes permitir «comunicar» com anjos. Em 1784, por exemplo, uma Grand Profession de Lyons chamada La Concorde, à qual Willermoz presidia, magnetizou uma certa Gilberte Rochette, que não só via anjos, santos

e parentes falecidos de alguns dos cavaleiros presentes, mas também transmitia informação útil sobre vários assuntos.75 Interrogada pelos Cavaleiros, Gilberte transmitiu informação sobre curas para vários padecimentos e sobre a história dos Cavaleiros Templários, particularmente a sua secreta sobrevivência. Em Novembro de 1784, Willermoz escreveu ao Príncipe Charles de Hesse dizendo que «os princípios particulares de La Concorde estão a conduzir a grandes descobertas na metafísica mais elevada».76 Mas uma segunda, e mais significativa, série de revelações começou em Abril de 1785, aparentemente sem o auxílio do mesmerismo. De repente, o «outro lado» parece ter tomado a iniciativa.
Na noite de 5 de Abril de 1785, Willermoz recebeu um visitante — cuja identidade ele manteve secreta na sua correspondência, mas que só poderia ter sido Alexandre de Monspey, um Comendador da Ordem de Malta e membro da Grand Profession — que trazia consigo onze agendas extraordinárias, cheias de escritos provenientes de uma fonte alegadamente sobrenatural. Soube-se que eles tinham sido recebidos via escrita automática pela idosa irmã de Monspey, Madame Marie-Louise de Ia Vallière, e, segundo a invisível mão inspiradora, eram especificamente destinados a Willermoz e à sua sociedade.77
As comunicações ordenavam a Willermoz que fundasse o que viria a tornar-se, essencialmente, numa ordem ainda mais secreta da Grand Profession, que receberia as suas instruções directamente desta nova fonte. Em consequência, ele fundou uma nova loja, a Eleita e Amada (Élue et Chérie), embora ele decidisse revelar apenas a dois Irmãos a natureza desta fonte secreta de informação78 — a que ele deu o nome de código de 1'Agent Inconnu, o Agente Desconhecido, embora as opiniões se dividam quanto a esta designação se referir a Madame de Vallière ou à entidade que, supostamente, comunicava através dela. (Nunca explicaram se se tratava de um anjo, um espírito ou um humano desencarnado.) Segundo A.E.Waite, o Agente Desconhecido era a própria fonte, enquanto Robert Amadou — antigo membro da Alpha Galates, autor de um estudo do l'Agent Inconnu — afirma que este era um pseudónimo de Madame de Vallière.79 (Na nossa opinião, provavelmente, tratava-se de ambos.)
O historiador francês René lê Forestier escreve na sua monumental obra em dois volumes, Os Templários e a Maçonaria Qcukista dos séc. XVIII e XIX (La franc-

maçonnerie templière et occultiste au XVHItne et XIXme siècles, 1970): «Durante três anos completos, desde o verão de 1784 até ao de 1787, os membros mais activos do Colégio Metropolitano da Grand Profession ocupavam-se exclusivamente das revelações
369
transmitidas por Gilberte Rochette e das mensagens do Agente Desconhecido».80 A.E.Waite também comenta: «Não duvido que Willermoz e o seu círculo recebessem comunicações numa ou noutra situação psíquica, induzida por prolongadas operações inspiradas por esse desígnio, ou com o auxílio de ”lúcidos” [médiuns ou canais], cuja intervenção é admitida».81
Mas o que passava? Estas comunicações eram reais, tanto quanto é possível saber, em qualquer sentido normal e objectivo? Ou era tudo um estratagema elaboradamente montado? Havia uma figura ou um grupo misterioso que detinha o poder, tentando controlar Willermoz e a sua Ordem, persuadindo Madame de Vallière a transmitir essas instruções? E, nesse caso, porquê? Evidentemente, qualquer opinião seria criticamente afectada pela possibilidade de considerarmos que esses fenómenos podiam ser reais. Mas, basicamente, há três opções: genuína comunicação com verdadeiras inteligências espirituais, um fenómeno psicológico, ou uma completa invenção. O que quer que estivesse a acontecer, mostrou ser crucial para Louis-Claude de Saint-Martin.
Exceptuando o grupo de Lyons, os únicos membros a serem chamados à nova iniciação, em Paris, foram o visconde de Saulx-Tavannes e um alemão chamado Tieman — ambos amigos íntimos e adeptos de Saint-Martin,82 que se correspondera com Willermoz desde 1771. Encontraram-se em Setembro de 1773, quando Saint-Martin se instalou em Lyons durante um ano (durante a sua fase de investigação alquímica). Embora depois de ele ter partido de Lyons, perto do fim desse ano, o seu caminho e o de Willermoz divergissem, os dois homens continuaram a trocar correspondência. Mas o novo desenvolvimento — a sedutora perspectiva de comunicação com outra dimensão — fez Saint-Martin voltar a Lyons com «toda a rapidez possível».83
Papus e outros tinham sugerido que o pseudónimo de Filósofo Desconhecido escondia o facto de que os seus escritos eram realmente ditados pelo Agente Desconhecido. No entanto, como Saint-Martin já tinha usado o pseudónimo vários anos antes da primeira aparição conhecida do Agente, a inspiração parece ter ocorrido ao contrário. Mas, possivelmente, a doutrina do Agente reflectiu-se nas suas últimas obras. Como refere Papus:
O «Agente ou Filósofo Desconhecido «ditou 166 cadernos de instruções, dos quais Claude [sic] tinha conhecimento, e alguns dos quais ele copiou pela sua própria mão. Destes cadernos, cerca de 80 foram destruídos no primeiro mês de 1790 pelo próprio Agente, que queria evitar vê-los cair nas mãos de Robespierre, que fez esforços extraordinários para os obter.84
370
Contudo, alguma coisa acerca do Agente Secreto parece ter desorientado Saint-Martin, embora, infelizmente — como temos apenas as respostas de Saint-Martin às cartas de Willermoz — seja impossível saber o que foi. Willermoz tinha claramente informado Saint-Martin de alguma descoberta importante — pelo momento em que isso aconteceu (Abril de 1785, poucos dias depois da visita do Comendador de Monspey) deveria ter sido a chegada daqueles primeiros livros de notas — que lançou Saint-Martin numa completa excitação nervosa, pedindo perdão a Willermoz, pedindo desculpa por ter tido a temeridade de publicar as suas obras, e pedindo a Willermoz que intercedesse em seu favor junto de, nas palavras de Waite, «algo que parece chamar-se La Chose, cujo lugar ele tinha ocupado sem ser solicitado».85 (Isto sugere alguma continuidade entre as

práticas que Saint-Martin e as de Willermoz tinham adoptado quinze anos antes e o aparecimento do Agente Desconhecido, mas, para nosso desespero, ninguém sabe de que forma se revestiu.)

A carta seguinte de Saint-Martin sugere que Willermoz o tinha tranquilizado, e que aguardava que o último o mandasse chamar a Lyons.86 Pouco depois da sua chegada, ele foi iniciado no Rito Escocês Rectificado como Eques a Leone Didero (Cavaleiro do Leão Celestial — ou Estelar), sendo rapidamente elevado à Grand Profession. Mas cinco anos depois, ele pediu que o seu nome fosse eliminado do registo do Rito, embora o seu motivo permaneça desconhecido.87

Infelizmente, nenhuma outra prova documental sobrevive (ou não foi permitido que sobrevivesse) sobre este período crítico da vida de Saint-Martin. Na vez seguinte que ouvimos falar dele, no fim de 1786, ele está de volta a Paris, e, poucas semanas depois, visitou a Inglaterra, onde conheceu pessoas influentes, incluindo o astrónomo Sir William Herschel. Foi ali que ele escreveu a sua obra mais famosa, O Homem de Desejo (LHomme du désir), embora ela não tivesse sido publicada senão mais de uma década depois.

Devido ao secretismo imposto por Willermoz e pelo «círculo secreto do círculo secreto» dos Cavaleiros Beneficentes, ainda é impossível descobrir alguma coisa mais acerca deste curioso episódio. Seja como for, a Revolução Francesa de 1789 depressa ofereceu às pessoas — particularmente aos aristocratas — questões mais urgentes com que se preocuparem.

Estranhamente, embora Saint-Martin estivesse em Paris durante a Revolução Francesa e o reinado do Terror, apesar da sua origem nobre, ele chegou ao fim ileso, morrendo em Aulny, em 13 de Outubro de 1803.

Como uma ordem predominantemente aristocrática, o Rito Escocês Rectificado sofreu bastante durante a Revolução, mas foi reconstruída nos primeiros anos do século dezanove por Willermoz, que também conseguiu sobreviver às convulsões sociais. Nunca sendo provável qye viesse a ser uma ordem dominante no seio da Maçonaria, ela ainda existe hoje e é particularmente consistente na Suíça.

Mas o que aconteceu àqueles 166 livros de apontamentos, cheios de informação transmitida pelo Agente Desconhecido? O facto de que, obviamente, impressionaram figuras influentes como Willermoz e Saint-Martin, teria, sem dúvida, sido suficiente para impressionar também os seus pares e as gerações subsequentes dos seus adeptos, mas sem termos acesso aos verdadeiros livros de apontamentos, nunca saberemos até que ponto eles eram inspiradores ou reveladores. Embora questões como mediunidade e escrita automática sejam agora mais familiares, quer como fenómenos psicológicos, quer parapsicológicos (sendo tratados com devida cautela em ambas as áreas), nas últimas décadas do século dezoito, elas eram novas, excitantes e consideravelmente menos sujeitas a crítica. Declarações aparentemente feitas por entidades desencarnadas ou angélicas, emanando inexplicavelmente da boca ou da caneta de um médium em transe, seriam tomadas muito a sério, como uma revelação única e talvez divina. Estes livros de notas teriam sido tratados com grande reverência — e, evidentemente, teriam sido muito procurados por sociedades rivais.

No seu testamento, Willermoz legou os seus documentos pessoais e maçónicos a um colega, Joseph Antoine Pont, mas eles estiveram desaparecidos durante sessenta anos antes de terem sido redescobertos em Lyons, em 1894. Desde 1935, eles estão guardados na Biblioteca de Lyons e são uma importante fonte de informação para os historiadores ocultistas e maçónicos — mas o destino dos livros de notas do Agente

Desconhecido, depois da Revolução e da ruptura dos Cavaleiros Beneficentes, nunca foi averiguado. Como veremos em breve, Papus afirmava possuir cópias de alguns deles feitas por Saint-Martin, e declarou que a maior parte dos restantes fora destruída, mas nunca apresentou nenhuma prova. Estaria ele a protestar demais? Estaria ele, astutamente, a tentar evitar futuras investigações?
Depois da Revolução, a busca destes esboços de sabedoria sobrenatural teria assumido o estatuto de demanda do Santo Graal entre os que tinham conhecimento da sua existência. Mas onde procurar? Uma boa ideia teria sido seguir o rasto dos arquivos de Willermoz, ou investigar outros documentos pertencentes a indivíduos ou sociedades aos quais
ele estivera ligado, como os Filadelfos, criados pelo marquês de Chefdebien d'Armissan, ou os arquivos das famílias Nègre e Hautpoul, que estavam indirectamente implicadas com os Cavaleiros Beneficentes. Talvez isso explique as misteriosas investigações dos irmãos Saunière, um século depois; afinal, Alfred — que foi despedido por ter revistado os documentos dos Chefdebien — deve ter tido um caso amoroso com uma das descendentes dos du Bourgs, que certamente conhecia o segredo de Ia chase. Talvez a busca continue, explicando a informação errada dos Dossiers Secretos.

Um grande mago

Nos anos 80 do século dezanove, cerca de oitenta anos depois da morte de Saint-Martin, o seu grande admirador Papus fundou uma ordem dedicada à sua filosofia. De facto, a controvérsia reina no mundo esotérico relativamente à possibilidade de o próprio Saint-Martin ter fundado qualquer género de sociedade ou sistema iniciático — em geral, a maior parte das pessoas pensa que ele evitou fazê-lo porque ele era um filósofo, não um adepto, embora Robert Amadou, que editou a revista da Ordem Martinista, Llnitiation, cite provas de que ele o fez.88 Papus afirmava que os antecedentes da sua Ordem foram determinados pelo próprio mestre, chegando até ele por intermédio de um certo Henri Delaage, cujo avô, supostamente, tinha sido iniciado pelo Filósofo Desconhecido.
Para reforçar as pretensões de que a sua Ordem era a legitima sucessora de Saint-Martin, Papus também alegava que ela possuía vários livros de notas, escritos pelo próprio Saint-Martin, que ele copiara directamente dos que continham as doutrinas do Agente Desconhecido.89 Esta asserção nunca foi comprovada, apesar dos desafios lançados por Waite — entre outros — durante a sua vida.
Como Papus acrescentou outros elementos — particularmente retirados da Estrita Observância — muitos esoteristas questionam a validade da Ordem Martinista, ou mesmo se ela é exactamente martinista. Ela representa a versão do Martinismo segundo Papus, mais do que as doutrinas originais do próprio Saint-Martin. (Previsivelmente, a Ordem fundada por Papus conheceu os habituais cismas e dissidências e, por esse motivo, hoje, há três importantes Ordens Martinistas.)90 Seja como *°r, a Ordem de Papus tornou-se muito popular em Paris e, em 1891, Urn Conselho Supremo foi criado para supervisionar os ramos emer-

gentes e, em 1900, havia lojas em Inglaterra, nos Estados Unidos, na América do Sul e no Extremo-Oriente. A qualidade dos membros do Conselho Supremo original é particularmente intrigante: além de Papus, ele incluía Joséphin Péladan, Stanislas de Guaita — e Maurice Barres...91
Ostensivamente, a original Ordem Martinista de Papus não tinha nenhuma doutrina particular mas encorajava os seus membros a empreenderem as suas próprias investigações e estudos individuais. Contudo, na realidade, um considerável secretismo

estava implicado—a Ordem recrutava os seus membros por meio do sistema de célula, deliberadamente inspirado no processo fisiológico [recentemente descoberto) da divisão celular, que é especialmente conducente ao secretismo.92 E, em qualquer caso, há indicações definitivas de uma ordem secreta que mantinha crenças específicas.
Em 1902, o ramo americano, dirigido pelo Dr. Edouard Blitz, afastou-se do controlo do Conselho Supremo, intitulando-se a Ordem Martinista Rectificada Americana. A sua primeira convenção em Cleveland, Ohio, em Junho de 1902, emitiu um manifesto que referia «certos graus secretos que resultaram da aliança entre o Martinismo e o Rito da Estrita Observância».93
Como vimos, de facto, a Ordem Martinista possuía uma ordem secreta, chamada os «S.I.» — «Silencieux Inconnus», ou «Silenciosos Desconhecidos» (à qual Robert Amadou pertencia). Não sabemos muito sobre ela, sendo os seus membros apropriadamente silenciosos sobre a questão.
Crescentemente, Papus emerge como a figura mais influente nesta história. Na vida real, Gérad Encausse era médico e cirurgião — sendo o nome de Papus inspirado num grande médico das obras de Apolónio de Tiana — que morreu de tuberculose contraída enquanto servia no corpo médico, na linha da frente durante Primeira Guerra Mundial. A. E. Waite, quase sempre um crítico das suas pretensões quanto à conexão martinista, mas um admirador do homem, escreveu: «Morreu pelo seu país, literalmente exausto pelos seus esforços em favor dos feridos.»94
São muitos os fios da nossa história que convergem para Papus — seja qual for a direcção em que sigamos as pistas. Se começarmos pelo fio terminal, moderno, com o Priorado e os Dossiers Secretos, e seguirmos a pista até à sua origem, acabamos em Papus, e se começarmos com von Hund e Saint-Martin, e avançarmos, ele também se encontra no fim da viagem. Tendo fundado a Ordem Martinista, e tendo-lhe sido recusada a entrada no Grande Oriente em 1899, ele passou a dedicar-se ao Rito de Mênfis-Misraim, do qual se tornou grão-mestre em França, desde

1908 até à sua morte.95 Foi bispo na Igreja Gnóstica de Jules Doinel. Na verdade, todos os caminhos levam a Papus, cujo filho, Philippe (1906-84) o seguiu na sua profissão médica, tornando-se inspector-geral no Ministério da Educação Nacional, sendo condecorado com a Légion d'honneur pelos serviços públicos prestados. Também adoptou os princípios esotéricos do seu pai, cumprindo dois períodos como grão-mestre da Ordem Martinista, 1952-71 e 1975-79.96
A energia impetuosa de Papus como membro e criador-director de tantas ordens significa que, em última análise, é impossível ter a certeza de quais eram as suas verdadeiras convicções. Mas o seu envolvimento com uma sociedade ainda mais secreta e fechada, a Irmandade Hermética da Luz, com sede na Suíça, é particularmente intrigante. Embora esta sociedade tivesse sido fundada em Boston, cerca de 1880, a sua sede foi transferida para Zurique, onde ainda se mantém. Dois especialistas franceses em rosacrucianismo, Pierre Montloin e Jean-Pierre Bayard, descrevem-na como «fortemente hierárquica, com os seus aderentes sujeitos a terríveis juramentos (que não eram ameaças vãs)».97 Segundo Philippe Encausse, «desde 1885, Papus foi um dos agentes desta sociedade, na esfera em que ele veio a ter autoridade em França».98
Por detrás do Priorado
Removendo gradualmente os estratos de associação e obscurecimento acumulados, começamos, finalmente, a vislumbrar as identidades dos grupos misteriosos que se ocultam atrás do moderno Priorado de Sião. Conexões recorrentes com o Rito Escocês Rectificado e com a Ordem Martinista confirmam que eles estavam realmente muito intima- , mente relacionadas; sendo o Rito Escocês Rectificado, na sua essência, a

Estrita Observância com uma nova designação, e com adições martinistas. E embora não seja definitivo, de modo nenhum, que o próprio Saint-Martin tivesse criado uma sociedade ou iniciação secreta, um século depois, Papus criou a Ordem Martinista — o que explica a sua sobreposição de membros com o Rito Escocês Rectificado.
Já identificámos os temas da história fictícia do Priorado de Sião que foram incorporados na «mitologia» do Rito de Mênfis (mais tarde, Mênfis-Misraim) e na Ordem Rosa-Cruz de Oiro. Estas, também, pertencem à mesma «família» de sociedades secretas. Embora a Ordem Kosa-Cruz de Oiro fosse uma sociedade rosacruciana distinta, ela veio
375
a ter um relacionamento muito estreito com a Estrita Observância, na altura em que a lenda de Ormus entrou na sua tradição.
Apesar de ser um «rito egípcio», o Rito de Mênfis — que usou o tema de Ormus — também tinha uma associação muito próxima com a Estrita Observância e com o seu predecessor imediato, o Misraim (com o qual, mais tarde, se fundiu). O Rito Misraim deve as suas origens ao famoso, ou suspeito, conde Cagliostro (Giuseppe Bálsamo,
1743-95) — um maçónico da Estrita Observância, que foi iniciado em Londres, em 1777.” E o Rito de Mênfis mantinha uma estreita associação com os Filadelfos, fundados pelo maçónico da Estrita Observância (então, Rito Escocês Rectificado), o marquês de Chefdebien. Assim, todas estas sociedades e ordens que parecem tão diferentes, finalmente, mostram que fazem parte de uma rede inter-relacionada e multifacetada, fundamentalmente baseada na Estrita Observância.
Há um último membro da «família» das sociedades e ordens secretas para as quais o Priorado de Sião funcionava como uma fachada ou cobertura: a Igreja Gnóstica de Jules Doinel. Entre 1917 e o fim da Segunda Guerra Mundial, esta Igreja e a Ordem Martinista partilharam, de facto, o mesmo grão-mestre — primeiro, Jean Bricaud, depois Constant Chevillon.
Identificar esta família de sociedades secretas é uma coisa, embora a tentativa de isolar o que se esconde por trás delas nos arraste para águas muito mais turvas. Parece haver mais qualquer coisa subjacente à ordem secreta martinista, alguma coisa mais central, mais profunda, talvez mais misteriosa que a pretendida comunicação com anjos ou espíritos como uma fonte secreta de sabedoria. Depois, há as palavras da ordem cismática americana sobre os «graus secretos» influenciados pela Estrita Observância, e o secretismo com o qual a Ordem Martinista, ostensivamente filosófica, se rodeava. Nas palavras do historiador Richard F. Kuisel: «Esta moderna Ordem Martinista tem os seus ritos próprios e um método invulgar de recrutamento, o «método de cadeia», que protegia a sociedade da revelação de factos secretos: cada novo membro conhecia a identidade apenas do martinista que o recrutara.»100 Mas, exactamente, que revelações é que eles tentavam evitar? Haverá algumas pistas?
Segundo o filho de Papus, Philippe Encausse, a Ordem Martinista tinha ambições políticas sendo os seus objectivos originais — antes da Primeira Guerra Mundial — «a «Libertação da Polónia [da Rússia Czarista], a extinção do império Austro-Húngaro e uns Estados Unidos da Europa depois do aniquilamento do feudalismo militarista».101
376
Obviamente, seria essencial manter os objectivos a as actividades políticas, especialmente objectivos tão radicais como os que Philippe Encausse descreveu, secretos. Mas que tipo de associação poderia existir entre a agenda política da Ordem Martinista e a sua estranha comunicação com entidades espirituais? A resposta encontra-se na pessoa que Papus considerava, ainda mais que Saint-Martin, como o seu «mestre intelectual». 102 Embora relativamente desconhecido fora de França, este

indivíduo notável teve, de facto, a maior influência no esoterismo europeu do fim do século dezanove e princípio do século vinte — e talvez mesmo sobre a política europeia... E ele ofereceu-nos um inesperado elo de ligação com a nossa investigação para o nosso livro de 1999, The Stargate Conspiracy.
Inevitavelmente, encontrámo-nos a investigar a escola político-ocultista da sinarquia, formulada primeiro pelo mestre intelectual de Papus, o francês com o nome estranho de Joseph Alexandre Saint-Yves; marquês d'Alveydre (1842-1909).
Aparentemente, poderia parecer surpreendente que uma escola «ocultista» fosse politicamente orientada, ou que inspirasse mesmo ambições políticas. Mas como as convicções religiosas ou filosóficas frequentemente inspiram as ideias políticas, ou são expressas em termos políticos, porque não deveriam as convicções ocultistas ou esotéricas fazer o mesmo? Como disse Plantard aos autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal, a política é inspirada pela filosofia, e não o contrário.103 Mas não só esta linha de investigação tornou rapidamente o Priorado de Sião no centro das atenções, como também desviou a história para uma direcção muito inquietante...

O inspirador

Na sua Enciclopédia de Seitas do Mundo (Encyclopédie dês sectes dans lê monde, 1984) Christian Plume e Xavier Pasquini descrevem Saint-Yves d'Alveydre como «uma das mais destacadas figuras do esoterismo do século dezanove»,104 um sentimento repetido por outros comentadores, como o amante de Emma Calvé, o romancista Jules Bois, que conhecia Saint-Yes, descrevendo-o no seu livro de 1902, O Mundo Invisível (Lê monde invisible) como o «mestre dos ocultistas franceses».105
Embora as ideias de Saint-Yves viessem a ter influência em celebridades místicas como René Guénon, Rudolf Steiner e G.I. Gurdjieff,106

o seu maior admirador e «discípulo», que transmitiu as suas doutrinas à geração seguinte, foi, sem dúvida, Papus.
O conceito de sinarquia, segundo Saint-Yves, era essencialmente uma reacção contra a anarquia crescente, e, portanto, o seu oposto — um método de governo extremamente ordenado, baseado no que ele considerava serem as leis e princípios universais. Cada coisa e cada pessoa têm o seu lugar e finalidade; a harmonia alcança-se quando se mantém aquele lugar e se realiza aquela finalidade, ao passo que qualquer infracção daquelas leis naturais conduz ao desastre. Cada pessoa tem que se manter na posição social que lhe foi atribuída. (Papus comparava a relação individual com uma nação ou uma raça à relação das células com o corpo. Como cada uma estava predestinada a desempenhar uma função específica, tentar fazer uma coisa diferente apenas causaria problemas tanto ao indivíduo como ao corpo, como um todo.)107
As suas obras delinearam um programa ambicioso e visionário para o estabelecimento da sinarquia em França e noutros países. Cada estado tem que ser extremamente organizado a todos os níveis, com cada pessoa no seu lugar específico, em caso contrário, a anarquia triunfaria. A contestação do estatuto pessoal não seria tolerada.
Contudo, o conceito de que cada pessoa tem um lugar e um papel predestinados significa que algumas pessoas estão naturalmente destinadas a governar: por outras palavras, Saint-Yves defendia o governo exercido por uma elite predestinada. E embora grande parte da sua obra se ocupe de exequibilidade da aplicação da sinarquia ao governo da sociedade, no seu cerne, ela é uma filosofia essencialmente espiritual ou mística. A elite está espiritualmente em sintonia com as leis universais — efectivamente, um sacerdócio. A sinarquia é, portanto, uma forma de teocracia, o governo exercido por sacerdotes ou sacerdotes-
-reis.

A sinarquia sugere mesmo que esta elite esclarecida está em contacto directo com, e recebe instruções de, inteligências espirituais que governam o universo — sendo mais semelhante aos faraós teocráticos do Egipto, que eram simultaneamente governantes e intermediários entre os deuses e o povo. O próprio Saint-Yves acreditava que estava em contacto com forças invisíveis. Mas como André Ulmann e Henri Azeau referem em Sinarquia e Poder (Synarchie etpouvoir, 1968), em última análise, essas elites sempre se elegem a si mesmas.108
Filho de um médico bretão, o futuro radical político nasceu a 26 de Março de 1842, conhecido como Joseph Alexandre de Saint-Yves; o título de marquês de Alveydre foi-lhe conferido pelo Papa em 1880.109 Apesar
jas suas ideias espirituais e místicas, Saint-Yves foi sempre um católico Jevoto até ao fim da sua vida.
Abandonando a Escola de Medicina Naval em Brest, em 1864, por razões de saúde, partiu para as Ilhas do Canal, onde permaneceu até
1879, «vivendo modestamente como professor de letras e ciências».110 Ali, Saint-Yves conviveu com expatriados e proscritos franceses — os «banidos», ou exilados políticos da França — sendo um dos mais influentes Victor Hugo, que viveu em Guerseney entre 1855 e 1870 (onde escreveu Os Miseráveis}. Certamente que Saint-Yves e Hugo se conheceram, apresentados pelo seu amigo mútuo Adolphe Pelleport. Talvez fosse por este motivo que Hugo está incluído na lista dos grão-mestres do Priorado.
Foi em Jersey que Saint-Yves viveu uma epifania quando descobriu as obras de Antoine Fabre d'Olivet (1767-1825), por intermédio da avó de Pelleport, que o conhecera na sua juventude.111 Fabre d'Olivet — que também era famoso pelas suas capacidades de «magnetizador» — escreveu vários livros sobre linguística (incluindo um sobre a Langue d'Oc) e sobre aspectos esotéricos da história remota, propondo a existência de uma antiga civilização global baseada em princípios espirituais ou ocultistas.
Enquanto se encontrava nas Ilhas do Canal, Saint-Yves visitou Londres para proceder a investigações no Museu Britânico, e supõe-se que tivesse conhecido os influentes ocultistas Sir Edward Bulwer-Lytton e Éliphas Lévi. Embora não haja provas directas desses contactos, eles teriam sido muito prováveis, porque ele era amigo íntimo do filho de Bulwer-Lytton, também Edward, vice-rei da índia no final dos anos 70 do século dezanove. A incorporação de certas ideias místicas orientais no sistema de Saint-Yves — que parecem estar em grande contradição com o seu Catolicismo devoto — podem bem ter sido devidas à influência de Bulwer-Lytton.
Regressando a França no princípio da guerra franco-prussiana em
1870, para servir no exército, Saint-Yves participou na infame supressão da Comuna de Paris. Segundo o seu próprio relato, foi nessa altura que ele, pela primeira vez, falou sobre a sua teoria social da sinarquia aos soldados, seus companheiros.112
Cerca de um ano depois, trabalhava no departamento do Ministério do Interior que vigiava atentamente a imprensa parisiense, mas demitiu-se do seu cargo em 1877, em seguida ao seu casamento com uma aristocrata polaca divorciada, Marie-Victoire de Riznich, quinze anos mais velha do que ele.113 Embora isso significasse que ele podia permi-
378
379
tir-se deixar de trabalhar para se dedicar aos seus interesses e investigações, incluindo a alquimia, pelo que dizem, foi um verdadeiro casamento de amor, e ele nunca se refez da morte da mulher, quinze anos depois. No mesmo ano em que casou, Saint-Yves publicou a sua primeira obra importante, Chaves do Oriente (Clefs de LOrieni), na qual

o termo «sinarquia» surge pela primeira vez, e em que os seus princípios foram descritos.114

Mas logo na primeira página, Saint-Yves apresenta outro conceito que iria correr paralelo às teorias sociais da sinarquia — a necessidade de a Europa ser politicamente unida... Ainda mais surpreendente para a nossa maneira de ver actual, nessa primeira página, Saint-Yves declara que, na sua opinião, essa união era necessária devido ao desafio criado pela ascensão do Islão como uma força global. Ele adverte de que um conflito militar poderia eclodir a qualquer momento entre uma nação europeia e o império turco, «o qual levará, já está a levar, a um despertar religioso de todo o Islão».115

Saint-Yves considerava que as duas maiores crises que confrontavam a Europa eram a emergência do Islão como uma força global na cena mundial — na sua (muito questionável) opinião, os muçulmanos estavam unidos mas a Cristandade estava mais fragmentado que nunca — e o desenvolvimento político das nações europeias em consequência do progresso industrial e da ascensão do materialismo, que ele entendia como anticristão. A solução para ambos os problemas era a Europa unir-se sob uma bandeira cristã, inspirada por uma «luz religiosa» e uma «revelação fundamental ou definitiva».116 Saint-Yves também considerava que a Revolução Francesa fora um grave erro; como observa o historiador Olivier Dard: «Suponha-se que a sinarquia permitisse à França ultrapassar os conflitos nascidos da implantação da Terceira República, e à Europa unir-se.»117

Ao longo da sua série de livros, Saint-Yves definiu as três área especificas da sociedade que necessitavam de ser governadas — a lei, a economia e a religião — propondo um Conselho Europeu de Comunas Nacionais, constituído por economistas, financeiros, industriais e agrónomos para regulamentar a economia; um Conselho Europeu de Estados Nacionais composto por delegados das magistraturas dos estados-membros, para administrar a lei internacional; e um Conseln Europeu de Igrejas para decidir sobre as questões religiosas.

No entanto, Saint-Yves não foi o primeiro reformador, nem mesm o primeiro ocultista, a pensar em termos de uma Europa unida, ou, mínimo, a defender o princípio de que os governantes seculares

Europa deviam ser controlados por uma autoridade única. (Embora, teoricamente, este tenha sido o caso antes da Reforma, quando o Papa reivindicava autoridade sobre todos os reis e imperadores da Cristandade, e este princípio nunca produziu uma Europa unida — excepto, discutivelmente, durante os breves momentos em que a atenção se voltou para o exterior, durante as Cruzadas. Pelo contrário, essa situação colocou o Papa ao nível de qualquer outro governante secular quando competia com eles pelo poder.)

Uma ideia quase idêntica — de facto, um «esboço de sinarquia»118 — foi proposta em meados do século dezassete pelo rosacruciano Jan Amos Comenius, que também sugeriu que três organismos deveriam governar os vários aspectos da sociedade: um Conselho da Luz controlaria a instrução e a educação, um Tribunal de Justiça seria o árbitro nas disputas internacionais, e o Consistório Mundial decidiria sobre questões religiosas — uma questão especialmente sensível, porque Comenius desejava que o Cristianismo e o Judaísmo se reconciliassem. Além de conhecerem a sua apoteose na filosofia de Saint-Yves, as ideias de Comenius também influenciaram Rudolf Steiner — e mesmo a UNESCO, que lhe prestou homenagem em Dezembro de 1958, como uma inspiração do seu ideal.

Louis-Claude de Saint-Martin compartilhou deste ideal até um certo ponto, defendendo «um género de nova teocracia estabelecida sobre todos os governos»,119 e que o

governo deveria estar nas mãos de «comissários divinos».120 O jornalista Philippe Bourdrel escreve acerca dos grupos sinarquistas dos anos 30 do século vinte, que discutiremos mais tarde:
O espírito sinarquista, assim como o seu modo de pensamento, remontam a dois filósofos em particular... Louis de Saint-Martin (no século 18) e Saint-Yves de Alveydre (no século seguinte). Um e outro enalteciam uma visão da históna através da vontade da Providência, sendo o homem apenas um instrumento governado por leis que o ultrapassam... Mas a Providência, a «inteligência do universo», delegou nalguns «comissários divinos», no «homem sacerdotal», o poder de serem agentes de um governo teocrático.121
t1
t-*51 Saint-Yves, no entanto, quem desenvolveu e definiu a ideia em
ref °S mais ou menos políticos, inspirando directamente Papus, que se
u à «França, a qual, no Invisível, é a filha primogénita da Europa e que,
Or>sequência, deve sempre conter o centro do espírito iniciático...»122

Como muitos idealistas do seu meio, Saint-Yves fez remontar as suas teorias ao passado distante, considerando que as primeiras civiliza_ coes se tinham organizado segundo as leis da liderança «natural», que as modernas civilizações tinham esquecido. A sua visão sinarquista não só do presente, mas também do passado, surge na sua série de livros de «Missão»; Missão dos Monarcas [publicado anonimamente em
1882), Missão dos Trabalhadores (também em 1882), Missão dos Judeus (1884), Missão dos Franceses 1887), e Missão da índia na Europa, Missão da Europa na Ásia (1910), publicado postumamente.123 Inspirado pelas obras de Fabre d'Olivet, Saint-Ives acreditava que, ern tempos remotos, toda a Ásia, Europa e África formavam um único império, sob uma única religião e um único sistema de governo teocrático; por outras palavras, uma idade de oiro sinárquica, que durou de 7500 até 4000 a. C. As antigas religiões da história registada — especialmente as do Egipto, Grécia e Gália — eram apenas o «desmembramento e a dissolução» daquela religião global original.124 Saint-Yves recordava figuras comoApolónio deTiana e Moisés (fundador da «teocracia de Israel») como exemplos de iniciados que possuíam o segredo da antiga sinarquia global. Também defendia a ideia de que este conhecimento sagrado era conhecido pela primitiva Igreja Cristã, que tinha uma «iniciação secreta», mas que foi destruída pela formação da Igreja de Roma, que se tornou obcecada com o poder político. (Saint-Yves partilhava as ideias de muitos católicos com as tendências místicas desse período, como Péladan, considerando que a Igreja era basicamente sólida, mas que se desviara do seu caminho, esquecendo os seus segredos revelados por Deus.)
Os modernos adeptos da «história alternativa» reconhecerão nas obras de Saint-Yves muitos temas que se tornaram populares nos círculos teosóficos e outros—por exemplo, a existência de uma antiga civilização avançada, global, não reconhecida pelos historiadores convencionais, da qual as primeiras culturas conhecidas, como o Egipto, eram apenas as herdeiras, além da realidade do continente perdido da Atlântida. (Saint-Yves afirmava que a Grande Esfinge de Gize fora construída pelos Atlantes muitos milénios antes do que os historiadores acreditam.)
A maior parte destas ideias estão descritas no seu terceiro livro da série «Missão»: Missão dos Judeus (1884) — que causou controvérsia ao apresentar estas ideias «marginais» sobre história antiga numa série de livros sobre a teoria social e política. (O título, sucintamente, descreve a sua intenção de converter os Judeus, pelo motivo de que Moisés, como Jesus, tinha recebido a revelação da antiga sinarquia.)

Na reconstrução de Saint-Yves, novamente baseada nas obras de Fabre d'Oilivet, a «revelação» da sinarquia ocorreu três vezes na história, mais recentemente a Jesus, mais anteriormente a Moisés, e a primeira vez a uma figura heróica chamada Ram — baseada no deus indiano narna — que, em 7500 a.C., tinha estabelecido o antigo império sinárquico global, que durou até ao antigo Egipto (que representa o fim de uma civilização e não o primeiro florescimento de uma outra).125 Estava também implicado um jogo de palavras inglesas, porque Saint-Yves chamou a esta civilização global o Império de Ram (mas 1'Empire de Ia Bélier, em Francês), segundo o nome da constelação e signo astrológico de Carneiro.
(Significativamente, na sequência de Missão dos Judeus, uma das antigas amantes de Saint-Yves, Claire Vautier, escreveu um romance, O Marquês: a História de um Profeta [Monsieur lê Marquis: histoire d'un prophète, 1886], que era um relato mal velado das suas experiências com Saint-Yves. O profeta do título, «Saint-Emme», encontra alguns escritos de Fabre d'Olivet e publica-os como sendo seus — reflectindo a futura descrição de Jules Bois que apresenta Saint-Yves como «herdeiro e mesmo plagiário» de Fabre d'Olivet».126 Curiosamente, no romance de Vautier, o jovem «Saint-Emme» afirma ser a reencarnação do mítico homem-deus Orfeu, reflectindo, presumivelmente, a crença pessoal de Saint-Yves.)
Contudo, o «segredo» da sinarquia não estava inteiramente perdido para a história, sendo mantido vivo através de certos grupos e irmandades. Em Missão dos Franceses (1887), Saint-Yves distinguiu parti- , cularmente os Templários como os «pais espirituais da sinarquia» — sendo uma organização religiosa pan-europeia à margem do controlo secular, que exerceu considerável influência sobre questões religiosas, políticas e económicas.127 Por esta razão, houve um cruzamento de ideias entre a sinarquia e as ordens neotemplárias, como o Rito Escocês Rectificado. Saint-Yves parece ter-se baseado nalgumas das suas doutrinas mais secretas, e todos estes grupos, por sua vez, adoptaram os seus ideais sinarquistas. E, evidentemente, tudo isto convergiu perfeitamente em Papus, que sintetizou todos os elementos díspares num todo completo e coerente. Como escrevem Ulmann e Azeau (a ênfase é original):
... a reforma escocesa da Maçonaria... conjuntamente com a fonte do Martinismo, promoveram alguns dos métodos e alguns dos mitos que vieram a ser úteis aos inspiradores do Movimento Sinárquico. A reforma, em primeiro lugar, atribuiu uma origem ilustre à Maçonaria,

ao torná-la a continuadora das antigas ordens de cavalaria. Subsequentemente, acrescentou numerosos novos graus aos três originais do rito inglês, o que permitiu que o conhecimento secreto fosse exclusivo de uma elite, assim como a posse de segredos que só os cépticos qualificam de imaginários.128
(O «Movimento Sinárquico» — mais propriamente, o Movimento do Império Sinárquico — era uma sociedade sinárquica dos anos 20 e
30 do século vinte, que discutiremos depois.)
Saint-Yves escreveu sobre a Maçonaria: «No nosso tempo, a Maçonaria, a verdadeira estrutura de uma teocracia, é uma iniciação única que apresenta o carácter de universalidade e que, a partir do trigésimo-terceiro grau, evoca, de alguma forma... a antiga aliança intelectual e religiosa».129 (Não há, no entanto, nenhuma prova de que Saint-Yves tivesse aderido a qualquer tipo de Maçonaria.130 Ele parece ter evitado todo o tipo de associações.)
Saint-Yves não era nenhum teórico político excêntrico cujas ideias tivessem sido adoptadas por um pequeno grupo de ocultistas igualmente excêntricos. A sua visão não só veio a dominar todo o cenário esotérico francês (sobretudo graças a Papus), como as

suas ideias também foram adoptadas seriamente no seio de uma arena política influente — durante algum tempo, pelo menos.
Desde 1882 — quando os seus primeiros livros de «Missão» foram publicados — Saint-Yves começou a promover o seu pensamento em rondas de conferências, falando nesse ano a uma audiência de 1000 pessoas, e, mais tarde, numa grande conferência em Amsterdão. Em
1886, criou um grupo de pressão, o Sindicato da Imprensa Profissional e Económica (Syndicate de Ia Presse Profissionelle et Économique), constituído por economistas, homens de negócios e políticos que ele convertera à sinarquia. O Sindicato influenciava ministros do governo, organizando reuniões para discutir as ideias de Saint-Yves, e disseminar literatura. Este grupo tinha pessoas com muito poder, incluindo senadores e deputados, um ministro do governo, François Césaire Demahy, ministro da Marinha e Colónias — e, em 1899, um dos fundadores da Acção francesa131 — e mesmo um futuro Presidente da República, Pa1” Deschanel.132
Embora Saint-Yves não apareça nos registos actuais dos membros da Légion d’Honneur, as próprias publicações da Legião mostram que ele foi nomeado Cavaleiro em 1893, sob o patrocínio de um certo ge’ neral Février. O investigador Jean Saunier sugere que o registo 1°
384
eliminado durante as purgas antimaçónicas dos Nazis,133, embora, como veremos, existam razões para que os governos pós-Libertação tenham suprimido todo e qualquer registo associado à sinarquia.
Mas, depois de tudo considerado, a reorganização ideal da sociedade e da política francesas, segundo Saint-Yves, era simplesmente demasiado radical e uma tarefa demasiado ambiciosa, e demasiado diferente da ordem existente, para ter uma probabilidade realista de sucesso — pelo menos, de forma evidente. Mas como sucede com muitas outras ideologias, quando se mostra impossível entrar pela porta principal, outros métodos, secretos têm que ser usados, como revoluções e golpes de estado. Se o próprio Saint-Yves pensava desta maneira, não sabemos, embora, a partir das evidências, pareça improvável — ele parece ter desistido da luta depois de 1890, e ter-se dedicado a estudos ainda mais obscuros. Mas, como veremos, os que lhe sucederam não tiveram essas dúvidas, particularmente depois da Primeira Guerra Mundial ter destroçado a velha Europa.
Em 1890, Saint-Yves anunciou que o seu poema Joana d’Are Vitoriosa [Jeanne d’Are victorieusé) seria a sua última obra, desenvolvendo depois uma actividade discreta durante os restantes dezanove anos da sua vida. A sua amada esposa Marie-Victoire morreu em 1895 depois de uma doença prolongada, e ele transformou a sua casa de Versalhes num santuário dedicado à sua memória, mandando pôr o seu talher à mesa, todos os dias, e afirmando que «nunca deixava de conversar com ela».134 Embora o dinheiro fosse então escasso, Saint-Yves dedicou os últimos anos da sua vida a deserívolver o seu «arqueómetro», um sistema complexo e complicado, descrito como «instrumento de medida universal que lançou as bases para a renovação das artes e das ciências».135 Saint-Yves morreu a 5 de Fevereiro de 1909, em Pau, perto dos Pirenéus.
Embora se tornasse conhecido por muitas pessoas só depois da sua morte, Saint-Yves acrescentou outro elemento, muito importante, ao seu grande plano. Não só ele defendia a sinarquia como a forma natural de governo e de organização social para o mundo moderno, e não só argumentava que ela fora o sistema universal de governo mundial no mundo antigo — como também, afirmava ele, os vestígios desse imPério global ainda existem sob a forma de utopia sinarquista, escondida do resto do mundo numa terra secreta dos Himalaias. Ele desenvolveu çstes argumentos no último dos seus livros de

«Missão», Missão da índia, que ele escreveu em 1886 (antes da publicação de Missão dos Fran-
É
385
ceses), mas que ele suprimiu durante a sua vida. Foi publicado, por iniciativa de Papus, em 1910.

com o título completo de Missão da índia na Europa, Missão da Europa na Ásia: A Questão dos Mahatmas e a suas Soluções, este é um dos textos-chave do esoterismo europeu. Saint-Yves introduziu a ideia de Agarttha (ou Agartha, como dizemos agora), uma terra sinarquicamente organizada, algures nos Himalaias, onde é proibida a entrada de todos os ocidentais e cuja população de iniciados é governada por Mahatmas, ou mestres espirituais. Simultaneamente um santuário e um centro sagrado de aprendizagem, tem uma biblioteca subterrânea que se estende por milhares de quilómetros, mesmo por baixo do
mar.
136

Saint-Yves escreveu: «Antes de Ram, a metrópole de iniciação tinha como seu centro Ayodha, a cidade solar. Subsequentemente, Agartha mudou várias vezes a sua sede, que corresponde a uma população de vinte milhões de habitantes, mas, à volta deste centro, estende-se uma confederação sinárquica de povos, correspondente a mais de quarenta milhões de almas».137

Agartha é também mencionada no poema Joana d’Are de Saint-Yves, sendo a referência explicada numa nota: «Em seguida à revolução que destruiu a antiga organização sinárquica revelada em Missão dos Judeus, esta universidade-mãe tornou os seus Mistérios cada vez mais secretos. O seu nome místico de Agartha, elusiva à Violência, indica muito claramente que ela esconde a sua localização dos curiosos».138

Outros ocultistas desenvolveram a Agartha de Saint-Yves, particularmente a relação entre a terra sagrada e secreta e o resto do mundo, um conceito-chave do esoterismo europeu. Saint-Yves afirmara que os seus governantes estavam em contacto psíquico com certos indivíduos do mundo exterior — incluindo ele próprio — e que, por este meio, tentavam manobrar o planeta para que um contacto mais evidente pudesse ser estabelecido. Se o mundo se tornasse sinarquista, os Mahatmas revelar-se-iam. Agartha, portanto, teria apenas uma influência indirecta sobre o resto do mundo, através de certos indivíduos seleccionados. No entanto, depressa começou a circular a ideia de que os Mahatmas tinham uma influência directa nos acontecimentos mundiais — e que poderiam mesmo controlá-los secretamente.139

A suposição automática e natural é a de que a descrição detalhada da vida em Agartha, apresentadas por Saint-Yves, é um relato fictício do funcionamento deste estado perfeito, semelhante à Utopia de Thomas More — portanto, a sua insistência em que Agartha era um lugar
real deve ser considerada com grande cautela. Contudo, há um paradoxo central: Saint-Yves afirmava não só ter estado em contacto com os emissários de Agartha, mas também ter suprimido a história por ordens suas. Como relatam Plume e Pasquini: «Em 1885, ele recebeu uma visita de enviados de Agartha, pouco tempo depois de ter publicado a sua obra Missão da índia na Europa, Missão da Europa na Ásia. Mas logo que o livro foi editado, ele ordenou que todos os exemplares fossem destruídos. Subsequentemente, explicou que recebera ordem de poderes superiores para o fazer, porque ele revelara segredos naquela obra.140 Mas por que retirou ele Missão da índia? Mas se ele tivesse desistido de apresentar tal conceito ao público, porquê informar o seu círculo imediato da razão por que o retirara? Evidentemente, há situações psicológicas

que tornam impossível que o doentes distingam a diferença entre o que imaginam e o que é objectivamente real: Saint-Yves pode ter confundido as suas próprias fantasias com «informação» enviada de outra parte qualquer. Mas pode tratar-se de algo mais importante do que isso.
Segundo o grupo de Papus, Os Amigos de Saint-Yves (Lês Amis de Saint-Yves), Missão da índia foi o resultado de «uma dupla série de investigações, primeiro intelectuais, depois astrais»,141 sugerindo que Saint-Yves utilizou meios psíquicos ou mesmo mágicos para obter mais informação sobre Agartha e os Mahatmas, perfeitamente correspondentes à Ia chose dos Eleitos Cohens e ao Agent Inconnu dos Cavaleiros Beneficentes.
Mais uma vez, a realidade do que o próprio Sa,int-Yves experimentou é impossível de conhecer, e, em qualquer caso, ela é definitivamente menos importante do que a sua convicção de que os Mahatmas de Agartha tinham estabelecido contacto directo, não só confirmando a sua ideologia sinarquista mas talvez inspirando as suas ideias originais. Estes seres misteriosos comunicariam com, e dirigiriam, a elite sinarquista.
Este novo e assustador conceito foi entusiasticamente acolhido pelas
Ordens e líderes ocultistas: atrás de um chefe terreno de uma Ordem
esc°ndiam-se entidades espirituais com as quais eles estavam em
contacto e que detinham realmente o poder. Um exemplo clássico é
° dos «Chefes Secretos» da muito influente Ordem Hermética da Gol-
çn Dawn, que floresceu na Inglaterra do final do século dezanove.
ssas entidades poderiam ser espíritos de mortos, «mestres ascensos»
wirnanos tão espiritualmente desenvolvidos que tinham sido elevados
um novo plano da existência), seres angélicos ou sobrenaturais ou,
386
L
387
mais recentemente, extraterrestres, mas a ideia básica continua a ser a mesma. Só os chefes da Ordem podem estabelecer contacto com essas entidades, o que lhes confere a sua autoridade — um conceito que urn subordinado tem dificuldade em contestar! Os Superiores Desconhecidos do barão von Hund (uma irmandade secreta mas mortal que actuava nos bastidores) tinham-se transformado, primeiro, nos Mahatmas (humanos espiritualmente avançados que podem ser contactados por meios psíquicos) de Saint-Yves, e, depois, em inteligências desencarnadas ou extraterrestres.
O segredo oculto dos vários grupos que estão por trás desta história — os Eleitos Cohens, os Cavaleiros Beneficentes, e, possivelmente, a Estrita Observância — era o de que eles procuravam activamente maneiras de contactar «inteligências superiores» e, como no caso do Agente Desconhecido dos Cavaleiros Beneficentes, acreditavam que tinham conseguido.
Se Saint-Yves realmente acreditava ou conhecia esse segredo, depois da sua morte foi por iniciativa de Papus que a Missão da índia foi publicada, tendo Papus sido um amigo íntimo e defensor de Saint-Yves desde 1887. Quando Papus fundou a Ordem Martinista, ofereceu a Saint-Yves um lugar no seu Conselho Supremo, mas — nunca sendo uma pessoa para se juntar a grupos — ele recusou.142 (Tem sido afirmado que Saint-Yves foi grão-mestre da Ordem Martinista, mas as provas são inexistentes.)
Papus, obviamente, impressionou a corte do Czar da Rússia — que ele visitou em 1901,1903 e 1906, com o apoio do ministro dos Negócios Estrangeiros francês — com as ideias de Saint-Yves. Em consequência, vários aristocratas russos visitaram Saint-Yves, que vivia então em Versalhes.143

Depois da morte de Saint-Yves, a sinarquia desenvolveu-se em formas que não teriam necessariamente merecido a sua aprovação. No entanto, quando falharam as suas tentativas para estabelecer a sinarquia por meios evidentes, e ele desistiu em favor de outros interesses, os seus sucessores recorreram simplesmente à actuação furtiva. Excluída a revolução, sendo as ideologias elitistas muito inadequadas aos movimentos de massas,144 e com a crescente popularidade da democracia e o conceito de liberdade individual, tornou-se crescentemente fútil tentar persuadir as pessoas por meio de debates a aderir à ideia de uma hierarquia previamente estabelecida — especialmente porque, por definição, a maior parte das pessoas encontrar-se-ia nas ordens inferiores. Os sinarquistas, por conseguinte, recorreram à astúcia, tomando o poder a partir de
388
dentro, por infiltração. A sua única esperança de sucesso residia em tornar o controlo das instituições do governo fazendo com que os seus membros ocupassem os cargos-chave, e seguir depois as ordens secretas dos chefes da Ordem (ou talvez dos «poderes secretos»), impelindo o estado na direcção que lhes proporcionaria ainda maior controlo. A sinarquia acabou por ser um símbolo de «governo exercido por uma sociedade secreta» — não necessariamente o que o próprio Saint-Yves defendera.
A sinarquia é um sistema muito estranho que não tem verdadeiro lugar no familiar espectro político «esquerda-centro-direita». A sua crença fundamental na hierarquia e numa elite poderia vir a situar o seu espaço natural muito mais à direita, mas a convicção de cada parte da hierarquia social — as células do corpo — tem uma função importante, com a qual nem a elite está autorizada a interferir, reflecte, obviamente, princípios muito mais de esquerda, socialistas. (De facto, a contrapartida mais próxima da sinarquia é o nacional-socialismo- que é razão por que os sinarquistas dos anos 20 e 30 do século vinte se sentiam mais à vontade com os Nazis e os Fascistas italianos, tendo ambos influenciado, até certo ponto, a ideologia sinarquista. Apesar disso, basicamente, a sinarquia continua à margem das categorias políticas usuais.)
A sinarquia tornou-se a filosofia subjacente a muitas — se não a todas — as sociedades esotéricas e continuou a inspirar grupos como a Ordem Soberana do Templo Solar, que, sem hesitação, se declarou sinarquista.145
A conexão egípcia
Conhecemos primeiro a sinarquia através de uma investigação muito distinta de certas ideias responsáveis pela popularidade do «Egipto alternativo» dos anos 90. Em poucas palavras, essa investigação levou-nos ao «avô» da egiptologia alternativa, o filósofo e místico alsaciano R.A. Schwaller de Lubicz (1887-1961), cujas ideias sobre a re’igião do antigo Egipto, e particularmente a investigação que ele e a Sua ”lulher Isha realizaram, são a base de grande parte das histórias revisionistas mais recentes. Eles passaram os anos entre 1938 e 1952 a
studar e a medir o complexo de templos em Luxor, chegando a uma erpretação complicada do seu simbolismo, que Schwaller desen-
0 yeu nos três volumes da sua obra O Templo do Homem {Lê temple
389
de l’hommé), publicado em 1957, em que ele afirma que as maiores realizações da civilização do antigo Egipto, como a Grande Pirâmide e a Esfinge, são muitos milhares de anos mais antigas do que é convencionalmente suposto e que são os produtos da ciência de uma desaparecida civilização avançada — de onde mais poderia ser senão da Atlântida?146
O que nos intrigou foi que os modernos admiradores de Schwaller de Lubicz têm tendência a referi-lo como um «filósofo» ou um «matemático», raramente ou nunca mencionando o seu passado como uma figura importante do cenário ocultista parisiense

dos anos 10 e 20 do século vinte — ele também frequentava a Livraria da Arte Independente, com Debussy e Emma Calvé147 — ou, o que é mais importante, que ele era também um activista político: racista, anti-semita e de extrema-direita, para não dizer fascista (Saul Bellow chama-lhe um «proto-fascista»),148 cujas ideias tiveram uma influência significativa no Partido Nazi inicial. (Ele estava particularmente orgulhoso por ter desenhado o uniforme adoptado pelos «Camisas Castanhas» nazis.) Na verdade, grande parte da sua interpretação da história e da religião do antigo Egipto — citada tão pouco criteriosamente pelos seus modernos admiradores — foi inspirada pelas suas ideias políticas (e raciais) muito tempo antes de ele ter chegado ao Egipto.
Descobrimos que os ideais políticos, com tendências ocultistas, de Schwaller de Lubicz provieram directamente da sinarquia. A sua obra sobre o antigo Egipto foi inspirada por uma convicção de que ele era o exemplo perfeito de uma teocracia — essencialmente, um sinónimo de sinarquia — em acção. Não só ele pregava ideias sinarquistas, como alguma da sua reconstrução do mundo antigo, até mesmo as datas, provinha directamente de Saint-Yves.
Nascido em Asnières, na Alsácia (então na Alemanha) em 1887, René Schwaller — o seu nome na altura — partiu para Paris depois de ter tirado um curso de Farmácia, envolvendo-se no cenário esotérico, particularmente na Sociedade Teosófica. Em 1918, ele e Isha formararn o seu próprio grupo chamado Lês Veilleurs (Os Vigilantes), no seio dessa sociedade, e publicaram o seu jornal associado, Lê Veilleur. Mas ele rompeu com os teósofos porque estes desconfiavam das suas ambições de politizar as suas doutrinas, tornando Lês Veilleurs — cujos membr°s incluíam Camille Flammarion, antigo colega e amigo de Papus — num3 organização independente. Combinando ideias políticas e raciais com esoterismo, Lê Veilleur tinha como sua divisa uma nova distorção <J chamada às armas da República Francesa: «Hierarquia [em vez de «Igua dade!»] Fraternidade! Liberdade!»
O grupo Lês Veilleurs estava associado a grupos semelhantes na Alemanha, tendo as suas ideias exercido uma influência profunda no partido Nazi embrionário — particularmente sobre o representante do fuehrer, Rudolf Hess, que foi muitas vezes associado à sinarquia.149 Embora não haja nenhuma prova directa de que ele tivesse pertencido a um grupo ou sociedade especificamente sinarquista (embora, certamente, tivesse pertencido a organizações de tendências esotéricas, como a Sociedade Thule, com base em Munique), é certo que as suas ideias políticas acompanhavam as da ideologia sinarquista.
Um dos membros mais importantes de Lês Veilleurs era o aristocrata e poeta lituano Oscar Vladislav de Lubicz Milosz, que adoptara formalmente Schwaller como membro do seu clã em 1919, concedendo-lhe o título de «Chevalier de Lubicz». Como escrevem Pierre Montloin e Jean-Pierre Bayard em Os Rosacrucianos, ou a Conjura dos Sábios (1971): «O.V. de Lubicz Milosz foi um dos raros iniciados do princípio do século XX. Ele possuía o conhecimento dos sacerdotes-reis de Lusace, dos quais ele descendia, além de, pelo lado materno, descender dos cabalistas das terras do Báltico».150 (Por coincidência, Lusace — que agora se estende para os dois lados da fronteira da Alemanha e da República Checa — era a pátria original da Estrita Observância de von Hund.)
O recém-nobilitado Schwaller de Lubicz, aparentemente, dissolveu Lês Veilleurs em 1920, dando instruções aos seus membros para usarem o que tinham aprendido nas suas esferas de acção preferidas. Talvez mais do que ser dissolvida, a sociedade estava realmente a tornar-se secreta...
Pode também ser significativo que Schwaller de Lubicz tivesse arirrnado aos seus associados mais próximos que tivera acesso ao que um deles chamou, mais tarde, «uma

fonte mística... uma fonte secreta de conhecimento» ou «Aor» (o hebraico para «Luz»).151 O conceito da Uz mística Aor também está incluído nos escritos de Saint-Yves.
Hcámos muito surpreendidos por ter descoberto que Schwaller de
ubícz e a sinarquia nos tinham feito voltar aos mesmos grupos — in-
c uindo a Ordem Martinista e os Cavaleiros Beneficentes — que já
mharnos identificado como estando por trás do Priorado de Sião.
sim, ficámos perplexos ao descobrir que Jean Cocteau e Schwaller
Lubicz não só se correspondiam, como Cocteau o visitara em Luxor rante uma digressão pelo Egipto em 1949. Cocteau, claramente __ Pressionado, escreveu no seu diário: «Sou herético por nascimento
que me desculpem. Ajoelho perante a família Lubicz».152 Ele regista ”’” n a sua chegada a Luxor a 4 de Abril de 1949:
390
L
397
Devo avisar o leitor, se ele estiver interessado em me acompanhar, que estes três dias serão da maior importância para mim. O meu primeiro impulso, depois de ter registado a minha entrada no hotel, será prestar as minhas homenagens ao barão e baronesa de Lubicz, e informá-los de que estou em Luxor.153
Cocteau passou vários dias com os Lubiczs, que o acompanharam na visita ao Templo, expondo-lhe as suas teorias sobre o seu simbolismo. Impressionado pelos conhecimentos dos seus anfitriões, ele não se cansava de os elogiar.
Ficámos também surpreendidos por esta declaração encontrada no diário de Cocteau, sobre uma visita noctuma às pirâmides de Gize:
No céu está a Ursa Maior, com as extremidades apontando para cima. Que estranho local de paragem! Os Três Reis Magos levantaram a sua tenda, estendida desde a base até ao topo, com um lado na sombra e os outros três banhados pelo luar. Eles dormem enquanto o seu cão está de vigia. O seu cão de guarda é a Esfinge.154
Os «Três Reis Magos» é a designação francesa das três estrelas que nós conhecemos como o Cinturão de Orion... Houve uma grande sensação nos meios de comunicação social quando O Mistério de Orion, de Robert Bauval e Adrian Gilbert, foi publicado em 1994, demonstrando que as três pirâmides de Gize foram construídas especificamente para representar o Cinturão de Orion. Mas aqui temos Cocteau, em
1949, aparentemente considerando a conexão como verdadeira! E ele também descreve a Esfinge como um «cão de guarda», enquanto meio século depois, Robert Temple, na sua edição revista de O Mistério de Sirius, sugeriu que a Grande Esfinge de Gize era originariamente uma representação de Anúbis, o deus com cabeça de chacal. Presumivelmente, graças à influência de Schwaller de Lubicz, Cocteau estava notavelmente à frente do seu tempo.
O facto de que um artista parisiense conhecesse e admirasse Schwalkr de Lubicz não é assim tão estranho. Cocteau tinha interesses exóticos muito vastos, e as ideias de Schwaller sobre o significado da antig3 mitologia egípcia teriam exercido uma atracção irresistível. A sinarqui3’ no exacto sentido da palavra, pode não ter feito parte da agenda. Mas nos diários de Cocteau (os quais, como vimos, estavam destinados a serem publicados e, por conseguinte, foram revistos) há uma única — isolada, mas significativa — referência à obra de Saint-Yves de A»’
veydre. Em Março de 1953, lamentando a perda de alguns dos seus livros, incluindo uma obra de Jacques Weiss, de 1950, que recuperava as ideias de Saint-Yves, Cocteau declara que ele era: «O único documento importante sobre política».155 Obviamente,

ele não só estava familiarizado com a obra de Saint-Yves, como também a aprovava. Isto pode não ser suficiente para o identificar como um completo sinarquista, mas certamente que ele estaria no mesmo comprimento de onda. Seria por isso que o nome de Cocteau foi incluído na lista dos grão-mestres do Priorado? De facto, há outras conexões intrigantes entre o Priorado e a sinarquia...

O segredo da Alpha Galates

O aspecto mais surpreendente da Vaincre e da Ordem Alpha Galates era o apoio dado à ideia dos Estados Unidos da Europa, ou os Estados Unidos do Ocidente. O Priorado do pós-guerra continuou a insistir na importância do ideal europeu — de facto, é a única ideia que se manteve constante — e, evidentemente, os Estados Unidos da Europa estão também no cerne da ideologia sinarquista. Mas, em si, isso não significa necessariamente que a Alpha Galates fosse sinarquista — é muito possível acreditar no carácter desejável de uma Europa unida sem sermos smarquistas.

Contudo, não só os artigos da Vaincre sobre a Atlântida e o passado remoto provêm directamente da reconstrução histórica de Saint-Yves — por exemplo, «A Lenda de Ram», de Auguste Brisieux, na primeira edição — como Camille Savoire declara explicitamente que os membros da Alpha Galates são «firmes crentes na sinarquia... contrários à anarquia em todas as suas formas».156 Esta afirmação não teria constituído Uma surpresa. Já mostrámos que a origem da Alpha Galates — e da estrutura oca posterior que é o Priorado de Sião — remontam à rede de sociedades secretas e de ordens maçónicas «ocultistas» que acabam codas na sinarquia: sob a liderança de Papus, a Ordem Martinista foi ”ttpregnada com ideologia sinarquista; o Rito Escocês Rectificado — a nova designação da Estrita Observância — gozou de uma relação de Cruzamento de influências com a sinarquia, baseado no conceito de Çue os Templários originais foram os primeiros sinarquistas medievais,

d° o Rito a sua moderna encarnação.

^Jutro aspecto muito intrigante é a importância para a Alpha Galas da obra do filósofo (e Martinista) esotérico Paul Lê Cour — que é

repetidamente citado em Vaincre, embora não haja nenhuma sugestão de que ele tivesse sido membro da ordem.

Lê Cour era, certamente, um admirador de Saint-Yves, os seus livros incluem referências directas às obras do marquês, incorporando também Agartha, etc. Lê Cour introduziu também algumas inovações que inam tornar-se centrais para a tradição do Priorado, sendo uma das mais importantes o significado de Bourges, escrevendo numa obra de 1943: «No centro do Hexágono [de França] encontra-se Bourges, a misteriosa capital da França...»157 Outra citação da mesma obra associa vários temas:

No século 12, Bourges foi também influenciada pela tradição que ergueu a sua magnífica catedral.

Mas a França também possuía as catedrais de Paris, Chartres, Arniens e do Mont Samt-Michel na ilhota de Tamberlaine, evocadoras da tradição heleno-cristã.

Da qual nasceram as grandes Ordens joanistas dos Hospitalários e dos Templários.

O seu [da França] castelo real do Vai de Loire, datando da Renascença, estava cheio de símbolos do Cristianismo helenista. Para aqui veio, para se refugiar e morrer, um dos maiores génios do esoterismo cristão, Leonardo da Vmci.158

O Hiéron du Vai d’Or

Nos Dossiers Secretos, o Priorado de Sião associa-se indirectamente à estranha sociedade — ou culto — católica do Hiéron du Vai d’Or, fundado em Paray-le-Monial, em 1873, pelo barão Alexis Sarachagay Lobanoff e pelo jesuíta Victor Dernon. O

Priorado estabelece a ligação pela inclusão de uma única página do número da sua revista de 24 de Junho de 1926, extraída de um artigo que trata o simbolismo do Sagrado Coração, nos Ficheiros Secretos de Henrí Lobineau. Não há nenhum comentário nem explicação, mas a sua própria presença, presumivelmente, implica que o Priorado aprova a agenda do Hiéron du Vai d'Or.

O Hiéron era um estranho misto de Catolicismo tradicional e filosofias ocultistas, acreditando que tinha tido origem na Atlântida, o Cristianismo era a «tradição universal» tão ansiosamente procurada pelos esoteristas. Esta convicção poderia ter sido facilmente rejeitao3 como uma ideia estranha se não acontecesse que o barão de
ontasse dois Papas sucessivos, Pio IX e Leão XIII, entre os seus amigos essoais. Foi o Hiéron du Vai d'Or que assegurou a sanção de Pio IX para a iniciação da Festa de Cristo-Rei em Dezembro de 1925, que honra Jesus como senhor da criação.159

Jean-Luc Chaumeil descreve os seus objectivos como a criação de «uma teocracia aos olhos da qual as nações serão províncias, os seus governantes apenas procônsules ao serviço de um governo mundial secreto, formado por uma "elite". Para a Europa, este reinado do "Grande Rei" implica a dupla hegemonia do papado e do Império, do Vaticano e dos Habsburgos que são o seu braço direito».160 Os seus devotos aguardavam o Milénio em 2000, quando a «Segunda Vinda» traria o reinado de Jesus à terra. O grande segredo da sociedade era o nome sagrado e a «palavra de poder» «Aor-Agni» que em Hebraico significa «Luz-Fogo». Contudo, o projecto tornou-se inviável com o eclodir da Primeira Guerra Mundial e a morte de Saragacha em 1918, embora o Hiéron du Vai d'Or continuasse a existir com dificuldade até à sua dissolução em 1927.

Mas nos seus últimos anos, o Hiéron du Vai d'Or exerceu grande influência em Paul Lê Cour, que estava activamente envolvido com a organização desde 1932. Depois do declínio do Hiéron, Lê Cour fundou uma associação chamada simplesmente Atlantis (que ainda conta com cerca de 3000 membros, presentemente) para continuar a sua obra. Tal como ele influenciou a Ordem Alpha Galates, assim também o Hiéron a influenciou. (A única página dos textos escritos do Hiéron incluída nos Dossiers Secretos está datada de 24 de Junho de 1926, o dia em que Lê Cour fundou a «Atlantis».)161

Ainda mais intrigantemente, Paray-le-Monial parece ter sido escolhido Pelo Hiéron du Vai d'Or como a sua base, porque esse lugar era também o centro do culto católico do Sagrado Coração (Sacré Coeur).

Renascido como o símbolo do monarquismo moderno, o interesse 'mediato do movimento era a construção da basílica do Sacré-Coeur em Montmartre, iniciativa de Hubert Rohault de Fleury, da mesma família que Paul-Urbain de Fleury, de Rennes-les-Bains. E para fechar ° círculo de conexões, o maior contribuinte de fundos para o projecto toi o conde de Chambord.

Também pode ser significativo que duas das tias do general de
aulle fossem freiras no convento do Sagrado Coração, enquanto ele
Próprio foi educado pelos Jesuítas no Colégio do Sagrado Coração em
^toing, na Bélgica, e se manteve um católico devoto cuja religião,
êniricativamente, moldou a sua visão da França e do seu próprio

destino.162 Talvez o controlo do movimento do Sagrado Coração fosse considerado como um meio de influenciar os líderes políticos. (Evidentemente, seria muitíssimo convincente se Jesus ou a Virgem Maria — uma variante dos «mestres secretos» — dessem ordens a um devoto Presidente católico. Quem se atreveria a discuti-las?)

A ideia de um movimento católico devoto e extremamente convencional, trabalhando lado a lado com um grupo que associava o Cristianismo à Atlântida, poderia parecer absurdo, mas a associação ia mais longe do que a coincidência de terem as suas sedes na mesma cidade. Em 1921, o Sagrado Coração publicou uma revista chamada Regnabit, subintitulada de «A Revista Universal do Sagrado Coração», a criação de um Oblato de Maria Imaculada, chamado Félix Anizan, que tinha uma colaboração próxima não só com o centro do Sagrado Coração em Paray-le-Monial mas também com outro colaborador próximo em Regnabit: um irmão, membro da sua ordem, chamado Émile Hoffet...163

Apesar das suas ideias peculiares, o Hiéron du Vai d'Or explica um quadro que, de outro modo, seria fragmentado: especificamente, a filosofia esotérica subjacente à Ordem Alpha Galates, da qual Plantará era grão-mestre; a amizade — ou, no mínimo, o conhecimento — com o mentor de Plantard, Georges Monti, e o uso de Hoffet (sem nenhuma razão aparente) como o centro de articulação da história de Saunière construída nos Dossiers Secretos, obviamente escrita por alguém que estava familiarizado com a vida e carreira de Hoffet. Também é evidente que, apesar da sua orientação ostensivamente católica, o Hiéron era essencialmente sinarquista — como revela Chaumeil na síntese dos seus objectivos. A sinarquia e o Catolicismo não eram, de modo nenhum, inimigos: o próprio Saint-Yves era um católico comprometido — mesmo reconhecido pelo Papa — que adoptou muitas ideias aparentemente incongruentes sobre o passado remoto e as religiões orientais. De facto, o Hiéron du Vai d'Or complementa directamente e divulga a obra de Saint-Yves, trazendo-a para o campo prático.

Vários investigadores sugeriram que o Hiéron du Vai d'Or foi ° precursor directo do Opus Dei, os activistas católicos radicais tornados conhecidos por O Código Da Vinci, movimento que foi fundado em Espanha no ano seguinte ao desaparecimento do Hiéron. Algo surpreendentemente, o especialista em Rosacrucianismo, Jean-Pierre Bayard, inclui o Opus Dei entre as modernas organizações que «p°" deriam reivindicar pertencer [ao Rosacrucianismo] mas que, no en~ tanto, parecem não querer tirar vantagem disso.» Ele acrescenta: «Talve2 possamos encontrar uma associação [do Opus Dei] ao "Collège HIS'

torique du Hiéron du Vai d'Or", fundado cerca de 1890 em Paray.le-Monial e conhecido também pelo nome de "Société du Règne" ou íambém por "Société dês Pastes"»164 Seria possível que o Opus Dei acreditasse que era directamente influenciado por entidades invisíveis _ anjos ou santos, talvez mesmo o próprio Jesus?

Agora, chegámos a um quadro muito consistente e claro: a Alpha Galates era sinarquista, e o Priorado de Sião funciona como uma cobertura ou fachada para sociedades sinarquistas. Mas como é que isso explica as actividades da Alpha Galates durante a guerra — e as do futuro Priorado?

Embora disposta a associar-se à sinarquia, a Alpha Galates não anunciava publicamente a sua filiação. Para os que estão familiarizados com a obra de Saint-Yves, a inspiração de Vaincre é bastante evidente, mas a breve referência de Savoire à sinarquia é a sua única referência pública. A Ordem Alpha Galates parece ter minimizado, se não mesmo ocultado, as suas credenciais sinarquistas. Porquê?

Talvez a resposta se encontre numa análise da forma como a sinarquia se transformou no período entre as duas guerras — em algo muito suspeito e sinistro, na verdade.

L

CAPÍTULO 7

OS CAMALEÕES

Como a maior parte das ideologias, a sinarquia sofreu uma rees truturação e reorientação radicais depois das convulsões da Primeira Guerra mundial ter subvertido todas as antigas certezas — e mudado todas as regras.

Sem esperança de se estabelecerem abertamente, os sinarquistas adoptaram um novo plano eventual de «revolução invisível»: infiltrando membros nas posições-chave do governo — ou convertendo os detentores de altos cargos — possibilitando aos seus líderes tomar o controlo do poder, de qualquer das maneiras, sem serem notados. Logo que o cenário estivesse preparado para que os sinarquistas pudessem exercer o seu domínio crescentemente firme, a elite recém-«iluminada» avançaria com a revolução «a partir de cima».

Como ela opera pelo controlo a partir de dentro, a sinarquia pode funcionar no seio de qualquer sistema de governo, embora ela tenha tendência para preferir os regimes totalitários, que têm governos altamente centralizados e, portanto, menos instituições para controlar. Os sistemas democráticos — com tantas vozes que é preciso ouvir — introduzem um elemento de incerteza no planeamento a longo prazo. (Nas democracias, a melhor estratégia dos sinarquistas é exercer o controlo dos funcionários civis que se mantêm nas suas funções apesar das mudanças de governo, mas, evidentemente, isto limita a sua capacidade de influenciar a formulação da política.)

Como não têm quaisquer filiações políticas, os sinarquistas são essencialmente os perfeitos camaleões, sem quaisquer escrúpulos em adoptar qualquer disfarce, de democrata a fascista e de adepto da Ne Age a católico tradicionalista. Em muitos sentidos, a sua palavra ordem é oportunismo; converter as massas, ou mesmo impor-lhes sua ideologia, é relativamente pouco importante. .

As ambições mais amplas da sinarquia também mudaram radica

mente. Embora Saint-Yves pensasse essencialmente em termos da França primeiro e da Europa depois, os seus futuros seguidores — particularmente entre as duas guerras — tentaram impor «um governo mundial exercido por uma elite de iniciados» segundo «a lei de Deus para a organização da sociedade».1

Em seguida à morte de Papus houve uma cisão no seio da Ordem Martinista, em parte devido à importância da ideologia sinarquista. Alguns, concordando com Papus, consideravam que ela seria fundamental para a Ordem, enquanto outros não estavam convencidos de que a sinarquia fosse necessariamente sinónimo da filosofia de Saint-Martin. Durante um curto período de tempo, Charles Téder (também conhecido como Charles Détré) sucedeu a Papus como grão-mestre, tendo morrido em 1918. Depois, quando Jean Bricaud (1881-1934) era o grão-mestre, a Ordem deu o passo importante de rejeitar a sinarquia. Bricaud também completou o processo iniciado por Téder, de acordo com o qual a admissão de membros estava aberta apenas a maçónicos. As mulheres estavam excluídas. Os que não concordavam com estas reformas, especialmente com a rotura com a sinarquia, formaram a Ordem Martinista e Sinárquica (Ordre Martiniste et Synarchique) dissidente, em Janeiro de 1921, sob a chefia de Victor Blanchard (1878-1953), também conhecido como Paul Yesir — que era, de facto, presidente do Secretariado-Geral da Presidência da Câmara dos Deputados. A nova revista da Ordem tinha o título evocativo de O Véu de ísis(LeVoiled’lsis}2

É inteiramente possível que a divisão do martinismo em duas ordens, uma política e a outra não-política, não fosse tão acrimoniosa nem definitiva como foi descrito. Provavelmente, o cisma foi uma questão de percepção pública, proporcionando aos líderes um meio de rugir a uma situação perigosa se as actividades políticas tivessem um resultado contrário ao previsto. Aparentemente, Constant Chevillon, grao-mestre da

Ordem Martinista «não-política» desde 1934 até ao seu assassinato em 1944, era activo nos círculos sinarquistas.3 (O filho de apus, Philippe Encausse, renovou a Ordem original nos anos 50 e, Presumivelmente, manteve-se fiel à visão do seu pai.)
Em 1922, a Ordem Martinista e Sinarquista formou a mais obviaste política Comissão Sinarquista Central (Commité Synarchique entrai, ou CSC), uma comissão organizadora de grupos de estudo que avam recrutar uma elite de funcionários públicos jovens e ambiciosos.
930, a CSC adoptou o seu nome mais conhecido, Movimento Siquico do Império (Mouvement Synarchique d'Empire, ou MSE), e
399
começou a recrutar pelo método de cadeia — cada membro tendo apenas um contacto limitado com outros membros — também usado pela Ordem Martinista.4 Mais tarde, um membro da Comissão Central escreveu, anonimamente:
Os verdadeiros sinarquistas que conhecemos na altura e que estavam associados ao movimento internacional, não faziam parte, obviamente da Comissão; nem Jean Monnet, nem dementei, nem Alexandre Millerand, para citar três homens cuja qualidade de membros do movimento nunca esteve em dúvida para os verdadeiros iniciados. A CSC era composta especialmente por homens jovens, antigos politécnicos, jovens inspectores de finanças, membros mais jovens de grandes famílias de empresários, alunos talentosos dos Jesuítas. Foi desta maneira que [Yves] Bouthillier, que fora aprovado no exame para o cargo de inspector das Finanças em 1921, entrou para a Comissão e foi encarregado angariar adeptos (para membros) no Inspectorado; como acontecia frequentemente com membros dos Ministérios das Finanças que se sucediam, especialmente no período crucial de 1927-27.5
Aqui, os nomes importantes são Jean Monnet e Yves Bouthillier, dos quais voltaremos a falar.
(«Politécnico» refere-se ao campo de recrutamento favorito dos sinarquistas, a École Polytechnique, conhecida como «o X»; talvez seja significativo que um dos amigos mais íntimos de Papus — além de Emma Calvé, do famoso astrónomo Camille Flammarion e do vencedor ao prémio Nobel, o fisiologista Charles Richter — era o coronel Albert de Rochas [1837-1914], o seu antigo director de Estudos. Jean Contrucci, o biógrafo de Emma Calvé, escreve acerca dele: «[ele] experimentaria alguns problemas quando se tornou conhecido que se dedicava — fora das horas do curso — a experiências espíritas no sacrossanto recinto do X!»6 De Rochas investiu muito tempo e energia a investigar os mecanismos da comunicação e da mediunidade, investigação que Papus, sem dúvida, aprovou. Mas os interesses não convencionais de Rochas significaram que ele foi eventualmente forçado a demitir-se do seu cargo na École Polytechnique.]
Segundo um informador que pertencera ao grupo de estudos d° MSE que se reunia na Avenue de Coq, em Paris:
Por vezes, homens, todos eles ocupando um lugar importante na nisto da sinarquia, vinham a essas reuniões para assistir a uma sessão só
400
um assunto particular, recordo-me de Baudoin, o próprio Bouthillier, Albertini. E, um dia, o trio declarou que eu poderia conhecer um homem que me foi apresentado como um dos seus mentores, «com o qual eles fariam grandes coisas». Conduziram-me até ele com algum secretismo, e a conversa foi, a princípio, um diálogo, um pouco esotérico para mim, entre Lousteau e ele. Era o general Weygand, e isto aconteceu pouco tempo depois do 6 de Fevereiro [1934].7

Desde o eclodir da Segunda guerra Mundial até à rendição francesa em 1940, o general Maxime Weygand (l 867-1965), nascido belga — que era, incidentalmente, sobrinho-neto de Saint-Yves d'Alveydre pelo casamento8 — ocupou o cargo especialmente importante de Supremo Comando Aliado das forças francesas e britânicas. Foi Weygand quem pediu ao governo francês que chegasse a um acordo com Hitler. Depois da rendição, ele foi, durante pouco tempo, ministro da Defesa do Governo de Vichy, antes de se tornar chefe das forças francesas no Norte de África — embora mantivesse uma comunicação directa e clandestina com Churchill.9 Se fosse possível provar que ele era um sinarquista — embora uma prova conclusiva seja difícil de encontrar — isso seria verdadeiramente sensacional.
Foi sugerido que o MSE teve alguma influência na ascensão dos Fascismo em Itália, em 1922. (Certamente que, mais tarde, existiram fortes associações entre o regime de Mussolini e os grupos sinarquistas franceses.) No entanto, foi só nos anos 30 que a sinarquia emergiu como uma força política, embora clandestina, cçmo sempre. Os seus objectivos e doutrina foram expostos no notório documento conhecido como
0 Pacto Sinarquista.
Pacto com o Diabo
O «Pacto Revolucionário Sinarquista para o Império Francês», ou
* acto Sinarquista», a forma abreviada, era, explicitamente, o manifesto
° MSE. Como foi mantido rigorosamente secreto durante vários anos,
circunstâncias precisas que rodearam o seu início são desconhecidas,
s ele começa com este sinistro aviso:
Ioda a posse ilícita do presente documento está sujeita a sanções sem limites previsíveis, seja qual for o canal pelo qual ele foi recebido. Em tal caso, é melhor queimá-lo e nunca falar dele.10
401
Os primeiros exemplares conhecidos estão datados de Setembro de 1936, embora ele tivesse sido provavelmente concebido na sequência das sublevações de Fevereiro de 1934. No entanto, a sua existência não se tornaria conhecida antes de 1941, quando um exemplar foi encontrado entre os haveres de um homem de negócios que se suicidara durante a Ocupação, e, embora a existência do Pacto fizesse os títulos dos jornais nessa altura, ele não foi publicado de forma acessível antes de 1946.
Como um membro de um grupo de estudos do MSE reconheceu nas suas análises do texto,11 o Pacto era claramente colaboracionista, mas os únicos nomes específicos associados à sua autoria são o de um esoterista chamado Vivian Postei du Mas e o do homem de negócios Jean Coutrot, nomes que voltarão a aparecer nesta história.12
Em 13 «pontos fundamentais» e 597 «propostas», o manifesto expõe a ideia-base para a «revolução invisível ou «revolução a partir de cima». O objectivo final é a «sinarquia mundial», a ser instituída em cada país segundo o «eixo histórico» do país em questão; por outras palavras, diferentes métodos serão usados em diferentes países, dependendo dos seus sistemas particulares de governo. No entanto, o próprio Pacto foi especificamente elaborado para a França, porque é a missão da França conduzir o mundo para as glórias da sinarquia.
O Pacto é totalmente contrário ao parlamentarismo («essa miscelânea política saída da Constituição de 1875») da Terceira República porque ele era uma importação estrangeira, essencialmente inadequada à França. Como, em princípio, há uma forma correcta de governo para cada país e o seu povo, as interpretações individuais nunca funcionarão se forem transportadas para outro país. Relativamente ao ambiente político contemporâneo dos anos 30, o Pacto reconhece que «o Bolchevismo, actualmente,

convém aos povos euro-asiáticos, como o Fascismo convém ao povo italiano, o Nazismo ao povo alemão, o Parlamentarismo ao povo britânico.»
O Pacto continua: «Contra todas as formas relativas de anarquia, lutaremos sem piedade» — uma frase significativamente repetida na declaração da Alpha Galates, em Vaincre, de que, como sinarquistas, eles «são contrários a todas as formas de anarquia». (Embora mesm° essa ideia não seja ultrapassada pela capacidade camaleónica de muoar de cor política para promover a causa. Notavelmente, alguns dos grup°s sinarquistas actuais, orientados para os jovens, afirmam que são rea mente anarquistas!)13
Há nisto um grande paradoxo. O Pacto reivindica agir nos melhor6 interesses do «povo» — como, evidentemente, o fazem todos os regim
402
totalitários. A revolução é a favor dos povos, e o regime sinarquista será controlado por eles — mas pelo povo, «não pelas massas». Esta ideia algo confusa é clarificada pela proposta de que a todos os indivíduos será permitido participar no governo do estado até ao ponto em que a sua posição na sociedade os qualifique. Por outras palavras, é um tipo de democracia graduada: alguns, muito literalmente, são mais iguais do que outros. Por exemplo, embora o Pacto reconheça que «mesmo o mais fraco tem direitos» que têm que ser defendidos porque cada «direito» é contrabalançado por um «dever», todos os direitos são definidos pelo serviço que um indivíduo pode prestar à sociedade — «para os mais fracos, o direito relativo de prestar serviço, para os mais fortes, o direito absoluto a exercer um cargo». (Esta é uma modificação da ideia original de Saint-Yves, segundo o qual os membros das suas três assembleias propostas seriam eleitos pelo povo, mas de acordo com os princípios hierárquicos da sinarquia, a inclusão de eleitores seria muito limitada.) O historiador Richard F. Kuisel escreve: «O pacto do MSE descreveu este estado sinarquista como ”democrático” porque a elite servia o povo (embora não fosse controlada pelo povo) e a influência política de todos os interesses especiais seria suprimida».14 A sinarquia baseia-se na ideia de que há uma «hierarquia natural» em tudo — na família, nos meios profissionais e industriais, e a todos os níveis do estado, desde a comuna à nação.
O império que deu o nome ao MSE é definido como o «agrupamento orgânico das nações principais», das quais existiriam cinco: Euro-África, os países do Império Britânico, as Américas, as nações pan-euro-asiáticas (a então URSS), e as nações asiáticas. Mas todas elas estariam sob o controlo da Grande Sociedade das Nações — ou governo mundial. (Incidentalmente, muitos dos princípios do Pacto Sinarquista são utilizados pelo regime sinistro de 1984, de George Orwell. Como ele viveu em Paris nos anos 30, talvez Orwell tenha visto ou ouvido falar sobre o pacto.)
A participação está aberta a «todos os activistas de boa vontade, sem
distinção de origem, raça, sexo, religião, classe ou partido, que estejam
Preparados ou estejam preparar-se para serem nacionais do Império
rances, e que se comprometam com a «luta sinarquista revolucionária»
e defendam os «valores tradicionais» da França — um termo nebuloso
^Ue P°de significar tudo o que se queira que ele signifique. E, evidente-
er»te, o Pacto apoia uma União Federativa da Europa — ou «União
Ur°peia» («Union Européenne»), para abreviar.15
403
Compor e disseminar um pacto desta natureza era uma coisa, mas teria sido outra muito diferente que o MSE tivesse tido alguma probabilidade realista de realizar as suas ambições declaradas sob juramento. Mas, preocupantemente, a sinarquia conseguiu exercer real influência em França nos anos 30, através da sua associação com dois movimentos, um deles clandestino e misterioso, o outro um movimento conhecido...

Sob o capuz

O primeiro é a associação secreta da sinarquia com a rede terrorista de grupos de direita conhecida como a Cagoule, que mencionámos brevemente quando montámos o cenário para o jovem Plantard e a Alpha Galates.

Embora o nome algo artificial de «Cagoule» — «o Capuz» — tivesse sido realmente uma invenção da imprensa, a organização, em si, era bastante real e sórdida: uma coligação de grupos violentos de extrema-direita, anti-Frente Popular e anticomunistas. Muitas organizações semelhantes surgiram nessa altura, tanto no interior como no exterior do exército, mas foi a Cagoule que os unificou e coordenou. Os grupos principais eram o CSAR (Comité Secret d'Action Révolutionnaire — Comissão Secreta para a Acção Revolucionária), o OSARN (Organisation Secrère d'Action Révolutionnaire National — Organização Secreta para a Acção Revolucionária Nacional), a Spirale (uma rede da Cagoule no seio do exército, fundada em 1937 pelo Major Loustaunau-Lacau), a UCAD (Union dês Comités d'Action Défensive — União das Comissões para a Acção Defensiva criada e dirigida pelo general da Força Aérea, Arthur Duseigneur) e a União Militar Francesa (Union Militaire Française). A rede intitulava-se simplesmente a Organisation Marie, recebendo o nome de código do seu líder Eugène Deloncle, «Marie»16 (Os seus outros nomes de código eram «Mon Oncle» e «MaTante».)

Líder do CSAR e do OSARN, além de ser o controlador global da rede, Deloncle (l 890-1944) foi quem planeou e dirigiu a Cagoule Nascido em Brest, depois de ter estudado na influente École Polytéchnique e de ter servido como oficial de artilharia na Primeira Guerra Mundial sob o comando do general (depois marechal) Franchet d'Esperey, tornou-se engenheiro naval em Saint-Nazaire, na costa atlântica. Até 1934, ele não foi um adepto particularmente activo da Acção francesa, mas durante aquele ano fatídico, o facto de ser membro do seu grupo urbano, os Ca-

tnelots du Rói, inspirou-o a criar o seu próprio grupo clandestino para combater a esquerda.

No rescaldo da sublevação de 6 de Fevereiro de 1934, Deloncle e dois companheiros conspiradores fundaram uma comissão secreta (o seu Conselho Superior) para coordenar as várias organizações clandestinas de direita com objectivos comuns. Este esforço, que viria a dar origem à Cagoule, foi financiado pelo industrial Jacques Lemaigre-Dubreuil.17

Os dois confederados de Deloncle nesta iniciativa foram o Coronel Georges Groussard e o Dr. Henri Martin, um dos maiores conspiradores da França do século vinte, participante activo em todos os movimentos, desde a revolta de 6 de Fevereiro de 1934 até à OAS dos anos 60, e que também esteve implicado no regresso do general de Gaulle ao poder em 1958. Martin (1895-1969), que foi expulso da Acção francesa devido à sua violência, em 1930, foi o autor da criação da Cagoule, com o Coronel Groussard como chefe dos serviços de informações e elo de ligação com os grupos Cagoule civis e as células clandestinas no exército.

De facto, embora (tanto quanto podemos determinar) Pétain, pessoalmente, nunca tivesse sido membro de nenhuma das organizações militares da Cagoule, vigiava-as atentamente por intermédio do Major Loustaunau-Lacau. Segundo um ex-Cagoulard, o compreensivo Pétain esperava a sua hora — «aguardando sob o ulmeiro» («attendait sous l'orme») — esperando o momento em que o programa da Cagoule lhe oferecesse a oportunidade de tomar o,poder.18 (Esta fonte, explicitamente, compara a situação de Pétain nos anos 30 à do general de Gaulle antes de 1958 — ambos eram antigos líderes

do tempo da guerra, aguardando uma crise que lhes oferecesse o poder que precisavam para renovar a França segundo a visão pessoal de cada um deles.)
De facto, os bem informados comentadores Merry e Serde Bromberger, escrevendo em 1959, sem rodeios, descrevem a Cagoule como uma «sociedade secreta cujo desígnio era levar o Marechal Pétain ao poder».19 Foi isto também o que Henri Martin revelou ao escritor Stéphane quando se encontraram partilhando uma cela em 1942.20
Outro futuro líder que estava muito bem informado sobre a Cagoule era o general Henri-Honoré Giraud, o grande rival do general de Gaulle Pela liderança da França Livre durante a Segunda Guerra Mundial. [Como Giraud era o candidato a líder preferido de Roosevelt e de Gaulle era o preferido de Churchill, o compromisso proposto era a partilha do Poder, mas de Gaulle venceu-os estrategicamente, tendo conseguido
405
afastar Giraud.)21 O jornalista Pierre Péan escreve acerca de uma reunião na Lorena, no final de 1936, entre Giraud e os membros do seu grupo de oficiais, de um lado, os líderes da Cagoule Deloncle, Groussard e Duseigneur, do outro, para discutir os seus planos no caso de uma revolução comunista:
Ele [Giraud] estava evidentemente de acordo em colaborar com os membros do OSARN e desejou o maior êxito a Deloncle e a Duseigneur. Dois coronéis estavam presentes na reunião: um deles chamava-se Charles de Gaulle...22
Activo na rede Spirale e na CSAR, o Marechal Franchet d'Esperey (atingira esse posto em 1921) é descrito por Péan como «o protector quase oficial da Cagoule»,23 que estava em contacto directo com o «Conselho Superior» de Deloncle, Martin e Groussard. Como a primeira página do primeiro número de Vaincre, em Setembro de 1942, apresentava um aval de Franchet d'Esperey, no mínimo, a Cagoule mostrava algum interesse em Plantard e nos seus amigos íntimos.
Financiado por ricos industriais, incluindo membros da família Michelin, e por Eugène Segueller, o fundador de COréal,24 a Cagoule foi a força que desencadeou a queda da França. Como Joseph Désert refere no seu livro de 1946, Toda a Verdade na Questão da Cagoule (Toute Ia vérité sur 1'affaire de Ia Cagoule): «Os membros da Cagoule eram os mais activos agentes de Franco, Mussolini e de Hitler, em França».25 O notável jornalista americano William L. Shirer, correspondente em Paris durante os anos 30, descreve a Cagoule como:
... deliberadamente terrorista, recorrendo ao assassínio e ao bombismo, e o seu desígnio era derrubar a República e estabelecer um regime autoritário segundo o modelo do estado fascista de Mussolini, que lhes forneceu algumas das suas armas e a maior parte dos seus fundos, e em nome do qual assassinou dois importantes exilados antifascistas italianos...
Os exilados italianos Cario e Nello Rosselli foram assassinados pela Cagoule em Junho de 1937, a pedido do governo fascista italiano, (y movimento de Mussolini era considerado o grande modelo a seguir peia Cagoule, tal como o era o regime de Franco em Espanha, depois da Guerra Civil Espanhola de 1936-39, mas a Cagoule nunca idolatro o nazismo alemão da mesma forma.)
406
Outro dos seus notórios assassinatos políticos foi o do economista russo Dimitri Navachine — que se fixara em França, em 1927, e actuara como conselheiro de políticos como Charles Spinasse e Anatole de Monzie — no Bosque de Bolonha, em Janeiro de 1937
Em Setembro, as bombas da Cagoule explodiram nas sedes de duas organizações patronais em Paris. Na sua caça aos culpados — os anarquistas italianos foram os

suspeitos iniciais — a polícia prendeu três traficantes de armas, o que levou à descoberta de três esconderijos de espingardas, metralhadoras, munições e granadas, ilegalmente trazidas de Itália, em diferentes locais, em Paris. Houve uma série de prisões em várias partes do país, incluindo Deloncle (em cujos escritórios na Caísse Hypothécaire Maritime et Fluviale, a polícia encontrou uma lista incriminatória de 4000 membros, o general Duseigneur e o duque Pozzo di Borgo. Os escritórios de dois jornais foram assaltados, os do Courrier Royale, o jornal do conde de Paris, e o do La Libre Parole, dirigido por Henry Coston, o jornalista anti-semita e colaboracionista que tinha dado o seu aval a Vaincre. Por fim, um «verdadeiro arsenal» foi descoberto numa garagem no Boulevard de Picpus.

A Cagoule usava os túneis subterrâneos de Paris para as suas actividades — as suas reuniões realizavam-se por baixo do Falais du Luxembourg, o edifício do Senado — e na altura das prisões de 1937, tinha planos desenvolvidos para um golpe de estado. O objectivo do golpe de estado não era tomar o poder, mas precipitar uma crise que permitiria a Pétain e a outros oficiais do exército tomar o controlo da situação «no interesse da segurança pública».

No dia 23 de Novembro de 1937, o ministro do Interior, Max Dormoy, anunciou: «Os documentos apreendidos [no gabinete de Deloncle] estabelecem que os culpados tinham como desígnio substituir a forma republicana, que o nosso país escolheu livremente, por um regime ditatorial, antes de procederem à restauração da monarquia».27 Mais uma Vez, há uma agenda monárquica oculta em segundo plano, mas qual é a conexão exacta entre a Cagoule e a sinarquia?

Richard F. Kuisel escreve:

A Cagoule apresentava uma forte semelhança com o MSE. Ambos eram sociedades conspiratórias, embora a Cagoule diferisse no seu recurso à violência. Por muito estranho que pareça, embora a Cagoule fosse um arqui-inimigo da Maçonaria, ele imitava o ritual, o simbolismo, e os métodos de recrutamento maçónicos. O antigo líder da Cagoule, Eugène

407

Deloncle, comparou os seus processos de recrutamento ao «método de
cadeia» dos Ittuminati.2*

Como vimos, este método foi usado também pelo MSE e pela Ordem Martinista. Como William L. Shirer refere:

Que alguns sinarquistas tinham organizado já em 1922 uma sociedade secreta [o MSE] com objectivos revolucionários, já foi provado... Que, em certa altura, o MSE esteve associado à Cagoule terrorista, parece evidente.29

Embora negando que o MSE estivesse perto da revolução, Shirer, no entanto, declara que «os Sinarquistas deram uma contribuição considerável, embora subtil... para enfraquecer a República».30

Um relatório secreto sobre os acontecimentos de 1937, citado por J.-R. Tournoux em Secret History (LHistoire secrète, 1962), associou o CSAR/Cagoule com o MSE: «Em 1937, os filiados do Movimento Sinárquico eram numerosos e já estavam colocados no seio, e na chefia, dos principais organismos do estado. Mas o CSAR falhou a sua tentativa de insurreição (prisão de Deloncle em 25 de Outubro de 1937).31

Nem todos os membros das organizações quer civis, quer militares sob a protecção da Cagoule eram sinarquistas ideológicos com tendências ocultistas — talvez muitos nunca tivessem ouvido falar de sinarquia — mas ela era certamente o ideal que motivava os seus lideres, como Eugène Deloncle. Um dos seus amigos mais íntimos entre os Cagoulards recorda o seu enigmático comentário: «Agora, tenho a certeza; existe um círculo, um grupo que controla interesses consideráveis, que parece ter os mesmos

objectivos que nós, relativamente ao Estado e à Europa. É uma sociedade de ideias e interesses muito secretos. Estou a tentar encontrar um momento oportuno. Quero saber quais são os objectivos dessas pessoas. Além disso, do ponto de vista financeiro, esta aliança poderia dar-nos um auxílio substancial». Algurn tempo depois, Deloncle fez-lhe uma declaração importante: «Consegui. Agora, tenho um contacto».32

No seu livro de 1970, A Cagoule: 30 Anos de Conjuras (La Cagoule:
30 ans de complots), Phlippe Bourdrel escreve: «Eugène Deloncle, esse apreciador do esoterismo, encontrou inspiração no estudo das sociedades secretas.» Embora Deloncle detestasse o comunismo, os judeus e os maçónicos, paradoxalmente, como explica Bourdrel: «Os detes-

tados maçónicos eram, todavia, objectos de admiração e interesse. Não era proibido imitá-los ao tentar destruí-los».33

Embora Deloncle pareça ter sido um sinarquista ideológico, se os seus companheiros fundadores da rede da Cagoule igualavam ou não o seu entusiasmo, permanece uma questão em aberto. (A paixão ardente de Martin pelas conspirações torna difícil saber em que acreditava ele realmente, nessa altura, pelo menos.)

Deloncle tinha outra associação muito intrigante. O seu envolvimento com a Cagoule começou quando ele era engenheiro naval em Saint-Nazaire, e segundo o investigador francês Roger-René Dagobert (citado em Web ofGold, de Patton e Mackness), colaborando com ele, encontrava-se um certo François Plantard — primo de Pierre Plantard.34 Coincidência? Talvez, mas como veremos, as conexões entre estas e outras influentes famílias Cagoulards são muito mais vastas.

O veneno alastra

A sinarquia causava impacte noutra esfera da vida francesa dos anos
30: os movimentos juvenis, especialmente os que eram inspirados por Vivian Postei du Mas — identificado como um dos autores do Pacto Sinárquico — e Jeanne Canudo. Segundo Jean-Pierre Monteils, ambos foram responsáveis pela «fundação» do MSE em 1930 — referindo-se, talvez, à reorganização do movimento com esse nome.35

Viúva de um escritor italiano, Canudo (com o nome iniciático de Kyria) foi descrita pelo editor Maurice Girodias como «o cérebro ocultista responsável pelos partidos radical e socialista, uma aventureira militante da Maçonaria feminina e da causa das mulheres, em geral».36 Ela conhecera Postei du Mas nos anos 20, na Fraternidade dos Polaires (Polaires), que, perto do seu fim, era uma organização importante nos círculos esotéricos, principalmente devido à busca do Santo Graal que empreendera à volta de Montségur no princípio dos anos 30, associada ao «Indiana Jones» nazi, Otto Rahn. (Embora seja uma história indubitavelmente fascinante, infelizmente, está fora do âmbito deste livro.)

Fundada pelo italiano Cesare Accomani (que se intitulava Zam Bhotiva), a organização dos Polares, conservadora e ocultista, orgulhava-se de contar com membros influentes, como o poeta Maurice Maigre, e durante algum tempo, René Guénon. Eles seguiam a orientação sinarQuista ao atribuir o verdadeiro controlo do grupo a uma fonte espiritual charnada «Oráculo». E o que é mais significativo, o grão-mestre dos

Polares foi, em certa altura, Victor Blanchard, fundador e líder da Ordem Martinista e Sinárquica.37 Por outras palavras, os Polares eram outra organização usada pela, ou uma fachada da, sinarquia.

Canudo e Postei du Mas abandonaram os Polares em 1930 para formar o Grupo dos Vigilantes («groupe dês Veilleurs»), cuja sede era um grande e luxuoso apartamento no Boulevard Saint-Germain, em Paris. A semelhança do nome com o da organização de

Schwaller de Lubicz de há dez anos não era coincidência — Postei du Mas fora realmente membro da organização de Schwaller.38

Apesar da predilecção de Postei du Mas por ornamentos pseudo-místicos, ele tinha alguma verdadeira influência. Girodias escreve:

A seus pés, vi homens de ciência, directores de empresas e banqueiros, que absorviam as suas palavras com a mesma expressão de êxtase — inscrita em máscaras que, todavia, expressavam desconfiança e cepticismo — que poderíamos encontrar nos rostos frescos e ingénuos de membros juvenis do ashram.39

Postei du Mas e Canudo adoptaram os objectivos políticos de Saint-Yves, tanto para a França como para a Europa; ela começou em 1933, ao fundar a revista Terre d'Europe, subintitulada «Revista dos Construtores da Europa Unida», e formando a «Equipa Europeia» («Equipe Européenne»), para produzir á revista e criar uma rede de várias outras organizações pró-europeias. Um notável investigador da sinarquia, Raoul Hussan, refere que «a maior parte [dos nomes na lista da Equipa] encontrava-se, depois de Julho de 1940, nos corredores do poder em Vichy, ou nos círculos colaboracionistas de Paris.»40

Jeanne Canudo fundou um dos mais importantes movimentos juvenis na sequência da violência urbana de 6 de Fevereiro de 1934, os Estados Gerais da Juventude (États Généraux de Ia Jeunesse). Três anos depois, este movimento transformou-se nos Estados Gerais da Juventude Europeia (États Généraux de Ia Jeunesse Européenne], visando mobilizar a juventude europeia em apoio de uns Estados Unidos da Europa. Claramente, uma das principais tácticas sinarquistas era pr°" pagar os seus ideais à nova geração. A primeira conferência dos Estado Gerais ocorreu em 21 de Setembro de 1937, com um discurso d subsecretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, François Tessan. Canudo recebeu dinheiro do governo francês para financiai" congresso da juventude. Por fim, evidentemente, o movimento d

410

fez-se quando eclodiu a guerra, dois anos depois, perante uma tentativa muito diferente de unificação da Europa.)41

Certamente que o projecto de Canudo implicou alguns nomes notáveis no pan-europeísmo, como Anatole de Monzie, antigo ministro da Educação, e Gaston Riou, descrito por Olivier Dard como o «profeta lírico da união europeia»,42 autor de Europa, Minha Pátria [Europe ma patrie, 1928) e Unir-se ou Morrer (S'unir ou mourir, 1919), que também foi activo na Liga para uns estados Unidos da Europa, fundada em 1934.

Significativamente, em 1936, Postei du Mas explicou a ideia de Kyria quanto aos Estados Gerais da Juventude Europeia, tal como foi relatada por Maurice Girodias:

Apenas os jovens da Europa têm a capacidade para realizar esta tarefa, unificar o continente. A primeira tarefa a realizar é estabelecer um equilíbrio construtivo no mundo. Esta tarefa é empreendida por nós sob a orientação de Kyria, com o apoio de forças superiores. Kyria tem garantida a necessána ajuda política; em França, Justin Godard no Senado, na Câmara, Gaston Riou, Anatole de Monzie no governo, Émile Roche no Conselho Económico — os homens que têm o verdadeiro poder. No estrangeiro, temos Keyserling, evidentemente, mas acima de tudo, Coudenhove-Kalergi, e, por trás dele, vários estadistas e diplomatas simpatizantes ou jovens economistas influentes, como Jean Monnet. Mas compete à juventude dar vida a esta ideia. Compete-lhes fundar a nova democracia internacional, a Europa Unida.43

Justin Godard (1871-1956), acima referido, foi uma das personalidades activas no Partido Socialista Radical e Presidente do Senado, que manteve relações próximas com Canudo durante muito tempo.44

Mas o nome mais importante é o conde Richard Coudenhove-Kalergi (1894-1972), um austríaco filho de mãe japonesa, que em
1922 (o mesmo ano da fundação do MSE) lançou a ideia da pan-Europa na Alemanha e na Áustria. Dois anos depois, fundou a organi?ação Pan-Europa, juntamente com a revista do mesmo nome. O Primeiro verdadeiro promotor do «projecto» europeu, Coudenhove ^alergi é considerado por outro grande promotor do ideal europeu, j^tto von Habsburgo, como um «guia e uma profeta».45 Jean Robin não ^çsita em descrever o conde, sem rodeios, como "um sinarquista" de "-Q grau».46 Encontrá-lo a apoiar o programa de Postei du Mas e de anudo é muito surpreendente.
411
Contudo, além de recomendar a união da Europa por razões práticas e geopolíticas, Coudenhove-Kalergi pode também ter sido motivado por interesses mais esotéricos. Por exemplo, ele era um crente nas profecias de Nostradamus, escrevendo no seu livro de 1953, Uma Ideia Conquista o Mundo (An Idea Conquers the World) (para o qual, incidentalmente, Winston Churchill escreveu o prefácio):
... somos meros fantoches nas mãos de Deus... uma espécie de microfilme da toda a nossa vida, desde o principio até ao fim, está depositado nos arquivos de Deus e... raros eleitos, como Nostradamus, possuem o dom de olhar através do espesso véu do futuro e vislumbrar a forma da coisas que hão-de vir.47
Outro importante associado de Postei du Mas e de Canudo era Jean Monnet (1888-1979), nessa altura, um promissor economista — o protegido do grande estadista Georges Clemenceau — que talvez não fosse particularmente conhecido então, mas que depressa se tornou internacionalmente famoso, embora tivesse preferido exercer a sua considerável influência nos bastidores. Como a guerra se anunciava em
1939, ele chefiou uma delegação enviada aos Estados Unidos para negociar a compra de aviões americanos para o programa de rearmamento de emergência da França, e durante o conflito, esteve encarregado de adquirir o fornecimento de armas e equipamento para a França Livre. Foi também o promotor da muito improvável — para a opinião moderna — proposta da união da Inglaterra e da França em Junho de
1940, uma ideia desesperada para manter a continuação da guerra depois do colapso da França. Depois da guerra, o entusiasmo de Monnet valeu-lhe o título de «Pai do Mercado Comum».48
Algumas destas pessoas apoiavam o movimento juvenil de Canudo porque já estavam comprometidos com o ideal da união europeia ou, como era chamado então, pan-europeísmo. Mas outros, como Monnet, foram realmente convencidos pela iniciativa de Jeanne Canudo. Este é um caso espantoso: uma das mais influentes organizações da Europa Unida anterior à guerra, da qual iriam emergir alguns protagonistas verdadeiramente importantes — que, literalmente, definiram o futuro da Europa — era, na realidade, uma criação ocultista e sinarquista.
Devido ao secretismo com que Canudo e Postei du Mas se rodeavam, e as tentativas do pós-guerra para esconder a conspiração sina quista, a informação em primeira mão é muito difícil de encontr Contudo, uma fonte — à primeira vista, algo inverosímil — é a au biografia do célebre editor de obras eróticas, Maurice Girodias.
412
Girodias (1919-90) era filho de Jack Kahane, nascido em Manchester, fundador da Obelisk Press em Paris, que descobriu celebridades muito populares, como Henry Miller, Anais Nin e Lawrence Durrell, entre as duas guerras. Quando o seu pai morreu, Maurice Girodias tornou-se editor aos vinte anos — durante a ocupação alemã — especializando-se em livros que horrorizavam a maior parte dos outros editores. Ao

longo dos anos, os seus sucessos, altamente polémicos, incluem Zorba, o Grego, Lolita e A História d'O, além das obras de Samuel Beckett.
Na sua adolescência, Girodias foi atraído para o mundo de Postei du Mas e de Canudo, mas foi através de um tio teósofo que ele se interessou por questões esotéricas, aderindo à Sociedade Teosófica em Paris. Cerca de 1935, quando tinha dezasseis anos, assistiu a conferências do filósofo religioso Krishnamurti, acompanhado dos seus amigos Claude e Édouard Delamere, e ficou surpreendido por ver na assistência «um grupo de pessoas vestidas como cavaleiros templários, uma espécie de legião mística, com capas vermelhas compridas e botas de montar». Girodias continua:
Édouard falou-me deles: são teósofos cismáticos com ambições políticas, e estão associados ao conde Coudenhove-Kalergi, um diplomata austríaco, filho de mãe japonesa, que é um defensor dos Estados Unidos da Europa. Eram, dizia-se, filiados numa tradição que remonta ao conde de Saint-Germain; o seu movimento chama-se os Pionniers Européeens [Pioneiros Europeus], o que explica os seus estranhos uniformes. O seu objectivo é lançar um partido político pan-europeu e instituir no mundo inteiro, a começar pela Europa, uma sociedade obediente a um ideal espiritualista.49
Os líderes deste grupo, soube Girodias, eram Postei du Mas e Canudo, cujo quartel-general se situava na Rue Serpente, embora a maior Parte da actividade se desenvolvesse no grande apartamento do Bouevard Saint-Germain, a curta distância.
Como Girodias se mostrasse cada vez mais interessado, Édouard
elarnere encontrou maneira de ele assistir a uma dessas reuniões.
Pressionado por Postei du Mas e as suas ideias, Girodias participou
s actividades esotéricas e políticas do grupo, aderindo à sua loja
eta «Rahulla,» além de colaborar com o grupo de Canudo, a União
ovens Cooperadores (Union dês Jeunes Coopérateurs), que
e em operava a partir da Rue Serpente. Girodias confessa que se
Veu não só devido aos elevados ideais espirituais e políticos, mas

também porque veio a conhecer os seus membros femininos, particularmente a jovem Laurette, a «pitonisa» ou médium do grupo, que comunicava com poderes sobrenaturais enquanto estava em transe. Girodias casaria com ela dez anos mais tarde, depois de o domínio de Postei du Mas sobre ela — particularmente a sua ordem de celibato perpétuo — se ter desvanecido.
(Mais uma vez, há aquela perturbante e, para a maior parte das pessoas, inexplicável associação entre uma crença na intercessão de entidades invisíveis e a ambição política intransigente. Evidentemente, o que eles têm em comum é uma ânsia de poder, mesmo que isso signifique acreditar temporariamente e aproveitar o aparente potencial da esfera ocultista.)
É difícil saber se era Postei du Mas ou Canudo a verdadeira força impulsionadora, ou se era uma parceria genuinamente igualitária. Postei du Mas era uma figura solitária, semelhante a um guru que raramente, ou nunca, saía do apartamento do Boulevard Saint-Germain, onde ele se encontrava mais ou menos permanentemente acompanhado pelos seus jovens discípulos. Ele considerava a sua missão como uma preparação para a vinda de um Messias político, César reencarnado, comparando-se ele próprio ao tradicional percursor de Cristo, João Baptista.50 A sua ligação com o mundo exterior era a aparentemente obsidiante presença de Canudo, que Girodias descreve em termos particularmente grandiosos: «... Jeanne Canudo parecia mais um símbolo do que uma figura humana; ela tinha a beleza austera de uma alegoria, e não pude deixar de imaginar a sua imagem gravada nas moedas que a Federação Europeia faria cunhar, um dia.»51

Nas eleições presidenciais de 1936, eles apoiaram Justin Godard como «o nosso candidato», tendo mesmo consultado o que Girodias descreveu como «forças metafísicas» na loja Rahulla. Claramente, os espíritos não estavam na sua melhor forma: Godard perdeu e Albert Lebrun foi reeleito.52 Pela sua experiência pessoal, Girodias confirma que Postei du Mas redigiu o pacto sinarquista (ou, no mínimo, teve uma grande influência nele).53 O próprio Girodias foi iniciado numa Ordem Sinarquista — mas sobretudo por causa de Laurette. Mas ele foi bastante sério ao registar a explicação de Postei du Mas sobre a sinarquia:

Imaginem a anatomia da anarquia... A sinarquia é o governo em comum/ cada um participando em decisões de interesse colectivo segundo as suas capacidades e papel. A democracia está exausta devido às suas luta

inúteis — na verdade, vimos a prova hoje — pela boa razão de que mesmo o princípio da representação parlamentar é uma ilusão, um falso sistema, uma simplificação inaplicável à diversidade das situações humanas.

E, com era de esperar, a sinarquia tinha uma dimensão esotérica:

A sinarquia realiza os desejos da tradição esotérica, transmitida pelos rosacrucianos, pelos grandes iluminados, sem esquecer o conde de Saint-Germain, [e] Saint-Yves d'Alveydre...M

Postei du Mas declarou que a sinarquia dividiria a população em quatro ordens, baseadas no sistemas de castas hindu: filósofos, artistas, pensadores e educadores no topo; depois, os administradores; em seguida, os comerciantes e industriais — e, por fim, os trabalhadores. Cada ordem seria organizada hierarquicamente.

Evidentemente, todos estes planos, tanto para a sinarquia, em geral, como para os movimentos juvenis, em particular, foram interrompidos, primeiro, pelo acumular das ameaças de guerra, depois pelo eclodir da própria guerra e, finalmente, pela ocupação alemã, embora, quase invariavelmente, houvesse uma típica manobra sinarquista de evitar uma clarificação de «partidos». Girodias relata que, depois de os Nazis terem invadido a França, «Vivian e Kyria fizeram saber que a sua primeira impressão das tropas da Ocupação não tinha sido muito desfavorável».55

Nessa altura, o eremita Postei du Mas afastou-se ainda mais do mundo, mudando-se para uma casa no campo, acompanhado por um grupo de discípulos e desinteressando-se dos acontecimentos do mundo exterior. Canudo, pelo contrário, continuou a ser activa e influente, lançando a sua própria editora, J.B.Janin, e ultrapassando com astúcia a escassez de papel que se fazia sentir durante a guerra, nas palavras de Laurette, «graças às suas amizades»56 — as quais, aparentemente, eram controversas e vastas; sabia-se que ela jantava em restaurantes caros com generais alemães. Girodias refere que para Canudo, durante a Ocupação, «a conspiração político-ocultista fora abandonada em favor do negócio.»57 Girodias — que cada vez os encontrava com menos frequência, agora que ele tinha a sua nova casa editora — registou um conversa com Laurette, nessa altura (a ênfase é sua):

Isto, muito naturalmente, levou-nos a falar do grupo. Rapidamente, ela informou-me de que se distanciara dele, sem dúvida por deixar de servir

como pitonisa a Vivian. Por outro lado, ela dedicava-se, sob a supervisão de Kyria, a tarefas muito mais seculares: tornara-se uma assistente pessoal na AFIP, uma agência noticiosa franco-alemã, que Kyria infiltrara quase completamente Por que razão? Um mistério! Mas a revelação mais surpreendente foi saber que Laurette trabalhava agora como espia. Era uma loucura'. Tentei dizer-lhe isso, sem me mostrar demasiado preocupado, mas ela não pareceu levar as minhas palavras completamente a sério. com

ela, nos cargos-chave, estavam outros filiados na sinarquia, Bernard Salaun, por exemplo, e a sua secretária Marie-Rose, e Darras de Perreti, que, nominalmente, era o director da agência., mas que, na realidade, não representava nada. No lado alemão, era o mesmo... ^
Também constava que o director alemão, que dava pelo nome sugestivo de Hermes, era antinazi, e que o seu subdirector trabalhava para os serviços de informações dos Estados Unidos.
Embora, como referimos, houvesse um certo grau de ideias comuns entre a sinarquia — ou a sua manifestação sob as duras realidades do período entre as guerras — e o nazismo, também havia limites às suas relações óptimas. O aspecto politicamente hiperactivo da sinarquia, personificado na Cagoule, preferia os regimes italiano e espanhol à Alemanha de Hitler como modelo. O principal obstáculo à plena cooperação com o nazismo era a sua ênfase exagerada no nacionalismo e superioridade alemães. Hitler, também, sonhava com uma Europa unida, mas uma Europa que fosse unida sob a suástica, com a Alemanha numa posição firme de comando, o que não era aceitável nem para os muitos fascistas franceses (embora alguns considerassem possível um eixo franco-alemão), nem para os sinarquistas. O nazismo era demasiado fechado e autoritário, recusando tolerar qualquer organização que promovesse a infiltração como uma estratégia para chegar ao poder. Os Nazis desconfiavam de tudo o que eles não tivessem possibilidade de controlar, encerrando sistematicamente todas as sociedades secretas logo que ocupavam os sucessivos países.
Assim, previsivelmente, durante a Ocupação, havia um certo nervosismo nas relações entre as autoridades alemãs e os sinarquistas. Os Alemães poderiam ter aprovado as actividades da Cagoule durante os anos 30, mas, no entanto, continuavam a vigiar os seus antigos bros. No lado sinarquista, a Ocupação e Vichy, inegavelmente, ti aumentado o controlo sinarquista da França — mas eles não tinha111 nenhum desejo de atrair demasiadas atenções sobre si próprios, efl quanto os alemães ainda estivessem em posição de superioridade.
O ambiente de precaução acaba por explicar as contradições da Vaincre de Plantard — fazendo publicidade a si própria enquanto minimizava a sua verdadeira filiação sinarquista; parecendo ser pró-alemã, mas tentando aliciar o povo francês para a sua causa. Os recentes investigadores do Priorado de Sião talvez tenham tendência para serem demasiado obcecados a tentar classificar a Alpha Galates e a Vaincre (e, portanto, Plantard) quer como pró-Pétain, quer como pró-de Gaulle — colaboracionista ou activamente antinazi. De facto, não só havia várias outras opções, como a Ordem, aparentemente, prosseguia a sua própria agenda, enquanto fazia os comentários certos por uma questão de conveniência. A verdade sobre a Alpha Galates é que ela era exactamente o que alegava ser: um movimento juvenil neo-cavaleiresco que se esforçava por criar uma Europa unida no mundo do pós-guerra, independentemente da forma que ela revestisse. Mas como todas as organizações sinarquistas, ela tinha de contemporizar com as suspeitas alemãs na zona ocupada, o que levou ao encerramento da Vaincre após algumas edições.
Outra razão para minimizar as credenciais sinarquistas da Vaincre foi o facto de ela ter sido lançada no final de 1942 — depois de a sinarquia ter adquirido uma terrível reputação por ter sido responsável por um grande escândalo ocorrido no Verão anterior, provocando reacções histéricas quanto a uma conspiração sinarquista para tomar o controlo do governo de Vichy...
O regresso dos Cagoulards
Depois da queda da França, e do advento de Vichy sob o comando do Marechal Pétain, os antigos Cagoulards prepararam um regresso. Como vimos, Pétain tivera

conhecimento das actividades da Cagoule, mantendo mesmo contacto com eles pelo seu ajudante-de-campo, Major Loustaunau-Lacau, esperando que eles o ajudassem a chegar ao Poder destabilizando a Terceira República, para que ele pudesse rerorrnar a França segundo a sua visão. (Mas estaria Pétain a usar a '-agoule, ou tinha a Cagoule — ou antes, os sinarquistas — elegido Pétain c°mo o seu representante?) Agora que a vitória nazi dera a Pétain o Poder que ele desejava, e com ele como Chefe do Estado Francês (a ~esignação oficial de Vichy), a sua Revolução Nacional estava a transactivamente a sua visão numa realidade. Como Simone de ir descreve essa época:
416
l
417
Todos mentiam: estes generais e outras celebridades que tinham sabotado a guerra porque preferiam Hitler à frente Popular, proclamavam agora que foi por causa do nosso «espírito frívolo» que tínhamos sido vencidos. Estas personagens ultrapatrióticas transformavam a derrota da França numa espécie de pedestal sobre o qual eles se poderiam erguer, para melhor insultar os Franceses... Aproveitaram a superioridade alemã para impor um programa realmente tirânico ao povo, algo que poderia ter sido imaginado por um grupo de antigos Cagoulards 59
Esta situação verificou-se porque — como agora veremos —Vichy era efectivamente composto por antigos Cagoulards!
O historiador John Hellman descreve a Cagoule como:
a organização secreta anterior à guerra cujos membros constituíam um núcleo interno de anticomunistas e anti-republicanos duros e ideologicamente comprometidos, activos nos centros do poder em Vichy. Em Julho de 1940, os Cagoulards mais influentes, tanto na zona ocupada como não ocupada, estavam bem colocados para planear a manipulação, controlo e orientação da França pétanista... Ex-ca.goula.rds ajudaram a criar uma superpolícia política, o Centro de Informação e de Estudos (CIE), para recolher informações e controlar os inimigos conhecidos da Revolução Nacional: Gaullistas, Comunistas, Maçónicos e Judeus.60
Antigos Cagoulards formavam a escolta de Pétain, vindo a transformar-se na estrutura da temível Milice Française («Milícia Francesa», geralmente conhecida simplesmente como a Milice), a «polícia política e unidade antimotim de Vichy"61 —basicamente, a Gestapo na versão francesa de Vichy. A Milícia passou de Service d'Ordre Légionnaire (SOL), criada em Dezembro de 1941 como «elite paramilitar,» a apoiante da Revolução Nacional. As doutrinas da SOL defendiam a ideia da «pureza racial» e da defesa e avanço da «civilização cristã». Foi descrita como «uma organização elitista apoiada em veteranos da Cagoule associados às conspirações dos partidos de direita dos anos 30». Em Janeiro de 1943, a SOL reencarnou como a Milice, a qual, em
1944, tinha cerca de 15.000 membros e controlava várias prefeituras, toda a polícia francesa, os meios de comunicação social, as prisões e o sistema judicial. (Cerca de 1500 milicianos foram fuzilados aquando da Libertação, mas muitos outros esconderam-se em mosteiros e conventos em França e no Canadá.)63
418
Talvez com algum significado, a insígnia da Milice era o signo astrológico de Aries, o Carneiro», supostamente porque — como o signo está em ascendente durante a primavera — ele simbolize a renovação e a força, mas, evidentemente, ele repete o trocadilho usado por Saint-Yves a propósito da palavra «Ram», o alegado grande herói sinarquista dos tempos antigos.
Embora nem todos os Cagoulards fossem sinarquistas como Deloncle, o primado dos Cagoulards em Vichy devia ter significado que os sinarquistas, também, estavam em

ascendente. De facto, os três membros originais do Conselho Superior da Cagoule tinham cargos importantes no regime de Vichy.
Em Março de 1939, Eugène Deloncle criou o partido pró-Pétain, o Movimento Social Revolucionário (Mouvement Social Révolutionnaire, ou MSR). Como seu secretário-geral, Deloncle declarou que o MS «sucedia, a nível visível, à organização secreta que eu fundei em
1936-1937». Ele explica as suas doutrinas dizendo que o MSR tinha:
escolhido esta nova Europa, a Europa nacional-socialista em movimento, que nada deterá. Será nacional, esta nova Europa, porque, na nova dimensão do grupo humano, a nação continua a ser a unidade básica, a célula elementar do novo mundo. A nação é a comunidade tutelar e protectora que assegura o livre desenvolvimento de, e dá a indicação do génio original a, um povo que nasceu do mesmo sangue, vive no mesmo solo, fala a mesma língua, [e] partilha do mesmo ideal. Será socialista esta Europa, porque o progresso da moderna tecnologia criou um total de riqueza, [e] a produção disciplinada permite ao mais humilde trabalhador participar largamente no bem-estar geral. Por fim, ela será racista, esta nova Europa, porque a anarquia económica e a divisão política apenas serviram os interesses de uma única casta: a dos Judeus, a dos banqueiros internacionais para quem a guerra é a sua principal fonte de lucros.64
com Déat, em Fevereiro de 1941, Deloncle também fundou o ”grupamento Nacional Popular (Rassemblement National Populaire, ou RNP), sendo o primeiro artigo importante da sua constituição o ’acto de que ela significava a colaboração franco-alemã, a defesa do império Francês, a «construção económica, política e espiritual da Europa» e o «desenvolvimento da África pela cooperação europeia» (isto é, Euro-África).65
419
Antigo ministro da Força Aérea, Mareei Déat (1894-1955) era um socialista que se tornou colaboracionista durante a Ocupação, editando o jornal LOeuvre. No momento da Libertação, refugiou-se num convento católico em Turim, onde viveu durante o resto da sua vida.66 (Deloncle, mais tarde, envolveu-se com ele numa luta pelo poder, em consequência da qual Deloncle foi expulso do RNP e, subsequentemente, do MSR.)
Deloncle voltou também aos seus antigos métodos da Cagoule. Max Dormoy, o ministro do Interior aquando da prisão de Deloncle em
1937, foi assassinado em Julho de 1941, e embora nunca tivesse sido provado, foi — e ainda é — largamente considerado que Deloncle tinha sido o responsável. Também se alegou que ele tivesse estado por trás da tentativa de assassinato de Déat e do líder de Vichy, Pierre Lavai, um mês depois. Em Outubro de 1941, com a aprovação das SS, ele e os seus colegas do MRS fizeram explodir sinagogas em Paris.
Os dois outros membros fundadores da rede da Cagoule, o Coronel Georges Groussard e o Dr. Henri Martin, envolveram-se na rede de serviços de informação de Vichy. Groussard tornou-se o chefe da polícia de segurança, os Grupos de Protecção (Groupes de Protection), enquanto Martin — que substituiu Groussard, mais tarde — foi encarregado da tarefa de vigiar e investigar os grupos políticos e os indivíduos «suspeitos» nas zonas de Vichy e nas zonas não ocupadas, o que viria a ter algumas consequências interessantes no que diz respeito à sinarquia.
Os Cagoulards do general de Gaulle
Como sempre, no entanto, devido à mistura de várias agendas muito diferentes, a história era muito mais complicada do que poderia parecer. Embora os antigos Cagoulards constituíssem a estrutura do regime de Vichy, eles eram também o suporte da França Livre do general de Gaulle. Este facto foi revelado no controverso livro De Gaulle Ditador (De Gaulle dictateur), em Outubro de 1945, por Henri de KerilHs,

antigo Deputado pelo Seine, que, como um dos mais conhecidos políticos antinazis nos anos que antecederam a guerra, considerou prudente deixar a França aquando da sua derrota, desempenhando um papel activo na causa da França Livre no outro lado do Atlântico, e fundando o jornal gaullista Pour Ia Victoire, em Nova Iorque.
Começando como um ardente admirador e apoiante do general de Gaulle, que ele conhecera antes da guerra, de Kerillis, mais tarde,
420
começou a ter dúvidas quanto aos métodos e ambições do general, acabando por romper com ele em Março de 1943. (Isto aconteceu porque, como muitas pessoas, de Kerillis não compreendeu a razão porque de Gaulle recusava partilhar o poder com o general Giraud, um compromisso óbvio que teria beneficiado muitas pessoas.) Numa das últimas cartas do seu filho — antes da sua captura e execução pelos Alemães em 1944 — ele descreveu o pai como «Gaullista antes de De Gaulle, com de Gaulle, e depois de De Gaulle».67 Por outras palavras, de Gaulle poderia ter mudado, mas o próprio Kerillis manteve-se fiel à visão original do general.
No seu livro, de Kerillis declara que de Gaulle caíra sob a influência de antigos Cagoulards: como Joana d'Are, ele «ouvira as vozes» que o chamavam ao seu destino, mas «Infelizmente... as vozes não eram as que foram ouvidas por Joana d'Are; elas eram — por estranho que pudesse parecer — as vozes da Cagoule».68 Também declarou que «a Cagoule existe, e nunca deixou de exercer uma forte pressão, coroada de êxito, sobre o general de Gaulle e o seu movimento».69
Outros antigos Cagoulards, como Loustaunau-Lacau — o antigo chefe da Spirale — faziam jogo duplo, trabalhando para o regime de Vichy, mas também passando informações a Londres, ou trabalhando para os serviços de informação da SOE e da França Livre.70
Uma das figuras influentes que de Kerillis identificou como um antigo Cagoulard foi Henri d'Astier de Ia Vigerie (1897-1952), um agente da França Livre.71 D'Astier era membro da «Comissão dos Cinco» — que incluía Jacques Lemaigre, o fundador original da Cagoule — que preparou os grupos da Resistência para apoiar as ifivasões da Operação Archote planeada pelos Aliados. Mas ele poderia ter estado a fazer um jogo duplo, assegurando que, qualquer que fosse o lado vencedor, ele próprio não perderia. Embora depois do sucesso da Operação Archote ele tivesse ficado responsável pela força policial argelina, as suas ambições eram muito mais vastas. Segundo o website oficial da Ordem da Libertação, ele queria que ao conde de Paris, pretendente ao trono francês, fosse atribuído o controlo do Norte de África francês, como um passo em direcção à restauração da monarquia depois da Libertação.72
A declaração de Kerillis é reforçada por outro escritor gaullista, René Gosset, que escreveu acerca de d'Astier em 1944: «Ele era um Cagoulard, anrrnação muitas vezes repetida, e ele não fazia segredo disso».73 Gosset descreve d'Astier como um conspirador natural, um político da direita que, não obstante, estava disposto a adoptar o curso de acção mais conveniente.
421
De facto, d'Astier foi o protegido do arqui-conspirador Henri Iy[ar. tin, fazendo parte do seu círculo de «discípulos» com a Acção francesa nos anos 30. Pierre Péan escreve que d'Astier «viu em Martin o novo "mestre", de que ele sentia falta, depois de ter rompido com Charles Maurras».
Henri d'Astier de Ia Vigerie era um dos três irmãos que tiveram influência na França Livre. O general François d'Astier de Ia Vigerie (1886-1956) era um membro importante do círculo do general de Gaulle, em Londres. Um herói da primeira Guerra Mundial, várias vezes condecorado, esteve activo, entre as duas guerras, em círculos

políticos conservadores, particularmente na Acção francesa. O irmão mais novo, Emmanuel D'Astier de Ia Vigerie (l 900-69], era um antigo oficial da marinha que se dedicou ao jornalismo no princípio dos anos
30. Depois de colaborar na Acção francesa, mudou completamente de política para abraçar o comunismo. Organizador da Resistência no sul de França, onde pertenceu ao círculo próximo de André Malreaux, colaborou com o famoso Jean Moulin, empreendendo viagens arriscadas a Londres e a Nova Iorque durante o ano de 1942. (Em fases posteriores da guerra, Emmanuel tornou-se Ministro do Interior, da França Livre e, depois da guerra, foi deputado.)
Como poderia haver Cagoulards em ambos os lados, na França Livre e em Vichy? De que lado estavam eles, realmente? Evidentemente, a resposta é simplesmente do seu próprio lado. Infiltrar e exercer influência em ambos os lados era uma maneira de assegurar que estariam na melhor posição para tomar o poder na França do pós-guerra, fosse qual fosse o resultado final. E, inevitavelmente, isto corresponde perfeitamente às tácticas sinarquistas (embora, evidentemente, não unicamente às tácticas sinarquistas — qualquer grupo interessado apenas no poder, acima da lealdade quer a Pétain, quer a de Gaulle, agiria da mesma maneira).
A situação complica-se devido à presença de um possível terceiro líder, o agora largamente esquecido general Giraud, um sério rival pe'a liderança da França Livre e, portanto, da França pós-Libertação, até que acabou por ser afastado por de Gaulle no final de 1943. (E durante um breve período, houve um quarto candidato, o Almirante Franç01 Darlan.) Há indicações de que Giraud era o favorito dos sinarquista5» na eventualidade de que Pétain fosse derrotado.
k conspiração
Embora ele fosse indiscutivelmente considerável, seria um erro gxagerar o grau de poder e de influência dos sinarquistas. Havia outras facções, outros interesses, outras agendas em jogo na França, durante os anos da guerra, e a sinarquia tinha que operar dentro das mesmas estruturas que os restantes. Havia limites distintos às suas possíveis realizações.
Embora o Marechal Pétain fosse o Chefe de Estado e Presidente do Conselho de Ministros, cargos que lhe conferiam autoridade global sobre a França controlada por Vichy, o regime não era exactamente uma ditadura. Como a função de primeiro-ministro — isto é, chefe do governo — era inerente ao cargo de vice-presidente do Conselho (mais tarde, com o novo nome de chefe do governo), os anos do regime de Vichy assistiram a uma luta de poder entre o almirante Darlan e Pierre Lavai por este cargo. Embora ambos apoiassem a política de colaboracionismo (não teriam chegado onde chegaram se não tivessem sido colaboracionistas), eles tinham agendas muito diferentes relativamente à forma como essa política poderia ser orientada a favor da França (ou a seu próprio favor).
Lavai (1883-1945), que começou como socialista, mas que se foi aproximando gradualmente do partido conservador ao longo dos anos, cumprira três mandatos como primeiro-ministro nos anos 30. Durante esse tempo, ele considerou que a França deveria apoiar a Itália de Mussolini, especificamente para limitar â força da Alemanha nazi na Europa.75 Depois da rendição francesa, a nova constituição que deu o poder a Pétain foi iniciativa de Lavai. (Originalmente, ele foi referido como sucessor de Pétain, no caso de morte ou incapacidade do marechal.) Lavai considerava que a colaboração com a Alemanha era necessaria para obter concessões para a França: era uma questão de oportunidade, não de opção. Mas em Dezembro de 1940, uma «revolução Palaciana» viu-o sob prisão domiciliária; ele tentara usurpar Pétain, Portanto, uma contra-revolução, dirigida por Darlan e pelo ministro das panças, Yves Boutillier, expulsou

Lavai primeiro, e Darlan tornou-se here do governo. (Foi outro ex-Cagoulard, François Méténier, quem Prendeu Lavai por ordem de Pétain.) No entanto, em Abril de 1942, aval voltou ao poder, onde se manteve até à Libertação, quando tudo a °u para ele. Foi julgado e executado por um pelotão de fuzilamento em Julho de 1945.
422
l
423
O almirante Darlan (l 881 -1942) era muito mais motivado pela sua ambição pessoal, como demonstrou a sua mudança de partido político. Era ainda um maior entusiasta da colaboração com a Alemanha, ao contrário de Lavai, não por oportunismo, mas por princípio, acreditando que, como Hitler certamente iria ganhar a guerra, o futuro da França encontrava-se numa estreita colaboração com a Alemanha. Darlan chegou a considerar que a França ajudasse militarmente a Alemanha, o que Pétain e Lavai tentaram desesperadamente evitar. Depois da perda de influência de Lavai, Darlan continuou a acumular mais poder, tornando-se finalmente vice-presidente do Conselho (isto é, primeiro-ministro). Depois de destituído por Lavai em Abril de 1942, começou a fazer propostas aos Aliados, esperando regressar ao poder ao ser-lhe confiado o controlo do Norte de África francês quando expulsassem os Nazis, o que o colocaria em boa posição para chegar à liderança de toda a França quando o país fosse libertado. Darlan estava em Argel quando ocorreram os desembarques da Operação Archote, devido a uma iniciativa dos Americanos que aterrorizou tanto os Britânicos como a França Livre — embora não por muito tempo; foi assassinado na véspera de Natal de 1942 por um jovem membro da Resistência, numa conspiração maquinada pelos dois irmãos d'Astier de Ia Vigerie e, provavelmente, com o apoio do SOE e da França Livre. (O envolvimento destas organizações que ser mantido secreto para evitar perturbar as relações com os Aliados americanos.)76
Significativamente, no seu livro de 1965, O Assassínio do Almirante Darlan (The Murderof Admirai Darlan), PeterTompkins — que participou na Operação Archote como membro dos serviços de informação e psicológicos — associa directamente o assassinato de Darlan com a conspiração sinarquista. Tompkins argumenta que Darlan era a opção original dos sinarquistas como líder da França, o qual eles poderiam controlar, mas como isso não teria sido aceitável para todos os Aliados, eles usaram antes toda a sua influência em apoio ao general de GaulleA morte de Darlan abriu o caminho não só para que Giraud tomasse o comando do Norte de África francês, mas também para que o conde de Paris assumisse um cargo de autoridade. (Na realidade, de Gaulle conseguiu ultrapassar ambos.) O papel dos irmãos d'Astier de Ia Vigerie na conspiração reforça o argumento de Tompkins. (Curiosamente, Jean Cocteau era parente por afinidade tanto de Darlan como do seu assassino Fernand Bonnier de Ia Chapelle — a esposa de Darlan era prima de Cocteau, e a irmã de Cocteau era a Condessa de Ia Chapelle.)77
424
Lavai e Darlan tinham as suas próprias facções de apoiantes e financiadores. A «claque» de Darlan, em particular, era composta por uma nova casta de industriais e homens de negócios, os tecnocratas — na sua maioria, homens de quarenta e tal anos que tentavam aplicar a administração e as técnicas de produção modernas à indústria e à economia francesas, mas que tinham grande necessidade de autoridade política para realizar as necessárias reformas. Como observa o historiador americano Bertram M. Gordon acerca de Jean Berthelot, ministro das Comunicações no regime de Vichy: [ele] era típico dos tecnocratas de Vichy, que eram capazes de se adaptar à colaboração e às circunstâncias da Ocupação com a finalidade de ver realizados os seus projectos para o

desenvolvimento da França».78 Entretanto, na Paris Ocupada — tecnicamente, sob domínio de Vichy mas, na prática, sob controlo alemão — o apoio dividia-se entre Lavai e Darlan.
«A confusão dos espíritos»
Esse antro de facciosismo latente criou o ambiente de instabilidade para o maior escândalo do verão de 1941 — a denúncia de uma aparente conspiração sinarquista para tomar o controlo de Vichy, o momento em que a palavra sinarquia entrou verdadeiramente no vocabulário político francês. O economista de Vichy, Pierre Nicole, captou este ambiente de intriga e de suspeição no seu diário:
3 de Junho de 1941: Falam, em segredo, de uma organização secreta (sinarquia) que reúne os politécnicos. À frente deste grupo encontram-se Bouthillier e Berthelot, além de um importante número de altos funcionários [dos Ministérios] das Finanças e das Obras Públicas.79
14 de Julho de 1941: Durante o dia, por diferentes fontes, soube que a Sinarquia será revelada e tornada pública. Esta revelação causará grandes dificuldades aos seus membros. Depois do inquérito conduzido pela comitiva do Marechal, dizem que cento e quarenta pessoas serão presas. Há agora, definitivamente, uma acusação contra Bouthillier.80
12 de Agosto: O Movimento Sinárquico, que alguns não tomaram a sério, é um verdadeiro caso de intrigas e conspirações. Uma greve deveria ter sido tentada dentro de alguns dias, mas foi evitada. De Limoges, enviam-me a seguinte notícia: no Sábado, 30 de Julho, a pre-
425
feitura prepara-se para se precaver contra quaisquer eventualidade revolucionárias. Os mesmos factos acontecem em diferentes prefei turas, em particular Annecy, onde às 2 horas da manhã foi dado o alarme à policia e aos legionários. Todos estes boatos são inquietantes e aumentam a confusão dos espíritos.81
Yves Bouthillier (1901-77) foi ministro das Finanças no Gabinete de Guerra de 1940 de Paul Reynaud, então ministro das Finanças e da Economia Nacional no Governo de Vichy desde 1940 até 1942. E como já vimos, Bouthillier estava envolvido com o MSE nos anos 20. O ministro das Comunicações de Vichy, Jean Berthelot (1897-1985), demitiu-se quando Lavai voltou ao poder em Abril de 1942 e foi feito prisioneiro durante dois anos, depois da Libertação — uma condenação invulgarmente severa para um membro do governo de Vichy.82
A agitação descrita por Nicolle foi a consequência da morte do empresário Jean Coutrot a 19 de Maio de 1941, devido a uma queda da janela do seu apartamento de Paris. Provavelmente, foi suicídio, embora a confusão e as contradições — segundo alguns relatos, ele foi encontrado morto na cama — e uma certa imprecisão no registo da sua morte lancem uma suspeita de conspiração sobre a tragédia, levando alguns a especular que foi assassínio. Mas estas suspeitas surgiram porque Coutrot foi encontrado na posse de três exemplares do Pacto Sinarquista, o manifesto do MSE — a primeira vez que este documento foi revelado fora do círculo restrito ao qual ele foi originariamente destinado. Assim, embora a sua morte possa não ter nenhuma ligação com a conspiração — aparentemente, ele andava deprimido já há algum tempo — ela revelou a existência de factos desagradáveis.83
No entanto, Coutrot já estava a ser investigado pela rede de serviços secretos de Vichy em Paris, sob o controlo do coronel Groussard, o ex-fundador Cagoulard, agora chefe da polícia de segurança de VichyEm Março de 1941, o cunhado de Coutrot, Henri Brúlé, que o detestava, denunciou-o como conspirador a um dos agentes de Groussard em Pans — entregando-lhe um dos exemplares do Pacto Sinarquista que Coutr° possuía.

Mais dois exemplares foram encontrados quando o apartamento de Coutrot foi revistado depois da sua morte.
Alguns rejeitam a ideia de que Coutrot fosse um Sinarquista ou 9 o facto de possuir exemplares do pacto reflectisse outra coisa difere de um interesse casual — mas, afinal, ele possuía três exempla Contudo, William Shirer estava convencido da culpa de Cout ^ declarando que ele «preferia trabalhar na sombra como um m
426
Oulador de homens e de movimentos».84 Mas para além de possuir eXemplares do pacto, há alguma prova sólida que o associe ao movimento sinarquista?
A questão complica-se pelo facto de que, uma vez que foram postas a circular sugestões de uma conspiração, acontecimentos não necessariamente ligados começam a parecer consideravelmente mais sinistros, por exemplo, mortes de indivíduos relacionados com Coutrot, que ocorreram alguns meses antes e depois dos seu suicídio, foram julgados como relacionados com ele, embora nenhuma prova os associasse, e algumas mortes foram indubitavelmente devidas a causas naturais. Mas mesmo quando estas falsas pistas são eliminadas, resta o bastante para mostrar que, no mínimo, Coutrot pensava suspeitosamente como um
sinarquista.
Jean Coutrot (1885-1941), que perdeu uma perna na Primeira Guerra Mundial, era o administrador de uma empresa papeleira, mas era também um teórico sobre economia e política, que, em 1931, fora um dos co-fundadores do X-Crise, o grupo de especialistas em questões económicas e políticas — filiado na ubíqua École Polytechnique — que estudava possíveis soluções para a crise económica global provocada pela bancarrota da Bolsa de Wall Street, em 1929. Durante os anos 30, ele criou ou promoveu várias outras organizações dedicadas ao estudo da economia, relações e administração industriais. (Dimitri Navachine, o economista russo que foi assassinado pela Cagoule em 1937, pertencia a um dos grupos de Coutrot.) Talvez apropriadamente, Coutrot era também amigo de Aldous Huxley, autor da arrepiante fábula futurista Admirável Mundo Novo.
Coutrot proclamou que o liberalismo, o socialismo e o comunismo estavam todos antiquados, propondo antes o que ele chamava «humanismo económico» — grupos de voluntários que regulamentariam as c°ndições de produção e de trabalho em cada indústria.85 Um jornalista perito em sinarquia, Roger Mennevée (1885-1972), que Produziu o boletim regular Lês documents politiques (um grande conhecedor das realidades da política francesa), referiu que os princíP'os do humanismo económico de Coutrot — particularmente como ram expressos numa série de artigos para a La Joumée Industrielle /" 1938 — são virtualmente idênticos aos do Pacto Sinarquista.86 verdade, tem sido afirmado que Coutrot foi um dos seus autores. §undo as suas memórias, Maurice Girodias, que, como vimos, freçntava os círculos sinarquistas em Paris antes da guerra, conhecia utrot, embora nunca tivesse explicado em que contexto. No entanto,
427
Girodias estava certo de que Coutrot estivera envolvido com sinarquistas antes da guerra, embora tendo-lhe atribuído um papel menos central, descrevendo o empresário como «aquele espírito curioso que tinha fundado um grupo político (exclusivamente composto por politécnicos e chamado "X-Crise"), [que] se julgava rodeado por sinarquistas e se tornou ele próprio um sinarquista para não ser ultrapassado pelos membros do seu grupo».88 Sendo um daqueles sinarquistas cuja implicação foi inspirada pelos acontecimentos traumáticos de
6 de Fevereiro de 1934, Coutrot viria a alegar que o «Plano 9 de Julho» de Jules Romain, que tentou conciliar os vários movimentos políticos juvenis, fora ideia sua.89

Em 1935, Coutrot fazia parte da Comissão Económica do Ministério dos Negócios Estrangeiro no Governo de Lavai, depois, um ano mais tarde, colaborou com o socialista Charles Spinasse no Ministério da Economia Nacional. com esses antecedentes, o discurso de Spinasse, na sequência da capitulação da França em l O de Julho de 1940, pode ser visto a uma luz completamente diferente. Nesse mesmo dia, Lavai fez uma proposta para abolir o Parlamento e estabelecer Pétain como ditador. Spinasse manifestou-se a favor de Lavai, declarando:

O Parlamento vai atribuir a si próprio a culpa de todos os seus erros. Esta crucificação é necessária para impedir que o país se afunde na violência e na anarquia. O nosso dever é permitir que o governo faça uma revolução sem derramamento de sangue.90

Este é um excelente resumo dos temas principais do Pacto Sinarquista — oposição ao parlamentarismo, oposição à anarquia, e «revolução a partir de cima». Mas Coutrot estendeu a sua filosofia à sociedade, no seu todo — e defendeu algumas ideias muito inquietantes baseadas nas teorias psicológicas mais avançadas da época. Ele escreveu (ênfase no original):

Nesta altura, não seria impossível com o auxílio do que aprendemos com as leis da psicologia colectiva, especificar uma técnica moderna de revolução... Barricadas, metralhadoras, exilados e torturas são técnicas inúteis, dignas apenas dos povos mais primitivos, vestígios de antigos ritos de sacrifícios humanos. Um revolucionário metódico tem como seu objectivo preciso a transmutação da estrutura social do seu país, a modificação, até um certo ponto, das mentes e dos corações do seus cidadãos e a sua conversão à sua própria opinião...

428

Conhecemos o extraordinário desenvolvimento das técnicas de persuasão — educação, propaganda, a imprensa, livros, revistas o cinema, o gramofone, a rádio, a televisão — que acompanham o indivíduo a toda a hora e na maior intimidade do seu domicílio, afectando o desenvolvimento da sua personalidade. A maior parte dos nossos contemporâneos recebe todos os seus factos, os seus sentimentos, as suas ideias desta maneira; é possível esvaziar os homens a partir do interior, como se escava o interior de um melão, substituindo as pevides insípidas por um aromático vinho do Porto, e introduzir neles, sem perigo nem desperdício, os conteúdos psicológicos escolhidos. Além disso, é o que neste momento todos os governos totalitários fazem com suprema arte, ao influenciar, para maior segurança, os seus súbditos desde o berço. Seria indesculpável que uma era que dispõe das metralhadoras da sugestão recorresse às de Hotchkiss ou de Armstrong, que têm o defeito grave de fazer mártires, essas indestrutíveis cápsulas explosivas, em França, de uma resistência no presente, e de uma reacção inevitável no futuro. O máximo de violência a que os revolucionários metódicos se podem permitir... será, sem dúvida, os campos de concentração concebidos como um sanatório temporário, com professores e enfermeiros, onde, para impedir que eles causem danos ou desastres, serão temporariamente isolados, até que a cura seja completa, aqueles que não conseguem con-

Esta visão é especialmente inquietante à luz da terrível percepção tardia, evocando inevitavelmente as imagens de pesadelo da «Solução Final» e dos gulagues de Estaline. O Admirável Mundo Novo, realmente.

Como Coutrot parece ser um sinarquista e possuía exemplares do pacto Sinarquista, é difícil evitar chegar à conclusão de que ele estava implicado no MSE. Se a sua filiação esteve de alguma maneira associada à sua morte, não sabemos (embora o facto de que ele já estava sob investigação pela posse de um exemplar do Pacto sugira que o seu suicídio estava relacionado com as suas actividades políticas). Mas para acrescentar um toque curioso — mas tipicamente sinárquico — foram

05 próprios sinarquistas de Vichy que denunciaram a conspiração sinarquista...
O Dr. Henri Martin, fundador da Cagoule, foi directamente responsável por causar o pânico. Duas semanas depois de morte de Coutrot, n° princípio de Junho de 1941, ele fez circular um breve relatório (o ”documento Martin») entre os membros do governo de Vichy sobre a ”conspiração sinarquista» revelada pelo suicídio de Coutrot. A imprensa

colaboracionista em Paris — sobretudo LAppel e Au pilorí — começo a publicar histórias sobre a «estranha morte» de Coutrot e a possível conspiração, transformando-as numa enorme sensação.
Mas o que estava a acontecer? Martin não tinha conhecimento das ligações da Cagoule com o MSE? Ele ignorava a orientação sinarquista do seu antigo colega Deloncle? Mas há pistas, na forma como Martin decidiu apresentar a sinarquia, que apontam para outra explicação Absurdamente, ele alegou que estava essencialmente empenhado em reprimir a Revolução Nacional, protegendo os interesses empresariais judaicos, anglo-saxónicos e outros interesses internacionais e bloquear os esforços para organizar a Europa numa única entidade económica — exactamente o contrário do programa do pacto. O facto de que Martin, que o conhecia bem, pudesse apresentar esta explicação grotesca sugere que ela foi completamente deliberada, para desviar a atenção dos verdadeiros objectivos da sinarquia, para não falar da sua presença na administração de Vichy. E foram estas exactamente as alegações que fizeram recair a ira das autoridades alemãs sobre os sinarquistas — ou melhor, sobre aqueles que seriam identificados como sinarquistas, que, por acaso, também eram inimigos políticos de Martin.
A actuação de Martin parece ter sido um apressado exercício de limitação de danos, depois que a denúncia e a morte de Coutrot tinha trazido a sinarquia à atenção das autoridades na zona Ocupada — mas ele, também tipicamente, transformou-a em vantagem para a sinarquia ao desviar a atenção para outro grupo completamente diferente.
O seu estratagema foi explorar as ligações de Coutrot para confundir a sinarquia com uma conspiração de tecnocratas, o que muitos políticos e membros da velha escola — preocupados com a influência dos tecnocratas sobre o governo de Vichy — já suspeitavam. Como os tecnocratas apoiavam Darlan, esta confusão tinha a vantagem acrescida de beneficiar os apoiantes de Lavai, que adoptaram entusiasticamente a teoria da conspiração. Na altura em que se gerou o primeiro pânico sinarquista, Martin já andava a investigar os tecnocratas há vários meses, a pedido do ministro da Justiça, Raphael Alibert (outro antigo Cag°u~ lard).92
Outra consequência do documento Martin foi o relatório da polícia de Vichy sobre a sinarquia, conhecido como o «Relatório Chavin»/ segundo o nome do seu secretário-geral, Henri Chavin.93 De facto, ° seu principal autor foi, aparentemente, Raoul Hussan (1901-67), urn maçónico de esquerda, por profissão fisiologista e especialista estatísticas, o qual, depois da guerra — sob o pseudónimo de

,e charney, o líder templário medieval executado com Jacques de ,,0jay — escreveu uma das principais denúncias da sinarquia, na qual •ncluiu a primeira reprodução integral do Pacto Sinarquista.
Associando o MSE e o Martinismo, o relatório referia Yves Bouthillier como a mais influente figura sinarquista no governo de Vichy, e citava o Banque Worms et Cie como um interveniente importante na conspiração. No entanto, o relatório Chavin concluiu que o MSE participara numa conspiração de banqueiros internacionais associados a interesses judaicos e americanos, que tinha como objectivo a instalação ostensiva de

governos sinarquistas em todos os países que pudessem ser efectivamente controlados por um banco. Ao contrário da verdadeira situação, a sinarquia é apresentada como uma organização de fachada para uma conspiração de banqueiros internacionais.

Betes noires e escândalo

A l de Agosto de 1941, o relatório Chavin fez os títulos do jornal LOeuvre, de Mareei Déat, transformando a conspiração sinarquista num succès de scandale. (Ironicamente, Coutrot foi um antigo colaborador de LOeuvre.} Déat usou-o como uma arma com a qual atacou as suas betes noires particulares, os tecnocratas e o Banque Worms, que apoiavam Darlan. j

É significativo que um estudo americano do ríós-guerra tivesse identificado um grupo poderoso de banqueiros e industriais que apoiavam Darlan e a sua política, referindo que o (banco «particularmente identificado com o regime de Darlan» era/o Banque Worms, presidido por Hyppolyte Worms.94 O estudo tafnbém identificava Boutihillier e Berthelot (além do ministro do Interior, Pierre Pucheu) como «membros da "claque" Worms».95 Como Hyppplyte Worms — chefe de um banco familiar fundado em 1848 — era de Descendência judaica, e antes da guerra, o seu banco se gabava de ter irandes interesses no Reino Unido, os Alemães desconfiavam muito/tanto dele como do banco.

Mas o resultado imediato do relatório Chavin foi que Pucheau demitiu Chavin — que foi convenientemente exilado para Bouches-du-Rhône c°mo prefeito — e tentou silenciar a imprensa em Paris (embora os Jornalistas acabassem por ser protegidos pelas ^autoridades alemãs).

A 12 de Agosto de 1941, Pétain transmitiA um comunicado radiofónico sobre o «ambiente de falsos boatos q intrigas», descrevendo a

431

sua decepção com o avanço da Revolução Nacional. Pétain também declarou a sua confiança em Darlan.

Significativamente, apesar das previsões de Pierre Nicolle, nenhum dos que foram nomeados directamente como conspiradores na intriga sinarquista de Vichy sofreu qualquer consequência — Boutihillier e Berthelot mantiveram os seus cargos ministeriais até à grande mudança provocada pelo regresso de Lavai ao poder, em Abril de 1942. A única pessoa cuja carreira foi prejudicada foi Chavin. (O imprevisível Henri Martin, também, foi feito prisioneiro por ordem de Pucheu — sob pressão alemã — em Março de 1942, mas aparentemente esta prisão deveu-se mais à sua perigosa capacidade de intriga do que a um resultado da sua posição anti-sinárquica.)

Mas o interesse despertado pelos órgãos noticiosos levaram os Alemães a ordenar uma investigação da sinarquia, e especificamente do MSE, pelo Serviço Especial das Associações Dissolvidas (Service Spécial dês Assotiations Dissoutes, conhecido como o «serviço Moerschell», segundo o nome do inspector da polícia que o dirigia), o qual estava sob controlo directo dos Nazis.96

A conexão entre o MSE e o Martinismo determinou rapidamente, em Setembro de 1941, o assalto da polícia de Vichy à sede da Ordem Martinista e à do Rito Mênfis-Misraim, além da residência em Lyons do seu grão-mestre conjunto, Constant Chevillon (1880-1944). «Escritor, moralista e filósofo»97, na altura da sua prisão, Chevillon era membro do Banque Natioriale du Commerce et de Plndustrie, mas no seu papel menos público, e^e não era apenas grão-mestre da Ordem Martinista e do Rito de Mênfis-Misraim, mas também Patriarca da Igreja Gnóstica fundada por Jules poinel.98 Outro exemplar do Pacto Sinarquista, além de outros documentos relacionados com os planos sinarquistas para a organização social da França, foi oportunamente descoberto na sua casa, e Chevillon foi detido para interrogatório. No princípio, ele declarou que o documento lh^ fora enviado apenas para sua informação pessoal, vários anos antes.

Alguns dias depois, disse que o Pacto lhe fora enviado, com carácter estritartiente confidencial, por Jeanne Canudo para que ele pudesse «comparaf o seu teor com os princípios sinárquicos de Saint-Yves d'Alveydre».99 \
Mas a 3 de Outubro, Chevillon mudou um pouco a sua posição numa longa declaração à polícia, na qual ele explicou que existiam duas Ordens Martinistas distintas, uma da qual ele era grão-mestre (a Ordem Martinista pura e simples!, e a Ordem Martinista e Sinárquica, que tinha Victor Blanchard como grão-mestre. Chevillon deu pormenores,

explicando que a sua Ordem Martinista «sempre evitara cuidadosamente empregar a palavra «sinárquico», para marcar a diferença clara entre as duas organizações», acrescentando que «o Martinismo regular, sem rejeitar qualquer das ideias de Saint-Yves d'Alveydre, não se ocupa especialmente delas.»100
Sem ser particularmente convincente, no mínimo, isto reforça as suspeitas de que a distância entre as duas Ordens Martinista não era tão significativa como eles gostavam de alegar. Por que outro motivo teria Canudo — tão implicado com o MSE, a criação da «outra» Ordem Martinista — pedido a Chevillon que examinasse o Pacto e o comparasse com as doutrinas sinarquistas originais de Saint-Yves? Certamente, Michel Gaudart de Soulages e Hubert Lamant, no seu Dicionário de Franco-maçónicos Franceses (Dictionary of French Freemasons), não hesitaram em identificar Chevillon como membro do próprio MSE.101
Em qualquer caso, a explicação de Chevillon parece ter sido suficiente: foi libertado sem qualquer outro procedimento. Mas veio a sofrer um destino mais sinistro dois anos depois. Em Março de 1944, quatro homens armados invadiram a sua casa em Lyons e arrastaram-no para o exterior e, alguns dias depois, o seu corpo foi encontrado; fora atingido com um tiro do pescoço. Quem o atingiu e qual a razão nunca foram determinados.
Notícias alarmantes, paranóia e conspiração
Muitos historiadores, como Pierre Péan, autor de O Misterioso Doutor Martin (Lê mysterieux Docteur Martin, 1993), consideram que não houve nenhuma conspiração sinarquista em Vichy, e que os acontecimentos de 1942 foram apenas um susto, uma tempestade num copo de água — o resultado do estado de intensa paranóia da época, °u parte de uma campanha de difamação, talvez para enfraquecer a influência dos tecnocratas.
Esta opinião baseia-se sobretudo nos desmentidos dos que foram Aferidos como conspiradores, como Boutihillier e Berthelot, quando interrogados depois da guerra. Mas ela ignora o facto de que o Pacto Sinarquista já circulava desde 1936, no mínimo — talvez já dois anos antes — e que os grupos sinarquistas estiveram incontestavelmente activos durante os anos 30, em várias esferas da vida política francesa, ^esde uma forma manifesta a uma forma clandestina. A conspiração Anarquista não foi enfaticamente inventada em 1941.

Outros — sobretudo jornalistas que estiveram presentes na altura -—. como William L.Shirer, reconhecem de bom grado a realidade da sinarquia em Vichy, que Shirer descreve como «uma espécie de primeiro passo para a ideia ainda mal definida de um estado corporativo fascista»,102 reconhecendo: «Que os seus aderente se tinham infiltrado nos mais altos cargos das empresas, nas finanças e na burocracia do governo, não pode haver dúvida».103
A «denúncia» de 1941 é frequentemente apresentada como a descoberta de uma conspiração para tomar o controlo do governo e da Administração de Vichy — por implicação, destituindo Pétain — que foi inteligentemente cortada pela raiz. No entanto,

essa conspiração não era necessária. A Administração Pétain já estava sob o domínio dos sinarquistas. Como refere Jean Saunier: «a sinarquia não era a sabotagem da acção de Pétain; pelo contrário, é a explicação do facto de Pétain ter chegado ao poder».104
Afinal, Pétain mantivera contacto com sinarquistas durante vários anos antes da guerra, via Cagoule. Os antigos Cagoulards, mesmo os que foram detidos e aprisionados em seguida ao golpe de estado falhado de 1937, regressaram aos seus altos cargos em Vichy. E, embora nenhuma acção tivesse sido empreendida contra os conspiradores mencionados, como Bouthillier, que pertenceu a um grupo sinarquista no final dos anos 20, a destituição recaiu — sobre os investigadores, como Chavin. Constant Chevillon foi libertado. (Ele foi assassinado dois anos depois, quando as circunstâncias eram muito diferentes.) A sinarquia não só estava instalada em Vichy, como também estava determinada a prosperar.
De facto, segundo Roger Mennevée, especialista em sinarquia, Vichy marcou o clímax da primeira fase do plano esboçado no Pacto, tomando o poder em França; a «revolução Nacional» de Vichy já estava a passar para a fase seguinte, o domínio da Europa.105
Os investigadores André Ulmann e Henri Azeau também referem que o Estado Francês estava organizado precisamente segundo as orientações sinarquistas. Pétain tinha poder absoluto sobre a «trindade dos poderes sinarquistas: educação, justiça e a economia» e presidia a uma «revolução a partir de cima». Também referem que, embora o programa de Pétain se chamasse originalmente «Renovação Nacional» («Rénovation Nationale»), ele tinha-se transmudado na muito mais sinarquista «Re" volução Nacional».106 O historiador René Rémond resume o objectivo da Revolução Nacional como sendo o de «restaurar a ordem hierárqu1 na sociedade»,107 o princípio fundamental da sinarquia.
434
O maior imponderável é o princípio sinárquico de que «os que estão no poder estão subordinados aos que têm autoridade» — significando, na prática, que a elite a quem foi delegada autoridade pelos «poderes superiores» não é alvo de muita atenção, enquanto os que parecem exercer o poder são meras figuras nominais ou representantes da organização. Se era isto o que acontecia em Vichy, deveria existir um desses grupos por trás de Pétain. Nenhum desses grupos foi especificamente identificado, mas, evidentemente, Pétain, como qualquer outro líder, tinha o seu grupo de conselheiros.
Se os sinarquistas estavam firmemente estabelecidos no regime de Vichy em 1941, então, como todas as outras facções e interesses investidos, eles foram forçados a reagir a três importantes pontos de viragem. O primeiro era interno — o regresso de Pierre Lavai ao poder, em Abril de 1942 e a consequente perda de influência do almirante Darlan [que começou a tentar obter o apoio dos Aliados), provocando uma grande remodelação do regime. O segundo foi o desembarque dos Aliados no Norte de África Francês em Novembro de 1942, precipitando a tomada de controlo de Vichy pelos Alemães (após a qual o regime de Pétain se tornou verdadeiramente num títere dos Nazis). Depois disso, era muito mais difícil que alguma facção francesa detivesse verdadeiro poder em Vichy. Finalmente, depois dos sucessos dos Aliados em todos os teatros de guerra no princípio de 1943, era óbvio que a sorte se voltara irrevogavelmente contra Hitler. Inevitavelmente, os Alemães seriam expulsos de França e o regime de Vichy cairia; portanto, a nova prioridade era tentar por todos os meios chegar ao poder em qualquer governo que lhe sucedesse — talvez, embora nessa rase não fosse inevitável, presidido por de Gaulle. Consequentemente, os grupos sinarquistas (como muitos outros que, anteriormente, tinham sido a favor de Pétain) abruptamente, começaram a colaborar com a Resistência e a forjar alianças com organizações de operações secretas d°s Aliados, como a SOE.
Ulrnann e Azeau reproduzem um extenso relatório sobre a sinarquia,

Catado de 14 de Novembro de 1943, que tinha sido elaborado pela
C°missão Geral de Estudos (Comité General d'Études, ou CGE) —
Urr' grupo de analistas formado por Jean Moulin para o aconselhar sobre
festões políticas para a Libertação.108 (O próprio Ulmann foi um
Alista da Resistência, submetendo relatórios políticos a Londres e
aborando com François Mitterrand, que estava — na altura — a
alhar Para a Resistência.) Ao examinarem a questão do motivo por
e °s sinarquistas tinham começado a colaborar com a Resistência,

os peritos chegaram à conclusão de que um dos principais objectivos dos sinarquistas de Vichy, em 1941, era tornar a França num intermediário entre a Alemanha e os Estados Unidos, particularmente através de certos bancos americanos. (Embora isso tivesse sido cuidadosamente esquecido desde a guerra, os Estados Unidos continuaram a negociar com o regime de Vichy até Novembro de 1942 — e mesmo então foi Vichy que rompeu as relações diplomáticas.) A entrada da América na guerra na sequência do ataque a Pearl Harbour, em Dezembro de 1941 provocou uma interrupção brusca desse plano. O facto importante relativamente ao relatório da CGE é que ele reconhece a realidade e a gravidade da sinarquia na França de Vichy.

No entanto, são as ligações cuidadosamente forjadas entre os serviços de informações sinarquistas e Aliados — particularmente os Britânicos — que são as mais interessantes. Henri Martin é um exemplo claro dessas ligações. Tendo as suas eternas conspirações começado, por fim, a causar-lhe problemas, sob pressão alemã, o ministro do Interior Pierre Pucheu mandou-o prender em Evaux, em Março de 1942. Num drama de que se orgulhariam os cineastas do tempo da guerra, Martin foi resgatado na sequência do Dia D pelo seu filho e alguns confederados que, habilmente, convenceram as autoridades prisionais de que eles eram apenas a vanguarda de uma enorme força Aliada que se aproximava — mas que, na realidade, era inexistente. Martin, então, juntou-se à Resistência antes de trabalhar para o American Office of Strategic Services, ou OSS, nos últimos meses da guerra. 109

Tal como Martin, nas últimas fases da guerra, Eugène Deloncle estabeleceu contacto com os Aliados — no seu caso, com os serviços secretos britânicos, embora tivesse morrido antes ter tido possibilidade de tirar o melhor partido desse contacto. Tendo despertado as suspeitas dos Alemães, esteve preso durante um breve período de tempo, no final de 1942, quando os Nazis tomaram o controlo da zona de Vichy. Juntamente com o facto de a sorte estar a mudar a favor dos Aliados, essa situação levou-o a estabelecer contacto com o SOE. No entanto, em Janeiro de 1944, ele foi morto num tiroteio com membros da Gestapo que tinham chegado para o prender.110

Como escrevem Guy Patton e Robin Mackness: «Os sinarquistas, em concordância com a Resistência, também estabeleceram um contact° próximo com os serviços secretos britânicos; os britânicos fizeram u da sua rede de residências secretas para reuniões dos serviços de inio mação»111 Isto encerra outra série de factos. Como vimos, certos in , duos britânicos associados ao SOE e a outras actividades secretas tempo da guerra em França, foram associadas ao Priorado de Sião- ^

há necessidade de fazer especulações temerárias para compreender que estas ligações foram forjadas em França durante os últimos doze ou dezoito meses da guerra.

Depois da Libertação, os serviços de Relações Públicas do governo provisório do general de Gaulle queriam simplificar a história da Queda da França. Havia espaço apenas para colaboracionistas e resistentes — e nenhum para as complicações da sinarquia. Houve um inquérito oficial às alegações de uma conspiração sinarquista, mas

o arquivo foi discretamente encerrado em Abril de 1947. Pétain chegou a ser interrogado na sua cela sobre a sinarquia, mas, embora admitisse que tinha ouvido alguns rumores, negou qualquer conhecimento do que era realmente a sinarquia.112
Curiosamente, em Novembro de 1945, o Grande Oriente exigiu que os seus membros assinassem uma declaração pronunciando-se sobre se tinham (a) recebido um exemplar do Pacto Sinarquista e (b) tinham feito parte de qualquer sociedade «que servisse a propaganda dos principais temas sinárquicos». Se um maçónico respondesse «sim» a (a) ele teria que fornecer todos os detalhes referentes a onde, quando e como ele recebera o documento — e onde ele se encontrava então.113 Há duas opiniões extremas sobre a sinarquia durante os anos do regime de Vichy: ou ela era inexistente — o susto sinarquista de 1941 tendo sido apenas o produto de imaginações exaltadas — ou ela era responsável por tudo o que acontecera em França entre 1940 e 1944. Segundo uma das opiniões mais radicais, os sinarquistas infiltrados nos comandos militares conspiraram activamente para provocar a queda da França em 1940, precisamente para criar as condições adequadas para eles tomarem o poder.114 Mas na nossa opinião, isso é simplesmente como diria Sherlock Holmes — especular antes de conhecer todos °s dados. No entanto, acreditamos que as provas da influência muito real da sinarquia na vida política francesa e, particularmente, no regime de Vichy, são suficientemente sólidas — para não dizer inquietantes.
Como a sinarquia opera através da sua adaptação a qualquer forma
e governo, ela pode apresentar-se aos estranhos sob diversas aparên-
las, criando facilmente desinformação e histórias falsas, como acredi-
mós que fez para chamar a atenção para a «claque» dos tecnocratas.
ern Dúvida, havia sinarquistas entre os tecnocratas — como Coutrot —
s, em si, isso não constitui prova de uma conspiração tecnocrática.
°ntudo, uma vez que a existência do Pacto Sinarquista foi trazida à
enÇão das autoridades (particularmente os ocupantes alemães) ele foi
a rorrna conveniente de desviar a atenção.

Curiosamente, a confusão entre tecnocratas e sinarquistas foi mantida por Henri Coston, o jornalista anti-semita e pro-colaboracionismo cme conseguiu apresentar-se com uma nova imagem, depois da guerra. Embora ele aprovasse a sinarquista Vaincre durante a guerra, quando reapareceu como um influente jornalista e editor, no final dos anos 50 ele foi um dos mais implacáveis inimigos da sinarquia — pelos menos na sua aparência como uma conspiração de tecnocratas. Em Fevereiro de 1962, ele produziu uma edição especial de Lectures françaises intitulada Os Tecnocratas e a Sinarquia (Lês technocrats et Ia Synarchié), que efectivamente manteve a história imaginária do Dr. Martin, em 1941
Quanto ao próprio Martin, nos anos 50, fixou-se na Indochina Francesa, onde colaborou com dissidentes do Exército para provocar uma crise que também causasse perturbações na pátria. Embora tivesse sido preso por distribuir literatura sediciosa, ele recebeu uma inesperada variedade de apoios em França: Jean-Paul Sartre pediu a Jean Cocteau que juntasse a sua voz ao coro dos que exigiam a sua libertação.115 Martin também recebeu o apoio inesperado do jornalista e crítico, e outrora seu companheiro de prisão, Roger Stéphane; como escreve Pierre Péan: «Um homem de esquerda, aliás um judeu, dedicou numerosas páginas a dar testemunho da sua amizade com um homem supostamente situado à direita da extrema-direita».116 [Afinal, talvez esse apoio não tivesse sido tão inesperado: Stéphane — amigo de Cocteau e de Malraux — nascera Roger Worms, oriundo da família de banqueiros associada à conspiração sinarquista de Vichy.)117

De regresso a Paris, em 1956 — a Indochina tinha-se tornado independente — Martin voltou a sua atenção para a Argélia, esperando aí fomentar agitação que levasse à tomada do poder pelos militares, ou, no mínimo, a uma sistema de governo que agradasse mais ao Exército, na França Metropolitana; «arrebatar o controlo da França aos políticos responsáveis pelas desventuras da nação».118 Esta foi a conspiração Grand O (a «nova Cagoule»] que Martin planeou juntamente com os generais Cherrière, Chassin e Salan, e outro arqui-conspirador, o jornalista belga Pierre Joly. (Dois anos mais tarde, Joly foi associado aos conspiratórios «Templários» que, alegadamente, incluíam o cne dos Serviços de Informação, Constantin Melnik, e Georges Sauges, do Departamento de Guerra Psicológica do Exército.)
A partir da sua base em Paris, Martin organizou a colocação bombas em Argel, e também ajudou a formar a rede de Comissões Segurança Pública na própria França, que envolveu o «Capitão que veio a provar-se ser Pierre Plantard.

«Umas vezes, vemo-la...»
A capacidade da sinarquia para se camuflar, aliada ao facto de que não é possível classificá-la como de esquerda ou de direita, não só torna difícil identificá-la, como também significa que ela se transforma frequentemente no pior pesadelo de um leigo. Os que olhavam com desconfiança a influência dos tecnocratas em Vichy, vêem-na como uma conspiração tecnocrática. Os que acreditavam que o verdadeiro poder se encontrava nas mãos de banqueiros internacionais, vêem-na como uma conspiração de banqueiros internacionais. Os socialistas (como Raoul Hussan), vêem-na como uma conspiração capitalista internacional. Pior ainda, o genro de Martin, Pierre de Villemarest, também um conspirador de extrema-direita, acreditava que a sinarquia era uma conspiração soviética! Na realidade, ela era todas e nenhuma destas coisas: dependendo das necessidades perceptíveis na época, um sinarquista podia ser um tecnocrata, banqueiro, capitalista, comunista, ou fascista.
A natureza «umas vezes, vemo-la, outras não» da sinarquia pode também significar que a sua natureza pode ser muito sobrevalorizada, porque a especulação confunde-se com factos. Indubitavelmente, foi o que aconteceu quando as mortes perfeitamente naturais de todo o género de pessoas que tinham estado associadas a Jean Coutrot se incorporaram na história como uma verdadeira campanha de assassinatos. O próprio Coutrot foi considerado — sem nenhuma prova particular — o líder da conspiração. Exagerar uma história desta maneira torna mais fácil rejeitá-la como sendo uma simples paranóia do tempo da guerra. Contudo, acreditamos que, logo que os elementos exagerados tenham sido eliminados, um núcleo sólido de evidências o que já é bastante sensacional — mantém-se. E no final, embora pareça que as evidências mostrem que a sinarquia era — e ainda é — Uma força significativa mas ignorada na vida francesa, a dimensão da conspiração não deve ser mais sobrevalorizada do que ignorada, tmbora, claramente, ela tivesse exercido uma enorme influência sobre etain e o seu programa, a sinarquia teve que lidar com outros factores Políticos, além da hostilidade dos Alemães e da situação mundial Eticamente instável.
A sinarquia pode não ter feito tudo o que queria, mas, todavia, soreviveu à queda de Vichy, com sérias repercussões para o mundo °derno — como vamos ver.

CAPÍTULO 8
UNS NOVOS ESTADOS UNIDOS
Ao longo desta investigação, o único elemento comum e recorrente são os Estados Unidos da Europa. Este elemento foi a força motivadora por trás da formulação de sinarquia de Saint-Yves d'Alveydre e manteve-se no cerne da agenda sinarquista até, e

para além de, Vichy. Uns «Estados Unidos do Ocidente» estavam no centro da Ordem Alpha Galates, de Plantard — sem surpresa, dado o seu passado sinarquista — e foi uma constante ao longo das várias evoluções das reinvenções do Priorado de Sião. Mesmo durante o caso Gisors, no princípio dos anos 60, Plantard arranjou tempo para compilar e depositar na Bibliothèque Nationale um pequeno estudo comparativo dos encargos sociais no seio do que era então a Comunidade Económica Europeia ou «Mercado Comum» — que é geralmente ignorado ou rejeitado porque se encontra completamente à margem do desenvolvimento da história do Priorado de Sião.
Ao longo dos anos, o Priorado optou por se associar a indivíduos como Alain Poher, André Malraux e o marechal Juin, embora se eles tiveram ou não alguma ligação genuína com a associação, ou com as organizações que estavam por trás dela, seja uma questão aberta ao debate. Mas o que estas pessoas têm em comum é o facto de serem ardentes apoiantes e promotoras do movimento destinado a forjar uma união cada vez mais coesa das nações europeias.
André Malraux defendia uma «Europa federal» em 1941, e a ideia foi também abraçada pelo marechal Juin. Como vimos no Capítulo 2, Plantard e os seus confederados alegaram que o grupo responsável pelas Comissões de Segurança Pública, em 1958, era composto por Malraux, Juin e Michel Debré, mas o Priorado afirmava que apenas os dois prime1" ros eram membros efectivos. Dos três, Debré foi o único que não se
•£
mostrou muito entusiasmado com a união europeia, opondo-se à ratincação do Tratado de Maastricht em 1993.
440
Os ideais europeístas do Priorado explicam a presença de Victor Hugo na lista dos seus grão-mestres. Como vimos, Pierre Plantard assoiou uma reforma do Priorado à plantação do «sobreiro dos Estados Ijnidos da Europa» por Hugo. Este episódio refere-se a um acontecimento real. A 14 de Julho de 1 870, Hugo, com os seus netos, plantou um sobreiro no relvado da sua casa em Guernesay, dizendo-lhes, «quando este sobreiro se tornar muito grande, os Estados Unidos da Europa coroarão o velho mundo».1 (Em 1966, um movimento começou a retirar bolotas deste sobreiro e a plantá-las nas cidades e vilas europeias.). Hugo, um apaixonado defensor de uma Europa Unida, também introduziu a designação «Estados Unidos da Europa».
É tentador especular que este episódio teve alguma ligação com o seu encontro com Saint-Yves d'Alveydre nas Ilhas do Canal. Hugo (que adoptou Ego Hugo como divisa da sua família) certamente que teria todas as associações certas: em Guernesy, participou num projecto a longo prazo para comunicar com espíritos — tendo-se especializado em contactos com grandes mentes do passado, como Platão e Shakespeare — quase todos os dias durante dois anos, a partir de 1853;2 casou em Saint-Sulpice, em Paris;3 e, segundo Gaudart de Soulages e Lamant, ele foi, durante algum tempo antes da sua morte, membro da Ordem Martinista.4
Em Setembro de 1 984, Plantard não só sugeriu aos autores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal que os Estados Unidos da Europa eram, para o Priorado de Sião, uma prioridade maior do que a restauração dos Merovíngios, como também fez a afirmação aparentemente impressionante de que a eleição de François Mitterrand como Presidente da República, três anos antes, estava, de algum modo, associada aos planos do Priorado. Plantard disse que tudo o que era suposto Mitterrand lazer, já estava terminado, e que ele tinha «cumprido o seu desígnio».5 [Talvez estas palavras se destinassem apenas a evitar novas investigações da associação entre o Priorado e o Presidente. Ou, talvez, Plantard estivesse a tentar averiguar se Baigent, Leigh e Lincoln tinham descoberto alguma ligação do Priorado com Mitterrand.) Mas até que ponto seria 'antasiosa a

insinuação de que o Presidente francês seria membro do Priorado ou, no mínimo, estaria sob a sua influência?
^ Presidente e o Priorado
”ode haver mais verdade na afirmação de Plantard do que se poderia rtleÇar por imaginar. Um dos mais dedicados defensores de tuna maior

integração europeia, Mitterrand tomou iniciativas de que os sinarq se teriam orgulhado — sendo mesmo responsável por ter mudado nome da comunidade europeia para União Europeia, o mesmo títul usado no Pacto Sinarquista.
Neste contexto, talvez seja significativo que, durante as suas deambulações pelo país durante a sua campanha da eleição presidencial a
2 de Março de 1982, Mitterrand fez um esforço especial para visitar
Rennes-le-Château, tendo visitado a igreja e o domaine de Saunière
acompanhado pelo seu amigo, Roger-Patrice Pelat — além de ter apreciado a paisagem que se avista da Torre Magdala. Depois, no castelo de Joyeuse, em Couiza, ele falou do seu «comprovado fascínio» por
Rennes-le-Château.6 (Jocosamente — ou talvez reveladoramente
a notícia do Llndependant tinha o título «Mitterrand na coline inspírée».} Mas esta visita bem publicitada seria apenas uma tentativa cínica para conseguir o voto esotérico? De facto, Mitterrand já fizera algumas visitas mais discretas à área desde, no mínimo, dois anos antes, porque o seu amigo e aliado político Robert Capdeville (que o acompanhou na sua visita à aldeia), um antigo deputado, vivia ali e representava Couiza no Conselho Geral do Languedoc-Roussillon.7 Capdeville (1919-2001) tinha uma grande paixão pelo passado herético e gnóstico do Languesço, com uma particular admiração pela obra de Déodat Roché, e, em 1982, juntamente com René Nelli — que elogiou os escritos de Jules Doinel — fundou o centro de Estudos Cátaros, em Carcassonne.8
No entanto, Plantard iria reclamar outra associação com Mitterrand que iria ter o efeito dramaticamente oposto ao que ele desejava — ou é isso o que devemos acreditar. Como vimos, Plantard regressou ao «leme» durante um breve período, em 1989, quando ele repudiou totalmente a história da «sobrevivência merovíngia» e apresentou uma versão nova, melhorada e muito mais desinteressante da história do Priorado de Sião que negava quaisquer ligações com Templários, rosacrucianos ou qualquer dos suspeitos esotéricos habituais. Os seus detractores explicam esse repúdio como a tentativa de um regresso, segundo outros, ele provava que Plantard estava tomado de pânico devido à publicidade gerada por O Sangue de Cristo e o Santo Graal, particularmente a resultante da sugestão de que ele era o descendente directo de Jesus, e tentava minimizar toda a história com a finalidade de se distanciar dela. Mas nenhuma da» explicações funciona. Já tinham passado sete anos desde a publicaç3 de O Sangue de Cristo e o Santo Graal — portanto, esta teria sido uma reacção de pânico excepcionalmente retardada. E se Plantard estivess

ntar um regresso, teria feito muito melhor em se manter fiel à fábula
3 erovíngia» original — nessa altura, bem estabelecida em todo o mundo
orn milhares, talvez milhões, de pessoas ansiosas por escutar todas as as palavras — mas tudo o que ele fez foi depositar alguns novos domientos na Bibliothèque Nationale e desaparecer nas sombras. Plantard em chegou a alertar os investigadores para os novos Dossiers, limitando-se a esperar que eles fossem descobertos. Nem sequer tentou criar mais publicidade à volta deles.

As acções de Plantard em 1989 parecem mais uma tentativa de encerrar a «história inventada» do Priorado de Sião; a nova versão da sua história era muito desinteressante e destruiu completamente a história mais romântica e intrigante que as pessoas, de facto, queriam ouvir. Talvez este fosse o seu «plano de reforma», uma maneira de assegurar que poderia viver os seus últimos anos em paz e tranquilidade — afinal, ele tinha quase setenta anos, nessa altura. Mas se ele queria uma vida tranquila, não foi isso exactamente o que aconteceu.
Plantard explicou que o seu reaparecimento era devido à morte súbita do grão-mestre do Priorado. Numa carta aos «membros» datada de Julho de 1989, ele referia que, desde a sua demissão em 1984, «dois Nautonniers tentaram presidir ao Priorado, mas nenhum deles teve êxito e ambos morreram de ataques cardíacos, um a 17 de Julho de 1985, o outro a 7 de Março de 1989». O primeiro é, evidentemente, de Chérisey, mas quem seria o segundo? Entrevistado na Vaincre por Nõel Pinot, supostamente a 9 de Março de 1989 em Avinhão, Plantard identificou o seu antecessor imediato:, Patrice Pelat, um nome que também aparece na nova lista de grão-mestres publicada na Vaincre. Roger-Patrice — ou apenas Patrice — Pelat, de facto, morrera subitamente, vítima de um ataque cardíaco em 7 de Março de 1989. Ele não era particularmente conhecido do público francês (contudo, isso ”ia mudar devido a alegações póstumas de envolvimento num grande escândalo), embora ele fosse excessivamente famoso nos círculos poéticos e comerciais. Era um empresário que, tanto pessoal como financeiramente, estava tão próximo do Presidente Mitterrand — um arnigo desde os seus tempos de prisioneiros de guerra, durante a SeSunda Guerra Mundial — que ele era conhecido como o vicepresidente.
__ Qualquer que fosse a verdade sobre Pelat e o Priorado, referi-lo como
8rao-rnestre em 1989 era bastante inócuo. (Na altura da sua morte,
^ at estava a ser investigado por alegado tráfico de influências e corrup’ mas o inquérito não conseguiu encontrar nenhuma prova sólida
443
na base da qual ele pudesse ter sido processado.) Contudo, quatro an depois, a suspeita iria assumir uma importância muito maior na se quência dos resultados de uma das maiores sensações políticas d sempre em França — o suicídio, enquanto estava no exercício do seu cargo, do primeiro-ministro, Pierre Bérégovoy, a l de Maio de 1993 Um dos principais factores responsável pelo suicídio foi uma investigação da corrupção governamental que descobriu que Bérégovoy recebera um «empréstimo» de Pelat, no valor de l milhão de francos vários anos antes. Inevitavelmente, as alegações de que Pelat fora grão-mestre do Priorado de Sião arrastou Plantard para o furor causado por esta notícia.
Determinados a ver a sua reputação de Plantard afundar-se o mais possível, os seus críticos não são um pequeno grupo de pessoas insignificantes escassamente dispersas pelo mundo. Graças a Dan Brown, há agora toda uma nova legião de cristãos hostis, que acreditam que, se puderem destruir postumamente o próprio Plantard, então todas aquelas questões embaraçosas sobre Maria Madalena, os Evangelhos Gnósticos e as decisões do Concílio de Niceia, irão convenientemente desaparecer. Eles fazem também o que eles acusam os «crentes» de fazer: forçar demasiadamente as provas e apresentar rumores como factos estabelecidos, sem os confirmarem.
Segundo esta facção (e largamente noticiado na Internet), em consequência das declarações de Plantard em 1989, quatro anos depois, ele foi forçado a comparecer perante o juiz que investigava «o caso Pelat», e teve que admitir sob juramento que tudo o que dissera sobre o Priorado era uma mentira, resultando numa severa reprimenda oficial por ter feito perder tempo aos investigadores. Disseram-nos que este episódio

fora largamente noticiado nos meios de comunicação franceses, e que o humilhado Plantard se afastara para passar os seus últimos anos escondido.
Não é decididamente nossa tarefa defender Plantard. Para nos exprimirmos na expressiva gíria londrina, ele era uma pessoa francamente «suspeita» — virtualmente, tudo o que ele dizia era uma mentira ou uma meia-verdade. Onde diferimos é na interpretação da finahdad6 da mentira e do papel definitivo de Plantard. Acreditamos que ° Priorado seja uma fachada, e Plantard o seu representante, escolhido precisamente porque era uma pessoas suspeita que sabia contar uma boa história ou fugir habilmente a uma pergunta. Mas a nossa investi” gação surpreendeu-nos ao revelar que a versão que os críticos dão desta história é, para dizer o mínimo, consideravelmente exagerada.
444
Ignorando o facto de que esperaríamos que o suposto protector de ma sociedade secreta negasse mesmo a sua existência, ficámos muito plexos quando as histórias sobre a vaga de publicidade que transformou Plantard num objecto de ridículo nacional, começaram a cirular na sequência de O Código Da Vinci. É compreensível que tudo isto tivesse acontecido em 1993, mas nós investigámos o Priorado e Plantard durante toda a década de 90 e nunca tínhamos ouvido falar disso. E passámos um tempo considerável, particularmente em meados Jos anos 90, convivendo com muitos outros investigadores e entusiastas, tanto no Reino Unido como em França, de diferentes tendências de opinião, incluindo cépticos e adversários de Plantard, e nenhum deles fez sequer a mínima referência à humilhação pública sofrida por Plantard em 1993. Nem ela é mencionada em nenhum dos livros — incluindo os de autores cépticos — escritos desde então. Foi isto o que verificámos.
Em Setembro de 1993, Roger-René Dagobert, o francês detractor de Plantard, enviou a Thierry Jean-Pierre — o juiz que investigava o caso Pelat — exemplares de 1989 da revista Vaincre, que referiam Pelat como o grão-mestre do Priorado. Em consequência, em Outubro de 1993, o juiz visitou Plantard em sua casa, nos subúrbio parisiense de Colombes, para o interrogar e, com o auxílio de polícias, revistar a sua casa. (Afinal, se as acusações que rodeavam Pelat fossem verdadeiras, poderia ter havido outro escândalo do tipo P2 em perspectiva.). Plantard não foi forçado a comparecer perante o juiz; o juiz foi a sua casa. Mas, seja como for, Jean-Pierre partiu pouco convencido pelas alegações de que Pelat era membro do Priorado nem pela importância que isso poderia ter para a sua investigação. Aparentemente, isso deveu-se em parte à idade e memória enfraquecida (real ou simulada) de Plantard — ele tinha setenta e três anos, nessa altura), mas principalmente porque a busca à casa não tinha conseguido encontrar quaisquer documentos relacionados com Pelat, nada que apresentasse a sua assinatura ou tivesse sido escrito pela sua mão. Alguns dias depois, Pierre também entrevistouThomas Plantard, após o que essa via de investigação foi encerrada. Não encontrámos nenhuma prova de uma reprimenda oficial (em°ra, em qualquer caso, Plantard não pudesse ter interferido num Aquento oficial através de material disseminado mais de três anos antes e ° inquérito ter sido iniciado), nem da enorme publicidade que tinha ^nsformado Plantard num repentino alvo de gracejos. Havia um relato
0 encontro Jean-Pierre — Plantard no jornal diário France-Soir de de Outubro de 1993, o qual suscitava a questão da existência de uma
445
sociedade secreta oculta nas sombras do caso Pelat, antes de anunc’ que Jean-Pierre não ficou convencido — e descrevendo a forma com o advogado da família Pelat negara qualquer associação com o Priorad Pelo contrário, este relatório censurava implicitamente Roger-René DagQ bert por ter feito Jean-Pierre desperdiçar as suas

energias. Os grande jornais nacionais, como Lê Figaro, embora acompanhassem atenta mente a investigação de Pelat, não chegaram a mencionar o episódio Plantard, embora publicassem notícias regulares sobre outros desenvolvimentos do caso nos dias anteriores e posteriores. Na verdade, a 6 de Novembro, o sensacionalista suplemento semanal Lê Figaro Magazine incluía uma longa entrevista com Jean-Pierre sobre o progresso da investigação, mas nada foi perguntado ou explicado sobre o Priorado de Sião. A revista semanal LExpress publicou um artigo sobre a investigação, no dia 21 de Outubro — dois dias depois da visita de Jean-Pierre a Plantard — que insistia unicamente no facto de que vários documentos de Pelat tinham desaparecido. Mas o mais significativo de tudo, o jornal satírico Lê canard enchâiné — um género de Private Eye francês — que, certamente, teria adorado a história, considerou que não valia a pena publicá-la. Em vez de ser uma grande humilhação pública para Plantard, parece que ela foi notada apenas por alguns nos meios de comunicação.
Nada disto justifica Plantard nem confirma o grão-mestrado de Pelat, mas significa que a questão está mais em aberto do que os desmistificadores gostariam de sugerir. Mas por que foi escolhido Pelat como um alegado grão-mestre? Regressaremos a este enigma em breve.
Sinarquia nos «Estados Unidos»
Naturalmente, Baigent, Leigh e Lincoln reflectiram sobre a importância especial atribuída aos Estados Unidos da Europa e ao seu lugaf central na agenda do Priorado, referindo em O Sangue de Cristo e o Santo Graal que os seus objectivos «pareciam incluir uns Estados Unidos da Europa teocráticos — uma confederação trans- ou pan-europe13 reunida num império moderno e governado por uma dinastia <J descendentes de Jesus...[enquanto] o verdadeiro processo de gover nação, presumivelmente, residiria no Priorado de Sião — e que podert revestir a forma de, digamos, um Parlamento Europeu dotado de p deres executivos e/ou legislativos».9
446
Q ultimo comentário é particularmente premonitório: em 1982, anto QS tres autores escreviam, o Parlamento Europeu não possuía deres legislativos — apenas a autoridade de adoptar resoluções que o erarn efectivamente vinculativas para os Estados-Membros. Estes oderes não foram alargados até ao Tratado de Maastricht, dez anos depois.
Muitos leitores de O Sangue de Cristo e o Santo Graal teriam gostado de saber como poderia o Priorado concretizar planos tão ambiciosos. Mas como o Priorado está ligado a uma importante corrente esotérica com ambições políticas, nas quais os Estados Unidos da Europa são absolutamente centrais — isto é, a sinarquia, um movimento com muitos rostos — a ideia começa a parecer quase razoável. Retiremos a referência a Jesus, e substituamos «Priorado de Sião» por «a rede de sociedades sinarquistas que estão por trás do Priorado de Sião» e a citação precedente é um excelente resumo da nossa interpretação dos planos dos sinarquistas: a importância atribuída pelo Priorado aos Estados Unidos da Europa não é nada surpreendente quando confrontada com o seu próprio passado sinarquista. Mas embora qualquer pessoa possa fazer planos, por muito grandiosos que sejam, o Priorado chegou a estar perto de os concretizar?
Quando a nossa investigação incidiu sobre outros aspectos do programa sinarquista, como Jeanne Canudo e Vivian Postei du Mas, membros das organizações do Movimento do Império Sinarquista nos anos 30, descobrimos (sem surpresa) que eles também trabalhavam para uma federação europeia, mas (talvez com maior surpresa) que indivíduos que viriam a desempenhar papéis-chave no desenvolvimento da Europa do pós-guerra também estavam profundamente implicados.
Evidentemente, há múltiplas e diferentes razões — políticas, financeiras e/ou idealistas — para considerar uns Estados Unidos da Europa uma boa ideia. Mas quanto mais

investigávamos, mais nos começávarnos a interrogar, porque todas as grandes iniciativas que encorajavam
0 Desenvolvimento da UE provinham de indivíduos que estavam direclarnente associados aos grupos sinarquistas que tínhamos estado a inves§ar. Passado algum tempo, quando as associações se sucederam, comeÇamos a pensar se isso seria mais do que uma mera coincidência: seria çalmente a criação da UE o resultado de um subtil, e por vezes não tão u°til, processo controlado por sinarquistas?

O nascimento de uma federação
No seu livro de 1997, The Tainted Source: The Undemocratic Ori«n of the European Ideal, John Laughland refere que o esforço para uma união europeia cada vez mas alargada é geralmente descrito um «antídoto» para a Segunda Guerra Mundial: «Há... algumas ligações directas entre as ideias nazis, Vichyitas e fascistas, e a ideologia da integração europeia nos nossos dias».10 Antes da guerra, uma Europa unida era o sonho dos totalitários da direita política, mas, mais tarde, ela tornou-se o objectivo dos seus adversários. Evidentemente, nem todos os que defendem uma maior união são secretos fascistas — há muitos motivos para promover uma Europa integrada. Mas Laughland argumenta que, com uma maior integração e um alargado número de membros, as instituições políticas da Europa terão inevitavelmente de se tornarem antes menos do que mais democráticas e responsáveis, por razões puramente práticas. A Europa terá que ser menos sensível aos desejos da população e unilateral nas suas tomadas de decisões se quiser funcionar.
Uma Europa federal era também a pedra angular da agenda a longo prazo dos Nazis — mas, naturalmente, com a Alemanha como a sua nação mais poderosa, e as outras dirigidas por governos socialistas ou fascistas. (Para o Hitler de antes da guerra, a Inglaterra devia ser excluída porque já tinha o seu império.) Durante a Segunda Guerra Mundial, com o continente sob o firme domínio do Eixo, as temidas SS — originalmente concebidas como uma espécie de ordem de cavalaria formada por uma elite ariana — começaram a incluir unidades militares de nacionais dos territórios conquistados, com o objectivo de criar uma força militar pan-europeia.
Ironicamente, o único ponto em que os nazis e os antinazis estavam em concordância era em que a resposta aos seus problemas seria uma Europa unida. O antinazi André Malraux exigia uma «Europa federal» em 1941; em 1944, a revista das SS francesas Devenir (subintitulada The Militam Joumal ofthe European Community), declarou que apoiava uma «Europa federalista». Talvez a suprema expressão desta ironia seja facto de que tanto Churchill como Hitler publicaram compilações dos seus discursos a favor da união europeia: Europe Unite, de Churchill, em
1950, e Europa, de Hitler, em 1943. Churchill — directamente inspirado pelo conde Coudenhove-Kalergi — defendia, já em 1930, idgia de uma Europa unida (embora ele não concebesse a Inglaterra, com seu império, como parte dela).11 Durante a Segunda Guerra Mundia , Churchill começou a considerar uns Estados Unidos da Europa com

.m rneio de evitar outro conflito no continente, particularmente pela criação de uma frente sólida contra a União Soviética. Esta ideia culminou no seu discurso decisivo na Universidade de Zurique, em Setembro de 1946, no qual ele apelava à criação de «uma espécie de Estados Unidos da Europa».12 Em Maio de 1948, a Comissão para a Coordenação Internacional dos Movimentos para a Unificação de Europa, presidida por Churchill, reuniu-se em Haia.
A relação entre uma suposta Europa unida e os Estados Unidos criou uma divisão clara e definida nas atitudes francesas quanto à união. De Gaulle considerava que a Europa se

devia unir para se proteger contra o poder económico e político dos EUA, que tinham emergido da Segunda Guerra mundial como uma superpotência global. (Ele vetou mesmo a entrada da Inglaterra na CEE porque ele desconfiava da «relação especial» do Reino Unido com a América.) Na primeira reunião do Conselho Nacional do RPF em Paris, em Julho de 1948, de Gaulle expôs a sua visão:

Em resposta à desintegração do Império que já começou, temos uma solução a apresentar que se chama União Francesa. Para os graves perigos que pairam sobre a Europa, o resto do mundo, e nós próprios, que são devidos exclusivamente às ambições de domínio mundial da Rússia Soviética, temos uma solução chamada a Federação Europeia, tanto nas áreas da economia como da defesa...13

Contudo, outros, nomeadamente Jean.Monnet, defendiam a ideia de uns Estados Unidos da Europa que colaborariam com os EUA.

As atitudes americanas em relação a uns Estados Unidos da Europa variavam consoante os interesses investidos implicados — alguns viam-nos como um progresso, outros como uma potencial ameaça. No mundo do pós-guerra imediato, e com os primeiros sentimentos de receio da Guerra Fria a aproximarem-se ameaçadoramente, a administração Truman considerou uma Europa unida necessária para conter as ambições soviéticas, e encorajou activamente uma união mais coesa.14 Como Baigent, Leigh e Lincoln referem em The Messianic ^z&Ky, isso levou à criação, em 1949, da Comissão Americana para uma Europa Unida (ACUE) — o resultado da influência exercida pelos Europeus, incluindo Churchill. No entanto, os fundos dos Estados Unidos para as organizações pro-união da Europa tiveram um preço. Como escrevem os três autores: «com a ACUE, inaugurou-se um processo Pelo qual sucessivas organizações que trabalhavam para a unidade

No seu livro de 1997, The Tainted Source: The Undemocratic Origin of the European Ideal, John Laughland refere que o esforço para uma união europeia cada vez mas alargada é geralmente descrito um «antídoto» para a Segunda Guerra Mundial: «Há... algumas ligações directas entre as ideias nazis, Vichyitas e fascistas, e a ideologia da integração europeia nos nossos dias».10 Antes da guerra, uma Europa unida era o sonho dos totalitários da direita política, mas, mais tarde, ela tornou-se o objectivo dos seus adversários. Evidentemente, nem todos os que defendem uma maior união são secretos fascistas — há muitos motivos para promover uma Europa integrada. Mas Laughland argumenta que, com uma maior integração e um alargado número de membros, as instituições políticas da Europa terão inevitavelmente de se tornarem antes menos do que mais democráticas e responsáveis, por razões puramente práticas. A Europa terá que ser menos sensível aos desejos da população e unilateral nas suas tomadas de decisões se quiser funcionar.

Uma Europa federal era também a pedra angular da agenda a longo prazo dos Nazis — mas, naturalmente, com a Alemanha como a sua nação mais poderosa, e as outras dirigidas por governos socialistas ou fascistas. (Para o Hitler de antes da guerra, a Inglaterra devia ser excluída porque já tinha o seu império.) Durante a Segunda Guerra Mundial, com o continente sob o firme domínio do Eixo, as temidas SS — originalmente concebidas como uma espécie de ordem de cavalaria formada por uma elite ariana — começaram a incluir unidades militares de nacionais dos territórios conquistados, com o objectivo de criar uma força militar pan-europeia.

Ironicamente, o único ponto em que os nazis e os antinazis estavam em concordância era em que a resposta aos seus problemas seria uma Europa unida. O antinazi André Malraux exigia uma «Europa federal» em 1941; em 1944, a revista das SS francesas

Devenir (subintitulada The Militant Joumal ofthe European Community), declarou que apoiava uma «Europa federalista». Talvez a suprema expressão desta ironia se) facto de que tanto Churchill como Hitler publicaram compilações dos sei» discursos a favor da união europeia: Europe Unite, de ChurchiU»
1950, e Europa, de Hitler, em 1943. Churchill — directamente insp»” rado pelo conde Coudenhove-Kalergi — defendia, já em 1930, i ^ de uma Europa unida (embora ele não concebesse a Inglaterra, c seu império, como parte dela).11 Durante a Segunda Guerra Mun Churchill começou a considerar uns Estados Unidos da Europa
um meio de evitar outro conflito no continente, particularmente pela criação de uma frente sólida contra a União Soviética. Esta ideia culminou no seu discurso decisivo na Universidade de Zurique, em Setembro de 1946, no qual ele apelava à criação de «uma espécie de Estados Unidos da Europa».12 Em Maio de 1948, a Comissão para a Coordenação Internacional dos Movimentos para a Unificação de Europa, presidida por Churchill, reuniu-se em Haia.
A relação entre uma suposta Europa unida e os Estados Unidos criou uma divisão clara e definida nas atitudes francesas quanto à união. De Gaulle considerava que a Europa se devia unir para se proteger contra o poder económico e político dos EUA, que tinham emergido da Segunda Guerra mundial como uma superpotência global. (Ele vetou mesmo a entrada da Inglaterra na CEE porque ele desconfiava da «relação especial» do Reino Unido com a América.) Na primeira reunião do Conselho Nacional do RPF em Paris, em Julho de 1948, de Gaulle expôs a sua visão:
Em resposta à desintegração do Império que já começou, temos uma solução a apresentar que se chama União Francesa. Para os graves perigos que pairam sobre a Europa, o resto do mundo, e nós próprios, que são devidos exclusivamente às ambições de domínio mundial da Rússia Soviética, temos uma solução chamada a Federação Europeia, tanto nas áreas da economia como da defesa... 13
Contudo, outros, nomeadamente Jean Monnet, defendiam a ideia de uns Estados Unidos da Europa que colaborariam com os EUA.
As atitudes americanas em relação a uns Estados Unidos da Europa
variavam consoante os interesses investidos implicados — alguns
viam-nos como um progresso, outros como uma potencial ameaça. No
mundo do pós-guerra imediato, e com os primeiros sentimentos de
receio da Guerra Fria a aproximarem-se ameaçadoramente, a adminis-
ração Truman considerou uma Europa unida necessária para conter
s ambições soviéticas, e encorajou activamente uma união mais
esa- Como Baigent, Leigh e Lincoln referem em The Messianic
p^icy, isso levou à criação, em 1949, da Comissão Americana para uma
EUr°Pa Unida (ACUE) — o resultado da influência exercida pelos
j r°Peus, incluindo Churchill. No entanto, os fundos dos Estados Uni-
Para as organizações pro-união da Europa tiveram um preço. Como
pejfeVern os três autores: «com a ACUE, inaugurou-se um processo
qual sucessivas organizações que trabalhavam para a unidade
448
449
europeia foram efectivamente controladas pelas agências arnerican que trabalhavam para os interesses americanos».15 O presidente da ACUp era William J. («Wild Bill») Donovan, chefe dos OSS durante a guerr enquanto o seu vice-presidente era Allen Welsh Dulles, um importam’ membro das OSS que, subsequentemente, veio a ser nomeado director da CIA.

Estes americanos apoiavam uma Europa unida contanto que ela funcionasse como eles queriam. Como a sua razão primordial para apoiarem o pan-europeísmo era a defesa contra a URSS (que tinha que ser cuidadosamente contrabalançada pela potencial competição económica da Europa), durante a Guerra Fria, as administrações dos Estados Unidos, de modo geral, apoiavam algum grau de integração europeia. Desde o fim da ameaça russa, no entanto, as considerações económicas tornaram-se a prioridade.
Curiosamente, o consenso americano modificou-se gradualmente durante os anos 80, quando se tornou cada vez mais evidente que a Guerra Fria nunca aqueceria — na verdade, perto do fim da década, com a queda do Muro de Berlim e o colapso, um a um, dos regimes comunistas na Europa central e oriental, a guerra acabou. Isto coincide exactamente com a alegada fricção entre os membros europeus e o «contingente anglo-americano» que coexistiram pacificamente até ao princípio dos anos 80, e a tensão foi aparentemente resolvida em 1989, quando Plantard dividiu a sociedade em duas ordens, europeia e americana. Seria isto apenas uma coincidência? Na ausência de provas de que o Priorado de Sião, como tal, tivesse quaisquer membros, poderia ser um erro interpretar esta divisão literalmente, mas, no mínimo, Plantard situou-a no contexto político correcto para uma organização cuja prioridade era estabelecer uns Estados Unidos da Europa, mas cujos membros tinham outros interesses políticos e económicos.
Em 1980, tanto os Europeus como os Americanos teriam concordado quanto ao objectivo dos Estados Unidos da Europa, mas, à medida que a década avançava, os Americanos ter-se iam mostrado menos interessados. Os membros britânicos ter-se-iam encontrado na situação difícil de ter de optar entre a Europa e a América, mas, provavelmente, estariam disp°s~ tos a juntar-se à última.
Mas em todas as facções e grupos com diferentes razões para defender a ideia de uma maior integração económica e com diferente expectativas do resultado, a questão-chave, então como agora, era sabe até que ponto o processo de integração deveria ir: simples coordenaÇ3 do comércio, indústria, agricultura e, até certo ponto, da economia -”
450
uns Estados Unidos da Europa em termos absolutos, com uma moeda , jca e o poder de afectar as estruturas sociais de todos os EstaJoS_Membros? (Churchill, por exemplo, pensava em termos de um Conelho da Europa que tomaria decisões em questões que afectassem o ontinente como um todo, não um governo federal ao qual as políticas domésticas das nações individuais estariam subordinados.)
O progresso da União Europeia foi um processo de mudança gradual marcado por alguns passos importantes — que mudaram fundamentalmente o seu percurso, levando não só a uma maior união económica como a uma cooperação política sempre crescente. E cada um desses grandes avanços foi a iniciativa de um indivíduo que estava especificamente associado aos grupos que estamos a investigar.
O primeiro passo decisivo no caminho da integração foi a criação do movimento Pan-Europeu pelo conde Coudenhove-Kalergi em 1923, com o seu primeiro Congresso Pan-Europeu em Viena, três anos depois. Como vimos, o conde foi um firme apoiante dos Estados Gerais da Juventude Europeia, de Jeanne Canudo.
A União Europeia faz remontar o seu nascimento a 9 de Maio de
1950, o dia em que a França fez a «Declaração Schuman», a iniciativa do político Robert Schuman, que assinalou o primeiro passo para uma cooperação industrial e económica a nível europeu. (O dia 9 de Maio ainda é o «Dia Schuman», o dia oficial da União Europeia.) A declaração anunciava que a França e a Alemanha Ocidental pretendiam associar as suas indústrias do carvão e do aço, e aceitariam as participações de quaisquer outros países; a Itália, os Países-Baixos, a Bélgica e o Luxemburgo decidiram participar. O resultado foi o Tratado de Paris, de Abril de 1951, que criou a

Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e um órgão «supra-nacional», a Alta Autoridade, presidida por Jean Monnet, Para controlar as indústrias nas seis nações.
O êxito da cooperação entre os seis países inspirou a ideia de colaboração noutras áreas, levando a um acordo para um sistema de defesa mútua (ratificado pelo Tratado da Comunidade de Defesa Europeia de 1952). Mais significativamente, em Março de 1957, o Tratado de ^oma estabeleceu a Comunidade Económica Europeia (CEE), eliminando as barreiras alfandegárias para formar um «mercado comum».
O Parlamento Europeu foi formado em 1958, com Robert Schuman c°mo seu primeiro Presidente. O seu protegido Alain Poher foi presidçnte desde Março de 1966 até Março 1969 — e foi sob a sua presidência ?Ue °s poderes do Parlamento conheceram o seu primeiro alargamento lrtlPortante.

Tudo isto começou com a Declaração Schuman — a qual, com uma questão de puro facto histórico, foi o resultado de uma conspirar^ para ultrapassar as compreensíveis reservas do Parlamento franc* quanto a um acordo de maior colaboração com a sua grande rival, a Ale manha. E a eminência parda da conspiração, que habitualrnent operava no segredo dos bastidores, foi Jean Monnet. Como escreve René Lejeune em Robert Schuman[2QQO}:
No decurso da génese da Declaração de 9 de Maio de 1950, Robert Schuman não parou de iludir, manobrar, esconder; usou uma estratégia de meandros, desvios, subterfúgios. Perante o Conselho de Ministros, a 3 de Maio, pretextou a insignificância do projecto. Literalmente, conspirou com René Meyer e René Pleven; a intervenção dos três a favor do projecto, no Conselho de 9 de Maio, tinha que parecer espontânea; todavia, ele sabia que o projecto era de capital importância. Não tena ele aplicado à letra o conselho de Maquiavel: para ter êxito em política, temos que saber fingir e simular?
Lejeune também refere, criticamente:
Sem astúcia [ruse], não teria havido nenhuma Declaração de 9 de Maio de 1950. E, talvez, nenhuma Comunidade Europeia, sem o estratagema usado por Robert Schuman e Jean Monnet, ao longo dos dez dias que precederam o 9 de Maio de 1950, que a história aceita como o dia do nascimento da Europa comunitária.16
A presença de Monnet era ubíqua: como Merry e Serge Bromberger escrevem em Jean Monnet and the United States ofEurope (1968), «O plano Schuman era efectivamente o Plano Monnet; o Tratado de Roma, o Tratado de Monnet».17
Católico devoto, Jean-Baptiste Nicolas Robert Schuman (1886-1963) nascera numa família de produtores de conhaque, na Alsácia-Lorena, embora ele tivesse nascido no Luxemburgo. Era, portanto, cidadão alemão, mas tomou-se francês aos trinta e três anos quando a Alsácia foi devolvida à França no fim da Primeira Guerra Mundial; sendo a Alsácia-Lorena um cadinho óbvio para o conceito de união política —•a área estava historicamente dividida entre a França e a Alemanha — era natural que Schuman abraçasse o ideal de uma Europa unida.
Como Schuman fundou, antes da guerra, o grupo político Énergie» com Louis Lê Fur, da Alpha Galates, a frase de Lejeune é particular’

mente significativa quando descreve a sepultura de Schuman em ccy-Chazelles (à saída de Metz): «De todas as partes, os turistas da Europa acorrem às alturas de Scy-Chazelles, destinada a tornar-se a ”coline ’nspirée” da Europa».18 (Há até movimentos para beatificar Schuman.)
Como vimos no capítulo anterior, nos anos 30, Monnet estava implicado nos Estados Gerais da Juventude Europeia, a invenção de Jeanne Canudo, cuja forte implicação no

Movimento do Império Sinárquico significava que ela tinha uma colaboração próxima com um dos autores do Pacto Sinarquista, Vivian Postei du Mas.

Embora Monnet tivesse exercido uma enorme influência na história de França a partir da Segunda Guerra Mundial, como referem os seus biógrafos Merry e Serge Bromberger, ele preferia manter-se anónimo, tanto quanto possível — uma figura misteriosa. Mas ele não era, de modo nenhum, insignificante. Através da sua relação próxima com Harry Hopkins, o conselheiro mais próximo e de maior confiança do Presidente americano, Monnet tornou-se «o conselheiro pessoal para a Europa» do Presidente americano.19 Como vimos, como Roosevelt detestava de Gaulle, tanto pessoal como politicamente, de Gaulle era a última pessoa que ele desejava como líder da França Livre, favorecendo o seu rival, o general Giraud. Monnet, habilmente, manobrou de forma a tornar-se o intermediário político nesta luta interna, mas numa jogada abrupta, em Agosto de 1943, ele usou a própria autoridade do Presidente americano contra ele. Como explicou Robert Murphy, o representante de Roosevelt no Norte de África francês: «Influenciado por Hopkins, Roosevelt entregou a Monnet cartas credenciais que o elevavam quase ao estatuto de enviado pessoal dos Estados Unidos ao Norte de África. Ele usou esses documentos para levar o general de Gaulle ao poder — exactamente o contrário do plano de Roosevelt para o império francês».20

O impacte das acções de Monnet no curso da história mundial não pode ser exagerado. Os meses que se seguiram à ocupação Aliada do Norte de África Francês foram cruciais para decidir quem iria governar a França depois da Libertação. com Darlan morto, os restantes candidatos eram de Gaulle e Giraud, mas na altura — graças a Monnet — Giraud foi ultrapassado (quantas pessoas ouviram falar dele hoje?). Se tivesse sucedido o contrário, teria sido de Gaulle que teria sido discretamente esquecido. E se de Gaulle não tivesse presidido à Libertação, estabelecendo-se como o protector e salvador da França, então ele nunca seria chamado novamente ao poder em 1958. Esta não foi uma Pequena proeza de Monnet. Também não foi insignificante a sua

actuação como promotor responsável pela Declaração Schuman d

1950. A influência de Monnet sobre a história da Europa do pós-guerra é verdadeiramente importante — contudo, o seu não é um nome que nos ocorra facilmente.

Através do general François d'Astier de Ia Vigerie, Monnet envolveu-se nas negociações para preparar o terreno na Argélia e em Marrocos para os desembarques da Operação Archote.21 (Embora sejam descritos hoje como uma invasão, uma grande quantidade de trabalho diplomático cuidadoso e secreto — implicando a Resistência e as autoridades ostensivamente pró-Vichy naquelas colónias, como o Marechal Juin — tivera lugar durante vários meses para assegurar a mínima resistência à chegada dos Aliados. Os únicos combates ocorreram brevemente e quase por acidente, em consequência da má coordenação entre os vários elementos no lado francês e a chegada inesperada e polémica de Darlan a Argel)22 Aqui, temos dois políticos instrumentais na criação do primeiro passo para a UE, dos quais um (Schuman) foi co-fundador de um grupo de pressão política, com Louis Lê Fur, da Alpha Galates, e o outro (Monnet) esteve implicado nos meios sinarquistas antes da guerra. E, infelizmente, foram estes dois políticos que deram origem aos tratados de Paris e de Roma que determinaram a agenda para uma Europa unida. Outro dos «discípulos» de Monnet, pelo menos no que diz respeito à política europeia, foi François Mitterrand, que ele apoiou na eleição presidencial de 1965.

O mínimo que se pode dizer é que através da influência de Canudo sobre Monnet e a estreita colaboração de Lê Fur com Schuman (mesmo que ela não tivesse ido mais longe

do que isso), a sinarquia mudou efectivamente a face da Europa — e, portanto, sem o mínimo exagero, do mundo. Mas ela foi mais longe do que isso?
Durante muitos anos, o limite das ambições da CEE era a coordenação dos elementos da indústria e da economia que funcionavam melhor colectivamente — era apenas uma questão de aperfeiçoar e alargar o que já tinha sido alcançado, por exemplo, acrescentando novos Estados-Membros ou organizando outras áreas de influência numa base pan-europeia (como a Política Agrícola Comum, desenvolvida no princípio dos anos 60). Durante essa década, as instituições que supervisionavam indústrias e outras áreas individuais transformaram-se na Comissão Europeia, com um Conselho de Ministros. Em 1973, o Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca foram os primeiros países da nova vaga de Estados-Membros.
454
Embora as primeiras eleições directas para o Parlamento Europeu se tivessem realizado em 1979, o Parlamento ainda não possuía quaisquer poderes legislativos, apenas a autoridade para aprovar resoluções não-vinculativas. (O maior alargamento do seu poder durante a década de 70 foi um maior controlo do orçamento da CEE.) O processo atingiu o seu ponto mais alto no Acto Único Europeu de 1986, que alargou os princípios do mercado comum desde o livre comércio de mercadorias até à liberdade de movimento de indivíduos e moeda no seio da CEE. com esse alargamento, o conceito original da Europa unida — a cooperação económica e financeira promovida pela Declaração Schuman — tinha ido o mais longe que era possível.
O novo passo importante aumentou o poder político do Parlamento Europeu com o Tratado de Maastricht (propriamente, o Tratado da União Europeia) de 1992, que transformou a CEE na «União Europeia». O Tratado concedeu ao Parlamento Europeu poderes alargados sobre as políticas domésticas das nações individuais, pela primeira vez, para além das áreas do comércio e da economia — o que foi considerado por muitos como o primeiro passo para um «super-estado» europeu. Agora, o Parlamento Europeu tinha verdadeiros poderes legislativos. Agora, tinha dentes.
Também em 1992, a UE decidiu a favor da plena união económica e monetária — uma moeda única, com um Banco Central Europeu, levando à adopção do euro em doze dos quinze Estados-Membros, a iniciativa do Presidente francês, François Mitterrand. Na verdade, com o seu aliado político muito próximo, Jacques Delors, e o Chanceler alemão Helmut Kohl, com quem tinha uma relação especial, Mitterrand pode ser descrito como o arquitecto da Europa que temos hoje. Mas embora possamos estar inclinados a aceitar com uma enorme cautela a declaração de Plantard, de que Mitterrand ou era membro do Priorado, ou era uma pessoa facilmente ludibriável, uma análise do seu passado e da sua carreira dá sérios motivos para reflexão.
O faraó francês
Em Setembro de 1994, houve uma onda de «pretensa surpresa» em França quando um novo e sensacional livro trouxe à atenção dos meios de comunicação social os segredos embaraçoso do passado do seu presidente — então, no seu décimo terceiro ano e segundo mandato no cargo. •4 French Youth, de Pierre Péan, para o qual o próprio Mitterrand tinha sido
455
entrevistado, revelou que o Presidente socialista não só tinha sido u figura influente nos círculos de extrema-direita nos anos 30, como também? ocupara um cargo importante na administração de Vichy — tendo-lh mesmo sido concedida a sua mais alta condecoração pelos seus servir prestados ao Estado Francês. O furor subsequente viu Mitterrand defender-se na televisão nacional: cortesmente, ele explicou o seu lapso de política de direita como uma mera loucura da juventude, o importante é que ele tinha

compreendido o erro das suas actividades e mudara crucialmente as suas ideias políticas. Isso era o passado, agora era o presente Apesar disso, o passado suspeito de Mitterrand foi uma verdadeira surpresa para a maior parte dos eleitores franceses, embora ele fosse do conhecimento geral nos círculos políticos há anos. (Afinal, Henry Coston tinha-se expressado bastante clamorosamente sobre o assunto nos anos 60.)23 O historiador americano John Hellman explica toda a extensão da perfídia política de Mitterrand — e do sistema francês:

Tanto durante como depois do período de Vichy, ele parece ter sido um supremo oportunista para quem a família e as lealdades fraternais prevaleciam sobre princípios, ideologias, e grandes desígnios... Como vários dos seus aliados no tempo da guerra... Mitterrand pôde transformar o seu passado de político de direita para passar a ter sido «da esquerda» quando começou a contestar a influência do Partido Comunista Francês... Que a figura pública dominante de França pudesse ter escondido, com tanto sucesso, os seus princípios é uma revelação e deixa-nos a imaginar o que as memórias do seu passado teriam sido realmente, como é que todos os historiadores franceses conseguiram evitar trazer à luz factos importantes, e por que razão Mitterrand e os seus aliados fizeram tanto esforço para esconder o que tinham pensado e feito no passado.24

(Examinaremos toda a importância destas «lealdades familiares e fraternais» em breve.)

François Mitterrand nasceu em 1916, em Jarnac, onde uma das comendadorias do Priorado de Síão tinha uma suposta base. As razões da pretensão do Priorado não são particularmente claras — ao contrário de outros lugares, como Bourges, Jarnac não tem nenhum outro pape' importante na tradição do Priorado nem na história de qualquer dos movimentos associados.

Numa entrevista em 1969, Mitterrand disse que ele e os seus irmãos tinham sido instilados com um patriotismo baseado na ira de Deus/

456

centando bastante sentenciosamente «com, felizmente, uma faceta
3 és e Colline inspirée».25 Pelo menos durante a sua juventude, ele era
católico muito devoto, com uma veneração especial pela santa do
j0 dezanove, patrona das missões, Teresa de Lisieux. Como ele ex-
Vcou ao seu mentor, o abade Jobit, em 1934: «A acção cristã não
lui a acção política: completa-a».26

Como estudante em Paris, tornou-se membro da Croix de Feu (Cruz de Fogo), a organização nacionalista de direita fundada e dirigida pelo coronel François de La Rocque; na verdade, em Janeiro de 1935, ele fez duas palestras sobre as virtudes da organização, que foram noticiadas na imprensa da época. Mitterrand também colaborou com o jornal conservador Combat.27 Como convém a um frequentador desses círculos, ele era um ardente realista — na Páscoa de 1939, ele e alguns amigos deslocaram-se a Bruxelas para «pedir conselho» ao pretendente ao trono, o conde de Paris.28

Indiscutivelmente, no fim da adolescência e no princípio da idade adulta, Mitterrand desempenhou um papel activo na política de extrema-direita a nível de guerrilha urbana, o mesmo campo habitado pela temida Cagoule. Mas a acusação mais extrema foi a de que o futuro Presidente francês era um membro activo da sua rede terrorista.

Há muitos rumores, mas poucos factos concretos. Várias pessoas, que o conheceram nessa altura, afirmaram que ele era largamente considerado como sendo um Cagoulard, embora nenhuma dessas pessoas pudesse apresentar provas concretas. A acusação mais dramática está relacionada coma campanha bombista da Cagoule em 1937, em Paris, visando organizações patronais. Segundo a família do fundador Cagoulard, Dr. Henri Martin, era o próprio Mitterrand quem transportava as bombas.29

De facto, a alegação de que Mitterrand era um Cagoulard activo veio primeiro à superfície na revista de extrema-direita Lê Choc du Móis, numa edição especial sobre o Presidente. Em contraste, Pierre Péan não chega a fazer essa acusação porque Mitterrand, categoricamente, negou qualquer envolvimento — e, em todo o caso, não havia nenhuma Prova convincente do contrário. (No entanto, ainda há espaço para Qttcussão: embora o seu nome seja conspícuo pela ausência da lista dos Membros da Cagoule apreendida em 1937, parece que as identidades Qe certos líderes eram mantidas escrupulosamente secretas. Seria a sua Uma delas?) Mas a ausência de provas de que Mitterrand fosse membro Qa rede terrorista é bastante irrelevante comparada com a sua proxipessoal e política de certos Cagoulards fanáticos...
457
Mitterrand era amigo íntimo de Jean Bouvyer, que montava guarda quando os irmãos Rosselli foram assassinados e que esteve também implicado no planeamento do assassinato de Dimitri Navachine3o Mitterrand e ele eram bons amigos desde 1936, pelo menos — o ano anterior aos assassinatos — embora os seus caminhos se viessem a cruzar mais frequentemente em Vichy. Bouvyer foi preso em conexão com os homicídios perpetrados em 1938, embora o eclodir da guerra não só tivesse interrompido a investigação dos mais influentes Cagoulards incluindo Deloncle, como também lhes permitiu subir livremente na administração de Vichy. A irmã de Mitterrand, Marie-Josèphe, divorciada do marquês de Corlieu, tornou-se amante de Bouvyer durante os anos de Vichy. Apesar dos seus pedidos, ele recusou casar com ela, em parte porque receava uma reabertura, depois da guerra, da investigação das suas actividades de Cagoulard.31 Ele tinha motivo para estar preocupado. Outro amigo e aliado dos anos anteriores à guerra e a Vichy era François Méténier, um dos auxiliares de Deloncle e o homem que prendeu Lavai em 1940, mais tarde condenado a vinte anos de prisão devido aos atentados bombistas de 1937, em Paris. E, como veremos, Mitterrand, mais tarde, usou a sua influência para ajudar os dois homens. Em Julho de 1939, depois de um rápido romance, o seu irmão Robert casou com Edith Cahier, irmã de Mercedes, a esposa de Eugène Deloncle.32 Este grupo dos tempos de extrema-direita de Mitterrand, formado antes da guerra e com o qual ele estava relacionado pelo sangue ou se veio a relacionar pelo casamento, transformou-se, inexoravelmente, no «clã», o exemplo perfeito do flagrante nepotismo político em acção. (Como outro exemplo da insularidade deste grupo, a sobrinha de Pétain era casada com o advogado de Henri Martin.)33

De vilão a herói

A biografia de Mitterrand no Noveau dictionnaire national dês contemporians, de 1964, descreve uma história da qual qualquer verdadeiro filho da França se teria orgulhado: «Mobilizado em 1939, foi ferido, feito prisioneiro e fugiu em 1942. Depois, tomou-se um membro activo da Resistência e fundou o Movimento de Prisioneiro de Guerra (1942JDepois de várias missões em Londres e em Argel (1943), tornou-se, aquando da Libertação, secretário-geral dos Prisioneiros de Guerra». Nada neste resumo é tecnicamente inexacto — mas algo bastante crític° foi cuidadosamente omitido.
458
Quando a guerra começou, o futuro Presidente tornou-se sargento Je infantaria, e depois de ter sido feito prisioneiro em Junho de 1940, foi enviado para um campo de prisioneiros de guerra na Alemanha — a sua «peregrinação». Para ele, a derrota era uma espécie de expiação dos pecados da França, particularmente a sangrenta revolução antimonárquica. No campo de prisioneiros, ele forjou uma amizade que iria ter profundas consequências décadas depois, com um antigo membro da Juventude

Comunista, chamado Roger-Patrice Pelat. Companheiro de toda a vida, Pelat apresentou Mitterrand a Danièle Gouze-Rénal, com quem ele casou em Outubro de 1944.35
Tendo sido transferidos para um campo na França Ocupada, Mitterrand e Pelat fugiram, dirigindo-se para a zona de Vichy em Dezembro de 1941. (Apesar das insinuações de que os seus amigos de Vichy o tinham libertado, Péan apresenta provas de que Mitterrand, efectivamente, fugiu.)
Em Vichy, Mitterrand foi encarregado de trabalhar no serviço de documentação da Legião de Combatentes e Voluntários da Revolução Nacional — um grupo de antigos soldados pró-Pétain fundado pelo ex-Cagoulard, e outrora advogado de Bouvyer, Xavier Vallat — que acabara de se fundir com a organização do coronel de La Rocque, a antiga Croix de Feu.36 Mitterrand obteve este trabalho por intermédio do Coronel Cahier, sogro do seu irmão, mas alguns meses depois ingressou na Comissão de Reabilitação de Prisioneiros de Guerra da administração de Vichy, graças, desta vez, ao ministro da Justiça Rapahael Aliberti — também, previsivelmente, um ex-Cagoulard.37
(O trauma dos prisioneiros de guerra franceses — um número incrível de 1,8 milhão, em certa altura — era uma questão particularmente sensível. Não só a França queria o regresso dos seus rapazes, como um grande influxo de ex-soldados criava oportunidades e riscos, consoante a atitude dos soldados durante a Ocupação: eles iriam apoiar Pétain, ou reforçar as fileiras da Resistência? Apesar do seu título aparentemente desinteressante, o trabalho da Comissão de Reabilitação, ao decidir quem. iria ser reabilitado e que condições iriam ser impostas, era muito importante.)
Foi enquanto ocupava este cargo que Mitterrand escreveu «Pilgrimage toThuringia» para a revista pró-Vichy Trance, Revue de 1'ÉtatNouveau, fundada por Gabriel Jeantet — director do gabinete de Pétain e antigo responsável pelo fornecimento de armas à Cagoule. (E, escusado é dizer, ele também era um dos membros ricos e poderosos do grupo de Mitterrand.)38 O próprio Pétain foi um dos colaboradores da revista.
459
Em Vichy, «os antigos Cagoulards continuaram a movimenta em torno, e no seio, do "clã" Mitterrand»39 — formando um grupo s ? peito de pessoas ricas e influentes, que incluía Bouvyer, Méténier e D loncle.
No princípio de 1943, com a situação a tornar-se muito difícil para Hitler, o sempre oportunista Mitterrand e alguns colegas sondaram a Resistência enquanto se comprometiam a apoiar o general Giraud, e não o seu implacável inimigo de Gaulle. André Ulmann, que viria a escrever sobre a sinarquia (e que colaborou com Mitterrand na Resistência), próduziu um relatório para de Gaulle sobre o movimento attentiste [a política dos que esperam para ver] de Mitterrand e dos apoiantes de Giraud.40 (Mitterrand foi sempre amigo do filho de Giraud.J.
Foi durante este período que Mitterrand foi agraciado com a Francisque Gallique, a mais alta honra que a administração Vichy podia conceder. Há uma certa confusão — sem dúvida deliberada — sobre a data em que ela foi concedida. Mitterrand disse que a condecoração lhe foi atribuída em Dezembro de 1943 — depois de ele ter saído de França — mas as evidências indicam que ele a recebeu em Agosto41. A diferença é crucial, porque, se a primeira data estiver correcta, ele teria sido obrigado a fazer o juramento: «Consagro a minha pessoa ao Marechal Pétain, tal como ele se consagrou à França. Comprometo-me a obedecer às suas disciplinas e permanecer fiel à sua pessoa e à sua obra».42 Mas pior para a reputação de Mitterrand, depois da guerra, é o facto de os seus patronos terem sido Jeantet e o firmemente pró-Vichy Simon Arbellot, que disseram, mais tarde, que Mitterrand tinha efectivamente solicitado a condecoração.43
Depois do afastamento de Giraud, Mitterrand metamorfoseou-se repentinamente num dedicado gaullista e, em Novembro de 1943, com um colega, fez a arriscada viagem a

Londres para se encontrar com o coronel Maurice Buckmaster, chefe da secção francesa da SOE. Depois, encontrou-se com de Gaulle em Argel; o general, aproveitando a sua experiência junto da Comissão dos Prisioneiros de Guerra, encarregou-o de organizar a Resistência entre os prisioneiros de guerra. Mitterrand regressou a Paris no fim de Fevereiro de 1944.44

Anjos e demónios

Embora tendo prudentemente terminado a guerra ao lado dos aflj°s' Mitterrand, todavia, gostava de conviver com antigos Cagoulards, a quefl1

j devia, e que lhe deviam, favores. Tendo necessidade de um emprego, foi oportunamente nomeado editor-chefe da revista Votre Beauté, recisamente, por Eugène Schueller, fundador e presidente da LOréal, ue já antes financiara a Cagoule e o MSR, o partido racista de Deloncle45- (Vários ex-Cagoulards foram igualmente ajudados depois da nueda de Vichy: Jacques Corrèze, um dos auxiliares de Deloncle no MSR — °iue casou com a viúva de Deloncle, depois da guerra — tornou-se o representante da L'Oréal em Espanha.46 Talvez ele o merecesse.)

Quando a investigação da Cagoule foi reaberta depois da Libertação, Jean Bouvyer e François Méténier foram novamente presos e acusados de participação em atentados bombistas e homicídios. Sempre um amigo leal, Mitterrand visitou-os frequentemente na prisão.47

Em Vichy, Jean Bouvyer fora um entusiástico funcionário da Comissão Geral para as Questões Judaicas, com todo aquele eufemismo arrepiante que a Comissão implica agora. Em Agosto de 1945, quando foi novamente preso, Mitterrand escreveu em sua defesa, declarando que Bouvyer tinha forjado documentos para a Resistência e que a sua atitude, durante a Ocupação, fora «irrepreensível». Interrogado sobre esta questão por Pierre Péan, Mitterrand alegou que não tivera conhecimento, naquela altura, da tarefa de Bouvyer em Vichy. 48 (Como o último tinha um relacionamento com a irmã de Mitterrand, esta afirmação é algo difícil de acreditar.)

Enquanto estava em liberdade sob caução, em 1948, Bouvyer e a sua nova esposa fugiram para a América1 do Sul, embora ele tivesse sido condenado à morte in absentia. Condenado a vinte anos de prisão, Méténier foi libertado em 1951 por motivos de saúde — graças à intervenção de Mitterrand.49 Um amigo de Mitterrand revela que Méténier lhe disse em 1950: «Tudo o que pedires a Mitterrand em meu nome, obterás».50 Não sabemos quanto tempo durou a subserviência de Mitterrand ao ex-Cagoulard, nem até que ponto ela influenciou as suas decisões políticas no que concerne à França e à Europa, no seu conjunto. Entrando na política, depois da guerra, como socialista, Mitterrand apresentou-se como um implacável adversário dos comunistas, que tinham considerável apoio naquela altura. Em 1946, aderiu ao ReagruPamento da Esquerda Republicana (Rassemblement dês Gaúches Républicans, ou RGR) dirigido por Daladier, primeiro-ministro antes ua guerra. Em Novembro, foi eleito senador representando o département de Nièvre, tornando-se rapidamente numa pessoa de sucesso: Durante os anos 50, quando tinha cerca de quarenta anos, ocupou vários

l

l

cargos da maior importância, tornando-se mesmo ministro do Inte • e da Justiça em 1954-5 5. n°r

Durante esses anos de sucesso politico, Mitterrand fez o infa comentário de que precisava apenas de «cinquenta amigos bem-colo dos para governar o país».51 Estas

palavras não eram uma jactância v~ como podemos concluir pelo seu notório nepotismo quando, por fjjJ chegou ao mais alto cargo da República.

Inimigos figadais

Tudo parecia muito prometedor para Mitterrand até que o triunfo do Gaullismo, em 1958, o afastou sumariamente da área do poder. Ele detestava de Gaulle, sendo mesmo o seu «inimigo figadal» durante toda a presidência do general.52 (De Gaulle regista que, quando se reuniu com os líderes parlamentares a 31 de Maio de 1958, o único que «expressou os seus sentimentos contra a tomada de posse do general como primeiro-ministro foi Mitterrand.)53 Esta atitude situou Mitterrand na mesma área que os políticos da extrema-direita no parlamento francês, que também odiavam de Gaulle devido à sua mudança total de política quanto à Argélia, e explica — ou talvez sirva de desculpa conveniente para — as suas ocasionais alianças com eles durante os anos 60.M (Poderia parecer contraditório que os sinarquistas — ou, no mínimo, Plantard e o então Priorado de Sião — tenham aparentemente trabalhado para levar de Gaulle ao poder embora Monnet e Mitterrand estivessem em conflito com ele. Mas, evidentemente, como a sinarquia opera em passos graduais em direcção à sua meta final, de Gaulle pode ter sido considerado com o par de mãos mais seguro para cumprir a sua agenda até a um certo ponto, após o qual os sinarquistas transfeririam o seu apoio para qualquer pessoa que promovesse a sua causa mais rápida e eficientemente. A perfeita manobra sinarquista seria ganhar influência sobre os candidatos eleitorais da oposição.]

Um dos ardis publicitários mais surpreendentes de Mitterrand para recuperar a sua antiga posição de influência — e que é muito elucidativa do seu carácter — foi o que se tornou conhecido como o caso do Observatório. Segundo reza a história, na noite de 15-16 de Outubro de 1959, quando Mitterrand conduzia o seu carro junto do Jardin du Luxem' bourg em Paris (em frente do Palais du Luxembourg, a sede do Senado, no topo da Avenue de 1'Observatoire), um atirador abriu fogo sobre o seu carro. Mitterrand saiu do carro, transpôs a sebe do parque, e fugiu-

\ tou o incidente à polícia — e à imprensa, para a qual encenou uma
etiçã° pouco digna do seu salto por cima da sebe. Quanto à iden-
f dade do suposto atirador e dos seus apoiantes, Mitterrand deixou isso à
. gjnação — afinal, todos sabiam que ele o grande espinho cravado
no flanco do general de Gaulle.

A investigação da tentativa de assassinato de um dos mais famosos nolíticos franceses levou rapidamente à prisão do suposto atirador, Abel Dahuron, assim como do político conservador, Robert Pesquet, que era o suposto responsável pelo incidente. (Pesquet pertencia a um partido de extrema-direita, e era então colega de Jean-Marie Lê Pen.) Mas na sua defesa, Pesquet referiu que seu co-conspirador não era outro senão... François Mitterrand. Declarou que todo o caso fora ideia da «vítima» — uma flagrante fraude destinada a conquistar publicidade, ganhar a compreensão pública e lançar suspeitas sobre os seus inimigos. Aparentemente, o seu carro foi atingido depois de Mitterrand já ter saído dele. Por bizarro e incrível que possa parecer, Pesquet pôde mesmo comprovar as suas afirmações: como medida de segurança contra um fracasso, ele enviara a si próprio cartas para duas caixas postais diferentes, descrevendo o plano com minucioso detalhe e carimbadas dois dias antes de o atentado ter ocorrido. O magistrado investigador reuniu as cartas e abriu-as na presença de Mitterrand. Perdido o último vestígio de dignidade e, diríamos, de credibilidade, ele começou a chorar.55

Em Agosto de 1966, Pesquet e Dahuton foram ilibados pelo motivo de o atentado ter sido cometido com o consentimento da suposta vítima. com incrível arrogância ou pela ignorância da sua verdadeira situação, Mitterrand interpôs recurso, mas em Novembro,

o veredicto foi mantido e ele foi obrigado a pagar as custas. (Foi feita uma tentativa para o acusar, rnas por alguma razão, a acusação nunca chegou ao tribunal.) Talvez que o único verdadeiro vencedor, excepto o próprio Mitterrand, fosse o cinismo francês. É difícil imaginar que políticos britânicos ou americanos chegassem a considerar a continuação das suas carreiras depois de um escândalo tão particularmente humilhante, mesmo que os seus pares — e os eleitores — os apoiassem nessa tentativa.
Também é desconcertante que Mitterrand pudesse fingir ser socialista quando ele era conhecido pelas suas ideias de direita e pelo contacto regular com extremistas como Pesquet, especialmente porque os seus adversários tinham perfeito conhecimento da sua orientação política. A sua candidatura à presidência nas eleições de 1965 foi efectivamente financiada pela Aliança Republicana de extrema-direita (da qual Lê Pen era membro).56 Contudo, ele conseguiu chegar ao mais alto cargo.
463
Apresentando-se como a única verdadeira alternativa ao Gaullis nos anos 60, Mitterrand liderou uma coligação de partidos de esquerd ° depois criou o Partido Socialista (Parti Socialiste — geralmente conta eido pelas suas iniciais, PS).
Um dos grupos influentes que o ajudou a organizar o PS foi 0 j Hubert Beuve-Méry (1902-89), fundador e proprietário de Lê Monde
— ele escrevia sob o pseudónimo «Sirius» — e um líder intelectual das escolas Uriage do tempo da guerra.57 (Um dos grandes defensores da ideia da união europeia, Beuve-Méry jantou com Goebbels e Himmler em Berlim, em 1939.58 (E foi ele quem conseguiu para Lionel de Roulet líder do Partido Merovíngio antes da guerra, o seu emprego em Viena
— aparentemente, uma fachada para operações de serviços secretos.) Finalmente, à terceira tentativa, Mitterrand foi eleito Presidente da
República Francesa, a 10 de Maio de 1981 (e reeleito sete anos depois). Um dos seus primeiros actos como presidente da França foi fazer aprovar uma lei concedendo uma amnistia a todos os membros do exército que tinham conspirado contra de Gaulle — por outras palavras, a OAS.59
«Incontestavelmente um monarca»
Embora ainda se continuasse a esconder por detrás da sua conveniente máscara socialista, Mitterrand adoptou um estilo distante e magnificente mais adequado a um rei — na verdade, o conde de Paris disse acerca dele em 1987: «Incontestavelmente, ele é um monarca.» Como socialista, Mitterrand fora um opositor declarado do tipo de presidência criado pelo general de Gaulle, porque ela concentrava demasiado poder nas mãos do presidente, publicando as suas opiniões num panfleto intitulado The Permanent Coup d'État, em 1964. Mas, tipicamente, uma vez eleito, mudou a sua opinião, quebrando os seus compromissos eleitorais de reduzir o mandato presidencial de sete para cinco anos, e de limitar a presidência a dois mandatos.61 com perspicácia, John Laughland avalia a sua presidência:
Enquanto Mitterrand dedicava os seus esforços a politiquices inúteis, z França andava à deriva. Durante os seus catorze anos no cargo, a industria francesa estagnou. O aumento do desemprego e da pobreza só foi ig113' lado pela multiplicação de favores e privilégios concedidos aos arnig°s pessoais de Mitterrand; ele preferiu governar através do seu clã privado,
464
mais do que através das instituições do estado, e perseguia o poder por nenhum outro motivo senão o próprio poder. Se o «Thatcherismo» representa um credo económico tonificante e um estilo de governo que deixou um legado significativo, o

«Mitterrandismo» denota oportunismo, favoritismo, corrupção e a substituição de acção concreta por ilusões e con-
versa. •
Laughland, sem transigência, também regista sobre o «Rei» Mitterrand:
Toda [a sua] personalidade política depende da desfocagem de distinções, tanto políticas como morais, e da sua recusa de alguma vez ficar preso a uma posição única sobre qualquer questão. Poucas frases, na verdade, sintetizam melhor o seu cinismo moral do que aquela que ele proferiu quando recusou admitir que havia alguma coisa errada na sua continuada convivência com o seu velho amigo, René Bousquet, o antigo Chefe da Polícia durante o regime de Vichy: «Julgam que a vida é a preto-e-branco? Não, ela é a cinzento-claro e cinzento-escuro».63
Como salienta a referência ao «clã privado», Mitterrand depressa se tornou notório pelo manifesto favorecimento da sua família e da família da sua mulher. (No entanto, a pergunta impõe-se, quem geria realmente esta pequena cabala? Era Mitterrand, de facto, o responsável — ou ele era apenas o seu rosto público?) Mitterrand continuou a manter as suas relações com os seus companheiros de Vichy, desafiando arrogantemente a opinião pública.
O associado mais notório de Mitterrand era René Bousquet (1909•93), secretário-geral da Polícia de Vichy — o antigo cargo de Henri Chavin — a partir de Abril de 1942. Um mês depois, quando os Alemães se preparavam para deportar judeus franceses da Zona Ocupada, Bousquet, voluntariamente, entregou-lhes também os judeus estrangeiros detidos nos campos de prisioneiros em Vichy. Supervisionou pessoalmente as rusgas policiais para prender os judeus franceses em Paris e na zona de Vichy, nesse verão, sendo responsável pela deportação de cerca de 76.000 seres humanos para o inferno na terra. Os nazis afastaram-no do seu cargo em Dezembro de 1943, e depois do Dia D, foi deportado Para a Alemanha, onde foi forçado a sofrer prisão domiciliária. Em 1949, °i condenado à perda de direitos civis durante cinco anos devido ao seu envolvimento com o regime de Vichy, mas essa acusação foi rapidamente substituída por «actos de resistência».64

Depois da guerra, Bousquet foi membro dos conselhos de administração de várias empresas, principalmente de interesses financeiros associados ao Extremo-Oriente — particularmente o Banco da Indochina, do qual ele foi vice-director-geral. Em 1962, tornou-se director do jornal La Dépêche du Midi, com sede em Toulouse, que era solidamente pró-Vichy durante e depois da guerra.65Talvez sem surpresa, o jornal apoiou Mitterrand na sua candidatura presidencial de 1965. Durante toda a vida, Mitterrand foi amigo de Bousquet, a quem recebeu no Palácio do Eliseu pouco tempo depois de ter sido eleito Presidente.66
Embora o jornal LExpress tivesse denunciado, em 1979, o papel desempenhado por Bousquet na perseguição dos Judeus, passou uma década até que as acusações fossem pronunciadas contra ele. Quando foi acusado de crimes contra a humanidade em 1991, o processo legal foi deliberadamente atrasado por amigos poderosos, incluindo Mitterrand. Nunca se chegou a um veredicto: ele foi morto a tiro no seu apartamento, a 8 de Junho de 1993, por Christian Didier, descrito como um «escritor falhado e mentalmente desequilibrado»67 (ele tentara matar o notório criminoso de guerra Klaus Barbie, cinco anos antes).
Além das continuadas associações de Mitterrand com figuras profundamente suspeitas, a corrupção, aliada a frequentes encobrimentos de actividades ilegais espantosamente flagrantes — e que por vezes coincidiam com mortes «convenientes» — foi, sem dúvida, a assinatura da sua presidência. Por exemplo, François de Grossouvre, um

amigo desde os tempos de Vichy e, depois, durante os tempos da Resistência, financiou as quatro campanhas eleitorais de Mitterrand. Mas durante o segundo mandato de Mitterrand, as relações entre ambos tornaram-se menos amigáveis e de Grossouvre foi deliberadamente hostilizado. Ele estava a escrever as suas memórias quando, em Abril de 1994, se suicidou com um tiro — oficialmente, pelo menos; há motivos para suspeitar de que foi assassinado.68

A onda dos escândalos atingiu o seu auge com o «caso Urba» de 1990, no qual se descobriu que as empresas de «consultadoria» formadas por Mitterrand tinham recebido honorários pagos pelos adjudicatários, e que desapareciam nas «finanças secretas» do PS; mais tarde, a esses adjudicatários eram concedidos lucrativos contratos com o governo ou com as autoridades locais.

com assombrosa hipocrisia, em Abril de 1992 — na sequência deste escândalo — Mitterrand nomeou Pierre Bérégovoy, do seu Partido Socialista, como primeiro-ministro, com instruções específicas para

eliminar a corrupção. Mas um ano depois, Bérégovoy suicidou-se, provavelmente devido a várias razões: o partido Socialista fora virtualmente eliminado nas eleições gerais do mês anterior, Mitterrand hostilizara-o (a retirada do seu patrocínio e protecção era sempre devastadora), e ele próprio estava prestes a ser implicado num escândalo financeiro.

Este escândalo envolvia o suspeito «vice-presidente» Patrice Pelat, um dos poucos que Mitterrand tratava familiarmente por fw,69 e uma fonte importante de fundos para as suas campanhas presidenciais. Em 1953, com Robert, irmão do presidente, Pelat fundou uma empresa chamada Vibrachoc, para a qual — nos anos que precederam a sua eleição — François Mitterrand agiu como conselheiro legal, recebendo «dezenas de milhares de francos» em honorários. Pouco mais de um ano após a sua eleição, a Vibrachoc foi comprada por uma subsidiária da CGE, o gigante da electricidade recentemente nacionalizado — uma venda que foi acelerada pelo Presidente. Embora a empresa fosse vendida por 110 milhões de francos, rapidamente se tornou evidente que o seu valor tinha sido grosseiramente exagerado. Mas a venda tornou Pelat enormemente rico — ele até comprou um castelo na Sologne, que equipou com uma pista para helicópteros para receber o seu amigo Mitterrand.70 Em Dezembro de 1988, rebentou outro escândalo financeiro que implicava Pelat, desta vez relacionado com compra de acções com o auxílio de informações privilegiadas. Nos dias que antecederam a compra de uma empresa americana pelo grupo Péchiney, Pelat, juntamente com outros amigos e associados do Presidente, compraram acções da empresa. Mitterrand aprovou a venda. A possibilidade da compra de acções — implicando informação privilegiada do próprio Mitterrand — estava a estar investigada quando, a 7 de Maio de 1989, Pelat morreu subitamente, devido a um ataque de coração, provocando um encerramento temporário daquele caso escandaloso.71 (Embora o caso Péchiney nunca tivesse resultado em quaisquer acusações ou conclusões definitivas de ilegalidade, certamente que ele provocou graves dificuldades relacionadas com corrupção. Mas, pelo menos, o caso Urba Proporcionou o muito necessário impulso para mudar o sistema francês, que, até então, permitira aos políticos um imenso controlo das investigações judiciais, mesmo que fossem eles próprios fossem que estavam a ser investigados.)

Cinco anos depois, foi a continuada investigação do caso Urba que Qeu publicidade ao empréstimo de Pelat a Pierre Bérégovoy, que Idepois da sua denúncia no Lê canora enchainé) levou ao suicídio do

primeiro-ministro francês. E a investigação daquele caso, por Tniem, Jean-Pierre, levou ao interrogatório de Plantard acerca da conexão de Pelat com o Priorado de Sião...
Mas por que escolheu Plantard o nome de Pelat como seu alegado predecessor como grão-mestre em 1989, sem prever as infelizes consequências? A explicação mais óbvia é que — voltando às tácticas favoritas dos Dossiers Secretos — Plantard simplesmente utilizou a morte recente e conveniente de um homem cuja proximidade de Mitterrand conferiria a necessária seriedade ao recém-inventado Priorado. Contudo, há uma associação curiosa, embora acidental, entre Mitterrand e Plantard, via André Rousselet, um amigo íntimo durante as últimas fases da guerra e que se manteve no centro do seu grupo de pessoas influentes durante o resto da vida de Mitterrand, sendo director do seu gabinete desde 1981 até 1982, sendo mesmo o executor do seu testamento em 1996. (Rousselet foi também o fundador da influente estação de televisão Canal +.) Os investigadores franceses descobriram que, em 1964, a sua filha adoptiva Claire casou com Jean, filho de François Plantard. Segundo Guy Patton, Pierre Plantard manteve um contacto regular com a sua família afastada ao longo dos anos, proporcionando, no mínimo, a oportunidade de Mitterrand e Plantard entrarem em contacto. Assim, é possível que Plantard fosse um membro do clã de Mitterrand, mesmo que pertencesse apenas às suas franjas.72

Da corrupção à subversão

Mitterrand pode ter sido corrupto, oportunista e sem princípios, tanto pessoal como politicamente, mas o seu interesse — quase obsessão — primordial como Presidente era a política estrangeira, particularmente no que dizia respeito à Europa. Não só ela era a sua prioridade pessoal, como ele insistia em manter um firme controlo sobre ela, declarando: «A política estrangeira é da minha responsabilidade. Sou eu quem a define, e you reservá-la para mim».73 Um dos seus ministros concorda: «O único assunto em que ele está realmente interessado, o único a que ele dedica a maior parte do seu tempo, é a política estrangeira»74. Mas a sua obsessão era específica. No que dizia respeito ao homem que ocupava o mais alto cargo, não havia dúvida de que «a solidariedade europeia tem precedência sobre tudo o mais».75
A maior mudança que Mitterrand introduziu na política tradicional francesa quanto ao tema da Europa foi o seu desejo de persuadir o

notoriamente cauteloso Reino Unido a comprometer-se mais intensamente com a CEE — razão pela qual, controversamente, ele não hesitou em declarar o seu apoio incondicional ao governo Thatcher durante a guerra das Falkland. Foi também o mais pró-americano dos presidentes franceses, tentando minimizar os receios americanos quanto a uma Europa unida, correspondendo à visão original de Jean Monnet — embora fosse igualmente pró-soviético. Não é coincidência que Monnet apoiasse a candidatura presidencial de Mitterrand em
1965 contra de Gaulle.
Foi a parceria única de Mitterrand com o Chanceler alemão Helmut Kohl que permitiu que o «projecto» europeu conhecesse o seu maior progresso em trinta anos. Mitterrand consolidou as relações franco-alemãs — que os dois celebraram com um aperto de mão em Verdun, em Setembro de 1984 — e lançou uma iniciativa conjunta para criar uma política comum de relações com o estrangeiro e de defesa. (Também nesse mês de Setembro, Mitterrand ordenou que fosse depositada uma coroa de flores na sepultura de Pétain na Ilha de Yeu; e desde 1986 até 1992, uma coroa era lá depositada anualmente, por ordem sua.)76 Como explica John Laughland: «Em paralelo com o Chanceler Kohl, Mitterrand propôs que os governos nacionais da Comunidade Europeia fossem

transformados numa União Europeia, com uma moeda única administrada por um único banco central».77

O grande acontecimento que promoveu a iniciativa foi a histórica queda do Muro de Berlim em Novembro de 1989. Seis meses depois, Mitterrand e Kohl, conjuntamente, propuseram uma conferência que tivesse a finalidade de «transformar o conjunto de relações entre os países-membros numa verdadeira União política».78 Esta proposta levou ao Tratado de Maastricht, que foi assinado pelos Estados-Membros em
7 de Fevereiro de 1992.

Depois da morte de Mitterrand, vítima de cancro, ele foi sepultado em Jarnac, sua terra natal (algo surpreendentemente, porque ele não ia lá há décadas) — mas, ao mesmo tempo, chefes de estado de todo o mundo reuniam-se para o homenagear na Catedral de Notre-Dame em Pans.

O iniciado?

Talvez seja decepcionante, mas não há nenhuma prova específica que associe Mitterrand a qualquer das sociedades secretas esotéricas que

identificámos e que se ocultam na sombra por trás do Priorado, conspirando para cumprir a agenda sinarquista. Mas embora ele não fosse tanto quanto é possível determinar, um maçónico79, não há dúvidas quanto ao seu permanente interesse no esoterismo, em geral.

Segundo os que o conheceram, Mitterrand era extraordinariamente carismático, com um surpreendente aspecto de superioridade serena e cortês. Tudo nele anunciava que ele era alguém que sabia que a sua posição e destino era governar — a elite da elite. Mas embora ele fosse, indubitavelmente, um oportunista sem escrúpulos para quem o poder era o prémio supremo, ele não era inteiramente um cínico insensível, um materialista ganancioso que abandonara todos os princípios. Havia nele outra faceta.

Mitterrand tinha uma profunda paixão pelo mundo antigo, especialmente pelas lendárias civilizações da Europa, das Américas e do Médio Oriente, e fizera frequentes visitas a lugares evocativos, como o México e Massada, em Israel. Mas a seguir à sua amada França, acima de tudo, o seu coração e alma pertenciam ao antigo Egipto, valendo-lhe os cognomes de «o faraó republicano» e «a Esfinge» — embora o último fosse provavelmente devido ao seu estilo presidencial distante, inescrutável e enigmático. (Prestando-lhe homenagem depois da sua morte, o Presidente egípcio Hosni Mubarak disse que Mitterrand estava mais informado sobre o antigo Egipto do que a maior parte dos arqueólogos.)80 Foi esta paixão pelo antigo Egipto que o inspirou a inspeccionar as antiguidades egípcias acumuladas em França. — que Dan Brown inclui em O Código Da Vinci Code. Mitterrand notava uma afinidade — mesmo uma semelhança—entre as civilizações do Egipto e da França.

Depois da morte do presidente, o estudo do investigador francês Nicolas Bonnal, Mitterrand, o Grande Iniciado (Mitterrand, legrandinitié,
2001) mostrou que ele tinha um genuíno amor pelos temas decididamente esotéricos, e também revelou um profundo conhecimento do simbolismo ocultista nas múltiplas obras públicas pelas quais ele foi responsável durante a sua longa presidência. Bonnal alega que as crenças e o interesse de Mitterrand nas ideias originais e «marginais» tornaram-no mais um adepto da «New Age» do que um ocultista — mas, afinal, a linha divisória é frequentemente ténue. (No total, a New Age tende a aceitar as ideias ocultistas do fim do século dezanove e do princípio do século vinte e a dilui-las com fortes doses de ingénuo «Amor e Luz», apesar do facto de o ocultismo Vitoriano não se poder compreender através de óculos cor-de-rosa.)

Mitterrand consultava a astróloga Elizabeth Teissier sobre questões Je estado — mesmo sobre a Primeira Guerra do Golfo e o resultado do referendo sobre o Tratado de Maastricht.82 (Mas, afinal, de Gaulle consultava um astrólogo, como o fazem muitos chefes de estado, embora eles raramente divulguem o facto.) Como Mane Delarue, autora de um estudo do programa de obras públicas de Mitterrand, Um Faraó Republicano (Un pharaon republicam, 1999) comenta ironicamente: «Apresentado como a expressão do pensamento racional, se não racionalista, aquele que nos governou durante catorze anos não desprezava o auxílio nem das estrelas nem da religião».83 Mitterrand também acreditava na reencarnação, e sentia-se intrigado pelo fenómeno dos Ovnis. Mas ele também alimentava certas paixões que são ainda mais relevantes para esta investigação.

Ele tinha uma veneração particular pelo centro do culto de Maria Madalena em Vézelay (onde as suas relíquias eram veneradas até que a aprovação papal foi transferida para as ossadas recém-descobertas em Saint-Maximin, na Provença, no século catorze). A julgar pelos seus escritos autobiográficos publicados em 1975, ele fora um visitante regular desde a primeira vez que lá estivera como, nas suas palavras, «um peregrino,» trinta anos antes — perto do fim da Segunda Guerra Mundial.84 Outros dos centros religiosos favoritos de Mitterrand era Bourges, o lugar da sepultura de St. Sulpice, acerca do qual ele disse: «A catedral de Bourges foi amor à primeira vista».85

Havia uma razão para este fascínio com Bourges — desde o princípio do século dezoito, ela fora a terra natal da sua família, embora ele tivesse nascido em Jarnac, para’onde o seu pai se mudara. No entanto, há mais do que apenas sentimento na sua paixão pela cidade: ele parecia considerá-la não só como o centro místico da França, como também a origem do seu próprio destino. O nome de família (originalmente Mitterrand) derivava de «milieu dês terres» — «meio das terras» — (ou mesmo, ao estilo de Tolkien, «terra média») — e o próprio Mitterrand referiu que Bourges era o centro geográfico da França, acrescentando que, no centro exacto da terra, a cerca de 3 5 quilómetros a sul de Bourges, em Bruère-Allichamps, há um campo chamado Champs de Mitterrand.86

Este facto não só explicaria a razão por que Mitterrand se sentia directamente associado à sua terra pátria, e, por conseguinte, destinado a reinar sobre ela, mas talvez também por que, já em 1961, Plantard e

0 Priorado de Sião atribuíam grande importância (no seu «triângulo Cístico» projectado sobre a França) a duas cidades caras ao coração de Mitterrand: Bourges e Jarnac.

Além da política estrangeira — e, particularmente, a europeia Mitterrand tinha outra paixão que caracterizou a sua presidência f] supervisionou um vasto programa de obras públicas, que custara cerca de 30 mil milhões de francos, particularmente em Paris, repetind o desejo ardente — frequentemente comparável a uma espécie de fre nesim — dos antigos faraós do Egipto de deixar um sinal durável e visível da sua grandeza imortal. Ele promoveu novas obras e monumentos arquitectónicos, abriu concursos para os melhores arquitectos da Europa, mas, acima de tudo, aproveitou a sua autoridade para mudar a imagem de Paris segundo a sua visão. Comentando este desejo ardente de deixar a sua marca na história, Marie Delarue observa: «É sob este ângulo, talvez, que as Obras Públicas devem ser consideradas como, quando cuidadosamente examinadas, se elas parecessem estar mais relacionadas com o destino e a nítida predilecção de François Mitterrand pelo hermetismo e a Ciência Sagrada, do que com a política de governos socialistas».87 Ela escreve também: «Poderíamos até... compreender um homem velho — não um mação, e muito menos livre, mas obcecado pela magia, insinuantes astrólogos, ocultismo, curas mágicas e geografia sagrada — que se entretinha a transformar Paris numa peregrinação para iniciados».88 Havia muitos

projectos de todas as dimensões — a remodelação do Jardin du Palais-Royal, as obras na Ópera, a nova Bibliothèque Nationale — mas as construções mais óbvias que ele legou à posteridade são a Grande Arche de La Défense e, evidentemente, a remodelação da área fronteira ao museu do Louvre.
A Grande Arche, na área dos arranha-céus e dos edifícios de escritórios conhecida como La Défense, é um monumento surpreendente, cuja construção foi decidida em 1982 e completada em 1989 (o resultado de um concurso arquitectural cujo vencedor foi o dinamarquês Otto von Spreckelsen, que lhe chamou uma «porte cosmique» — uma «porta cósmica»), embora ele fosse efectivamente construído por Christian Pellerin, um amigo de Patrice Pelat. Um edifício de forma cúbica, com 35 andares (com 110 metros de altura), com um enorme espaço quadrado no centro, foi inaugurado a 14 de Julho de 1989 para uma cimeira do G7.
Para assinalar o 200.° aniversário da Revolução, o renovado museu do Louvre foi inaugurado em Outubro de 1993, altura em que Mitterrand disse: «Transformar o Louvre exigiu precauções excepcionais. E o coração da cidade, o coração da nossa história. Desejei uma arquitectura de pureza e rigor, que aliasse a ousadia ao respeito».89
472
Como milhões de pessoas já sabem, a característica mais famosa j «novo Louvre» é a grande pirâmide de vidro, com 21,6 metros de Itura, e construída nas mesmas proporções da Grande Pirâmide de Gize- (Se alguma coisa simboliza a crença de Mitterrand numa associarão mística entre o antigo Egipto e a França, é esta.) Os leitores entuciastas devem notar que Dan Brown repete a falácia de que a pirâmide é composta por 666 painéis de vidro — mas embora sejam realmente
684, este é ainda um número intrigante: 666+6+6+6... Em qualquer caso, Bonnal, na sua análise cuidadosa do simbolismo numérico incorporado no desenho e nas dimensões da pirâmide, demonstra que tudo se articula perfeitamente.90 Mas, como sempre, considerando que as múltiplas relações matemáticas e geométricas da pirâmide são aquelas que são naturalmente harmoniosas e agradáveis, elas poderiam ter sido escolhidas por razões estéticas e não esotéricas. É igualmente difícil saber se este simbolismo foi iniciativa de Mitterrand — como frequentemente se alega — ou dos construtores (ou mesmo das pessoas que estavam por trás de Mitterrand). E se esse simbolismo se destina a ser uma afirmação, o que significa ele? Aqui, temos o mesmo enigma da obra de Saunière em Rennes-le-Château, mas desta vez, no coração de Paris e numa escala muito maior.
Na verdade, a maior parte das obras pelas quais Mitterrand foi responsável parece que se destinam a transmitir alguma coisa importante a um nível simbólico ou esotérico. A Grande Arche e a pirâmide do Louvre são os dois exemplos mais óbvios, mas há um terceiro monumento, mais pequeno, que também me,rece um exame atento.
Situado no Pare du Champs-de-Mars, que leva à Torre Eiffel, encontra-se o elaborado Monumento aos Direitos do Homem e do Cidadão, que foi encomendado em 1989 para comemorar o bicentenário da Revolução. Descrito por Delarue como «a mais bela, a mais esotérica e a menos conhecida das Obras Públicas do Mitterrandismo»,91 consiste numa construção central, que teve como modelo um templo funerário ou mastaba egípcia, rodeada por estátuas de bronze e outras decorações, como Janus, o deus com duas cabeças (frequentemente associado aos dois santos de nome João, na tradição esotérica). Mesmo para a maior parte dos não-maçónicos, o abundante simbolismo Maçónico é imediatamente reconhecível: pares de pilares — o Joachin e o Boaz da tradicional loja maçónica — um triângulo de três orifícios redondos, numa parede, e

todo o género de símbolos e sinais. O monumento está alinhado com o solstício de verão — nesse dia, ao meio~dia, um raio de sol penetra por entre as colunas.
473
O panfleto oficial da Mairie de Paris, Walks of Discovery of the Municipal Artistic Comissions, regista que «o monumento erigido no Champs-de-Mars, o lugar privilegiado das celebrações revolucionárias ultrapassa a mera celebração da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. É composto por dois obeliscos, um templo de pedra e duas figuras de bronze inspiradas pelo Pastores da. Arcádia, de Poussin».92 De facto, as duas figuras surgem duas vezes — nas portas de bronze e nas colunas. Como refere Delarue, Poussin está decididamente deslocado num monumento que é suposto representar e simbolizar as correntes filosóficas e políticas que levaram à Revolução e à Liberdade.93 Mas o quadro de Poussin é claramente importante como é revelado pela presença, na superfície oeste do monumento, da inscrição Et in Arcádia ego...
Este monumento, embora não à escala da maior parte das Obras Públicas de Mitterrand, era obviamente muito caro ao coração de Mitterrand: embora isso tivesse sido mantido em segredo até à sua morte, ele costumava fazer vistas privadas noctumas a este estranho e sombrio «templo».94
Sem dúvida, a constituição psicológica do Presidente francês — a sua convicção inabalável de que ele um membro de uma elite nascida para governar, aliada aos seus interesses típicos da New Age e do ocultismo, e ao seu sentido de uma ligação especial ao centro da terra — tornaram-no o potencial perfeito para manipulação pelos sinarquistas. Os seus actos, no que diz respeito à Europa, levaram o sonho sinarquista a uma maior aproximação da realidade, mas isso significa que ele agia conscientemente de acordo com a agenda sinarquista? Evidentemente, uma prova conclusiva nunca é fácil de encontrar, mas os factos são sugestivos: a sua longa associação com membros da Cagoule, com as suas ligações ao movimento do Império Sinárquico; as suas relações por afinidade, no seio do clã, com Eugène Deloncle, o sinarquista mais facilmente identificável de todos os líderes da Cagoule; o facto de que Mitterrand não manifestava nenhum idealismo ou princípio sobre nenhuma questão excepto o projecto europeu, sugerindo que ele era a sua grande missão, mesmo a razão por que ele queria ser Presidente. E, depois, havia aquela irresistível ligação potencial entre o «clã» Mitterrand e Piore Plantard...
474
Mais estranho do que a ficção
O nosso trabalho de investigação, inexoravelmente, levou-nos a certas conclusões bizarras — e mesmo aparentemente inacreditáveis — sobre a verdadeira natureza do Priorado de Sião, a sua influência e as suas motivações no mundo real.
O Priorado — os alegados protectores da descendência de Jesus que é tão central para O Sangue de Cristo e o Santo Graal e The Da Vinci Code — é uma fraude, mas da mesma maneira que os estratagemas dos serviços de informações são embustes. O que realmente importa são os grupos responsáveis por elas, a rede de sociedades que inclui o Rito Escocês Rectificado e a Ordem Martinista de Papus, com as suas ordens internas secretas (das quais os membros dos graus inferiores talvez nem tenham conhecimento). E por detrás de todas elas existe a sinarquia, em cujo cerne reside o impulso para forjar os Estados Unidos da Europa. No entanto, é importante não nos deixarmos arrastar para além das evidências. Não afirmamos que o Priorado de Sião criou ou é responsável pela União Europeia. Dizemos que o Priorado é uma manifestação de um movimento — a sinarquia — que é mais importante do que a sociedade e que exerceu uma influência significativa, mas não exclusiva, sobre a história francesa moderna e o desenvolvimento da União Europeia. Nem afirmamos que a moderna Europa seja unicamente o produto

de sinarquistas, nem que eles sejam os senhores secretos de Bruxelas — embora seja certo que eles tenham ambições nesse sentido. A nossa intenção é realçar a ideia de que a influência dos sinarquistas no passado, e a sua presença no presente, precisa de ser reconhecida, e não sugerir que eles sejam omnipotentes e omnipresentes.

O Priorado foi originariamente estabelecido em 1956 como uma fachada para grupos que conspiravam para fazer regressar o general de Gaulle ao poder, quer a rede que, mais tarde, se tornaria na notória «guarda pretoriana» gaullista, a SAC, ou a associada conspiração «Grand O,» liderada pelo arqui-conspirador Henri Martin. Mais tarde, nos anos

60, o Priorado foi renovado com uma nova finalidade, um exercício de desinformação que pretendia impedir que outros grupos esotéricos procurassem e encontrassem certos arquivos, planeando a desconcertante pista falsa da descendência merovíngia. Depois que O Sangue de Cristo e o Santo Graal deu à sua falsa história uma publicidade internacional inesperada e sem precedentes — se ela foi bem recebida, importuna ou, nos anos 80, irrelevante, não sabemos — a sociedade

foi discretamente encerrada ao reinventar-se com uma história e urn finalidade muito menos interessantes.

Mas, evidentemente, ele ainda existe, sendo agora Gino Sandri o seu rosto público. Presumivelmente, a sociedade é mantida «quente» para o caso de vir a ser necessária como uma máscara para qualquer outra actividade. Afinal, ela demorou meio século a construir, e seria uma pena perder todo aquele grande esforço. Sandro insiste em que, embora o Priorado actual inclua figuras importantes dos mundos da alta finança empresarial e político, ele não tem objectivos políticos nem financeiros.95 Se as nossas conclusões quanto ao facto de o Priorado ser uma fachada conveniente e versátil estiverem correctas, então, neste momento, elas têm que ser verdadeiras. Para onde ele irá no futuro, ainda não sabemos. Se o facto de o Priorado ter sido novamente o alvo da atenção internacional, devido a O Código Da Vinci, o fará desaparecer ou inspirará uma nova fase do seu desenvolvimento, também ainda não sabemos.

Contudo, a investigação da história obscura do Priorado revela ligações ainda mais sinistras com grupos racistas, colaboracionistas e mesmo terroristas. Mas ao investigar as filiações do Priorado de Sião de décadas atrás, um cenário tão espantoso começa a revelar-se gradualmente, que hesitamos em o expressar por escrito. Contudo, como concluímos pelas dúzias de associações e ligações verificáveis, parece que, no mínimo, o conceito de União Europeia é o produto de uma conspiração ocultista, inspirada por indivíduos que acreditavam em contactos com entidades espirituais, com a finalidade última de estabelecer uns Estados Unidos da Europa plenos, de acordo com a visão original de Joseph-Alexandre Saint-Yves.

Inteligentes, fanáticos e impossíveis de classificar como conservadores, socialistas, liberais ou extremistas — ou mesmo heréticos, ocultistas ou católicos — os camaleões políticos sinarquistas podem estar preparados para tomar o controlo das vidas de milhões de pessoas, infiltrando-se nas salas de aula e nas igrejas, ridicularizando o simples patriotismo e subvertendo a democracia. Talvez já o tenham feito.

A sinarquia pode estar muito longe das pinturas de Leonardo da Vinci e da misteriosa decoração da igreja de Santa Maria Madalena em Rennes-le-Château, mas o nosso percurso ao longo das ligações extraordinárias que se desenvolvem rapidamente no mundo arcano e frequentemente suspeito das irmandades ocultistas conduzem, inexoravelmente, ao mundo real e inevitável da política moderna. Qual o caminho que ela tomará, ainda não sabemos, mas quase certamente — mais cedo ou mais tarde — ele afectar-nos-á a todos.

APÊNDICE I
OS ALEGADOS GRÃO-MESTRES (NAUTONNIERS) DO PRIORADO DE SIÃO
De Os Ficheiros Secretos de Henrí Lobineau (1967)
Esta é a lista «clássica» dos grão-mestres extraída dos Dossiers Secretos, que foi repudiada pelo Priorado de Sião em 1989.
Jean de Gisors (Jean II), 1188-1220 Fidalgo anglo-normando, Senhor de Gisors.
Marie de Saint-Clair (Jeanne I), 1220-1266
Fidalga angto-normanda, possivelmente esposa de Jean de Gisors.
Guillaume de Gisors (Jean in), 1266-1307 Cavaleiro francês, neto de Jean de Gisors.
Edouard, conde de Bar (Jean IV), 1307-1336
Neto de Eduardo l de Inglaterra; sem ligações conhecidas com os predecessores.
Jeanne de Bar (Jeanne II), 1336-1351 Irmã mais velha de Edouard de Bar.
Jean de Saint-Clair (Jean V), 1351-1366 Fidalgo normando sobre quem se sabe muito pouco.
Blanche d’Evreux (Blanche de Navarra) (Jeanne in), 1366-1398 Esposa de Filipe VI de França e filha do Rei de Navarra; os seus títulos e bens incluíam Gisors.
Nicolas Flamel (Jean VI), 1398-1418
Letrado, ocultista e alquimista francês, cujo patrono era Blanche d’Evreux.
Renéd’Anjou(JeanVII), 1418-1480

Rei de Nápoles e da Sicília, duque deAnjou e Lorena (entre vários outros títulos) • antigo patrono renascentista das artes e das letras.
(Entre 1418 e 1428, quando René atingiu a idade de vinte e um anos, o seu tio o Cardeal de Bar, desempenhou as funções de «regente» do Priorado.)
lolande de Bar (Jeanne IV), 1480-1483 Filha de René d’Anjou
Sandro Filipepi (Botticelli) (Jean VIII), 1483-1510
Pintor renascentista’, os seus patronos estavam associados a René d’Anjou e a lolande de Bar.
Leonardo da Vinci (Jean IX), 1510-1519
Pintor, inventor, polímato; trabalhou com Botticelli durante a sua aprendizagem.
Charles de Bourbon, Condestável de França (Jean XI), 1519-1527 Comendador militar, relacionado com osAnjouspelo casamento; patrono de Leonardo.
Feirante de Gonzaga (Jean XI), 1527-1556
Fidalgo espanhol, primo de Charles de Bourbon; filho de Isabette d’Este, patrona de Leonardo.
(Embora os Dossiers Secretos registem que Ferrante presidiu ao Priorado até
1575, isso é impossível — ele morreu em 1557! Isso foi subsequentemente explicado como a consequência de um cisma em 1556, no qual Ferrante foi deposto, não havendo Nautonnier até 1575. Durante esse período, a sociedade foi dirigida por uma «regência», primeiro [1556-1566] pelo célebre médico e profeta Nostradamus, depois [1566-1575] por um triunvirato de membros da alta hierarquia.)
Louis, duque de Nevers (Jean XII), 1575-1595 Sobrinho de Ferrante de Gonzaga.
Robert Fludd (Jean XIII), 1595-1637
Médico e hermetista; frequentava os mesmos círculos ocultistas que Louis de Nevers.
Johannnn Valentin Andraea (Jean XIV), 1637-1654
Filósofo e esoterista, autor dos Manifestos Rosacrucianos; frequentava os mesmos círculos que Fludd.
Robert Boyle (Jean XV), 1654-1691
Químico e ocultista pioneiro; membro dos mesmo círculos que Andraea.

478

Sir Isaac Newton (Jean XVI), 1691-1727 Cientista, alquimista e filósofo; colega de Boyle.

Charles Radclyffe (Jean XVII), 1727-1746

Neto ilegítimo de Charles II de Inglaterra, apoiante da causa Stuart. Maçónico, Radclyffe partilhou contactos maçónicos com Newton.

Charles, duque de Lorena (Jean XVIII), 1746-1780 Duque Titular de Lorena.

Maximilian de Lorena (Maximilian von Habsburg) (Jean XIX), 1780-1801 Arcebispo de Colónia; sobrinho de Charles de Lorena.

Charles Nodier (Jean XX), 1801-1844 Romancista e historiador; notável maçónico.

Victor Hugo (Jean XXI), 1844-1885

Romancista, e activista a favor de uma Europa unida.

Claude Debussy (Jean XXII), 1885-1918 Compositor, esoterista.

Jean Cocteau (Jean XXIII), 1918-1963

Poeta, escritor, artista, dramaturgo, cineasta; conviveu com Debussy nos salões artísticos de Paris.

Da Revista Vaincre, 1989

Esta é a actual lista «oficial» dos grão-mestres, segundo a versão revista da história do Priorado de Sião, publicada na série de 1989 da revista Vaincre.

Jean-Timoléon de Négri d'Ablès, 1681-1703
François de Nègri d'Ablès, 1703-1726
François d'Hautpoul, 1726-1753
André Hercule de Rosset, 1753-1766
Charles, duque de Lorena, 1780-1781
Charles Nodier, 1801-1844
Victor Hugo, 1844-1885
Claude Debussy, 1885-1918
Jean Cocteau, 1918-1963
François Balphagon, 1963-1969
John E. Drick, 1969-1981
Pierre Plantard de Saint-Clair, 1981-1984
Philippe, marquês de Chérisey, 1984-1985
Roger-Patrice Pelat, 1985-1989

479

Pierre Plantard de Saint-Clair, 1989 Tomas Plantard de Saint-Clair, 1989 -?

Thomas Plantard de Samt-Clairjá não é grão-mestre, mas desconhece-se «u — se ha alguém — actualmente detém este título. Vários nomes têm sido sueend mas o actual secretáno-geral do Priorado, Gino Sandri, recusa-se a ser '
sobre essa questão.

480

APÊNDICE II

INTRODUÇÃO A A SERPENTE VERMELHA (TRADUÇÃO)

Este texto enigmático forma a introdução ao documento de 1967 da colecção dos Dossiers Secretos, intitulado A Serpente Vermelha: Notas sobre St. Germain e St. Sulpice, em Paris. Como já foi discutido no capitulo 4, ele precede cópias de outras publicações que estão relacionadas com estas duas igrejas parisienses, e é atribuído — falsamente — a Louis Saint-Maxent.

1. Aquário

Que estranhos são os manuscritos deste Amigo, grande viajante do desconhecido; eles chegaram até mim separadamente, mas para aquele que sabe que as cores do arco-iris

formam uma unidade branca, ou para o Artista que, com o seu pincel, faz o preto resultar das seis cores da sua paleta mágica, eles formam um todo.
2. Peixes
Este Amigo, como poderei apresentá-lo? O seu nome permanece um mistério, mas o seu número é o do famoso selo. Como poderei descrevê-lo? Talvez como o navegador [nautonnier] da arca eterna, impassível como uma coluna sobre a sua rocha branca, olhando para sul, para lá da rocha negra.1
3. Carneiro
Na minha extenuante viagem, tento abnr um caminho com a minha espada por entre a inextricável vegetação dos bosques; quero chegar à casa da BELA adormecida, na qual alguns poetas vêem a RAINHA de um reino perdido. No desespero de encontrar o caminho, os pergaminhos deste Amigo foram o fio de Ariana para mim.
4. Touro
Graças a ele, a partir de agora, com passos calculados e olhar atento, posso encontrar as sessenta e quatro pedras arrancadas ao cubo perfeito, que os Irmãos da BELA do bosque misterioso, ao fugir aos usurpadores, deixaram cair pelo caminho quando fugiram do Forte Branco.
481
5. Gémeos
Reúne as pedras espalhadas, trabalha com o esquadro e o compasso para as voltar a pôr em ordem regular, procura a linha do meridiano ao ir de Oriente para Ocidente, depois, olha de Sul para Norte e, finalmente, ern todas as direcções, para obter a solução procurada, parando ante as catorze pedras marcadas com uma cruz. Sendo o círculo o anel e a coroa, e o diadema daquela RAINHA do Castelo.2
6. Caranguejo
As pedras do pavimento de mosaico do lugar sagrado podem ser alternadamente brancas ou pretas, e JESUS, como ASMODEU, observa os seus alinhamentos; a minha vista parece incapaz de ver o cume onde o maravilhoso adormecido permanece oculto. Não sendo HÉRCULES com poder mágico, como poderão ser decifrados os símbolos misteriosos gravados pelos vigilantes do passado? Mas no santuário, a pia de água benta, a fonte de amor dos crentes, traz-nos novamente à memória estas palavras: POR ESTE SINAL VENCÊ-LO-ÁS.3
7. Leão
Daquela que eu desejo libertar, os aromas do perfume que enche o sepulcro chegam até mim. No passado, alguns chamaram-lhe ISIS, a rainha das fontes benéficas, VINDE A MIM TODOS OS QUE ESTÃO CANSADOS E SOBRECARREGADOS E EU VOS ALIVIAREI;4 outros chamaram-lhe MADALENA, como seu vaso cheio de unguento. Os iniciados conhecem o seu verdadeiro nome: NOSSA SENHORA DA CRUZ [Notre Dame dês CrossJ.5
8. Virgem
Eu sou como os pastores do célebre pintor POUSSIN, perplexos perante o enigma: «ET IN ARCÁDIA EGO...»! A voz do sangue irá trazer-me a imagem de um passado ancestral? Sim, um rasgo de inspiração percorreu a minha mente. Vejo novamente, compreendo! Agora conheço o fabuloso segredo. E um prodígio: durante os saltos dos quatro cavalos, os cascos de urn cavalo deixaram quatro marcas na pedra; eis o sinal que DELACROIX deixou num dos três quadros na Capela dos Anjos. Eis a sétima frase que uma mão escreveu: LIVRA-ME DO ABISMO E NÃO PERMITAS QUE EU ME AFUNDE. Duas vezes É, embalsamador e embalsamado, vaso milagroso da eterna Senhora Branca das Lendas.6
9. Balança

Começada na escuridão, a minha viagem só poderá terminar na Luz. À janela da minha casa em ruínas, olho para o cume da montanha por entre as árvores desnudadas pelo outono. No cume, a cruz ergue-se sob o sol do meio-dia; era a décima quarta e a maior de todas, com 35 centímetros!7 Portanto, aqui estou eu, montando o meu cavalo divino, transpondo o abismo.

10. Escorpião

Visão celestial para aquele que recorda as quatro obras de Em. SIGNOL em torno da Unha do Meridiano, até ao coro do santuário do qual irradia aquela fonte de amor recíproco; volto-me, olhando da rosa do P para a do S, depois, do S para o P... e na minha mente, a espiral transforma-se num monstruosos polvo expelindo a sua tinta, a escuridão absorvendo a luz; sinto-me confuso e ponho a mão na minha boca, mordendo instintivamente a palma da mão, talvez como OLIER no seu caixão. Uma maldição: compreendo a verdade, ELE PASSOU, mas também fazendo-lhe BEM, assim como AQUELE do túmulo florido. Mas quantos saquearam a CASA, deixando apenas corpos embalsamados e numerosos objectos de metal que não puderam levar consigo? Que estranho mistério esconde o novo templo de Salomão construído pelos filhos de São VICENTE?8

11. Ofiúco

Amaldiçoando os profanadores nas suas cinzas e aqueles que seguem as suas pisadas, saindo do abismo no qual eu mergulhara, fazendo o sinal de horror: «Eis a prova de que conheço o segredo do selo de SALOMÀO, que eu visitei nas moradas secretas daquela RAINHA». Tem cuidado, caro Leitor, não acrescentes nem suprimas nenhuma palavra... medita. Medita novamente, o vil metal dos meus escritos talvez contenha o mais puro oiro.

12. Sagitário

Regressando depois à colina branca, tendo o céu aberto as suas portas, pareceu-me sentir uma presença perto de mim; com os pés na água como aquele que vem receber o sinal do Baptismo, voltei-me para oriente, na minha frente, e vi, desenrolando incessantemente os seus anéis, a enorme SERPENTE VERMELHA referida nos pergaminhos; malicioso e feroz, o enorme animal à solta, tornou-se, no sopé da montanha branca, vermelho de cólera.

13. Capricórnio

A minha emoção era grande, «SALVA-ME DO ABISMO», digo eu, e imediatamente acordei. Esqueci-me de vos dizer que era, de facto, um sonho que tive neste dia 17 de Janeiro, o dia da festividade de St. SULPICE. Depois, ainda perturbado, quis, depois das habituais reflexões, contar-vos um conto de PERRAULT9. Por isso, caro Leitor, nas páginas que se seguem, está o resultado de um sonho que me atraiu de um mundo estranho para o desconhecido. Que aquele que VTVE FAÇA O BEM!

Outubro de 1966

O Autor

LOUIS SAINT-MAXENT

NOTAS E REFERÊNCIAS

Capítulo l: Mentiras verdadeiras

1 Os puristas poderiam alegar que, ao traduzir o nome da sociedade para Inglês, «Sion» deveria ser apresentado como «Zion», a habitual ortografia inglesa do nome do Antigo Testamento para designar Jerusalém No entanto, como veremos, ha um considerável debate sobre a razão por que o Priorado se intitula de Sião — pode ser uma referência a Jerusalém, pode ser igualmente uma referência ao Col du Mont Sion na região francesa

da Alta-Saboia, ou a cidade de Sion na Suíça, ou a Sion-Vaudemont na Lorena— ou a nenhum dos lugares atras refendos Por esta razão, preferimos o neutro «Sion»
2 Brown, p 386
3 The Woman with the Alabaster Jar e The Goddess m the Gospels, de Margaret Starbird
4 As iniciais «D M », representando Dis Mambus («aos espíritos dos que morreram»), eram habitualmente inscritas nas pedras tumulares romanas, e como um túmulo e o ponto central do quadro e a morte e a legenda de Ar cadia, este e, provavelmente, o seu significado no monumento de Shubborough A interpretação das outras iniciais e um mistério
5 Consultar www bletchleypark org
6 «Arcádia», parte l
7 As nossas relações com Plantard — que, nessa altura (no meado dos anos 90) despertava muito pouca atenção — limitaram-se a uma única carta, que foi respondida por Gmo Sandn (consultar The Templar Revelatton [O Segredo dos Templários], p 56)
8 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grad (O Sangue de Cnsto e o Santo Graal), p 235
9 Citado em Jarnac, Lês Archives dl tresor de Rennes-le Château, p 549
10 Burstem, p 353
1' Voltaremos a esta interessante alegação no ultimo capitulo
12 A investigação e as conclusões de Smith podem ser consultadas no seu website, pnory-of-sion com
13 Putman e Woods, p 185
14 Mizrach
15 Yates, p 141

i6Ibid,p 143
l,17 Introdução a Churton, The Gnostic Philosophy, p xiu
j18 Sobre Rene d'Anjou e Arcádia, consultar Baigent, Leigh e Lincoln, The Hofy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cnsto e o Santo Graal), pp 140-143 e sobre o seu interesse nos lugares de culto de Madalena consultar o nosso livro The Templar Revelation (O Segredo dos Templários], pp 70-1
119 Digot, p 8
20 Alsacia e Lorena, limítrofes da Alemanha, foram disputadas ao longo da historia, e, assim, podem ser consideradas como simbólicas da nacionalismo francês As duas regiões foram conquistadas pela França no meado do século dezassete, cedidas a Alemanha em 1871, depois da Guerra franco-prussiana, devolvidas a França depois da Pnmeira Guerra Mundial, e reconquistadas sob o domínio alemão entre 1940 e 1945, depois dessa altura, ficaram parte l da França As actividades dos irmãos Baillard ocorreram sob domínio francês |21 Detalhes retirados de Barbier A aumentar a sene de associações, Vmtras foi apoiado por um grupo conhecido como os joamstas, que se associavam a João Baptista e eram dirigidos por uma figura misteriosa, Madame Bouche (pseudónimo da Irmã Salome), a partir da Rue Samt-Sulpice em Paris, introduzindo dois outros temas importantes do mistério do Pnorado de Sião (que serão explicados mais tarde) Depois da morte de Vmtras, a sua Igreja do Carmelo foi controlada pelo decididamente duvidoso ex-padre e abade Joseph Boullan (l 824-93), que introduziu algumas praticas sexuais extremas, incluindo bestialidade, nas suas cenmomas As evidências apontam para Boullan ter sido um agente dos inimigos de Vmtras — talvez a Igreja — que foi encarregado da missão de, literalmente, perverter a

sua ordem para provocar a sua queda Consultar o nosso kvro The Templar Revê lation (O Segredo dos Templários], pp 168-74
22 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p 233
23 Consultar Picknett e Pnnce, Tunn Shroud — In Whose Image7, pp 133-40
146-50
24 Leonardo — The Man behind the Shroud, produzido por Stefilm e HIT Wildlife para o National Geographic Channel, realizado por Susan Gray, 2001
25 Hecht, pp 228-9
26 Markale, The Templar Treasure at Gisors, p 69
27 As estimativas do numero de Mandeistas no Iraque vanam muito O Conselho Económico e Social das Nações Unidas — que referem os Mandeistas como um povo ameaçado — indicam 15 000, enquanto outras fontes indicam números que vanam entre 100 000 e 200 000
Os Mandeistas são discutidos com maior detalhe no capitulo 15 de The Templar Revelation (O Segredo dos Templários)
29 Bayard, Guide dês societes secretes et dês sectes, p 128
30 Consultar pp 289-90
31 Smith, «The 1989 Plantard Comeback»
32 Picknett e Prince, Tunn Shroud — In Whose Image7, pp 144-5
485
33 Audigier, p. 7.
34 Consultar Ferrand e Lecavalier, pp. 85-92.
35 Audigier, p. 231.
36 perran(j e Lecavalier, p. 95.
37 Audigier, p. 232.
38 Por exemplo, Jean-Luc Chaumeil, entrevistado para o website Rennes-le-Château, Lê Dossier, em Agosto de 2001 (www.rennes-le-chateau.org/ rlctoday/int-jlchaumeil.htm).
39 Roberts, p. 2
Capítulo 2: Por detrás do trono
1 Segundo uma lei francesa aprovada em 1901, todas as sociedades e associações têm que ser registadas na prefeitura local, declarando a sua finalidade e objectivos, e depositando um exemplar das suas regras nos arquivos (por esta razão, a «associação lei-de-1901»). Ostensivamente, esta lei destinava-se a conceder estatuto legal (para actividades como a aceitação subscrições e a posse de bens), mas também dava às autoridades a oportunidade de assegurar que a sociedade não tenha objectivos que sejam «ilícitos», contrários à lei e aos bons costumes, ou que pretenda enfraquecer a integridade do território nacional ou a forma republicana de governo». Como refere o investigador francês Jean-Pierre Monteils em Sects and Secret Societies (1999), para evitar infringir esta lei, as sociedades mais «secretas» preferem registar-se como associações «ao abrigo da lei de 1901». No entanto, elas são frequentemente vagas quanto aos seus objectivos: o desinteressante objectivo de «estudo», por exemplo, pode incluir uma multiplicidade de actividades.
2 Imagens fac-similadas dos documentos originais do registo, extraídas dos arquivos da subprefeitura de Saint-Julien-en-Genevois (referência KM94550), podem ser consultadas no website relativo ao Priorado de Sião, de Paul Smith, priory-of-sion. com/psp/posd/regdoc. html.
3 A carta de Bonhomme está reproduzida em Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 556.

4 Para os autores do documentário da BBC Timewatch «History of a Mystery» (escrito e realizado por William Cran e emitido em Setembro de 1996), como foi citado em Smith: «The Real Historical Origins atthe Priory of Sion».
5 Consultar priory-of-sion.com./psp/posd/regdochtml para a reprodução das estátuas.
6 Consultar pp. 343-4.
7 Circuit n.° l, 27 de Maio de 1956.
8 Ibid.
9 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 361-2 e 366-7.
10 Consultar priory-of-sion.com/psp/gap/feb-41, htinl.
486
11 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 542.
12 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 362, 482-83.
13 Markale, The Church ofMaryMagdalene, p. 198.
14 Website Peerage de Burke, www.burkes-peerage.com/authority.htm.
15 De um perfil de Giscard d'Estaing, em Sunday Times, 11 de Maio de 2003.
16 A associação de Plantard com Monti foi primeiro referida num artigo de Anne-Léa Hisler, em 1960 (Circuit, segunda série, n.° 8, Março de 1960). Este número não se encontra na colecção da Bibliothèque Nationale, mas o artigo de Hisler é citado em Lê Charivari, n.° 18, 1973. Plantard revelou mais detalhes das circunstâncias da sua associação com Monti na série de
1989 de Vaincre.
17 De Sede, Rennes-le-Château, pp. 225-34.
18 O relato de Osmont está reproduzido em Jean Robin,Rennes-le-Château, pp. 151-2.
19 Citado em Cocteau, Joumal d'un inconnu, pp. 85-6.
20 Laughland, The Death ofPõlitics, p. 191.
21 Ibid., p. 189. Sobre o «Direito Subversivo», na generalidade, consultar ibid., capítulo 10.
22 Consultar Shirer, pp. 195-201, para uma descrição da batalha. Nessa altura, Shirer trabalhava como jornalista em Paris.
23 Gaudart de Soulages e Lamant (p. 923) incluem Blum na sua lista das pessoas consideradas como sendo maçónicas, mas cujos nomes não aparecem em qualquer registo maçónico.
24 Citado em Coston, Lês technocrates et Ia Synarchie, p. 10.
25 O relatório da polícia de Fevereiro de 1941 (consultar priory-of-sion.com/ psp/gap/feb41.html); Vaincre, n.° l, Setembro de 1942.
26 Relatório da polícia de Fevereiro de 1941 > Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, pp. 524 e 542.
27 Jean-Luc Chaumeil, entrevistado em Dezembro de 2003 para o website da Gazette de Rennes-le-Château (gazette.portail-rennes-le-chateau.com/ intchaumeil.htm).
28 Blum, p. 209.
29 Consultar Picknett e outros, Friendly Fire, pp. 184-6.
30 Ibid, pp. 185 e 192-3.
31 Sobre a influência de Maurras em de Gaulle, consultar Laughland, Death ofPolitics, p. 33.
32 Ibid., p. 211. Sobre a semelhança de ideais entre de Gaulle e Pétain, o biógrafo do último, Richard Griffiths, escreve (p. 348): «Pétain e de Gaulle partilhavam muitos ideais e atitudes... Um conservadorismo inato, uma desconfiança dos políticos e do funcionamento da democracia parlamentar, uma crença nas virtudes militares, uma visão da liderança exigida pela nação; tudo isto eles tinham em comum. Mas, além

disso, há certas outras atitudes pessoais que os associam: a convicção pessoal de que a França os chamaria no seu momento de crise, por exemplo».

II.
33 Citado em Faux, Legrand e Perez, p. 239.
34 A carta é reproduzida em priory-of-sion.com/psp/gap/petain.html.
35 Consultar priory-of-sion.com/psp/gap/feb41 .html.
36 Alguns consideraram significativo o facto de que o último endereço de Georges Monti, onde ele morreu em 1936, era também na Rue du Rocher, mas na nossa opinião, essa é uma interpretação exagerada.
37 A habitual declaração da formação da Alpha Galates não aparece no Joumal officiel de Dezembro de 1937, nem noutra data próxima. No entanto, isso não significa necessariamente que a sociedade não tivesse sido registada na prefeitura local competente, porque o ónus de informar o Joumal officiel sobre o registo recai sobre os membros da sociedade.
38 Vaincre, n.° 4, 21 de Dezembro de 1942.
39 Hellman, p. 243.
40 Smith, «Pierre Plantard Profile».
41 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 484-5.
42 Lê Fur, Roces, nationalités, états, p. 27.
43 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 816.
44 Ibid., p. 70.
45 Em 1944, Amadou — novamente através do seu mentor Ambelain — foi recebido em duas outras ordens, a Réau-Croix dos Eleitos Cohens e a Ordem Cabalística da Rosa-Cruz (Ordre Kabbalistique de Ia Rose-Croix).
46 Carta de Philippe de Chérisey para Geoffrey Basil-Smith, de 7 de Julho de 1983. Os nossos agradecimentos a Geoffrey Basil-Smith por nos ter facultado uma cópia.
47 Coston, Dictionnaire de Ia politiquefrançaise, vol.I, p. 695; Imbert, p. 435.
48Imbert, p. 179.
49 Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol. I, p. 305,
50 «X. de T.», «Lê complot juive contre Ia paix», em Coston (ed.), Je vaus hais1., p. 129.
51 Coston, «DeTalmud aux Protocols: Lê Plan Juif de domination ne date pás d'hier», in ibid., p. 14.
52 Coston, «Lenjuivemente de Ia France», in ibid., p. 5.
53 Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol.I, pp. 577-9.
54 Coston, «Uenjuivemente de Ia France», em Coston (ed.) Je vous hais!, p. 4.
55 Vaincre, n.° 5, 21 de Janeiro de 1943.
56 Balfour e Frisby, p. 61, citando uma carta escrita por Helmuth James von Molkte.
57 VanRoon, p. 211.
58 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 386.
59 Há pouca informação biográfica disponível sobre Murat, ou sobre a data em que ele foi, supostamente, feito Cavaleiro da Légion d'honneur. No entanto, o nome de Murat não aparece na base de dados no website da Ministério da Cultura francês (www.culture.gov.fr/documentation/leonore/ pres. Htm), que revela detalhes dos membros da legião que morreram antes

de 1954, e os inquéritos junto da Grand Chancellerie da Légion, que conserva informações detalhadas de todos os membros, deram um resultado negativo.
60 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 392 e 485.

61 Consultar em baixo, p. 98.
62 Consultar Plume e Pasquini, pp. 215-20; Gaudart de Soulages e Lamant, pp. 36-7.
63 Consultar Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 371.
64 Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol.I, p. 390.
65 Figueras, Pétain c'etait de Gaulle, p. 180.
66 Von Molkte, p. 22.
67 Como vimos, Georges Monti, supostamente, fundou a Ordem Alpha Galates em 1934, mas nesse caso, ela era uma sociedade verdadeiramente secreta, porque ela nunca foi registada conforme a lei de 1901. Os estatutos reproduzidos em Vaincre, em 1942, são datados de 1937 — quando foram supostamente submetidos à apreciação das autoridades. No entanto, em Outubro de 1942, os alemães da Zona Ocupada pediram à polícia francesa que investigasse Plantard e a organização, porque o seu pedido de registo fora recusado.
68 Consultar priory-of-sion.com/psp/idl63.html.
69 Em Circuit, n.° 8, Março de 1960.
70 Jarnac, Lês archives du trésorde Rennes-le-Château, p. 544.
71 A circular destinava-se a ser anúncio de um próximo livro sobre o Priorado de Sião, escrito por Jean-Luc Chaumeil, com quem Plantard se envolvera numa disputa, sugerindo assim que ele era responsável pelas alegações. Não há, no entanto, nenhuma prova de que Chaumeil fosse o autor do documento, algo que ele negou veementemente. «Tribunal criminal» é o tribunal correctionnel, o tribunal que julga os casos criminais graves.
72 Baigent. Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 343-4.
73 Smith, «Priory of Sin Debunked».
74 Laughland, The Death ofPolitics, p. 33.
75 De Gaulle, p. 16.
76 Jean-Pierre Rioux, «De Gaulle in Waiting 1946-1958», em Gough e Horne, p. 49.
77 Citado em Pujo, pp. 333-4.
78 De Gaulle, p. 18.
79 Kettle, p. 194.
80 Laughland, The Death ofPolitics, p. 26.
81 De Gaulle, pp. 16-17.
82 Ibid., p. 17.
83 Bromberger e Bromberger, Lês 13 complots du 13 du mai, p. 7.
84 Ibid., p. 9.
85 Péan, Lê mystérieux Docteur Martin, p. 427.
86 Bromberger e Bromberger, Lês 13 complots du 13 du mai, pp. 250-1.

87 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messtanic Legacy, p. 405.
88 Lê Monde, 18/19 de Maio de 1958
89 Lê Monde, 6 de Junho de 1958
90 Lê Monde, 8/9 de Junho de 1958 q; Lê Monde, 29 de Julho de 1958
92 De Gaulle, p 28
93 Os três volumes das memórias do Marechal Juin relatam os acontecimentos da sua vida apenas ate 1956, portanto, o relato pessoal dos seus movimentos na altura do regresso do general de Gaulle não se encontra no registo
94 Malraux, Antimemoirs, p 98
95 Macgillivray
96 Entrevista para o website Rennes-le-Château, Lê Dossier, em Outubro de
2003 (www rennes-le-chateau org/rlctoday/mt-sandri htm)

97 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p 412
98 Os estatutos «Cocteau» estão reproduzidos no website LeTemple d'Arcádia, ekamp club fr/arcadia/status htm
99 Jean Robin, Rennes-le Cháteau, p 86
100 Macgillivray, citando Lord Blackford Embora este artigo seja atribuído a Macgillivray, certas partes, incluindo a entrevista com Blackford, foram acrescentadas por um autor desconhecido
101 Algum suporte deste cenário encontra-se no Artigo VI dos estatutos originais de 1956, que estabelecem «As admissões apenas são validas se forem aprovadas por três membros, e numa Província que tenha uma patente legal emitida pelo Conselho Todas as outras alegadas admissões estão fendas de ilegalidade» Este artigo sugere que algumas pessoas, que alegavam serem membros, são consideradas por este Priorado como membros ilegítimos No entanto, a explicação de que o Priorado de 1956 foi cnado como uma organização para esconder agitação política esta muito mais adequada aos factos, a segunda serie de estatutos pode ter sido uma tentativa retrospectiva de confundir os factos — ou, talvez, uma prova de uma mudança posterior na finalidade da actividade ilegal
102 «Visits to Maunce Barres», em Cocteau, A Call to Order
103 Peters, p 62
104Maunes, p 15
105 Cocteau, Lê passe defini, vol I, p 206
106 Ibid , vol II, p 267 (registo de entrada de 8 de Setembro de 1953).
107 Ibid , vol in, p 272
108 plerre Chanel, introdução a ibid , vol I, p 10
109 por exempl0/ consultar ibid , vol in, pp 272, 284-5
110Mauner, p 12
111 Peters p 196
1'2 Picknett e Pnnce, The Templar Revelation (O Segredo dos Templários), pp 43-7
113 Jean Cocteau, «Chaque nuit Ia Joconde en soi-même se change», em Bnon,
pp 282-3 Na nossa tradução, usamos «destramente» para adroitement

porque esta palavra preserva um trocadilho, indicando que é ao dedo indicador direito que Cocteau se refere
114 Cocteau, Lê passe defini, vol in, p 153
115 Cocteau, Joumal d'un inconnu, p 143
116 A primeira referência a estes nomes em associação com o Priorado encontra-se na revista Nostra, em Outubro de 1982, numa edição revista do livro de R P Martin Lê livre dês compagnons secrets, assinada «Bayard»
1)7 Clayton, p 165
118 Ibid , p 189 Jum ficou decepcionado por ter sido ignorado para um cargo importante no novo governo do general de Gaulle, embora tivesse aceitado um lugar no Conselho Superior de Defesa Nacional Como muitos outros, Jum contestou de Gaulle quando compreendeu que o Presidente pretendia a independência para a Argélia Em Março de 1962, Jum foi abordado pela OAS, mas embora ele recusasse as suas propostas, a sua carta dirigida ao líder da organização, general Raoul Salan — em que ele manifestava a sua compreensão pela sua causa, mas não pelos seus métodos — foi selectivamente editada como propaganda pela OAS A consequência desta aparente traição foi dramática de Gaulle condenou Jum a trinta dias de prisão domiciliaria, com a retirada da sua pensão e privilégios Apesar disso, Jum continuou a recusar liderar, ou mesmo apoiar, qualquer movimento antigaullista Por fim, reconciliou-se com de Gaulle

quando o Presidente o visitou no hospital durante a sua doença terminal, em Dezembro de 1963 Jum foi sepultado com todas as honras militares em 27 de Janeiro de 1967
119 Righter, p 2
120Hewit, p 115
121 Righter, p 2
122 Mossuz, pp 25-6
123 Consultar Penaud, capitulo II
124 Ibid , p 62, da entrevista de Penaud com Ravanel em 1985 (Ravanel disse, de facto, MI5, mas isso deve ter sido o resultado de uma confusão entre as duas agências britânicas — o MI5 opera apenas no Reino Unido)
125 Malraux, Antimemoirs, p 15
126 Consultar Hewit, pp 79-80
127 Malraux, Antimemoirs, p 8
128 Mossuz, p 162
129 Citado em Cate, p 406
130 Mossuz, p 213
131 Righter, p 30
132 Ibid , p 77
133Gerber, p 123
134 Lebovics, p xi
135 Ibid , p ix
136 Citado em Cate, p 377
491
137 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 312.
138 Ibid., pp. 480-1
Capítulo 3: Uma história de dois tesouros
1 Entrevistado para o website Octonovo em Agosto de 2001 (http://www,octonovo,org/RIC/Fr/itw/itwaca. Htm).
2 Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 100.
3 Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 70, citando uma carta que lhe foi dirigida por Plantard em 1974.
4 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 76.
5 Markale, The Templar Treasure ai Gisors, p. 28.
6 De Sede, Lês templiers sontparmi nous, p. 16.
7 Lamy, Lês templiers, pp. 304-6.
8 Citado em Markale, The Templar Treasure at Gisors, p. 49.
9 Ibid., p. 42.
10 Por exemplo, Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 19.
11 Citado em de Sede, Lês templiers sont parmi nous, p. 26. Alegadamente, Lhomoy, mais tarde, confessou que tinha inventado a parte acerca das arcas. Contudo, isto não foi relatado antes da sua morte e baseou-se, como refere Jean Markale {The Templar treasure at Gisors, p. 60], num testemunho em segunda mão, embora fosse prontamente acolhido pelos críticos de Plantard.
12 Markale, The Templar Treasure at Gisors, pp. 57-8.
13 Lameure, p. 232.
14 Markale, The Templar Treasure at Gisors, p. 62
15 Ibid., p. 61.
16 Ibid., p. 19.
17 Citado em Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 36.
18 De Sede, Lês templiers sontparmi nous, p. 40-2.

19 Markale, The Templar Treasure at Gisors, pp. 34-5.
20 Ibid., pp. 63-4.
21 Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 24.
22 Ibid., p. 25.
23 Citado em Leyre, p. 235.
24 Citado em ibid.
25 Ibid., p. 236.
26 Citado em ibid., p. 239.
27 De Sede, Lês templiers sontparmi nous, p. 284.
28 Ibid., p. 175.
29 Ibid., pp. 276-7. Dreux pode ter sido escolhido porque era o lugar onde estava sepultado Louis-Philippe, o último Rei de França (1830-48), que foi ali sepultado na cripta da família em 1860, depois de uma década de exílio em Surrey.
492
3° Ibid., p. 276.
31 Markale, The Templar Treasure at Gisors, pp. 39-41.
32 De Sede, Lês templiers sontparmi nous, p. 284.
33 Sanchez.
34 Citado em ibid.
35 Consultar Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 74-5. Alet-les-Bains e Quillan são também candidatas.
36 Markale [The Church ofMary Magdalene, p. 75) considera que a igreja de João Baptista é a que existe hoje, tendo sido reconsagrada a Madalena.
37 Boudet, p. 58.
38 Ibid., pp. 228-9.
39 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 160.
40 Ibid., p. 27.
41 Corbu e Captier, pp. 72 e 233.
42 Em 1830, Carlos X, de preferência a ser forçado a tornar-se num monarca constitucional, abdicou em favor do seu neto, o conde de Chambord. Contudo, a Câmara dos Deputados declarou Louis-Philippe, o duque de Orleães — descendente de outro ramo da família — Rei. Louis-Philippe, que se intitulava «Rei dos Franceses» em vez de «Rei de França», e que repudiou o princípio do direito divino, era o rosto mais aceitável da monarquia na França pós-revolucionária. Isto precipitou uma divisão entre os «legitimistas» que apoiavam Chambord e os «Orleanistas» que aceitaram Louis-Philippe. Louis-Philippe reinou até 1848, quando um novo império foi proclamado sob égide de Napoleão in, que durou até 1870. Um compromisso foi então proposto, pelo qual Chambord, que não tinha filhos, como Henri V, reinaria como monarca constitucional, e, por sua morte, o trono passaria para o neto de Louis-Philippe, o conde de Paris. (No entanto, no último momento, Chambord recusou a proposta, porque ele insistia em que não reinaria sob a tricolor republicana. Esta decisão levou à formação da Terceira República, com o Rei substituído por um presidente nominal.) Por esta razão, quando Chambord morreu em 1883, as duas correntes monárquicas aceitaram o conde de Paris como o herdeiro do trona Embora uma minoria continuasse — e continua — a apoiar o sucessor legitimista mais próximo (a sucessão está agora no ramo espanhol da família Bourbon), esta não incluía os monárquicos em cujo apoio Saunière se manifestou em 1885.
43 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 43.
44 Markale, The Church of Marie Magdalene, pp. 179-80; Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail f O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 481.

45 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 481, citando uma fonte de 1851.
46 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 48. Para outros paralelos

entre os casos de Sion-Vaudémont e Rennes-le-Château, consultar Jean Robin, Rennes-le-Château, pp. 81-84.
47 A este respeito, as fontes mais valiosas são Corbu e Captier (baseadas nos documentos pessoais de Saunière e nas memórias que Claire guarda da aldeia dos anos 40 e 50], e Descadeillas, que teve a vantagem de entrevistar aldeões que ainda estavam vivos no fim dos anos 50, e que tinham conhecido Saunière.
48 Corbu e Captier, pp. 74-6.
49 Consultar Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 144; Markale, The Churck of MaryMagdalene, p. 38; Descadeillas, Mythologiedu trésordeRennes, p. 132.
50 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 17.
51 Consultar ibid., p. 134; Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 44.
52 Corbu e Captier, p. 74.
53 Descadeillas, Mythologiedu trésordeRennes, p. 19.
54 Ibid., p. 56.
55 Corbu e Captier, pp. 75-6.
56 Blum, p. 84.
57 Corbu e Captier, p. 95. O original francês é: «Lettre de Granes. Décauverte d’un tombeau. Lê soirpluie».
58 Ibid.
59 Putman e Wood, p. 163.
60 Consultar Corbu e Captier, pp. 269-72.
61 Ibid., pp. 78-9.
62 Ao apresentar o seu nome como «Mane de Nègre» seguimos a convenção usada pelos investigadores, de preferência aos historiadores académicos. Na realidade, o ramo da sua família usava a ortografia «Négri» — outros ramos usavam as variantes «Nègre» e «Negré». Em todo o caso, a forma abreviada e estritamente correcta do seu nome deveria ser «Maríe d’Ablès».
63 Descadeillas, Rennes et sés derniers seigneurs, p. 64.
64 Putman e Wood, pp. 59-62.
65 Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 93 e 97.
66 Ibid., p. 134.
67 Ibid., p. 176.
68 Corbu e Captier, pp. 84-5.
69 Douzet, pp. 67-80. Douzet argumenta que Saunière usou Lyons como base para visitas à região vizinha de Lê Pilat, citando semelhanças entre um quadro que se encontra numa capela da região e que representa Maria Madalena, e o que Saunière mandou pintar no altar da sua igreja. No entanto, a semelhança é sobretudo uma questão de opinião.
70 Corbu e Captier, pp. 84-5.
71 Consultar Blum, p. 197.
72 Citado em Markale, The Church of Mary Magdalene, p. 107.
73 Putman e Wood, p. 89 e estampa 14.; Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 41.

74 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 254, citando o testemunho pessoal de Courtaly.

75 Ibid., p. 188.
76 Rivière, Tappa e Boumendil, pp. 17-20 e 37.
77 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 28.
78 Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 150-1; Gaudart de Soulages e Lamant, p. 351.
79 Corbu e Captier, p. 151.
80 Ibid., p. 73.
81 Marie, Rennes-le-Château, p. 20.
82 Contrucci, p. 130.
83 Ibid, p. 131.
84 Ibid., p. 216.
85 Ibid, pp. 130-1.
86 Ibid, p. 133.
87 Ibid.
88 Lockspeiser, vol. I, p. 109. Sobre os interesses e o envolvimento esotérico de Debussy, consultar Léon Guichard, «Debussy and the Occultists», Apêndice E a Lockspeiser.
89 Contrucci, p. 311.
90 Calvé, My Life, p. 155.
91 Contrucci, p. 209, citando Pierre Borel, Trésor dês recherches et antiquités gauloises etfrançaises (1655).
92 Calvé, Sous tous lês cieis j'ai chanté..., p. 157.
93 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 27.
94 Contrucci, p. 156.
95 Citado em Corbu e Captier, p. 20. ,
96 Ibid, p. 23.
97 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 31.
98 Citado em ibid, p. 32.
99 Citado em Corbu e Captier, p. 165.
100 Citado em ibid, pp. 216-17.
101 Citado em ibid, p. 253.
102 Ibid, p. 59.
103 Ibid.
104 Ibid, p. 254.
105 Ibid, p. 16.
106 Consultar ibid, pp. 4-6.
107 Ibid, p. 12.
108 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, pp. 56-7.
109 Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, pp. 125-6.
110 Corbu e Captier, p. 34.
111 De Sede, Rennes-le-Château, pp. 46-7.
112 Do website Inflation en France (lycos.fr/consomrnation/livrephp), que inclui
495
um útil calculador dos valores relativos desde 1901. Mesmo os cépticos Putman e Wood (p. 25) calcularam um mínimo de 1,5 milhão de libras Finalmente, o investigador de Rennes e nosso amigo Nigel Foster encontrou
0 total calculando o custo moderno da compra da terra, materiais e mão de obra, chegando também a uma soma entre 1,5 e 2 milhões de libras.

113 Branca de Castela era a mãe de Luís IX; governou a França enquanto ele esteve ausente nas Cruzadas e, incidentalmente, ordenou o ataque à última fortaleza dos Cátaros, a cidadela de Montségur.
114 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 237.
115 Consultar Niel, pp. 291-4.
116 Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 87-8. Os Aniort começaram a cruzada ao lado dos heréticos, e, em consequência, Rennes-le-Château foi entregue a um dos líderes cruzados, os Voisins. No entanto, Pierre in de Voisins teve o cuidado de legitimar a sua pretensão casando com uma prima de Ramon d'Aniort, Jordane (consultar ibid., pp. 89-93).
117 Uma hipótese avançada muito recentemente em Granam Phillips, The Templars and the Ark of the Covenant.
118 Corbu e Captier, pp. 54-5.
119Blum, p. 43.
120 Ibid., PP. 62-3.
121 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 29.
122 Consultar Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 181-7.
123 «Cassiel», p. 12.
124 Rivière, Tappa e Boumendil, p. 67.
125 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 180.
126 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 47.
127 Citado em Marie, Rennes-le-Châtea, p. 24.
128 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, p. 49.
129 Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 138.
130 Ibid., pp. 141-2.
131 Citado em Corbu e Captier, p. 257. no original francês lê-se: «As-tu dês nouvelles de St. Jean? Mói, je ne sais rien depuis quelque temps. Après Ia mort de
1 'Abbé Bastíde je voulais lê rettirer [sic] à Bombania, mais il a refusé, me disant qu'il se contentait de St. Jean un dês Consolations que lui donnais celle paroisse».
132 Citado em ibid., p. 279: «.Maintenant, ma chère amie, puisque tu ne veux pás recevoir chez toi pourfaire Ia besogne que tu sais Mr. De St. Jean, tu youdrais que je vienne».
133 Entrevista no website Octonovo citada na anterior nota 1.
134 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, pp. 511-15. Consultar também www.octonovo/Rlc/Fr/bio/bioEdiv.htm.
135 Depois da Revolução, a sede da diocese foi transferida para Carcassonne.
136 Não há dúvida quanto a esta história: ela apareceu num livro de René Descadeillas — como vimos, o grande desmistificador académico do mistério
496
de Saunière — sobre a «verdadeira» história de Rennes-le-Château, Rennes et sés derniers seigneurs, pp. 7-8.
137 Ibid., p. 74.
138 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 94.
139 De Sede, Rennes-le-Château, p. 207, citando obras de Gaston Martin e Jean-Claude Danis.
140 Ibid., pp. 207-8.
141 Dame Francês Yates, citada em Baigent, Leigh e Lincoln, The Hoíy Blood and the Hoíy Grail ("O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 449.
142 De Sede, Rennes-le-Château, p. 194.
143 \Vaite) y4 New Encyclopaedia of Freemasonry, vol. II, p. 450.

144 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 52. Os graus são Aprendiz, Companheiro, Mestre, Mestre Escocês de St. Andrew, Escudeiro, Noviço e Cavaleiro Beneficente da Cidade Santa.
145 Ibid., 48.
146 Ibid. 48-9.
147 De Sede, Rennes-le-Château, p. 194.
148 Chaumeil, Lê trésor du triangk d'or, p. 136.
149 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 57.
150 Uma loja do Rito de Mênfis chamava-se os Filadelfos.
151 Consultar pp. 354-55.
152 Monteils, p. 128.
153 Citado em de Sede, Rennes-le-Château, p. 206.
154 Jean-Luc Robin, pp. 29-30. Originários da Bretanha, os Chefdebiens fixaram-se em Narbonne no século dezoito.
155 De Sede, Rennes-le-Château, p. 218.
156 Contrucci, p. 218.
157 Waite, Saint-Martin the French Mystíc, p. 73.
158 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 805.
159 \Vebsite dos Arquivos departamentais de Haute-Garonne (www.archives.cg31 .fr/Section-04/InventairesPDF/63J.pdf)
160 Markale, The Church ofMary Magdalene, pp. 148 e 252.
161 De Sede, Rennes-le-Château, pp. 193-4.; Lamy, Jules Veme, initiéetinitiateur, p. 113. As investigações de Antoine Captier também associaram Saunière ao Rito Escocês Rectificado — consultar The Templar Revelation (O Segredo dos Templários), pp. 550-1.
162) Pierre Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, pp. 550-1.
497
Capítulo 4: «Tesouro secreto, linhagem secreta... »
1 Os Dossiers Secretos completos foram publicados por Pierre Jarnac como Lês mysteres de Rennes lê Chateou Melanges sulfureux
2 Citado em Jarnac, Lês archives du tresor de Rennes le-Château, p 553
3 Reproduzido em ibid , p 303
4 De Sede, Rennes lê Chateou, p 111
5Ibid,p 123
6Ibid,p 133
7 Entrevista em 2001 (op Cit)
8 Descadeillas, Mythologie du tresor de Rennes, p 83
9 De Sede, Rennes lê Chateou, p 257
10 Markale, The Church ofMary Magdalene, p 220
1' Entrevista em Outubro de 2003 (op Cit)
12 Reproduzido em Jarnac, Lês mysteres de Rennes lê Chateou, vol in, pp 24-35
13 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail [O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp 287-9
14 «The Rennes-le-Château Affair, A Reply to Monsieur Lionel Burrus», de S Roux — consultar as paginas 220-21 deste livro
15 Andressohn, p 5
16 Citado em Wood, p 235, Life ofSt Wilfnd, de Stephanus — referente ao Bispo de Iorque que trouxe Dagoberto de regresso do exílio — praticamente e a única fonte sobre a vida de Dagoberto, e mesmo esta foi escrita um século e meio mais tarde
17 Esta de acordo com Lobineau Outras fontes atribuem-lhe sete anos de idade

18 De Sede, Rennes lê Chàteau, p 137
19 Consultar Jarnac, Lês mysteres de Rennes lê Chàteau, vol II, pp 3-19 Entretanto, uma obra não estritamente classificada como um dos Dossiers Secretos foi depositada na Bibliotheque Nationale em Fevereiro de 1965 Era Róis et Gouvemants de Ia f rance Lês grandes dynasties depuis 1'ongme de Anne-Lea Hisler Ha provas de que esta obra circulava já em 1958 e, em Janeiro de 1960, ela apareceu como uma nota de Louis Saurel no periódico Lês Cahiers de 1'Histoire (em que Hisler era apresentada apenas como investigadora) Para aumentar a confusão, a obra era muito semelhante a uma outra de Alfred Franklin, de 1906, The Kmgs and Rulers of France from Hugus Capet to 1906 Tem pouca ligação com o desenrolar desta historia, embora uma nova versão tivesse aparecido em 1969, como um novo capitulo sobre os Merovingios
20 Traduzimos «gardent Ia clef» como «têm a chave» em vez de «seguram a chave» (como na tradução mais generalizada, a de Henry Lincoln) porque esta seria a interpretação mais usual — e a ultima fez com que os investigadores começassem a procurar quadros que representassem alguém que, literalmente, tivesse uma chave na mão J'acheve, literalmente, significa «eu

acabo», mas este era um vulgar eufemismo francês para «matar», «acabar» tem o mesmo duplo significado em Inglês
21 Ha vanas alegações de que a existência de uma segunda pedra — a laje tumular — esta, no mínimo, parcialmente confirmada nas obras do engenheiro e arqueologo-amador local, Ernest Cros (l 875-1946), que não deve ser confundido com o abade Cros, que era vigano-geral da diocese e amigo intimo de Saumere Ernest Cros, que conhecia Saumere, supostamente, registou parte da inscrição Reddis Regis Contudo, a descrição baseia-se no que se supõe ser uma transcrição dactilografada das notas manuscritas de Cros, que dizem terem desaparecido O preâmbulo sobre a vida de Cros contem alguns erros elementares Portanto, depois de tudo considerado, parece que esta «prova» e uma invenção posterior e que a segunda pedra nunca existiu Contudo, Franck Mane (Rennes lê Chàteau, p 30), citando os arquivos particulares do abade Mazieres, descobriu provas da aderência de Cros a «ideologia joamsta» (e a sua qualidade de membro de uma loja do Grande Onente Maçónico) Uma pista aliciante, mais nada
22 E daqui que nasceu a ideia, refenda no ultimo capitulo, de Mane Denarnaud ter queimado notas de banco em 1945 Segundo Blancasall, elas eram os 8 milhões de francos reunidos por Saumere nos seus últimos tempos de vida, que tinham que ser entregues as autondades durante a emissão de nova moeda pos-Libertação Em vez de as trocar—e ter que explicar a sua proveniência — ela prefenu destrui-las À margem dos Dossiers Secretos, não ha nenhuma prova deste acto, que parece ter-se baseado nos relatos de que ela tena queimado papeis depois da morte de Saumere
23 Consultar, por exemplo, Markale, The Church ofMary Magdalene, p 87
24 Descadeillas, Mythologw du tresor de Rennes lê Chateou, pp 83-4
25 Begg, p l
26 Contrucci, p 152
27 Jean Robin, Rennes le-Château, p 151
28 De Gaulle, pp 3-4
29 Borgonha e Neustna eram possessões dos seus pnmos
30 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grau (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p 265
31 Consultar Descadedlas, Mythohgie du tresor de Rennes lê Chàteau, pp 77-8

32 O autor francês Richard Bordes dedicou um livro, Lês meromgwns a Ren nes lê Chàteau (1984), aos erros históricos e a improbabilidade da versão da historia francesa apresentada nos Dossiers Secretos
33 De Sede, Rennes lê Chàteau, p 13 7, atando a obra do histonador Louis Fedie, de Carcassonne
34 Markale, The Church ofMary Magdalene, p 80
35 Andressohn, p 9 As genealogias que apresentam estas linhagens encontram-se nas pp 10 (materna) e 19 (paterna)
36 Incidentalmente, o conde de Bolonha era casado com a filha do Rei Malcom da Escócia

37 Riley-Smith, The Crusaães, p. 21.
38 Ibid.
39 Andressohn, p. 52; France, Victory in the East, p. 85.
40 Andressohn, p. 105.
41 Os últimos Dossiers registam 1099.
42 Citado em Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 123.
43 De Beauvoir, p. 188.
44 Monteils, Lês amants de Ia liberte, p. 100.
45 Ibid., pp. 111-2.
46 Consultar Jarnac, Lês mystères de Rennes-le-Château, vol. I, pp. 20-7.
47 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, pp. 75-6.
48 Consultar Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, pp. 331-59, e Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, pp. 74-5.
49 Reproduzido em Jarnac, Lês mystères de Rennes-le-Château, vol. I, pp. 17-19.
50 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, pp. 80-1.
51 A edição em língua inglesa apareceu em 1964; várias outras edições alemãs e francesas foram publicadas a partir de 1911.
52 The secret Files ofHenri Lobineau — consultar pp. . 231-9.
53 Jean Robin, Rennes-le-Château, pp. 119-22.
54 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes, pp. 528-9.
55 Blum, p. 46.
56 Jean Robin, Rennes-le Chateou, pp. 32-3.
57 Ibid., p. 122; de Sede, Rennes-le-Château, p. 135, citando o testemunho da sobrinha do último conde de Lénoncourt.
58 Entrevista em 2003 (op. Cit).
59 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 24; Mane, Rennes-le-Château, pp. 200-1.
60 Reproduzido em Jamac, Lês mystères du trésor de Rennes-le-Château, vol. in, pp. 3-9, e traduzido no Apêndice II deste livro.
61 Mane, Rennes-le-Château, p. 193.
62 Contrucci, p. 133.
63 A obra começou em 1646, mas demorou mais de 130 anos até ficar terminada.
64 Consultar La cabale dês dévots, de Raoul Allier, e o estudo da Companhia em Toulouse — um dos primeiros lugares onde ela se expandiu, a partir de Paris — do abade Alphonse Auguste, de 1913.
65 Auguste, pp. 2-3.
66 Tallon, p. 46.
67 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 178-83.

68 Tallon, p. 12.
69 Sobre Notre Dame de Marceilles, consultar The Templar Revelatton [O Segredo dos Templários), pp. 196-9.

70 Os quadros são Jacob lutando com o Anjo, Heliadom expulso do Templo pelos Anjos e O Arcanjo Miguel subjugando Lúcifer.
71 Cocteau, The Joumals ofJean Cocteau, p. 40.
72 Barres, Lê mystère en pleine lum\ère, p. 93.
73 Reproduzido em Jamac, Lês mystères- de Rennes-le-Château, vol. in, pp. 11 -23. A identificação de Lobineau como Schidlof é aqui reafirmada — a futura fraude do nome alternativo do conide de Lénoncourt ainda não tinha surgido.
Grousset, vol. in, p. XIV.
75 Oursel, p. 208; Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail
(O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 128. ^6 Burman, pp. 226-8.
77 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Hofy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 467-8.
78 De Sede, Lê trésor maudit de Rennes-le-Château, p. 112.
79 Para terminar, devemos mencionar outra obra relacionada, que apareceu em Outubro de 1967 In the Lana ofthe White Queen, de Nicolas Beaucéan. Esta brochura de 5 páginas foi publicada por Philippe de Chérisey (deixando poucas dúvidas de que ele seria o a utor). (Um ano depois, a obra foi novamente publicada, com algum material extra, como Treasure in the Lana ofthe White Queen, desta vez atribuída a Anne-Léa Hisler!) Está relacionada sobretudo com Rennes-les Bains e o livro de Boudet.
80 Entrevista em 2003 (op. cit.).
81 Smith, «Pierre Plantard Profile».
82 Entrevista em 2001 (op. Cit.).
83 De Sede, Lê trésor maudit de Rennes-le-Château, pp. 19-20.
84 Ibid., p. 96.
85 Ibid., p. 107.
86 De Sede, Rennes-le-Château, p. 187.
87 Dawes, pp. 221-3
88 De Sede, Lê trésor maudit de Rennes-le-Château, p. 110.
89 Descadeillas, Mythologie du trésor de Rennes, pp. 70-2.
90 Putman e Wood, Apêndice A.
91 Citado em Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 100.
92 Passek, p. 45.
93 Os outros Goons eram o extravagante Spike Milligan, o cantor e actor galês Harry Secombe, o antigo membro dos serviços secretos e, mais tarde, parapsicólogo Michael Bentine.
94 Citado em Chaumed, Lê trésor du triangle d'or, p. 80.
95 Ibid., p. 151.
96 O método de descodificação é apresentado em detalhe em Lincoln, The Holy Place, Apêndice Um.
97 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 172
98 Lamy, Jules Veme, initié et iniciateur, p. 95.

99 Ibid., p. 85.
100 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 200.
101 Ou, como todos os bons Forteans lhe chamariam, «relações lexicais».

102 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 887.
103 Consultar Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, pp. 130-1; Markale, The Church of Mary Magdalene, pp. 227-8.
104 por exempl0j Markale, The Church of Mary Magdalene, pp. 279-80.
105 Barres, Lê mystère en pleine lumière, p. 34.
106 Ibid., p. 246.
107 Citado em Markale, The Church of Mary Magdalene, p. 280.
108 Citado em Robin, Lê royaume du Graal, p. 107.
109 O túmulo, de facto, está mais perto de Arques.
110 Foi realmente «descoberto» por Gérard de Sede numa viagem de estudo àquela área em 1972, e foi, pela primeira vez, noticiado na imprensa num artigo escrito por de Sede (com Jean Pellet) na edição de Julho-Agosto da revista Lê Granâ-Albert.
Capítulo 5: O mito da linhagem
1 Em 1968, de Chérisey produziu uma novela de 130 páginas, intitulada Círcuit, que usou muitos dos temas relacionados com Rennes-le-Château e a mitologia descrita nos Dossiers Secretos—mas embora um exemplar fosse depositado na Bibliothèque Nationale, ela nunca foi publicada.
2 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. XVII.
3 Ibid, pp. 37-38.
4 Boissonnade, p. 17.
5 Poher, p. 64.
6Weber, pp. 153-4.
7 Citado em Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 90.
8 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 532-3.
9 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-k-Château, p. 542.
10 Chaumeil, entrevista em Dezembro de 2003 (op. cit.)
1] Citado em Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p 172.
12 Chaumeil, entrevista em Dezembro de 2003 (op. cit.).
13 Citado em Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 89.
14 Citado em Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 70.
15 Entrevista em 2003 (op. cit.).
16 A obra «Delaude» é reproduzida em Jarnac, Lês mystères de Rennes-le-Château, vol. I, pp. 3-10.
17 Patton e Mackness, p. 207.
18 Thomas e Morgan-Witts, p. 61.

19 Ibid, pp. 64-6.
20 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Gmil (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 222-3.
21 Thomas e Morgan-Witts, p. 501.
22 Datado de 24 de Junho — o dia da festividade de São João Baptista — de
1978.
23 Prefácio de Plantard de Saint-Clair para o livro Boudet, pp. 17-18.
24 Andrew e Schellenberger, pp. 174-5.
25 Chaumeil, Lê trésorãu triangle d'or, p. 184.
26 Ibid., p. 185
27 Markale, The Templar Treasure at Gisors, pp. 66-7.

28 Consultar Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 235-7.
29 Consultar reprodução em Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château.P. 551.
30 Também identifica um par do reino, Lord Blackford, como membro, chegando mesmo a citá-lo. É suposto que ele seja o segundo barão Blackford (1887-1972), que, antes de suceder no título, como Glyn Mason, foi um deputado conservador entre 1922 e 1940 (por Croydon, no Surrey.J Mais tarde, foi presidente da Câmara dos Lordes.
31 Smith, «Plantard's Secret Parchments», p. 2.
32 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 497.
33 Detalhes extraídos de Who's Who in America.
34 Alguns investigadores sugeriram que os Dossiers Secretos foram inspirados pela obra de Walter Johannes Stein, em particular The Ninth Century and the Holy Grail (l 928) no qual ele se manifesta a favor da realidade de uma «família do Graal», da qual muitas outras famílias e casas reais posteriores eram descendentes. No entanto, embora Stein tivesse incluído Godofredo de Bulhão como parte da sua «linhagem do Graal» — correctamente como um descendente dos Carolíngios (os Merovíngios não desempenham nenhum papel especial na reconstrução de Stein) — a semelhança entre os dois termina ali. Os Dossiers Secretos não estabelecem nenhuma ligação entre as famílias da «linhagem» e os romances do Graal; essa associação foi uma hipótese colocada por Baigent, Leigh e Lincoln.
35 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 319-21.
36 A. T. Hatto, introdução a Wolfram von Eschenbach, p. 8.
37 Entrevistado para o documentário Da Vinci Code Decoded (produções da Disinformation Company, produzido por Gary Braddley e Richard Metzeger, realizado por Richard Metzeger, 2004).
38 Picknett e Prince, The Templar Revelation (O Segredo dos Templários], pp.
66-70. Consultar também Picknett, Mary Magdalene, pp. 93-101.
39 De Sede, Lê trésor maudit de Rennes-le-Château, p. 136.
40 Um extracto da entrevista foi incluído no documentário do Channel 4, The

Real Da Vinci Code, realizado por Simon Raikes e exibido em Fevereiro de 2005.
41 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 194.
42 The Unexplained Mysteries ofMind, Space and Time foi uma primeira revista semanal de culto dos anos 80 que incluía artigos de Michael Baigent e Richard Leigh. Lynn foi a sua subdirectora.
43 Patton e Mackness, pp. 187-8.
44 Martin, p. 317.
45 Ibid., p. 433.
46 Ibid., p. 55.
47 Patton e Mackness, p. 164.
48 Martin, p. 110.
49 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 328-9.
50 Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 150.
51 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, 354.
52 Consultar ibid., capítulo 20.
53 Reproduzido em Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 554. Louis Vazart, que morreu em 2005, era um entusiasta da causa merovíngia, que fundou o Cercle Saint-Dagobert II, que se baseava sobretudo nos Dossiers Secretos.

54 Pierre Plantard de Saint-Clair, carta de 6 de Julho de 1898, reproduzida em priory-of-sion.com/psp/vcr/pl7.htm. A nova lista «oficial» dos grão-mestres aparece em Vaincre, n.° 3, Setembro de 1989.
55 Entrevista de 2003 [op. cit.).ibid.
56 Ibid.
57 Ibid.
58 Ibid.
59 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 447.
60 Wood, p. 33.
61 Baigent, Leigh e Lincoln, The Hoty Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 254.
62 Ibid., pp. 434-8.
63 Por exemplo, the Royal Stuart Society (consultar www.royalstuartsociety.com). Consultar também o website Jacobite Heritage (www.jacobite.ca).
64 Jardine.
65 Twyman, «Entrevista with Prince Michael Stewart of Albany».
66 Consultar: Sean Murphy MA, do Centre for Irish Genealogical and Historical Studies, escrevendo nos websites dos Chefes Irlandeses em 2002 (homepage.eircom.net/-seanmurphy/chiefs/lafosse.htm);
os relatos detalhados nos documentos produzidos por Lafosse em www.sociologyesoscience.com/esoterica/michael.html; e a abrangente desconstrução das reivindicações do Príncipe Michael no website Jacobite Heritage (www.jacobite.ca/essay/lafosse.htm).
67 Michael of Albany, pp. 312-13.

68 Ambas as citações são de Krosnar.
69 Do website Jacobite Heritage (www.jacobite.ca/essays(lafosse/htm), citando comentários feitos por Otto von Habsburgo ao genealogista David Willis.
70 Michael of Albany, pp. xix-xx.
71 Gardner, Realm ofthe RingLords, p. 24
72 Gardner, Bloodline ofthe Holy Grail, p. 4.
73 Em Realm ofthe RingLords, Gardner, Gardner evita dar uma resposta que apoie a hipótese de os Anunnaki serem extraterrestres ou serem uma raça terrestre avançada, concluindo (p. 26): «As probabilidades são de que ambas as conclusões estejam correctas».
74 Twyman, «My Kingdom is not of this World».
75 A alquimia da Ascensão (8www.as-alchemy.cm).
76 Relatos e discussões sobre a obra de Hudson, além de transcrições das suas conferências e entrevistas, abundam na internet, mas a fonte mais completa é a secção «Ormus» do website das Subtles Energies (www.subtleenergies.com), compilado por Barry Cárter.
77 www.subtleenergies.com/ormus/faq.htm.
78 Transcrição da conferência de Hudson em Denver, Colorado, em Agosto de 1994, sobre o website Subtle Energies (consultar as notas anteriores)
79 Twyman, «My Kingdom is not of this World».
80 A questão do assassinato da Princesa de Gales é discutida no nosso livro WaroftheWindsors, pp. 296-301.
81 Hopkins, Simmans e Wallace-Murphy, pp. 40-1.
82 Ibid, p. 109.
83 Ibid., p. 134,

84 Ibid., pp. 262-3.
85 Ibid, p. 35.
86 «Arcádia», parte l.
87 De Sede, LOccultisme dans Ia politique, p. 239. Sobre a fonte de Gérard de Sede, consultar as suas declarações em Marhic, p. 201.
88Marhic, p. s 201-2,
89 Ibid., p. 193.
90 Citado em ibid, p. 192.
91 Consultar Carr-Brown e Cohen. A princesa Grace foi iniciada no Templo Solar em 1982, pelo seu líder Joseph di Mambro, num antigo priorado da aldeia de Villié-Morgon, no Beaujolais, a menos de dez quilómetros do castelo de Arginy.
92 Consultar Picknett e Prince, The Stargate Conspiracy, pp. 279-85.
93 Peronnik, p. 239.
94 Breyer explica Baphomet como uma conflacção de Baptista e Maomé.
95 Breyer, pp. 69-70.
96 Ibid, p. 30.
97 Peronnik, pp. 151-2.
505
98 Ibid., p. 149.
99 Ibid., 233.
100 Ibid., p. 327.
101 Ibid, p. 74.
102 Carr-Brown e Cohen.
103
104 Daniels, «Ordeal by Fire», p. 5.
105 Bédat, Bouleau e Nicolas, pp. 43-5 e 267-72.
106 Ibid., p. 42.
107 Cinco pessoas, incluindo uma criança, morreram na casa de campo de di Mambro em Morin Heights, no Canadá, a 4 de Outubro de 1994. Três pessoas foram apunhaladas. Em 5 de Outubro de 1 994, vinte e três pessoas morreram na Ferme dês Rochettes, em Cheiry, e vinte e cinco em Granges-sur-Salvan, ambas na Suíça.
108 Citado em Aubert e Keller, p. 76.
109 Mayer, p. 80.
110 Bédat, Bouleau e Nicolas, pp. 332-5.
111 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, pp. 367-8.
Capítulo 6: Regresso à origem
1 Citado em Chaumeil, Lê trésor du triangle d'or, p. 77.
2 Madalena foi, pela primeira vez, declarada uma prostituta pelo papa Gregório I em 690 d.C., mas embora esta declaração fosse revogada em 1969, a maior parte dos cristãos ainda acredita no insulto.
3 Consultar Picknett e Prince, The Templar Revelation (O Segredo dos Templários), pp. 287-95, e Picknett, pp. 147-8 e 161-2.
4 Consultar Picknett e Prince, The Templar Revelation (O Segredo dos Templários), pp. 94-5, e Picknett, pp. 97-101.
5 Faillon, vol. I, p. iv.
6 Entrevista em 2003 (op. cit.).
7 Estas questões são exploradas com maior profundidade em Picknett, capítulo 4.
8 Sobre os joanistas evangelistas, consultar Collins, capítulos 6 e 7.
9 Markale, The Templar Treasure at Gisors, p. 67.
10 João 1:35-42.

11 Pic]mettePrince,TheTemplarReiKlation(OSegredodosTemplários),pp. 147-9,
335-6.
12 Para ser estritamente preciso, o fundador da Ordem, o médico da sociedade Bernard-Raymond Fabré-Palaprat, incorporou elementos joanistas nas suas doutrinas, cerca de dez anos depois da sua fundação, precipitando assim uma divisão entre os membros, a maior parte dos quais era católica. Esta questão só foi resolvida depois da morte de Fabré-Palaprat em 1838,

quando a Ordem rejeitou o joanismo. Para mais informações sobre Fabré-Palaprat, a sua Ordem do Templo revista e a Igreja joanista, consultar The Templar Revelation (O Segredo dos Templários), pp. 143-6.
13 Bayard, La symblique de Ia Rose-Croix, p. 192; Headings, p. 108; Gaudart de Soulages e Lamant, p. 131.
14 Gaudart de Soulages e Lamant, pp. 57 e 615.
15 Ibid., p. 615.
16 Ibid., p. 57.
17 Monteils, pp. 129-30.
18 Egyptian Rite of Memphis, p. 95.
19 Consultar p. 351-2.
20 Entrevista em 2003 (op. cit.).
21 Péladan, Constituitions de Ia Rose-Croix, lê Temple et lê Graal, pp. 28-9. Os nossos agradecimentos a Andrew Collins por estas informações e por nos ceder um exemplar das Constituições.
22 Péladan, La philosophie de Léonard de Vinci, p. 111.
23 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 194-8.
24 Ibid., p. 156.
25 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 231.
26 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), p. 157.
27 Ibid., pp. 477-9.
28 Markale, The Church ofMary Magdalene, p. 172.
29 A lista completa de von Hund está reproduzida emThory, vol. I, pp. 282-3.
30 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 129-32.
31 Baigent, Leigh, The Temple and the Lodge, p. 267.
32 Rey p. 33.
33 A informação biográfica sobre Doinel é extraída de Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, pp. 397-401, e de Gaudart de Soulages e Lamant, pp. 338-9.
34 Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 399.
35 Lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occuhiste, vol. I, p. 432.
36 Consultar Jarnac, Lês archives du trésor de Rennes-le-Château, p. 401, e Gaudart de Soulages e Lamant, p. 339.
37 Nelli, Dictionnaire dês hérésies méridionales, p. 154.
38 Doinel, Jeanne d'Are telle qwelle est, p. 33.
39 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 480; Ursin, pp. 61-2; lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occuhiste, vol.I, pp. 107-11.
40 Lê Forestier, Lês ittuminés de Bauière et Ia franc-maçonnerie allemande, pp. 159-60.
41 Roberts, pp. 106-7.
42 Ibid., p. 107.

43 Baigent e Leigh, The Temple and the Lodge, pp. 265-9.
507
44 Lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. I, p. 118; Roberts, p. 107.
45 Lê Forestier, Lês illuminés de Bavière et Ia franc-maçonnerie allemande, pp. 163-74.
46 Ibid., pp. 148-50.
47 Montloin e Bayard, pp. 95-110; Roberts, p. 102; lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol.I, pp. 64-7.
48 LeFor^er,l^Uluminés de Baitâe et Ia frarx-mapmnerie allemande, pp. 150-5.
49 Ibid., pp. 156-9. Consultar também lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. I, capítulo 3.
50 Lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. in, pp. 549-51.
51 Waite, A New Encyclopaedia ofFreemasonry, Vol. II, p. 356.
52 Citado em Thory, vol. I, p. 136. Há indicações, na correspondência trocada entre Saint-Martín e Willwemoz, de que o grau de Cavaleiro Beneficente foi criado em Lyons antes da Convenção de 1778. Consultar Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 55.
53 As actas da Convenção de Wilhelmsbad são tratadas exaustivamente no segundo volume da obra monumental de René lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste aux XVIII et XIX siècles.
54 Thory, vol. I, pp. 153-4.
55 Consultar ibid., p. 136.
56 Ibid, 153.
57 Ibid., p. 299.
58 Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 59.
59 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 49.
60 Waite, A New Encyclopaedia ofFreemasonry, vol. II, p. 403.
61 Amadou, «Martines de Pasqually et 1'Ordre dês Élus Cohens», p. 54.
62 Taillefer, «Lês disciplines toulousains de Martines de Pasqually et de Saint-Martin», em Taillefer e Amadou, p. 9.
63 Sobre a relação entre Saint-Martin e os du Bourg, consultar Taillefer e Amadou.
64 Roberts, p. 104.
65 Consultar Waite, Saint-Martin the French Mystic, pp. 29-34.
66 Ibid., p. 31.
67 Papus, Martinésisme, willermosisme, martinisme et franc-maçonnerie, p. 20.
68 Citado em Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 46.
69 Roberts, p. 104.S
70 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 84; Waite, A New Encyclopaedia of Freemasonry, vol. II, p. 401.
71 Taillefer, «Lês disciplines toulousians de Martines de Pasqually et de SaintMartin», em taillefer e Amadou, p. 97; Gaudart de Soulages e Lamant, p. 644.
72 Roberts, p. 102. Consultar também lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. I, 64-7.
508
73 Taillefer, «Lês disciplines toulousins de Martines de Pasqually et de Saint-Martin», em Taillefer e Amadou, p. 111.
74Robert,p. 111.
75 O magnetízador era o cónego Jean Antoine de Castellas, da Igreja de São João, em Lyons.
76 Citado em lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. II, pp. 793-4.

77 Amadou e Joly, pp. 13-14.
78 Ibid., p. 14.
79 Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 35; Amadou e Joly, p. 14.
80 Lê Forestier, La franc-maçonnerie templière et occultiste, vol. II, p. 794.
81 Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 43.
82 Amadou e Joly, p. 50.
83 Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 43.
84 Papus, Martinésisme, wiUermosisme, martinisme et franc-maçonnerie, pp. 15-16.
85 Waite, Saint-Martin the French Mystic, p. 56.
86 Ibid., p. 57.
87 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 805.
88 Amadou, Louis-Claude de Saint-Martin et lê martinisme, pp. 42-3.
89 Papus, Martinésisme, wilermosisme, martinisme et franc-maçonnerie, p. 20.
90 Segundo Gaudart de Soulages e Lamant (p. 805), há três sociedades martinistas principais: a Ordem Martinista, a Ordem Martinista Iniciática e a Ordem Martinista Tradicional.
91 Plume e Pasquini, p. 335.
92 Waite, A New Encyclopaedia of French Freemasonry, vol. II, p. 159
93 Ibid., p. 161.
94 Ibid., p. 258.
95 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 370.
96 Ibid., 371.
97 Montloin e Bayard, p. 212.
98 Citado em ibid., p. 213.
99 Findei, p. 231.
100 Kuisel, p. 378.
101 Citado em de Sede, Rennes-le-Château, p. 212.
102 Citado em Boisset, p. 5.
103 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 296.
104 Plume e Pasquini, p. 397.
105 Bois, Lê monde invisible, p. 7.
106 Consultar Monteils, p. 138.
107 Papus, Anarchie, indolence etsynarchie, p. l.
108 Ulmann e Azeau, pp. 19-20.
109 Bois, Lê monde ininsible, p. 36.
110 Dard, p. 46.
111 Saunier, pp. 78-9; Dard, pp. 46-7.

112 Dard, p. 47; Saunier, p. 102.
113 Previamente, ela casara com o conde Édouard Fédorovitch Keller, Vice-Governador de Kiev, e, mais tarde, um membro importante da corte do Czar. Divorciaram-se em 1876.
114 O termo «sinarquia» foi usado por J.A. Vaillant na sua obra de 1861, The Magic Key ofFiction and Fact (Clef magtque de lafiction e dufaii], embora Saint-Yves modificasse o conceito em vários aspectos. Vaillant, também, definiu sinarquia em oposição a anarquia, alegando que os princípios da sinarquia devem definir a ordem social, a qual, por sua vez, deveria definir a «religião do futuro». (Consultar Saunier, pp. 197-201.)
115 Saint-Yves d'Alveydre, Clefs de l'Oríent, p. 1.
116 Dard, p. 48.

117 Ibid., p. 43.
118 Montloin e Bayard, p. 85.
119 Martin, p. 140.
120 Ulmann e Azeau, p. 30.
121 Bourdrel, p 164.
122 Papus, Martinésisme, wiUermosisme, marúnisme etfranc-maçonnerie, p. 40.
123 As questões complicam-se pelo facto de que Saint-Yves mudava os títulos dos seus livros. O primeiro, por exemplo, era originalmente intitulado Missian actuette dês sauverains, depois Mission actueUe dês souverains par lun d'eux. Missíon actueUe dês souverains era originalmente intitulado La Prance vraie, ou Mission dês Français. A maior parte dos livros de Saint-Yves são extremamente difíceis de encontrar hoje, mas Jacques Weiss apresenta uma sinopse detalhada deles em La Synarchie selon 1'oeu.vre de Saint-Yves d'Ak>eydre.
124 Dard, p. 50.
125 Saint-Yves d'Alveydre, Mission dês Juifs, capítulo VI.
126 Bois, Lê monde invisible, p. 38.
127 Consultar Saint-Yves d'Alveydre, La france vraie, capítulo VIII.
128 Ulmann e Azeau, p. 33.
129 Citado em Saunier, p. 211.
130 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 923.
131 Subsequentemente, ele afastou-se devido a sua orientação anti-republicana.
132 Dard, p. 55; Saunier, pp. 230-1.
133 Saunier, p. 385
134 Bois, Lê monde invisible, p. 39.
135 Dard, p. 62.
136 Saint-Yves retirou esta ideia dos escritos de Louis Jacolliot (1837-90), um diplomata na índia que, ao regressar a França, escreveu uma série de livros sobre a espiritualidade e religião indianas, um dos quais menciona um centro de culto chamado Asgartha.
137 Citado em Saunier, p. 331.
138 Citado em ibid., pp. 325-6.
139 A primeira menção desta ideia parece ter acontecido em 1924, quando o

químico e jornalista russo-polaco Ferdinand Ossendovski publicou um livro sobre as suas viagens à Mongólia, no qual ele escreveu sobre «Agarthi», onde o «Rei do Mundo» estava em contacto com os líderes mundiais.
140 Plume e Pasquini, p. 399.
141 Citado em Dard, p. 61.
142 Dard, p. 68. Em 1883, a SociedadeTeosófica de Madrasta (que, na altura, tinha apenas cinquenta membros em França), convidou Saint-Yves a tornar-se seu membro, mas ele recusou. (Essa recusa parece não ter sido bem-recebida pela fundadora da Sociedade, Madame Blavatsky, que publicou uma crítica hostil de Mission ofthe Jews em Lê Lotus de Junho de 1888.)
143 Dard, p. 64.
144 com excepção do México, onde a sinarquia, durante algum tempo dos anos
30, se tornou num movimento político de massas. A sinarquia foi introduzida no México cerca de 1914 pelo ocultista Tomás Rosales, um discípulo de Papus, e em 1937, a União Nacional Sinarquista, descrita por Jean Saunier (p. 40) como «um curioso movimento de nacionalismo de massas, conquistando lugares no parlamento mexicano,

e produzindo o seu jornal próprio, El Sinarquista. (Existiam mesmo colónias sinarquistas na Califórnia.) Para um estudo da sinarquia mexicana, consultar Meyer.
145 Consultar Peronnik, pp. 307-14 sobre «Authority and Power: Synarchy in Politics». A continuação fatídica da Ordem Soberana, a Ordem do Templo Solar, também se alinhou com a sinarquia — consultar, por exemplo, Aubert e Keller, p. 44.
146 Consultar Picknett e Prince, The Stargate Conspiracy, pp. 255-63.
147Sablé, p. 15.
148 Na sua introdução a Vandenbroeck.
149 Por exemplo, consultar Ulmann e Azeavf, p. 135.
150 Montloin e Bayard, p. 89.
151 Vandenbroeck, p-212.
152 Cocteau, Maalesh, p. 58.
153 Ibid., p. 56.
154 Ibid, p. 37.
155 Cocteau, Lê passe defini, vol. II, pp. 67-8.
156 Num artigo intitulado «What is the Alpha?», Vaincre, n.° 4, 21 de Dezembro de 1942.
157 Lê Cour, Hellénisme et Christianisme, p. 61.
158 Ibid., p. 62.
159 Zoccatelli.
160 Chaumeil, Lê trésordu triangk d'or, pp. 139-40.
161 Bayard, Cuide dês sodetés secrètes et dês sects, pp. 336-7.
162 Consultar Jean-Marie Mayeur, «De Gaulle as a Politician and Christian», em Gough e Horne.
163 Zoccatelli.

164 Bayard, La symboliaue de Ia Rose-Croix, p. 274. Consultar também Chaumeil,
Lê trésor du triangfe d'or, p. 140.

Capítulo 7: Os camaleões

1 Kuisel, p. 378.
2 Ibid , pp. 379-80; Dard, p. 68.
3 Consultar em baixo, pp. 424-5.
4 Ulmann e Azeau, p. 62; Plume e Pasquini, pp. 421-2.
5 Citado em Ulmann e Azeau, p. 63.
6 Contrucci, p. 129.
7 Citado em Ulmann e Azeau, p. 116.
8 Saunier, p. 127.
9 Consultar o nosso livro Friendly Rre, pp. 185-6 e 192-3. Weygand nunca mereceu a confiança de Hitler, que exigiu a sua demissão em Novembro de
1941 e ordenou a sua detenção e prisão na Alemanha, um ano depois. Foi ilibado das acusações de traição depois da guerra.
10 O Pacto Sinarquista é reproduzido no apêndice do livro de Charnay, de onde esta e as outras citações e transcrições são extraídas.
11 Ulmann e Azeau, p. 112.
12 Consultar, por exemplo, Saunier, p. 14.
13 Por exemplo, a Rede Sinárquica, que está activa no Reino Unido, França e Bélgica, e que, bizarramente, está filiada no Movimento Anarquista.
14 Kuisel, p. 380.
15 De Charnay, apêndice, p. 102.
16Désert, pp. 5 e 15.

17 Péan, Lê mysterieux Docteur Martin, p. 97.
18 Citado emTournoux, LHistoire secrète, p. 30.
19 Bromberger e Bromberger, Lês 13 complots du 13 mai, p. 80.
20 Péan, Lê mysterieux Docteur Martin, pp. 102-3.
21 Consultar o nosso livro Friendly f ire, pp. 297-9 e 308-10.
22 Péan, Lê misterieux Docteur Martin, p. 140.
23 Ibid., p. 117 Consultar também Shirer, p. 209, eTournoux, LHistoíre secrète, pp. 307-9.
24 Fontenay, pp. 72-3; Péan, Une jeunessefrançaise, p. 503.
25 Désert, p. 3.
26 Shirer, p. 209.
27 Citado em Coston, Dictionnaire de Ia politiquefrançaise, vol. I, p. 191.
28 Kuisel, p. 385; consultar também Bourdrel, pp. 164-5.
29 Shirer, p. 219.
30 Ibid.
31 Citado emTournoux, p. 173.
32 Citado em ibid. Tournoux mantém o anonimato do seu informador.

33 Bourdrel, p. 56.
34 Patton e Mackness, p. 222. Dagobert deve o seu nome evocativo ao facto de ser descendente do general Luc-Siméon Dagobert, um importante general do Exército Republicano formado depois da Revolução Francesa.
35 Monteils, p. 141.
36 Girodias, vol. I, p. 402.
37 Monteils, p. 139.
38 Dard, pp. 69-70; Galtier, p. 313.
39 Girodias, vol. I, p. 411.
40 De Charnay, p. 67.
41 Dard, pp. 71 e 74-5.
42 Ibid., p. 73.
43 Girodias, vol. I,p. 184.
44 Ibid., p. 198.
45 Citado em Jean Robin, Rennes-le-Château, p. 141.
46 Ibid.
47 Coudenhove-Kalergi, An Idea Conquers the World, pp. 270-1.
48 Dear, p. 756; Haight, p. 2
49 Girodias, vol. p. 149.
50 Ibid., p. 410.
51 Ibid., p. 208.
52 Ibid., p. 198.
53 Ibid., 238.
54 Ibid., 239.
55 Ibid., pp. 347-8.
56 Ibid., p. 401.
57 Ibid., p. 410
58 Ibid., p. 401.
59 De Beauvoir, p. 465.
60Hellman, p. 331.
61 Gordon, pp. 243-4.
62 Ibid., pp. 326-7.

63 Ibid., pp. 242-4.
64 Citado em Coston, Dictionnaire de Ia politiquefrançaise, vol. I, p. 735.
65 Varennes, p. 111.
66 Gordon, pp. 98-9.
67 De Kerillis, p. 13.
68 Ibid., p. 51.
69 Ibid., p. 416-7.
70 Gordon, p. 226.
71 De Kerillis, p. 174.
72 www.ordredelalibertation.fr/fr-compagnons/38.html.
73 Gosset, p. 61.
74 Péan, Lê mysterieux Docteur Martin, p. 64.
513
75 Dear, p. 673.
76 Consultar Picknett e outros, Friendly Fire, pp. 290-2.
77 Cocteau, Joumal 1942-1945, pp. 68 e 224.
78 Gordon, p. 35.
79 Nicolle, vol. I, p. 266.
80 Ibid., p. 285.
81 Ibid., p. 285.
82 Nas suas memórias [pp. 271-9), escritas em 1944-45 enquanto aguardava julgamento, mas não publicadas antes de 1968, Berthelot minimizou as alegações de uma conspiração sinarquista em Vichy, dizendo que a sociedade era tão secreta que ele nem sabia que era um dos seus membros!
83 Consultar Kuisel, pp. 384-93, Dard, p. 27 e Coston, Lês technocrates et Ia synarquie, pp. 19-20.
84Shirer, p. 218.
85 Kuisel, pp. 376-7.
86 Coston, Lês technocrates et Ia. synarchie, p. 19, citando Mennevée, Documente politiques, diplomatiques et financiers, Abril de 1948.
87 Girodias, vol. I, p. 402.
88 Ibid., p. 279
89 Coston, Lês technocrates et Ia synarquie, p. 36.
90 Citado em Shirer, p. 897.
91 Citado em Coston, Lês technocrates et Ia synarquie, pp. 31-2.
92 Alibert era membro do Conselho Superior da Cagoule. Consultar Péan, Lê mystérieux Docteur Martin, p. 104.
93 O relatório Chavin é reproduzido no apêndice a Nicolle.
94 Langer, p. 168.
95 Ibid.,p. 169.
96 Dard, pp. 30-1.
97 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 263.
98 A liderança da Igreja Gnóstica passou pela seguinte sucessão: depois da demissão de Domei, para o poeta Fabre dês Essarts, que também foi membro do Ministério da Educação Pública; por sua morte em 1917, para Jean Bricaud, escritor sobre questões ocultistas, que adoptou o título de Patriarca Jean II; por morte de Bricaud em 1934, sucedeu-lhe Chevillon. Bricaud também fora grão-mestre da Ordem Martinista.
99 Coston, Lês technocrates et Ia Synarquie, pp. 13-15. A fonte de Coston é a edição de Abril de 1944 de Lês Documents Maçonniques, publicada em Paris e Vichy.
100 Ibid., p. 15.

101 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 263.
102 Shirer, p. 897.
103 Ibid., p. 15.
104 Saunier, p. 38.

105 Coslon, Lês technocrates et Ia synarquie, p. 19, citando Documents politiques, diplomatiques et financiers de Abril de 1948.
106 Ulmann e Azeau, pp. 223-5.
107 René Rémond, «Two Destinies: Pétain and de Gaulle», em Gough e Home, p. 15.
108 Ulmann e Azeau, pp. 293-310. consultar também Tompkins, p. 254.
109 Péan, Lê mystérieux Docteur Martin, p. 369.
110 Gordon, p. 102.
111 Patton e Mackness, p. 170
112 Tournoux, LHistoire secrète, p. 295.
1’3 Coston, Lês technocrates et Ia Synarquie, p. 18, citando Action, de 2 de Novembro de 1945.
114 Para uma discussão, consultar Ulmann e Azeau, capítulo XII.
115 Cocteau, Lê passe defini, vol. I, p. 390.
116 Péan, Lê mystérieux Docteur Martin, p. 7.
117 Ibid., p. 313. Stéphane era sobrinho do proprietário do banco, Hippolyte Worms, durante a guerra.
118 Ibid., p. 428.
Capítulo 8: Uns novos Estados Unidos
1 Chauvel e Forestier, p. 34.
2 Consultar Mutigny.
3 Edwards, p. 47.
4 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 478.
5 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 367.
6 UIndépendent, 4 de Março de 1981.
7 Capdeville, subsequentemente, foi presidente do conselho-geral.
8 www.cathares.org/cec.
9 Baigent, Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail (O Sangue de Cristo e o Santo Graal), pp. 435-6. Estes autores exploram as ambições do Priorado para a Europa com maior detalhe no capítulo 22 de The Messianic Legacy.
10 Laughland, The Tainted Source, p. 69.
1! Coudenhove-Kalergi (An Idea Conquers the World, pp. 162-6) reproduz um artigo de Churchill, publicado no Saturday Evening Post de 15 de Fevereiro de 1930, no qual ele se manifesta a favor de uma Europa unida.
12 Churchill, The Sinews of Peace, p. 199.
13 Citado em Jean-Pierre Rioux, «De Gaulle in Waiting 1946-1958», em Gough e Horne, pp. 42-3.
14 Dimbleby e Reynolds, p. 208.
15 Baigent, Leigh e Lincoln, The Messianic Legacy, p. 419.
16 Lejeune, p. 13.

17 Bromberger e Bromberger, Jean Monnet and the United States ofEurope, p. 10.
18 Lejeune, p. 199.
19 Bromberger e Bromberger, Jean Monnet and the United States ofEurope, p. 33.
20 Citado em ibid, p. 41.
21 Ibid., p. 38

22 Consultar o nosso livro Fríendly Fire, pp. 287-9.
23 Consultar Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol. I, p. 467.
24 Hellman, p. 240.
25 Mitterrand, Ma part de vérité, p. 17.
26 Citado em Hellman, p. 241.
27 Laughland, The Death ofPolitics, p. 205.
28 Péan, Une jeunesse française, pp. 33-5; Hellman, p. 241.
29 Péan, Une jeunesse française, p. 109.
30 Ibid., pp. 103-4.
31 Ibid., p. 533.
32 Ibid., p. 110.
33 Péan, Lê mystérieux Docteur Martin, p. 64.
34 Nouveau dictionnaire national dês contemporains, p. 685.
35 Péan, Une jeunesse française, p. 130: Laughland, The Death ofPolitics, p. 120.
36 Hellman, p. 242.
37 Laughland, The Death ofPolitics, p. 208. >
38 Ibid., p. 208-9.
39 Péan, Une jeunesse française, p. 533.
40 Ibid., p. 326.
41 Consultar Laughland, The Death ofPolitics, pp. 213-14.
42 Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol. I, p. 467.
43 Laughland, The Death ofPolitics, p. 215.
44 Péan, Une jeunesse française, p. 348; Gordon, p. 244.
45 Péan, Une jeunesse française, p. 503.
46 Coston, Dictionnaire de Ia politique française, vol. I, p. 348.
47 Péan, Une jeunesse française, p. 108.
48 Ibid., p. 534. A carta de apoio escrita por Mitterrand é reproduzida no apêndice do livro de Péan.
49 Ibid., pp. 554-5.
50 Laughland, The Death ofPolitics, pp. 206-7.
51 Citado em ibid., p. 60.
52 Serge Berstein, «De Gaulle and Gaullism in the Fifth Republic», em Gough e Horne, p. 120.
53 De Gaulle, p. 28.
54 Laughland, The Death ofPolitics, p. 203-4.
55 Consultar Montaldo, pp. 42-7; Laughland, The Death ofPolitics, pp. 152-3.
56 Laughland, The Death ofPolitics, pp. 203-4.
57 Gordon, p. 357.
58 Laughland, The Tainted Source, p. 67.

59 Laughland, The Death ofPolitics, pp. 204-5.
60 Citado em ibid,. 41.
61 Ibid., pp. 41-2.
62 Ibid., p. xiv.
63 Ibid., p. 117.
64 Golsan, p. 5.
65 Em Gordon, pp. 43-4, e Coston, Dictionnaire de Ia Politique française, vol. I, p. 165. Alguns investigadores (por exemplo, Patton e Mackness, p. 211) atribuíram significado à associação de Bousquet com La Dépêche, que foi o primeiro a publicitar o mistério de

Rennes-le-Château. No entanto, Bousquet envolveu-se com o jornal apenas cerca de seis anos após essa publicidade.
66 Laughland, The Death ofPolitics, p. 218.
67 Golsan, xxxii.
68 Laughland, The Death ofPolitics, p. 129.
69 Ibid, p. 120.
70 Ibid, pp. 121-3.
71 Ibid., 123-4.
72 Patton e Mackness, p. 215.
73 Citado em Laughland, The Death ofPolitics, p. 223.
74 Citado em ibid.
75 Citado em ibid., p. 227.
76 Ibid., 218.
77 Ibid., p. 247.
78 Citado no obituário de Mitterrand no website Info Europe: www.infb-europe.fr/seb.dir/seb03/mitterrand/mitterrand.htm.
79 Gaudart de Soulages e Lamant, p. 924.
80 Bonnal, p. 37.
81 Ibid., 36.
82 Ibid., p. 185.
83 Delarue, p. 8.
84 Mitterrand, The Wheat and the Chaff, p. 124.
85 Mitterrand, Ma part de Ia vérité, p. 14.
86 Ibid., p. 21. Consultar também Balvet, p. 21.
87 Delarue, p. 8.
88 Ibid., p. 55.
89 Citado em Bonnal, p. 71.
90 Consultar ibid, pp. 71-4.
91 Delarue, p. 50.
92 Citado em ibid., p. 52.
93 Ibid., p. 53.
94 Ibid., Delarue, pp. 49-50.
95 Entrevista em 2003 (op. cit.).

Apêndice II: Introdução a A Serpente VérmeffufTradução)
1 As referências são à Rocque Nègre e, presumivelmente, Blanchefort (forte branco) perto de Rennes-le-Château.
2 A palavra usada para «castelo» é castel, indicando uma pequena fortaleza, talvez outra referência ao «château» de Blanchefort.
3 Neste parágrafo, as referências são a elementos da decoração da igreja de Santa Maria Madalena em Rennes-le-Château.
4 Palavras atribuídas a Jesus em Marcos 11: 28. Curiosamente, esta frase parece ter sido retirada de uma inscrição num templo de ísis, no Egipto.
5 A palavra «Cross» está em Inglês no original. A sintaxe é estranha, dês implica que «Cross» deveria estar no plural, embora esteja está no singular. (A construção funcionaria se «Cross» fosse um nome de família, mas isso não tornaria o significado mais claro.)
6 Além da referência ao quadro de Poussin e a ísis, este parágrafo alude à decoração da igreja de Saint-Sulpice. A citação bíblica é do Salmo 69 e encontra-se por baixo de uma das estações da via sacra em Saint-Sulpice,

7 Parece ser uma referência às cruzes gregas gravadas, descritas em The True CelticLanguage..., de Boudet (p. 235). Putman eWood (p. 249) sugerem que o aparente erro tipográfico de crète (Creta) em vez de crête (cume) pode ter sido deliberado.
8 Mais uma vez, trata-se de uma referência à igreja de Saint-Sulpice, excepto a referência a «O do túmulo florido» (tombe fleury), uma óbvia referência à sepultura de Paul-Urbain de Fleury, em Rennes-les Bains, que apresenta a inscrição «II est passe en faisant lê bien» («Ele passou a sua vida a fazer o
bem»).
9 Charles Perrault (1628-1703) foi autor de uma importante colecção de contos fantásticos populares tradicionais que incluíam a «Bela Adormecida», «Cinderela» e «O Capuchinho Vermelho». [Publicados pela Europa-América no livro Histórias ou Contos dos Tempos Idos].

BIBLIOGRAFIA

As entradas principais são para as edições citadas ao longo do livro. Quando estas não são uma primeira edição, os detalhes da publicação original (quando conhecidos) sucedem-se entre parênteses

Allier, Raoul, La cabale dês dévots, 1627-1666, Armand Colin, Paris, 1902 , Une société secrète au XVlIe siècle: La Compagnie du Très-Saint-Sacre-
ment de l’Autel à Marseille, Librairie Honoré Champion, Paris, 1909 Amadou, Robert, Louis-Claude de Saint-Martin et lê martinisme: Introduction
à 1’étude de Ia vie, 1’ordre et de Ia doctrine du Philosophe Inconnu, Éditions
du Griffon d’Or, Paris, 1946 , (ed.), Louis-Claude de Saint-Martin, lê Philosophe Inconnu: Lettres aux
du Bourg (1776-1785), Edição especial de LInitiation, Paris, 1977 _, ’Martines de Pasqually et 1’Ordre dês Êlus Cohen’, LOriginel, no. 2,
1995 Amadou, Robert, e Alice Joly, De ÍAgent Inconnu au Philosophe Inconnu: Essais,
Denoèl, Paris, 1962 Ambelain, Robert (ed.), Cérémonies et rituels de Ia maçonnerie symbolique,
Bussière, Paris, 1966 Andressohn, John C., TheAncestry and Life ofGodfrey ofBouiUon, Indiana Uni-
versity Publications, Bloornington, 1947 Andrews, Richard, e Paul Schellenberger, The Tomb ofGod: The Body of Jesus
and the Solution to a 2000-year-old Mystery, Little, Brown & Co., London,
1996 Arcádia’, ’Entretien avec Gino Sandri’, La Lettre du Thot webzine, part l: no. 7
(62.212.97.214/thot/arcadia/webzine/webzine_no7.html), july 2003;
part 2:
no. 8 (62.212.97.214/thot/arcadia/webzine/webzine_no8.html),August
2003 Aubert, Raphaèl, e Carl-A. Keller, Vie et mort de 1’Ordre du Temple Solaire,
Éditions de 1’Aire, Vevey, 1994 Audigier, François, Histoiredu SAC: La part d’ombredu gaullisme, Stock, Paris,
2003 Auguste, Abbé Alphonse, La Compagnie du Saint-Sacrement à Toulouse: Notes
et documents, A. Picard et Fils, Paris/Edouard Privat, Toulouse, 1913

Baigent, Michael, e Richard Leigh, The Temple and the Lodge, Corgi, London,
1990 (Jonathan Cape, London, 1989) , Secret Germany: Claus von Stauffenberg and the Mystical Crusade
Against Hitler, Jonathan Cape, London, 1994 Baigent, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln, The Holy Elood and the Holy
Grail, edição actualizada, Arrow, London, 1996 (Jonathan Cape, London,

1982) , The Messianic Legacy, Corgi, London, 1987 (Jonathan Cape, London,
1986) Balfour, Michael, e Julian Frisby, Helmuth vonMoltke:A Leader Against Hitler, Macmillan, London, 1972
Balvet, Marie, Lê roman familial de François Mitterrand, Plon, Paris, 1994 Barbier, Joseph, Lês sources de La Colline Inspirée de Maurice Barres, Berger-
-Levrault, Nancy, 1957 Barres, Maurice, Un rénovateur de 1'occultisme: Stanislas de Gauita (1861-
-1898), Chamuel, Paris 1898 , La colline inspirée (edição crítica ed. Joseph Barbier), Berger-Levrault,
Nancy, 1962 (Emile-Paul, Paris, 1913)
, Lê mystère enpleine lumière, Librairie Plon, Paris, 1926
Bauval, Robert, e Adrian Gilbert, The Orion Mystery: Unlocking the Secrets ofthe
Pyramids, Wilham Heinemann, London, 1994 Bayard, Jean-Pierre, Lê symbolisme maçonmque traditionnel, Éditions du Prisme,
Paris, 1974 , Lê symbolisme maçonnique dês hauts grades, Éditions du Prisme, Paris, 1975
, La symbolique de Ia Rose-Croix, Payot, Paris, 1975
, (com Natacha Olejrnik-Sarkissian), Guide dês sociétés secrètes et dês
sectes, Oxus, Paris, 2004 (edição revista de Lê guide dês sociétés secrètes,
Philippe Lebaud, Paris, 1989)
Beaucéan, Nicolas, Au pays de Ia Reine Blanche, Philippe de Chérisey, Paris, 1967 Bédat, Arnaud, Gilles Bouleau e Bernard Nicolas, LOrdre du Temple Solaire:
Enquête et révélatious sur lês Chevaliers de 1'Apocalypse, Libre Expression,
Montreal, 1996
Begg, Ean, The Cult ofthe Black Virgin, Arkana, London, 1985 Bernadac, Christian (ed.), 'Dagore': Lês carnets secrets de Ia Cagoule, France-
-Empire, Paris, 1977 Berthelot, Jean, Sur lês rails du pouvoir (de Munich à Vichy), Robert Laffbnt,
Paris, 1968 Blum, Jean, Rennes-le-Château: Wisigoths, calhares, templiers - lê secret dês héré-
tiques, Éditions du Rocher, Mónaco, 1994 Bois, Jules, Lê satanisme et Ia magie, avec un étude de J.-K. Huysmans, Léon
Chailley, Paris, 1895 , Lê monde invisible: Lettre de M. Sully-Prudhomme de 1'Académie fran-
çaise, Ernest Flammarion, Paris, 1902
Boisset, Yves-Fred, Lês cies traditionelles et synarchiques de 1'archéomètre,
JBG, Paris, 1977 Boissonnade, Euloge, Jamais deux sans troisl... ou 1'étonnant destin d'Alain
Poher, France-Empire, Paris, 1986
Bonnal, Nicolas, Mitterrand, lê grana initié, Albin Michel, Paris, 2001 Bord, Lucien-Jean, Généalogíe commenté dês róis de France, Éditions de Chiré,
Vouillé, 1980
, Lês mérovingiens: 'Lês róis inconnus', Éditions de Chiré, Vouillé, 1981
Bordes, Richard, Lês mérovingiens à Rennes-le-Château - Mythes ou réalités:
Réponse à Messieurs Plantará, Lincoln, Vazart and Cie, Philippe Schrau-
ben, Rennes-les-Bains, 1984 Boudet, Abbé Henri, La vraie langue celtique et Ia cromleck de Rennes-les-Bains,
Pierre Belfond, Paris, 1978 (facsimile do original de 1886 com prefácio
de Pierre Plantard de Saint-Clair)

Bourdrel, Philippe, La Cagoule: 30 ans de complats, Albin Michel, Paris, 1970 Bouthillier, Yves, Lê arame de Vichy, Vol. I: Face à 1'ennemi, face à 1'allié, Librairie Plon, Paris, 1950; Vol. II: Finances sous Ia contrainte, Librairie Plon, Paris,
1951 Breyer, Jacques, Dante akhimiste: interprétation akhimique de Ia Divine Comé-
die, La Colombe, Paris, 1957
Brion, Mareei (ed.), Léonard de Vinci, Librairie Hachette, Paris, 1959 Bromberger, Merry e Serge, Lês 13 complots du!3 mai, ou Ia délivrance du Gulli-
ver, Librairie Arthème Fayard, Paris, 1959 , Jean Monnet and the United States ofEurope, Coward-McCann, New
York, 1969 (Lês coulisses de PEurope, Presses de Ia Cite, Paris, 1968) Brown, Dan, The Da Vinci Code, Corgi, London, 2004 (Doubleday, New York,
2003) Burman, Edward, Supremely Abominable Crimes: The Trial of the Knights
Templar, Allison & Busby, London, 1994 Burstein, Dan (ed.), Secrets ofthe Code: The Unauthorized Guide to the Myste-
ríes Behind The Da Vinci Code, CDS Books, New York, 2004 Calvé, Emma, My Life, D. Appleton & Co., New York/London, 1922
, Sous tous lês cieis, j'ai chanté . . ., Librairie Plon, Paris, 1940
Carnac, Pierre, LHistoire commence à Bimini, Robert Laffont, Paris, 1973 Carr-Brown, David, e David Cohen, Fali from Grace'. Sunday Times News Review,
21 December 1997
'Cassiel', The Encyclopedia ofForbidden Knowledge, Hamlyn, London, 1990 Cate, Curtis, André Malraux: A Biography, Hutchinson, London, 1995 Charroux, Robert, Treasures ofthe World, Frederick Muller, London, 1964
(Trésors du monde, enterres, emmurés, engloutis, Fayard, Paris, 1962) Chaumeil, Jean-Luc, Lê trésor du triangle d'or, Alain Lefeuvre, Nice, 1979
, La table d'Isis, ou lê secret de Ia lumière, Guy Trédaniel, Paris, 1994
Chaumeil, J.-L., e J. Rivière, Lalphabet solaire: Introduction à Ia Langue Uni-
verselle avec dês inédits de l'abbé Boudet, Éditions du Borrego, Paris, 1985

n
Chauvel, A. D., e M. Forestier, The Extraordinary House of Victor Hugo in
Guernsey, Toucan Press, St Peter Port, 1975 Churchill, Winston S. (ed. Randolph S. Churchill), The Sinews ofPeace: Post-
War Speeches, Cassell & Co., London, 1948
, Europe Unite: Speeches 1947 and 1948, Cassell & Co., London, 1950
Churton, Tobias, The Gnostic Philosophy: From Ancient Pérsia to Modern Times,
Signal Publishing, Lichfield, 2003 Clayton, Anthony, ThreeMarshals ofFrance: Leadership afterTrauma, Brassey's
(UK), London, 1992 Cocteau, Jean, A Call to Order, Faber & Gwyeer, London, 1926
, Joumal d'un inconnu, Bernard Grasset, Paris, 1953
, Maalesh: A Theatrícal Tour in the Middle-East, Peter Owen, London,
1956 [Maalesh: Joumal d'une tournée de théãtre, Librairie Gallimard, Paris,
1949)
, (ed. Wallace Fowlie), The Joumals ofJean Cocteau, Museum Press, London, 1957
, Lê requiem, Gallimard, Paris, 1962
, (ed. Pierre Chanel), Lê passe defini, Vol l: 1951-1952, Gallimard, Paris,
1983; Vol. II: 1953, Gallimard, Paris, 1985; Vol. in: 1954, Gallimard, Paris, 1989 , (ed. JeanTouzot), Joumal 1942-1945, Gallimard, Paris, 1989
Collins, Andrew, Twenty-First Century Grail: The Questfor a Legend, Virgin,

London, 2004
Contrucci, Jean, Emma Calvé, Ia Diva du siècle, Albin Michel, Paris, 1989 Corbu, Claire, e Antoine Captier, LHéritage de VAbbé Saunière, Bélisane,
Cazilhac, 1995 Coston, Henry, Lês Juifs entre Ia f rance (Lês Dossiers de l'O.P.N, no. 1), Paris,
June 1937
, La finance juive et lês Trusts, Jean-Renard, Paris, 1942
, (ed.), Je vous haisl, Bureau Central de Presse, Paris, 1944
, Lê retourdes 200famiUes, Librairie Française, Paris, 1960
, Lês technocrates et Ia Synarchie, edição especial de Lectures françaises,
Paris, Fevereiro 1962 , (ed., com Jacques Isorni), Pétain toujours présent, edição especial de
Lectures françaises, Paris, Junho 1964 _, (ed.), Dictionaire de Ia politique française, 4 vols, Publications Henry
Coston/Librairie Française, Paris, 1967, 1972, 1979, 1982 Coudenhove-Kalergi, Count Richard N., Pan-Europe, Alfred A. Knopf, New York, 1926
, Europe Must Unite, Paneuropa Editions, Glarus, 1939
, An Idea Conquers the World, Hutchinson, London, 1953
Cox, Simon, Cracking the Da Vinci Code: The Unauthorized Guide to the Facts Behind the Fiction, Michael O'Mara, London, 2004 [O Código Da Vinci Descodificado, Publicações Europa-América, Mem Martins, 2004]
522
Daniels, Ted, The Life and Death of the Order of the Solar Temple', Millennial Prophecy Report, vol. 3, no. 5, November 1994
, 'Ordeal by Fire: The Tragedy of the Solar Temple', Millennial Prophecy
Report, vol. 3, no. 6, December 1994 _, (ed.), A Doomsday Reader: Prophets, Predictors, and Hucksters ofSatva-
tion, New York University Press, New York, 1999 Dard, Olivier, La synarchie, ou lê mythe du complot permanent, Perrin, Paris,
1998
Dawes, Christopher, Rat Scabies and the Holy Grail, Sceptre, London, 2005 Dear, I. C. B. (ed.), The Oxford Companion to the Second World War, Oxford
University Press, Oxford & New York, 1995 de Beauvoir, Simone, The Prime ofLife, Penguin Books, Harmondsworth, 1965
(La force de l 'age, Librairie Gallimard, Paris, 1960) de Charnay, Geoffrey, Syarchie: Panorama de 25 années d'actívité occulte, avec
Ia réproduction intégrale du Pacte Synarchique, Médicis, Paris, 1946 de Gaulle, Charles, Memoirs ofHope: Renewal 1958-62; Endeavour 1962 —,
Weidenfeld & Nicolson, London, 1971 (Mémoires d'espoir: Lê Renouveau
1958-62; L'Effort 1962-, Librairie Plon, Paris, 1970) de Kerillis, Henri, De Gaulle dictateur: une grande mystífication de l'histoire,
Beauchemin, Montreal, 1945 Delarue, Marie, Un pharaon republicam: Enquêtes, Jacques Grancher, Paris,
1999
Delaude, Jean, Lê cercle d'Ulysse, Dyroles, Toulouse, 1977 Deloux, Jean-Pierre, e Jacques Brétigny, Rennes-le-Château: capitale secrète
de 1'histoire de France, Atlas, Paris, 1982
de Mutigny, Jean, Victor Hugo et lê spiritisme, Fernand Nathan, Paris, 1981 Descadeillas, René, Notice sur Rennes-le-Château et l'abbé Saunière, escrito

para os Arquivos Departamentais de Aude, Carcassonne, 1962 , Rennes et sés derniers seigneurs 1730-1820: conttribution à l'elude écono-
mique et sociale de Ia baronie de Rennes [Aude) au XVIIIe siècle, Êdouard
Privat, Toulouse, 1964
Mythologie du trésor de Rennes: Histoire véritable de 1'abbé Saunière,
cure de Rennes-le- Chateou, J. M. Savary, Carcassonne, 1988 (publicado originalmente em Mémoires de Ia Société dês Arts et dês Sciences de Carcassonne, Julho 1974)
de Sede, Gérard, Lincendie habitable, Editions de Ia Main à Plume, Paris, 1942
, Lês templiers soutparmi nous, ou 1'énigme de Gisors, René julliard, Paris,
1962
, Lê trésor cathare, René Julliard, Paris, 1966
, (com Sophie de Sede), Lê trésor maudit de Rennes-le-Château, J'ai Lu,
Paris, 1968 (L'Or de Reinnes, ou Ia vie insolite de Bérenger Saunière, cure de Rennes-le-Château, Julliard, Paris, 1967)
, La roce fabuleuse: Extra-terrestre et mythologie mérovingienne, J'ai Lu, Paris,
1973
523
, Signe Rose+Croix L'enigme de Rennes lê Château, Librame Plon, Pans,
1977 , Rennes le-Chateau lê dossier, lês impostures, lês phantasmes, lês hypo-
theses, Robert Laffont, Paris, 1988 _, (com Sophie de Sede), UOccultisme ãans Ia politique De Pythagore a
nos jours, Robert Laffont, Paris, 1994 de Sede, Gerard, et ai, Pourquoi Prague7, Pubhcations Premieres/Tallandier,
Paris, 1968 Desert, Joseph, Toute Ia vente sur 1'affaire de Ia Cagoule Sá trahison, sés cnmes,
sés hommes, Libraine dês Sciences et dês Arts, Paris, 1946 Digot, Paul, Notice histonquesurNotre Dame de Sion (Vaudemont), publicação privada, Nancy, 1856 Dimbleby, David, e David Reynolds, An Ocean Apart The Relatwnship bet
ween Bntam andAmenca m the Twentieth Century, BBC Books/Hodder
& Stoughton, London, 1988 Doinel, Jules-Staraslas, Histmre de Blanche de Castille, Alfred Mame et Fils, Tours, 1887
, Jeanne d'Are telle qu'elle est, H Herluisen, Orleans, 1892
Douzet, André, Saumere's Model and the Secret of Rennes lê Château The Pnest's
Final Legacy, that Unveils the Location ofHis Temfymg Discovery, Adven-
tures Unlimited Press/Frontier Publishmg, Kempton/Enkhuizen, 2001
(revista, edição traduzida de Lumieres nouvelles sur Rennes lê Chteau,
Benoist Riviere, Lyons, 1995) Duhamel, Alam, De Gaulle Mitterrand La marque et Ia trace, Flammanon,
Paris, 1991 Edwards, Samuel, Victor Hugo A Biography, New English Library, London,
1975 (David McKay, New York, 1971) Egyptian Rite of Memphis, Ritual of the A KA Egyptian Rite of Memphis
96°, also Constitutwns and By Laws of the Sovereign Sanctuary, Valley of
Canada, Sovereign Sanctuary of the Egyptian Rite of Memphis (Canada),
London (Ontario), c 1880 Faillon, Etienne Michel, Monuments inedits sur l'apostolai de Sainte Mane
Madeleine en Provence, et sur lês autres apôtres de cette contree, Saint Lazare,
Samt Maximm, Samte Marthe et lês Samtes Manes Jacobe et Salame, 2 vols,
AbbeMigne, Paris, 1848 Faux, Emmanuel, Thomas Legrand e Gilles Perez, La mam droite de Dieu En

quête sur François Mitterrand et l’extreme droite, Editions du Seuil, Pans, 1994 Ferrand, Serge, e G Lecavelier, Auxordresdu SAC, Albm Michel, Paris, 1982 Figueras, André, Petain c’etaitde Gaulle, André Figueras, Paris, 1979
, Mitterrand devoíle, André Figueras, Paris, 1980
Findei, J G, The History of Freemasonry from its Ongins doum to the Present Day,
George Kennmg, London, 1869 Fontenay, Fernand, La Cagoule contre Ia. France Sés cnmes, son organisation,
sés chefs,
sés inspirateurs, Sociales Internationales, Paris, 1938
524
France, John, ’The Election and Title o/Godfrey de Bouillon’, Canadian
Joumal of History, vol XVIII, no 3, December 1983 , Victory in the East A Mihtary History ofthe First Crusade, Cambridge
University Press, Cambndge, 1994 Fnend, Julms W, The Long Presidency France m the Mitterrand Years, 1981
7995, Westview Press, Boulder, 1998 Frohock, W M , André Malraux and the Tragic Imagmation, Stanford Umver-
sity Press, Stanford, 1952 Froment, Pascale, Rene Bousquet, edição revista, Fayard, Pans, 2001 (Stock, Pans,
1994) Galtier, Gerard, Maçonnene egyptienne Rose Croix et neo chevalene, Editions
du Rocher, Mónaco, 1994 Gardner, Laurence, Bloodhne ofthe Holy Grau The Hidden Lineage of Jesus
Revealed, Element, Shaftesbury, 1996 , Génesis of the Grail Kmgs The Pendragon Legacy of Adam and Eve,
Bantam Press, London, 1999 , Realm ofthe Ring Lords Beyond the Portal ofthe Tunhght World, Media-
Quest, Ottery St Mary, 2000
Lost Secrets of the Sacred Ark Amazmg Revelations of the Incredible
Power ofGold, Element, London, 2003 Gaudart de Soulages, Michel, e Hubert Lamant, Dictionnaire dês Francs
maçons français, Jean-Claude Lattes, Paris, 1995 Gaudmo, Antoine, LEnquête impossible, Albm Michel, Paris, 1990 Gerber, François, Malraux de Gaulle Ia natum retmuvee, LHarmattan, Pans, 1996 Girodias, Maunce, Une jonnee sur Ia terre, Vol l LArnvee, Editions de Ia Diffe-
rence, Paris, 1990 (edição revista e alargada de J’amve, Stock, Paris,
1977), Vol II Lês Jardins d’Eros, Editions de Ia Difference, Paris, 1990 Golsan, Richard J (ed), Memory, the Holocaust, and French Justice The
Bousquet and Toumer Affairs, University of New England, Hanover and
London, 1996 Gordon, Bertram M , Histoncal Dictionary of World War II France The Occupa
tion, Vichy and the Resistance 1938 1946, Greenwood Press, Westport, 1998 Gosset, Renee, Lê coup d’Alger, Editions de La Revue Moderne, Montreal, 1944 Gough, Hugh, e John Horne (eds), De Gaulle and Twentteth Century France,
Edward Arnold, London/New York, 1994 Greene, Liz, The Dreamer ofthe Vine, The Bodley Head, London, 1980
, The Puppet Master Ã Novel, Arkana, London, 1987
Gnffiths, Richard, Marshal Petam, Constable, London, 1994 (1a edição 1970) Grousset, Rene, Histmre dês Croisades et du royaumefranc de Jerusalém, 3 vols,
Libraine Plon, Paris, 1934-36 Guinguand, Maunce, e Beatnce Lanne, Lordes Temphers Gisors ou Tomar7,

Robert Laffont, Paris, 1973 Haight Jr, john McVickar, American Aid to France, 1938 1940, Atheneum,
New York, 1970
525
Headings, Mildred J, French Freemasonry under the Third Repubhc (Johns
Hopkins University Studies m Histoncal and Pohtical Science, Series
LXVI, no 1), The Johns Hopkins Press, Baltimore, 1949 Hecht, Use, The Infante Chnst and Stjohn Embracmg Notes on a Compo-
sition by Joos van Cleve', Apollo, vol CXIII, no 230, Apnl 1981 Hellman, John, The Knight Monks ofVichy France Unage, 1940 1945, 2a
edição, aumentada, Liverpool University Press/McGill-Queen's Umver-
sity Press, MontreaVKmgston, 1997 (1a edição 1993) Hewitt, James Robert, André Malraux, Fredenck Ungar Publishmg, New
York, 1978 Hopkins, Manlyn, Graham Simmans e Tim Wallace-Murphy, Rex Deus The True Mystery of Rennes-le Château and the Dynasty of Jesus, Element,
Shaftesbury, 2000 Hutin, Serge, Histoire dês Rose-Croix, edição revista, Lê Courner du Livre, Pans,
1971 (1a edição 1955]
Imbert, Nath (ed), Diaionnairenattonaldesoontemporains, Lajeunesse, Pans, 1936 Isorni, Jacques, Petam a sauve Ia France, Flammanon, Paris, 1964 Jardine, Jerry, The Stuart Pretenders, Scottish Joumal, May 1999 Jarnac, Pierre, Histoire du tresor de Rennes lê Château, Pierre Jarnac, Saleilles,
1985 , Lês archives du tresor de Rennes-le Château, edição em um volume,
Belisane, Nice, 1988 (dois volumes originais publicados em 1987 e 1988) _, (ed), Lês mysteres de Rennes-k-Château Melanges suljureux, 3 vols,
Centre d'Etudes et de Recherches Templieres, Couiza, 1994-95 Jonas, Raymond, France and the Cult of the Sacred Heart An Epic Tale for
Modern Times, University of Califórnia, Berkeley & Los Angeles, 2000 Kettle, Michael, De Gautte andAlgena 1940-1960 From Mers el-Kebir to the
Algiers Bamcades, Quartel, London, 1994 King, Jon, e John Bevendge, Pnncess Diana — The Hidden Emdence How
M/6 and the CIA were mvolved m the Death of Pnncess Diana, Round-
house, Northam, 2001
Krosnar, Katka, 'Scot 'Pnnce' seeks Czech EP Seat', The Prague Post, 9-15 June 2004 Kuisel, Richard F, The Legend of the Vichy Synarchy", French Histoncal
Studies, vol VI, no 3, Primavera 1970
Lameyre, Alam, Guide de Ia France temphere, Tchou, Paris, 1975 Lamy, Michel, Jules Veme, initte et initiateur La cie du secret de Rennes lê Château
et lê tresor dês róis de France, Payot, Paris, 1984 , Lês templlers cês grands seigneurs aux, blancs manteaux, Auberon, Bor-
deaux, 1994
Langer, William L , Our Vichy Gamble, Alfred A Knopf, New York, 1947 Laughland, John, The Death ofPohtics France Under Mitterrand, Michael Jo-
seph, London, 1994 , The Tamted Source The Undemocratic Ongins of the European Ideal,
Little, Brown & Co, London, 1997
526
Lebovics, Herman, Mona Lisa's Escort André Malraux and the Reinventíon
of French Culture, Comell University Press, Ithaca/London, 1999 Lê Cour, Paul, Hellenisme et chnstianisme, Atlantis, Paris, 1943

, LAtlantide Ongme dês civilisatwns, Dervy, Paris, 1950
lê Forestier, Rene, Lês Illummes de Bamere etlafranc maçonnene allemande, Libraine Hachette & Cie, Paris, 1914
, L'Occultismeetlafranc-maçonneneecossaise, Perrm & Cie, Paris, 1928
, Lafranc maçonnene occultiste au Vllle siecle et 1'Ordre dês Elus Coens,
Dorbon-Ame, Paris, 1928 _, La franc maçonnene temphere et occultiste aux XVJIIe et XIXe siecles,
2 vols, LaTable d'Emeraude, Paris, 1987 (Montaigne, Paris, 1970) Lê Fur, Louis, Etat federal et confederation d'Etats, Marchai & Billard, Pans
1896
, Roces, nationalites, etats, Libraine Felix Alcan, Paris, 1922
Lejeune, Rene, RobertSchuman (1886 1963), Perede 1'Europe Lapohtique,
chemm de samtete, Fayard, Paris, 2000 Lincoln, Henry, TheHolyPlace The Mystery of Rennes lê Château Discovenng
theEighth WonderoftheAnaent World, Corgi, London, 1992 (Jonathan Cape,
London, 1991) , Key to the Sacred Pattern The Untold Story of Rennes-le Château, Wind-
rush Press, Moreton-m-Marsh, 1997 Lockspeiser, Edward, Debussy His Life and Mmd, Vol I 7862 1902, Cassell,
London, 1962, Vol II 1902-1918, Cassell, London, 1965 Lottman, Herbert R , Petam — Hero or Traitor The Untold Story, Viking, Har-
mondsworth, 1985 Macgillivray, Jania, 'Cocteau fut lê dernier grand-maítre, qui lui a succede?
Lenigme du Pneure de Sion', Bonne Soiree, 14 Agosto 1980 Malraux, André, Antimemoifs, Hamish Hamilton, London, 1968 (Antimemm-
res, Gallimard, Paris, 1967) , Fallen Oaks Conversation unth De Gaulle, Harmsh Hamilton, London,
1971 (Lês chênes qu'on abat, Gallimard, Paris, 1971) Marhic, Renaud,L'OrdreduTempleSolaire Enquéte sur lês extremistes de 1'occulte,
L'Honzon Chimerique, Bordeaux, 1996 (edição actualizada de Enquéte
sur lês extremistes de 1'occulte de Ia loge P2 a l'Ordre du Temple Solaire,
UHonzon Chimerique, Bordeaux, 1995) Mane, Franck, Rennes le-Château Etudes cntiques, SRES, Bagneux, 1978
, La resurrection du 'Grana Cocu', SRES, Bagneux, 1981
Markale, Jean, The Templar Treasure at Gisors, Inner Traditions, Rochester,
2003 (Gisors et l 'enigme dês templlers, Pygmahon, Paris, 1986) , The Church ofMary Magdalene The Sacred Femmine and the Treasure
of Rennes lê Château, Inner Traditions, Rochester, 2004 (Rennes le-Château et l'enigme de 1'ormaudit, Pygmahon, Paris, 1989) Martin, R P, Lê livre dês compagnons secrets, ACL Rocher, Mónaco, 1982 Maunes, Patnck, Jean Cocteau, Thames & Hudson, London, 1998

Mayer, Jean-François, Lês mythes du Temple Solaire, Georg, Geneva, 1996 Meyer, Jean, Lê sinarquisme Un fascisme mexican? 1937 1947, Hachette, Paris, 1977
Michael of Albany, Pnnce, The Forgotten Monarchy ofScotland The True Story of the Royal House of Stewan and the Hidden Lmeage of the Kmgs and Queens ofScots, Element, Shaftesbury, 1998
Mltterrand, François, Ma part de vente De Ia rupture a 1'unite, Fayard, Paris,
1969

, The Wheatand the Chaff, Weidenfeld & Nicolson, London, 1982 (tradução de Lapadleet lêgram, Flammanon, Paris, 1975 e LAbeiUe et 1'archi tecte, Flammanon, Paris, 1978)
Mizrach, DrSteven, PnoryofSion TheFacts, theTheones, the Mystery', Florida International Umversity website (wwwfiu edu/-rruzrachs/poseur3 html), 5 d Momer, Fredenc, Lê complot dons lê Republique Strategies du secret, de Boulau
ger a Ia Cagoule, Editions La Decouverte, Paris, 1998 Montaldo, Jean, Lettre ouvert d'un 'chien' a François Mltterrand au nom de Ia
liberte d'aboyer, Albm Michel, Paris, 1993
Monteil, Claudme, Simone de Beauvoir Lê mouvement dês femmes Memoires à"une jeune filie rebelle, Alam Stanke, Quebec, 1995
, Lês amants de Ia liberte, Editions l, Paris, 1999
Monteils, Jean-Pierre, Sectes et societes secretes lê douloureux chemm vers Ia lumiere Eglise, franc maçonnene, synarchie etpouvoírs a 1'epreuve de 1'Histoire, C Lacour, Nímes, 1999
Montlom, Pierre, e Jean-Pierre Bayard, Lês Rose Crotx, ou lê complot dês sages, Grasset, Paris, 1971
Mossuz, Janme, André Malraux et lê gaulhsme (Cahiers de Ia fondation natio-
nale dês sciences pohtiques, no 177), Armand Colm, Paris, 1970 Nelli, Rene, Dictwnnaire dês Heresies mertdiotiales et dês mouvements heterodox
ou mdependants apparus dans lê Midi de Ia France depuis 1'etabhssement
du Chnstianisme, Edouard Pnvat, Toulouse, 1968
, Histoire secrete du Languedoc, Albm Michel, Paris, 1978
Nelli, Rene, Fernand Niel, Jean Duvernoy e Deodat Roche, Lês Cathares,
Editions du Delphes, Paris, 1965 Nicolle, Pierre, Cinquante móis d'armisttce Vichy 2 jmllet 1940 26 aoút 1944
— Joumal d'un temom, 2 vols, André Bonne, Paris, 1947 Niel, Fernand, Lês cathares de Montsegur, Seghers, Paris, 1978 (Robert Laffont, Paris, 1973)
Nouveau dictionnaire natlonaldes contemporains, 3a ed , Editions du Nouveau
Dictwnnaire National dês Contemporains, Fans, 1964 Oursel, Raymond (ed), Lê proces dês templiers, Denoel, Paris, 1955 Paoli, Mathieu, Lê dessous d'une ambitton polittque NouveUes revelattons sur
lê tresor du Razes et de Gisors, Associes, Lyon, 1973 Papus, Anarchie, indolence et synarchie lês lois physwlogiques d'organisatton
sociale et 1'esotensme, Charnuel, Paris, 1894

, martinesisme, unRermosisme, martinisme etfratic maçonene, Chamuel,
Paris, 1899
Passek, Jean-Loup (ed), Dictionnaire du cinema français, Librane Larousse, Paris, 1987 Patton, Guy, e Robin Mackness, WebofGold The Secret History of a SacredTrea
sure, Sidgwick & Jackson, London, 2000 Paxton, Robert O, Vichy France Old GuardandNew Order 1940-1944, Colum-
bia University Press, New York, 2001 (1a ed 1972) Pean, Pierre, Lê mysteneux Docteur Martin, Fayard, Paris, 1993
, Une jeunesse française François Mltterrand, 1934 1947, Fayard, Paris,
1994
Peladan, (Josephin), Constitutions de Ia Rose Croix, lê Temple et lê Graal, Secretarial of the Ordre de Ia Rose-Croix, lê Temple et lê Graal, Paris, 1893
, Textes choisis de Leonard de Vinci pensees, theones, preceptes, fables et
faceties, Mercure de France, Paris, 1907

, Lês manuscnts de Leonard de Vinci lês 14 manuscnts de ITstitut de
France, E Sansot & Cie, Paris, 1910
, La phúosophie de Lenard de Vinci d'apres sés manuscnts, Fehx Alcan,
Paris, 1910
Penaud, Guy, André Malraux et Ia Resistance, Pierre Fanlac, Pengueux, 1986 Pennera, Chnstian, Robert Schuman La jeunesse et lês debuts pohtiques d'un
grand Europeen, de 1886a 1924, Pierron, Sarrequernines, 1985 Peronic, Ma Queste du Graal, Vol l Lê sang, Editions de Ia Pensee Solaire,
Monte Cario, 1967, Vol II La coupe ou lê samt vase, Editions de Ia Pensee
Solane, Monte Cario, 1969
Peronnik, Pourquoi Ia resurgence de l'Ordre du Temple7, Vol I Lê Corps, Éditions de Ia Pensee Solaire, Monte Cario, 1975
Peters, Arthur King, Jean Cocteau andHis World, Thames & Hudson, London,
1987
Phillips, Graham, The Templars and the Ark of the Covenant The Discovery
ofthe Treasure of Solomon, Bear & Co, Rochester, 2004 Picknett, Lynn, MaryMagdalene Chnstiamty'sHiddenGoddess,eà rev,Ro-
bmson, London, 2004 (1a edição 2003) Picknett, Lynn, e Clive Pnnce, The Templar Revelatton Secret Guardians of
the True Identity of Chnst, Bantam Press, London, 1997 [O Segredo dos
Templários, Publicações Europa-America, Mem Martins, 2001] , TunnShroud—InWhoseImags7, ed rev, Corgi, London, 2000(Blooms-
bury, London, 1994)
, The Stargate Conspiracy Reveahng the Truth behmd Extraterrestnal
Contact, Mditary Intelhgence and the Mystenes of Ancient Egypt, edição actualizada, Warner Books, London, 2000 (Llttle, Brown & Ca, London, 1999)
Picknett, Lynn, Clive Pnnce e Stephen Prior, com Robert Brydon, Double Standards The RudolfHess Cover up, ed rev, Time Warner Books, London,
2002 (Llttle, Brown & Co, London, 2001)

, WaroftheWindsors A Century ofUnconstitutionalMonarchy, ed rev,
Mamstream Publishmg, Edmburgh, 2003 (1a ed 2002)
, Fnendíy Fire The Secret War Between theAllws, Mamstream Publishmg,
Edmburgh, 2004
Plume, Chnstian, e Xavier Pasquim, Encyclopedie dês sectes dans lê monde, Henn Veyner, Paris, 1984
Poher, Alam, Trois fois prestdent Memoires, Plon, Paris, 1993
Pujo, Bernard, Jmn, Marechal de France, Albm Michel, Paris, 1988
Putnam, Bill, e John Edwm Wood, The Treasure of Rennes lê Chateau A Mystery Solved, Sutton Publishmg, Stroud, 2004
Remond, Rene, 1958, lê retour de De Gaulle, Complexe, Brussels, 1998
Rey, M E Guillaume, Chartes de 1'Abbaye du Mont-Sion', Memoires dela Soaete Nationale dês Antiquaires de France, vol XLVIII (5a serie, vol VIII],
1887
Righter, William, The Rhetoncal Hero An Essay on the Aesthetics of André Malraux, Routledge & Kegan Paul, London, 1964
Riley-Smith, Jonathan, The Crusades A Short History, The Athlone Press, London,
1987
, The First Crusaders, 1095 1131, Cambndge University Press, Cam-
bndge, 1997

Riviere, Jacques, Lefabuleux tresor de Rennes le-Château’ Lê secret de l’abbe Saumere, Belisane, Nice, 1983
Riviere, J, G Tappa e C Bournendil, Lefabuleux tresor de Rennes lê Chateau1 Lê secret de Vabbe Gehs lê piste Corse, Belisane, Cazilhac 1996
Roberts, J M , The Mythology ofthe Secret Soaeties, Secker & Warburg, London, 1972
Robin, Jean, Rennes lê Chateau La colhne envoutee, GuyTredaniel, Pans, 1982
, Lê royaume du Graal Introduction au mystere de Ia France, GuyTredaniel, Paris, 1992
Robm, Jean-Luc, Rennes lê Chateau Lê secret de Saumere, Sud Ouest, Bordeaux, 2005
Sable, Enk, La vie et 1’oeuvre de Rene Schwaller de Lubicz, Dervy, Pans, 2003
Samt-Yves d Alveydre, Clefs de 1’Onent, Didier & Cie, Paris, 1877
, Mission actuelle dês souverains, E Dentu, Paris, 1882
, Mission actuelle dês ouvners, E Dentu, Paris, 1882
, Mission dês juifs, Calmann Levy, Paris, 1884
, La France vraie, ou Mission dês Français, Calmann Levy, Paris, 1887
, La Theogonie dês Patnarchs Traduction Archeometrique dês Samtes Ecn
tures, La Librairie Hermetique, Pans, 1909
, Mission de 1’lnde en Europe, Mission de l’Europe en Asie La question
du Mahatma et sã solution, Dorbon, Paris, 1910
Sanchez, Leopold, ’Rennes-le-Château - vrai ou faux7 Lê tresor du cure, Lê Figaro, 7 july 2001
530
Sandn, Gmo, La ligne rouge”, La Lettre du Thot webzme, no 8 [62 212 -
97 214/thot/arcadia/webzme/webzme_no8 html), Agosto 2003 Saunier, Jean, Samt-Yves d’Alveydre, ou une synarchie sans enigme, Dervy-Li-
vres, Pans, 1981 Schwaller de Lubicz, R A , Lê temple de 1’homme Apet du Sud a Louqsor, 3
vols, Caracteres, Paris, 1957 Shirer, William L , The CoUapse ofthe Third Repubhc An Enquiry mto the Fali
of France m 1940, William Hememann/Secker & Warburg, London, 1970 Smith, Paul, Pierre Plantard Profile , pnory-of-sion com/psp/id84 html, s d , Pnory of Sion Debunked, pnory-of-sion com/posd/posdebunking html,
5 d
, ’The 1989 Plantard Comeback’, pnory-of-sion com/psp/id60 html, í d
, The Real Histoncal Ongm ofthe Priory of Sion’, pnory-of-sion com/
psp/id43 html, s d , ’Plantard s Secret Parchments’, Joumal of the PendragmSociety, vol XVII,
no 4, February 1986 Starbird, Margaret, TheWoman with the Alabaster Jar Mary Magdalene and
the Holy Grail, Bear & Co, Santa Fe, 1993 , The Goddess m the Gospels Reclaimmg the Sacred Femmine, Bear & Co,
Santa Fe, 1998 Stem, Walter Johannes, The Nmth Century and the Holy Grail, Temple Lodge
Press, London, 1988 ÇWeltgeschichte im Lichte dês Heihgen Gral Das
Neunte Jahrhundert, Orient-Occident Verlag, Stuttgart, 1928) Stephane, Roger, Choque homme est lie au monde comeis (aoút 1939 aoút
1944), Editions de Sagittaire, Paris, 1946 , Choque homme est lie au moude, Vol 2 Fm d’une jeunesse, La Table
Ronde, Pans, 1954
, Audre Malraux, entretiens et precisions, Gallimard, Paris, 1984

Taillefer, Michel, e Kobert Amadou (eds), Lê Temple Coheu de Toulouse (l 760
1792), Cariscnpt, Paris, 1986 Tallon, Alam, La Compagnw du Samt Sacrement (1629 1667) Spmtualite et
societe, Editions du Cerf, Paris, 1990 Temple, Robert, The Sinus Mystery New Scientific Emdence ofAhen Contact
SOOOYearsAgo, ed rev, Century, London, 1998 (Sidgwick& Jackson, London, 1976) Thomas, Gordon, e Max Morgan-Witts, Pontiff, Panther, London, 1984 (Granada,
London, 1983) Thory, Claude Antome, Acta Latomorum, ou chronologie de 1'histmre de lafran
che maçonnenefrançaiseetetrangere, 2 vols, Pierre-Elie Dufart, Pans, 1815 Tiersky, Ronald, François Mitterrand The Last French President, St MartuVs
Press, New York, 2000 Tompkins, Peter, The Murder of Admirai Darlan A Study m Conspiracy,
Weidenfeld & Nicolson, London, 1965 Tournoux, J-R , LHistoire secrete, Plon, Paris, 1962
531
, Pétain and de Gaulle, Heinemann, London, 1966 (Pétain et de Gaulle,
Librairie Plon, Paris, 1964) Twyman, Tracy R., 'Interview with Prince Michael Stewart of Albany', Dragon
Key Press webàt^wvvw.dragonkeypr^es&com/artides/artíde_2(XM_10_.23_5829.-
html, 2004 , 'My Kingdom is not of this World: Prince Nicholas de Vere von Dra-
kenburg', Dagobert's Revenge website, www.dagobertsrevenge.com/
devere/interviewl .html
Ulmann, André, e Henri Azeau, Synarchie et pouvoir, julliard, Paris, 1968 Ursin, Jean, Creation et histoire du Rite Écossais Rectifié, Dervy, Paris, 1993 VandenBroeck, André, Al-Kemi: Hermetic, Occult, Political and Private Aspects
of R. A. Schwaller de Lubicz, Lindisfarne Press, Hudson, 1987 van Roon, Ger, German Resistance to Hitler: Count von Moltke and the Kreisau
Circle, VauNostrandReinholdCo., London, 1971 (NeuordnungimWider-
stand, R. Oldenbourg, Munich, 1967)
Varennes, Claude, Lê Destin de Mareei Déat, jammaray, Paris, 1948 Vazart, Louis, Abrégé de 1'Histoire dês Francs: Lês gouveniants et róis de Ia
France, Louis Vazart, Suresnes, 1978 Veme, Jules, ClovisDardentor, Sampson Low, Marston & Co., London, 1897
(Hetzel, Paris, 1896) Vinciguerra, Marie-Jean, 'Garibaldi héros du risorgimiento et Ia maçonnerie
italienne', LQriginel, no. 2. 1995 von Habsburg, Otto (Otto de Habsbourg), Naissance d'un continent: Une
histoire de l'Europe dite par Otto de Habsbourg à Guy de Chambure, Ber-
nard Grasset, Paris, 1975 von Moltke, Count Helmuth James, A German of the Resistance: The Last
Letters of Count Helmuth James von Moltke, edição aumentada, Oxford
University Press, London, 1947 (1a edição 1946) Waite, Arthur Edward, Saint-Martin the French Mystic and the Story ofModern
Martinism, William Rider & Son, London, 1922 , A New Encyclopaedia of Freemasonry (Ars Magna Latomorum) aud of
Cognate Instituted Mysteries: Their Rites, Literature and History, ed. rev.,
2 vols, Willliam Rider & Son. London, 1923 (1a edição 1921) Weber, Eugen, Action Française: Royalism and Reaction in Twentieth-Century

France, Stanford. University Press, Stanford, 1962 Weiss, Jacques, La Synarchie selon 1'oeuvre de Saint-Yves d'Alveydre, Robert
Laffbnt, Paris, 1976 Wolfram von Eschenbach (trad. e ed. A. T. Hatto), Parzival, Penguin, London,
1980 Wood, lan, The Merovingian Kingdoms 450-751, Longman, London/New
York, 1994 Yates, Francês A., The Rosicrucían Enlightenment, Routledge & Kegan Paul,
London, 1972 Zoccatelli, Pierluigi, 'De Regnabit au Bestaire du Christ. Uitinéraire intellec-

tuelle d'un symboliste chrétien: Louis Charbonneau-Lassy' (transcrito da palestra efectuada a 7 de Dezembro de 1996 na Igreja Colegial de Saínte-Croix, em Loudon), website do Centro para Estudos de Novas Religiões, www.cesnur.org/paraclet/loudon_01 .htm

Obras publicadas na Colecção «Millenium»

\ — Mitos, Deuses e Lendas, PamelaAllardice
2 — As Profecias de Nostradamus, Serge
Hutm
3 — A Reencarnação — Em Busca de
UmSentidoparaa Vida, LynnElwell Sparrow
4 — ArtedeSonhar—A Revelação Espi-
ritual de Um Novo Mundo, Carlos Castaneda
5 — Visões do Fim do Milénio ou História
do Fim do Mundo, Jean-Paul Clébert
6 — Desígnios da Alma — Descoberta e
Cumprimento do Destino, Mark Thurston
7 — Os Ensinamentos de Don Juan —
Uma nova forma de conhecimento, Carlos Castaneda
8 — Conversas com Don Juan — Para
além da realidade, Carlos Castaneda
9 — Ultrapassar as Crises Pessoais — A
Arte e a Prática do Crescimento Espiritual, Harmon Hartzel Bro e June Avis Bro
I O — Métodos Holísticos para Uma Vida
Saudável, Ene Mem
II —Nostradamus e o Século XXI—Quem
Sobrevivera?, Stephan Paulus
12 — Ato Companhia dos Anjos — A Ver-
dadeira História dos Mensageiros de Deus, Anne Bernet
13 —No Rasto de Místicos e Mágicos do
Tibete, Alexandra David-Neel
14 — Desperte os Seus Poderes Psíquicos,
Henry Reed
15 — As Eras de Gaia Uma Biografia da
Nossa Terra Viva, James Lovelock
16 — A Cura pelos Anjos, Eileen Elias
Freeman
17 — As Profecias para o Novo Milénio,
Mark Thurston
18 — Tocado pelos Anjos, Eileen Elias Free-
man

19 — A Franco-Maçonaria, Jean-Pierre
Bayard
20 — O Caminho do Alquimista, Jay Ram-
say
21 — O Último Papa — As Profecias de
S Malaquias, John Hogue
22 —Práticas e Rituais Xamânicos—Uma
Viagem ao Mundo dos Espíritos, John Creek
23 — Caminhos para a Cura do Corpo e do
Espírito, Stephen Levme
24 — O Que Eles Viram No Limiar da
Morte, Dr Karlis Osis, Dr Erlendur Haraldsson
25 — Deus, Fé e o Novo Milénio — A
Crença Cristã na Idade da Ciência, Keith Ward
26 — O Castelo do Graal — Mitos e
Mistérios Masculinos na Tradição Celta, Kenneth Johnson e Marguente Elsbeth
27 — O Segredo dos Templários — O Des-
tino de Cristo, Lynn Picknett e Clive Prmce
28 — Roda da Lua, Marguente Elsbeth e
Kenneth Johnson
29 — O Caminho do Cabalista, Z’ev ben
Shimon Halevi
30 — O Poder da Meditação, Manon Ar-
cand
31 —As Leis do Carma e a Reencarnação
nas Leituras de Edgar Cayce, Noel Langley
32 —O Eu Cósmico, Francisco Dormngues
33 — Dicionário de Santos
34 — Guias Espirituais, Hal Zma Bennett
e Susan Sparrow
35 — O Essencial da Espiritualidade—As
Grandes Práticas para o Caminho Espiritual, Roger Walsh
36 — O Caminho da Deusa—Mitos, Invo-
cações e Rituais, Patrícia Monaghan
37 —Renascer Após a Morte, Jean-Francis
Crolard
38 —Meditação—PráncaeAplicação.José
Lorenzo-Fuentes
39 — Ensinamentos Amigos para Princi-
piantes, Douglas De Long
40 — Dão De Jing, Lao Zi
41 — O Relaxamento Através da Natureza
— Fogo, Ar, Terra, Água e Madeira, Mário Cales
42 — Escola de Feiticeiros e Feiticeiras
Guia Prático Para os Aprendizes de Magia Branca, Énc Píer Sperandio
43 —Poções Mágicas, Énc Píer Sperandio
44 — Os Illuminaíi e Outros Iniciados do
Ocidente, Jean-Louis Brau
45 — Descodificando o Reino dos Céus,
Migene González-Wippler

46 — Mistérios do Tesouro Templário e do
Santo Graal—Os Segredos de Rennes-le-Château Lionel e Patrícia Fanthorpe
47 — Tesouros Divinos — Relíquias da
Arca de Noé ao Sudário de Turim, Steven Sora
48 — Ele Disse-Me Para Vos Dizer, Glória
de Andrade
49 — O Segredo de Sião, Lynn Picknett e
Clive Prmce